



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Cristina Aparecida Leite

**A Arte de Contar Histórias: percursos e percalços de um curso ministrado pelos
Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da
Secretaria de Educação do Distrito Federal (1999-2019)**

Brasília/DF
2025

Cristina Aparecida Leite

**A Arte de Contar Histórias: percursos e percalços de um curso ministrado pelos
Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da
Secretaria de Educação do Distrito Federal (1999-2019)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Artes Cênicas na linha de pesquisa Cultura e Saberes em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Hartmann

Brasília/DF
2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

La LEITE, CRISTINA APARECIDA
A Arte de Contar Histórias: percursos e percalços de um curso ministrado pelos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal (1999-2019) / CRISTINA APARECIDA LEITE; orientador LUCIANA HARTMANN. Brasília, 2025.
392 p.

Tese(Doutorado em Artes Cênicas) Universidade de Brasília, 2025.

1. A Arte de Contar Histórias. 2. Formação Continuada. 3. Memória. 4. Educação pela Arte. 5. Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da SEEDF. I. HARTMANN, LUCIANA, orient. II. Título.

Cristina Aparecida Leite

**A Arte de Contar Histórias: percursos e percalços de um curso ministrado pelos
Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da
Secretaria de Educação do Distrito Federal (1999-2019)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Artes Cênicas na linha de pesquisa Cultura e Saberes em Artes Cênicas.

Defendida e aprovada em: Brasília, 12 de setembro de 2025.

Banca de defesa de Tese de Doutorado

Professora Doutora Luciana Hartmann
Instituto de Artes - Universidade de Brasília – UnB (Presidente – PPG-CEN-UnB)

Professora Doutora Elizângela Carrijo
(Membro Interno – PPG-CEN-UnB)

Professora Doutora Laura Noemi Chaluh
(Membro Externo – PPGE-UNESP)

Professora Doutora Gilka Girardello
(Membro Externo – PPGE-UFSC)

Professora Doutora Joana Abreu Pereira de Oliveira
(Membro Externo, suplente – PPGAC-UFG)

Ao feminino que nos habita!

AGRADECIMENTOS

Devo este trabalho a todas as mulheres da minha linhagem, aquelas que me antecederam para que fosse possível minha existência. A todas aquelas cujas vozes, silenciadas pela opressão, tornaram-se combustível para me fortalecer. A que se encontra mais próxima das minhas lembranças é minha mãezinha, Divina Aparecida de Oliveira (*in memoriam*), que gostaria que eu fizesse medicina e argumentava “Olha como vai ficar bonito o seu nome assim: ‘Doutora Cristina’!” Ela sempre me incentivou a estudar.

Devo também este trabalho aos homens da minha linhagem, especialmente os mais próximos que trazem consigo a força yin, do cuidado e da acolhida: meu pai, Luís Leite; e meu filho, Amon Leite, pelo apoio em todos os momentos, especialmente no processo de elaboração do documentário desta pesquisa que só foi possível graças ao seu comprometimento, acompanhamento, sensibilidade. Ele registrou, resumindo: captação de imagens: Amon Beranni, Edição de Imagens: Amon Beranni e todo o resto: Amon Beranni. Além do documentário, esteve comigo em todas as visitas, eventos e, por fim, ilustrou o livro: “Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais”, um desdobramento desta pesquisa, contemplado pelo fomento do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FACDF). Às políticas de incentivo à cultura, estendo meus agradecimentos.

À minha irmã, Sabrina Leite, por ser minha parceira de vida. Ao meu primo, Edmar Soares, pelo olhar sempre carinhoso e atento aos meus processos. Ao Clodoaldo Xavier, que me forneceu importante apoio no início desta jornada.

À minha orientadora, Luciana Hartmann, pela presença cuidadosa, pela acolhida fraterna, tão perspicaz, forte e dócil, segurando sempre minha mão.

À Aldanei Andrade, que, desde a primeira vontade para esta caminhada, me acolheu como uma verdadeira mãe, amiga, mestra, xamã.

Às amigas que, neste processo, foram como irmãs, acompanhando meu percurso e suavizando os percalços: Thais Felizardo, Simone Moura, Débora Cristina Vieira, Estela Souza, Luana Pimenta, Tamar Rabelo, Neide Abreu, Ivete Valente, Simone Carneiro, Angelina de Oliveira e Graça de Maria.

Agradeço às professoras doutoras: Keu Apoema e Rita de Cássia (banca de qualificação); Laura Noemi Chaluh e Joana Abreu (banca de defesa), Elizângela Carrijo e Gilka Girardello (qualificação e defesa), pela leitura generosa e todas as contribuições.

Agradeço à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) pela política de afastamento remunerado para estudos, fundamental para a execução desta pesquisa. Estendo os agradecimentos às 14 Coordenações Regionais de Ensino do DF.

Gratidão ao grupo de pesquisa Imagens e(m) Cena, liderado por Luciana Hartmann (do qual faço parte), em que tantas vezes falamos dos nossos processos, com suas dores e seus sabores, sendo acolhidos uns pelos outros em constante crescimento.

Agradeço e também dedico este trabalho aos professores e às professoras formadoras dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, àquelas e aqueles que vieram antes de mim, àquelas que estão comigo e àquelas que darão continuidade a esse trabalho tão primoroso para a educação pública do DF, incluindo, todos e todas que atuaram no Núcleo das Oficinas Pedagógicas.

Agradeço, também, às professoras e aos professores cursistas das diferentes Regionais de Ensino, que acreditam no poder da arte de contar histórias no espaço escolar.

Gratidão ao Sinpro DF, que vem se consolidando como uma fonte rica para pesquisa da história da educação na capital, além de todo apoio durante esta pesquisa.

O mosaico de colaboradoras e colaboradores desta investigação é extenso e, para não me alongar tanto, deixarei um agradecimento geral a seguir. Há nomes repetidos, pois existe mais de uma razão para agradecer, com grande esperança de não ter esquecido ninguém e já me desculpando, caso tenha acontecido:

Agradecimentos

Pessoais:

- | | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Luciana Hartmann | 23. Graça de Maria | 45. Neide Abreu |
| 2. Alessandro da Silva | 24. Grupo Imagens e(m)
Cena | 46. Neuza Machado
(Neuzinha) |
| 3. Alzira Sandoval | 25. Guiana Brito | 47. Neuza Santos |
| 4. Angelina de Oliveira | 26. Humberto Silva | 48. Nicole Medeiro |
| 5. Antonio Villar | 27. Hyuri Cassimiro | 49. Patrícia Strickland |
| 6. Bruno Felizardo | 28. Jardélia Moreira | 50. Rafael Vilas Boas |
| 7. Chrístofer Sabino | 29. Jeane Rodrigues | 51. Regina Felizardo |
| 8. Cibelle Dell'Armeline | 30. José Almeida | 52. Renato Guerra |
| 9. Conceição Batista | 31. Joana Abreu | 53. Rita de Cássia |
| 10. Diego Hatory | 32. Keu Apoema | 54. Ruitter Lima |
| 11. Doralice Silva | 33. Khrissley Guimarães | 55. Sandra Campêlo |
| 12. Ederson Silva | 34. Leidia de Jesus (EC34) | 56. Sandra Marinho |
| 13. Edmar Soares | 35. Lorrane Szerwinski | 57. Silvane Martins |
| 14. Elaine Batista | 36. Lucas Baeta | 58. Simone Moura |
| 15. Elisabete Batista
(Betinha) | 37. Luciana Ribeiro | 59. Tadeu Pontes |
| 16. Elisângela Guerra | 38. M ^a Eunice (Nicinha) | 60. Tatiane (Sinpro) |
| 17. Elizângela Carrijo | 39. Maria José (Mazé) | 61. Íris Borges |
| 18. Érico José | 40. Mariana de Abreu | 62. Terezinha Bonfim |
| 19. Fabiana Silva | 41. Marília Abreu | 63. Thais Felizardo |
| 20. Fabrizio Morelo | 42. Marisa Almeida | 64. Val Moreira (Espaço
Semente) |
| 21. Gilka Girardello | 43. Marizete Migaire | 65. Valdenice de Oliveira |
| 22. Glaucia Melasso | 44. Moema Ramos | |

66. Vilma Gomes
67. Vitória Gonçalves
68. Washington Sobrinho

Entrevistas:

69. Beatriz Arantes (Bia)
70. Carmen Caetano
71. Cristiane Salles
72. Iva de Oliveira
73. Márcia Ester
74. Marília Panitz
75. Raquel Gonçalves
76. Sérgio Carreira
77. Sonia Reis
78. Tamar Rabelo

Rodas Presenciais:

79. Aldaneí Andrade
80. Ana Paula Bernardes
81. Ariadne Pereira
82. Cláudia Teixeira
83. Cristina de Fátima
84. Débora Chaves Vieira
85. Ediberto Queijada
86. Elza Lúcia
87. Estela Pinto
88. Indiara Santana
89. Luana Pimenta
90. Marli Anísio
91. Miriam Rocha
92. Neuza Maria Machado
93. Sérgio Carreira
94. Simone Carneiro
95. Tereza Cristina
96. Thais Felizardo
97. Vanessa Mendes
98. Vania Amorim
99. Cláudio Lopes
100. Vana Chagas
101. Juvercina Bessa
102. Mônica Menezes
103. Noilza Gonçalves
104. Vânia Amorim
105. Zelma Duarte
106. Cheila Luiz
107. Edimilson Braga
108. Elizabeth Carvalho
109. Filomena Kiyoko
110. Karla Machado
111. Laécia Gonçalves
112. Letícia Muller
113. Lucas Baeta
114. Luciana Cavalcante
115. Priscila Egídio
116. Jones de Jesus
117. Valdirene Sousa
118. Vera Lúcia
119. Débora Chaves

120. Nyedyá Gennari
121. Maria Cristina de
Oliveira

122. Maria das Graças
Machado

123. Renata Vals

124. Maria Célia

Visitas aos CVLOP

125. Adriana Tosta

126. Alessandra Macedo

127. Ariadne Pereira

128. Belchior Silvano

129. Cheila Luz

130. Cláudia Teixeira

131. Cristiane Bueno

132. Edimilson Braga

133. Débora Chaves

134. Elvetia Bezerra

135. Ester Martins

136. Estela Souza

137. Fabiana Leal

138. Filomena Kiyoko

139. Giselda dos Santos

140. Gustavo Fonseca

141. Harlei Macedo

142. Iara Teixeira

143. Indiara Santana

144. Karla Machado

145. Laécia Gonçalves

146. Letícia Müller

147. Liliam Vieira

148. Lívia Oliveira

149. Lucas Baeta

150. Luciana Cavalcante

151. Maíza Augusto

152. Márcia Cunha

153. Maria das Graças

154. Maria de Cássia

155. Maria Josineuza

156. Marilu de Jesus

157. Marinalva Alzira

158. Nicioni Moraes

159. Noelma Silva

160. Priscila Faleiro

161. Priscila Egídio

162. Rejones de Jesus

163. Renata França

164. Renata Queiroz

165. Sara do Vale

166. Simone Moura

167. Simone Oliveira

168. Terezinha de Jesus

169. Valdério Costa

170. Valdirene Souza

171. Vanessa Araújo

172. Vanessa Mendes

173. Venilda Funé

Documentário

174. Aldaneí Andrade

175. Belchior Silvano

176. Cristina de Fátima

177. Estela de Souza

178. Simone Moura

179. Vilma Gomes

180. Neide Abreu

181. Thais Felizardo

182. Débora Vieira

183. Ivete Valente

184. Sinpro DF

Colegas do Doutorado:

185. Adriana Gomes

186. Alceu Neto

187. Aline Seabra

188. Ana Quintas

189. Cirila Targheta

190. Guilherme Lima

191. Letícia Liesenfeld

192. Paco Leal

193. Pollyana Rosa

194. Raíssa Palma

195. Roberto Rodrigues

196. Simone Rosa

Conselho de Educação

197. Mônica A. G. de Oliveira

213. Micheline A. Silva

214. M^a da Conceição Batista

Museu da Educação:

215. Maria Paula Taunay

216. Martita Icó

GPLEI:

217. Gleiser Valério

SUPAC/SECEC:

218. Felipe Ramón

+ 16 professores cursistas que
participaram das **Rodas**

Remotas

*Tudo passa e tudo fica
porém o nosso é passar,
passar fazendo caminhos,
caminhos sobre o mar.*

*Nunca persegui a glória
nem deixar na memória
dos homens minha canção
eu amo os mundos sutis
leves e gentis,
como bolhas de sabão.
Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar.*

(Antônio Machado: Cantares – fragmentos - 1912)

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, ministrado desde 1999 aos profissionais da rede pública de ensino do Distrito Federal pelas professoras e professores formadores dos Centros de Vivências Lúdicas Oficinas Pedagógicas (CVLOP) da Secretaria de Educação. A formação é certificada pela Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE). O objetivo da pesquisa é realizar o registro da história do curso (1999-2019), analisando os impactos e sua contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional das professoras e professores de diferentes disciplinas, etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e modalidades (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial) de ensino. A presente investigação, de caráter qualitativo, com contornos quantitativos e etnográfico-performativos, possui como princípio a Bricolagem Metodológica, sendo composta por Pesquisa Documental e Pesquisa Etnográfico-performativa. Quem narra a experiência são as professoras e professores formadores dos CVLOP (muitos já aposentados) e algumas professoras e professores cursistas egressos da referida formação. A análise documental (realizada em atas, projetos e relatórios de cursos) permitiu convencionar que o curso aconteceu em três gerações: de 1999 a 2003 (1ª); de 2006 a 2008 (2ª) e de 2015 a 2019 (3ª). Em todo esse tempo, foram emitidos 3.909 certificados para docentes de todas as Coordenações Regionais de Ensino do DF. Se considerarmos que cada participante possuísse 25 estudantes (em uma projeção tímida), o curso já teria beneficiado, indiretamente, pelo menos, 97.975 estudantes da rede. Todas essas informações estão disponíveis, também, no documentário produzido durante a pesquisa. A análise documental foi complementada por entrevistas e rodas de conversa intituladas: “Rodas Memográficas: histórias inscritas nas memórias a partir do curso A Arte de Contar Histórias”. Para traçar a historiografia do curso, tornou-se necessário ampliar o entendimento sobre a atuação dos CVLOP, espaços em que a experiência investigada foi erigida. Existentes desde 1986 com várias ações de formação continuada para docentes, as Oficinas Pedagógicas (como são popularmente conhecidas) surgem no contexto educacional de Brasília, cujo ideário foi elaborado por Anísio Teixeira, no qual se propõe a integração das dimensões humanas, enfatizando-se as atividades artísticas e culturais. Esta trajetória foi publicada em livro também durante a realização desta pesquisa. Para narrar essa experiência, trago as vozes das personagens dessa história, bem como estabelecimento de diálogo com: Eva Waisros Pereira (2011, 2018), Maria de Souza Duarte (2011), Luciana Hartmann (2011, 2013, 2014a, 2014b, 2017, 2024), Ângela Café (2015, 2020), Paulo Freire (1987, 1996, 1997), Michel Maffesoli (1998), Maturana; Verden-Zoller, (2004), Walter Benjamin (2012, 2018), Lev Vigotski (2001, 2009), Antônio Nóvoa (1992, 2000) entre outras e outros. A partir da análise dos dados, das entrevistas e das rodas de conversas, foi possível perceber que o curso contribuiu em vários aspectos, tais como: prática pedagógica; despertar do contador de histórias do professor (inclusive profissionalmente); surgimento de escritores; subsídio aos professores readaptados; bem como ao desenvolvimento de projetos literários na escola e contribuição para a vida após a aposentadoria, entre outras colaborações. Os resultados obtidos pelo curso “A Arte de Contar Histórias” levam a sugerir a possibilidade de estruturação de políticas públicas de formação continuada de professores da Educação Básica, pelas vias da ludicidade, em nível nacional, podendo ser a experiência existente no DF uma inspiração para que outras possam ser implementadas.

Palavras-chave: Educação pela Arte; A Arte de Contar Histórias; Formação continuada; Memória; Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas da SEEDF.

ABSTRACT

This research focuses on the course *The Art of Storytelling*, offered to public school professionals in the Federal District since 1999 by the teacher trainers of the Centers for Playful Experiences – Pedagogical Workshops (CVLOP) of the Department of Education. The training is certified by the Continuing Education School Unit for Education Professionals (EAPE). The aim of this study is to document the history of the course (1999–2019), analyzing its impact and contribution to the personal and professional development of teachers from various disciplines, educational stages (Early Childhood Education, Elementary, and High School), and teaching modalities (Youth and Adult Education, Vocational Education, and Special Education). This qualitative investigation, with quantitative and ethnographic-performative contours, is grounded in Methodological Bricolage and comprises Documentary Research and Ethnographic-Performative Research. The experiences are narrated by CVLOP educators (many now retired) and by some former participants of the course. Documentary analysis revealed that the course unfolded in three generations: 1999–2003 (1st), 2006–2008 (2nd), and 2015–2019 (3rd). Over this period, 3,909 certificates were issued to teachers from all Regional Education Coordinations in the Federal District. Assuming each participant taught 25 students (a modest estimate), the course may have indirectly benefited at least 97,975 students. These findings are also presented in a documentary film produced during this research. The documentary analysis (based on minutes, projects, and course reports) was complemented by interviews and discussion circles titled “Memographic Circles: Stories Inscribed in Memories from the Course *The Art of Storytelling*.” To trace the historiography of the course, it was necessary to broaden the understanding of the CVLOP’s role-spaces where this experience was built. Established in 1986 with various continuing education initiatives for teachers, the Pedagogical Workshops (as they are popularly known) emerged in Brasília’s educational context inspired by Anísio Teixeira’s vision, which advocates for the integration of human dimensions through artistic and cultural activities. This trajectory was also published in a book during the realization of this research. To narrate this experience, the voices of those involved are brought forth, alongside dialogues with authors such as Eva Waisros Pereira (2011, 2018), Maria de Souza Duarte (2011), Luciana Hartmann (2011, 2013, 2014a, 2014b, 2017, 2024), Ângela Café (2015, 2020), Paulo Freire (1987, 1996, 1997), Michel Maffesoli (1998), Maturana & Verden-Zoller (2004), Walter Benjamin (2012, 2018), Lev Vygotsky (2001, 2009), Antônio Nóvoa (1992, 2000) among others. Based on data analysis, interviews, and discussion circles, the course was found to contribute in several ways: enhancing pedagogical practice; awakening the storytelling potential in teachers (even professionally); inspiring new writers; supporting teachers in adapted roles; fostering literary projects in schools; and enriching post-retirement life. The outcomes of *The Art of Storytelling* course suggest the potential for structuring national public policies for continuing teacher education through playfulness, with the Federal District’s experience serving as a model for broader implementation.

****Keywords**:** Education through Art. The Art of Storytelling. Continuing Education. Memory. Centers for Playful Experiences – Pedagogical Workshops of SEEDF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 1º Livro que ganhei.....	28
Figura 2 - Títulos da Série Vagalume.....	29
Figura 3 - Dia de lançamento do livro dos estudantes a partir do projeto “Eu também faço histórias”, desenvolvido como requisito para certificação do curso “A Arte de Contar Histórias”.....	32
Figura 4 - Organograma da SEEDF, incluindo os CVLOP.....	46
Figura 5 - Armário em que ficam as caixas com os arquivos documentais, na EAPE.....	55
Figura 6 - Armário em que ficavam as caixas com os arquivos documentais no Núcleo das Oficinas Pedagógicas.....	55
Figura 7 - Registros do processo metodológico para análise documental.....	56
Figura 8 - Registros do processo metodológico para análise documental. Total de 14 folhas de papel pardo, um para cada CVLOP	57
Figura 9 - Exposição de fotos antigas em eventos promovidos pela pesquisa	57
Figura 10 - Mosaico de contribuições para análise	58
Figura 11 - QR Code para acesso à versão digital do livro	70
Figura 12: Sarau de Lançamento do livro - Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais, 13/8/2025.....	71
Figura 13 - Convite para a II pré-estreia do documentário – auditório da EAPE	75
Figura 14 - Montagem da exposição para a projeção do documentário no dia 10/8/23, com apoio de profissionais dos CVLOP	75
Figura 15 - Equipe que se apresentou no dia da formação continuada, antes da exibição do documentário	76
Figura 16 - Nuvem de palavras com a avaliação dos apreciadores do documentário em 10/8/2023.....	77
Figura 17 - II Pré-Estreia do Documentário - EAPE, 10/8/2023	78
Figura 18 - Sessão Solene de premiação do 1º Prêmio Paulo Freire de Educação, set. 2023 ..	80
Figura 19 - Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas do DF, na Câmara Legislativa do Distrito Federal – 7/6/2024	83
Figura 20 - Cartazes das Mostras de MEAs	116
Figura 21 - Reportagem sobre III Mostra de MEAs, Jornal de Brasília, 1990.....	119
Figura 22 - Reportagem sobre III Mostra de MEAs, Revista Nova Escola, 1996	119
Figura 23 - Logomarcas já utilizadas pelas Oficinas ao longo do tempo.....	128
Figura 24 - Divulgação do Seminário – Pró-Leitura – 1993	154
Figura 25 - Cartazes de divulgação de Seminários em prol da leitura	156
Figura 26 - Jornal Quadro Negro – Sinpro DF.....	158
Figura 27 - Participação do Mestre Zezito no CVLOP de Brazlândia	159
Figura 28 - Participações das professoras Miriam Rocha e Simone Carneiro em encontros do curso e aulas de diferentes CVLOP	160
Figura 29 - Trabalhos com confecção de papel artesanal, bonecos e diferentes encadernações	161
Figura 30 - Cartaz de divulgação do curso de 1999 (1ª turma).....	162
Figura 31 - Livro de uma folha só , atividade presente em vários encontros do curso	162
Figura 32 - Teatro de Fantoches – O Rei e a Bruxa que desembucha.....	163
Figura 33 - Reportagem sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, 27/3/2000.....	165
Figura 34 - Capa do Caderno da Reportagem no Jornal de Brasília, 27/3/2000	166
Figura 35 - Relato do Diário de Bordo	169
Figura 36 - Ficha de acompanhamento/ avaliação do cumprimento das tarefas práticas dos participantes.....	171
Figura 37 - Relato do Diário de Bordo	172

Figura 38 - Capa dos cadernos de textos de 2007 e de 2015.....	173
Figura 39 - Formação em rede (exemplo do alcance no 1º ano da oferta)	174
Figura 40 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2019	175
Figura 41 - Relato do Diário de Bordo, Brazlândia, 2003.....	177
Figura 42 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia 2008	179
Figura 43 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2006	180
Figura 44 - Relato do Diário de Bordo, Santa Maria, 2015	183
Figura 45 - Exemplos de jogos para contar histórias, confeccionados durante a formação... 183	
Figura 46 – Boneca da porta: É hora da história!	187
Figura 47 - Relato do Diário de Bordo, Formação de Formadores, 2015	193
Figura 48 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008	194
Figura 49 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008	196
Figura 50 - Mosaico de alguns dos Diários de Bordo pesquisados, de diferentes CVLOP ...	197
Figura 51 - Kamishibai transpostos para o relato do Diário de Bordo	198
Figura 52 - Transposição da confecção do dia “Baú” para o relato do dia	198
Figura 53 - Registro do dia como se fosse um livro	199
Figura 54 - Diários de Bordo com o registro completo da formação oferecidos como lembrança, ao final do curso.....	199
Figura 55 - Relato do Diário de Bordo como lembrança, professora formadora do Núcleo Bandeirante, 2016.....	200
Figura 56 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008	201
Figura 57 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016	202
Figura 58 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2015	202
Figura 59 - Meu Portfólio do curso e outras possibilidades de pasta-memorial	202
Figura 60 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016	204
Figura 61 - Fragmento do Diário de Bordo, Sobradinho, 2019 e 2003.....	205
Figura 62 - Relato do Diário de Bordo, Brazlândia, 2016.....	206
Figura 63 - Relato do Diário de Bordo, São Sebastião, 2016.....	207
Figura 64 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016	208
Figura 65 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016	209
Figura 66 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016	210
Figura 67 - Baú e mala do contador de histórias	211
Figura 68 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2017	211
Figura 69 - Inventário de produções - Algumas possibilidades de recursos produzidos	212
Figura 70 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008	216
Figura 71 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016	217
Figura 72 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2019	217
Figura 73 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016	219
Figura 74 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016	219
Figura 75 - Relato do Diário de Bordo, Brazlândia, 2003.....	220
Figura 76 - Relato do Diário de Bordo, São Sebastião, 2016.....	223
Figura 77 - Relato do Diário de Bordo, Santa Maria, 2015	228
Figura 78 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2003	230
Figura 79 - CONVITE: Evento presencial, entregue virtualmente a antigas professoras formadoras dos CVLOP	238
Figura 80 - Preparação do evento - Rodas Memográficas, com professoras formadoras, 6/5/22	239
Figura 81 - Registros do encontro: 1ª Roda Memográfica, 6/5/22, professores formadores, no Sítio Geranium.....	242

Figura 82 - Rodas Memográficas <i>online</i> (com participação de egressas e egressos do curso)	247
Figura 83 - Cartaz da divulgação da 1ª pré-estreia, que aconteceu em 31/5/2023	248
Figura 84 - Recepção e Labirinto de Memórias – 5ª Roda Memográfica	249
Figura 85 - Dispositivos para ativação de memórias e registro na “Mandala de Memórias”	249
Figura 86 - Desafio coletivo – Quebra-cabeças com o mapa dos CVLOP do DF – 31/5/2023	252
Figura 87 - Momentos: Comemoração do Aniversário dos CVLOP, dando asas aos passarinhos e sendo entrevistada pelo Sinpro DF – 31/5/2023	252
Figura 88 - Nuvem de palavras de impressões sobre o documentário	253
Figura 89 - Nuvem de palavras com os objetivos estabelecidos nos anos em que o curso foi oferecido	254
Figura 90 - Obras escritas por Regina Caldeira	266
Figura 91 - Exemplo de projeto que retorna com benefícios para estudantes da SEEDF	267
Figura 92 - Reportagem sobre o curso, Guará, 2008	275
Figura 93 - Projeto da Caixa-Estante	294
Figura 94- Livro-suporte para exploração do Painel Folclórico	295
Figura 95 - Kit do Projeto - A cor da cultura, recebido por cada um dos CVLOP	296
Figura 96 - Alguns encartes das Feiras do Livro de Brasília - após o ano 2000	299
Figura 97 - Encartes da programação da Bienal do Livro (I, II e III)	299
Figura 98 - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UnB	364
Figura 99 - Prêmio recebido no 8º Brain Connection-2023	367
Figura 100 - Gênero textual - Paródia da Música "Se essa rua fosse minha"	368
Figura 101 - Gênero textual: Receita	368
Figura 102 - Gênero textual: Carta	369
Figura 103 - Gênero textual: Carta	369
Figura 104 - Gênero textual: Relato com linguagem caipira	370
Figura 105 - Gênero Textual: Poesia Enlatada	370
Figura 106 - Gênero Textual: Poesia	371
Figura 107 - Gênero Textual: Ata Tradicional	371
Figura 108 - Gênero Textual: Poesia com Cantigas	372
Figura 109 - Gênero Textual: Acróstico	372
Figura 110 - Gênero Textual: Charada	373
Figura 111 - Gênero Textual: Conto	373
Figura 112 - Gênero Textual: Cordel	374
Figura 113 - Gênero Textual: Relato com diálogo hipotético	375
Figura 114 - Gênero Textual: História em Quadrinhos	375
Figura 115 - Gênero Textual "Causo"	376
Figura 116 - Gênero Textual: Charada	376
Figura 117 - Gênero Textual: Diário	377
Figura 118 - Gênero Textual: Jornal	378
Figura 119 - Gênero Textual: Relato com Ligação Telefônica	379
Figura 120 - Projeto da Oficina Pedagógica do CAN, com início em 2/1/1990 e término em 31/12/1990	386
Figura 121 - Capa do projeto que deu início ao trabalho das Oficinas Pedagógicas	387

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos que se relacionam com a tese	41
Quadro 2 - Dissertações que se relacionam com a tese	43
Quadro 3 - Teses que se relacionam com este estudo	44
Quadro 4 - Descrição do acervo a que tive acesso para a pesquisa (Diários de Bordo e/ou Portfólios do curso)	58
QUADRO 5 – Inventário de Suportes Informacionais.....	85
Quadro 5 - Movimentos que evidenciam a efervescência das artes nos primórdios de Brasília	97
Quadro 6 - Problemas da SEEDF e dos CVLOP	104
Quadro 7 - Marcos Históricos da Educação no DF e legislações nacionais pertinentes	106
Quadro 8 - Registros referentes ao movimento do PROEPRE na SEEDF	120
Quadro 9 - Alguns Eventos/ ações em prol do livro e da leitura no DF na década de 1990 ..	155
Quadro 10 - Cursos de fantoches oferecidos pelas Oficinas Pedagógicas em 1995	158
Quadro 11 - Avaliação de um “Encontrão”, do ano de 2008	176
Quadro 12 - Inventário - Textos teóricos e autores discutidos durante a formação	177
Quadro 13 - Inventário - Vídeos para aprofundamento teórico já projetados	179
Quadro 14 - Inventário - Histórias recorrentes, incluindo histórias musicadas e músicas	179
Quadro 15 - Inventário de dinâmicas já desenvolvidas durante o curso	182
Quadro 16 - Objetivos do curso nos diferentes anos	253
Quadro 17 - Ano 1999	270
Quadro 18 - Ano 2000	270
Quadro 19 - Ano 2001	270
Quadro 20 - Ano 2002	271
Quadro 21 - Ano 2003	272
Quadro 22 - Ano 2006	274
Quadro 23 - Ano 2007	275
Quadro 24 - Ano 2008	275
Quadro 25 - Ano 2015	280
Quadro 26 - Ano 2016	280
Quadro 27 - Ano 2017	280
Quadro 28 - Ano 2018	281
Quadro 29 - Ano 2019	281
Quadro 30 - Marcos de Feiras do Livro e de Bibliotecas em Brasília.....	298
Quadro 31 - Cursos ministrados – 1986 – 2025	342
Quadro 32 - Cursos de formação de formadores	351
Quadro 33 - Relação de cursos realizados anterior e paralelamente à implementação dos CVLOP	352
Quadro 34 - Inventário dos Encontrões	355
Quadro 35 - Inventário das Feiras do Livro de Brasília	358
Quadro 36 - Histórico das Bienais do Livro de Brasília.....	361
QUADRO 37 - Impressões das colaboradoras sobre o documentário projetado na 1ª pré-estreia, 31/5/2023, auditório da Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante	388
QUADRO 38 - Impressões das colaboradoras sobre o documentário projetado na 2ª pré-estreia, 10/8/2023, auditório da EAPE	390
QUADRO 39 - Impressões das colaboradoras sobre o livro, cujo Sarau de Lançamento aconteceu em 13/8/2025, no Complexo Cultural Samambaia.....	391

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sobre os CVLOP e sobre o curso ACH.....	77
Gráfico 2 – Formação acadêmica dos participantes do curso em 2015.....	188
Gráfico 3 - Ficha-perfil: professoras e professores cursistas participantes das Rodas Memográficas <i>online</i> e entrevistas	246
Gráfico 4 - 1ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”	272
Gráfico 5 - 2ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”	276
Gráfico 6 - 3ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”	282
Gráfico 7 - Total de cursistas, nas 3 gerações do curso – “A Arte de Contar Histórias”	282
Gráfico 8 - Projeção do quantitativo de estudantes beneficiados indiretamente pela formação	283
Gráfico 9 - Temas de interesse para futuras formações - 2020	284

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDF	Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal
ABRACE	Associação Brasileira de Pesquisa em Artes Cênicas
ACH	A Arte de Contar Histórias
ADIL	Associação dos Distribuidores e Livreiros do DF
AI 5	Ato Institucional nº 5
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BIA	Bloco Inicial de Alfabetização
BNC – formação continuada	Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAN	Colégio da Asa Norte
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Caseb	Comissão de Administração do Sistema Educacional
CBA	Círculo Básico de Alfabetização
CDIS	Correção da Distorção Idade-Série
CDS	Centro de Desenvolvimento Social
CEAB	Centro Educacional Ave Branca
CEAC	Centro Experimental de Arte na Educação
CEC	Centro de Extensão Cultural da UnB
CED	Centro Educacional
CEE	Centro de Ensino Especial
CEF	Centro de Ensino Fundamental
CEM	Centro de Ensino Médio
CEMAB	Centro de Ensino Médio Ave Branca
CEMEB	Centro de Ensino Médio Elefante Branco
CEP	Centro de Educação Profissional
CEP/CHS	Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais
CIE	Centro Interescolar de Educação (Planaltina)
CIEM	Centro Integrado de Ensino Médio
CIL	Centro Interescolar de Línguas (do Guará)
CLDF	Câmara Legislativa do Distrito Federal
CMEA	Comissão de Material de Ensino-Aprendizagem
CNE/ CEB	Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica
CNE/CP	Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno
CNTE	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
COP	Coordenação das Oficinas Pedagógicas
COP	Conselho das Oficinas Pedagógicas
CRA	Centro de Referência em Alfabetização
CRE	Coordenação Regional de Ensino
Cresça	Centro de Realização Criadora
CRT	Centro de Recursos Tecnológicos
CVLOP	Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas
DAP	Direção de Apoio Pedagógico
DE	Diretoria Executiva
DEMAV	Divisão de Meios Audiovisuais

DEX	Decanato de extensão da UnB
DF	Distrito Federal
DGP	Diretoria Geral de Pedagogia
DIOP	Diretoria de Organização do Trabalho Pedagógico e Pesquisa
DRE	Diretoria Regional de Ensino
DRET	Diretoria Regional de Ensino de Taguatinga
DRH	Divisão de Recursos Humanos
DSCRH	Direção de Seleção e Capacitação de Recursos Humanos
EAP	Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal
EAPE	Unidade-Escola de Formação continuada dos Profissionais da Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENB	Escola Normal de Brasília
EVA	<i>Ethylene Vinyl Acetate</i> - Acetato de Etileno Vinil
FAC	Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal
FACED	Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
FCDF	Fundação Cultural do Distrito Federal
FE/ UnB	Faculdade de Educação da UnB
FEDF	Fundação Educacional do Distrito Federal
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FORFO	Formação de Formadores
GDOL	Gerência de Documentação e Logística
GEB	Gerência de Educação Básica
GPEL	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ludicidade – FACED-UFBA
GETOP	Gerência de Formação, Pesquisa e Desenvolvimento Profissional dos Eixos Transversais e das Oficinas Pedagógicas
GMULT	Gerência de multimídia
GOET	Gerência De Pesquisa, Avaliação E Formação Continuada Para Gestão, Carreira Assistência, Orientação Educacional E Eixos Transversais
GPLEI	Gerência das Políticas de Leitura, do Livro e das Bibliotecas
GRE	Gerência Regional de Ensino
HRAN	Hospital Regional da Asa Norte
HUB	Hospital Universitário de Brasília
ICA	Instituto Central de Artes
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDR	Instituto de desenvolvimento de Recursos Humanos
IFB	Instituto Federal de Brasília
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
JK	Juscelino Kubitschek
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEAs	Materiais de Ensino-Aprendizagem
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MinC	Ministério da Cultura
N/C	Não contabilizados na tabela
NCP	Núcleo de Coordenação Pedagógica
NMP	Núcleo de Monitoramento Pedagógico
NOP	Núcleo das Oficinas Pedagógicas
Novacap	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
NUMAV	Núcleo de Meios Audiovisuais
NUTEL	Núcleo de Teleducação

OP	Oficinas Pedagógicas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PABAEE	Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar
Parfor	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE	Plano Distrital de Educação
PDLL	Plano Distrital do Livro e Leitura
Petrobras	Petróleo Brasileiro S/A
PI	Práticas Industriais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PPGCEN	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UnB
/UnB	
PQE	Plano Quadrienal de Educação
PQVT	Programa de Qualidade de Vida no Trabalho
PRAD	Prática Reflexiva da Aprendizagem Desenvolvida
PROEPRE	Programa de Educação Pré-Escolar
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
PT	Partido dos Trabalhadores
PTR	Partido Trabalhista Renovador
RA	Região Administrativa
SAP	Setor de Apoio Pedagógico
SCP	Seção de Coordenação Pedagógica
SEC	Secretaria de Cultura do Distrito Federal
SEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SEF	Secretaria de Educação Fundamental
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SIA	Setor de Indústrias e Abastecimento
SIG	Setor de Indústrias Gráficas
Sinpro	Sindicato dos Professores do DF
SMEA	Setor de Materiais de Ensino Aprendizagem
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TV	Televisão
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UnB	Universidade de Brasília
UnDF	Universidade do Distrito Federal
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNIEB	Unidade de Educação Básica
UNIMOS	Unidades Móveis do SESC

SUMÁRIO

ERA UMA VEZ, NO CORAÇÃO DE UM PAÍS NADA DISTANTE, UMA INTRODUÇÃO	22
Mosaico de mim: experiências, histórias... minhas memórias	27
Problematização e motivação	33
Estrutura do Texto	35
1 E LÁ ESTÁVAMOS NÓS – EM BUSCA DE TRILHAS POSSÍVEIS (PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS)	39
1.1 Breve contextualização do campo	44
1.2 A Bricolagem Metodológica.....	47
1.2.1 Pesquisa Documental: O encontro com os (guar)dados	49
1.2.1.1 Caracterização do acervo documental pesquisado	50
1.2.2 A Pesquisa Etnográfico-Performativa	59
1.2.2.1 Memória Viva I - Rodas Memográficas (presenciais e online)	66
1.2.2.2 Memória Viva 2: Memoriais dos 14 CVLOP	67
1.2.2.3 Memória Viva 3: produção do Documentário – o registro em audiovisual como parte de uma pesquisa viva	73
1.2.2.3.1 A experiência de uma II pré-estreia – dia 10/8/2023, no auditório da EAPE 74	
1.2.2.4 Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa do DF	79
1.2.2.5 Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas, na Câmara Legislativa do Distrito Federal – 7/6/2024.....	81
1.2.2.6 Solicitação do registro dos CVLOP como patrimônio cultural imaterial junto à Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF (SECEC).....	84
2 EM UMA CIDADE NOVA LOCALIZADA NO PLANALTO CENTRAL, HÁ ALGUM TEMPO ATRÁS.....	88
2.1 Sistema público de ensino do Distrito Federal – a utopia interrompida	88
2.2 A Educação pela Arte no projeto de ensino da capital	96
2.3 Naquele tempo... era assim o contexto para que as Oficinas nascessem no Distrito Federal (Antecedentes Históricos).....	110
2.4 Histórico dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas.....	113
2.4.1 Sobre o histórico do Núcleo das Oficinas Pedagógicas	123
3 EM CERTO MOMENTO, TEVE GENTE SONHANDO ANTES DA GENTE – MOVIMENTOS EMBRIONÁRIOS DO CURSO	130
3.1 A Pedagogia Histórico-Crítica e a Teoria Histórico-Cultural.....	130
3.2 As emoções e o ser humano, a partir de diferentes campos de abordagem	134
3.3 Formação continuada com os princípios da ludicidade e da educação estética.....	137
3.4 A Arte de contar histórias como atividade potencialmente lúdica	147
3.5 Como começa a história do curso? Quais os percursos iniciais?.....	152
4 FOI ENTÃO QUE DESVELAMOS OS SEGREDOS DO “PÓ DE PIRLIMPIMPIM” (METODOLOGIA DO CURSO).....	168
4.1 Estrutura geral do curso (breve sistematização)	170
4.1.1 Formação em rede	173
4.1.2 Encontros ou Encontrões Gerais.....	175
4.1.3 Elementos do curso – fundamentação teórica, vídeos, histórias, músicas, dinâmicas.....	177

4.1.4	Histórias recorrentes	179
4.1.5	Dinâmicas de grupo vivenciadas	180
4.1.6	Estrutura básica dos encontros	184
4.1.6.1	Sequência didática 1: Iniciando a viagem ao fantástico mundo da leitura	184
4.1.6.2	Sequência Didática 2: A importância dos contos de fadas – heróis e vilões: 185	
4.1.6.3	Sequência Didática 3 – Chapeuzinho Vermelho – Textos e intertextos - Pontos de vista sobre o conto maravilhoso.....	186
4.1.6.4	Sequência didática 4 – Vivenciando a Poesia, o Cordel e a Xilografia	186
4.1.7	Público-alvo.....	187
4.2	Metodologias ativas	189
4.2.1	Docência compartilhada	191
4.2.2	Diário de Bordo Coletivo e Portfólio individual	193
4.2.3	Manualidades/ Experimentações	203
4.2.3.1	Produção de destaque: Baú ou Mala de Contação de Histórias	209
4.2.3.2	Produções diversas	212
4.2.4	Lanche Colaborativo	215
4.2.5	Projetos de contação de histórias e/ou leitura nas escolas.....	218
4.2.6	Sarau: a contação de histórias chegando, coletivamente, às crianças de várias Regionais de Ensino do DF.....	221
4.3	O pó de <i>Pirlimpimpim</i> apresenta: a <i>performance</i> narrativa	221
5	FOI ASSIM QUE ME CONTARAM, FOI ASSIM – UMA HISTÓRIA POLIFÔNICA, ESCRITA A MUITAS MÃOS E INSCRITA EM MUITA GENTE ...	232
5.1	A memória: guardiã das histórias vivenciadas.....	233
5.2	1ª Roda Memográfica	237
5.3	2ª, 3ª e 4ª Rodas Memográficas	246
5.4	5ª Roda Memográfica – I Pré-estreia do Documentário	248
5.5	Que histórias contam as personagens desta história? Implicações na constituição docente	253
5.5.1	Contribuição para a prática pedagógica.....	256
5.5.2	Contribuição para novas descobertas de possibilidades da atuação docente ao longo da trajetória profissional.....	260
5.5.3	Contribuição para a cena artística-cultural do DF.....	265
6	ATÉ QUE UM DIA - COMO O CURSO ACONTECEU, APESAR DOS PERCALÇOS, NO TEMPO E NO ESPAÇO	269
6.1	Sistematização da história.....	269
6.1.1	Primeira Geração do Curso (1999-2003)	269
6.1.2	Segunda Geração do Curso (2006-2008)	274
6.1.3	Terceira Geração do Curso (2015-2019).....	280
6.2	Como o curso se comporta em cada um dos CVLOP com o decorrer do tempo?...	285
6.3	Capilaridade com outros projetos da SEEDF e com a Secretaria de Cultura	293
	FINALMENTE: SEGUIMOS A CAMINHADA... FELIZES? AINDA QUE NÃO SEJA PARA SEMPRE? (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	301
	REFERÊNCIAS	307
	APÊNDICE A - DEPOIMENTOS, ENTREVISTAS, PARTICIPAÇÃO NAS RODAS MEMOGRÁFICAS E DEMAIS CONTRIBUIÇÕES	337

APÊNDICE B - INVENTÁRIO COM NOMES DE ALGUNS EVENTOS, CURSOS E OFICINAS TEMÁTICAS MINISTRADOS PELOS CVLOP.....	342
APÊNDICE C - CURSOS DE FORMAÇÃO DE FORMADORES MINISTRADOS (FORFO)	351
APÊNDICE D - CURSOS OFERECIDOS PARA A REDE COM TEMÁTICAS COMUNS ÀS DESENVOLVIDAS PELOS CVLOP POSTERIORMENTE.....	352
APÊNDICE E - MEMORIAIS DOS ENCONTRÕES DO CURSO “A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS”.....	355
APÊNDICE F - HISTÓRICO DAS FEIRAS E DAS BIENASIS DO LIVRO DE BRASÍLIA.....	358
APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	362
APÊNDICE H - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA	363
ANEXO 1 - PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA DA UNB	364
ANEXO 2 - PRÊMIO PROFESSORA DOUTORA MANUELA FARIA, NOVEMBRO DE 2023 - 8º BRAIN CONNECTION – CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROCIÊNCIAS E APRENDIZAGEM	367
ANEXO 3 - REGISTROS DE ALGUNS ENCONTROS POR MEIO DE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS – DESPERTANDO A CRIATIVIDADE DOCENTE, COM O REGISTRO NO DIÁRIO DE BORDO DA FORMAÇÃO	368
ANEXO 4 - IMPORTANTES DOCUMENTOS QUE ATESTAM A DATA DE INÍCIO DO FUNCIONAMENTO DE ALGUNS CVLOP	380
ANEXO 5 - O PROJETO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS TINHA DATA DE INÍCIO E DE FIM (2/1/1990 A 31/12/1990).....	386
ANEXO 6 - CAPA DO PROJETO QUE DEU INÍCIO AO TRABALHO DOS CVLOP	387
ANEXO 7 – ALGUMAS IMPRESSÕES DAS COLABORADORAS E COLABORADORES SOBRE O DOCUMENTÁRIO E SOBRE O LIVRO	388

ERA UMA VEZ, NO CORAÇÃO DE UM PAÍS NADA DISTANTE, UMA INTRODUÇÃO

Começo a escrita desta narrativa fazendo um convite: vamos imaginar que estamos em uma roda. Há uma fogueira ao centro, que aquece e conecta os corações das pessoas que estão bem próximas. Elas se olham, conseguem sentir a energia e o calor umas das outras. São pessoas que emprestam seus ouvidos para ouvirem histórias e seus corações para fazerem das histórias presentes a serem distribuídos por esse ambiente. Neste lugar, paira um cheiro familiar... é café, que se mistura ao cheiro do pão quentinho e do pão de queijo que compõem a mesa onde daqui a pouco iremos nos encontrar! É nessa atmosfera que a primeira história¹ vem chegando e ela nos diz assim:

Há muito tempo atrás, existia uma senhora bem velhinha, tão velhinha que havia apenas um fio de vida conectando-a à terra. Então, como que em tom de despedida, ela chamou as mulheres de sua família - filhas, netas, bisnetas - e foi lhes dizendo que estava tudo bem. Ela partiria em paz. Afinal, suas descendentes já sabiam o local na floresta em que ela se reunia quando se sentia em dúvidas e com dificuldades. Elas também sabiam dar as mãos, sentir o calor umas das outras, cantar suas músicas, tocar seus tambores e contar as suas histórias. Era assim que se evocava o sagrado. A velha senhora fez sua passagem e... depois de um tempo, quando aquelas mulheres se sentiram perdidas e com a necessidade de respostas, dirigiram-se para a floresta. Deram-se as mãos, cantaram suas músicas, tocaram seus tambores e contaram suas histórias. Foi assim que o sagrado veio e, com ele, veio a esperança. O tempo passou, chegou a segunda geração daquelas mulheres. Quando se sentiram perdidas, sabiam do ritual. Dirigiram-se à floresta, não sabiam mais o local exato, mas ainda assim foram. Deram-se as mãos, cantaram suas canções, já não sabiam tocar seus tambores, mas contaram as suas histórias. O sagrado novamente veio e, com ele, veio o sonho.

O tempo passou, chegou a terceira geração daquelas mulheres. Quando se sentiram perdidas, sem saberem bem o que fazer, lembraram-se do ritual. Foram para a floresta, mas ela já não era como antes. Havia se transformado em um pequeno bosque, quase um parque. Ainda assim elas se deram as mãos, já não sabiam cantar as músicas, tocar seus tambores, mas contaram as suas histórias. E, novamente, o sagrado veio e, com ele, veio a coragem.

O tempo passou, como passa na vida e também nas histórias. Chegou a quarta geração daquelas mulheres e, quando vieram os problemas, elas já não se lembravam mais do ritual. Aquele bosque havia se transformado em uma praça. Uma praça cheia de dureza, de cimento, e também com muita gente. Pessoas apressadas. Pais, mães, avós, crianças. Ali perto passavam muitos carros, ônibus e a poluição sonora era grande. As pessoas se sentiam perdidas e já não sabiam mais do ritual, não sabiam da floresta, não sabiam cantar as músicas nem tocar os tambores... mas, em um banquinho da praça, havia uma senhora, uma velha senhora que sabia uma coisa: ela sabia contar uma história, essa história. Ela se levantou e começou a contar a história em voz alta. Dizem que quem estava perto parou tudo que estava fazendo para escutar e foi assim que, novamente, o sagrado veio. Dizem também que, toda vez que estamos em dificuldades, se nós nos reunimos, nos damos as mãos, cantamos nossas canções, tocamos nossos tambores e, principalmente, contamos as nossas histórias, se fazemos isso de coração aberto e com verdade, dizem que O SAGRADO SEMPRE VEM.

¹ Conheci essa versão da história no canal do YouTube do Abra Palavra, pela voz da Aline Cântia, que serviu de inspiração para esse registro. A versão original se encontra no livro: *O Dom da história*, de Clarissa Pínkola Estés, constante nas referências.

A história que vou contar neste trabalho² ressoa com a narrativa que acabo de compartilhar. É uma história de *esperança*, de *sonho* e de *coragem*, na qual acredito e que me atravessou. Falo a partir deste lugar: alguém que pesquisa o grupo do qual é integrante (como professora cursista e professora formadora), sendo também uma personagem dessa história que contém muitas outras protagonistas. Trata-se de um grupo de professoras e professores (concursados da SEEDF, na sua área de formação acadêmica) que oferecem formação continuada a docentes da rede pública do Distrito Federal. Como toda narrativa, essa história tem seus elementos: tempos, espaços, personagens, enredos, conflitos, desdobramentos. E, até o momento deste registro, não tem fim - e espero que assim permaneça. Espero que seja uma história sem fim, mesmo sem o tradicional “felizes para sempre”.

Começo com uma breve contextualização. Na década de 1980, havia um programa do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), denominado PROEPRE (Programa de Educação Pré-Escolar)³, o qual previa a “formação de recursos humanos” para sua implementação. O Distrito Federal foi uma das unidades da federação a implantar esse programa, baseado na teoria psicogenética de Jean Piaget, considerado o pai do construtivismo⁴. Aulas práticas e dinâmicas são fundamentais para a teoria construtivista. Assim, para apoiar o trabalho das professoras e professores do pré-escolar (atualmente Educação Infantil) em suas atividades diárias, Elisabete Batista, coordenadora de nível intermediário,⁵ e Ruitter Lima, professor de Práticas Industriais⁶ (PI), reuniram-se para pesquisar, confeccionar e utilizar jogos e materiais pedagógicos específicos para o pré-escolar. O “curso-pesquisa⁷” nasceu

² Esta pesquisa possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UnB. CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética): 57201422.7.0000.5540. Parecer Consubstanciado do dia 27 de abril de 2022, sob número: 5.493.432. Autorização de pesquisa emitida pela EAPE via Memorando nº 81/2021, de 22/11/2021.

³ Para maiores informações, acessar: <https://www.instagram.com/proepre/> Acesso em: 6 jul. 2025, 11:45.

⁴ O construtivismo é uma teoria da aprendizagem, também entendida como uma corrente pedagógica, que tem como principal foco o entendimento da obtenção da aprendizagem relacionado com a interação do indivíduo com o meio. O construtivismo foi desenvolvido pelo psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget, no início da década de 1920. Veja mais em: https://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/construtivismo_educacao.htm. Acesso em: 24 fev. 2025, 21:40.

⁵ Entende-se por coordenadora em nível intermediário a professora que atua na Regional de Ensino e presta assessoria aos professores de determinada etapa e/ou modalidade de ensino.

⁶ Disciplina inserida nos currículos da rede pública de ensino com a publicação da LDB de 1971 (Lei nº 5.692/1971) e extinta pouco tempo depois da promulgação da nova LDB (Lei nº 9.394/1996). Para ser oferecida, possuía sala com vários maquinários e ferramentas para marcenaria, como: serra circular, tico-tico, mesa de serigrafia, furadeira horizontal, prensa de mesa, desempenadeira, torno...

⁷ Esta nomenclatura foi criada por mim, a partir da percepção que tive com a leitura da proposta do curso, dos seus desdobramentos e dos relatórios.

despretensiosamente pela iniciativa dos próprios professores, em Taguatinga⁸, começou a se expandir e alcançar profissionais de outras etapas, modalidades e das demais Coordenações Regionais de Ensino (CRE). Adquiriu o nome “Oficinas Pedagógicas”, onde, anos depois, nestes espaços, foi implementado o curso “A Arte de Contar Histórias”, tema central desta pesquisa.

Desde 2018, esses espaços são oficialmente denominados “Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas”⁹ (CVLOP) e estão presentes nas 14 Coordenações Regionais de Ensino (CRE) do Distrito Federal. Têm dupla vinculação: estão associados administrativa e pedagogicamente às Unidades de Educação Básica (Unieb) das Regionais de Ensino; e, também estão vinculados, pedagogicamente, à Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE)¹⁰, responsável pela inscrição e certificação dos cursos¹¹ ministrados.

Em busca de trazer à luz o histórico do curso, percebi sua forte vinculação com a história dos próprios CVLOP. Por sua vez, a existência desses Centros possui pontos de interlocução com o “Plano de Construções Escolares de Brasília”¹², de Anísio Teixeira. As Oficinas

⁸ Brasília, cidade modernista fundada em 1960, não possui bairros e, sim, Regiões Administrativas (RAs). Ao todo são 35 RA. Algumas Coordenações Regionais de Ensino congregam mais de uma Região Administrativa. Entre as RA, está o Plano Piloto, que abriga a sede do governo federal brasileiro, e as demais cidades compõem o Distrito Federal. Taguatinga está a cerca de 22 km do Plano Piloto. Para maiores informações, consultar: <https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais/> Acesso em: 13 fev. 2025, 14:50.

⁹ A partir da publicação da Portaria nº 388, de 29/11/2018, o nome foi alterado para Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, mas são espaços popularmente conhecidos apenas por “Oficinas Pedagógicas”. Existem algumas plataformas com registro deste trabalho:

Instagram: <https://www.instagram.com/oficinaspedagog/> Acesso em: 17 ago. 2024, 06:00.

YouTube: <https://www.youtube.com/@oficinaspedagogicasdodf3161> Acesso em: 17 ago. 2024, 06:10.

Facebook: <https://www.facebook.com/oficinaspedagogicassdf> Acesso em: 17 ago. 2024, 06:20.

Padlet: <https://padlet.com/copeape/centros-de-viv-ncias-l-dicas-oficinas-pedag-gicas-keo48zvw7idvhnbm>

¹⁰ O Decreto nº 46.165, de 21 de agosto de 2024 altera a estrutura administrativa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, e dá outras providências. EAPE deixa de ser Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação e passa a ser Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação.

¹¹ Em 2024, a nomenclatura passou a ser “percurso”, devido à vigência da nova “Matriz de Formação Continuada da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação do Distrito Federal”. No entanto, como o recorte temporal desta pesquisa é de 1999 a 2019, continuarei empregando o nome “curso”, utilizado durante o período investigado. A discussão desta Matriz começou em 2021 e o lançamento se deu em 2024. Ela é estruturada com base em quatro conceitos principais: **Dimensão** (abrangência e profundidade das atividades formativas, incluindo aspectos teóricos e práticos, que visam ao desenvolvimento integral), **Eixos Integradores** (áreas temáticas que orientam os conteúdos e atividades da formação), **Ciclos de Formação** (fases sequenciais que organizam o processo formativo em etapas, permitindo um desenvolvimento progressivo e contínuo dos profissionais) e **Percursos Formativos** (trilhas específicas dentro dos ciclos). Cada Eixo Integrador é composto por um conjunto de Ciclos de Formação, que terão carga horária de no mínimo 90 e no máximo 270 horas e devem levar à reflexão teórico-prática dos profissionais da educação. A carga horária será organizada em diferentes percursos, conforme o objetivo dos ciclos de formação e a necessidade do profissional da educação (Distrito Federal, 2024).

¹² Vinculado ao “Ideário Pedagógico de Anísio Teixeira”, registrado como patrimônio cultural do DF, por meio do Decreto nº 28.093, de 4/7/2007, DODF nº 128, de 5/7/2007, p. 6. Livro de Registro de Saberes.

Pedagógicas começam a surgir na capital na década de 1980, após 21 anos de regime ditatorial. Percebe-se a paulatina sistematização de uma proposta de formação continuada para professoras e professores, fundamentada nos princípios filosóficos anisianos. A educação pela arte¹³ se faz presente, de modo a propiciar experiências diferenciadas às e aos professores cursistas, evocando seu lado criativo e criador, em proposições permeadas por linguagens artísticas, que buscam envolver várias dimensões do humano, para além do cognitivo, como idealizara Anísio Teixeira.

Os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas podem ser vistos como um “projeto-mãe”¹⁴, do qual emergem diversos “projetos-filhos” (cursos e oficinas temáticas). Este trabalho dedica-se a um deles, o curso “A Arte de Contar Histórias”. O objetivo da pesquisa é, portanto, registrar a história do curso, no período de 1999 a 2019, analisando os impactos e contribuições para o desenvolvimento pessoal e profissional de docentes de diferentes disciplinas, etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e modalidades (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial) de ensino.

Nos primórdios do sistema educacional de Brasília, com o intuito de construir uma proposta inovadora, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) promoveu e incentivou estágios e cursos em outros centros educativos localizados em Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Nos anos de 1958 e 1959, 22 professoras estagiaram na Escola Parque de Salvador, permanecendo três meses, onde se especializaram em: “couro, tapeçaria, encadernação, cartonagem, corte e costura, tapeçaria (*sic*), tecelagem, metal, modelagem e couro, madeira, cerâmica e desenho, feltro, estamparia, cestaria” (Distrito Federal, 2001, p. 34). Os documentos mostram que, desde o princípio, a formação continuada das professoras e professores foi vista como basilar para o sucesso do plano educacional pensado para a capital. Além disso, a proposta ressaltava a importância das atividades voltadas às artes, às manualidades e à cultura para a formação integral da e do estudante.

Por iniciativa dos próprios professores à época, as Oficinas Pedagógicas foram surgindo nos antigos Complexos Escolares (atuais Coordenações Regionais de Ensino) e, devido à

¹³ Apenas esclarecendo que “educação pela arte” e “educação estética” são noções que se intercambiam, interrelacionam-se, complementam-se. A educação pela arte é uma prática pedagógica que utiliza a linguagem artística como meio para o desenvolvimento integral do sujeito, promovendo a expressão, a imaginação e o pensamento crítico (Duarte, 2011; Read, 2001). Já a educação estética refere-se à formação da sensibilidade, da percepção e da experiência do belo, podendo ocorrer em diversos contextos sensoriais e culturais (Vigotski, 2001). Pode-se dizer que a educação pela arte é uma das formas possíveis de se promover uma educação estética. Dessa maneira, neste texto, apresentaremos as expressões conforme utilizadas pelos autores com quem estabelecemos diálogo.

¹⁴ Existindo há 4 décadas, o trabalho dos CVLOP ainda é considerado um projeto dentro da SEEDF, por isso a analogia com a ideia de “mãe” – apresentada pela professora formadora Elza Muñiz -, pois o projeto maior se ramifica em vários outros projetos “filhos” (cursos e oficinas temáticas).

grande adesão e expansão, em 1989, foram oficialmente regulamentadas pela Orientação Pedagógica nº 8, a qual foi revisada em 1994 e substituída pela Portaria nº 116 de 2012. Mais recentemente, em 2018, foi publicada a Portaria nº 388/2018, vigente até o momento desta escrita.

A proposta inicial desta pesquisa era construir a historiografia do curso com base em fontes documentais. Contudo, os dados não respondiam a todas as questões - ao contrário, suscitaram novas perguntas. Devido a isso, a metodologia foi alterada e, com os princípios da Metodologia Etnográfico-Performativa, foi planejada a construção da memória viva do curso, por meio de algumas proposições, como: Rodas Memográficas¹⁵; Produção dos Memoriais de cada uma das Oficinas Pedagógicas, os quais compuseram o conteúdo do livro “Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais”, contemplado pelo Fundo de Apoio à Cultura do DF – FAC 1/2024, Edital nº 14; produção de um documentário sobre o curso, com duas exposições prévias para apreciação junto às colaboradoras da pesquisa; recebimento de premiação pelo Prêmio Paulo Freire de Educação (2023); submissão do Inventário para reconhecimento dos CVLOP como Patrimônio Cultural Imaterial do DF (2023); Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas, na Câmara Legislativa do DF (2024). Essas ações promoveram o reencontro de professoras e professores formadores, cursistas e coordenadoras dos CVLOP - muitos já aposentados -, fortalecendo os laços entre diferentes gerações, revelando a potência do processo investigativo. O curso “A Arte de Contar Histórias” é oferecido desde 1999 como formação continuada, gratuita, em horário de trabalho, com diferentes cargas horárias. Ao longo dos anos, já foram certificados 3.909 docentes, com 195 turmas nas diversas Regionais. Atuaram cerca de 86 professoras e professores formadores, divididos em 3 gerações do curso entre 1999 e 2019. A quarta geração, iniciada em 2022, com nova formação de professoras e professores formadores não será abordada nesta pesquisa.

O curso foi um divisor de águas na minha trajetória. Refletir sobre seus efeitos e reverberações foi uma oportunidade singular, que fiz com muita intensidade, a partir do *maravilhamento* que a experiência me proporcionou. No entanto, o decorrer da pesquisa me apresentou alguns estranhamentos, que tratarei oportunamente. Além disso, entendendo a pesquisa como caminho em construção, fui encontrando pistas jamais imaginadas antes de iniciar a investigação - conexões, temas que vão emergindo no processo e formando contornos ao longo do percurso. Trata-se de uma investigação histórica, memorialística, interdisciplinar e, principalmente, viva.

¹⁵ A expressão “Rodas Memográficas” foi criada por mim para os encontros entre professores do passado e do presente e será melhor descrita e aprofundada na sequência do texto, especialmente no capítulo 5.

Inicialmente, na presente introdução, apresento meu percurso como professora formadora de outras professoras e professores nos espaços dos CVLOP. Quando ingressei no doutorado, estava atuando no CVLOP de Samambaia¹⁶, tendo vindo por remanejamento, a pedido, da Regional de Brazlândia¹⁷. No entanto, iniciei meu trabalho no CVLOP de Ceilândia¹⁸ (diferentes Regiões Administrativas do DF).

Mosaico de mim: experiências, histórias... minhas memórias

Começo a contar a minha história, apresentando experiências que me constituem. Enveredando pelo caminho da contação/narração¹⁹ de histórias, participo frequentemente de momentos formativos nos quais, muitas vezes, me perguntam “Qual é sua referência mais antiga na contação de histórias? Que pessoa habita suas memórias quando se pensa em narração de histórias?” Escuto colegas falarem, entusiasmados, de seus pais, avós, tios, professoras... e, quando chega a minha vez de compartilhar, sou honesta: não tenho. Não me lembro de familiares ou professores que tenham me contado histórias na infância. Talvez essas experiências tenham existido, mas não deixaram registros. Confesso que gostaria de ter essas memórias. Então, como uma pessoa que não se lembra de ter ouvido histórias em sua infância se torna uma contadora de histórias?

Aqui começa outra face da mesma história.

Nos primeiros anos de vida, morávamos em uma chácara afastada, depósito da firma em que meu pai trabalhava. Sem outras crianças por perto, minha mãe era minha principal companhia. Talvez por essa solidão e por um forte desejo de aprender, ansiava ir à escola. Caminhava mais de dois quilômetros até o La Salle, no Park Way, que, à época, mantinha um convênio com a Secretaria de Educação e o ensino era gratuito. Eu fazia aquela caminhada brincando, nem percebia o quanto era longe. Ir para a escola era a alegria da minha infância. Poder conviver, ainda que por pouco tempo, com crianças da minha idade, era outra façanha que a escola me proporcionava.

¹⁶ Samambaia é uma RA distante cerca de 30 km do Plano Piloto. https://www.adistanciaentre.com/br/distancia-entre-brasilia-df-e-brazlandia-df/DistanciaHistoria/1511502.aspx#google_vignette Acesso em: 6 jul. 2025.

¹⁷ Brazlândia é uma RA que fica a cerca de 50 km do Plano Piloto. Disponível em: <https://www.adistanciaentre.com/br/distancia-entre-brasilia-df-e-brazlandia-df/DistanciaHistoria/1511502.aspx> Acesso em: 6 jul. 2025, 13:00.

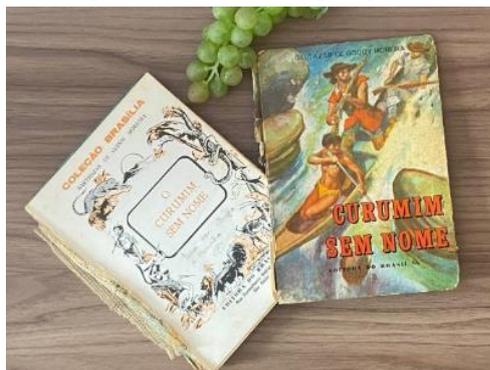
¹⁸ Ceilândia é uma RA que fica cerca de 30 km do Plano Piloto. Disponível em: <https://www.adistanciaentre.com/br/distancia-entre-brasilia-df-e-brazlandia-df/DistanciaHistoria/1511502.aspx> Acesso em: 6 jul. 2025, 06:30.

¹⁹ Os termos serão usados como sinônimos neste trabalho, priorizando o uso de *contação*, pois se faz mais recorrente na realidade investigada.

Certo dia, já com sete anos, eu chamei a professora, a tia Luzia, para dizer a ela que finalmente eu tinha aprendido a ver/ler²⁰. Isso porque, no dia anterior, tinha saído com meu pai e havia começado a decodificar as placas. Como eu estava feliz! Aprender a ler era como se eu estivesse começando a enxergar o mundo, tão cheio de letrinhas e significados. Eu lia tudo, tudo que via. Onde houvesse letras, ali estava o meu olhar pueril, tentando decifrar o “quebra-cabeças”. A minha vontade de ler era tanta que eu queria ter livros em casa. Mas não os tinha. Nada. Nem a Bíblia. Nasci em uma casa sem livros.

O tempo passava e lembro com alegria o dia em que minha tia Tina (*in memoriam*) chegou à minha casa com um livro para me presentear. Eu tinha dez anos. Era um livro usado. Tinha por título “Curumim sem nome”, da Editora do Brasil, do autor Baltazar de Godoy Moreira (1975). Até hoje eu tenho este livro.

Figura 1 - 1º Livro que ganhei



Fonte: arquivo pessoal da autora

Em 1986, na quinta série (atual sexto ano), precisei mudar de escola porque meu pai fora despedido da empresa e, em uma abrupta ruptura da vida, fui morar na Expansão do Setor O, um espaço localizado em Ceilândia/DF²¹, que, à época, era um lugar de muita vulnerabilidade em todos os aspectos. Era maio, a cidade estava nascendo e, como o ano letivo já havia começado, o colégio mais próximo era a Escola Classe 34, no P. Norte, que só tinha vaga na quinta série G, uma turma com estudantes repetentes. Fui matriculada nela e passei a ser a mascote, a mais nova da turma.

Nessa época, havia um programa em um canal de TV aberta, chamado “Porta da Esperança”. Na minha ingenuidade de criança, escrevi cartas. Meu pedido? Livros. Eu me

²⁰ Uma analogia à história “O menino que aprendeu a ver”, de Ruth Rocha, constante nas referências.

²¹ Convém mencionar que Ceilândia surgiu em decorrência da Campanha de Erradicação de Favelas – CEI, que foi o primeiro projeto de erradicação de favelas do DF. É uma das cidades mais populosas e, nas décadas de 1980 e 1990 era conhecida pelos altos índices de violência. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-Ceil%C3%A2ndia.pdf> Acesso em: 6 jul. 2025, 10:40.

assemelhava à personagem do livro “Avó maluca Lelé da Cuca e Avó Pirada da Pá Virada”²², de Jonas Ribeiro (2000). Mas o programa não deve ter recebido, ou não julgaram que fosse um pedido relevante. Ainda assim, eu sonhava com o dia em que aquela porta se abria e apresentaria uma biblioteca para mim, todinha minha. Meu grande *sonho* era ganhar livros de presente.

Mas, no ano seguinte, 1987, fui presenteada de outra forma, por ter como professora de Língua Portuguesa Belzarina B. Rodrigues. Ela era uma incentivadora da leitura, propondo atividades literárias diversas, com gincanas e de forma lúdica. Foi assim que eu fui apresentada à biblioteca daquela escola. Havia a “Série Vagalume”, que possuía muitas histórias interessantes! Comecei a ler e não conseguia parar. Lia dois, três livros por dia. Eu amava ler. Era na leitura que encontrava refúgio.

Figura 2 - Títulos da Série Vagalume²³



Fonte: Internet, no endereço

<https://saopauloparacrianças.com.br/compras/serie-vaga-lume-livros/>

A casa imediatamente ao lado da nossa era uma boca de fumo²⁴. Era um lugar perigoso e a grade da nossa casa, com o tempo, foi adquirindo marcas de tiro, já que havia conflitos com as pessoas que moravam na casa vizinha. Eu tinha medo. Por várias vezes, quando o tiroteio acontecia na rua, eu me deitava no chão, com receio de receber alguma bala perdida. Naquele contexto, a escola era meu abrigo, um lugar quase sagrado.

Li todos os livros da Série Vagalume que havia na biblioteca e a professora Belzarina passou a me emprestar os livros pessoais dela. E eu lia. Lia todos. Era uma devoradora de livros.

²² A personagem ganhava muitos presentes, mas queria ganhar livros. A diferença é que eu não ganhava presente nenhum.

²³ Recentemente, foi publicada uma reportagem sobre os 50 anos da série que contribuiu para o incentivo à leitura de várias pessoas. Para saber mais, acesse: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clj7wykjkdo>. Acesso em 6 jul. 2025, 07:00.

²⁴ No DF, *boca de fumo* é uma gíria que dá nome a lugares em que há compra, venda e consumo de drogas.

Quando ingressei no 2º Grau (atual Ensino Médio), havia duas opções: ou fazer o “curso acadêmico” ou fazer um “curso técnico”. Por saber da realidade financeira da minha família e imaginar que cursar uma faculdade fosse algo inatingível, embora fosse o *sonho* da minha vida, eu escolhi fazer um curso técnico. Assim, eu poderia conseguir alguma renda para, quem sabe um dia, poder cursar uma faculdade. A universidade pública era praticamente impensável naquele contexto. Ingressei no curso Técnico em Contabilidade, no CEAB (atual CEMAB), em Taguatinga.

Era 1990, primeiro ano do 2º Grau, quando conheci outra professora de Português, Ana Maria²⁵. Uma inspiração, pois conseguia envolver a todos com sua didática, olhar encantado e paixão pelo que fazia. Após uns dois meses de aula, ela me chamou para conversar em particular. Por julgar que eu tinha facilidade com a escrita, “não errava uma vírgula sequer” (palavras dela, registradas na minha memória), ela me convidou para ajudá-la na correção das redações. Fiquei empolgada com o convite! Eu, com quinze anos, sendo convidada a corrigir e avaliar as redações da minha própria turma. Aceitei e comecei a corrigir os textos dos meus colegas e das demais turmas que a professora tinha. Era um segredo nosso. Durante os três anos do 2º Grau, eu corrigia as redações dos estudantes daquela professora e eu gostava de fazer aquilo. Assim, ainda no primeiro ano, decidi que, caso conseguisse cursar faculdade algum dia, seria Letras o curso escolhido.

Em 1993, minha prima Elaine Leite me doou o valor da inscrição para o Vestibular que, na ocasião, só estava aberta na Universidade Católica de Brasília e eu ingressei no sonhado curso de Letras. A mensalidade era o equivalente a 70% do valor da renda da nossa família. Meu pai combinou que se esforçaria para garantir o pagamento de um semestre, para que eu não perdesse a vaga, mas depois eu precisaria trancar. Porém, naquela universidade, havia um sistema de bolsas para estudantes carentes. Me inscrevi e fui contemplada imediatamente, com desconto de 60% do valor durante todo o curso. Nesse mesmo ano, consegui assinar um contrato temporário com a Secretaria de Educação do DF e começava, aos dezoito anos, minha carreira como professora de Língua Portuguesa, ininterruptamente até hoje. Foi assim que, com o pouco que ganhava trabalhando vinte horas no noturno, conseguia ajudar meu pai no custeio dos meus estudos.

Eu seguia me dedicando, lendo e estudando, porém agora uma leitura mais técnica para conseguir êxito junto aos estudantes que estavam sob a minha responsabilidade. Esforçava-me e fui aprendendo a ser professora no exercício mesmo da docência - fazendo o caminho ao

²⁵ Nome fictício para preservar nosso segredo, revelado no texto.

caminhar. Cometia equívocos comuns a quem começa a carreira profissional tão jovem, construindo-se à medida que vai vivenciando experiências. Não parava de investir nos estudos. Sentia a necessidade de devolver à escola pública, que me proporcionou as bases para realizar o *sonho* de cursar o Ensino Superior, a qualidade necessária. Estudava à tarde e trabalhava à noite. Todo tempo livre era dedicado a estudar. Lembro que já no finalzinho do curso de Letras, em um seminário ainda na faculdade, presenciei uma contação de histórias no auditório. A história era “Marcelo, Marmelo, Martelo”, de Ruth Rocha (1976). Eu fiquei encantada com a *performance* da moça que estava contando. Tive vontade de fazer aquilo também. Mas como? A vida adulta e a responsabilidade me pesavam nos ombros. Eu precisaria passar no concurso antes de investir em qualquer outra área de formação. Essa é a primeira lembrança que tenho de uma contação de histórias enquanto arte da cena.

Segui atuando como contrato temporário na SEEDF de 1993 até 1996 quando passei em um concurso para efetiva e tomei posse. Em 1996, concluí minha graduação. Com o *sonho* realizado, já estava apta a sonhar outros *sonhos*. Até então, atuava com adultos e, ao ampliar a carga horária para 40 horas semanais, em 1997, começava o desafio de dar aulas para crianças, na prática. Havia tido muitas aulas de didática, mas foi no chão da sala de aula que os desafios reais começaram a surgir - e eram muitos. Eu investia na formação continuada. Sempre que podia, participava dos cursos oferecidos pela própria escola, pela Coordenação Regional de Ensino e pela Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais de Educação (EAPE). Em minhas opções metodológicas, buscava fazer escolhas que propiciassem a interação entre os estudantes, com espaço de escuta, não abrindo mão de aulas expositivas e do método tradicional de ensino. Mas habitava em mim uma vontade por algo diferente que talvez eu ainda não conhecesse.

Em 2000, aceitei o convite para atuar como coordenadora pedagógica do Centro de Ensino Fundamental 19 de Ceilândia. Finalmente, poderia experienciar a atuação para além da sala de aula, na condução e articulação de projetos junto ao grupo que eu começaria a coordenar. Assim, fui alternando, até o ano de 2007, entre as funções de coordenadora e de supervisora pedagógica. Foi uma experiência de muito crescimento profissional.

Considero o ano de 2007 um marco em minha trajetória, pois foi quando tive a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido pelos CVLOP ao participar do curso “A Arte de Contar Histórias”. Eu já havia tentado participar, mas ainda não tinha sido contemplada. Havia muita concorrência e o critério para seleção era o tempo de atuação na Secretaria, ou seja, quem fosse mais antigo tinha prioridade. Creio que eu começava a ser antiga. Assim, aquela vontade de contar histórias em um palco, nascida quando estava terminando a faculdade,

voltou a habitar meu ser. E vi despertar em mim uma contadora de histórias que estava adormecida. Fiz experimentos. Testei. Precisei contar uma história como exigência para a certificação e, novamente, a partir da vivência, fui me tornando uma contadora de histórias no percurso. Hoje, após ter participado de várias ações formativas com essa temática, entendo que ser contadora de histórias é uma pesquisa contínua, pois estamos em ininterrupta aprendizagem, como propõe Ângela Barcellos Café (2015) em sua pesquisa de doutorado. Para a certificação, era exigido o desenvolvimento de um projeto referente à leitura/contação de histórias na escola em que atuávamos. Assim, elaborei e executei, em parceria com outras professoras de Língua Portuguesa, o projeto intitulado “Eu também faço histórias”. Depois que eu fazia a contação de histórias para as turmas, as professoras debatiam sobre diversos gêneros narrativos, como mito, lenda, conto maravilhoso e crônica. Em seguida, havia algumas ações para incentivar a produção de textos com o objetivo de confeccionarmos um livro. Como coordenadora na escola, consegui envolver as demais professoras de Língua Portuguesa e o projeto teve como resultado uma coletânea das produções dos estudantes de todas as séries, comemorada com merecido evento para o lançamento.

Figura 3 - Dia de lançamento do livro dos estudantes a partir do projeto “Eu também faço histórias”, desenvolvido como requisito para certificação do curso “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: acervo pessoal da autora

Meu envolvimento no referido curso culminou em um convite para atuar como professora formadora no Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Ceilândia, onde trabalhei de 2008 até 2018. Ali, pude perceber que a formação que eu havia conhecido na Ceilândia era algo muito maior, que envolvia as catorze Coordenações Regionais de Ensino, em um trabalho em rede que se baseia no compartilhamento de experiências, ideias, saberes e fazeres.

Atuar nesses espaços ativa em mim a vontade de oferecer aquilo que tenho de melhor. Há a necessidade de pesquisa contínua, além da necessária *coragem* para enveredar por

caminhos desconhecidos. A humildade de reconhecer-me pequena frente a um trabalho tão grandioso. A noção do mosaico²⁶, em que várias ideias, sugestões, saberes e fazeres vão compondo uma verdadeira obra de arte para a educação pública do Distrito Federal. São muitas mãos, *sonhos, coragem, esperança* que impulsionam as e os profissionais a atuarem nesses espaços. A ideia de mosaico é a metáfora que adoto para esta pesquisa.

Entre 2013 e 2015, cursei uma segunda graduação, em Dança, fruto de uma parceria da SEEDF com o IFB. Meu TCC originou o projeto com o qual ingressei no mestrado em Artes Cênicas na UnB, defendido em 2017, cuja dissertação se chama “Rodas de Brincar: uma experiência com atividades lúdico-corporais junto aos professores formadores das Oficinas Pedagógicas do DF”²⁷. Em 2019, atuei na Oficina Pedagógica de Brazlândia e, no mesmo ano, fui remanejada, a pedido, para o CVLOP de Samambaia. Foi enriquecedora a experiência de trabalhar em CVLOP de diferentes Regionais de Ensino. Pude notar que, embora fossem diferentes profissionais, havia peças que uniam todo o trabalho, uma espécie de “rejunto do mosaico” que traz os princípios da ludicidade²⁸, das artes, da criatividade e da educação do sensível nas propostas de formação. Essa é parte da minha história. É com ela que me coloco na roda desta pesquisa, como pesquisadora, professora formadora e contadora de histórias.

Problematização e motivação

Acredito na importância de se estabelecer, nas escolas, um diálogo mais efetivo entre arte e educação. Para isso, podemos contar com os princípios da abordagem triangular para o ensino de artes: contextualizar, fazer e apreciar (Barbosa, 2019). Muitas vezes, docentes são egressos de uma formação fragmentada, que pouco valoriza a arte como processo, restringindo-se ao produto. É nesse contexto que a formação continuada se apresenta como possibilidade de

²⁶ Mosaico “é uma palavra de origem grega – *mousaikón* -, que significa das musas, o mesmo da palavra música, inspiradas nas nove filhas de Zeus e Mnemósine (Memória), chamadas de musas”. O significado etimológico dialoga com a proposta desta pesquisa. Maiores informações em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/mosaico> Acesso em: 17 ago. 2024, 07:10.

²⁷ Dissertação disponível no repositório da UnB, no endereço: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24665> Acesso em: 24 fev. 2022, 14:30. Publicada como livro em 2019 pela Editora CRV.

²⁸ Neste estudo, estabelecemos diálogo com a noção apresentada, principalmente, por Cipriano Luckési, que aborda a ludicidade como estado interno do sujeito, na vivência de um momento de plenitude e inteireza. A noção será aprofundada no capítulo 3. É, também, uma continuidade dos estudos realizados em minha pesquisa de mestrado. Para maior aprofundamento, sugiro a leitura da minha dissertação, em que produzi uma longa e aprofundada reflexão teórica sobre a noção de ludicidade (Leite, 2017).

contribuir para o desenvolvimento da e do profissional docente. É a formação com vistas à *trans*²⁹-*formação*.

A ludicidade, noção basilar no trabalho desenvolvido pelos CVLOP desde a década de 1980, embora esteja em expansão, ainda gera ressalvas no meio social e até no escolar, sendo muitas vezes considerado como algo menor. A ausência de vivências lúdicas na trajetória acadêmica de muitas professoras e professores contribui para essa percepção. Como oferecer aquilo que não se experimentou? O ensino tradicional permanece como referência em grande parte das práticas escolares. Dessa forma, é importante experimentar possibilidades novas, diferentes. Integrar as dimensões pensar-sentir-fazer é facilitar para que as vivências sejam mais efetivas, tornando a professora e o professor reais sujeitos de suas aprendizagens. Assim, quem sabe, a partir da própria experiência, a e o docente possam perceber, na pele, a importância de uma educação emancipatória em que as e os estudantes sejam os sujeitos de suas aprendizagens e não meros “depósitos” de conhecimentos, como tem perdurado a “educação bancária” (Freire, 1987) por tantas décadas. A formação continuada surge, então, como algo necessário para rever, refletir, retrazar caminhos, tendo amparo em legislação específica.

Nesta pesquisa, busquei investigar os efeitos da formação continuada pautada nos princípios da ludicidade e da educação estética, a partir de muitas vivências com as linguagens artísticas. As reflexões teóricas são fundamentais, especialmente para nos trazer o suporte necessário diante de questionamentos sobre as nossas escolhas metodológicas, mas a defesa é de que as dimensões teoria/prática sejam percebidas como indissociáveis na realidade investigada.

Com base em Luckési (2014, p. 16), compreendo que não existem atividades lúdicas; existem atividades que podem vir a ser lúdicas (ou não), “a depender do sujeito que as vivencia e da circunstância em que isto ocorre”. Sigo, então, com a *esperança* de logarmos êxito por uma educação mais prazerosa, que, de fato, alcance para além dos muros da escola, fazendo sentido para a vida das pessoas de forma emancipatória.

Sustento, pois, que a contação de histórias, tal como proposta no curso “A Arte de Contar Histórias”, ministrado pelos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas da SEEDF, configura-se como um saber de natureza interdisciplinar, cujos desdobramentos atravessam dimensões pedagógicas, sociopolíticas e artístico-culturais. Ao mesmo tempo, a

²⁹ Prefixo latino que significa: além, através (<https://www.infoescola.com/portugues/prefixos-latinos/> Acesso em 6 jul. 2025, 07:30). No caso, uma formação com vistas a produzir atravessamentos na trajetória pessoal e profissional das e dos participantes do curso.

pesquisa nos permite demonstrar como essa prática contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional de docentes das mais diversas áreas, etapas e modalidades de ensino.

Acreditar na educação pela arte como base do trabalho docente implica reconhecer o potencial das atividades propostas para despertar a criatividade, a emoção e a sensibilidade, contribuindo para o desenvolvimento integral de professoras e professores. No entanto, é comum que docentes se sintam inseguros diante de práticas que não vivenciaram - o que reforça a importância de espaços de experimentação. Quais são os efeitos de uma formação continuada atravessada por propostas lúdicas e artísticas, com foco na contação de histórias? Foi o que exploramos.

Um dos pontos fortes dos cursos oferecidos pelos CVLOP é o trabalho em rede. Primeiro, forma-se o grupo de formadoras e formadores em nível central; em seguida, a formação é ofertada às e aos cursistas nas 14 Regionais de Ensino que, para a certificação, precisa vincular o conteúdo da formação e sua realidade escolar - por meio de projetos ou outras ações pedagógicas junto aos estudantes. Assim, configura-se uma rede ativa, com presença em todo o DF, vivenciada no curso investigado.

Estrutura do Texto

O quadro metodológico está fundamentado na Pesquisa Documental, reconhecendo o valor do documento escrito como fonte nas ciências sociais de caráter histórico (Cellard, 2012). Por tratar-se de uma pesquisa guiada pela prática (Haseman, 2015; Tardif, 2012), também incorpora princípios da Pesquisa Etnográfico-Performativa (Hartmann; Castro, 2024). Assim, o estudo é predominantemente qualitativo, com contornos quantitativos e etnográfico-performativos. Este diálogo metodológico configura o que Kincheloe e Berry (2007, p. 17) denominam “Bricolagem Metodológica”: um processo cognitivo que envolve construção e reconstrução, diagnóstico contextual, negociação e readaptação da realidade investigada - uma abordagem pertinente diante do mosaico que foi construído.

Estabeleço, também, interlocuções, com a Teoria Histórico-Cultural e com a Pedagogia Histórico-Crítica que fundamentam o Currículo em Movimento da Educação Básica do DF (Saviani, 1991; Vigotski, 2001). Ao reunir os saberes científicos e os da experiência docente, tanto das professoras formadoras quanto das cursistas, apresento como essas vivências reverberam na constituição da profissionalidade docente.

As marcas da oralidade presentes nas entrevistas e rodas de conversa - como “né”, “tá”, “assim”, “então” - foram retiradas para favorecer a fluência da leitura, considerando o suporte

escrito deste registro. Além disso, devido ao fato de que cerca de 80% das participantes serem do gênero feminino, adotei a concordância no feminino como forma prioritária, com respeito e gratidão aos participantes do gênero masculino.

Os depoimentos recolhidos nos diferentes suportes (entrevistas, relatos, Rodas Memográficas) estarão em itálico para diferenciar das citações de textos publicados.

Por se tratar de uma pesquisa COM os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (representadas por suas professoras formadoras e cursistas) e, não, SOBRE elas, trago suas vozes, sempre que possível. Ao final de cada capítulo, é por meio da voz de alguma colaboradora o convite para a leitura do capítulo seguinte, seja por meio de um poema, uma prosa poética ou mesmo uma reflexão. Vez ou outra, ao longo do texto, há o trecho de uma música, uma história, um relato, ou um poema, pois os elementos artísticos se fazem presentes de forma orgânica na produção deste mosaico investigativo. No capítulo 4, ao abordar os elementos constitutivos do curso, apresentarei excertos dos Diários de Bordo de diferentes tempos e espaços, de acordo com as temáticas debatidas. Essa escolha foi inspirada na tese de Janaína de Souza Aragão (2021) “Formar, experienciar, encorajar: práticas de contação de histórias dramatizadas”. Os fragmentos são acompanhados pela identificação da fonte: CVLOP e ano. É uma maneira de, como um mosaico em 3D, apresentar as vozes de quem recebeu a formação, como cursistas, nas diferentes Oficinas Pedagógicas, em tempos distintos.

As professoras formadoras desejaram ser identificadas na narrativa, com nome real, havendo apenas uma exceção. Todas tiveram acesso ao texto antes da submissão à banca e o aprovaram. Para preservar a identidade das professoras e professores cursistas, emprego apenas as iniciais dos seus nomes.

Cada capítulo tece partes importantes da história que compõe este mosaico. O primeiro intitulado “E lá estávamos nós – em busca de trilhas possíveis (percursos teórico-metodológicos)”, apresenta os caminhos metodológicos de uma pesquisa viva, em que a noção de experiência é central. Fundamentada na Bricolagem Metodológica, a pesquisa tem por base o imbricamento de duas metodologias: Pesquisa Documental e Pesquisa Etnográfico-Performativa, sobre as quais desenvolvo reflexão teórica. Nesse capítulo, também verso sobre a produção da Memória Viva do curso e construo o Estado da Arte.

No segundo capítulo, “Em uma cidade nova localizada no Planalto Central, há algum tempo atrás”, contextualizo os espaços em que a experiência foi erigida (CVLOP), apresentando seus antecedentes históricos. Tornou-se necessário ir ao passado na busca de compreender o presente. Ao fazer a historiografia de um curso específico, adentrei a história dos CVLOP, que, por sua vez, integram o sistema público de ensino do Distrito Federal. As evidências apontam

para uma forte vinculação entre o trabalho desenvolvido nas Oficinas Pedagógicas e a proposta ousada para a educação pública idealizada por Anísio Teixeira, com ênfase na arte como elemento estruturante, para uma cidade nova.

No terceiro capítulo, “Em certo momento, teve gente sonhando antes da gente (movimentos embrionários do curso)”, apresento os antecedentes históricos (embriões) do curso, estabelecendo diálogo com a Teoria Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica. Faço uma revisão bibliográfica sobre educação estética na formação continuada de professores, sobre o papel das emoções e das subjetividades para os processos educativos e para a formação humana. Exploro a noção de ludicidade e d’a arte de contar histórias no espaço escolar.

O quarto capítulo, “Foi então que desvelamos os Segredos do *pó de Pirlimpimpim* (Metodologia do curso)”, descreve como o curso acontece na prática. Faço uma sistematização tanto do curso quanto dos encontros, não sendo receitas prontas, mas um mosaico de possibilidades, que constituem a metodologia do curso.

O quinto capítulo, “Foi assim que me contaram, foi assim: uma história polifônica escrita por muitas mãos e inscrita em muita gente”, apresenta a noção de memória. É construído com a participação direta de muitas personagens desta história, cujas vozes foram ouvidas durante entrevistas e as “Rodas Memográficas” realizadas com professoras e professores formadores e também com professores e professoras cursistas, além de coordenadoras e coordenadores do Núcleo das Oficinas Pedagógicas. Por meio desses relatos, são evidenciadas as repercussões do curso tanto na trajetória profissional quanto na vida dos colaboradores.

No sexto capítulo, “Até que um dia – como o curso aconteceu, apesar dos percalços, no tempo e no espaço”, sistematizo os dados quantitativos, convencionando que houve três gerações do curso e apresentando as parcerias com outros projetos.

Por fim, na sessão intitulada: “Finalmente, seguimos a caminhada... Felizes? Ainda que não seja para sempre?”, apresento as considerações finais com algumas proposições e reflexões suscitadas durante o processo investigativo.

Esclareço que a espinha dorsal desta pesquisa são os documentos encontrados nos acervos da EAPE, do Núcleo das Oficinas Pedagógicas e de diversos Diários de Bordo³⁰ do curso. Ainda que haja lacunas e contradições - já que nem todas as ações foram documentadas -, o registro desta experiência constitui um ato político. Mesmo diante da ausência de determinados dados, optei por focar no que foi possível registrar, abrindo caminhos para que futuras pesquisas complementem este trabalho. No campo macro, trata-se do registro de um

³⁰ Cada turma produz o seu Diário de Bordo, um caderno de registro coletivo, o qual passa a constituir o acervo documental das Oficinas Pedagógicas.

projeto pedagógico relevante, com quase quatro décadas de existência: as Oficinas Pedagógicas, das quais participaram mais de 350 professoras formadoras (1986-2025, incluindo as atuantes no Núcleo das Oficinas) - sendo incalculável o número de cursistas alcançadas desde a criação desses espaços. No campo micro, o curso “A Arte de Contar Histórias”, teremos números bem próximos à realidade vivida, propiciada pelo levantamento documental.

Juntando peças aqui e ali, eu, com a colaboração de muitas pessoas, fui compondo o mosaico da história das Oficinas e, também, do curso investigado. Durante as entrevistas e conversas informais com as colaboradoras, percebi uma demanda represada: o desejo de ver essa história organizada, reconhecida, publicizada. Foi recorrente o sentimento de representação, expresso em palavras, como: “*Que bom que estamos tendo você para organizar a nossa história! Tínhamos essa necessidade, alguém com disposição e coragem para encarar tão difícil e importante tarefa*” (Andrade, informação verbal, presencial, 22/10/22).

Enquanto professora formadora dos Centros de Vivências Lúdicas da SEEDF, convido a leitora e o leitor a me emprestem seus “olhos dourados”³¹ para que possam enxergar a história que vem sendo construída na educação do DF por docentes que, além da competência técnica, são movidos por *sonho, coragem e esperança*.

Vem comigo para a roda imaginária que abrimos no início deste texto? Que tal conhecer esse mosaico em que tantas pessoas contribuem para a existência desta história? Como convite para o primeiro capítulo, trago a voz de uma professora cursista, registro feito no segundo ano do curso ministrado como formação em rede:

*Seu nome é Oficina Pedagógica
ou será Oficina prazerosa?
Sua idade, não sei,
mas sei da sua intensidade,
sei também da sua imensidão,
da tênue brincadeira
que se transforma em educação.*

*Os momentos ali vividos
metamorfoseiam-se em arte e criação.
É o mais puro prazer!
É o mais simples viver!
E dessa simplicidade nascem as
verdadeiras transformações:
do ser que sabe, para o que vive: para aprender.*

Professora cursista do CVLOP do Plano Piloto/Cruzeiro, 2001

³¹ Quando vamos contar uma história, pegamos emprestada a expressão “Ouvidos Dourados”, utilizada pelo escritor Jonas Ribeiro (2008), como uma metáfora para uma partilha a partir de uma escuta atenta da história narrada. No caso, adaptei para o suporte escrito – “olhos dourados”, na intenção de solicitar à leitora e ao leitor sua atenção.

1 E LÁ ESTÁVAMOS NÓS – EM BUSCA DE TRILHAS POSSÍVEIS (PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS)

*Mosaicos são obras de arte. São feitos com cacos.
 Os cacos, em si, não têm beleza alguma.
 Mas se um artista os ajuntar segundo uma visão de beleza
 eles se transformam numa obra de arte.
 Músicas são mosaicos de sons. Notas são cacos.
 Não são nem bonitas nem feias.
 Mas se um compositor as organiza numa frase elas passam a dizer algo.
 Transformam-se em temas. Sonatas e sinfonias são feitas com temas entrelaçados.
 Também nós somos feitos de cacos.
 Somos um mosaico espiral.
 (Rubem Alves, 2007)*

É como a construção de um mosaico que percebo a elaboração desta pesquisa, que possui a contribuição de muitos e muitas colaboradoras. Encontrei documentos não sistematizados e fui fazendo as conexões e análises possíveis. Ia sendo presenteada com guardados. O mosaico ia crescendo. De repente, uma foto, um depoimento inesperado e a obra ia ganhando um *corpus* não imaginado inicialmente. Me sentia a artífice ao ir compondo esta obra de arte acadêmica, da qual participavam comigo muitas pessoas.

Neste capítulo, além do Estado da Arte³², apresento os percursos metodológicos da pesquisa que teve como base os registros documentais (Pesquisa Documental - Cellard, 2012) encontrados na EAPE (projetos, atas e relatórios de curso, atas de reunião), no Núcleo das Oficinas Pedagógicas (correspondências emitidas e recebidas, atas de reunião do Conselho das Oficinas Pedagógicas, fotos e vídeos, dentre outros) e registros nos Diários de Bordo do curso ministrados por diversos CVLOP. Impulsionada pelos movimentos da própria pesquisa, como em um efeito cascata, precisei adentrar por caminhos não previstos no projeto inicial: de um universo micro, o curso “A Arte de Contar Histórias”, foi necessário compreender o histórico dos CVLOP, responsáveis pela formação. Foi possível perceber a conexão que há entre este projeto e algo ainda maior: o ideário educacional pensado para a capital federal por Anísio Teixeira, portanto, mais abrangente, o qual será abordado no próximo capítulo.

Como o objetivo desta pesquisa é realizar o registro da história do curso no período de 1999 a 2019, analisando os impactos e sua contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional das professoras e professores de diferentes disciplinas, etapas e modalidades de ensino, busquei subsídio na noção de historiografia, que é uma palavra derivada do grego antigo: *historia*, significando “investigação” ou “narrativa de fatos”, e *grapho*, que se refere ao ato de escrever. Portanto, a historiografia pode ser entendida como “a escrita da narrativa de

³² Utilizado aqui como sinônimo de estado de conhecimento.

fatos”. É o estudo crítico da escrita da história, com as metodologias empregadas para narrar e interpretar o passado, ancorado nos dados históricos arquivados cronologicamente. No entanto, neste estudo, a historiografia precisou ser complementada pela noção de “memografia”, que pode ser compreendida como um procedimento metodológico de registro coletivo das memórias individuais, compartilhadas – geralmente por meio de entrevistas, rodas de conversa, áudios ou narrativas - com o objetivo de materializar memórias que emergem da interação social e que compõem o patrimônio vivo de um grupo. Essa foi a noção empregada para organização das “Rodas Memográficas”.

Além disso, convém ressaltar que o percurso profissional está intrinsecamente ligado à história pessoal de cada professor e professora. Como aponta António Nóvoa (1992), não é possível separar o “eu pessoal” do “eu profissional”, pois ambos se constituem mutuamente no processo de formação e de exercício da docência. A profissão docente se constrói na aquisição de saberes técnicos e na incorporação de experiências, valores, afetos e trajetórias de vida que dão sentido ao trabalho educativo, muitas vezes propiciadas durante a participação em cursos de formação continuada. Assim, podemos compreender que a formação não é um momento externo à vida do professor, mas parte integrante de um movimento mais amplo de constituição de si, em que o aprender e o ser se entrelaçam.

Para a composição do Estado da Arte³³ deste estudo, foi necessário delimitar o campo a partir de três principais descritores, quais sejam: 1. A Arte de Contar Histórias (ou Contação de Histórias); 2. Formação Continuada de Professores; 3. Memória. No entanto, o entrecruzamento desses três descritores não retornou resultados expressivos. De modo que, para facilitar o delineamento, busquei por pares, da seguinte forma: 1. A Arte de Contar Histórias e Formação Continuada de Professores; 2. A Arte de Contar Histórias e Memória; 3. Formação Continuada de Professores e Memória. Utilizei ainda os seguintes filtros: sem recorte temporal, em Língua Portuguesa, preferencialmente de autoras e autores brasileiros, com publicação *online*, sem determinação prévia dos programas de pós-graduação envolvidos. Deveria haver a presença de pelo menos dois dos descritores mencionados no título, resumo e/ou palavras-chave de cada trabalho.

Foram consultadas as bases de dados: Portal de Periódico da CAPES, Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Anais das Reuniões da Associação Brasileira de Pesquisa em Artes Cênicas (ABRACE), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), SciELO Brasil, Google Acadêmico e

³³ Nem todos os trabalhos mencionados estabelecem diálogo direto com a tese, mas os deixei relacionados no texto como reconhecimento de estudos que estão na mesma linha de investigação desta pesquisa.

Academia.com, tendo sido os resultados mais expressivos encontrados nessas duas últimas bases de dados. Como resultado, temos: 23 artigos, 9 dissertações e 5 teses.

São 16 artigos escritos em coautoria e 7 individuais, com um total de 44 autores, sendo 40 mulheres e 4 homens. Ou seja: 91% dos artigos foram escritos por mulheres. A grande maioria foi desenvolvida e/ou publicada por revistas relacionadas à Educação, seguida por Letras/Estudos Literários, Artes Cênicas e Ciência da Informação/Tecnologias. Dois artigos em especial (Andrade³⁴, 2017; Leite, 2017) merecem destaque por versarem sobre o principal objeto de estudo deste trabalho, o curso “A Arte de Contar Histórias”, ministrado pelos CVLOP. Há autores que se repetem em artigos diferentes (Aragão, Arapiraca, Chaluh).

Quadro 1 - Artigos que se relacionam com a tese

Nº	AUTOR	TÍTULO	ANO	DEP.º da publicação	INSTITUIÇÃO
01	ANDRADE, Aldanei Menegaz	A Arte de Contar Histórias: 20 anos de formação continuada nas Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal (1996-2016)	2016	Educação	UnB
02	ARAGÃO, Janaina de S; CHALUH, Laura Noemi	A linguagem do corpo expressivo na formação de professores iniciantes	2020	Educação	UNESP
03	ARAGÃO, Janaina de S; CHALUH, Laura Noemi.	Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores	2023	Educação	UNESP
04	BRAGANÇA, Inês F. de S.	Fragmentos autobiográficos: memória e formação contínua de professores	2001	Educação	Unijuí
05	CARMO, Maria Cláudia S. do; SANTOS, Karine C. dos	Quando contar histórias ultrapassa os muros da universidade: mostra performática sobre contos de esperança	2020	Letras/Literatura	UEFS
06	CARNEIRO, Ana P; SOUZA, Renata J. de	Contação de história e leitura literária: uma experiência com professores da escola pública	2022	Letras/Literatura	UEFS
07	COSTA, Ana K. T. da; BARZOTTO, Leoné A.	Rememorar para preservar: contação de histórias como instrumento da educação patrimonial	2018	Educação	UFGD
08	FASANELLO, Marina T.; PORTO, Marcelo F. de S.	A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica	2012	Educação	Unicamp
09	HARTMANN, Luciana	“Arte” e a “Ciência” de contar histórias: como a noção de <i>performance</i> pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática	2014	Artes	UFPB
10	LEITE, Cristina A.	As Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal e o fomento à criatividade na formação continuada de professores	2017	Artes	UnB
11	LIMA, Jannaina C.; ALMEIDA, Isabel C. D. L.; GOMES, Vitor	Práticas criativas no processo de alfabetização e encontros de formação de professores a partir da contação de histórias	2020	Educação	FIEP/ACIAP

³⁴ Aldanei Menegaz de Andrade é colaboradora desta pesquisa, desde a escrita do projeto, estando presente em todas as ações e fazendo a leitura generosa e crítica do texto, quando estava em construção.

12	LIMA, Valéria da S.; ANJOS, Maylta B.; RÔÇAS, Giselle	Formação docente e contação de histórias – comunicação e resistência em tempos de pandemia	2021	Educação	UFRRJ
13	MENDONÇA, Ismael L.	Experiência, memória e narração: o filme Narradores de Javé pela perspectiva benjaminiana	2023	Ciência da Informação	UFRGS
14	OLIVEIRA, Rosemary L; ARAPIRACA, Mary de A.	Formação para a contação de histórias	2020	Educação	UFBA
15	OLIVEIRA, Rosemary, L.; SANTOS, Luciene S.	A constituição do sujeito leitor pela via da contação de histórias	2020	Educação	FURG
16	OSTETTO, Luciana E.; SILVA, Greice D. de B.	Arte na formação docente para a educação infantil – procura-se!	2018	Educação	UniSul
17	RODRIGUES, Edvania B. T.	Incentivo à Leitura, contação de histórias e a formação de professores – um relato de experiência	2015	Educação	IFB
18	RODRIGUES, Isabel C. F. dos S.	Formação leitora e escritora: sujeitos que leem, contam e encantam na formação inicial e continuada	2019	Linguagens, Letras e Artes	CLAEC
19	ROSSONI, Janaina Cé; SILVA, Denise R. Q.	Caminhos para o bem-estar docente através da contação de histórias	2013	Educação	UFRGS
20	SANTOS, Luciene S; ARAPIRACA, Mary de Andrade; CARVALHO, Luciana M. A.	A preparação do conto e do contador de histórias	2022	Educação	UNEB
21	SILVA, M ^a Beatriz; ALBANO, Ronaldo M; GOMES, Aislla M de A.; LEMO, Julie A de A.	A contação de histórias e a formação do professor da Educação Infantil	2019	Educação	UEPB
22	SOUZA, Marinalva C.; CÓCO, Dilza	O trabalho com a literatura infantil na formação continuada de professores que ensinam matemática	2017	Educação	Unicamp
23	TORRES, Shirlei M; TETTAMANZI, Ana L. L.	Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação	2008	Letras/ Literatura	UFRGS

Fonte: elaborado pela autora, em jan. 2023.

No que se refere às dissertações que se relacionam com este estudo, 8 foram produzidas por mulheres e uma por um homem, ou seja, 89% das dissertações foram desenvolvidas por mulheres. A maior parte (7) foi desenvolvida em departamentos de Educação, havendo também uma desenvolvida no departamento de História Cultural e outra em Performances Culturais. Merecem destaque as dissertações de Cátia Martins (2003), em que a autora busca sistematizar as concepções de leitura dos participantes do curso ora investigado; e Aldanei Andrade (2012), cujo estudo versa sobre contadores de histórias no Distrito Federal e reflete sobre a oralidade enquanto campo metodológico de investigação historiográfica.

Quadro 2 - Dissertações que se relacionam com a tese

Nº	AUTOR	TÍTULO	ANO	DEP.º	INSTITUIÇÃO
01	ANDRADE, Aldaneí Menegaz	Quem conta um conto, aumenta um ponto: contadores de histórias no Distrito Federal (1991 a 2011)	2012	História Cultural	UnB
02	BELLO, Sérgio C.	Quem conta um conto... a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas	2004	Educação	UFSC
03	CARRIJO, Ranyelle R.	Memórias Literárias: A relevância da formação literária do professor para a mediação da literatura na Educação Básica	2022	Ensino	UFG
04	LEIRIA, Livia R. P.	Palavra, corpo e presença: A arte do professor contador de histórias	2011	Educação	Unicamp
05	MARTINS, Cátia R. B.	Análise das concepções de leitura no discurso de professores participantes de projeto de formação continuada	2003	Educação	UnB
06	MOTA, Luciene F.	Mulheres que educam: experiências de contadoras de histórias	2017	Educação	UFBA
07	RAMOS, Ana Cláudia	Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?	2011	Educação, Comunicação e Artes	UEL
08	ROSSONI, Janaina Cé	A contação de histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro	2013	Educação	UniLaSalle
09	SILVA, Valquíria D. da	Contar histórias com e no corpo: práticas em pedagogia performativa na formação continuada docente	2019	Performances Culturais	UFG

Fonte: elaborado pela autora, em jan. 2023.

Já no tocante às 5 teses relacionadas abaixo, todas foram produzidas por mulheres. Como se pode perceber, com a intersecção entre os três principais descritores (Arte de Contar Histórias, Memória e Formação Continuada de Professores), o conhecimento tem sido desenvolvido expressivamente por mulheres, fato que condiz também com as principais colaboradoras desta pesquisa e participantes do curso investigado. Todas as teses exploram a prática da contação de histórias, com enfoques diferentes. Há trabalhos que destacam a formação dos contadores de histórias, abordando o desenvolvimento de habilidades narrativas e pedagógicas (Aragão, 2021; Café, 2015; Santos, 2013), bem como a preservação da memória cultural por meio da contação de histórias e a importância de se manterem vivas as tradições narrativas (Café, 2015; Flach, 2013). Meri Gerlin (2015) estuda como as redes de contadores de histórias influenciam a habilidade narrativa e a competência em informação no século XXI. Luciene Santos (2013) e Janaina Aragão (2021) apresentam experiências que se aproximam bastante da realidade investigada, destacando a importância da formação continuada e da contação de histórias para a educação.

Quadro 3 - Teses que se relacionam com este estudo

Nº	AUTOR	TÍTULO	ANO	DEP.º	INSTITUIÇÃO
01	ARAGÃO, Janaina de S.	Formar, experienciar, encorajar: práticas de contação de histórias dramatizadas	2021	Educação	UNESP
02	CAFÉ, Ângela B.	Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos	2015	Artes Cênicas	UnB
03	FLACH, Alessandra B.	Vozes da Memória: o contador de histórias em narrativas orais urbanas	2013	Letras/ Literatura	UFRGS
04	GERLIN, Meri N. M.	No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI	2015	Ciência da Informação	UnB
05	SANTOS, Luciene S.	A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor contador de histórias	2013	Educação	UFBA

Fonte: elaborado pela autora, em jan. 2023.

Convém esclarecer que os estudos sobre os temas presentes nesse recorte³⁵ constituem contribuições importantes para o campo, independente do departamento em que foram desenvolvidos, ficando ainda mais evidente a interdisciplinaridade presente no objeto deste estudo.

1.1 Breve contextualização do campo

Na capital do Brasil, desde antes da inauguração oficial do sistema de ensino, a importância da formação continuada foi considerada como fator contributivo para melhoria da qualidade da educação escolar. No começo, em parceria com outros estados e instituições, as professoras e professores pioneiros do DF tinham a oportunidade de formação em horário de serviço. Após engajamento e luta da categoria de professoras e professores, a formação continuada na SEEDF foi sistematizada e, atualmente, é formulada e implementada pela Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE) que define, propõe, elabora, coordena e implementa políticas e diretrizes. Tais ações são projetadas e executadas de acordo com as necessidades da rede pública e visam ao aprimoramento constante dos profissionais, tanto da carreira magistério quanto da carreira assistência³⁶. Ao longo do ano, são oferecidos cursos, oficinas, seminários, entre outros, que abrangem um grande leque de áreas e temas educacionais. Também, a depender da análise e aprovação da EAPE, podem ser

³⁵ Reitero que, apesar de se relacionarem com o tema desta tese, não foi possível estabelecer diálogo direto com todas as autoras mencionadas (em virtude do volume de informações desta investigação), mas o conteúdo das leituras contribuiu para embasar o trabalho. Assim, esclareço que, mesmo sendo relacionados trinta e sete textos, faço citação direta apenas de oito: Bragança (2001), Hartmann (2014b), Rodrigues (2015), Santos, Arapiraca, Carvalho (2022), Martins (2003), Aragão (2021), Café (2015) e Flach (2013).

³⁶ A Carreira Assistência é composta por profissionais que podem exercer as funções de Analista de Gestão Educacional, Técnico de Gestão Educacional, Agente e Monitor de Gestão Educacional.

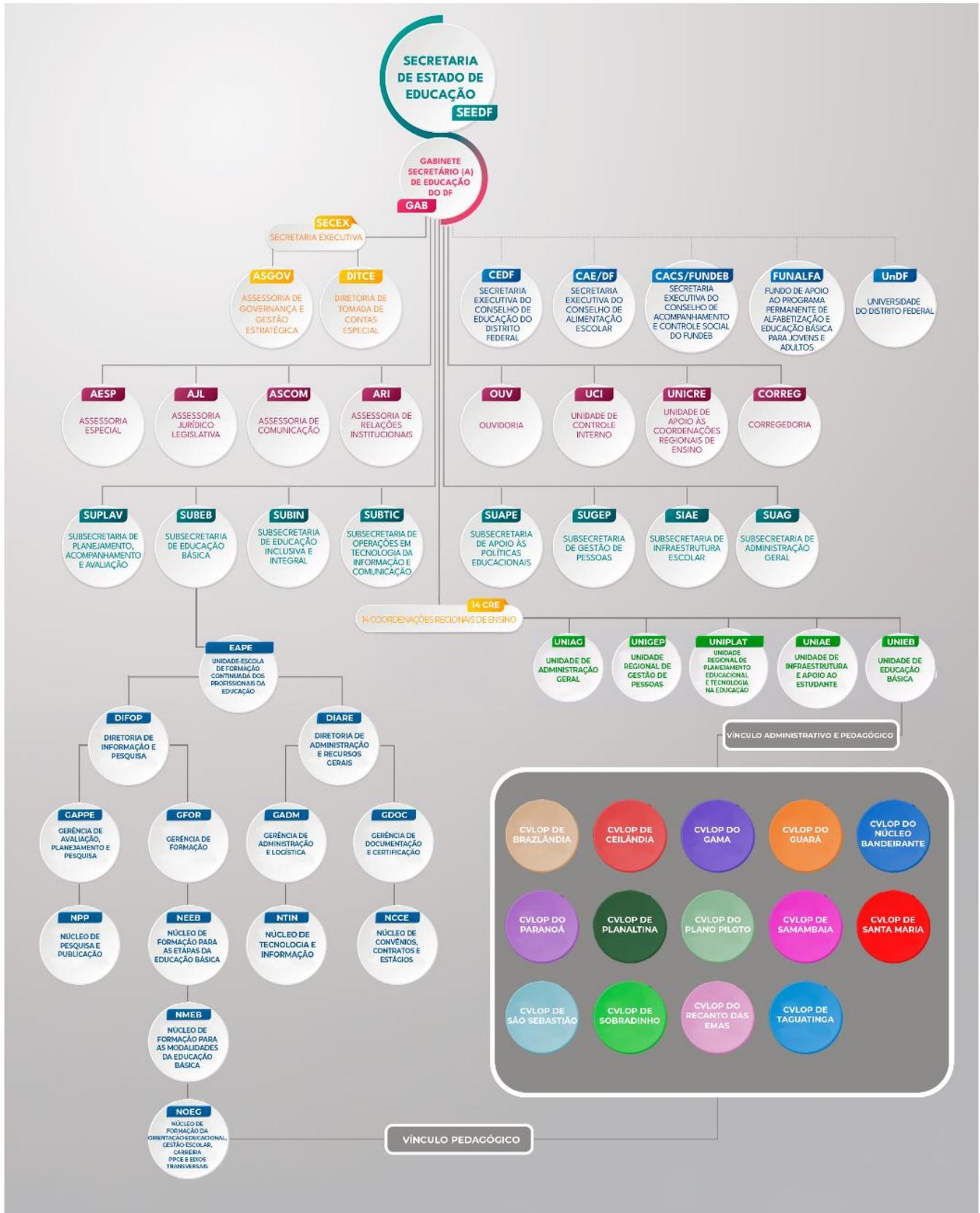
estabelecidas parcerias com outras instituições que oferecem cursos de formação continuada. Cada profissional pode se inscrever em apenas um curso por semestre, não sendo vedado participar de outras atividades formativas de menor carga horária como *workshops*, seminários, webinários, *lives*, *podcasts*, palestras e congressos.

Por sua vez, as professoras e professores formadores dos CVLOP, responsáveis por oferecerem o curso objeto deste estudo, atualmente, são coordenados diretamente por um profissional disponibilizado pela EAPE³⁷, reunindo-se, todos (14 equipes com 3 profissionais em média, concursados em diversas áreas do conhecimento), geralmente às quartas-feiras, para planejamento e coordenação de ações em rede. Estabelece-se, assim, um vínculo pedagógico entre cerca de 35 profissionais, os quais são lotados nas Unidades de Educação Básica (Unieb), distribuídos nas 14 Coordenações Regionais de Ensino (CRE), onde possuem tanto um vínculo pedagógico quanto administrativo. Essa dupla vinculação possui suas contradições, mas, até o momento, foi a maneira possível de organização.

Tentando esclarecer visualmente como acontece a dupla vinculação, elaborei o organograma a seguir. Convém ressaltar, no entanto, que a SEEDF é uma rede ampla, em que as mudanças acontecem rotineiramente e, talvez por isso, ela própria não apresenta um organograma geral com a presença de todos os elementos constitutivos. A intenção é que se consiga perceber visualmente como a dupla vinculação acontece e como os CVLOP seriam inseridos no organograma.

³⁷ Havia um Núcleo das Oficinas Pedagógicas (com cerca de 4 pessoas, em média) para coordenar as atividades, pois são muitas frentes de trabalho. No entanto, ele foi destituído desde 2023.

Figura 4 - Organograma da SEEDF, incluindo os CVLOP



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados disponíveis no site da SEEDF e da EAPE em 20 nov. 2024.

No tocante à realidade ora investigada na SEEDF, podemos sintetizar: uma rede de ensino ampla, com muitos setores envolvidos; um período dilatado de tempo de 20 anos (1999 a 2019), referente ao curso investigado, e de 39 anos (1986 a 2025) referente à existência dos CVLOP - responsáveis pela formação; a contribuição de várias professoras e professores formadores; a participação de muitas professoras e professores cursistas. Tudo isso nos levou a um objeto de estudo atravessado por várias dimensões: tempo, espaço, profissionais. Conseqüentemente, desde o princípio, foi notório que apenas uma metodologia de pesquisa não contemplaria o fenômeno que se buscava investigar. Assim, recorri à possibilidade da Bricolagem Metodológica, que serve como um guarda-chuva, no qual se podem inserir várias metodologias de pesquisa, no caso, a Pesquisa Documental e a Pesquisa Etnográfico-Performativa.

1.2 A Bricolagem Metodológica

A Bricolagem Metodológica foi introduzida por Lévi-Strauss (1989) no campo da antropologia e caracteriza-se pela combinação flexível de métodos e técnicas de diferentes disciplinas para atender às necessidades específicas de um estudo.

Ainda pouco difundida no campo da pesquisa qualitativa, a bricolagem, como metodologia de pesquisa, apresenta-se como uma possibilidade de compreensão do conhecimento de forma ampla e interdisciplinar. Trata-se de uma postura que fomenta a criatividade do pesquisador, o qual possui maior liberdade, inclusive para integrar, conforme a necessidade, aspectos quantitativos, qualitativos e etnográficos-performativos para analisar o fenômeno investigado, ampliando o campo de interpretação e análise. Conforme Rodrigues *et al.* (2016, p. 972):

Sem dúvida, o pesquisador se encontra num âmbito desafiador no campo das buscas científicas sociais e humanas, visto que não é mais possível enxergar a metodologia como um livro de receitas prontas para a coleta e tratamento dos dados. O caráter de abertura da bricolagem permite a reflexão mais profunda e ampla do objeto investigado, pois não é mais admissível o simples enquadramento do tema em método único, mesmo que, para isso, se tenha que buscar referenciais teóricos de áreas disciplinares distintas do conhecimento ao qual o objeto é tradicionalmente abordado ou percebido pelo pesquisador.

A interdisciplinaridade se faz presente de forma orgânica no objeto investigado. Dessa forma, a Bricolagem Metodológica se apresenta como uma maneira favorável para adentrar o campo. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no departamento de Artes Cênicas da UnB, que traça diálogo com o campo do arquivo/memória, da educação, da literatura, da arte e da história

da educação no DF. Macedo (2015) defende a importância da Bricolagem Metodológica para a pesquisa interdisciplinar no Brasil. Para ele, a colaboração entre especialistas de diferentes campos potencializa a geração de novos conhecimentos e a aplicação prática dos resultados da pesquisa. Assim, a noção presente na Bricolagem Metodológica se estabelece como uma perspectiva cara para esta pesquisa, já que, ao integrar múltiplas metodologias, tem-se a flexibilidade necessária para navegar pelas complexidades do fenômeno.

A Bricolagem Metodológica apresenta uma postura dialética e dialógica entre conhecimento e realidade. “Nessa abordagem, a pesquisa requer, acima de tudo, um compromisso social. Quanto melhor a pesquisa desempenhar essa tarefa, mais ela será rigorosa e vigorosa”, afirmam as autoras Rodrigues *et al.* (2016, p. 975). É, portanto, eminente o caráter social que a presente pesquisa desempenha, apresentando de forma inédita, para o Brasil e para o mundo, uma experiência singular e importante da educação pública do Distrito Federal.

No campo educacional, Kincheloe (2007) defende que a Bricolagem Metodológica permite uma exploração mais profunda e crítica dos fenômenos estudados, favorecendo a compreensão de suas complexidades e especificidades.

Há que se ressaltar, ainda, que a ideia de bricolagem dialoga com a noção do mosaico, metáfora escolhida para esta pesquisa. A autora Aline Nunes (2014) apresenta o termo “bricoladora” ao referir-se a si mesma enquanto adotante dessa postura metodológica. De minha parte, desde o princípio, assumo também a postura de “bricoladora”/*bricoleur* ou mosaicista neste estudo, como organizadora da história que está sendo contada. Segundo Macedo (2015):

As ações de formação que acolhem o *bricoleur* não elegem a criação como propriedade de uma inteligência privilegiada, ou de pacotes avaliativos que visam enquadrar, de forma a colonizar/pasteurizar a criação. Elas trabalham na sua totalidade, em favor do imaginário, da radicalidade da sua capacidade de criar, de extirpar o medo da experiência e da diferença. O *bricoleur* projeta-se, lança-se por uma errância que se quer fecunda e implicada à criação. Configura-se no sujeito erótico em ação, está muito próximo do artista, do artesão (Macedo, 2015, p. 60).

Como artesã deste trabalho acadêmico, partindo do pressuposto de que toda pesquisa é singular e ela própria orienta os caminhos a serem percorridos, a presente tese buscou explorar o campo com os princípios metodológicos da Pesquisa Documental e da Pesquisa Etnográfico-Performativa, levando ainda em conta os fundamentos da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica (desenvolvidos no capítulo 3), basilares dos documentos norteadores da Educação Básica no Distrito Federal em 2025.

1.2.1 *Pesquisa Documental: O encontro com os (guar)dados*

André Cellard (2012) afirma que as capacidades da memória são limitadas e, nesse sentido, o documento escrito é uma fonte preciosa para as pesquisas nas ciências sociais, sendo, inclusive, insubstituível para a reconstituição do passado. Com o tempo, a história social ampliou a noção de documento, passando a considerar tudo que apresenta vestígio do passado como fonte (textos escritos e, também, documentos de natureza iconográfica e audiovisual).

Após todos os trâmites para acesso aos dados junto à instituição e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, ao proceder às análises dos dados, de 1996 (1ª referência que eu tinha) até 2019 alusivas apenas ao curso “A Arte de Contar Histórias”, lacunas iam se abrindo. Dúvidas iam sendo suscitadas, bem como a necessidade de ampliar o olhar e os entendimentos. Assim, resolvi buscar os registros do trabalho dos CVLOP desde sua instituição, em 1986, até 2019, na intenção de entender os contextos e descobri que, com esse nome específico, “A Arte de Contar Histórias”, a primeira ocorrência se deu em 1999, diferentemente da referência inicial que eu tinha.

Algum tempo depois dessa primeira análise de dados, instigada pelas descobertas feitas, senti a necessidade de complementar, buscando entender as conexões entre as ações de formação continuada com viés das artes oferecidas à rede desde os registros iniciais (1973) e a demanda que o trabalho das Oficinas veio atender dentro da SEEDF. Assemelhou-se a um processo de escavação *artístico-histórico-pedagógica*, em que as análises dos dados mostravam pistas, mas eram insuficientes para sanar as dúvidas. Assim, surgiu a necessidade de conversar com as pessoas, compartilhar e validar os dados, entender os contextos, buscar os esclarecimentos, tirar dúvidas, resgatar memórias, realinhar os percursos da pesquisa.

Houve anos em que não havia registro de nenhum curso ministrado pelos CVLOP (2004, 2º semestre de 2009, 2010). Por quê? O próprio curso “A Arte de Contar Histórias”, ministrado pelos CVLOP, não aparece nos dados em vários anos (2004, 2005, de 2009 até 2014). O que teria acontecido? Houve outros estranhamentos também. Como descobrir o que aconteceu à época? Então foi criado o subprojeto “Rodas Memográficas: histórias inscritas nas memórias a partir do curso: A Arte de Contar Histórias, oferecido pelos Centros de Vivências Lúdicas da SEEDF”, projeto sobre o qual tecerei reflexões mais aprofundadas no capítulo 5.

1.2.1.1 Caracterização do acervo documental pesquisado

A presente pesquisa teve acesso ao acervo documental dos arquivos da EAPE (arquivos separados em livros e caixas, em que se percebe a evolução no procedimento para arquivamento). O Setor de Documentação possui um livro-catálogo que menciona a caixa e o livro em que se encontra o objeto de interesse para a pesquisa. Foi a partir das atas de cursos que se tornou possível o levantamento dos dados quantitativos presentes no Capítulo 6 deste estudo. Também houve acesso aos arquivos do Núcleo das Oficinas Pedagógicas e a Diários de Bordo do curso de alguns CVLOP.

O arcabouço documental e suas análises foram construídos em cerca de 5 meses a partir de quase 6.000 fotos de documentos, inicialmente, para traçar o panorama da parte quantitativa da pesquisa. Deparar-me com tantos cursos, por tantos anos fazia com que começasse a me habitar um sentimento diferente: o da responsabilidade que eu tinha ao fazer o registro deste histórico. Após levantamento dos profissionais atuantes, especificamente, nas Oficinas Pedagógicas, muitos estavam aposentados e alguns, cujo nome eu sabia, já haviam desencarnado³⁸. Precisavam ser honrados, lembrados e reverenciados pelo legado deixado, por terem aberto os caminhos para que hoje pudéssemos transitar.

Deixo também expressa a gratidão a todas e todos os profissionais, *esperançosos, sonhadores e corajosos* que compuseram o coletivo dos CVLOP ao longo de 39 anos, sendo cerca de 310 docentes (1986-2019), dos quais, aproximadamente, 250 são professoras, ou seja, 81% do coletivo foi e é composto por mulheres, uma característica vanguardista deste trabalho, pois, lá no início, quando as Oficinas Pedagógicas possuíam maquinário, as mulheres os manuseavam. Havia serras circulares, serras tico-tico e tantas outras ferramentas para as quais eram oferecidas formações com vistas à aprendizagem do manuseio. Havia homens também, mas muitas das mulheres eram responsáveis por essa função. Atente-se ao depoimento da professora formadora Conceição Batista, uma pioneira no trabalho das Oficinas:

O trabalho mais difícil era cortar as peças na serra circular e usar a guilhotina. Na serra, eram feitas as peças de jogo da memória, dominó, etc. O mais difícil era o lince que as peças tinham 2cm por 2cm. Me lembro de quando estava grávida e a serra passava a alguns centímetros da minha barriga. Um colega chegou a perder a ponta de dois dedos na guilhotina. O material que usava para alfabetizar minhas filhas eu

³⁸Expresso homenagem póstuma aos professores formadores dos CVLOP: Lys Férrer (Ceilândia e Samambaia), Wilson do Val (Brazlândia), Lenilda Rodrigues (Santa Maria), Denilson Rosa (Planaltina). Ainda durante o desenvolvimento da pesquisa, tivemos a partida de: Manoel Pereira (Gama) e Ediberto Queijada (Taguatinga), ambos homenageados, ainda em vida, na Câmara Legislativa, a partir dos movimentos da pesquisa. Profundos agradecimentos pela colaboração ao trabalho dos CVLOP.

fabricava na Oficina, assim eu fazia o laboratório de testagem (Silva, informação verbal, em texto, WhatsApp, 19/7/2022).

Ao longo do tempo, as equipes dos CVLOP já ofereceram inúmeras ações formativas devidamente certificadas pela EAPE (cursos, oficinas temáticas e eventos, cujos nomes compõem o Apêndice B). A formação de formadores (FORFO), em que a maioria acontece entre pares, sem hierarquias, compõe o Apêndice C. Diante de um trabalho tão expressivo, nasceu em mim a preocupação de não falar sozinha sobre uma experiência totalmente coletiva. Convidei as pessoas para contarem esta história comigo, e todas as convidadas aceitaram de pronto o convite, mesmo estando aposentadas, seja para ceder uma entrevista, para participar dos encontros presenciais, para ler o texto em processo de construção ou mesmo para participar do documentário, o que evidencia o engajamento que esse grupo tem com o trabalho executado. Há uma máxima recorrente que diz “Saio da Oficina, mas a Oficina não sai de mim”. Assim é para quem também deixa de atuar nos CVLOP para ir a outros espaços da SEEDF. Atuar nas Oficinas é ter o trabalho correndo nas veias: a busca pela excelência, o cuidado com os detalhes. Cabe destaque o tempo de atuação das professoras e professores formadores nos CVLOP, apesar das dificuldades, geralmente se estende por muito tempo. A demanda represada é contribuir para que o presente registro seja feito.

Apesar da evolução do tempo, de hoje em dia eles trabalharem com tanta coisa diferente, eu acho a Oficina Pedagógica impecável. Tudo o que ela faz é bem-feito, é bonito, é criativo. A gente só não tem respaldo de ninguém. Pelo menos você agora vai escrever, ter um livro contando essa história, mas se não fosse isso, ia ficar ao deus-dará, uma coisa que passou, como nuvem passageira. Foi muito bonita a Oficina Pedagógica, cada encontro maravilhoso que a gente já teve! Todo mundo participando, naquela humildade, todo mundo amigo, todo mundo festivo. A vida inteira eu vou me lembrar que eu fuiicineira (Fernandes, entrevista semiestruturada – Google Meet, 27/11/2024).

Sinto a minha responsabilidade suavizada, por poder contar com todo esse apoio, pois este registro esteve, assim como o próprio trabalho que emana do coletivo, “com-partilhado”. Inclusive, houve professoras formadoras que se dispuseram a fazer a leitura deste texto enquanto estava sendo produzido, tecendo considerações e sugestões de maneira crítica e generosa, pesquisando-se “com” os sujeitos e, não “sobre” eles.

Nem toda a realidade é apresentada nos dados. Por exemplo: há o relato de muitos cursos que aconteceram e NÃO foram certificados - nem pela EAPE e nem por outra instituição. Por entender que esses dados iriam muito além do que eu me propus a investigar, optei por basear toda a pesquisa pelos dados oficiais encontrados nos arquivos da EAPE e do Núcleo das

Oficinas Pedagógicas. Portanto, ater-me ao histórico devidamente documentado já constituiu grande desafio.

Ainda sobre o processo de análise documental dos arquivos da EAPE, cabe ressaltar que nem todo ano arquivado possui a mesma constituição, dificultando a construção dos dados, por exemplo: há anos em que só se arquivaram as atas dos cursos. Houve anos em que constavam a proposta e a ata, não havendo um padrão, especialmente antes de 2010. Em 2025, tem-se tudo referente ao curso (proposta, atas, relatórios) em um só lugar. O processo de arquivamento foi sendo aprimorado com o tempo. Em alguns anos, constatei incoerências entre a quantidade de certificados emitidos - registrados na lista de certificados, expedida para assinatura dos cursistas quando do recebimento - e a quantidade de cursistas habilitados na ata. Observei divergências de um ou dois cursistas para mais ou para menos, já que havia, em algumas listas de certificados, o nome “MODELO”, contando como um participante. Dessa forma, decidi considerar o quantitativo de cursistas habilitados conforme os dados contidos nas atas do curso e não na lista de certificados. Além disso, encontrei erros na numeração das atas, como a ausência de um número, por isso, a quantidade de professores cursistas habilitados nem sempre conferia. Assim, foi possível perceber que, nos próprios registros, pode haver desvios e fragilidades. Foi um trabalho minucioso de “escavação”, análise e síntese.

Para entender o presente, precisamos conhecer e interpretar o passado. Porém, dependendo da situação, muitas vezes se torna difícil resgatar a história, especialmente quando se dá à experiência vivida um valor maior em comparação ao registro da vivência. Assim, desenvolvem-se muitas comunidades: com conhecimentos e histórias transmitidas oralmente de geração a geração. No entanto, podemos perder o contato com essas referências vivas de uma história, o que dificulta o entendimento de dada realidade. Partindo dos dados documentais, incluindo fotos, estabeleci contato com alguns registros em vídeo (*Video Histórico das Oficinas*³⁹ e *Documentário dos 30 anos*⁴⁰). Ainda assim, para me certificar melhor das informações encontradas, fui às fontes primárias na tentativa de montar o mosaico histórico e memorialístico das Oficinas. Ir ao passado como propulsor do presente foi um caminho para fazer as análises aqui propostas e, também, para proceder ao registro da história da forma mais fidedigna possível, a qual precisa estar disponível para, talvez, inspirar outras experiências. Nesse percurso, entrei em contato com Ruitter Lima e com Elisabete Batista - ambos

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u7QsqNlrPZg&t=315s> Acesso em: 15 jul. 2024, 23:45.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4dnq3gMW3lk&list=PLY1P4gtYD4HTvfhqzN6tF8TVGIrhGQwhi> Acesso em: 15 jul. 2024, 23:50.

aposentados e responsáveis pelo início das Oficinas -, que me trouxeram informações registradas no próximo capítulo.

Decidi que o histórico que havia começado a organizar seria a contrapartida da minha pesquisa para minhas e meus colaboradores, registro que se faria importante inclusive para fins de aposentadoria, uma vez que, ao serem lotados nas Unidade de Educação Básica (Unieb) das Coordenações Regionais de Ensino (CRE), o direito à aposentadoria especial⁴¹ é questionado, já que o entendimento é de que se trata de trabalho administrativo. Docentes atuantes nos CVLOP executam todas as tarefas características da docência: planejamento e oferta de aulas, elaboração de propostas e relatórios de cursos, acompanhamento de projetos desenvolvidos por professoras da Educação Básica nas escolas, avaliação do desempenho, preenchimento de frequência bem como habilitação ou não de professores cursistas participantes. São aulas ministradas para professoras da Educação Básica. Cabem reflexões, ainda que não no contexto desta pesquisa, sobre os entendimentos a respeito da perda do direito à aposentadoria especial.

Cabe ressaltar que o trabalho dos CVLOP é exponencial. Ao formar uma turma com 25 professoras cursistas, por exemplo, projetando que elas possuam 25 estudantes em sala, 625 alunos da Educação Básica estarão sendo beneficiados, de maneira indireta, por cada turma de curso oferecida. É uma projeção tímida e modesta, uma vez que há atendimento a professoras de áreas específicas, membros da direção, coordenadoras e orientadoras educacionais, cuja quantidade de estudantes a ser beneficiada é muito maior. Além disso, sempre foi solicitada, como requisito para a certificação, a vinculação do curso a uma ação ou projeto pedagógico na escola em que o participante atua, independentemente da função que exerce.

Outra razão que fortalece a necessidade do registro do histórico dos CVLOP é que os certificados de cursos ministrados pelas Oficinas são emitidos pela EAPE e, em nenhum momento, há referência à participação dos CVLOP na formação ministrada. Quando precisei verificar quais cursos já haviam sido ofertados especificamente pelos CVLOP, não foi possível conseguir esta informação no catálogo de cursos que existe na EAPE. Lá consta apenas o registro do nome do curso. Como saber quem foi responsável pela oferta da formação? Foi necessário abrir caixa por caixa para verificar se a ação formativa havia sido proposta ou não pelas Oficinas, o que aumentou bastante o tempo dispensado no trabalho investigativo. Este registro é, portanto, uma reparação histórica.

⁴¹ O artigo 40 da Constituição Federal prevê a possibilidade de aposentadoria especial para o exercício do magistério, ao qual foram acrescentadas emendas, estando vigente a de nº 103 de 12/11/2019, que altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias.

Acresce-se o fato de que nem sempre as mudanças na dinâmica do trabalho cotidiano ficam registradas. Há casos, por exemplo, em que a alteração de formadores ou a não realização de turmas previstas no projeto do curso não foram documentadas. Apesar dos avanços com novas plataformas de inscrição e certificação, ainda há muito a aprimorar nos processos de arquivamento institucional das ações formativas. O caso das Oficinas Pedagógicas não é isolado. Em muitas instituições brasileiras, observa-se uma fragilidade no cuidado com a memória e seus registros, especialmente quando se trata de práticas simbólicas e sensíveis, como é o caso d'a arte de contar histórias, arte da cena que ocupa o lugar do efêmero. Ana Lúcia Gomes e Elizângela Carrijo (2018) apresentaram dificuldades semelhantes ao buscarem fazer o registro do teatro no DF, experiência com a qual me identifiquei ao encontrar dificuldades semelhantes no registro da história de um curso. Segundo elas:

O reconhecimento das dificuldades em preservar essa memória tem sido um elemento recorrente nas reflexões daqueles que se debruçam sobre o problema da preservação dos instantes que constroem as cenas que, por natureza, se esvaem após cada minuto de execução e que se modificam a cada apresentação. Essa questão, própria ao campo das artes cênicas, até algumas décadas atrás, hoje também se apresenta para outras artes em que o conceito do fluido e do movente estão presentes, como é o caso das performances, instalações artísticas, videoartes e outras, levando-nos a pensar não só sobre como registrar os processos e os resultados dessas criações artísticas, mas também depois que elas se tornam documentos, sobre como localizar, armazenar, preservar, conservar e divulgar os tais suportes de informação (Gomes, Carrijo, 2018, p. 15-13).

O curso investigado adota instrumentos como o Portfólio⁴² e o diário de bordo, aos quais tive acesso a partir das Oficinas Pedagógicas, e não dos registros documentais da EAPE, os quais ainda carecem de uma política institucional mais estruturada e sistemática de documentação. As autoras citadas mencionam ainda que o campo da memória é também o campo do conflito: a lembrança de uns não raramente pode significar o esquecimento de outros (Gomes, Carrijo, 2018, p. 16).

Nesse sentido, pensar a memória de um curso como “A Arte de Contar Histórias” requer o reconhecimento de que sua força formativa reside justamente na experiência - transitória, simbólica, sensível - e, por isso, sua documentação poderia ir além dos aspectos burocráticos. Percebe-se que, mais recentemente, existe a preocupação de se manter o registro de falas dos cursistas com avaliações, por exemplo, mas ainda não se sistematizou uma maneira de tornar esses dados publicizados. Afinal, como as autoras ainda refletem no texto, a preservação do patrimônio brasileiro, para além de registrar o passado, torna-se uma tarefa de se pensar o futuro.

⁴² Os dispositivos “Portfólio” e “Diário de Bordo”, na realidade investigada, serão detalhados no capítulo 4.

Figura 5 - Armário em que ficam as caixas com os arquivos documentais, na EAPE



Fonte: acervo pessoal da autora.

Foi possível, também, acessar os arquivos do Núcleo das Oficinas Pedagógicas (atualmente desativado⁴³), em que os documentos possuem certa estrutura de arquivamento especialmente até meados dos anos 2000. Após isso, os arquivos estavam soltos, misturados, espalhados em diferentes lugares de um depósito minúsculo, em que havia também muito material pedagógico, recursos para contar histórias, jogos e poeira, muita poeira. Foi necessária uma verdadeira escavação com o intuito de selecionar e proceder à historiografia a partir dos arquivos documentais.

Figura 6 - Armário em que ficavam as caixas com os arquivos documentais no Núcleo das Oficinas Pedagógicas



Fonte: acervo pessoal da autora.

Cellard (2012, p. 305) esclarece que “o tempo passado na coleta dos dados frequentemente possibilita uma reflexão contínua e maturação de algumas ideias e hipóteses que levam à formulação de explicações plausíveis”. No entanto, a análise documental desta

⁴³ Havia a promessa de reativação em 2025, o que, até a escrita da tese, ainda não aconteceu, pois há apenas uma pessoa responsável por toda a coordenação do trabalho, quantitativo bem abaixo do necessário.

investigação trouxe dúvidas impossíveis de serem sanadas nos próprios documentos. Assim, em uma linha do tempo que elaborei para organizar a história, tanto do atendimento dos CVLOP, quanto do curso, fui registrando as dúvidas para sanar na conversa com as pessoas que vivenciaram as experiências à época, na 1ª Roda Memográfica (presencial), que ocorreu em 6/5/2022.

Após organizar os dados documentais recolhidos na EAPE referentes aos 14 CVLOP, desde 1986 até 2019, começaram as minhas visitas aos espaços físicos das Oficinas Pedagógicas para apresentar e compartilhar o levantamento feito, tirar algumas dúvidas, cruzar os dados, estabelecer diálogo, propiciando gatilhos para aguçamento das memórias. Nessas visitas, pude contar com a companhia de Amon Beranni, técnico em audiovisual que fazia os registros fotográficos e videográficos. A frase mais recorrente era “acho que peguei o caminho errado” e, por inúmeras vezes, dei voltas a mais até encontrar o destino, literalmente falando. Fato é que por várias vezes também me questionei se estava fazendo as escolhas certas com relação aos recortes necessários para a organização desta história.

Merece menção especial o lanche com o qual eu era recebida em praticamente todas as visitas. Mesa posta, carinho e atenção, vontade de contribuir, anseio por terem essa história contada. Algumas vezes, pipocas me foram servidas durante a visita e pipocas iam saltitando na minha cabeça. Eram ideias, impressões e ampliação de dúvidas. Apesar de se tratar de dados frios e duros, era um trabalho artesanal na construção do mosaico, já que eu ia recolhendo as informações e ao buscar interpretá-las, ia me assombrando - e também me deliciando - com o que encontrava. Primeiro, busquei identificar os cursos oferecidos no período de 1986 até 2020.

Figura 7 - Registros do processo metodológico para análise documental

Registros de 1986 a 1990 (papel pardo aberto)



7 papéis pardos para conseguir condensar as informações de 1986 a 2020.



Fonte: acervo pessoal da autora

Depois dessa primeira escavação *artístico-histórico-pedagógica*, foi necessário separar as ações por cada CVLOP, de modo a construir o mosaico de memórias de formação pautado nos dados de cada Oficina Pedagógica, individualmente. A necessidade de conferir e validar os achados com o coletivo aumentava.

Figura 8 - Registros do processo metodológico para análise documental. Total de 14 folhas de papel pardo, um para cada CVLOP



Fonte: acervo pessoal da autora

Todas as Oficinas Pedagógicas visitadas me ofereceram dados para a composição deste mosaico. Fui encontrando informações que se completavam e se confirmavam. Surgiam motivos, desenhos, tesselas unindo as peças do mosaico, com rejunte próprio. Inclusive, todos os CVLOP visitados me emprestaram fotos antigas dos espaços e, onde não tinha foto no momento da visita, algumas professoras formadoras me enviaram depois e eu revelei ou imprimi, para ir completando o mosaico. Dessa forma, foi possível montar as exposições de fotos antigas durante os eventos organizados por mim, sobre os quais ainda tecerei reflexões.

Figura 9 - Exposição de fotos antigas em eventos promovidos pela pesquisa



1ª Roda Memográfica, 6/5/2022
* Fotos com apenas 11 CVLOP



5ª Roda Memográfica, 31/5/2023
* O mosaico de fotos ainda não estava completo.



Sessão Solene em Homenagem ao aniversário de 38 anos das Oficinas Pedagógicas na CLDF, 7/6/2024
* Já havia fotos do Núcleo e de todas as Oficinas Pedagógicas.

Fonte: acervo pessoal da autora

Outra fonte importante de dados pesquisados são os Diários de Bordo, sobre os quais trarei informações mais detalhadas no capítulo 4. Por ora, apenas contextualizo como foi construído este acervo documental.

Figura 10 - Mosaico de contribuições para análise



Fonte: acervo pessoal da autora

Nas visitas que fiz às Oficinas Pedagógicas, houve algumas que me disponibilizaram, para empréstimo, todos os Diários de Bordo que eu quisesse; outras em que os diários foram extraviados e, por isso, não pude ter acesso; ainda tiveram outras em que os integrantes atuais dos CVLOP não se sentiram confortáveis para emprestarem nada que fosse retirado do espaço da Oficina, sem se oporem à pesquisa *in loco*. Após a seleção dos registros que poderiam ser mais interessantes, fotografei as páginas e fiquei com cerca de 650 imagens de registros dos Diários de Bordo para posterior análise. Esse acervo foi constituído da seguinte forma:

Quadro 4 - Descrição do acervo a que tive acesso para a pesquisa (Diários de Bordo e/ou Portfólios do curso)

CVLOP	Unidades a que tive acesso
CVLOP de Brazlândia	Formação de Formadores (2015), 2003, 2016
CVLOP de Ceilândia	2003, 2007, 2015, 2018
CVLOP do Guará	2017
CVLOP do Núcleo Bandeirante	2006, 2007 (matutino), 2007 (vespertino), 2016
CVLOP do Paranoá	2006
CVLOP do Plano Piloto/Cruzeiro	2007, 2016 (matutino), 2016 (vespertino)
CVLOP de Samambaia	2008, 2015, 2016 (matutino), 2016 (vespertino)
CVLOP de São Sebastião	2016
CVLOP de Sobradinho	2003, 2006, 2008, 2017, 2019
CVLOP de Santa Maria	2015
CVLOP do Recanto das Emas	2019
Núcleo das Oficinas Pedagógicas	2006
Total de Diários de Bordo e/ou Portfólios lidos/ analisados: 29, de 11 CVLOP diferentes. 650 imagens para estudo após seleção	

Fonte: elaborado pela autora, em jun. 2022.

Portanto, foi possível ler e analisar 29 Diários de Bordo e/ou Portfólios do curso. Minha preocupação ao recolher esse material foi, principalmente, garantir a posse de pelo menos um diário e/ou Portfólio de cada ano em que o curso foi ministrado, e isso eu consegui alcançar.

Lüdke e André (1986) enfatizam o valor da análise documental no campo educacional, apontando-a como um caminho possível para a compreensão de políticas educacionais e práticas pedagógicas ao longo da história, noções importantes para a historiografia que se registrou no presente estudo. A Pesquisa Documental, além de construir os dados, propiciou uma análise que impôs uma escavação em camadas diferentes do fenômeno, inicialmente buscando analisar e categorizar os dados quantitativos. Apesar de insuficientes para toda a análise necessária, foram fundamentais para mostrar pistas de caminhos a percorrer, sendo complementados, pelos fundamentos da Pesquisa Etnográfico-Performativa como metodologia.

1.2.2 A Pesquisa Etnográfico-Performativa

Constituindo uma categoria de pesquisa-guiada-pela-prática, a metodologia da Pesquisa Etnográfico-Performativa me foi apresentada pelo grupo Imagens e(m) Cena, do qual sou integrante, sendo uma reconfiguração da Etnografia Propositiva desenvolvida anteriormente por Luciana Hartmann - líder do referido grupo - (Vieira, 2023). É uma metodologia que vem ganhando destaque nos estudos contemporâneos, pois prevê não apenas a observação participante, mas processos de criação junto aos colaboradores, unindo teoria e prática em um processo contínuo de reflexão-ação-reflexão.

No texto “Manifesto pela Pesquisa Performativa” (2015), Brad Haseman, professor da Universidade de Queensland (Austrália) e um dos precursores na definição dessa abordagem, apresenta os princípios que fazem com que a pesquisa performativa seja uma terceira categoria, para além da pesquisa qualitativa e quantitativa, já que há “diferentes abordagens para projetar, conduzir e relatar a investigação” (Haseman, 2015, p. 41). Esse novo paradigma de investigação altera a forma como se relaciona com o problema da pesquisa. Tanto na abordagem quantitativa quanto na qualitativa, a pesquisa precisa partir de um problema pré-definido, geralmente bem delimitado. Já na abordagem performativa, há um mergulho na situação a ser investigada, o qual acontece muitas vezes pelo maravilhamento que a situação causa ao pesquisador, ou nas palavras de Haseman (2015, p. 44): “Entusiasmo da prática. Pesquisadores guiados-pela-prática constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática segue. Eles tendem a ‘mergulhar’, começar a praticar para ver o que emerge”. É dessa forma que me percebo frente

ao objeto desta pesquisa: sou levada pelo maravilhamento que a experiência me proporcionou e isso me gera engajamento para buscar entender, refletir, propor novas situações junto às interlocutoras e aos interlocutores, na busca de refletir e produzir com elas e eles. A metodologia Etnográfico-Performativa é geradora de processos vivos de pesquisa, sendo renovados continuamente e com algumas surpresas no percurso. São pesquisas com movimento, com ações que refletem a interligação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa, gerando ações de mudança, “com-vida”! Ainda conforme Haseman (2015, p. 48):

[...] a investigação performativa representa um movimento que sustenta que a prática é a principal atividade de pesquisa – e não apenas a prática de performance – e vê os resultados materiais da prática como representações de suma importância dos resultados de pesquisas em seu próprio direito. [...] Desde o primeiro momento, fica claro que a pesquisa performativa irá se mover para além das atuais práticas da pesquisa qualitativa, para que, a fim de fazer o seu trabalho, novas estratégias e métodos precisam ser (e alguns têm sido) inventados. As novas estratégias e métodos são ditados pelos fenômenos que estão sendo investigados e o reconhecimento de que o repertório atual de ferramentas metodológicas quantitativas – particularmente a prosa discursiva – não irá acomodar completamente o excedente de operações e resultados emocionais e cognitivos levantadas pelo praticante.

A Etnografia Performativa defende a ampliação dos métodos de observação tradicionais, acrescentando a dimensão artística na produção junto aos sujeitos. No texto “Luta pela Terra, Performance e Protagonismo Infantil no I Encontro Nacional das Crianças sem Terrinha”, os autores entendem “a performance como algo que ocorre na interação humana e que é capaz de gerar transformações em quem a executa e em quem a observa”, com quem concordo (Hartmann; Souza; Castro, 2020, p. 258). Eles ainda acrescentam que “a investigação por meio de práticas estéticas, lúdicas, performáticas permite constatar coletivamente como determinados comportamentos, ações e discursos são gerados e transmitidos, conferindo aos atores envolvidos uma percepção em relação a sua própria situação social” (Hartmann; Souza; Castro, 2020, p. 258), algo que pude vivenciar na prática das ações propostas pela pesquisa, de forma dialética e dialógica. Foram vários momentos de construção *artístico-histórico-pedagógica* junto às professoras e professores colaboradores da pesquisa, a partir de minhas proposições, ou seja, “as escolhas foram feitas no sentido de construir o conhecimento em conjunto com os participantes” (Castro, 2021, p. 15), desde as “Rodas Memográficas”, passando pelo documentário e pela produção do livro, entre outras ações.

Em um trabalho de pesquisa sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, o posicionamento narrativo emerge da própria temática, o que pode ser percebido nesta pesquisa desde os títulos dos capítulos, até as vozes dos sujeitos colaboradores que narram suas histórias, memórias, momentos, fazem relatos, compartilham registros fotográficos e fragmentos do

vivido. São apresentadas tanto algumas narrativas de quem foi docente quanto de quem foi cursista da ação formativa em estudo. Foi notório perceber o quanto arte-vida-trabalho-educação se apresentam intimamente interseccionados na realidade investigada.

Um ponto importante a ser ressaltado é a questão do uso do nome real ou fictício do colaborador e da colaboradora. Por haver proximidade entre a pesquisadora e os sujeitos da experiência, foi inquirido aos envolvidos a preferência sobre o uso do nome real ou a adoção de um pseudônimo. Interessante registrar que, ainda antes de fazer essa consulta, algumas colaboradoras se manifestaram no sentido de que faziam questão da publicação do nome real, pois são escritoras da história narrada e assim querem ser reconhecidas. Algo que foi acolhido, respeitado e sinalizou sobre a necessidade de se consultar as demais colaboradoras sobre o assunto, o que foi feito.

A Pesquisa Etnográfico-Performativa favorece um caminho de interação entre pesquisador e colaboradores, tirando-os de uma posição passiva e convidando-os a participarem ativamente de uma pesquisa viva. Afinal, é uma espécie de epistemologia da prática, já que as ciências humanas são ciências do singular. É, também, uma pesquisa *da* experiência e não *sobre* ela, fundando-se na ética da responsabilidade:

É importante os dados que a Cris tem, mas ouvir de cada um. Quando a Neuza contou, ela está contando essa história que é a nossa história. Mas às vezes, pelo seu ponto de vista, pela sua perspectiva você se esquece do outro. Porque uma coisa que você está relatando é a sua história e acaba correndo risco de esquecer de outra história que é um outro ponto de vista. Por isso é importante também estar recolhendo tanto os documentos como as falas e estar juntando isso para poder até reparar alguma coisa que tenha ficado, que nunca foi intencional. Toda história é contada por meio da memória que é seletiva, criativa e escolhe coisas. A historiografia oficial é feita a partir de quem quer que esteja contando aquilo. Ela seleciona os fatos e conta a história. Então é importante esse trabalho da história oral para estar ouvindo todas as coisas que a gente está fazendo de fato: ouvir Chapeuzinho, ouvir o Lobo, ouvir as várias versões. A gente tem uma coisa aqui, que é nossa, é importante. Estamos lembrando e reverenciando as pessoas que estiveram antes, estamos lembrando disso para que a história siga adiante, sem nenhum esquecimento, sem nenhum apagamento (Andrade, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

O relato da professora formadora Aldanei Andrade fortalecia os princípios que me levaram a reunir com várias pessoas ao mesmo tempo, em rodas de conversa. Esclareço que foi importante ter a validação da estratégia metodológica por pessoas do grupo. Assim, foi surgindo um tecido de vozes, reconstituindo uma realidade que se une nas narrações, vindas de diferentes tempos e espaços, inscrevendo ações cotidianas que acontecem no chão da formação continuada de professores no DF.

Nesse caso, são apresentados os modos de ser e viver a formação continuada ministrada pelos CVLOP, por meio das vozes de quem vive e/ou viveu tal experiência, favorecendo para

que as subjetividades possam ser consideradas no processo investigativo, com ênfase à importância do campo emocional para os processos de formação continuada.

A construção de uma relação de confiança entre pesquisadora e narradores é fundamental, para encorajar a partilha de histórias pessoais significativas. Tal interação é uma oportunidade de coconstrução de conhecimento. Nesse caso, a memória é algo central na recuperação da vivência. Neste trabalho, primei, em um primeiro momento, por ativação coletiva de memórias, por meio das “Rodas Memográficas” na perspectiva de que “uma memória puxa outra”. Assim, as vozes das pessoas colaboradoras ganham centralidade, possibilitando que sujeitos e grupos antes silenciados ou invisibilizados ocupem o lugar de protagonistas nas narrativas. Dessa forma, os relatos se ampliam, os sentidos se tornam mais nítidos e a experiência de narrar se transforma em um ato coletivo.

Nas “Rodas Memográficas”, foi adotada a perspectiva da entrevista narrativa, em que esta, conforme asseveram Meireles e Souza (2017, p. 127): “[...]remete pesquisadores, formadores e colaboradores a interrogarem-se sobre suas trajetórias e seus percursos de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta/leitura da narrativa do outro”. Para isso, muitas vezes, era necessário apenas iniciar a conversa com um direcionamento provocativo do tipo: “conte sobre como foi sua experiência com o curso”. A partir do que a colaboradora ou o colaborador apresentasse, a narrativa ia seguindo seu curso. Ainda conforme os princípios da entrevista narrativa, foram feitas também algumas entrevistas individuais, buscando estabelecer, a partir dos dados, diálogo entre diferentes pontos de vista: professoras formadoras do curso, professoras cursistas, professoras formadoras dos CVLOP, cujos nomes não aparecem como formadoras deste curso em específico, mas que possuem participação importante no trabalho e professoras que atuaram como coordenadoras das Oficinas Pedagógicas. Tanto o conteúdo das “Rodas Memográficas” quanto das entrevistas iniciais foram transcritos da forma tradicional, sem o auxílio de aplicativos. Apenas as últimas ações contaram com a transcrição do *Word* no *Outlook*, que adiantou um pouco o trabalho, mas não concluiu, pois foram necessárias revisões sistemáticas.

É necessário levar em consideração, além dos relatos, o contexto em que as pessoas estão inseridas, já que uma experiência histórica está imbricada entre a dimensão pessoal e sócio-histórica-política-cultural. É um entrelaçamento entre pessoas colaboradoras-contexto-pesquisadora. Assim, foi importante pesquisar o contexto histórico dentro da própria SEEDF, na tentativa de entender as lacunas, as dúvidas e o momento histórico-político em que se favoreceu ou não a oferta da ação formativa.

De maneira colaborativa, fui organizando a memória do curso “A Arte de Contar Histórias” e do próprio trabalho dos CVLOP. Acabou assemelhando-se à construção de um inventário que salvaguardará esse patrimônio que a educação pública do DF possui. Conforme Maria Emília Lima *et al.* (2015 p. 34):

O inventário é peça fundamental de apoio à memória na reescrita da narrativa. A memória própria e a de terceiros são fundamentais na composição da narração. Em função do tempo decorrido entre o acontecimento e a investigação, o inventário pode vir a ser constituído de fragmentos esparsos. [...] Às vezes alguns elementos inventariados parecem distantes do tema que emergiu da lição com base na história narrada. Ainda assim, cotejar os dados, apossar-se deles, dá ao pesquisador maior garantia de que não está se baseando apenas na sua memória. Até mesmo a cronologia dos acontecimentos que os dados explicitam ajuda posteriormente na análise.

Para além do registro, as experiências narradas propiciaram reflexões, entrelaçando passado e presente na perspectiva de se projetar o futuro. “Experiência” é, portanto, noção importante para este estudo, uma vez que “institui uma memória incorporada, ou seja, o corpo cria e ao mesmo tempo é habitado pela experiência. Portanto, o corpo é o lugar onde se inscreve cada história singular, onde pensamentos e sentimentos se manifestam em palavras, em imagens” (Macedo, 2015, p. 25). O ser humano, como sujeito de sua história, não se realiza sozinho, mas com as experiências proporcionadas com as interações (Vigotski, 2009). É a partir dessas interações e proposições que se torna possível nos aproximarmos de uma escola mais humanizada, com espaço legitimado para exploração da oralidade, com ênfase ao poder transformador e curativo das histórias, promovendo vivências lúdicas e estéticas, a partir do entendimento da ludicidade como elemento formativo da pessoa.

Registrar esta experiência de formação continuada que acontece no Distrito Federal é, como disse, um ato político, necessário, a partir de um olhar interno, de alguém que compõe o referido coletivo e que participou como professora cursista, como professora formadora e, ainda, compôs a equipe da formação de formadores deste curso em 2015. Em concordância com Bia Bedran (2011, p. 62), acredito que “A Arte de Contar Histórias é uma transmissão que contagia por ser imanente à capacidade do homem de intercambiar experiências e produzir sentido para a vida”. Como seres de linguagem, a oralidade é o meio de expressão que acompanha o ser humano. Existe em nós uma pulsão por contar histórias, sejam de nossas vidas, de livros, de histórias que ouvimos falar, enfim. Dessa forma, atendemos à necessidade que temos de, entre pares, trocar, compartilhar experiências, as quais, individualmente, enriquecem a composição deste mosaico, que possui tons e nuances diferentes.

Em um espaço de formação continuada, permeada por diversas linguagens artísticas, memórias são despertadas, afetos são potencializados, ações são estimuladas e experiências são

suscitadas. A força do coletivo também é acentuada. Para Dewey, “a experiência, como respirar, é ritmo de inspirações e expirações. Sua sucessão é pontilhada e tornada ritmo pela existência de intervalos, pontos nos quais uma fase cessa e a outra está latente e em preparação” (Dewey, 1980, p. 105).

Para Vigotski (2009), existem a capacidade reprodutora e a criadora, diante do comportamento humano e de suas atividades. Seguindo essa linha de raciocínio, Pederiva e Martinez (2015, p. 15) defendem que a atividade reprodutora trabalha com a memória do ser humano, já que o sujeito experimenta o meio ao seu redor, servindo de experiência para sua vida, criando memórias a serem acessadas no futuro. Pode-se inferir que as experiências auxiliam a pessoa nos processos adaptativos, de maneira a promover novas criações.

Para Larrosa (2015, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Em concordância com o autor, observo que existem experiências que nos atravessam e provocam mudanças significativas em nossa trajetória pessoal e profissional, relato recolhido dos participantes do curso investigado inúmeras vezes durante a pesquisa.

Sobre a experiência da arte narrativa, Walter Benjamin⁴⁴, em seu clássico texto “O Narrador” (2012) ou o “Contador de histórias” (2018), manifesta preocupações sobre a decadência do ato de narrar, devido à pobreza de troca de experiências entre as pessoas. Segundo ele: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 2012, p. 214). O que pensar, então, diante do momento pós-pandêmico, em que somos bombardeadas de informações e percebemos a capacidade de concentração ir diminuindo paulatinamente? É necessário manter viva a arte da narrativa, entre os pares, promover momentos de fruição, de troca; afinal “os relatos orais são a forma de comunicação por excelência do ser humano [...] as narrativas simbolizam, representam, estetizam a realidade, assim como organizam e veiculam os saberes que constituem e são constituidores da cultura a que pertencem” (Hartmann, 2011, p. 58).

⁴⁴ Sabemos que há vários debates sobre os diferentes significados das palavras “vivência” e “experiência” na perspectiva benjaminiana. No entanto, por se tratar de uma pesquisa sobre os Centros de VIVÊNCIAS Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, as palavras “vivência” e “experiência” serão empregadas indistintamente durante o texto. Acreditamos que a defesa de Benjamin sobre “a arte narrativa” e sobre “experiência” enriquecem este trabalho.

Em sua tese de doutorado, Ângela Barcellos Café (2015) apresenta várias razões pelas quais a promoção da experiência com a narração de histórias se justifica. Segundo ela, com quem concordo, a capacidade de escuta tem se tornado cada vez mais escassa e, apesar de termos um arsenal de aparelhos tecnológicos de informação, as pessoas quase não se aproximam, interagindo pouco por meio da oralidade com real presença (Café, 2020, p. 42-43). Assim, torna-se importante despertar a contadora e o contador de histórias que existe em cada professora e em cada professor de modo a conquistarem confiança em inserir a contação de histórias em seu cotidiano pedagógico, pelas vias do encantamento, na troca entre os pares. Nas palavras da autora, com quem faço a mesma defesa: “é esse encantamento que reivindico para o mundo, para o ser humano e, sobretudo, no cotidiano das escolas” (Café, 2020, p. 114).

Nesse sentido, em movimento com os sujeitos da pesquisa, professoras e professores da ativa e aposentadas, várias ações foram executadas com a participação deles e delas buscando, além de se fazer o registro da história, divulgá-la e torná-la conhecida.

Buscar caminhos que colocassem o curso “A Arte de Contar Histórias” em evidência, fomentando o reconhecimento e as reflexões sobre a importância das Oficinas Pedagógicas para a educação pública do Distrito Federal foi a motivação para recorrer aos princípios da Pesquisa Etnográfico-Performativa que propiciou o estabelecimento de várias proposições, que mesmo não tendo sido planejadas inicialmente, foram feitas, constituindo este estudo como uma pesquisa viva e em constante movimento.

A pesquisa Etnográfico-Performativa engloba práticas criativas, expandindo a construção do conhecimento acadêmico tradicional para incluir a vivência de proposições na investigação, que podem incluir complexidades emocionais, culturais e sociais, envolvendo as colaboradoras no processo de compreensão do fenômeno, com engajamento, reflexão e participação ativa. Portanto, a pesquisadora é participante atuante, podendo influenciar e provocar mudanças no ambiente investigado. No texto “A Etnografia Performativa como metodologia de pesquisa em Artes Cênicas” (Hartmann; Castro, 2024), as autoras apresentam uma linha histórica, dialogando com autores que vêm trilhando esse caminho “em franco processo de desenvolvimento” e concluem como sendo princípios da Pesquisa Etnográfico-Performativa:

[...] a realização, observação e registro da pesquisa em processos de coparticipação/cocriação com os interlocutores; a produção de conhecimentos por meio de partilhas performativas que são, concomitantemente, processo e produto, criação e reflexão; a práxis; a inter e multidisciplinaridade; e a valorização da estética como ética e política. Assumindo a instabilidade de suas bordas, a etnografia performativa busca desierarquizar as relações de pesquisa, desafiando os

colonialismos externos e internos que perpassam inegavelmente nossos processos de construção de conhecimento (Hartmann; Castro, 2024, p. 86).

As autoras ainda defendem que a Pesquisa Etnográfico-Performativa (ou Etnografia Performativa), assim como outras metodologias análogas - Surrealismo Etnográfico, Etnoteatro -, procura por estratégias que possibilitem tratar, de maneira menos autoritária, mais colaborativa e contra-hegemônica, os temas e desafios atuais no campo das artes cênicas. Segundo elas, a Etnografia Performativa “caracteriza-se pela valorização do corpo e estética como meio de conhecimento. Propõe participação ativa dos sujeitos co-criadores de conhecimento. Busca intervir no mundo política e esteticamente” (Hartmann; Castro, 2024, p. 85). Tal metodologia se faz presente no campo investigado desde o início da pesquisa, em que se conquistou, paulatinamente, o engajamento e a participação de mais de cem pessoas colaboradoras a partir das proposições que emergiram do movimento da pesquisa.

Desde o princípio, diante de uma experiência tão expressiva e que impacta tantas trajetórias na história da educação no Distrito Federal, percebi a necessidade de construir a memória viva desta experiência, uma vez que muitas e muitos colaboradores do início ainda se encontram entre nós, já aposentados. Para tanto, foram pensadas algumas ações: Rodas Memográficas, elaboração dos Memoriais de cada um dos CVLOP, produção de um documentário, além da participação no Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa, da Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos dos CVLOP na CLDF e da elaboração do inventário das Oficinas Pedagógicas para submissão do pedido de Registro como bem cultural imaterial do Distrito Federal, junto à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF.

1.2.2.1 Memória Viva I - Rodas Memográficas⁴⁵ (presenciais e online)

Por ser um trabalho coletivo, para que mais pessoas reunidas pudessem ter memórias ativadas conjuntamente e, com isso, trouxessem informações mais assertivas de um período tão dilatado de tempo, é que foi elaborado o subprojeto “Rodas Memográficas – histórias inscritas nas memórias, a partir do curso ‘A Arte de Contar Histórias’, oferecido pelas Oficinas Pedagógicas da SEEDF”, cujo objetivo foi “propiciar encontros entre coordenadoras, coordenadores, professoras e professores formadores, professoras e professores cursistas, atuais e egressas do curso ‘A Arte de Contar Histórias’ com vistas a relembrar fatos significativos,

⁴⁵ Neste primeiro momento, apresentarei apenas a noção conceitual do emprego da expressão “Rodas Memográficas”. No Capítulo 5, retomarei este tema com mais detalhes e aprofundamento.

refletir e trocar experiências, além de verificar as reverberações do curso para a constituição do profissional docente”, um dos objetivos deste trabalho.

O nome “Memográfica” surgiu a partir da junção da palavra memória com a palavra grafia (aqui entendida como aquela que “traz a ideia de escrita, de registro ou de análise detalhada [...] A palavra grafia deriva da junção do grego “gráphein”, com o sentido de escrever, e do sufixo -ia⁴⁶”). Apresento a noção da memória inscrita na “pele”, pela vivência de momentos, de histórias que nos constituem enquanto formadoras de outras professoras pelas vias da arte, da ludicidade e da narração de histórias. Não encontrei o uso em nenhum trabalho acadêmico em língua portuguesa, apenas em espanhol.

Como o projeto inicial previa o registro da historiografia do curso “A Arte de Contar Histórias”, fui verificando que esse histórico dizia muito sobre a história das Oficinas, percepção também compartilhada pela professora formadora Elza Muñiz:

Eu arriscaria dizer que se eu fosse fazer um estudo sobre isso, uma coisa que sempre foi muito clara para mim é como o curso “A Arte de Contar Histórias”, pelos anos que eu já tinha de Oficina Pedagógica e pelos anos que eu ainda continuei sendo formadora, é um trabalho que espelha o que é o espírito da Oficina Pedagógica. Então, estudar o curso “A Arte de Contar Histórias”, todos os louros, todo o sucesso e os dramas que nós vivemos tem tudo a ver com a própria história das Oficinas também (Muñiz, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Perceber essa relação foi compreender que falar do curso é, de certo modo, falar das próprias Oficinas, de suas intenções formativas, de seus modos de fazer, de seus caminhos e dificuldades vivenciadas.

1.2.2.2 Memória Viva 2: Memoriais dos 14 CVLOP

À medida que fui organizando os dados encontrados, ia construindo a memória de cada uma das Oficinas Pedagógicas, tomando por base as informações dos documentos. Logo percebi a importância de se apresentar cada CVLOP individualmente, para se evitar generalizações, já que possuíam especificidades próprias. Considerei importante que as e os profissionais, tanto da ativa quanto aposentados, fizessem a leitura do que estava sendo registrado, para corrigir, acrescentar ou tirar alguma informação equivocada. Assim começou a nascer o livro “Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais”. A pesquisa foi adquirindo um *corpus* robusto e, devido à extensão, durante a qualificação, fui orientada a

⁴⁶ Disponível em:

[https://www.dicio.com.br/grafia/#:~:text=Etimologia%20\(origem%20da%20palavra%20grafia,%2C%20e%20do%20sufixo%20Dia.](https://www.dicio.com.br/grafia/#:~:text=Etimologia%20(origem%20da%20palavra%20grafia,%2C%20e%20do%20sufixo%20Dia.) Acesso em: 17 fev. 2025, 09:40.

publicar os memoriais em outro suporte, dada a sua relevância. Foi assim que comecei a participar de chamadas públicas, sendo contemplada no Edital nº 14 do FAC 1/ 2024. Deixarei aqui registrado o processo metodológico de elaboração dos referidos memoriais, uma vez que foi uma ação a partir deste trabalho.

O memorial é um gênero textual em que se pretende registrar, relatar experiências, afetos, emoções e reflexões. Trata-se de um texto para salvaguardar as memórias de momentos vividos. Nesse caso, é a sistematização e, conseqüentemente, a materialização de uma história composta por muitas outras histórias. Relatar parte do que foi vivido nestes espaços formativos é documentar, colocando em evidência um projeto pedagógico existente na SEEDF há praticamente quatro décadas, com muitos relatos positivos e, também, muitos percalços enfrentados, especialmente em relação à falta ou dificuldade com espaço físico, com recurso humano e material (problema encontrado em todas as Oficinas), conforme consta nos registros. Os Memoriais constituem parte importante no registro desta história. Assim se manifesta a professora formadora Cristina de Fátima: *“A gente sempre quis que a nossa história fosse registrada, contada! Por alguém nosso! Que bom que temos você para estar fazendo isso! Conte comigo para o que precisar”* (Ferreira, informação verbal, presencial, 22/11/22).

As vozes que eu consegui contactar apresentam um olhar em caleidoscópio, onde existe uma imagem bonita, mas diferenças nas singularidades. Percepções diferentes a partir do ponto de vista. A elaboração dos memoriais foi sendo feita assim: pautando-me nos dados documentais, sistematizei, criando um *template*. Por entender que poderia haver equívocos nos dados registrados, entrei em contato com professoras e professores formadores antigos, priorizando aquelas que passaram muito tempo nos CVLOP para revisar o texto sistematizado por mim. Consegui a colaboração de representantes de todos os CVLOP. Em alguns deles, já havia uma espécie de linha do tempo, considerada para este trabalho. Os textos foram organizados por mim, mas revisados por componentes de todas as Oficinas. Depois de revisado pelas equipes do passado, o material foi levado, pessoalmente, a cada um dos catorze CVLOP do DF. Foi feita a leitura compartilhada e complementação com a participação de todas as equipes do presente. Elaborar os memoriais foi um exercício de paciência, de muito esforço e foi necessária muita organização, foco e cuidado. Foi um trabalho árduo, cansativo, denso, e demorado, mas, ao mesmo tempo, prazeroso pelo valor histórico, memorialístico e a importância que havia junto às interlocutoras e interlocutores da pesquisa, tanto de 2025 quanto de épocas passadas. A maneira artesanal de produzir e organizar o registro para publicação fez-me perceber uma historiadora em/no processo. O sentimento que me habitava é traduzido na seguinte música, de Sued Nunes:

Povoada⁴⁷
*Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus
 Sou uma, mas não sou só*

*Povoada
 Quem falou que eu ando só?
 Tenho em mim mais de muitos
 Sou uma, mas não sou só*

Dessa forma, os memoriais que, juntas e juntos, conseguimos construir tiveram a contribuição de muitas mãos: leitoras, colaboradoras, críticas, atentas e generosas. Pessoas que eu não conhecia e que o trabalho de pesquisa me permitiu conhecer. Um enviaram fotos, outras corrigiram, acrescentaram informações; outras trouxeram memórias. Um verdadeiro mosaico da história. Nesse momento, percebo, na prática, a filosofia “*UBUNTU*: eu sou porque nós somos”, ou nas palavras de Henrique Cunha Júnior (*apud* Martins, 2021, p. 57) “No *Ubuntu*, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva”. O trabalho dos CVLOP nasceu, se nutre e tem amparo no coletivo.

Buscando a validação do registro que estava sendo feito, por meio do convite para leitura dos Memoriais, houve situações interessantes. Algumas professoras formadoras avaliaram como uma boa iniciativa para o registro e outras se sentiram frustradas. Veja a percepção da professora formadora:

Os registros escritos não refletem, infelizmente, toda a dinâmica do trabalho da Oficina do Núcleo Bandeirante, mas acho que isso é uma questão de todas as Oficinas das Regionais: a falta do hábito do registro de tudo que fazemos. Fazemos tanto que esquecemos de registrar. Todavia, isso é que é o bonito da coisa, porque é espontâneo, puro, é amor-doação. Assim, os registros, embora válidos academicamente, deixam o “élan” mágico das ideias do trabalho coletivo à revelia. Os dados não refletem “realmente” o que acontece no chão das Oficinas, até porque os recursos de registros eram irrisórios, e também não tínhamos o hábito de registrar nada (Gomes, informação verbal, em texto, WhatsApp, 16/2/2023).

Concordo com a professora formadora que os dados nunca refletirão o que foi vivenciado. Trata-se de um ato político em ter registrada essa história de quase quatro décadas de atuação no DF. Na Secretaria, foram muitos os projetos exitosos implementados e que, simplesmente, deixaram de existir repentinamente (Canal E, os Centros de Referência em Alfabetização, a MEDIATECA...). O registro é, portanto, um ato para a posteridade e uma real

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c> Acesso em: 19 ago. 2024, 12:30.

necessidade no presente, na expectativa de que o sistema possa reconhecer a potência que existe na própria rede, e que é desconhecida de muitos. Em parceria com as colaboradoras, essa questão da necessidade do registro do trabalho foi ficando mais evidente. Fica o convite para quem tiver interesse em adentrar nas particularidades de cada CVLOP conhecer o livro: “Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais”, o qual está disponível, na versão física, em cada uma das Oficinas Pedagógicas e em várias bibliotecas públicas do DF, incluindo a da UnB, a da EAPE e o Museu da Educação. Para quem tiver interesse, por meio do seguinte QR Code, pode-se ter acesso à versão digital:

Figura 11 - QR Code para acesso à versão digital do livro



Fonte: acervo pessoal da autora

No dia 13 de agosto de 2025, aconteceu o Sarau de Lançamento do livro, com a presença de cerca de 90 pessoas, entre colaboradoras aposentadas, equipes da ativa e equipe da produção do evento, no Complexo Cultural Samambaia. Iniciamos a programação projetando a versão final do documentário⁴⁸ do curso, sobre o qual tecerei reflexões no próximo tópico. Em seguida, houve música ao vivo, contação de histórias, entrevista com autora e *designer* gráfico. Encerramos este momento com uma alegre ciranda, celebrando a conquista que era, na verdade, ansiosamente esperada pelas participantes. Por entender ser um trabalho colaborativo, as participantes da pesquisa presentes no Sarau de Lançamento foram presenteadas com um exemplar da obra. Foram recebidas muitas mensagens sobre o trabalho, na maioria delas com agradecimentos. Seguem alguns registros desta ação:

⁴⁸ Disponível em: https://youtu.be/SGY3IPnO2Dg?si=kh_nT7mLlB3To8nJ Acesso em 16 ago. 2025, 09:04.

Figura 12: Sarau de Lançamento do livro - Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais, 13/8/2025



Equipe das Oficinas recebem seu exemplar



Brinde, ao final do evento, em que as colaboradoras já haviam recebido seu exemplar.



Ciranda



Equipe de aposentadas e ex integrantes dos CVLOP



Brincadeira com movimento, no teatro



Entrevista com autora e ilustrador



Autógrafo para a Mestra de Cerimônia



Distribuição de autógrafos



Microfone aberto para manifestação das participantes



Coquetel



Presença do professor Gabriel Magno, grande apoiador do trabalho das Oficinas, atualmente Deputado Distrital pelo PT



Presença do professor Leandro Grass, atual presidente do IPHAN



Projeção da versão final do documentário



Autógrafo para as colaboradoras da pesquisa



Evento com acessibilidade – tradução em libras



Evento com acessibilidade, audiodescrição

1.2.2.3 *Memória Viva 3: produção do Documentário – o registro em audiovisual como parte de uma pesquisa viva*

Sabemos o poder que a imagem tem. Assim, a produção de um documentário amplia a visibilidade dessa experiência que acontece no Distrito Federal, para o Brasil e o mundo tomarem conhecimento, podendo ainda contar com o relato de várias colaboradoras que já estão aposentadas, valorizando suas vozes.

Luciana Hartmann (2013, p. 90) propõe que o audiovisual seja compreendido como “linguagem – técnica, ética e estética”, princípios acatados por mim para a concepção e execução deste registro. Para tanto, elaborei o Termo de Autorização de Uso de Voz e Imagem, devidamente assinado por todas as participantes convidadas. Amon Beranni, técnico em audiovisual que me acompanhava nas visitas às Oficinas Pedagógicas, aceitou o desafio de produzir seu primeiro documentário. Para as filmagens, o grupo de pesquisa Imagens e(m) Cena, liderado por minha orientadora, fez o empréstimo de parte do equipamento. Inicialmente, foram convidadas cinco professoras para participarem de um exercício apresentado na disciplina “Tópicos Especiais em Cultura e Saberes em Artes Cênicas”, ministrada pelo professor Rafael L. Villas Boas (60h), no segundo semestre de 2022. Para esta primeira versão, os colegas de turma, o professor Rafael, minha orientadora, as participantes do documentário e algumas convidadas atuantes nas Oficinas Pedagógicas fizeram críticas, apontamentos, sugestões. A maioria foi acatada e preparamos uma segunda versão do vídeo, a ser projetada posteriormente para que mais professoras e professores formadores pudessem registrar suas impressões. Desde sempre, existe o entendimento de que as ações precisam ser apreciadas pelos participantes dessa história coletiva. É minha preocupação ética com o grupo investigado que me faz ter todo esse cuidado. Estou organizando a história, mas não a conto sozinha.

A necessidade do registro da memória desse curso, que teve início em 1999, foi uma premência percebida logo no início da pesquisa. Tanto o registro do histórico quanto a produção em audiovisual tornaram-se potentes ações. A história presente na introdução desta tese permeia o documentário, e o processo de filmagem se deu da seguinte maneira: distribuí cópia da história para algumas professoras e professores formadores dos CVLOP que aceitaram de imediato o convite; solicitei a eles que preparassem a narração como a história lhes tocassem o coração, dando total liberdade para a *performance*; também solicitei que a história fosse preparada integralmente, pois a ideia era fazer a alternância entre os contadores, apenas durante a edição. Assim foi feito.

Passando às reflexões sobre o documentário como integrante da pesquisa, convém registrar que ele apresenta inovações no aspecto metodológico nas Ciências Sociais, abrindo meios e desenvolvimento de variadas abordagens quanto ao objeto de estudo (Peixoto, 1998). Portanto, quando se tem um documentário de representação social, observa-se que existem visões do mundo em que foi criado e, a partir daí, o observador irá criar sua imagem frente aos fatos demonstrados.

Bill Nichols (2005) menciona que “todo filme é documentário” e os divide, inicialmente, em duas grandes categorias: os que representam o social (não-ficção) e aqueles que caracterizam a vontade e os desejos (ficção). Ressalta ainda que a produção ocorre conforme o meio que o cineasta vai empregar em face da visão do autor, que acrescenta outra classificação:

No cinema, as vozes individuais prestam-se a uma teoria do autor, ao passo que as vozes compartilhadas, a uma teoria do gênero. O estudo dos gêneros leva em consideração os traços característicos dos vários grupos de cineastas e filmes. No vídeo e no filme documentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático (Nichols, 2005, p. 135).

Como se pôde perceber, há muitos subgêneros dentro de um mesmo gênero, no caso, o documentário. Trata-se de um caro recurso de registro de pesquisa que, conforme a necessidade, pode subsidiar outras pesquisas e, ainda, acrescentar aos temas abordados uma linguagem poética, artística e estética, conforme a intencionalidade dos produtores.

No dia 31/5/2023, aconteceu a experiência de uma pré-estreia do produto e, por também constituir a 5ª Roda Memográfica, as reflexões sobre essa ação serão descritas no Capítulo 5.

1.2.2.3.1 A experiência de uma II pré-estreia – dia 10/8/2023, no auditório da EAPE

Em comemoração ao Dia da Formação Continuada no DF, a EAPE organizou uma semana de atividades. Para a data específica, 10/8/2023, recebi o convite para projetar o documentário como parte da abertura da programação, dispondo de um prazo de 30 minutos para toda a apresentação. Convite aceito, precisava planejar, divulgar e enviar os convites.

Figura 13 - Convite para a II pré-estreia do documentário – auditório da EAPE



Fonte: acervo pessoal da autora

Diferentemente da 1ª pré-estreia, restrita aos profissionais e cursistas dos CVLOP, este seria um evento aberto, envolvendo pessoas que não estavam participando da pesquisa. No dia anterior, fui ao local para montar a exposição de fotos e contei com ampla rede de apoio.

Figura 14 - Montagem da exposição para a projeção do documentário no dia 10/8/23, com apoio de profissionais dos CVLOP



Fonte: acervo pessoal da autora

A abertura do evento trouxe uma apresentação musical com a participação dos professores formadores das Oficinas, que combinaram a roupa a ser usada. O convite para essa participação foi, na verdade, um reconhecimento da contribuição das Oficinas Pedagógicas para a formação continuada no DF, uma conquista relativamente recente, após muitos percalços e dificuldades ao longo da trajetória.

Figura 15 - Equipe que se apresentou no dia da formação continuada, antes da exibição do documentário



Fonte: acervo pessoal da autora

Após a apresentação, foi-me concedida a palavra para abordar um pouco sobre a pesquisa que, à época, estava em desenvolvimento e, então, foi projetado o documentário. Havia cerca de cem pessoas no auditório, algumas das quais estavam conhecendo o trabalho das Oficinas naquele momento. Como havia outras apresentações na programação, que já estava atrasada, não foi possível fazer a ciranda final nem houve tempo para o bate-papo de encerramento. Ainda assim, elaborei uma rápida avaliação do material para saber das impressões dos participantes, uma vez que a maioria eram professores, muitos sem vínculo com o trabalho das Oficinas Pedagógicas. Fiz um formulário no *Google Forms* (com 21 respostas) e deixei algumas vias impressas (respondido por 14 participantes). A seguinte nuvem de palavras expressa as percepções:

Figura 16 - Nuvem de palavras com a avaliação dos apreciadores do documentário em 10/8/2023



Fonte: Elaborado no site: <https://wordart.com/>, a partir dos dados do Google Formulário e das avaliações físicas.

Foram elaboradas duas perguntas: uma sobre as Oficinas Pedagógicas e outra sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, culminando no seguinte resultado:

Gráfico 1 - Sobre os CVLOP e sobre o curso ACH



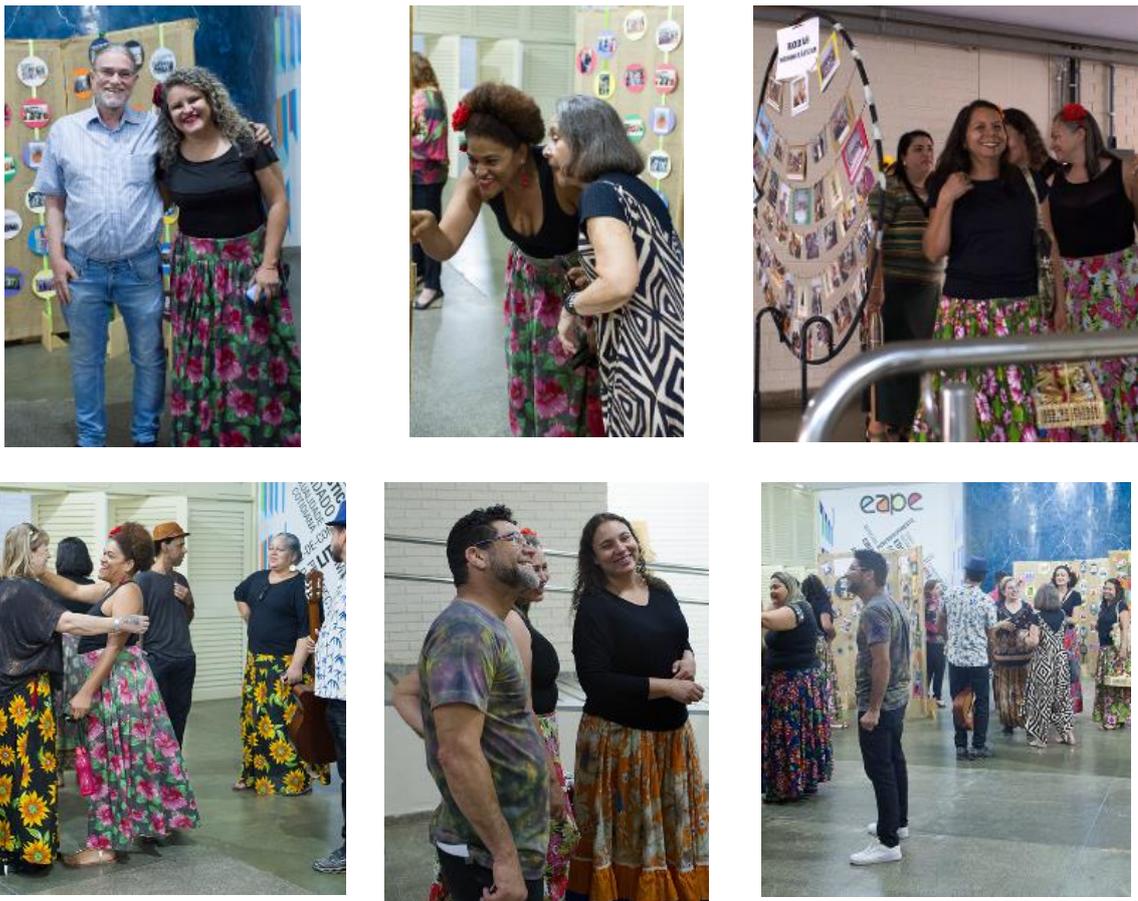
Fonte: acervo pessoal da autora

Pelos gráficos, podemos inferir que a maioria das respondentes não tinha vínculo com as Oficinas e nem com o curso. Interessante observar que algumas pessoas estavam conhecendo os CVLOP exatamente no dia do evento e, talvez, em decorrência dele.

Na semana anterior ao evento, houve uma reportagem sobre a pesquisa na UnB⁴⁹, divulgando a pré-estreia e, no dia da projeção, a SEEDF fez a uma reportagem⁵⁰ sobre a participação. O professor Antônio Villar, recém-aposentado da Faculdade de Educação da UnB (FE/UnB) e antigo parceiro das Oficinas Pedagógicas estava presente no dia da pré-estreia e fez a doação de vários livros sobre ludicidade para o acervo dos CVLOP.

Naquele dia, como o documentário ainda estava em processo de elaboração, para apreciação e ajustes, uma sugestão recebida foi a inserção de tradução em libras, algo que já se pretendia fazer. O Sinpro DF subsidiou a tradução em libras presente no documentário final. Outra sugestão acatada foi a dinamização do vídeo, deixando a história narrada permeando-o, pois, à época, eram dois vídeos separados. Com as sugestões acatadas e o documentário concluído, faltava marcar o dia do lançamento da versão final do filme, que aconteceu em 13/8/2025, como já mencionado. Seguem alguns registros da II Pré-estreia:

Figura 17 - II Pré-Estreia do Documentário - EAPE, 10/8/2023



⁴⁹ Disponível em: <https://unbciencia.unb.br/artes-e-lettras/100-artes-cenicas/720-pesquisa-investiga-curso-de-formacao-continuada-de-professores-da-rede-publica-do-df> . Acesso em 14/8/2025, 18h.

⁵⁰ : <https://eape.se.df.gov.br/programacao-especial-marca-aniversario-da-eape/> Acesso em 14/8/2025, 18h.



Fonte: acervo pessoal da autora

1.2.2.4 Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa do DF

Em 3 de julho de 2023, foi publicada a Resolução nº 333, que “institui o Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa⁵¹”, no qual consta:

A Comissão de Educação, Saúde e Cultura da Câmara Legislativa do Distrito Federal, vem por meio deste instrumento tornar pública a inscrição e realização do 1º Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa do Distrito Federal, que tem por objetivo apoiar, incentivar, valorizar e fortalecer o desenvolvimento de projetos pedagógicos em concordância com Currículo em Movimento da Educação Básica e da Lei de Gestão Democrática da Rede Pública do Distrito Federal, a partir da indicação de qualquer cidadão, conselho escolar, conselho de classe ou grêmios estudantis (CLDF, Comissão de Educação e Cultura, 2023).

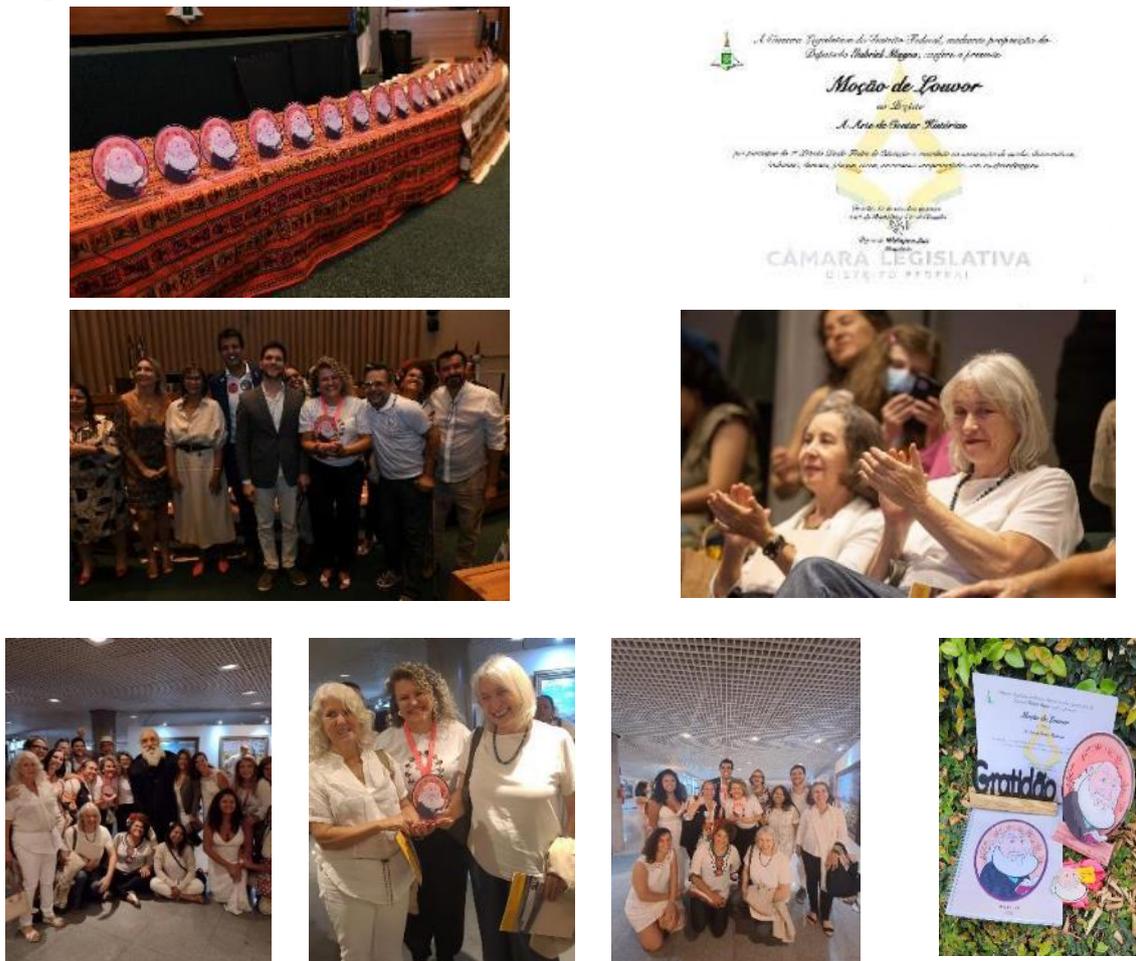
Ciente da riqueza do objeto investigado, assim que tomei conhecimento, decidi inscrever a minha pesquisa (ainda em andamento) sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, com todos os dados e evidências que já tinha conseguido produzir. Os mais de 100 projetos inscritos foram contemplados com Moção de Louvor. Foi aberta a possibilidade, aos responsáveis pela inscrição, de indicar mais pessoas para serem também homenageadas. Assim,

⁵¹ Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/documents/10162/26683874/Resolu%C3%A7%C3%A3o+333-2023.pdf/b7ff3bdc-5542-ce77-0805-b5a9ff50e6fb?t=1691505951274>. Acesso em: 25 fev. 2025, 12:00.

fiz a indicação de 24 profissionais que constam das atas e estão colaborando com a pesquisa no recorte temporal de 1999 a 2019. A lista com todos os homenageados se encontra disponível em: <https://www.gabrielmagno.com.br/resultadopremiopaolofreire>.

A Sessão Solene teve transmissão ao vivo pelo YouTube⁵² da Câmara Legislativa, assim como há reportagem completa sobre o prêmio⁵³ na página da CLDF. Além disso, o evento contou com cobertura de vários canais, como Metrôpoles, Jornal de Brasília, Faculdade de Educação da UnB, Sinpro DF, podendo haver outros. Convidei a maioria das pessoas envolvidas com o curso, especialmente as que seriam homenageadas, e combinamos de ir de branco. Além de receber a menção honrosa, o projeto ficou entre os três primeiros colocados no eixo inscrito “Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos”, recebendo também uma placa. Seguem alguns registros:

Figura 18 - Sessão Solene de premiação do 1º Prêmio Paulo Freire de Educação, set. 2023



Fonte: acervo pessoal da autora

⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j9iaWPWXEWE&t=7606s> Acesso em: 25 fev. 2025, 12:10.

⁵³ Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/-/camara-legislativa-vai-premiar-projetos-da-area-de-educacao-no-df>. Acesso em: 25 fev. 2025, 12:10.

A participação nesse edital não estava prevista no início da investigação, mas como uma pesquisa viva, merece ser mencionada, pois é o reconhecimento de um projeto potente que existe na rede desde 1999, cuja inscrição se deu em função da pesquisa em desenvolvimento.

Além de oferecer nome ao Prêmio, Paulo Freire é inspiração importante para o trabalho das Oficinas Pedagógicas e, também, para esta pesquisa. Educador e filósofo brasileiro, ele propõe uma educação problematizadora, em que os educandos devam ter participação ativa, crítica, dialógica em um processo colaborativo entre professor e estudante - postura adotada nos cursos ministrados pelas Oficinas junto aos professores cursistas. Ele defende que, por meio de uma proposta de educação libertadora, será possível alcançar a transformação estrutural da sociedade, em busca de justiça e igualdade social (Freire, 1987).

Para ser possível esta educação emancipadora, é importante que haja respeito à autonomia, dignidade e saberes do educando, em uma perspectiva de não acabamento, já que o conhecimento é um processo contínuo. Por esta razão, a formação continuada tem seu espaço garantido em políticas públicas, mas não apenas isso: é importante que o professor e a professora mantenham a postura de poderem estar sempre aprendendo, inclusive com os estudantes. Conforme Paulo Freire (1996), ensinar exige compromisso ético e político com a transformação da sociedade, em que haja coerência entre o que se fala e o que se pratica, além de ser necessário o reconhecimento do valor da identidade cultural dos estudantes, combatendo todas as formas de discriminação.

1.2.2.5 Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas, na Câmara Legislativa do Distrito Federal – 7/6/2024

Com a participação no Prêmio Paulo Freire em 2023, foi emergindo a necessidade e a possibilidade de uma Sessão Solene exclusiva para celebrar o trabalho das Oficinas Pedagógicas. Desde o início de 2024, estive em busca de uma agenda para a referida Sessão cuja ideia foi apresentada aos professores formadores atuais dos CVLOP, que a acolheram. A assessoria do deputado Gabriel Magno (PT/DF), proponente da Sessão, solicitou uma reunião com os professores formadores para entender melhor a realidade das Oficinas Pedagógicas à época, realizada em 8/5/2024, na EAPE. Essa reunião foi planejada por mim, em parceria com Simone Moura. Para sensibilização, começamos com a leitura de relatos de cursistas de diferentes Regionais de Ensino e de diversos cursos. A partir do levantamento histórico que já havia feito durante a pesquisa, contei um pouco da história e Simone Moura finalizou com alguns apontamentos sobre as dificuldades e o descumprimento da atual portaria (Distrito Federal, 2018) que normatiza as ações dos CVLOP.

Foram realizadas outras reuniões para a organização do evento e ficou acordado que seriam homenageadas duas professoras aposentadas e uma professora da ativa em cada CVLOP, além de algumas pessoas que trabalharam na coordenação das Oficinas, totalizando cerca de 45 moções a serem distribuídas. A partir do levantamento documental da minha pesquisa, sugerimos os nomes das aposentadas para serem validados (ou não) por cada equipe atual das Oficinas. Ajustes feitos, dividimos algumas comissões: decoração, lanche, divulgação.

Sugerimos que a mesa principal da Sessão Solene fosse composta em um efeito prisma, para apresentar diferentes olhares sobre o trabalho, ficando assim: presidente da sessão (deputado e professor Gabriel Magno), professora cursista (Juliana da Costa – CVLOP de Sobradinho), professora aposentada (Aldanei Andrade – CVLOP de Brazlândia), professora formadora da ativa (Simone Moura – CVLOP do Núcleo Bandeirante), representante da SEEDF (Maria das Graças Machado), representante da EAPE (Luciana Ribeiro), representante das Unidades de Educação Básica (Ana Paula da Silva – Unieb de Planaltina), representante do Sindicato dos Professores do DF - Sinpro (Vanilce Diniz) e representante da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE (Rosilene Correia), além do coordenador das Oficinas Pedagógicas (Lucas Baeta). Feita a divisão, sugerimos os temas a serem abordados entre os participantes da mesa, para que não houvesse falas repetidas.

Por fim, foi sugerida a programação para o dia da Sessão Solene: as pessoas homenageadas receberiam as moções logo na entrada. No Plenário, houve abertura com Hino Nacional, apresentação artística com música e poesia pelos atuais professores formadores, fala das pessoas da mesa, canto de parabéns pelo aniversário das Oficinas e fotos com os homenageados. Ao final, foi feita uma grande ciranda no hall de entrada da CLDF, sendo servidos bolo, suco e refrigerante, oferecidos pelo Sinpro, que fez a cobertura do evento, tanto antes⁵⁴ quanto depois⁵⁵. Também houve transmissão ao vivo pelo canal do YouTube da TV Câmara Legislativa⁵⁶ do DF.

Como eu já estava entrando em contato com as e os professores formadores aposentados dos CVLOP desde 2022, fiquei de contactá-los para convidar e divulgar a Sessão. Para que o evento acontecesse com êxito, várias atividades necessárias foram distribuídas e, novamente, pudemos perceber a potência do trabalho em equipe que emana do grupo. Foi um evento muito

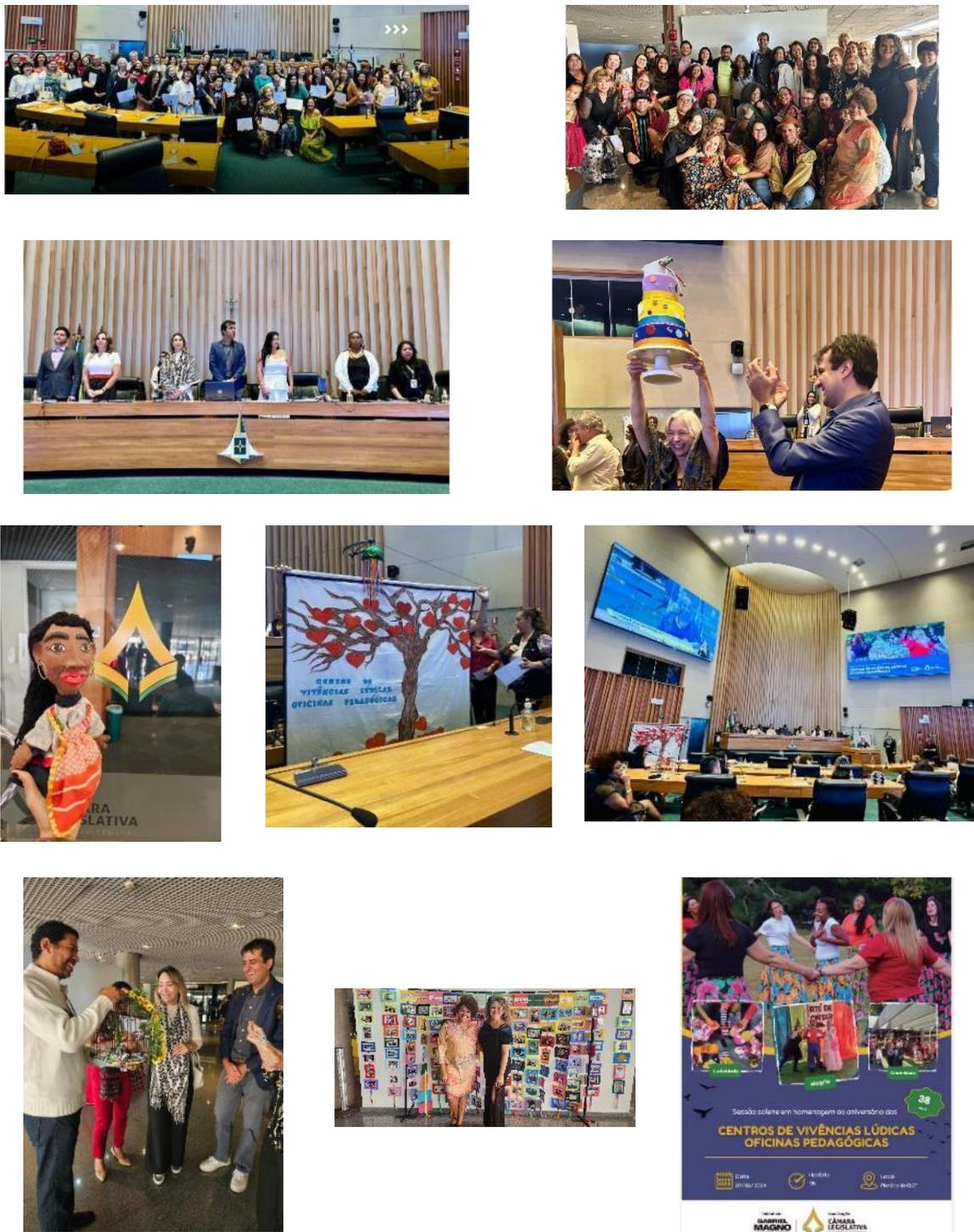
⁵⁴ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/sessao-solene-celebra-38-anos-dos-centros-de-vivencias-ludicas/> Acesso em: 19 ago. 2024, 10:00.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/38-anos-cvl/> Acesso em: 19 ago. 2024, 10:30.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aps-GWrczOY&t=1s> Acesso em: 19 ago. 2024, 11:00.

elogiado e reconhecidamente merecido, do qual participaram cerca de 100 pessoas, sendo que muitas acompanharam a transmissão remotamente. Seguem alguns registros deste dia:

Figura 19 - Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas do DF, na Câmara Legislativa do Distrito Federal – 7/6/2024



Fonte: acervo pessoal da autora⁵⁷, Instagram do deputado Gabriel Magno e do Sinpro

⁵⁷ Registro resumido das vivências por meio de um vídeo editado pela autora, disponível em: <https://youtu.be/djvYWiuCx-w?si=c3n2ajij0Y4dvr6f>. Acesso em: 17 nov. 2024, 13:30.

1.2.2.6 Solicitação do registro dos CVLOP como patrimônio cultural imaterial junto à Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF (SECEC)

Paralelamente a toda essa movimentação e, em virtude dos relatos recolhidos, fui percebendo o quanto a existência deste trabalho é algo singular nascido no Distrito Federal há quase quarenta anos. Apenas para exemplificar, veja o que defende a professora formadora Ivanise Chagas (Vana Chagas):

A gente passou por momentos difíceis, quando estávamos na EAPE. Eu estava lá com vocês, porque além de tudo isso que foi citado, da amálgama das Oficinas Pedagógicas, na minha opinião, o seu curso d'A arte de Contar Histórias era um tronco para vários outros cursos: origami, bonecos... Ele foi, sim, um tronco e isso não pode ser esquecido, [...] O que a Cris está fazendo é um registro muito histórico. E por que resolvi vir aqui falar? Porque é um patrimônio e patrimônio tem que ser reconhecido, não é? Vamos lutar por isso! Muito obrigada a todos, a todas [...] Está sendo um dos momentos mais felizes da minha jornada, da minha carreira profissional, muito obrigada (Chagas, participação na 5ª Roda Memográfica - presencial, 31/5/2023)!

Trata-se de uma percepção expressa por algumas profissionais. Em entrevista semiestruturada, assim se manifestou Márcia Ester, professora que foi cursista, docente e depois coordenadora do Núcleo das Oficinas Pedagógicas.

A ideia da gestão da EAPE, lá de 2009, 2010... é que eles achavam um luxo absurdo ter uma Oficina Pedagógica, nos moldes que nós temos, sendo que é única no país. É a única Secretaria de Educação que tem essa possibilidade. E pedagogicamente, também te falo que ela é simplesmente fundamental. Foi na Oficina que eu me constituí como professora. Isso eu falo com a maior tranquilidade do mundo e, relendo o Diário do meu Portfólio, eu deixo isso muito claro. [...] Também a partir do curso, eu prometi para mim mesma: tudo que eu fosse fazer a partir da formação continuada, aonde eu fosse, eu começaria contando uma história. Eu faço isso até hoje. Assim, eu me obriguei a fazer um acervo de histórias infantis, que eu tenho comigo (Lima, entrevista semiestruturada – Google Meet, 27/7/2022).

Como já estive em encontros de pesquisas em outros estados e cidades para falar sobre este trabalho existente no DF (Bahia, São Paulo, Campinas, Maringá, além dos encontros *online*) posso dizer que é recorrente a surpresa e o deslumbramento das pessoas ao conhecerem algo tão particular desenvolvido na capital federal.

Em atenção ao que as colaboradoras da pesquisa defenderam e me apresentaram, visitei o Museu da Educação e fui recebida por Martita Icó que, há tempos está engajada com os trabalhos de memória e patrimônio no Distrito Federal, atuando entre a SEEDF e a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC). Ela me orientou sobre o processo para solicitar o registro dos CVLOP como patrimônio cultural imaterial do Distrito Federal. Convidei Simone Moura, Lucas Baeta e Adriana Tosta para que, juntos, constituíssemos uma

comissão. Conseguimos uma reunião com o responsável pela Comissão Permanente de Análise e Avaliação de Registro e Tombamento Cultural, da Secretaria de Cultura do GDF, o senhor Felipe Ramon, que nos recebeu no dia 23/10/2023. Apresentei a ele todo o levantamento que já havia feito a partir da pesquisa e ele avaliou como algo plausível de ser pleiteado e ofereceu as orientações necessárias para submissão do pedido. Apresentamos ao grupo de professoras formadoras a intenção e as possibilidades que tínhamos, e todos concordaram que seria algo interessante. A partir daí, organizei toda a documentação, produzi o inventário e, no dia 1/12/2023, foi homologado o pedido, que está tramitando na Secretaria de Cultura e Economia Criativa, junto à Comissão Permanente de Análise e Avaliação de Registro e Tombamento Cultural, sob o nº 00150-00008996/2023-73. Conseguir este registro como patrimônio é algo que consolida a importância desses espaços para o Distrito Federal e não deixa de ser um reconhecimento merecido, dada a rica contribuição para a educação pública do DF.

Todas essas são proposições que a metodologia da pesquisa Etnográfico-Performativa me permite fazer, gerando novos dados para a pesquisa, para registrar e analisar, em que os e as colaboradoras têm autonomia para sugerir, participar, compartilhar as percepções e, de certa maneira, redirecionar os caminhos da pesquisa, em uma construção coletiva de saberes-fazer-sentires. Em todos os eventos propostos e organizados por mim, foi notório o sentimento de gratidão de muitas professoras e professores formadores dos CVLOP. Recebi pessoalmente o abraço acompanhado de muitas mensagens de agradecimento de pessoas com olhos marejados, além de muitas mensagens pelo aplicativo do *WhatsApp* (grande parte delas copiadas “*ipsis litteris*” e presentes no Anexo 7, compondo o conteúdo que constitui os Quadros 37, 38 e 39). Tudo isso colaborava para meu engajamento com a pesquisa junto aos sujeitos colaboradores, na busca de pensar mais estratégias para colocar o trabalho das Oficinas em evidência, objetivo que nasceu em mim depois de perceber a grandiosidade do trabalho sobre o qual havia tão poucos registros. Dessa maneira, como uma pesquisa em constante movimento, muitas foram as estratégias utilizadas para fazer a historiografia do curso e, paralelamente, dos CVLOP, durante as quase quatro décadas de existência. Muitas delas foram criadas durante o próprio processo investigativo, como demonstra o quadro a seguir:

QUADRO 5 – Inventário de Suportes Informacionais

Corpus documental e empírico	Fonte	Ano	Quantidade
Entrevistas semiestruturadas, <i>online</i> , gravadas pelo <i>Google Meet</i>	Autora	2022 -2024	10

Entrevistas semiestruturadas, escritas, enviadas por e-mail e/ou <i>WhatsApp</i>	Autora	2023	04
Entrevistas para o documentário	Autora/ diretor de imagens	2022 -2023	10
Contadores de histórias convidados para a narrativa presente no documentário	Autora/ diretor de imagens	2022	5
Diários de bordo	CVLOP de: Ceilândia, Guará, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Plano Piloto, Samambaia, Sobradinho, Santa Maria, Recanto das Emas, Núcleo das Oficinas, autora	1999-2019	29 Diários de bordo do curso, de 11 CVLOP diferentes + diários de bordo da autora, relativos à sua participação como cursista e como formadora
Portfólios do curso	CVLOP do Plano Piloto, CVLOP de Brazlândia, CVLOP do Paranoá, CVLOP de Sobradinho, autora	1999, 2000, 2001, 2002, 2007, 2003	6
Recortes de jornais e revistas	Núcleo dos CVLOP	1989-1991; 1996; 2000.	22
Cadernos de planos de aula	CVLOP de Sobradinho, CVLOP de Planaltina, CVLOP do Plano Piloto, Núcleo dos CVLOP e da autora	2003, 2001, 2006, 2015	4
Diário de campo	Autora	2022-2025	1
Atas do curso ACH	EAPE	1999-2019	195
Atas de cursos ministrados pelos CVLOP desde 1986, com exceção das atas do ACH	EAPE	1986-2025	990
Atas de cursos ministrados antes da consolidação das Oficinas	EAPE	1974 - 1990	67
Relatórios do curso	Núcleo dos CVLOP, CVLOP de Sobradinho, do Recanto das Emas, do Paranoá	1999 - 2019	20
Fotos emprestadas e/ou enviadas	Empréstimo por parte dos 14 CVLOP + Núcleo dos CVLOP + envio por vários professores formadores	2022-2024	Mais de 300 fotos
Vídeos	<i>Youtube</i> (canal das Oficinas e Canal E)	1989 e 2016	2
Entrevistas <i>in loco</i> , ao visitar as Oficinas	Autora/ Diretor de imagens	2022; 2024	1ª visita – entrevistas com as equipes de 13 CVLOP; 2ª visita – entrevistas com as 14 equipes dos CVLOP
Entrevistas semiestruturadas, presenciais, orais	Autora	2022	3
Projetos do curso ACH	EAPE/ Núcleo das Oficinas Pedagógicas	1999-2019	13
E-mails recebidos espontaneamente	Professoras formadoras	2022-2024	4

Empréstimo de materiais sobre a feira do livro	Representante da Distribuidora de livros Arco-Íris	2023	Cerca de 60 itens, entre: Livro, vários encartes, folders
Mensagens, depoimentos, relatos enviados pelo <i>WhatsApp</i> de forma espontânea	Professoras formadoras e cursistas	2022- 2025	Incontáveis (muitos compõem os quadros 37, 38 e 39, além das citações ao longo do texto)
Rodas Memográficas <i>online</i>	Autora	2022	3 rodas, totalizando 16 participantes
Rodas Memográficas presenciais	Autora	2022; 2023	2 rodas: 1ª 22 participantes 2ª 69 participantes
Cartazes de eventos	Núcleo dos CVLOP	1988-2025	Cerca de 70

Fonte: elaborado pela autora, set. 2025.

No próximo capítulo, apresento alguns pontos da proposta de Anísio Teixeira vinculada, principalmente, à defesa de uma educação integral, com os princípios da educação pela arte que ressoam fortemente com o trabalho desenvolvido pelos CVLOP, em que muitos professores e professoras formadoras foram estudantes da Educação Básica no DF. Também apresento dificuldades que ocorrem no campo macro, da SEEDF e que se refletem no micro, no trabalho dos CVLOP. Apresento, ainda, os movimentos contextuais para que emergisse, na década de 1980, o trabalho das Oficinas Pedagógicas, além de expor seus movimentos precursores. Há menção a alguns marcos históricos da educação para melhor compreensão e contextualização do trabalho.

Com o poema abaixo, da professora formadora Vilma Gomes, convido vocês a conhecerem um pouco mais o “projeto-mãe”, antes de adentrarmos em aspectos do “projeto-filho” propriamente dito. Quais os antecedentes históricos? Qual o contexto que colaborou para que esses espaços surgissem na capital federal? Quais as principais dificuldades dos CVLOP?

Borboletas

*Nós, professoras (es) que trabalhamos
nas Oficinas Pedagógicas,
somos como as borboletas:
coloridas, suaves, doces como o néctar das flores.
Também possuímos o impulso desbravador das lagartas que enfrentam
todos os obstáculos do caminho
e acabam por promover a metamorfose
de experiências.
Instigamos novos voos e outras borboletas vão surgindo para um êxtase coletivo.
Histórias que se unem para que novas histórias sejam desenhadas.*

Vilma Gomes (Professora formadora CVLOP do Núcleo Bandeirante – 2015)

2 EM UMA CIDADE NOVA LOCALIZADA NO PLANALTO CENTRAL, HÁ ALGUM TEMPO ATRÁS...

*Minha esperança é necessária,
mas não é suficiente. Ela só, não ganha a luta,
mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. [...] Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,
esperançar é construir, esperançar é não desistir!
Esperançar é levar adiante.
Esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo.
(Paulo Freire, 1997)*

Após conhecermos os percursos metodológicos deste trabalho, vamos resgatar a história apresentada na introdução. Pensando nas três palavras que o sagrado trouxe, refletimos sobre a primeira, *esperança*. Para isso, trazemos ao diálogo Paulo Freire, referência do prêmio sobre o qual mencionamos no capítulo anterior. Etimologicamente, tem origem latina em *spes*, com o sentido de confiar que algo positivo acontecerá⁵⁸. Foi desse termo que derivou o verbo latino *sperare*, base para o verbo “esperar” em português, que, por sua vez, significa “aguardar, ter *esperança*”. Porém, ao ser empregado como verbo por Paulo Freire, houve uma subversão alterando o sentido inicial. Como verbo, palavra que indica ação, outro sentido foi acrescentado a “*esperançar*”: não basta ficar aguardando; é preciso ir em busca com determinação e movimento. Unindo as forças de acreditar que algo positivo irá acontecer com a ação necessária para que isso acontecesse, o grupo de professoras formadoras dos CVLOP foi buscando caminhos para o trabalho ir se consolidando. Não foi fácil; não é fácil, como veremos. Afinal, trata-se de um projeto que surge da própria base, de professoras e professores esperançosos em se juntar “para fazer de outro modo”. Em vez de ser um projeto da elite, governamental, oriundo de forças hegemônicas, trata-se de um projeto que vai na contramão disso e, talvez por essa razão, também enfrente tantas batalhas ao longo de sua história na busca de seguir (re)existindo, apesar de tudo.

2.1 Sistema público de ensino do Distrito Federal – a utopia interrompida

*Espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes;
homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, toda a sua fragilidade;
homens que compreendam o valor das coisas simples e puras
- um gesto, uma palavra de afeto e de solidariedade”
(Oscar Niemeyer, 1962⁵⁹).*

⁵⁸ Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/esperanca/> Acesso em: 29 fev. 2023, 09:45

⁵⁹ A fala em epígrafe foi publicada no Plano Orientador da Universidade de Brasília, veiculado em 1962. Uma das primeiras publicações da Editora da UnB. Disponível em: <https://cen.unb.br/en/departamento/history> Acesso em: 20 fev. 2025, 10:45.

Proceder à historiografia do curso “A Arte de Contar Histórias” é falar da história dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas que, por sua vez, estão inseridos em um sistema maior: o de educação pública do Distrito Federal. Tornou-se importante, então, buscar as vinculações que fizeram emergir esse movimento na década de 1980 na intenção de compreender a longevidade de um projeto que nasceu, lá no começo, com data de início e de fim. O Anexo E, por exemplo apresenta um documento de 1990 que comprova essa informação.

Falar do trabalho dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas é, portanto, falar de parte da história da educação no Distrito Federal. É falar de mudanças de governos, de chefias, de entendimentos. É falar de mudanças de siglas, muitas mudanças⁶⁰. É falar de teorias pedagógicas, diretrizes filosóficas, metodologias ao longo de um tempo de quase quatro décadas. É falar de mudanças, com avanços e também com retrocessos. É buscar as bases pensadas para a educação da nova capital que, conforme seu idealizador, Anísio Teixeira, teria condições para ser modelo para todo o Brasil. Analisando a vivência dos CVLOP, assim se manifesta a professora formadora Maria Beatriz:

Foi um grande momento da nossa vida! Era um projeto empolgante! Tanto que teve algo, onde as pessoas falavam: “Isso não existe no Brasil, só aí em Brasília. Quem dera se isso fosse um projeto do MEC”. Eu me lembro desta pessoa falando e o olho da gente brilhava! Deve ter sido em Feira do Livro porque a gente se encontrava com muitos escritores, tinha aquelas pessoas que eram homenageadas. A gente ia, conversava. Eles falavam: “Isso devia ser projeto do Ministério da Educação. Não apenas do Distrito Federal” (Almeida, entrevista semiestruturada – Google Meet, 28/2/2023).

Essa fala se vincula ao ideal, defendido por Anísio, de Brasília ser modelo educacional para o Brasil. O projeto inovador para o DF representava a *esperança* de uma educação mais democrática, atendendo em uma mesma escola crianças de todas as classes sociais, com vistas a propiciar igualdade de oportunidades de educação para todas e todos.

O sistema de educação do estado democrático moderno, convém repetir, não é tal sistema, mas o de escolas públicas destinadas a oferecer oportunidades iguais ao indivíduo e ministrar-lhe educação para o que se costuma chamar de *eficiência social*, ou seja, o preparo para o exercício das suas funções sociais de *cidadão*, de *trabalhador* (concebido sem nenhuma conotação de classe) conforme as suas aptidões e independente de suas origens sociais, e de *consumidor* inteligente dos bens materiais e espirituais da vida. Esta educação tem, pois, ela, e em todos os seus estádios, os objetivos que antes se dividiam pelos diferentes sistemas escolares: o de cultura geral, o da formação prática ou vocacional, o de formação profissional e o de formação para

⁶⁰ Na cidade das siglas, Brasília, há tantas mudanças que podemos refletir se realmente seriam necessárias. Será que, ao mudar o governo e as chefias, há real necessidade de mudar as siglas dos setores? Enfim, trago esta inquietação, pois foi perceptível essa ação de apagar o que fora feito em governos anteriores. Exemplo disso é o que hoje se chama Unieb (Unidade de Educação Básica). No decorrer dos anos, ela já foi: GEB (Gerência de Educação Básica), NMP (Núcleo de Monitoramento Pedagógico), SCP (Seção de Coordenação Pedagógica), NCP (Núcleo de Coordenação Pedagógica), tudo para se referir a um mesmo setor.

o lazer. Daí, constituir-se um sistema contínuo, integrado e aberto a todos, em condições de igualdade de oportunidades (Teixeira, 1963).

Apresentando características semelhantes ao que fora desenvolvido na Bahia e no Rio de Janeiro, em Brasília havia o diferencial de o sistema de ensino poder ser implementado junto ao estabelecimento da própria cidade (Duarte, 2011). A área do Distrito Federal já contava com algumas escolas (em Brazlândia e em Planaltina), mas estas eram distantes dos canteiros de obras, onde havia a necessidade urgente de implementação de escolas e, conseqüentemente, de um sistema de ensino novo e projetado para este fim.

Anísio Teixeira elaborou uma proposta que foi publicizada em 1961, sob o título “Plano de Construções Escolares de Brasília”, na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (Pereira; Carvalho, 2018, p. 22), documento que previa uma interligação desde o Jardim de Infância até a Educação Superior, cujo sistema de ensino deveria ser constituído por: Centros de Educação Elementar (Jardins de Infância, Escolas Classes e Escolas Parques); Centros de Educação Média (Escola secundária, com parque de educação média, núcleo cultural, biblioteca, museu, administração e restaurante) e Educação Superior (Universidade de Brasília). Foram reservadas áreas para um total de 28 Escolas Parques, tendo sido construídas apenas cinco na região central (308 Sul, 313/314 Sul, 303/304 Norte, 210/211 Sul, 210/211 Norte). Em 2025, há outras três, não previstas no planejamento inicial: Escola Parque Anísio Teixeira em Ceilândia, Escola Parque da Natureza em Brazlândia e Escola Parque da Natureza e do Esporte do Núcleo Bandeirante. Maria Duarte (2011, p. 119) afirma que as Escolas Parques tinham a função de “ministrar atividades que complementam, com as Escolas-Classe⁶¹, o currículo pleno dos ‘Centros de Educação Elementar’”, ou seja, seriam as Escolas Parques responsáveis por complementar o trabalho das Escolas Classes, fornecendo experiências para colaborar com o desenvolvimento dos aspectos: físico, recreativo, do trabalho, artístico, de socialização. Em cada semestre, as e os estudantes poderiam escolher entre várias atividades, como marcenaria, cerâmica, tecelagem, teatro de bonecos, dança, enfim. Assim, uma das orientações do projeto educacional das Escolas Parques - que deveriam ser de acesso a todas e todos os estudantes da capital - é o aspecto lúdico, que deve envolver as aprendizagens, abarcando, também a dimensão sensível do humano. Inclusive, o projeto arquitetônico das Escolas Parques buscou atender as especificidades das linguagens artísticas, com instalações destinadas ao teatro, à dança e à música.

⁶¹ A mencionada pesquisa apresenta os termos Escola Classe, Escola Parque e variações escritos com hífen, fiel aos documentos da época.

As Escolas Parques são, portanto, exemplos dos princípios da educação por meio da arte. A professora Maria Amélia Pereira (PEO - *in memoriam*), uma das idealizadoras do trabalho desenvolvido na Casa Redonda⁶² e autora estudada nos primórdios do trabalho das Oficinas Pedagógicas foi egressa da Escola Parque de Salvador. Em conferência que aconteceu na UnB em 1994, ela assim se posicionou:

Nós fazíamos estágio na Escola Parque e pude então entrar para a área da Educação participando de uma experiência viva, de uma escola verdadeira, onde o aprendizado era vivo e concreto. As crianças passavam um período integral na escola [...], aprendiam fazendo. [...] Ali, as crianças eram felizes, eram alegres, havia vida, movimento. [...] Outro aspecto importante e que eu gostaria de destacar na Escola Parque era a qualificação do professor. [...] estes professores tiveram dois anos de preparação e montaram juntos o projeto de trabalho. Não foi imposta aos professores uma metodologia pronta, de cima para baixo, eles tiveram uma participação muito grande na própria organização do projeto (Pereira, 1994, p. 1-2).

Pelo relato da professora Maria Amélia, em vários aspectos, o projeto dos CVLOP dialoga com os princípios existentes nas Escolas Parques. Nos cursos oferecidos, há muita vida, facilmente verificável nos registros fotográficos e relatos. Há movimento, alegria, integração. A ideia também de coletividade é princípio basilar para o trabalho que, com o tempo, foi desenvolvendo sua própria metodologia, não tendo sido algo imposto. Foi pensado, idealizado e executado por professoras e professores, para outras e outros docentes, com foco no apoio ao trabalho pedagógico em sala de aula, mas não apenas isso. Também abrindo espaço para o lado criador da professora e do professor ser fomentado.

A Escola Parque da 308 Sul foi a primeira⁶³ a ser entregue à comunidade do DF e o seu auditório foi bastante importante para aquele momento de estruturação da capital, sendo por mais de cinco anos o único que existia em Brasília. Tempos depois, foi esse auditório que acolheu a maior parte dos encontros do curso “A Arte de Contar Histórias”, os quais abordaremos no Capítulo 4. Trata-se de um espaço simbólico para a história do curso investigado, da Arte-Educação e da própria história educativo-cultural de Brasília.

Egressa da Escola Parque da 313/314 Sul, no DF, onde estudou dos 9 aos 12 anos na década de 1980, a professora doutora Joana Abreu faz algumas considerações sobre esta experiência:

Eu gostava bastante da Escola Parque. Me lembro com especial apreço de uma professora de teatro. Ela se chamava Isabel. São as minhas primeiras memórias de

⁶² É uma escola que segue os princípios da Educação da sensibilidade. Maiores informações: <http://acasaredonda.com.br/> Acesso em: 19 ago. 2024, 22:00.

⁶³ No final de 2020, foi publicada uma reportagem sobre a comemoração dos 60 anos desta escola, disponível em: <https://noticias.unb.br/67-ensino/4656-brasilia-celebra-60-anos-da-sua-primeira-escola-parque-proposta-embasada-na-integracao-como-conceito-pedagogico> Acesso em: 19 ago. 2024, 22:10.

aula de teatro. Ela organizava várias vivências interessantes com a gente. Por exemplo: às vezes a gente entrava no teatro e o palco estava coberto de grandes galhos de árvores e folhas. A partir daquela situação espacial, a gente precisava vivenciar uma aventura em um lugar, em uma floresta, num espaço. São coisas que me lembro muito bem. Ela fazia laboratórios sensoriais, vendava nossos olhos, dava pra gente experimentar sabores num copinho: limão, café, passava cheiros. Fazia várias atividades e me lembro com bastante nitidez de atividades das quais eu gostei muito (Oliveira, informação verbal, em áudio, WhatsApp, 2/2/2023).

O relato da professora Joana Abreu ressoa diretamente com algumas das experiências vividas em cursos oferecidos pelos CVLOP. Além da ambientação espacial, a partir dos objetivos do encontro, experiências sensoriais como as citadas pela professora são recorrentes. Por sua vez, Ederson Luiz, mestre em Educação Musical pela UnB, ex-professor formador no CVLOP de Santa Maria, também é egresso da Escola Parque da 313/314 Sul- DF (1987/1988) e nos diz:

Ir para a Escola Parque era melhor que ir pra escola tradicional, de matérias. Porque lá a gente fazia Artes, Literatura e Educação Física. Tinha uma sensação de um frescor maior, uma questão de uma escola um pouco mais aberta, mais parque, pelo próprio nome. Onde se brinca mais, tem o contato com a Arte. Lá na Escola [...] lembro que uma vez eu fiz um avião de madeira. Isso foi muito importante para minha infância. Era tipo aqueles aviões antigos que tinham uma asa dupla, que tem duas partes ligadas por um cilindro. Ele era grande [na percepção de uma criança]. Era maior que o braço inteiro de uma pessoa (Silva, informação verbal, em áudio, WhatsApp, 5/2/2023).

Como se pode depreender do relato, a Escola Parque contribuiu, em parte, com o ideário educacional pensado por Anísio Teixeira, buscando uma educação que envolvesse várias dimensões humanas. Atente-se ao trecho em que o professor formador, depois de tantos anos, ressalta a construção de um avião de madeira, experiência que guardou em sua memória, certamente por ter sido significativa.

Lamentável que a experiência de estudar em uma Escola Parque, contrariamente ao que fora idealizado, não tenha sido uma possibilidade para tantas pessoas que se tornaram professoras na capital, como eu. Embora tenha estudado toda a Educação Básica em escolas públicas e tenha me tornado professora de escola pública, foi apenas durante a participação em cursos ministrados pelos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas da SEEDF que pude despertar possibilidades desconhecidas por mim mesma, superando alguns limites. Ser instigada a produzir meu próprio fantoche, por exemplo, minha pasta-Portfólio, minha mala de contação de histórias fez com que eu pegasse em vários materiais pela primeira vez (agulha, linha, papel paraná, agulhões...) e toda a simbologia associada a esse ato.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido pelos CVLOP acaba sendo oportunidades de descobertas, ainda que em um tempo avançado dos e das professoras em formação. Muitos

docentes da rede foram privados dessas experiências em sua formação inicial; mas há na Secretaria um setor que pode promover, suscitar esse encontro junto às e aos professores cursistas, como em um laboratório de aprendizagens na formação continuada, já defendido no ideário de Anísio Teixeira. Não é o caso de preencher lacunas deixadas na formação inicial, não é isso. É a oportunidade de propiciar novas experiências às e aos participantes, ampliando os horizontes, algo que, também, depende da predisposição de cada uma e de cada um para a vivência das propostas.

Propiciar a oportunidade de vivências artísticas às professoras e aos professores da SEEDF, de todas as áreas, etapas e modalidades não deixa de ser uma reverberação da proposta inicial de Anísio Teixeira para a educação pública do Distrito Federal.

Outro ponto que merece destaque no percurso histórico da educação no DF é a criação e instalação da Escola de Aplicação de Brasília, a qual era destinada às e aos estudantes do curso Normal, em que as normalistas poderiam observar as aulas, participar e iniciar na prática de ensino. Nesses espaços, a “educação artística era valorizada como prática educativa, não só pelo processo de liberdade e criação que propiciava, mas como instrumento de integração das aulas” (Pereira, 2011, p. 193). No começo do trabalho das Oficinas Pedagógicas, houve, inclusive, algumas parcerias com a Escola de Aplicação. Eram produzidos e testados jogos. Desde a formação das futuras professoras, havia a preocupação em se perceber a importância da ludicidade para as aprendizagens. “Criaram-se assim, oportunidades diversas para que se desenvolvessem na Escola de Aplicação experiências pedagógicas de relevância para a formação de novos professores, que tornavam aquela escola um laboratório vivo para a sua prática docente” (Pereira, 2011, p. 194). A Escolinha de Aplicação contribuía, portanto, como incentivo à pesquisa, à experimentação e à educação criadora na formação das futuras professoras, elementos basilares em toda a existência das Oficinas Pedagógicas.

A proposta educacional de Anísio Teixeira apresentava os princípios de “educação para a vida”, com foco na formação integral, abrangendo as várias dimensões do humano. Assim, temas desvinculados da vida cotidiana deveriam ser eliminados e o interesse das e dos estudantes deveria estar em primeiro lugar, de modo a desenvolver neles a liberdade de criação e a autonomia. Anísio Teixeira pensou a escolarização (a ser executada nas Escolas Classes, onde se aprenderia a estudar), em uma abordagem interdisciplinar e, para isso, as atividades escolares deveriam se estender por 8 horas diárias, divididas entre atividades de estudo nas Escolas Classes e as de trabalho, arte e convivência nas Escolas Parques. Era importante, portanto, que a escola se tornasse “uma instituição inserida no dia-a-dia comunitário, quer no

que se refere à contribuição para adequação dos serviços educacionais, quer no que se relaciona com seus mecanismos de vida instrutiva, social e lúdica” (Distrito Federal, 2001, p. 100).

Tratava-se de um projeto em que prevaleceria a experimentação, a criatividade já que, na cidade nova, tudo estava em processo de criação e o projeto educacional trazia o desafio de ser diferente, de ser transformador e revolucionário. Dessa maneira, os fazeres (atividades manuais), a experiência de trabalho, a experiência criadora e a estética ganharam significativa relevância. De acordo com Amaral (2018, p. 71-72), a proposta para a capital era a de criação de um sistema integrado de ensino, “do jardim de infância à universidade, visando à educação do homem em sua integralidade e tendo como uma das preocupações centrais a formação de professores devidamente aptos a assumir as demandas requeridas para esse novo modelo de educação”. Dessa forma, pode-se compreender que a formação das professoras e dos professores era uma das questões prioritárias. Além disso, para o novo modelo de educação, de acordo com a proposta de educação para a vida, recursos tecnológicos⁶⁴ deveriam ser adotados, como TV, rádio, cinema, além de que a arquitetura escolar deveria:

[...] combinar aspectos da ‘escola tradicional’ com os da oficina, do clube, de esportes e de recreio, da casa, do comércio, do restaurante, do teatro, compreendendo, talvez, o programa mais complexo e mais diversificado de todas as arquiteturas especiais (Distrito Federal, 2001, p. 25).

[...] Talvez o espírito de Brasília de inovação, o próprio plano de educação da cidade, elaborado pelo professor Anísio Teixeira, tudo indicava que deveria ser um ensino dinâmico, um ensino realista, um ensino diversificado, com a valorização da parte artística, da parte do trabalho (Distrito Federal, 2001, p. 59).

Com o objetivo de alcançar uma educação de qualidade e que fosse modelo para o restante do país, foi organizado um concurso, por meio de carta-circular, para professores de todo o Brasil que seriam selecionados pelos melhores currículos. Para tanto, muitas promessas foram feitas, como bons salários, casa com mobília. Diante de tantos desafios, era importante que o perfil das professoras pioneiras trouxesse características como: abertura às mudanças, *coragem* para colocar em prática um projeto de educação inovador, revolucionário e transformador. Outra característica importante era o valor dado ao contexto social em que a escola estava inserida para o planejamento e atuação pedagógica. Portanto, era fundamental que

⁶⁴ Devemos entender, no contexto das Oficinas Pedagógicas, a noção de “recursos tecnológicos” empregada nas décadas de 1980-1990, que ainda não eram recursos tecnológicos digitais, mas recursos possíveis de facilitar as ações para alcance dos objetivos. A visão ampliada do conceito irá nos mostrar que há vários recursos tecnológicos, como a TV, rádio, até mesmo o livro é considerado um recurso tecnológico. Nesse sentido, os jogos também são recursos tecnológicos em favor das aprendizagens. Atualmente, há os digitais e os não digitais.

a escola fosse integrada à comunidade, seja a partir de atividades abertas, seja emprestando materiais pedagógicos (Amaral, 2018, p. 92).

O contrato inicial dos professores previa 6 horas na semana e 4 horas no sábado, com “jornada de trabalho dividida em tempo para lecionar e outro onde os professores se preocupam em organizar aulas, em melhorar o nível de conhecimentos, frequentar cursos de estudo dirigido e corrigir trabalhos entre outras atividades extraclasse” (Carvalho, 2011, p. 318).

A formação continuada dos professores é, pois, percebida como condição para melhoria da educação escolar, desde a implantação do ensino público no DF. Era frequente a participação das professoras e professores em seminários e cursos em outros estados da federação. Destaque merece ao Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar (PABAAE), localizado em Minas Gerais (Pereira, 2011, p. 192). Com o passar do tempo e a consolidação do sistema educacional no DF, a Secretaria de Educação foi buscando meios para que a formação continuada acontecesse na própria capital. Assim, antes da existência da EAPE, havia cursos certificados pelo Instituto de desenvolvimento de Recursos Humanos (IDR), pela Divisão de Recursos Humanos (DRH), pela Direção de Seleção e Capacitação de Recursos Humanos (DSCRH), além de outras instituições, por meio de parcerias, convênios e contratações particulares.

Em 1988, a Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal (EAP) foi instituída por meio da Resolução nº 2.416, de 10/8/1988. No entanto, em 1993, ela foi desativada no governo Joaquim Roriz (PTR), época da secretária de educação Eurides Brito. Mas, em 1997, por meio da Lei nº 1.619, de 22 de agosto, no governo Cristovam Buarque (PT), a EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos profissionais da Educação) foi instituída. Em sua trajetória, a EAPE já foi “Escola”, “Centro”, “Subsecretaria” e, em 2024, tornou-se a Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais de Educação. No entanto, os gestores possuem cargo de confiança do governo, o que afeta diretamente algumas decisões e encaminhamentos, nem sempre em diálogo com a base do professorado. Apesar disso, ter uma Unidade-Escola de Formação Continuada no Distrito Federal é uma postura vanguardista, alinhada com os princípios anisianos. O sistema educacional de Brasília seria “tendente a tornar-se laboratório de experiências pedagógicas, aberto a novas tecnologias que mostrem potencial para aumentar a produtividade e melhorar a qualidade do ensino” (Distrito Federal, 2001, p. 103).

Lúcia Rocha e Maria Regina F. Antoniazzi (2011, p. 99), em seu artigo: “Anísio Teixeira: educação integral e formação para o trabalho”, apontam que o princípio da ludicidade se faz presente já no Plano Educacional de Brasília, trazendo a defesa de que as atividades das crianças deveriam ser lúdicas pois, naturalmente, evoluiriam para o trabalho - um jogo mais

responsável - que deveria ser conduzido de forma mais racional. Segundo as autoras, “o educador deixa claro que há uma relação direta entre trabalho e jogo, ambos entendidos como atividades lúdicas”. Assim, podemos entender que a ludicidade na proposta anisiana se fez presente desde sua idealização. Afinal, é uma importante dimensão humana, não muito valorizada pela educação tradicional.

Anísio Teixeira ressaltava a importância de as pessoas sentirem-se pertencentes à comunidade, participantes corresponsáveis por atividades coletivas, em que cada pessoa exerceria o seu papel. Nas palavras dele: “as condições de responsabilidade e de prazer são indispensáveis para o crescimento educativo dos alunos e para a sua progressiva participação na sociedade adulta” (Teixeira, 1971, p. 49-50). Ao admitir a condição de “prazer” para o crescimento educativo dos alunos, nos deparamos com uma das mais importantes características da ludicidade: a satisfação em participar de determinada ação e/ou experiência.

Anísio Teixeira ainda acreditava na integralidade das dimensões humanas, defendendo que somente poderia ser possível “‘espiritualizar’ e ‘humanizar’ a vida moderna, humanizando e espiritualizando a ciência, o trabalho e a organização social”. Ainda segundo ele, “o divórcio entre o material e o espiritual é inconcebível, salvo como aspectos da mesma atividade geral, que é, simultaneamente, material e espiritual ou espiritual e material” (Teixeira, 1955, p. 8). É nessa perspectiva de educação humanizada que as artes recebem significativa atenção no projeto de Anísio Teixeira. Para ele, a escola também deveria “preparar os poetas e os artistas, profissionais destinados a interpretar e dar significado ao valor da vida e do esforço humano. Esses profissionais darão o toque humano ao imenso formigueiro humano” (Teixeira, 1960). Desde sua instituição, as Oficinas Pedagógicas, entendidas por muitas pessoas como “o coração da Secretaria de Educação”, têm a prerrogativa de participar dos eventos culturais das Regionais de Ensino, algumas vezes expressas nos documentos norteadores. São as poetisas e os poetas, as contadoras e os contadores de histórias, os músicos e as musicistas, as e os brincantes.

2.2 A Educação pela Arte no projeto de ensino da capital

*“Só existirá democracia no Brasil
no dia em que se montar no país
a máquina que prepara as democracias.
Essa máquina é a escola pública.”
(Anísio Teixeira, 1932)*

Anísio Teixeira tinha como inspiração duas referências importantes: John Dewey (sua defesa sobre Educação e Arte) e as Escolinhas de Arte lideradas por Augusto Rodrigues, em

que figuravam os princípios da “educação através da arte”, um “oásis de sombra e luz”, onde as crianças podiam encontrar-se consigo mesmas e com a alegria de viver (Martins, 2011, p. 233-234). Anísio avaliou a experiência nas Escolinhas de Arte como algo inovador para a época, com o sentido mais amplo de educação integradora, uma busca que ele mesmo fazia ao elaborar o plano educacional para a cidade nova, na defesa de uma educação integral.

Pela experiência vivida como professora formadora dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, avalio que esses espaços podem ser considerados como “oásis” para as professoras e os professores cursistas, no sentido de que as propostas são permeadas por vivências de diversas linguagens artísticas. As e os docentes encontram oportunidades para expressarem seus sentimentos, participarem de atividades com música, dança, desenho, teatro, sem negligenciarem, evidentemente, as necessárias reflexões teóricas. São propostas pensadas a partir de um tema gerador. A metodologia desenvolvida nesses anos de atuação no DF promove a integração entre o pensar-sentir-fazer, que abordo na minha dissertação de mestrado, já citada.

No cenário em que a expressão artística ganha visibilidade, em Brasília, vários foram os movimentos nos primórdios da capital que enfatizavam essa dimensão do conhecimento, tanto de iniciativas públicas quanto particulares. Maria de Souza Duarte, em sua pesquisa “A educação pela arte – o caso Brasília” (1982) e “A educação pela arte – o caso garagem” (2011) apresenta uma minuciosa descrição dos movimentos que por Brasília aconteceram, desde sua inauguração. O quadro a seguir, baseada na mencionada pesquisa, foi feito para exemplificar, rapidamente, esses aspectos:

Quadro 6 - Movimentos que evidenciam a efervescência das artes nos primórdios de Brasília

Iniciativas da UnB
ICA – Instituto Central de Artes (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB): experimentação e apreciação artística.
CEC (1961-1965) – Centro de Extensão Cultural da UnB: humanização das condições de vida na cidade nascente.
CIEM (1964-1970) – Centro Integrado de Ensino Médio: Unidade experimental de Ensino Médio, em que para cada disciplina do currículo havia um coordenador e vários professores.
CEAC (1967-1968) – Centro Experimental de Arte na Educação. Objetivo: ocupar-se com o estudo e divulgação dos métodos de educação criadora, através da prática de artes.
Projeto de Escolinha de Arte na UnB (1965) : Ana Mae Tavares Barbosa foi convidada. Foco na importância da Arte na Educação para a Faculdade de Educação da UnB. A Escolinha não chegou a ser inaugurada.
DEX – Decanato de extensão da UnB – órgão encarregado de supervisionar e coordenar as atividades de extensão da UnB. Através dele, a UnB desenvolveu a missão de ser centro de preservação, criação e irradiação da cultura.
Iniciativas da FEDF (Atual SEEDF)
Escolas-parque : as crianças voltam em turno contrário para execução de atividades artísticas.
Escola de Aplicação da Escola Normal de Brasília e do CASEB : as crianças voltavam em turno contrário para execução de atividades artísticas.
Escola Normal de Brasília : teatro de fantoches, livro de histórias criadas por elas, diagramação de cartazes, trabalhos no setor de audiovisual faziam parte da formação das normalistas.

Bibliotecas da FEDF: No começo, como as crianças não tinham o hábito de frequentar bibliotecas, teve início as Escolinhas de Artes: atividades de desenho, pintura, música e teatro. Em 2025, na Biblioteca comunitária da 304 Sul, existe essa escolinha, cujo nome atual é Escola de Criatividade, atuando desde 1969 ⁶⁵ .
Escola de Música: “A filosofia da escola foge à linha tradicional das escolas de música, vê a formação total do aluno, não apenas formar em um instrumento, ele participa de atividades em grupo” (Duarte, 2011, p. 130).
Iniciativas patronais
SESI e SESC: Os serviços prestados atingem uma gama grande de atividades porque, para o homem, não se coloca só o problema da sobrevivência. Assim, são desenvolvidas várias ações de cunho cultural e educacional.
Experiências de iniciativa particular
Curso Pré-Universitário (1967-1977): experiência de ligar atividades artísticas ao currículo do Ensino Médio.
Festa de Arte e Cultura (FAC – 1973): mostra de produção artística da cidade, em todas as áreas.
Cresça – Centro de realização criadora (1976-1990) – Abordarei essa experiência mais detalhadamente na sequência.
Galeria Cabeças (1978 – 1991): espaço alternativo de criação, a partir de artistas locais, com exposições e concertos.
Cuca: Movimento Candango de Dinamização Cultural: 5 núcleos: cinema e fotografia; música; teatro; literatura; artes plásticas e gráficas.

Fonte: elaborado pela autora a partir da leitura da pesquisa de Maria da Silva Duarte (2011), em fev. 2022.

Estabeleço diálogo com a pesquisa de Maria de Souza Duarte (2011), pois ela coloca em evidência a efervescência artístico-cultural que havia no início da nova capital. Vários movimentos, ações e projetos buscavam ressaltar e fomentar a importância das artes para a cidade que foi projetada artisticamente, compondo uma verdadeira obra de arte a céu aberto. É claro que muito desse fervor foi interrompido de tempos em tempos, mas não deixa de ser importante para o trabalho a ser desenvolvido com base nos princípios da educação pela arte e que reverbera em várias outras situações, às vezes ainda pouco registradas, como é o caso do trabalho dos CVLOP.

As Oficinas Pedagógicas surgem em 1986, um ano após o fim da ditadura, na qual prevalecia a restrição à liberdade, respeito incontestável às hierarquias, presença da censura e, na educação, imperava a tendência tecnicista acompanhada por princípios de uma educação extremamente reprodutivista. Em vários cursos das décadas de 1970 e 1980, prevaleciam as ideias de “treinamento”, “capacitação” e, até mesmo, “adestramento”. Convém reiterar, no entanto, que havia alguns movimentos na formação continuada do Distrito Federal, sobre os quais refletiremos mais adiante, que buscavam trazer a presença da educação pela arte e educação criadora para as professoras e professores, geralmente por meio de convênios entre a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) e outros órgãos, como Fundação Cultural do Distrito Federal (FCDF), Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Centro de Realização Criadora (Cresça), Centro de Criatividade (Atual Espaço Cultural Renato Russo).

⁶⁵ Há uma reportagem interessante sobre essa experiência em Brasília, com participação dos escritores/ilustradores Alessandra Roscoe e Roger Melo, egressos da referida escola. Veja: <https://globoplay.globo.com/v/7320748/> Acesso em: 20 ago. 2024, 19:00.

Em meados de 1986 e 1987, nos arquivos documentais, nota-se uma efervescência de cursos com foco na criatividade e produção de material de ensino-aprendizagem (MEAs). Somam-se mais de 250 cursos nesses dois anos, dos quais mais de 50 possuem temáticas com a formação atualmente desenvolvida pelos CVLOP, incluindo alguns “treinamentos” com princípios da Pedagogia montessoriana. Pode-se inferir que havia um movimento, “pós-ditadura”, buscando possibilidades com as artes e os “fazeres”, para o ensino na capital, possíveis retomadas de alguns princípios do plano educacional para o Distrito Federal.

Há o registro de várias ações de formação continuada na área de “especialização em oficinas pedagógicas – couro, madeira, cerâmica”, ofertadas nos anos de 1975, 1976, 1977, 1978, destinadas aos professores lotados nas oficinas pedagógicas dos Centros de Ensino Especial⁶⁶. Também há registro de cursos de treinamento em audiovisual, havendo ainda muitos cursos para dinamizadores e professores de educação artística⁶⁷. Em especial, as temáticas desenvolvidas pelo Centro de Realização Criadora (Cresça) chamaram a atenção, devido à afinidade com os temas desenvolvidos pelos CVLOP na atualidade. Tentando compreender melhor o contexto, entrevistei a professora Marília Panitz, que trabalhou nesse centro e gentilmente apresentou as seguintes informações:

Atuei na escola Cresça entre 1980 e 1990. Em 1983, ingressei na antiga Fundação Educacional do Distrito Federal. Durante esse período, lecionei regularmente na Secretaria e, no período noturno, continuei ministrando o curso de Policriatividade, que constituía a base do convênio estabelecido com a Secretaria. Essa proposta era voltada para professores de Arte, docentes das séries iniciais e dinamizadores. As vagas disponibilizadas eram sempre preenchidas e os participantes não arcavam com nenhum custo. Naquela época, a EAPE ainda não havia sido criada. Percebe-se a necessidade de uma formação continuada para os professores e a Fundação buscava estabelecer parcerias até que pudesse construir sua própria estrutura de formação. Essas iniciativas formativas aconteciam de maneira mais orgânica, uma vez que ainda não havia um órgão específico que coordenasse tais ações. Considero que, naquele período, havia uma menor oferta de formações na área de Artes; por esse motivo, a busca por parcerias era uma prática recorrente (Panitz, entrevista semiestruturada – Google Meet, 11/7/2022).

⁶⁶ A expressão “oficinas pedagógicas” pode ser encontrada na Legislação específica de atendimento educacional especializado nos Centros de Ensino de Educação Especial (CEE). É de 2005 o documento sobre o projeto Escola Viva, do MEC, em que se faz uma retrospectiva do início do trabalho com oficinas pedagógicas profissionalizantes, iniciadas na década de 1950, nas quais se poderia preparar a pessoa com deficiência a entrar no mercado de trabalho. No site domínio público, existem algumas cartilhas do Projeto Escola Viva, um conjunto de materiais distribuído pela Secretaria de Educação Especial para todos os estados brasileiros, visando a atender a necessidade de programas de formação e suporte técnico científico, que garanta o acesso, a permanência e um ensino de qualidade nas salas de aula de ensino regular a alunos com deficiência. A cartilha de número 3, com o título “Oficinas Pedagógicas: um espaço para o desenvolvimento de competências e habilidades na educação profissional” oferece várias informações sobre o funcionamento das oficinas pedagógicas no espaço do Ensino Especial (Leite, 2017, p. 26).

⁶⁷ Termo utilizado à época da documentação consultada.

O curso de Policriatividade aparece nos dados desde o ano de 1979, em que se buscava o desenvolvimento do potencial criativo, da sensibilidade e das relações flexíveis com o ambiente, através de vivências específicas do processo criador (expressão plástica, sonora e cênica). Oferecido pelo Centro de Realização Criadora, o curso aparece até o ano de 1990. Além do curso de Policriatividade, são vários outros que o Cresça oferece em parceria com a FEDF: curso de cerâmica – 64h, Oficina de criações em volume – 32h, Oficina de xilogravura – 32h, Desenho – 32h, Oficina da forma e da cor – 64h. Esse centro, resultante do encontro de três educadoras que participaram de experiências significativas na vida cultural de Brasília (Ailema Bianchetti, Elmira Hermano e Maria do Socorro de Carvalho), trazia uma proposta moderna com relação à criatividade, buscando o desenvolvimento da capacidade sensorial, expressiva, criativa (Duarte, 2011, p. 170).

Depois de 1990, conforme as Oficinas vão se consolidando, começa a se desenvolver nesses espaços da rede pública de ensino uma formação continuada desenvolvida por professoras e professores da própria Secretaria de Educação, com certa experiência da vivência em sala de aula, e traz a presença das linguagens artísticas desde o seu surgimento. Os temas trabalhados anteriormente pelo convênio com o Centro de Realização Criadora – Cresça vão sendo, aos poucos, incorporados, às ações de formação oferecidas pelas Oficinas Pedagógicas. Havia, portanto, uma demanda para esse tipo de formação que as Oficinas acabaram por incorporar às suas ações formativas.

Como os espaços físicos das Oficinas Pedagógicas se encontravam originalmente inseridos nas escolas, a parceria com as unidades escolares ia se fortalecendo como subsídio à prática do professor, que, inclusive, apresentava suas ideias de jogos e brinquedos pedagógicos para serem colocadas em prática, sob orientação de equipe especializada.

Pela análise documental dos primórdios da educação no DF, foi possível notar que os Complexos Escolares⁶⁸ (atuais Regionais de Ensino) eram unidades de certa maneira independentes e que poderia haver mais de um Complexo em uma mesma Região Administrativa. Várias ações de formação continuada eram organizadas por Complexos Escolares específicos, os quais deveriam pesquisar qual o tema de necessidade ou de interesse das professoras daquele Complexo, entrar em contato com as e os professores formadores do tema definido e fazer os devidos acertos (inclusive financeiros). Era responsável, também, por

⁶⁸ Em 1975, foram criados com caráter experimental 10 (dez) Distritos Educacionais que à época correspondiam às referidas Regiões Administrativas responsáveis pelas questões administrativas e 21 (vinte e um) Complexos Escolares que tinham como prioridade orientar e coordenar as atividades pedagógicas das escolas a eles vinculadas (Distrito Federal, 2001, p. 90).

divulgar aos seus professores cursistas e organizar as inscrições que, na maioria das vezes, aconteciam por indicação da chefia imediata da escola. Em alguns casos, era previsto que a contrapartida após o curso seria o repasse aos demais professores da unidade escolar. O Quadro 33, constante do Apêndice D apresenta a relação de cursos realizados anterior e paralelamente à implementação das Oficinas Pedagógicas (com temas voltados às Artes, às Artes Industriais, à confecção de material pedagógico, à criatividade). Cabe destacar que a maior parte destes temas passou a ser desenvolvida, posteriormente, pelas Oficinas Pedagógicas.

É possível observar que existia uma demanda por formação continuada permeada pelas linguagens artísticas e, desde o começo, as Oficinas Pedagógicas contribuíram para que essa necessidade fosse atendida. Esse é um aspecto novo, que a presente pesquisa permitiu descortinar. As Oficinas são espaços de formação continuada em que a professora e o professor têm oportunidade para executar suas criações pedagógicas com suporte, apoio, troca de experiências. É uma formação que se constitui continuamente com e no coletivo.

O vídeo histórico produzido em 1989 sobre as Oficinas Pedagógicas, intitulado “Oficinas Pedagógicas - A arte do professor”, com participação de professoras formadoras de três Regionais de Ensino: Brazlândia, Ceilândia e Taguatinga (com agradecimento à Oficina do Gama) traz a noção de um trabalho voltado para as artes no próprio título. Isso ressalta que a arte emerge deste trabalho desde sua instituição. No entanto, esse aspecto assim sistematizado é algo novo, pois a história conhecida de todas e de todos até o momento desta pesquisa era que as Oficinas surgiram para suprir a demanda de pesquisa, elaboração, validação de materiais de ensino-aprendizagem (MEAs) e de produção de jogos e brinquedos pedagógicos. Este foi o pontapé inicial, presente desde o projeto embrionário, datado de maio de 1986 - coincidentemente ou não, o mês das mães no Brasil. Trago essa curiosidade justamente pela percepção desta “alma feminina” que habita o trabalho das Oficinas Pedagógicas. Desde sua origem, contudo, esses espaços também possibilitam que as propostas permeadas por linguagens artísticas sejam oferecidas às professoras e aos professores cursistas.

Sobre os princípios da educação pela Arte, concordo com Duarte (2011, p. 200), quando defende que todas as pessoas que lidam com o ensino (e não apenas os professores de Educação Artística) devem ter a compreensão do que significa e como se realiza a educação pela arte. “Sabendo que didático é sensibilizar, e que é da emoção que sai a criação”. Na perspectiva da “educação pela arte”, essa abordagem passa a ser o “eixo articulador das aprendizagens no sentido integrador e sensível, com vistas a superar as dicotomizações e fragmentações promovidas pela educação conservadora” (Martins, 2011, p. 235). É a necessidade da sensibilização sobre o valor da experiência estética nos processos educativos.

Herbert Read (2001) é um dos estudiosos que levantou a bandeira da educação pela arte. Segundo ele, educação e arte são indissociáveis, pois são processos que se retroalimentam mutuamente. Nesses termos, “a arte não comparece apenas como uma disciplina a integrar o currículo escolar, ou uma meta da educação, mas como parte integrante do processo, este também considerado em sua dimensão criadora” (Martins, 2018, p. 244). A escola deveria oferecer oportunidades de promoção do desenvolvimento integral das e dos estudantes, rompendo com as dicotomias: educação intelectual e educação manual; educação para o lazer e educação para o trabalho; cognição e afetividade; pensar e fazer; teoria e prática.

Sob este prisma, todas as atividades educacionais propostas têm o seu valor reconhecido: ler, escrever e contar são tão importantes quanto atividades de educação artística, educação física e artes industriais. “As atividades manuais tinham o objetivo de fazer com que as crianças adquirissem habilidade manual, eficiência técnica e satisfação em sua realização” (Rocha; Antoniazzi, 2011, p. 94). É Dewey quem defende, em sua *Escola Experimental*:

[...]Teoricamente posso ver como, por exemplo, o trabalho de carpintaria é necessário para a construção de um projeto que será o centro de uma formação social, por uma parte, e de formação científica por outra – todo ele acompanhado de um treinamento físico, concreto e positivo da vista e das mãos. [...] A criança vai à escola para fazer coisas: cozinhar, coser, trabalhar a madeira e fabricar ferramentas mediante atos de construção simples; e, neste contexto e como consequência desses atos, se articulam os estudos: leitura, escrita, cálculo etc (Dewey, 1896, p. 245 *apud* Westbrook, 2010, p. 22).

O plano educacional de Anísio Teixeira propunha, portanto, que a teoria educacional viesse associada ao saber prático, ou seja, o exercício de mentes e mãos. Posso afirmar, por experiência vivida, que esta é uma das principais características dos CVLOP: a não dissociação entre teoria e prática, como aprofundaremos no capítulo 4.

Aos professores pioneiros do DF, era permitido modificar as cargas horárias das disciplinas, assim como elaborar programas mais adequados em equipe. “Preconiza-se um estilo de supervisão que estimule e oriente as mudanças, enquanto encoraja a criatividade dos professores” (Distrito Federal, 2001, p. 105). Esse encorajamento se faz presente no trabalho desenvolvido pelos CVLOP. É mola propulsora das vivências, tanto junto às professoras e aos professores formadores quanto às professoras e aos professores cursistas. Outra característica que reverbera é a vivência. Algo que se fazia presente nas Escolas de Aplicação, em que a vivência criadora era considerada a parte mais importante da aprendizagem, sendo avaliada como fundamental para a formação do ser humano social, cultural, intelectual e profissional, ou seja, integral (Pereira, 2011, p. 196).

No texto “Escola Júlia Kubitschek – a primeira escola pública do Distrito Federal” (Pereira; Henriques, 2011, p. 145), as autoras apresentam estratégias encontradas pelas professoras pioneiras na educação do DF para contornarem as dificuldades. Segundo elas:

As dificuldades [...] conduziram à adoção de práticas democráticas de gestão e de trabalho compartilhado. Assim, durante os primeiros meses de funcionamento, a escola não teve uma diretora designada. Em razão do acúmulo de trabalho e tendo em vista não sobrecarregar uma só pessoa para organizar as atividades demandadas para a estruturação da escola, [...] a função de diretoria, por decisão do grupo de docentes pioneiras, foi exercida por todas as professoras, em sistema de rodízio, durante vinte dias, sendo as tarefas administrativas e pedagógicas definidas e realizadas coletivamente, mediante trabalho compartilhado. Após esta experiência de gestão, o grupo docente elegeu por voto direto, uma das colegas, a professora Santa Soyer (Pereira; Henriques, 2011, p. 151).

Os CVLOP encontraram uma forma também democrática de gerir o trabalho: desde sua normatização, pela Orientação Pedagógica nº 8, de 1989, foi instituído o “Conselho das Oficinas Pedagógicas”, o qual deveria ser composto por uma integrante de cada Oficina e por pessoas do Núcleo de Coordenação. Esse Conselho foi legitimado até a Portaria nº 116 de 2012. Na portaria de 2018, ele desapareceu, o que representou uma perda para o grupo de professoras e professores formadores, pois o Conselho atuava fortemente na resolução de problemas e na busca das soluções. As reuniões do Conselho das Oficinas Pedagógicas eram agendadas previamente, podendo haver reuniões extraordinárias, a depender do contexto. Convém ressaltar que a metodologia de gestão compartilhada desenvolvida nestes espaços permanece atuante, ainda que o Conselho das Oficinas esteja desativado.

Ao se observar a realidade verificada no sistema educacional de ensino em Brasília, é facilmente perceptível que ele não corresponde às ideias iniciais pensadas para a cidade, o que é evidenciado por diversas pesquisas. A verdade é que o *sonho*, ou a utopia de um ensino de qualidade, em uma escola democrática, com igualdade de oportunidades, para todas e todos em que a arte fosse o elemento integrador foi interrompido por várias questões. Um exemplo concreto é a falta da construção de 23 Escolas Parques que foram previstas para a área central de Brasília. Além disso, não foi possível manter o ensino em tempo integral conforme planejado, com atividades na Escola Classe em um turno e outras na Escola Parque no turno contrário. Houve momentos, na história da educação do DF, em que havia 4 turnos em um só dia, conhecido popularmente como “turno da fome”, pois acontecia no horário de almoço. Devido ao crescimento exponencial da população da cidade, era urgente ampliar a rede de ensino. Tal ampliação acabou por comprometer a qualidade inicialmente pensada.

Além disso, houve a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1971 (Lei nº 5.692/1971), que fortaleceu os fundamentos de uma educação tecnicista, em detrimento de

uma educação humanista, decorrente da demanda de crescimento do país defendida durante a ditadura. Esta lei instituiu o Ensino Médio profissionalizante. Também nesta época, diminuíram os investimentos em educação e o ambiente opressor foi aprofundado a partir de 1968 (Ato Institucional nº 5 – AI 5). Assim Renata Assis (2012, p. 336) retrata esse período:

O que se percebia era: o uso da repressão e da censura ao ensino; a introdução de disciplinas que defendiam a Ideologia de Segurança Nacional; o encerramento dos diretórios e grêmios estudantis. [...] A rede escolar pública, portanto, sofreu um duro golpe, na medida em que a valorização da educação explicitada no discurso oficial correspondia, na verdade, à sua desqualificação. Então o Estado investiu na privatização do ensino, sobretudo nos níveis superior e médio.

Tais características se refletem, obviamente, no sistema educacional de Brasília, que, como em todas as unidades da federação, sofreu as consequências do golpe militar. Foram 21 anos de autoritarismo, de cerceamentos. Findo em 1985, surgiu a possibilidade de retomada de alguns princípios norteadores da educação na capital federal: a pesquisa, a experimentação, a liberdade da criação. É neste contexto que o professor Ruitter Lima executou o “Projeto Pré-escolar – pesquisa, confecção e aplicação de material pedagógico”, cujo objetivo geral era: “confeccionar material pedagógico destinado ao pré-escolar”. Foi assim que surgiram os espaços que hoje conhecemos como CVLOP: espaços de pesquisa, com foco no estímulo à criatividade da professora e do professor e tendo a ludicidade como força motriz. O projeto cresceu rapidamente, de modo a chegar a outros Complexos Escolares⁶⁹ (atuais Regionais de Ensino) e receber, de alguma forma, certo apoio da Secretaria de Educação no sentido de favorecer para que fosse colocado em prática, apesar das dificuldades.

O sistema de ensino do Distrito Federal desenvolveu problemas estruturais, que impediram a concretização do plano elaborado por Anísio Teixeira. São desafios e limitações de várias ordens. Ao analisar a estrutura macro da SEEDF, percebe-se que muitos dos problemas se apresentam também na estrutura micro, dos CVLOP. Assim, vejamos:

Quadro 7 - Problemas da SEEDF e dos CVLOP

SEEDF	CVLOP
Descontinuidade: mudanças de governo acarretam rupturas em projetos anteriores	Apesar de o grande projeto das Oficinas persistir por quase 4 décadas, muitos subprojetos foram interrompidos nesta trajetória, inclusive o curso “A Arte de Contar Histórias” foi suspenso por vários anos consecutivos, por razões não explicitadas.
Dependência de apoio de recursos do governo federal	Problemas diversos com recursos para manutenção dos serviços, desde a dificuldade de a verba chegar até os espaços como total inexistência, a depender do contexto histórico-político.
Falta de verba para construção de novas escolas	Falta de espaços físicos definitivos (mas grande empenho dos profissionais em lutar por estes junto aos órgãos competentes, muitas vezes, sem êxito). Já houve CVLOP que construiu seu espaço físico

⁶⁹ Resolução nº 2.391/1988: extingue os Complexos Escolares e cria as Divisões Regionais de Ensino.

	com recursos próprios (Planaltina) e acabou perdendo posteriormente. O CVLOP do Plano Piloto conseguiu, após muita luta, que o espaço da Oficina fosse construído pela própria SEEDF na Escola Normal de Brasília. Contudo, depois de pronto, foi dada outra destinação e a equipe nunca ocupou o lugar que fora idealizado pelas professoras formadoras, que estava incluído na planta da ENB.
Falta de recursos para reparos do material permanente	A falta de reparos no maquinário fez com que ele se tornasse obsoleto e apenas o CVLOP de Brazlândia (que permanece no mesmo espaço físico) ainda o possui, apesar de necessitar de reparos.
Falta de recursos para compra de novos equipamentos	Havia muitos CVLOP que, na década de 2010-2020, ainda não tinham suporte tecnológico nem acesso à internet em seus espaços. Como trabalhar com pesquisa na formação continuada sem os requisitos mínimos?
Falta de professores em determinada área, a depender do contexto histórico	A maioria das equipes se encontra desfalcada, em inobservância ao que estabelece a Portaria nº 388, de 29/11/2018.
Falta de espaço físico para construção de novas escolas	A falta de espaço físico adequado é um problema que acompanha os CVLOP desde sua implementação. Em 2025, a maioria deles se encontra em espaços pequenos, inadequados, nas Regionais de Ensino. Apenas o CVLOP de Brazlândia ainda se encontra em espaço escolar, que também possui suas limitações (poluição sonora, dificuldades com a gestão da escola, entre outros).
Mudanças de chefia e despreparo de quem assume cargos de confiança	Mudanças de chefia e desconhecimento quase completo da existência das Oficinas dentro da rede, o que demanda energia e tempo para a “apresentação”, pois muitos chefes chegam sem nunca terem ouvido falar destes espaços e, muito menos, sabem ou compreendem o tipo de trabalho que é desenvolvido.
Concepções iniciais X imposições da realidade	Havia uma estrutura material que se tornou obsoleta e não foi atualizada, o que fez com que as concepções iniciais do trabalho fossem ressignificadas.
Salas provisórias, cedidas, alugadas	Não possuir o espaço definitivo causa vários transtornos ao desenvolvimento do trabalho que já precisou ser suspenso durante os cursos em vários CVLOP, pois a mudança de espaço físico se tornou emergencial devido a circunstâncias externas.
Carência de auxiliares de serviços gerais - necessidade de terceirizar	Ausência parcial ou completa de auxiliar de serviços gerais em alguns momentos da trajetória, em que as professoras formadoras precisaram desempenhar essas funções, por períodos de tempo variáveis.
Falta de material de consumo	A falta de material, por vezes, compromete o trabalho baseado em sugestões de produções concretas. É necessário buscar alternativas para conseguir desenvolver as propostas.
Grande adoecimento dos profissionais	Muitas professoras formadoras entrevistadas mencionaram o desenvolvimento de problemas de saúde de cunho emocional, relacionados às condições desrespeitosas do trabalho, incluindo depressão e síndrome de <i>Burnout</i> .

Fonte: elaborado pela autora, partir da leitura de Distrito Federal, 2001, em ago.2022.

Em 2025, as equipes das Oficinas possuem poucas pessoas, sem o necessário Núcleo para coordenar as ações, e com o Conselho das Oficinas Pedagógicas desativado. O trabalho se resume a um ativismo sem ter tempo de qualidade para refletir, avaliar e propor ações e estratégias trilhadas para sustentação do trabalho, por décadas. Como planejar grandes eventos, sem quantitativo de pessoas para isso? Semelhante ao que reflete Luciana Ricardo (2018, p. 226) sobre o trabalho das Escolas Parques: “Como expandir um projeto, uma ideia que não é de conhecimento e desejo de todos? Pensar e fazer educação ainda são atividades árduas para

os que defendem uma formação integral, criativa e prazerosa”. Os profissionais dos CVLOP também podem questionar: “como seguir adiante?” O reconhecimento do trabalho existe por parte das professoras e professores que são beneficiadas pelos cursos dos CVLOP: muitos voltam, tornam-se pessoas conhecidas, defensoras destes espaços. No entanto, o sistema precisaria encontrar caminhos para reconhecer este trabalho e investir para sua continuidade com condições de ser oferecido e vivenciado com qualidade.

Pelo caráter historiográfico desta pesquisa, e devido à necessidade de se entender alguns percursos e contextos (local e nacionalmente), foi elaborado o seguinte quadro que apresenta pontos/marcos importantes para a história da Educação desenvolvida na capital federal e, conseqüentemente, a compreensão de fatos vivenciados na contemporaneidade, especialmente com foco nas artes/criatividade/educação criadora e trajetória dos CVLOP.

Quadro 8 - Marcos Históricos da Educação no DF e legislações nacionais pertinentes

1956	Início da elaboração do plano educacional de Brasília, sob responsabilidade do MEC/INEP, em que Anísio Teixeira era participante.
1956	Criação do Departamento de educação e saúde (Departamento de Educação e Difusão Cultural).
19/9/1956	Lei nº 2.874/1956 - cria NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital), subordinada ao presidente JK.
1958/1959	Estágio de professoras pioneiras na Escola Parque de Salvador e Rio de Janeiro, entre outras.
22/12/1959	Decreto nº 47.472/1959 - Instituição da CASEB (Comissão de Administração do Sistema Educacional), em que Anísio Teixeira era membro e tinha a função de incrementar as atividades culturais e educacionais da capital.
21/4/1960	O complexo Escola Classe/Escola Parque foi inaugurado, concretizando a escola pública sonhada, defendida e planejada por Anísio Teixeira (PEREIRA, 2018).
16/5/1960	Inauguração do sistema de ensino da nova capital, na Escola Classe da 308 Sul.
16/5/1960	Inauguração do 1º Centro de Ensino Médio de Brasília, que herdou a sigla da CASEB, que ainda tem esse nome. Foi onde teve início o curso Normal na capital. Inclusive, no projeto da Escola Normal de Brasília foram idealizadas quatro unidades, à semelhança da escola de Dewey para funcionar como centros permanentes de pesquisa e experimentação pedagógica. [...] o intuito era tornar essas unidades fontes de aprendizagem viva para os alunos do curso normal [...] A escola dispunha ainda de uma variedade de recursos tecnológicos, como livros atualizados, vídeos, filmes e outros materiais audiovisuais para serem utilizados por professores e normalistas (PEREIRA, 2011, p. 194/195).
17/6/1960	Decreto nº: 48.297 - Criação da FEDF (gestão do ensino primário e médio) e da FCDF (gestão da área cultural), subordinadas à Superintendência Geral da Educação e Cultura. É um sistema Educacional em que Educação e Cultura são processos convergentes.
1960	Clubes escolares: de arte, de artesanato, de ciências, de fotografia, de ginástica, de matemática, de teatro, de xadrez.
1960	1ª Greve dos professores do Distrito Federal, pela falta de cumprimento das promessas.
20/12/1961	Lei nº 4.024 – 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação - cria o Conselho Federal de Educação e institui que se criem os Conselhos Estaduais de Educação.
1961	Publicização do documento “Plano de Construções Escolares de Brasília”.
1961	I Exposição de arte infantil.
1961	Sílvia Orthof, Murilo Eckart e Golda Pietricovsky apresentaram, na TV Brasília, um programa de teatro infantil com bonecos.
3/2/1961	Demissão dos professores do Ensino Médio (que fizeram greve).
1962	Readmissão de alguns professores anteriormente demitidos.
1962	Plano Nacional de Educação (PNE): prioridade na aplicação dos recursos do Fundo Nacional de Ensino (de responsabilidade do INEP) – o aperfeiçoamento do magistério, criação e

	manutenção de centros de treinamento de professores. Tais centros, imaginados por Anísio Teixeira, serviriam como experiências de demonstração do que seriam boas escolas, estabelecendo um padrão de qualidade.						
7/3/1962	Instituição do Conselho de Educação do DF (órgão de deliberação coletiva, normativo e orientador do sistema de ensino do DF).						
1962	Criação e instalação da Escola de Aplicação de Brasília.						
1963	Em consonância com PNE: intensificação do treinamento de professores em Brasília, prevendo-se verba para construção de Escolas Normais.						
10/12/1964	Lei nº 4.545/1964 - Estabelecimento da Secretaria de Educação e Cultura (ensino elementar, médio e supletivo, atividades culturais e de intercâmbio).						
1965	Mudança da Superintendência Geral da Educação para Secretaria de Educação e Cultura.						
1967	Transferência da Escola de Aplicação para o Centro de Ensino Médio Elefante Branco - CEMEB, funcionando junto ao curso normal, para o qual, anos depois, o CVLOP do Plano Piloto fez vários atendimentos.						
11/8/1971	Lei nº 5.692/1971 - 2ª LDB – No DF, foi um incentivo à maior qualificação dos professores e professoras uma vez que possuir curso superior alteraria a remuneração. Na década de 1980, cerca de 80% do professorado já possuía curso superior.						
1971	O Artigo nº 54 da lei 5.692/1971 determinava que os Conselhos de Educação passariam a ter a incumbência de aprovar os Planos Quadrienais de Educação. Oficialmente, o projeto das Oficinas Pedagógicas foi incluído no Plano Quadrienal de Educação - PQE da FEDF (1987-1990).						
1971	A partir da Lei nº 5.692/1971 foi criado o 2º grau profissionalizante, impondo uma profissionalização quase que compulsória à rede pública.						
1971	Criação dos Centros de Ensino de 1º Grau, já que as Escolas Classes eram inadequadas e insuficientes para os 8 anos de ensino.						
1972	Novas estruturas da SEC e da FEDF.						
1973/1974	Semana da Criatividade.						
1974	Mobilização em Planaltina para criação do Museu da cidade pela UNIMOS (Unidades Móveis do SESC). Planaltina é uma Regional muito ativa no início dos CVLOP, com muitos cursos baseados em linguagens artísticas, característica que perdura até hoje.						
1975	Foram criados 10 (dez) Distritos Educacionais que, à época, correspondiam às referidas Regiões Administrativas responsáveis pelas questões administrativas e 21 (vinte e um) Complexos Escolares (Distrito Federal, 2001, p. 90).						
2/9/1977	Criação do Centro de Criatividade (em 2025: Centro Cultural Renato Russo), proposta da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em que arte seria recurso para educação permanente em Brasília (projeto piloto).						
1977	Decreto nº 3.544/1977 – criação oficial dos Complexos Escolares, que absorveram as atividades dos Distritos Educacionais, extinguindo-os (Distrito Federal, 2001, p. 90).						
1979	Criação do Sindicato dos Professores do Distrito Federal.						
1980	Aprovação do Plano Quadrienal de Educação – PQE, de 1980 a 1983.						
1982	Lei nº 7.044/1982 - extinção do caráter de profissionalização que era obrigatório no Ensino Médio.						
9/5/1985	Eleição direta para diretores de mais de 400 escolas e diretores de 16 Complexos Escolares.						
1986	Nova proposta pedagógica – CBA (Ciclo Básico de Alfabetização), para corrigir elevados índices de reprovação e de evasão escolar.						
30/5/1986	Submissão do “curso-pesquisa” que deu origem às Oficinas Pedagógicas, intitulado “Projeto Pré-escolar: pesquisa, confecção e aplicação de material pedagógico”. Marco do início de funcionamento da Oficina Pedagógica de Taguatinga.						
1987	Brasília recebe o título de patrimônio cultural da humanidade.						
1987	Início do funcionamento das Oficinas Pedagógicas de Ceilândia e de Brazlândia						
19/6/1988	Resolução nº 2.391/1988 - extingue os Complexos Escolares e cria as Divisões Regionais de Ensino, ficando da seguinte forma: <table border="1" data-bbox="427 1877 1412 2036"> <tr> <td>Complexos A, B e C de Brasília e A do Cruzeiro</td> <td>Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro</td> </tr> <tr> <td>Complexos A do Núcleo Bandeirante e A do Guará</td> <td>Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante e Guará</td> </tr> <tr> <td>Complexos A, B e C do Gama</td> <td>Diretoria Regional de Ensino do Gama</td> </tr> </table>	Complexos A, B e C de Brasília e A do Cruzeiro	Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro	Complexos A do Núcleo Bandeirante e A do Guará	Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante e Guará	Complexos A, B e C do Gama	Diretoria Regional de Ensino do Gama
Complexos A, B e C de Brasília e A do Cruzeiro	Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro						
Complexos A do Núcleo Bandeirante e A do Guará	Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante e Guará						
Complexos A, B e C do Gama	Diretoria Regional de Ensino do Gama						

	Complexos A, B, C e D de Taguatinga	Diretoria Regional de Ensino de Taguatinga
	Complexos A, B e C de Ceilândia	Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia
	Complexo A de Brazlândia	Diretoria Regional de Ensino de Brazlândia
	Complexos A e B de Sobradinho	Diretoria Regional de Ensino de Sobradinho
	Complexo A de Planaltina	Diretoria Regional de Ensino de Planaltina
5/10/1988	Aprovação da nova Constituição Federal da República, com reconhecimento da Educação como direito de todos.	
10/8/1988	Resolução nº 2.416, de 10/8/1988 - cria EAP (Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal), integrada à DRH (Divisão de Recursos Humanos).	
1988	Início do funcionamento das Oficinas Pedagógicas de Planaltina, Plano Piloto/Cruzeiro	
1989	Início do funcionamento das Oficinas Pedagógicas do Gama, Sobradinho, Guará/Núcleo Bandeirante. Sistematização do trabalho das OP por meio da publicação da Orientação Pedagógica nº 8, que prevê o Conselho das Oficinas, o qual: “seleciona e aprecia materiais produzidos e testados pelo professor, define prioridades e acompanha, controla e avalia a sua utilização”.	
1990	Criação da coordenação das Oficinas Pedagógicas vinculada ao SMEA (Setor de Materiais de Ensino e Aprendizagem) e ao Núcleo de Teleeducação – NUTEL.	
1991	Criação da Coordenação Regional de Ensino de Samambaia.	
1993	Desativação da EAP.	
1993	Início do funcionamento da Oficina Pedagógica de Samambaia.	
1994	Implantação do currículo de Educação Básica em todo o sistema oficial de ensino do DF.	
1994	Revisão da Orientação Pedagógica nº 8 (sistematização das Oficinas Pedagógicas). Oficinas são vinculadas ao CRT/SEPRO/MEAs. Existe o Conselho das Oficinas. Há uma coordenadora. Funções: “acompanha, controla, e avalia as atividades”.	
1996	Lei nº 9.394/1996 - 3ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nova LDB).	
1996	Início do funcionamento da Oficina Pedagógica de Santa Maria.	
1997	Lei nº 1.619, de 22/8/1997 - institui EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação).	
1995-1998	Governo Cristovam (PT): implantação da Escola Candanga e da jornada ampliada. Mudança de referenciais das Oficinas. Sistematização do trabalho das OP como formação continuada, inserindo os jogos nos cursos oferecidos.	
1997/1998	Publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.	
1998	Lei nº 1.995, de 2/7/1998 - Oficializa as Regionais de Ensino do Paranoá e de Santa Maria, anteriormente criadas pela Resolução nº 5.482 de 31 de maio de 1996 (Distrito Federal, 2001, p. 113).	
1999	Início do funcionamento da Oficina Pedagógica do Paranoá.	
2000	Criação das Regionais de Ensino do Recanto das Emas e de São Sebastião.	
2000	Implantação dos Centros de Educação Profissional (CEP).	
2000	Extinção da FEDEF, pelo Decreto nº 21.396, de julho de 2000 e criação de nova estrutura da Secretaria de Estado de Educação do DF. Universalização da jornada ampliada. Vinculação das OP à Gerência de Multimídia. O Núcleo das OP é normatizado (coordenação em nível central).	
2001	Lei nº 10.172 de 9/1/2001- 2010 - Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. A formação docente é um dos objetivos centrais do PNE.	
2001	Início do funcionamento das Oficinas Pedagógicas do Recanto das Emas e de São Sebastião.	
2003	Lei nº 10.639/2003 - obrigatoriedade do ensino de história/cultura afro-brasileira nas escolas.	
2004	Portaria Federal nº 1.179 de 6/5/2004 - Institui o Sistema Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica.	
2007	Lei nº 11.502, de 11/7/2007 - Modifica as competências e a estrutura organizacional da fundação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que se volta para a formação de docentes da educação básica, incentivando a formação inicial e continuada.	
2008	Lei nº 11.738, de 16/7/2008 - institui o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica.	

2008	Portaria nº 174, DE 8/11/2008, pelo art. 2, o secretário de estado de educação do Distrito Federal resolve “Vincular a Gerência de Multimídia – GMULT à Subsecretaria de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação (SUBEB)”. As Oficinas vincularam-se à EAPE.
2008	Lei nº 11.769/2008 - altera a Lei nº 9.394, de 20/12/1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na Educação Básica.
2009	Resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE/CEB nº 2, de 28 de maio de 2009 - Fixa as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública, em conformidade com o artigo 6º da Lei nº 11.738, de 16/7/2008, e com base nos Artigos 206 e 211 da Constituição Federal.
2009	Decreto nº 6.755, de 29/1/2009 - elaboração do plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR.
2010	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Ano de tensões políticas no DF, que reverberam nos setores públicos. Mudança de pessoas do Núcleo das Oficinas e várias instabilidades.
2012	Portaria nº 116/2012 – Dispõe sobre as Oficinas Pedagógicas do DF. Definição de que haveria um Núcleo responsável por coordenar as Oficinas Pedagógicas dentro da própria EAPE, o NUOP. Permanece a previsão do Conselho das Oficinas.
2012	Resolução nº 2, 30/1/2012 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.
2012	Resolução nº 5, de 22/6/2012 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.
2012	Lei nº 12.711/2012 – Lei de cotas.
2013	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.
Início/ 2013	Vínculo das Oficinas é destituído na EAPE. Momento de tensões. Oficinas sem um Núcleo para coordenar as atividades. Algum tempo depois, após exaustivas discussões, o Núcleo é reativado.
2013	Lei nº 5.105/2013 - Reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal.
2013	Portaria nº 259/2013 - estabelece os procedimentos necessários para a progressão funcional.
2014	Instituição e funcionamento do Núcleo das Oficinas Pedagógicas – NUOP, na EAPE.
2014	Lei nº 13.005/2014 - Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências
2015	Lei nº 5.499, de 14/7/2015 - Aprova o Plano Distrital de Educação – PDE e dá outras providências.
2015	Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.
2015	Desmembramento do Núcleo das Oficinas para junção com o núcleo da diversidade, transformando-o em GETOP (a sigla contempla a referência às Oficinas Pedagógicas).
2016	Decreto nº 8.752, de 9/5/2016 - dispõe sobre a política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica.
2017	Lançamento da Política Nacional de Formação de Professores, inicial e continuada.
2017	Decreto nº 38.631/2017 - aprova o Regimento Interno da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
2018	Portaria nº 388, de 29/11/2018 – Altera o nome das Oficinas Pedagógicas para Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas e dá outras providências. Não prevê o Núcleo nem o Conselho das Oficinas.
2018	Homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC.
Meados de 2018	Publicação das Diretrizes da formação continuada da SEEDF.
2019	Portaria nº 180, de 30/5/2019 - aprova o Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.
2020	Resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE/CP nº 1 - Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada).
2020	Lei nº 6.502, de 7/2/2020 - institui e inclui, no calendário oficial de eventos do Distrito Federal, o Dia da Formação Continuada dos Profissionais da Educação (10 de agosto).
2020	Reestruturação da GETOP, que passa a se chamar GOET (Gerência de Pesquisa, Avaliação e Formação Continuada para Gestão, Carreira Assistência, Orientação Educacional e Eixos Transversais). Com esta mudança, a referência às Oficinas é retirada da sigla.

2021	Lei Complementar nº 987, de 26/7/2021 - Autoriza a criação e define as áreas de atuação da Universidade do Distrito Federal – UnDF e dá outras providências.
2021	Portaria nº 281/2021 - institui a Qualidade de Vida, Saúde e Bem-estar para Servidores Públicos da SEEDF no Ambiente de Trabalho e para Servidores Aposentados – PQVT.
2022	Lei nº 14.407, de 12/7/2022 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para estabelecer o compromisso da Educação Básica com a formação do leitor e o estímulo à leitura.
2023, 2024, 2025	Desativação do Núcleo das Oficinas, destinando-se apenas um profissional para coordenar o trabalho de 14 unidades.
2023	Resolução nº 2, de 12/12/2023 - Estabelece normas e diretrizes para a Educação Básica no sistema de ensino do Distrito Federal.
2024	Publicação da Matriz de Formação continuada da EAPE.
Portaria nº 30, de 15/1/2024	A EAPE é reestruturada por meio da nova portaria, deixando de ser uma Subsecretaria e passando a ser oficialmente reconhecida como uma Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação. Com essa mudança, a Gerência (GOET) é reduzida a um Núcleo (NOEG) - Núcleo de Formação da Orientação Educacional, da Gestão Escolar, da carreira PPGE e Eixos Transversais. Novamente, o nome das Oficinas Pedagógicas não é contemplado na sigla.
2024	Lei nº 14.934, de 25/7/2024 - Prorroga, até 31 de dezembro de 2025, a vigência do Plano Nacional de Educação, aprovado por meio da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir, principalmente, de quatro leituras: Pereira (2011); Pereira (2018), Duarte (2011); Distrito Federal (2001) e legislações pertinentes Quadro elaborado no período de 2022 a 2025.

Uma sistemática existente nos cursos oferecidos pelas Oficinas Pedagógicas, desde a sua instituição, é a vinculação dos conhecimentos discutidos durante a formação com o desenvolvimento de projetos na escola em que o professor e a professora cursista atuam. Assim, a partir da devolutiva destes projetos pelos participantes, temos a evidência de que o trabalho chega até a sala de aula, objetivo principal da formação continuada. Faz parte, portanto, da metodologia de trabalho. Assim, torna-se difícil contar o histórico do curso sem adentrar o histórico dos Centros de Vivências Lúdicas. O trabalho das Oficinas Pedagógicas tem o viés da energia feminina - não só por serem compostas por mulheres em sua maioria, mas por terem em seus princípios metodológicos a energia do escutar, do acolher, do apoiar, do nutrir, tão presentes na “energia *yin*”⁷⁰. O professor formador Christofer Sabino declara: “As Oficinas têm alma feminina”. Trata-se de uma observação recorrente, com a qual concordo.

2.3 Naquele tempo... era assim o contexto para que as Oficinas nascessem no Distrito Federal (Antecedentes Históricos)

Existentes desde a década de 1980, os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOP) constituem-se como espaços descentralizados de formação continuada

⁷⁰ Segundo a filosofia chinesa o *Yin e Yang* é a representação do positivo e do negativo, sendo o princípio da dualidade, onde o positivo não vive sem o negativo e vice-versa. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/yin-yang.htm> Acesso em: 18 ago. 2024, 18:00.

de professoras e professores, vinculados pedagogicamente à EAPE e, administrativamente, às Unidades de Educação Básica (Unieb) das Coordenações Regionais de Ensino (CRE).

A partir dos documentos encontrados, foi possível perceber que havia equipes nas Regionais de Ensino responsáveis pelos Materiais de Ensino-Aprendizagem (MEAs) desde a década de 1970. Há, inclusive, um documento de 1990, recebido pelo Núcleo de Teleducação - NUTEL (que coordenava as ações das Oficinas à época), que apresenta a evolução histórica dos MEAs no contexto da FEDF (atual SEEDF), ações propulsoras para o trabalho das Oficinas. Consta que, de 1970 a 1973, havia o Centro de Preparação de Material Didático, vinculado à comunicação audiovisual. Em 1974, a Divisão de Meios Audiovisuais (DEMAV) do Departamento de Ensino Fundamental implantou o sistema de criação de material didático na rede, com atividades de audiovisual e mecanografia. Entre 1975 e 1976, foi criado, experimentalmente, o Programa de Apoio Pedagógico (vinculado à Diretoria Geral de Pedagogia – DGP), com o objetivo de coordenar, controlar, avaliar, normatizar e executar as atividades dos subsistemas de meios audiovisuais, Biblioteca e Documentação e Promoções Culturais. Em 1977, com a criação da Direção de Apoio Pedagógico (DAP), o Núcleo de Meios Audiovisuais desenvolveu vários projetos que se estenderam até 1980. Inclusive vários cursos de formação continuada constam na lista de cursos ofertados com essas temáticas.

De 1980 a 1985, foi implantado o “Projeto Operação de Material de Ensino-Aprendizagem – OMEA”. Em 1986, houve o curso-pesquisa “Projeto: Pré-Escolar – pesquisa, confecção e aplicação de material pedagógico”, de Ruitter Lima, em parceria com Elisabete Batista. Em 1987, foi criada a Comissão de Material de Ensino-Aprendizagem (CMEA), para sistematizar a compra e uso dos materiais. Neste período, o NUTEL (Núcleo de Teleducação, ligado organicamente à DAP – Direção de Apoio Pedagógico) desenvolveu vários projetos com foco nos MEAs. Houve, portanto o encontro de uma demanda que já havia na rede com a possibilidade de delegar essa necessidade às novas equipes que estavam se formando nas Regionais. A professora formadora Maria Beatriz é quem esclarece:

A escola “X” precisa de 10 quadros de prega. Chegava a essa equipe de MEA dentro do Complexo Escolar e fazia a solicitação. Aquela pessoa ali fazia os 10 quadros de prega. [...]Inclusive a Célia Moraes Costa saiu dessa equipe de MEAs para ir para nossa Oficina, porque ela trabalhava com o normógrafo⁷¹: eram gabaritos de letras pra fazer as fichinhas. Então esses MEAs, que existiam dentro dos Complexos foram precursores. Atender as escolas não era mais com os MEAs, era com a Oficina, em uma projeção maior, já tinha outro “know how”, era uma coisa mais duradoura, com madeira e serigrafia. A gráfica da Secretaria começou a fazer os cartazes, aos montes. Você distribuía aqueles cartazes e não precisava mais fazer serigrafia nem

⁷¹ Aparelho de desenho com várias réguas com letras e números recortados, que servem de molde para legendas e letreiros. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/normografo/> Acesso em: 20 ago. 2024, 08:30.

xerox, a própria gráfica fazia isso para nós (Almeida, entrevista semiestruturada – *Google Meet*, 28/2/2023).

Cabe destacar que, entre 1980 e 1989, houve a implementação de vários projetos de cursos relativos a Vídeo, Desenho, Mediateca, Informática, MEAs e Oficinas Pedagógicas. Vinculado, portanto, ao Núcleo de Teleducação (NUTEL), o setor de MEAs tinha como atribuições: provimento (levantamento, atualização e fornecimento de dados baseados nas modulações de ensino-aprendizagem, aquisição, acompanhamento da utilização de materiais didáticos necessários ao desenvolvimento dos conteúdos programáticos) e produção (coordenação do trabalho das Oficinas Pedagógicas, avaliação e divulgação de suas atividades por meio de reuniões, relatórios, visitas, seminários, etc.) de materiais pedagógicos. Em 1989, foi publicada a Orientação Pedagógica nº 8, segundo a qual as Oficinas são implantadas como “alternativa que possibilitasse ao professor criar e/ou reproduzir seu próprio material pedagógico, de acordo com conteúdo programático a ser desenvolvido” (Distrito Federal, 1989, p. 4). Deste documento, cabe ainda destacar:

Caracteriza-se, portanto, a Oficina Pedagógica, como espaço destinado à pesquisa, testagem e validação, bem como à confecção de material de ensino-aprendizagem, sem o caráter de produção em larga escala. O material de ensino-aprendizagem é confeccionado pelo professor, sob orientação da equipe da Oficina Pedagógica, conforme as necessidades verificadas no desenvolvimento dos conteúdos programáticos. Além da orientação técnica, o professor é orientado pedagogicamente quanto à utilização do material de ensino-aprendizagem. Como forma de garantir seu funcionamento e integração dentro dos padrões pelos quais foram idealizados, as Oficinas Pedagógicas possuem um Conselho das Oficinas Pedagógicas, que seleciona e aprecia os materiais produzidos e testados pelo professor (Distrito Federal, 1989, p. 5-6).

Portanto, havia equipes nas Regionais de Ensino para trabalhar com os Materiais de Ensino-Aprendizagem (MEAs), uma demanda da rede. Um projeto é implementado em Taguatinga, partindo da própria base e vai expandindo. É possível vislumbrar que a equipe responsável seria ampliada e, melhor do que isso, poderia contar com as ideias das professoras do chão de sala de aula, de forma prática. A responsabilidade pelos MEAs passa, então, a ser compartilhada com todas as Oficinas Pedagógicas. Foi um projeto que teve inicialmente o apoio e engajamento das professoras e professores, mas também da instituição que favoreceu para que as Oficinas Pedagógicas fossem sendo instituídas nas Regionais de Ensino.

2.4 Histórico dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas

*“A utopia está lá no horizonte.
 Me aproximo dois passos,
 Ela se afasta dois passos.
 Caminho dez passos
 e o horizonte corre dez passos.
 Por mais que eu caminhe,
 jamais alcançarei.
 Para que serve a utopia?
 Serve para isso:
 para que eu não deixe de caminhar.”*
 (Fernando Birri, apud Eduardo Galeano, 2020)

Desde que comecei a atuar nos CVLOP, existe a demanda da construção e registro do histórico destes espaços. Eu também tinha curiosidade por saber como e quando iniciou. Quem estava no começo? Como foi? Quantos e quais cursos já foram oferecidos? Ter a oportunidade de, pela minha pesquisa, poder elaborar algumas possíveis respostas, produzindo o mosaico que estou fazendo, me faz sentir gratidão pela oportunidade. Nas Oficinas, existe algo relacionado à ancestralidade, a “passar o bastão”, compartilhar a experiência, como fez a senhora da nossa história introdutória, deixando um legado. Acolher as e os que chegam faz parte da metodologia. As mais antigas recebem, demonstram caminhos, percursos às e aos profissionais que vão chegando para compor a história. Ensinam. Compartilham. Talvez este seja o verbo mais recorrente “com-partilhar”: partilhar com o grupo, com quem está chegando, com quem já aposentou. É uma dinâmica de se manter uma tradição, pelos vínculos estabelecidos, apesar de estarmos em uma sociedade que caminha para a liquidez das relações (Bauman, 2004). Esta seria a forma mais recorrente de acolhimento, com algumas exceções, obviamente, já que há grande diversidade de tempos e espaços no trabalho dos CVLOP. Em 2025, são 14 unidades; é importante reconhecer que elas não iriam atuar durante todo o tempo de existência de forma igual em todos os espaços. Já aconteceu, por exemplo, de a professora formadora precisar atuar em uma Oficina que estava fechada e não ter alguém mais experiente que pudesse “passar o bastão” para ela, algo parcialmente solucionado com o trabalho coletivo, troca e partilha existente entre os profissionais de todos os CVLOP que se reúnem às quartas-feiras. Conforme as documentações norteadoras vigentes, a nomenclatura “Oficinas Pedagógicas” sempre esteve no plural, representando a natureza de trabalho coletivo que emana da experiência.

A primeira Oficina Pedagógica surgiu em 1986 e as últimas foram implementadas em 2001/2002, 15 anos depois. Os processos ocorreram em tempos, em espaços e com profissionais distintos. Há uma linha que une o trabalho, mas como ela faz o seu bordado em cada CVLOP pode ser sutilmente diferente. Portanto, é necessário estar atento, atenta às generalizações. Nem

sempre o que é vivenciado em determinado CVLOP acontece da mesma maneira em outro. Nesse sentido, foi importante a publicação do livro “Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais”, que é uma proposta de reflexão histórica sobre as especificidades de cada CVLOP. O próprio curso se apresenta de forma diferente. Em alguns anos, a formação não foi oferecida em determinada Oficina porque ela estava com problemas de espaço físico ou de recurso humano, por exemplo.

Refletir sobre o histórico do trabalho das Oficinas Pedagógicas é buscar as relações com um ideário de educação que foi interrompido por várias razões, inclusive pelo golpe militar, ocorrido quando Brasília era uma “menina” de apenas quatro anos de existência. Foram 21 anos ditatoriais. Uma suspensão temporal significativa de uma proposta com os princípios inovadores da educação criadora, idealizada por Anísio Teixeira. Ao estudar as pesquisas a respeito dos primórdios da Educação no DF, nos deparamos com um projeto revolucionário e utópico que poderia ser exemplo para todo o Brasil, a ser implantado na capital federal. O projeto de Anísio Teixeira, apesar do sucesso que poderia vir a ser, não houve condições de tornar-se efetivo integralmente. Foram vários os percalços enfrentados. Assim que terminou a ditadura, a importância do material concreto para a educação das crianças estava em evidência.

O trabalho das Oficinas Pedagógicas nasce no fértil solo deste projeto ambicioso, abrindo espaço para fornecer formação continuada baseada no atendimento à integralidade da pessoa da professora e do professor, em que se abordam os aspectos técnico-pedagógicos, cognitivos, psicomotores, afetivos. Ele é implementado como um projeto, para o qual a SEEDF oferece subsídios, apoio e certo suporte para a semente, que começava a ser plantada, germinar.

O projeto das Oficinas Pedagógicas foi incluído no Plano Quadrienal⁷² de Educação (PQE) da antiga Fundação Educacional do Distrito Federal - FEDF (1987-1990) com apoio da Direção de Apoio Pedagógico (DAP) e sob a coordenação do Núcleo de Meios Audiovisuais (NUMAV). Tinha como ação prioritária o resgate do ensino público do Distrito Federal, no sentido de prover a educação de boa qualidade para todos. A partir dos Planos Quadrienais, alguns programas eram criados, como: Programa I – Oportunidades educacionais; Programa II – Manutenção e Expansão da rede física; Programa III – Melhoria da qualidade do ensino; Programa IV – Assistência ao educando. À época, as propostas de curso eram preenchidas em formulários com a indicação do Programa III – Melhoria da qualidade do ensino. Em 2025,

⁷² O Artigo 54 da Lei nº 5.692/1971 determinava que os Conselhos de Educação passariam a ter a incumbência de aprovar os Planos Quadrienais de Educação, indispensáveis para o recebimento de auxílio financeiro da União, os quais deveriam estar em consonância com o Plano Geral de Educação. Foi possível apurar que o Conselho do DF aprovou 6 Planos Quadrienais de educação referentes aos períodos de: 1976-1979; 1980-1983; 1984-1987; 1987-1990; 1991-1994 e 1995-1998.

instituído pela Lei nº 5.499/2015, temos o Plano Distrital de Educação, com vigência de 2015 a 2024 (prorrogado até 31/12/2025 pela Lei nº 14.934, de 25/7/2024) para nortear as ações, inclusive formativas. Atualmente, tem acontecido as conferências para elaboração do Plano Distrital de Educação - PDE para o período de 2025-2034.

A partir da experiência desenvolvida pelas Oficinas Pedagógicas, um movimento potente se expandia na Secretaria de Educação: aconteciam as Mostras de MEAs. Eram eventos grandes, que envolviam as Oficinas de todas as Regionais, com convite a todos os professores da SEEDF, participação em Congressos e Seminários, inclusive organizados pela UnB, com quem foi estabelecida uma parceria para estudos e trocas na década de 1990. Foi uma crescente, com várias exposições, notícias de jornal, solicitação de apoio para montagem e entendimento sobre o *modus operandi* das Oficinas Pedagógicas em outros estados da federação, como Tocantins, Goiás e Alagoas. Assim se manifestou o professor formador Sérgio Carreira, que atuou cerca de 12 anos nas Oficinas Pedagógicas:

Era um grupo muito ativo. Em um dado momento nos questionamos: a gente vai ficar só produzindo material? [...] Gostei da ideia de discutir educação. Comecei a pensar sobre o nosso papel de Oficina, que teria que ser um papel de formador, de aprender junto com aquela experiência toda [...] Chegou às Oficinas Pedagógicas um convite para participarmos de uma semana pedagógica na Faculdade de Educação da UnB. Eu participei e foi uma virada de chave, porque tinham muitos doutores e mestres que trabalhavam com o lúdico. Antônio Villar, Cristiano Muniz estavam. Tizuko Kishimoto e Gilles Brougère vieram. Eu vi os doutores falando sobre o lúdico, sobre aprendizagem e a frase que veio à minha cabeça foi: “Eu faço isso na Oficina, eu tenho a prática, não tenho a teoria”. Então eu vi o quanto que nós nas Oficinas, estávamos próximos a esse universo. Mas basicamente sem aprofundamento acadêmico, muito na intuição e na prática do dia a dia. [...] Lembro que as Oficinas começaram a ter esse olhar: era preciso estudar, era preciso que a gente deixasse de ser só oficinheiro no sentido de produzir material e passasse a pensar sobre o lúdico e a aprendizagem. Acho que nós ganhamos muito nesse período (Carreira, entrevista semiestruturada – Google Meet, 29/7/2022).

Com o trabalho em expansão e estabelecendo várias parcerias, as Mostras de MEAs começaram a estar presentes anualmente em grandes eventos da educação. Os registros seguintes apresentam os cartazes de divulgação, os quais eram elaborados com jogos e muitas cores, representando bem o que era vivenciado nas Oficinas Pedagógicas. Eram criados ou adaptados pelas professoras e professores formadores. Seguem alguns registros:

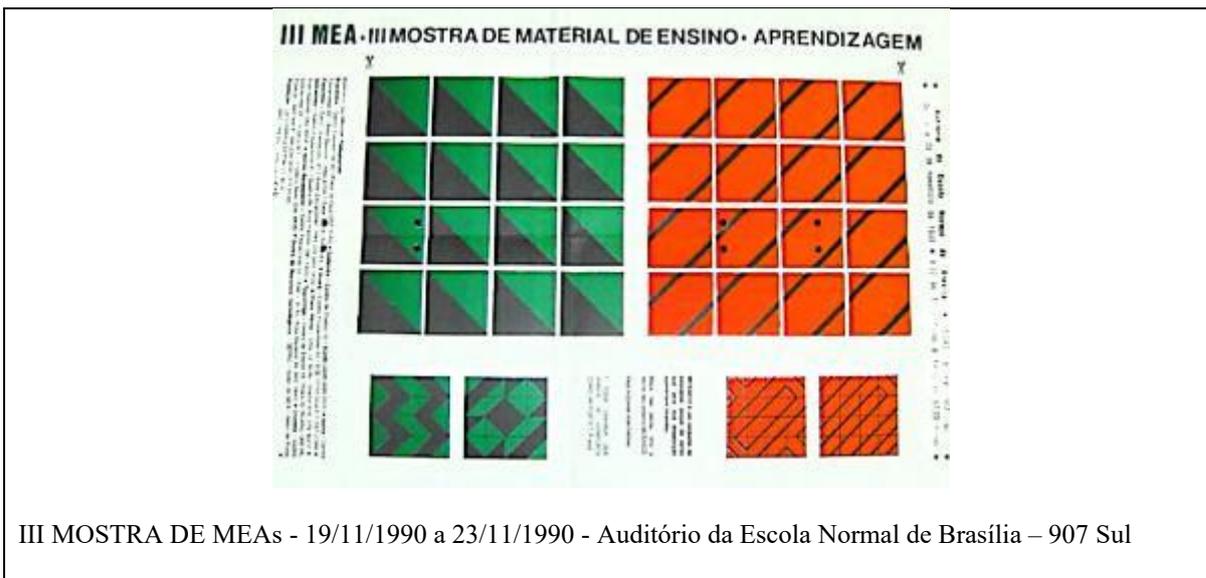
Figura 20 - Cartazes das Mostras de MEAs

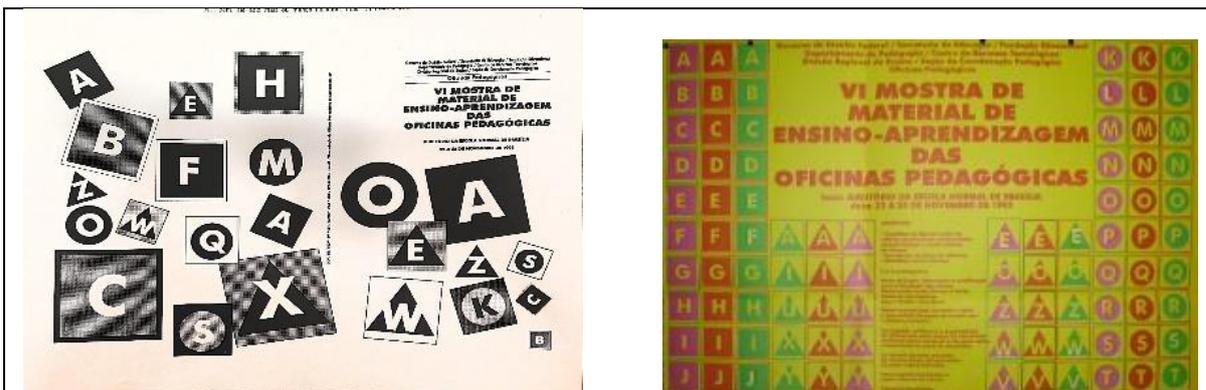


I MOSTRA DE MEAs/ 1º Encontro das Oficinas Pedagógicas 18/10/1988 a 24/10/1988 - Auditório da Escola Normal de Brasília – 907 Sul

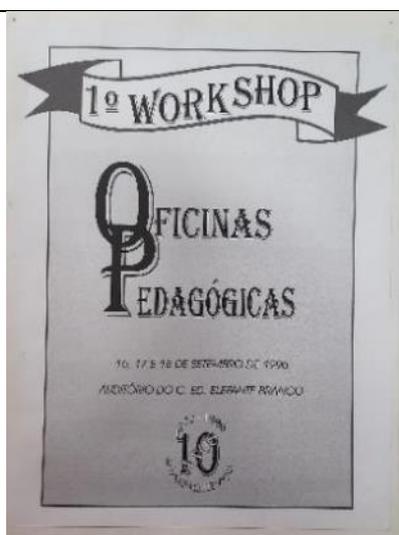


II MOSTRA DE MEAs - 28/11/1989 a 1/12/1989 - Auditório da Escola Normal de Brasília – 907 Sul

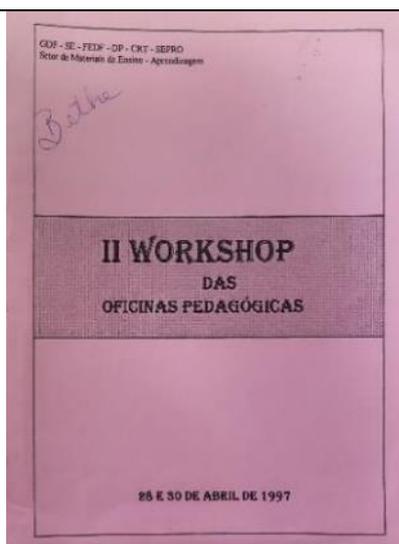




VI MOSTRA DE MEAs - (22/11/1993 a 25/11/1993) - Auditório da Escola Normal de Brasília – 907 Sul



I Workshop das Oficinas Pedagógicas, junto à comemoração dos seus 10 anos e VIII Mostra de MEAs 16/9/1996 a 18/9/1996 - ENB – 907 Sul



II Workshop das Oficinas Pedagógicas – (28/4/1997 e 30/4/1997)

Fonte: elaborado pela autora a partir da colaboração/ cessão da professora formadora Maria José. Quadro elaborado em abril de 2023.

Tal efervescência ocupou páginas de alguns jornais e da Revista Nova Escola:

Figura 21 - Reportagem sobre III Mostra de MEAs, Jornal de Brasília, 1990



Fonte: acervo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas

Figura 22 - Reportagem sobre III Mostra de MEAs, Revista Nova Escola, 1996



Fonte: acervo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas

Dessas experiências de divulgação e partilha do trabalho para toda a rede, por meio das Mostras de MEAs, estão os embriões do que hoje conhecemos por “Encontrões”, presentes no curso “A Arte de Contar Histórias”, conforme veremos no capítulo 4.

Ruiter Lima e Elisabete Batista (Betinha), os pioneiros do projeto, me trouxeram as informações que agora compartilho. Ruiter era professor da disciplina Práticas Industriais na Ceilândia e, lá, era procurado por alguns professores e professoras para desenvolverem seus materiais pedagógicos. Remanejado para o Centro de Ensino 9 de Taguatinga, já com a parceria de Elisabete Batista, foi oferecido o “curso-pesquisa” “Pré-escolar: pesquisa, confecção e aplicação de material pedagógico” a um grupo focal constituído por professoras de Ceilândia, Brazlândia e Taguatinga. A experiência foi tão exitosa que as professoras cursistas solicitaram mais turmas para que mais profissionais participassem e, em 1987, devido ao interesse de docentes de outras áreas, foi ampliado o público para o atendimento, especialmente às e aos professores de 1ª a 4ª séries (Anos Iniciais). Ao grupo focal inicial, uniram-se professores de Sobradinho, Planaltina e Cruzeiro. As professoras das cidades longínquas começaram a perceber que podiam ter Oficina em suas próprias Regionais utilizando o maquinário das salas de Práticas Industriais, articulando o uso com as escolas que ainda estivessem oferecendo essa disciplina, otimizando o tempo sem fazerem deslocamentos tão longos.

O projeto começou a se chamar “Faça você mesmo”. Esse foi o embrião para surgimento do projeto das Oficinas Pedagógicas como conhecemos. Segundo Ruiter Lima, foi no Centro de Ensino 11 de Taguatinga onde começou, oficialmente, o projeto das Oficinas Pedagógicas, na marcenaria, onde se passaram a abrir espaços para a produção dos próprios materiais das professoras. Na época, havia o programa do PROEPRE (Programa de Educação Pré-Escolar), existindo vários registros de cursos de “treinamento para o PROEPRE”, além de outros voltados para a confecção e aplicação de materiais didáticos desde 1980, conforme quadro:

Quadro 9 - Registros referentes ao movimento do PROEPRE na SEEDF

1980	Atualização em programa piloto para o pré-escolar
1982	Curso Programa de Educação Pré-escolar – PROEPRE – 240h
1983	Curso de Educação Pré-escolar – PROEPRE
1984	Programa de Educação Pré-escolar – PROEPRE – 240h
1984	Curso de treinamento para professores do pré-escolar – 216h
1985	Programa de Educação Pré-escolar – PROEPRE – 240h
1985	Encontro de aperfeiçoamento da teoria psicogenética de Piaget – 32h
1986	Seminário para coordenadores da educação pré-escolar – 40h
1987	Preparação de recursos humanos para o pré-escolar – 32h
1987	Implicações do construtivismo piagetiano para o PROEPRE
1987	Preparação de recursos humanos para o pré-escolar – 60h
1988	O desenvolvimento da criança segundo a teoria psicogenética de Piaget – 64h

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados documentais (acervo da EAPE), em ago. 2022.

O PROEPRE, existente ainda em 2025, foi adotado como programa pelo MEC na década de 1980, por meio de uma pesquisa que começou em Campinas, e chegou a ser implementado em mais de 21 sistemas de ensino estaduais e inúmeros municipais. A FEDF (atual SEEDF) adotou estes princípios pedagógicos/filosóficos para a educação pré-escolar por algum tempo e à época, a própria idealizadora, Orly Zucatto, esteve à frente dos cursos oferecidos às professoras e aos professores da rede pública do DF. Tinha como objetivo geral “o desenvolvimento da criança em seus aspectos: cognitivo, social, afetivo e físico. Ele foi organizado de modo a enfatizar igualmente todos esses aspectos, visto que o que se pretende é o desenvolvimento global da criança” (Assis, 2017, p. 230). Era fundamentado pela teoria de Jean Piaget, segundo a qual “o meio exerce um importante papel no desenvolvimento da inteligência” (Assis, 2017, p. 221). Daí a importância de que a criança tenha disponíveis grande variedade de objetos para serem manipulados e utilizados em suas brincadeiras.

Naquela época, para implantação do programa do PROEPRE, era necessária a formação específica para as profissionais envolvidas com a educação pré-escolar, a qual precisava ser oferecida em horário de serviço, em um ano ou mais (Assis, 2017, p. 252). O nome da professora Elisabete Batista figura como cursista na turma de 1983. Como era coordenadora intermediária da Educação Infantil, uniu-se ao professor Ruitter para implementarem o “curso-pesquisa”, que apresentava como problema a falta de material didático concreto para aplicação no curso do PROEPRE, além da inexistência de um núcleo para troca de experiências entre as professoras e os professores. Dessa maneira, havia os questionamentos: como suprir escolas com material didático suficiente, com uso de materiais alternativos? Como difundir os resultados e implantar permanentemente a criação de material didático?

Eu conheci a Oficina desde a época que o Ruitter começou a atuar lá em Taguatinga. Quando eu entrei na Secretaria, em 1984, eu comecei a fazer cursos e, depois, fui fazer cursos em Taguatinga. Fazíamos as peças, lixávamos e o Ruitter serrava tudo pra gente. Se eu era professora de sala de aula, aprendi a fazer material, você imagina a alegria naquele tempo que a gente fazia trabalho de arte com rolinho de papel higiênico, porque a gente não tinha nada. Os meninos não tinham lápis de cor, giz de cera, não tinham tinta. Uma Oficina Pedagógica pra mim sempre foi uma coisa que estava no meu mais alto conceito (Pereira, entrevista semiestruturada – Google Meet, 25/7/2022).

De acordo com a metodologia do referido projeto, seriam sorteadas 20 escolas entre os Complexos Escolares participantes, as quais receberiam instrumentos de pesquisa a serem aplicados: questionário de coleta de informação pessoal dos professores, professoras e das escolas; formulário para acompanhamento da utilização do material pedagógico confeccionado. Deveriam ser estratégias: trabalho em grupo, testagem do material confeccionado, montagem

de caixa de fichas técnicas sobre os materiais pedagógicos, elaboração de relatório sobre todo o trabalho desenvolvido durante o projeto, montagem de um vídeo de 20 a 25 minutos e montagem de exposição no final do ano para divulgação dos materiais confeccionados.

Tanto o vídeo quanto a exposição foram executados, evidenciando a seriedade com que o “curso-pesquisa” foi implementado. Interessante perceber que alguns princípios perduram durante o tempo e, 39 anos depois, as Oficinas Pedagógicas seguem com o princípio do trabalho coletivo, em grupo, de pesquisa, da busca de alternativas para auxiliar a professora e o professor em sua prática em sala de aula, e como um espaço para trocas entre diferentes etapas e modalidades de ensino. Também deveriam se fazer presentes as exposições, que ocorrem em muitos cursos e, mais recentemente, receberam o nome de “Encontrão/ Encontrões”.

O 1º Encontro das Oficinas Pedagógicas, com carga horária de 8h (27/11/1988), aconteceu no auditório da antiga Escola Normal de Brasília - prédio em que está instalada a EAPE, em 2025 -, com exposição dos materiais confeccionados pelas Oficinas. Em 1988, os Complexos Escolares foram substituídos por Regionais de Ensino, com oito Regionais: Plano Piloto/Cruzeiro, Núcleo Bandeirante/Guará, Ceilândia, Brazlândia, Sobradinho, Gama, Planaltina e Taguatinga. No entanto, em 1990 já existiam dez Oficinas Pedagógicas, o que evidencia o apoio institucional que o projeto recebeu para implementação. A existência de dez Oficinas Pedagógicas deveu-se ao desmembramento dos CVLOP do Guará e do Núcleo Bandeirante. Além disso, na época dos Complexos Escolares, havia uma Oficina Pedagógica para atender o Cruzeiro e outra para atender o Plano Piloto. Depois de certo tempo, restou apenas uma para atender a Regional do Plano Piloto e Cruzeiro. Segundo Ely Leal, professora formadora pioneira na Oficina Pedagógica do Cruzeiro:

Inauguramos a Oficina do Cruzeiro, só comigo. Mais tarde recebemos duas professoras, uma era a Judite e a outra não sei se era Tereza. Não tenho certeza. Mas ficaram pouco tempo lá e eu fiquei sozinha. Uma pessoa sozinha na Oficina pra atender todo mundo não tem condições, é impossível. A Oficina do CAN funcionava com a Maria Rivair e sua filha, Riva e eu fui pra lá. Então, a Oficina do Cruzeiro foi extinta nessa época (Carvalho, informação verbal, em texto, WhatsApp, 27/3/23).

No levantamento documental, algumas ações se destacaram no sentido do trabalho vanguardista desenvolvido pelas Oficinas Pedagógicas, como o atendimento, a escolas rurais do Distrito Federal por meio de projeto executado pelas Oficinas Pedagógicas de Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Núcleo Bandeirante e Brazlândia em 1993. O atendimento era feito *in loco*, levando estratégias lúdicas para professoras e professores de estudantes das escolas rurais. Outro movimento importante foi o atendimento aos professores da EJA, muito recorrente em vários anos da década de 1990, no período noturno. Uma terceira vertente que merece destaque

foi o atendimento a docentes do Ensino Especial⁷³, desde a década de 1990. No planejamento das aulas de alguns cursos, ainda há o registro da colaboração do Mestre Zezito (*in memoriam*)⁷⁴: abre-se espaço para um representante da cultura popular, reconhecendo a riqueza dos seus saberes, no espaço da formação continuada dos professores no DF ainda na década de 1990. Para integração das ações pedagógicas e na busca de uma unidade, com o tempo, foi verificada a necessidade de um Núcleo que coordenasse o trabalho. Dada a sua relevância, faz-se importante apresentar um pouco deste histórico de maneira sistematizada.

2.4.1 Sobre o histórico do Núcleo das Oficinas Pedagógicas

A partir de pesquisa documental, complementada por algumas entrevistas, foi possível tecer o histórico do Núcleo das Oficinas Pedagógicas: um importante espaço para o funcionamento do trabalho, o qual já passou por diferentes configurações. No início, em que as Oficinas desempenhavam seu trabalho na informalidade, como uma espécie de colegiado de oficineiros (Lima, 2022), os profissionais faziam os ajustes para o trabalho se expandir. Nesse período, houve uma vinculação com o NUTEL (Núcleo de Teleducação) e a professora Elisabete Batista foi eleita a coordenadora das Oficinas Pedagógicas em nível central.

Com a sistematização do trabalho das Oficinas, pela Orientação Pedagógica nº 8, em 1989, elas passaram ser geridas, de forma democrática, pelo Conselho das Oficinas, o qual era composto por um membro de cada Oficina, mais um do Setor de Materiais de Aprendizagem (SMEA) e dois membros do Núcleo de Teleducação (Distrito Federal, 1989, p. 13). Tratava-se, praticamente, de uma autogestão, em que se pretendia garantir a integração e unidade das ações.

⁷³ Sobre este assunto, a partir do levantamento documental da presente pesquisa, foi possível produzir o texto “Histórico de atuação dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas da SEEDF na formação continuada de docentes da Educação Especial”, o qual foi apresentado no congresso: 8º *Brain Connection* – Europa, recebendo nota máxima e, devido a isso, foi contemplado com o Prêmio Professora Doutora Manuela Faria (Anexo 2). O texto está disponível na Revista Educação e Inclusão, da Atlântica Editora e nos Anais do evento, em: <https://brainconnection.com.br/anais/>. Acesso em: 28 jul. 2024, 13:00. O Sinpro DF publicou reportagem sobre a premiação, a qual está disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/professoras-da-see-df-premiadas-em-congresso-internacional-de-neurociencias/>. Acesso em: 28 jul. 2024, 12h55.

⁷⁴ Mestre Zezito (José André dos Santos, 1949-2006) nasceu no Ceará e partiu aos 15 anos para Brasília, onde se estabeleceu como palhaço e ministrou aulas para ensinar suas técnicas. Pelo Decreto Legislativo nº 368, de 2004, recebeu o título de cidadão honorário de Brasília. Influenciou vários artistas no DF, entre eles a Cia Carroça de Mamulengos, cujo grupo é composto por músicos, atores, bonequeiros e contadores de histórias. Saiba mais em: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/pano-de-roda/>. Acesso em: 21 jul. 2024, 19:40. Em 5/9/2024, foi lançado edital para uma premiação que recebeu seu nome “O Prêmio Mestre Zezito visa reconhecer e valorizar Mestres e Mestras da cultura popular e tradicional, assim como coletivos e entidades que preservam saberes ancestrais e expressões culturais das comunidades tradicionais do Distrito Federal”. Disponível em: https://dodf.df.gov.br/dodf/materia/visualizar?co_data=425923&p=edital-n-312024-fac-ii-premiacoes&busca=exata#termo=pr%C3%AAmio%20mestre%20zezito. Acesso em: 15 nov. 2024, 10:40.

Quando essa Orientação é revisitada, em 1994, as Oficinas passam a ser vinculadas ao CRT (Centro de Recursos Tecnológicos) do Setor de MEAs. O Conselho das Oficinas Pedagógicas (com o objetivo de possibilitar integração e unidade de ações) permanece auxiliando a gestão do trabalho. Segundo Muñiz, Souza e Ferreira (antigas professoras formadoras das Oficinas):

[O Conselho das Oficinas] [...] se revelou um importante instrumento de caráter agregador, socializador e democrático, o Conselho das Oficinas Pedagógicas possibilitou a autorregulação necessária para imprimir constância e consistência à trajetória das OP durante os períodos de ausências institucional que se seguiram [...] a força e o poder das construções de responsabilidade coletiva foram corroborados pela ação vital deste Conselho que manteve coeso e ativo, em torno de um ideal de trabalho, um grupo de profissionais dispersos geograficamente em 14 regiões administrativas do Distrito Federal (Muñiz; Souza; Ferreira, 2014, p. 3).

A partir de 1994, a noção sobre as Oficinas Pedagógicas passou a ser ampliada, oficialmente, para além da produção de jogos, pois foram previstos cursos e outras atividades pedagógicas em conjunto com a Regional e outros estabelecimentos de ensino, além de surgir a função de apoio às Regionais na divulgação de eventos educativos-culturais (Distrito Federal, 1994, p. 7-9). As Oficinas tinham por competência, entre outras coisas, a realização de seminários, encontros, projetos e outras atividades de divulgação dos MEAs.

No governo do Cristovam Buarque (PT, 1995-1998), houve uma ressignificação do trabalho, configurando-se de forma mais clara o caráter de formação continuada que estes espaços desempenhavam, em que se sistematizou a prática de se vincular os jogos já existentes a cursos de formação continuada, com diferentes cargas horárias.

Com a extinção da Fundação Educacional do Distrito Federal, tornando-a Secretaria de Estado de Educação do DF, em 2000, por meio do Decreto nº 21.396, de 31/7/2000, as Oficinas Pedagógicas passaram a ser vinculadas à Gerência de Multimídia, a qual exercia suas funções no SIA, que coordenava: Acervo Bibliográfico e do Livro Didático, Oficinas Pedagógicas, Informática na Educação, Videoteca e Televisão Educativa/ Canal E. Portanto, nessa Gerência, havia o Núcleo das Oficinas Pedagógicas, estabelecendo-se a coordenação das Oficinas em nível central, o qual tinha como principais funções: coordenar, acompanhar e avaliar o trabalho desenvolvido pelas 14 Oficinas Pedagógicas das Regionais de Ensino para buscar a integração e unidade de ações.

Em 8/11/2008, por meio da Portaria nº 174, art. 2º, o secretário de estado de educação do Distrito Federal resolve “Vincular a Gerência de Multimídia – GMULT à Subsecretaria de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação (SUBEB)”. Nesse momento, pelo caráter

de formação continuada intrínseco ao trabalho, as Oficinas Pedagógicas foram vinculadas à EAPE.

Em meados de 2007/2008, começaram as discussões mais sistematizadas sobre a importância de uma portaria que regulamentasse o trabalho das Oficinas. Após um árduo esforço dos professores formadores, foi publicada a Portaria nº 116/2012, em 31/07/2012. São definidos, oficialmente, os vínculos:

As Oficinas Pedagógicas terão vínculo pedagógico e administrativo com a Gerência Regional de Educação Básica (GREB) de sua respectiva Coordenação Regional de Ensino. Além disso, As Oficinas Pedagógicas terão vínculo pedagógico com a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação - EAPE/Núcleo das Oficinas Pedagógicas - NUOP (Distrito Federal, 2012).

Portanto, foi definido na portaria que haveria um Núcleo responsável por coordenar as Oficinas Pedagógicas dentro da própria EAPE, o NUOP. Permaneceu, ainda, a previsão do Conselho das Oficinas, que deveria ser constituído por um coordenador (professor formador) de cada Oficina mais um membro do NUOP, reunindo-se ordinariamente com periodicidade mensal e extraordinariamente quando necessário. O diálogo era feito, portanto, com duas “chefias”: NUOP/EAPE e GREB/CRE.

Em 2010, a coordenadora do Núcleo das Oficinas Pedagógicas foi destituída do cargo, a gestão foi reconstituída e, conforme relatos, houve momentos de grande tensão, em todas as esferas, incluindo o Núcleo das Oficinas Pedagógicas. Ocasionalmente, a depender dos entendimentos da equipe responsável por avaliar os projetos de curso submetidos pelas Oficinas, na própria EAPE, não havia aprovação e/ou autorização para que fossem ministrados. E o que acontecia nestas circunstâncias? Após as rodas de conversa, foi possível perceber que as Oficinas se ancoravam em suas respectivas Regionais de Ensino e ofereciam cursos e oficinas de curta duração, certificados por elas. Também se fortaleciam mutuamente por meio do coletivo das professoras formadoras, das profissionais atuantes no Núcleo das Oficinas Pedagógicas e do Conselho das Oficinas.

A partir da leitura do registro nas atas do Conselho das Oficinas Pedagógicas, em 2013, foi observado que, novamente, houve tensão entre Oficinas Pedagógicas e EAPE, onde se informou que o vínculo com a EAPE havia sido rompido e permaneceria, portanto, apenas o vínculo com as GREB (atuais Unieb). Pela leitura, é notório o quanto os profissionais se encontravam sem orientações precisas, sem entenderem o que estava acontecendo e sem comunicação formal sobre nada, apenas algumas conversas nas próprias Regionais de Ensino. Em reuniões lideradas pelo Conselho das Oficinas, os representantes compareciam, assinavam

a ata, planejavam os encontros do curso de formação de formadores que estava acontecendo na Oficina Pedagógica do Plano Piloto, em uma maneira de autogestão do trabalho.

O grupo de formadores das Oficinas buscava estratégias de como e onde realocar o Núcleo que havia sido desmembrado da EAPE. No dia 14/8/2013, há o registro de novos encaminhamentos por parte da EAPE, segundo os quais o Núcleo seria reativado com duas pessoas que poderiam ser escolhidas pelo próprio grupo, o quanto antes. Em 11/9/2013, já havia sido marcada reunião com a nova chefia da EAPE e Oficinas. Entre os formadores, após árduas e calorosas reflexões, foi necessário decidir a que órgão as Oficinas deveriam ficar vinculadas, se EAPE ou SUBEB e, após votação, foi unânime que seria melhor estarem na EAPE, com a preocupação de que precisaria ser possível preservar a identidade e metodologia do trabalho das Oficinas.

Por entendimento de que havia algumas lacunas no documento de 2012, este precisou passar por nova revisão e, em meados de 2016/2017 começaram novas discussões entre o Núcleo das Oficinas e os formadores para reestruturação do texto. Nesse período, foi importante o posicionamento das pessoas que integravam o Núcleo das Oficinas Pedagógicas na EAPE, que foi aglomerado com outros núcleos em uma só Gerência (GETOP). É entendimento de que as pessoas que compuseram o Núcleo das Oficinas Pedagógicas, nos diversos tempos, ofereceram contribuição importante para que o trabalho seguisse existindo. Com maior ou menor intensidade, “vestiram a camisa”, lutaram, foram resistência e é esse perfil que segue fazendo com que o trabalho continue. É de fundamental importância, portanto, que seja garantida a existência desse Núcleo, com condições favoráveis de trabalho, para não sobrecarregar quem estiver exercendo as funções, conforme já era defendido pelas autoras - antigas professoras formadoras, em 2014:

É de extrema importância a existência de um núcleo central que coordene os vários aspectos, como os pedagógicos, técnicos, estrutura física, recursos humanos, recursos materiais, de consumo e permanentes e que cumpra o papel de articulador entre as instâncias administrativo/pedagógicas em nível central e intermediário. Os períodos em que, por diferentes circunstâncias (2009 e 2013), essa coordenação foi desativada, as OP enfrentaram grandes dificuldades para a manutenção de suas atividades e de sua identidade de trabalho. Em ambas as ocasiões, o Conselho das Oficinas Pedagógicas desempenhou papel vital ao ousar manter o imprescindível papel agregador, realizando encontros periódicos com o colegiado formado por todas as equipes das 14 regionais de ensino com o fim de deliberar e coordenar ações, promover estudos, socializar sucessos, compartilhar e dividir as dificuldades, além de planejar as estratégias de superação. Estes foram tempos que propiciaram as grandes transformações que acabaram ficando invisíveis aos olhos do sistema (Muñiz; Souza; Ferreira, 2014, p. 3).

Desde a sistematização destes espaços, em 1989, foi previsto o Conselho das Oficinas e percebeu-se a necessidade também de um Núcleo de Coordenação para organizar os trabalhos. Em 2025, tanto o Conselho quanto o Núcleo estão desativados (não foram normatizados pela portaria vigente, publicada em 2018) e há apenas uma pessoa responsável pela coordenação das atividades dos CVLOP, que executa a gestão de professores formadores lotados em 14 unidades diferentes, com entendimentos diversos, compostas por cerca de 35 profissionais atuantes. São várias as funções a serem desempenhadas, elencadas na Portaria nº 388, de onde destacamos (Distrito Federal, 2018): coordenar, articular, acompanhar e avaliar as atividades, realizando reunião de planejamento integrado/articulado entre os CVLOP, de modo a estimular a unidade de ação; promover a formação de professor formador; coordenar, por meio do setor responsável⁷⁵, as atividades das Oficinas Pedagógicas; promover a formação continuada e compartilhar experiências e resultados de pesquisas; analisar, avaliar e orientar a organização do acervo das Oficinas Pedagógicas; dar publicidade ao trabalho desenvolvido pelas Oficinas Pedagógicas; analisar e divulgar os dados apresentados em relatórios produzidos pelos CVLOP; atestar a frequência do professor formador das Oficinas Pedagógicas em reuniões de planejamento.

Como manter a qualidade de um trabalho pautado no coletivo com apenas um profissional para coordenar? Equipes constituídas por apenas uma pessoa também se fizeram presentes, durante o desenvolvimento desta pesquisa, comprometendo a qualidade do trabalho dos CVLOP por estarem desfalcados. Para o êxito conhecido junto às professoras e aos professores cursistas, são necessárias várias frentes. Com equipes reduzidas, sem o Conselho e com apenas uma pessoa para coordenar, certamente a qualidade do trabalho fica comprometida.

Outra questão importante sobre a qual é preciso refletir é a falta de estratégias que definam a autoria dos cursos/oficinas/ideias criadas. Entendemos que, por serem criadas em horário de serviço, pertencem à SEEDF, enquanto instituição. Mas qual o problema se houvesse um registro da autoria de ideias consolidadas, de sucesso ou não, com os nomes dos seus autores? Depois das rodas de conversa e entrevistas, foi possível concluir que faz falta, dentro da rede, um setor de registro, que respeite a autoria de quem propõe e implementa as ideias de cursos e oficinas, conforme menciona a seguinte colaboradora:

Nos novos cadernos que estamos fazendo, vamos colocar ISBN, porque isso fica com registro e com autoria. Acho que isso é bem importante de ser colocado num documento: a falta de um protocolo de registro com material intelectual dentro da própria Secretaria. É grave isso. [...] Quando a instituição não tem um protocolo

⁷⁵ Não fica explícito, na portaria, que haveria um Núcleo para coordenar as Oficinas, existe apenas essa passagem, a respeito de um setor responsável que não ficou claramente definido, uma fragilidade do texto.

oficial, as pessoas passam a agir na personalidade e isso é o problema que a gente vê hoje na instituição, tem a ver com falta de rigor técnico. No caso do que a gente vive com relação ao trabalho intelectual é exatamente isso que acontece: a gente produz, entrega, alguém pega, vai oferecer e vai botar o nome, porque quem criou não está mais lá pra falar nada, não foi publicado em lugar nenhum, não foi registrado com o nome do autor. A EAPE pode simplesmente apagar da história (professora formadora Ametista – nome fictício -, entrevista semiestruturada – Google Meet, 10/7/2023).

Na sequência, apresento a percepção histórica de uma coordenadora que atravessou mais de duas décadas atuando no Núcleo das Oficinas e passando por todos sabores e dissabores que esta função lhe proporcionou:

Eu acho que todo rompimento era muito difícil, muito dolorido para a gente. Toda vez que mexia com as Oficinas Pedagógicas era triste para todo mundo. A gente acabava se sentindo muito fraca. Pensava assim: “socorro!” Ninguém respeitava a gente. Quando era para excluir, excluía logo e não tinha muito papo. Poucas vezes nós conseguimos uma relação melhor. Mas muito vagamente sempre foi essa coisa de levar, começar, fechar, começar de novo. Sempre foi assim. [...]A coisa que machucava muita gente era essa falta de respeito. Foi um vai e vem de emoção que aconteceu a vida inteira (Fernandes, entrevista semiestruturada – Google Meet, 27/11/2024).

Conforme as alterações vão acontecendo no âmbito educacional, em nível federal, distrital e institucional, além das mudanças sociais e culturais, o coletivo do CVLOP busca analisar e atuar proativamente conforme as necessidades do contexto, estabelecendo as parcerias necessárias para contribuição junto à rede pública de ensino em suas diversas etapas e modalidades. São vários cursos e oficinas temáticas ministradas, além de outros tipos de atendimentos oferecidos para auxiliar as professoras, os professores e as escolas de modo geral.

Figura 23 - Logomarcas já utilizadas pelas Oficinas ao longo do tempo



Fonte: acervo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas.

O sentido de integração das dimensões humanas presente nas propostas de formação continuada desenvolvidas pelos CVLOP é apenas um dos itens que dialogam com o ideário de educação pensado por Anísio Teixeira para a capital federal, além do valor às artes e à cultura para as propostas de ensino.

Como convite para o próximo capítulo, trago um poema, escrito por ocasião da Sessão Solene em homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas, na Câmara Legislativa do Distrito Federal:

OFICINA PEDAGÓGICA

*Vem chegando, minha gente
Pra essa nobre ocasião
Já são 38 anos
De história na educação...."*
*A Oficina Pedagógica
De todas as Regionais
Na mistura de talentos
São vários profissionais*
*A Oficina Pedagógica
Apresento a vocês
Sei que tudo começou
No ano de 86.*
*Produzir material
Ajudar o professor
Veio a Ludicidade
No educar com mais sabor.*
*Taguatinga e Ceilândia
Essas foram as primeiras
E também a de Brazlândia
Nossas grandes pioneiras.*
*A proposta de atuar
Essa foi bem ampliada
Pois de grande relevância é
A formação continuada.*
*Tanto curso interativo
Vai sendo elaborado
Costurando com a Arte
O conteúdo estudado.*

*A Oficina Pedagógica
De todas as Regionais
Tem a Criatividade
Entre os seus ideais*
*Com criança e adolescente
Nossos cursos interagem
O docente que estuda
Enriquece sua bagagem.*
*Oficina Pedagógica
É cultura do brincar
Faz ciranda e faz brinquedo
Tanta história pra contar*
*O afeto é aliado
De todo esse caminhar
Foco no ser integral
É aprender e humanizar.*
*Hoje é dia de festa
Tempo de agradecer
A todos que fizeram
Essa história acontecer.*
*Pra início de conversa
Cada um seja bem-vindo
Fiquem muito à vontade
O encontro será lindo.*
*Gabriel, o deputado
Valoriza a educação
Todas as autoridades
Acompanham esse quinhão.*

*Eu vim lá de Sobradinho
O meu nome é Vanessa
Estudar com diversão
Essa é a nossa riqueza.*

*E eu me chamo Simone
Eu vim lá do meu Guará
E essa nossa cantoria
É pra festa começar.*

*Somos homens e mulheres
Que com força e ousadia
Vamos fazendo história
É resistência e é alegria*

*A Oficina Pedagógica
De todas as Regionais
Um trabalho de excelência
Sonho, vida e muito mais!*

*Essa gente acredita
Na beleza do ensinar
Com essa história tão bonita
Muito mais vai inventar!*

*Vanessa Mendes e Simone Moura,
junho/ 2024)*

No próximo capítulo, começaremos a conhecer um pouco do “projeto-filho”, adentrando o histórico de como foi a gestação do curso “A Arte de Contar Histórias”, além de refletir sobre alguns princípios basilares deste trabalho: emoções na constituição do humano, ludicidade como elemento formativo e “a arte de contar histórias” como saber interdisciplinar.

Vamos lá?

3 EM CERTO MOMENTO, TEVE GENTE SONHANDO ANTES DA GENTE – MOVIMENTOS EMBRIONÁRIOS DO CURSO

*“Sonho que se sonha só
é só um sonho que se sonha só,
mas sonho que se sonha junto
é realidade.”
(Raul Seixas; Paulo Coelho, 1974)*

Sonho é a segunda palavra que o “sagrado” trouxe na história de abertura. Conforme Michaelis⁷⁶, sua origem é do latim “*somnium*” e, na acepção da epígrafe, quer dizer: “ideal ou ideia dominante que se persegue com interesse e paixão”. Foi a partir de uma necessidade real (PROEPRE), mas também de uma ideia “perseguida com paixão” que professores formadores se uniram para pensar possibilidades com vistas a auxiliar as e os docentes em seu trabalho diário em sala de aula, como vimos no capítulo anterior. O “projeto-mãe” (CVLOP) trouxe à luz vários “projetos-filhos”, com destaque, neste trabalho, para o curso “A Arte de Contar Histórias”, que vem tendo sua história escrita, com esse nome, desde 1999. Neste capítulo, levando em consideração os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica e da Teoria Histórico-Cultural, as quais ressaltam a importância do meio social e subsidiam os documentos norteadores da SEEDF, faço revisão bibliográfica sobre formação continuada, embasada pelas noções de educação estética e ludicidade, além de apresentar os movimentos embrionários do curso. Ademais, verso sobre a importância das emoções na constituição do humano e sobre o valor da contação de histórias como arte e atividade potencialmente lúdica em espaços educativos, além da sua contribuição para a formação do leitor literário.

3.1 A Pedagogia Histórico-Crítica e a Teoria Histórico-Cultural

A Pedagogia Histórico-Crítica é uma proposta contra-hegemônica e crítica, não reprodutivista, cujo principal mentor é o professor e filósofo brasileiro Dermeval Saviani. Segundo esta tendência: “A educação é entendida como ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2013, p. 421-422). Fundamentada nas ideias de Marx, tem como ponto de partida e de chegada a prática social, em que alunos e professores são agentes sociais e devem buscar a transformação das relações de produção as quais impedem a construção de uma sociedade igualitária (Saviani, 2013, p. 421).

⁷⁶ Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sonho/> Acesso em: 24 maio 2022, 11:15.

Observamos que o trabalho das Oficinas Pedagógicas dialoga com os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica, ao compreender a formação continuada como um processo de humanização e de produção coletiva de saberes. Como a educação deve visar à formação, no indivíduo, da humanidade historicamente construída, as Oficinas contribuem ao buscarem criar espaços de reflexão e prática nos quais as professoras e os professores ressignificam suas experiências, apropriam-se criticamente do conhecimento, transformando sua atuação pedagógica, com sensibilidade. Desse modo, o processo formativo vai além do domínio técnico, assumindo uma dimensão ética, política, social e estética, em que o educador é reconhecido como sujeito histórico em constante formação.

É uma tendência que tem influenciado as políticas educacionais e as práticas pedagógicas, especialmente em contextos de ensino público, na qual se busca a conscientização crítica e a emancipação dos estudantes, caso do Distrito Federal. Conforme Saviani (2013), a Pedagogia Histórico-Crítica, no que se refere às bases psicológicas, possui fortes afinidades com a Psicologia Histórico-Cultural desenvolvida por Vigotski e demais colaboradores.

Por sua vez, a Teoria Histórico-Cultural defende que os sujeitos são constituídos nas relações sociais, as quais são cultural e historicamente produzidas. De base também marxista, essa teoria psicológica possui grande foco no desenvolvimento humano, em uma perspectiva dialética entre individual e social, na qual se considera que a história do indivíduo sintetiza, de modo abreviado, o processo de constituição da própria espécie. O ser humano aproveita a experiência de gerações anteriores na ciência, na cultura e na vida. “Esta experiência histórica, essa herança não física é o que o distingue do animal” (Vigotski, 2001, p. 62). Mas não apenas isso. Vigotski salienta que a imaginação bem como a capacidade de se emocionar ao contemplar uma obra de arte são características específicas do ser humano. Débora Vieira, estudiosa do autor, em sua tese, assim se manifesta:

[...] o processo de desenvolvimento humano se dá em unidade afetiva-intelectiva e individual-coletiva, enfocando o desenvolvimento multilateral dos sujeitos, que não se dá de modo fragmentado. Compreender que nos humanizamos nas relações com os outros e que a cultura, como produção exclusivamente humana, constitui quem somos e quem podemos ser, faz parte da minha cosmovisão (Vieira, 2023, p. 30).

Em concordância com a autora e, a partir dos estudos vigotskianos, entendo que nos tornamos humanos com as relações que estabelecemos, sempre influenciados pela cultura em que estamos inseridos. Para o campo educacional, a Teoria Histórico-Cultural contribui significativamente, sempre trazendo à baila a maneira que o contexto exerce influência sobre a aprendizagem, a partir das experiências de cada pessoa. Segundo Vigotski:

A educação é uma função social totalmente determinada, que sempre se orienta em prol dos interesses da classe dominante e a liberdade e independência do pequeno meio artificial com relação ao grande meio social são, na verdade, uma liberdade e um independência muito relativas e condicionais, convencionais, dentro de estreitas fronteiras e limites (Vigotski, 2001, p. 80).

Moldada pelas forças sociais dominantes, precisamos nos lembrar de que a liberdade e independência da educação são apenas aparentes: dentro da escola, há uma liberdade relativa, pois o ambiente escolar ainda opera sob as influências e limitações impostas pelo contexto social mais amplo. Neste sentido, Vigotski defende que a experiência pessoal dos estudantes deve ser a base do trabalho pedagógico: afinal, “o saber que não passa pela experiência pessoal não é saber” (Vigotski, 2001, p. 76). Assim, o conceito do processo educativo é o seguinte: “A educação é realizada através da própria experiência do aluno, que é totalmente determinada pelo ambiente; a função do professor se reduz à organização e à regulação de tal ambiente” (Vigotski, 2001, p. 76). Em outras palavras, o professor e a professora deverão ter a postura de mediadores no espaço educativo, sempre levando em consideração que somos uma unidade afeto-intelecto a ser considerado pela escola, já que o aspecto emocional da personalidade não tem importância menor que o cognitivo ou o motor.

Grande contribuição de Vigotski, ainda, refere-se à sensibilização sobre a importância da educação estética. Afinal, “a vivência estética cria um estado muito sensível para as ações posteriores e, naturalmente, nunca passa sem deixar marcas em nosso comportamento posterior” (Vigotski, 2001, p. 234). A arte, como o social em nós, é a ferramenta das emoções, ampliando as possibilidades de ser e de estar no mundo. Nesse sentido, o autor faz uma defesa da poesia do cotidiano, de modo a enfatizar que qualquer pessoa possui a potência de produzir e vivenciar arte, já que ela se faz presente na vida das pessoas em geral e não somente de uma elite privilegiada ou de pessoas com certos dons.

Sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural, as Oficinas Pedagógicas podem ser compreendidas como espaços de mediação e interação social, de troca e de construção de sentidos, nos quais o processo de formação docente acontece sistematicamente, em que o conhecimento é elaborado e reelaborado na e pela prática social. O professor é reconhecido, pois, como sujeito ativo de sua própria formação, que se desenvolve ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento dos outros, em uma dinâmica dialética entre o individual e o coletivo. As ações formativas possibilitam que o docente amplie suas capacidades de compreender, imaginar e intervir na realidade educacional.

Além disso, a concepção de educação estética proposta por Vigotski encontra ressonância nas práticas das Oficinas Pedagógicas, pois elas reconhecem a arte, a sensibilidade

e a criação como dimensões fundamentais da formação humana e docente. Ao promoverem experiências que articulam o fazer, o sentir e o pensar, as Oficinas possibilitam que professoras e professores se percebam também como sujeitos criadores, capazes de atribuir novos sentidos ao cotidiano escolar. Nesse processo, a vivência estética constitui-se como princípio formativo que amplia as possibilidades de percepção, expressão e intervenção no mundo. Dessa maneira, o trabalho reafirma a indissociabilidade entre o estético e o ético no desenvolvimento humano, compreendendo a educação como espaço de cultivo da sensibilidade.

Esse breve panorama sobre a Pedagogia Histórico-Crítica e a Teoria Histórico-Cultural nos levam a algumas percepções: o trabalho das Oficinas Pedagógicas materializa tais fundamentos ao promover uma formação continuada ancorada na relação dialética entre teoria e prática. As ações formativas desenvolvidas pelas professoras formadoras partem das necessidades concretas do cotidiano escolar e visam à transformação das práticas pedagógicas, tomando a realidade como ponto de partida e de chegada do processo educativo. Ao reconhecer o docente como sujeito histórico e social, as Oficinas estimulam a reflexão crítica sobre a prática, favorecendo a produção coletiva de saberes e o desenvolvimento da consciência de classe e de mundo.

Por meio de reflexões teóricas contextualizadas, muito debate e troca, as professoras formadoras buscam fomentar a consciência crítica, o debate, de maneira vivencial, em que se tem a potência de elevar a energia vital, fundamental para se enfrentar as lutas cotidianas e até contra o sistema. Nesse sentido, sugiro a leitura do tópico desenvolvido em minha dissertação, sobre “a alegria como força revolucionária”.

Podemos dizer, portanto, que o trabalho das Oficinas Pedagógicas reafirma, em sua dinâmica cotidiana, os princípios teórico-metodológicos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Teoria Histórico-Cultural, configurando-se como espaços de formação comprometidos com a emancipação humana e com a transformação social, em que as dimensões estética e lúdica das formações assumem papel relevante, uma vez que contribuem para a ampliação da sensibilidade, da imaginação e da potência criadora dos sujeitos, aspectos indispensáveis à práxis educativa. Assim, no próximo tópico, por emergir de forma orgânica da realidade investigada, apresento reflexões sobre as emoções e o ser humano.

3.2 As emoções e o ser humano, a partir de diferentes campos de abordagem

Em uma visão cartesiana, a tradição ocidental privilegiou o aspecto cognitivo, em desfavor do emocional no desenvolvimento humano. Isso influenciou diversas áreas do conhecimento, especialmente a educação. Com uma cisão categórica entre corpo e mente, a racionalidade foi tratada como a única chave do desenvolvimento. No entanto, autores de diferentes campos do conhecimento pontuam sobre a fragilidade desta acepção, na defesa de que emoções e cognição estão entrelaçadas. Romper com estruturas arraigadas não é algo simples nem rápido, mas é perceptível que alguns passos têm sido dados neste sentido. Dessa forma, convido ao diálogo autores de diferentes campos de estudo que provocam reflexões importantes com vistas à melhor compreensão do fenômeno investigado.

No campo da Psicologia, no início do século XX, temos a contribuição de Lev Vigotski, já mencionado algumas vezes nesse estudo. Para ele, o fato de a sociedade compreender a personalidade humana apenas considerando o intelecto é questionável já que é possível pensar com talento e, também, sentir talentosamente. Nas palavras dele, com quem concordo: “o físico e o psíquico, a matéria e o espírito, a estrutura do corpo e o caráter são processos intimamente entrelaçados, e não se justifica sua separação” (Vigotski, 2001, p. 71). Dessa maneira, a questão do comportamento emocional no contexto educacional se torna importante, pois: “nenhuma forma de conduta é tão sólida como a ligada à emoção” (Vigotski, 2001, p. 119).

Vigotski reconhece que as emoções desempenham um papel importante no processo de aprendizagem e defende que a motivação e o envolvimento emocional afetam diretamente a capacidade de assimilar novos conhecimentos. O autor ainda sustenta que, ao envolver o aspecto emocional no aprendizado, os professores podem garantir uma assimilação mais profunda e duradoura dos conteúdos. “A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tentem afetar seu sentimento” (Vigotski, 2001, p. 121). Por sua vez, nas brincadeiras de faz de conta ou nas histórias, a criança descobre uma fonte infinita de experiências, permitindo que a imaginação dê forma às suas necessidades e aos seus desejos. A fantasia, nesse contexto, abre novas possibilidades para que essas aspirações ganhem vida. No ato de brincar, a fantasia emocional acaba assumindo uma nova função: a de organizar o ambiente de tal maneira que a criança possa explorar e aprimorar suas habilidades, já que as histórias oferecem a ela algo semelhante ao que a religião, a ciência e a arte proporcionam ao adulto: uma primeira forma de compreender e explicar o mundo.

Ao desenvolver suas pesquisas no campo da Biologia, os autores Humberto Maturana e Gerda Verden-Zoller apresentam contribuição importante. Em sua obra “Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano”, os autores refletem sobre as emoções humanas como base para a convivência e o desenvolvimento social. Segundo os autores: “A emoção define a ação” (Maturana; Verden-Zoller, 2004, p. 32) e, nesse sentido, a criança aprende o *emocionar* no convívio com seus cuidadores - aqueles que desempenham o papel da maternidade, do cuidar, do acolhimento. Esse aspecto molda o espaço relacional entre as pessoas, de modo que a maneira com que vivemos as emoções irá refletir tanto na vida individual, quanto na cultura e, conseqüentemente, na história humana, já que, segundo eles: “todos os domínios racionais que produzimos como seres humanos [...] têm um fundamento emocional” (Maturana; Verden-Zoller, 2004, p. 221).

Maturana e Verden-Zoller apresentam a distinção entre culturas *matrísticas* e *patriarcais*. O termo “matrístico” deriva de “mater”, ou seja, mãe, sugerindo uma organização social em que os valores ligados à maternidade, como o cuidado e a nutrição são centrais. É importante ressaltar que, ao contrário das sociedades *patriarcais*, as *matrísticas* não são organizadas em torno do poder ou da dominação, mas da convivência colaborativa. “*Matrístico*” refere-se às culturas em que homens e mulheres vivem em cooperação não hierárquica, com foco no acolhimento, na partilha e na reciprocidade, sem a dominação de um gênero sobre o outro. Por sua vez, a cultura *patriarcal* se caracteriza pela hierarquia, controle e dominação, valores que se afastam da harmonia emocional que os autores associam ao modo de vida *matrístico*. O *patriarcado* reprime a colaboração e a ternura em prol da competição e do poder. Para eles, o *patriarcado* é “uma rede fechada de conversações que se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, as hierarquias” (Maturana; Verden-Zoller, 2004, p. 37).

Os autores defendem que o amor é a emoção central na constituição do humano, na qual a aceitação de si mesmo e do outro é necessária. A biologia do amor nos constitui e seu processo tem início nas interações materno-infantis, nas quais a criança, ao ser aceita pela mãe (ou por quem exerce o papel maternal) em sua corporeidade, desenvolve uma consciência social e uma autoaceitação. “A maternidade, seja ela feminina ou masculina, é um fenômeno cultural que pode ou não ser vivido em coerência com seus fundamentos biológicos” (Maturana; Verden-Zoller, 2004, p. 20). Os autores argumentam que a continuidade de uma relação amorosa entre a criança e seus cuidadores é essencial para seu desenvolvimento físico, emocional e social e ressaltam a importância da relação de confiança e aceitação entre mãe e filho no processo de

amamentação e no brincar, como formas de estabelecer uma base sólida para o crescimento emocional, fortalecer os laços de confiança e segurança entre “mãe” e criança.

O brincar, uma atividade válida em si mesma, é outro elemento central nas reflexões dos autores sobre a vida humana. Segundo eles, o brincar ocorre quando estamos presentes no momento e nos envolvemos em uma atividade na qual não há objetivo externo ou finalidade além da própria vivência. “Brinca-se quando se está atento ao que se faz no momento em que se faz” (Maturana; Verden-Zoller, 2004, p. 230). Os autores defendem que o brincar é uma manifestação da convivência amorosa, pois só pode ocorrer em um ambiente de aceitação e confiança. No brincar, a criança explora o mundo ao seu redor, aprende a regular seu corpo, suas emoções e desenvolve a capacidade de conviver com os outros de forma harmoniosa. O brincar é, portanto, um elemento central na constituição do ser humano, proporcionando a base emocional e relacional para a vida em comunidade. Para superar o *patriarcado*, é preciso, pois, resgatar o amor e o brincar como fundamentos da convivência humana. Ao recuperar o brincar em sua essência, é possível resgatar também a aceitação mútua e a convivência harmoniosa que define o que é ser humano.

No campo da Sociologia, ao criticar a modernidade e o seu foco no racionalismo (considerando o intelecto acima das outras dimensões humanas), Michel Maffesoli apresenta o conceito de razão sensível, a qual não seria uma negação da racionalidade, mas uma complementação, incluindo as emoções e o aspecto sensorial da vida, de maneira a englobar a totalidade da experiência humana. “Com efeito, o próprio das emoções, dos sentimentos, das culturas comuns, é que eles repousam numa vida compartilhada; todo o trabalho intelectual consistindo, portanto, em perceber a vida que os anima” (Maffesoli, 1998, p. 59), ou seja, há uma relação direta entre o indivíduo e o coletivo, em que o “cuidado de si” e a busca pelo prazer coletivo suscitam uma maneira de reencantamento do mundo, o qual ocorre quando o ser humano reconhece a beleza nas pequenas coisas do dia a dia, quando o efêmero ganha um novo significado dentro da construção de uma vida mais autêntica e conectada com as sensações e emoções. “O reencantamento do mundo não é uma regressão; é uma adaptação ao novo tempo, onde as emoções, o jogo e o prazer são elementos centrais da vida social” (Maffesoli, 1998, p. 102). O autor apresenta, então, o argumento da estética do instante, uma das manifestações mais significativas da razão sensível, em que se valoriza o presente e os momentos fugazes de beleza e prazer e se opõe às morais do futuro e aos projetos políticos que buscam um progresso linear (Maffesoli, 1998, p. 107).

Maffesoli reforça a presença de uma revalorização do coletivo e das formas tribais de socialidade, manifestadas por meio de grupos, redes e comunidades que compartilham valores,

sentimentos e experiências comuns. A razão sensível promove um retorno às formas de convivência mais fluidas e menos hierárquicas, em que o indivíduo não é isolado, mas encontra seu lugar em coletividades que valorizam a emoção e a proximidade. A noção de razão sensível defendida por Maffesoli engloba o universo do simbólico, do emocional e do estético como possibilidades outras de compreender o mundo. Nesse cenário, a estética do instante proposta por este autor aproxima-se das concepções contemporâneas de educação estética, pois evoca a sensibilidade, o encantamento e a valorização do presente como fundamentos da experiência humana e formativa.

Lev Vigotski, Michel Maffesoli e Maturana e Verden-Zoller abordam a relação entre emoções e cognição, oferecendo contribuições para a Psicologia, Biologia e Sociologia. Para Maturana e Verden-Zoller (2004), as emoções, especialmente o amor, têm uma base biológica e são fundamentais para a convivência e para a formação do ser humano. Vigotski, por sua vez, destaca o papel das emoções no desenvolvimento cognitivo e no aprendizado, especialmente por meio do jogo e da interação social. Maffesoli apresenta a dimensão sociológica das emoções, defendendo como elas são importantes para a vida coletiva e para a formação de sentidos no cotidiano. Embora cada autor possua perspectivas diferentes, suas contribuições confluem para a ideia de que as emoções são estruturais para o desenvolvimento individual, para a vida social e para o desenvolvimento do conhecimento. As emoções encontram solo fértil quando se abre espaço para experiências lúdicas e sensíveis, afloram as subjetividades em um campo propício para um aprendizado mais humanizado e prazeroso. O acolhimento à dimensão emocional, como vimos a partir destes autores, não apenas favorece o desenvolvimento cognitivo, mas também aponta para outras possibilidades formativas, em que o sentir, o pensar e o fazer estão entrelaçados.

Nesse sentido, ao pensarmos na formação continuada de professores, é necessário considerar metodologias que contemplem essa inteireza humana, unindo emoção, criatividade, ludicidade e educação estética como caminhos possíveis de transformação docente. É sobre isso que trataremos no próximo tópico: uma reflexão sobre a formação de professores pautada em saberes sensíveis, como os vivenciados nos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal.

3.3 Formação continuada com os princípios da ludicidade e da educação estética

Reconhecendo que o desenvolvimento humano não pode ser reduzido à racionalidade, mas exige a integração das dimensões emocionais, corporais e sociais, é importante pensar uma

formação continuada de professoras e professores que valorize essa complexidade. A experiência investigada aponta para uma proposta de formação docente que se ancora na ludicidade e na educação estética como fundamentos.

Conforme vimos no capítulo anterior, a educação pela arte deveria se fazer presente no ensino da nova capital, como um princípio basilar. É algo que consta desde o estabelecimento do sistema educacional em Brasília, na defesa de uma educação integral para a formação humana. Ao seguir esse raciocínio e reconhecer a importância também da formação continuada para sucesso da proposta escolar, podemos dizer que a educação estética fundamenta a formação continuada oferecida pelos CVLOP, em diálogo com o ideário pensado para a capital do país. Nesse sentido, é importante versar sobre a formação continuada em intersecção com a educação estética de maneira melhor sistematizada, a partir da realidade investigada.

É a Lei nº 5.105 de 3/5/2013, parcialmente alterada pela Lei nº 6.327 de 10/7/2019, que estabelece diretrizes para a carreira do Magistério Público no Distrito Federal. Em várias passagens, há normatizações sobre a formação continuada, haja vista sua importância para o aprimoramento profissional e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade do ensino. O Artigo 2º menciona que a formação continuada é entendida como atividade pedagógica e, portanto, integra a coordenação pedagógica, sendo prevista na carga horária dos e das docentes.

Já o artigo 12 assegura a oferta de programas de formação continuada, elaborados com base em um levantamento de necessidades e prioridades da Secretaria de Estado de Educação, os quais visam à reelaboração dos saberes iniciais da formação docente. A normatização prevê que os cursos de formação continuada podem ser ministrados pela Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE), entidades de classe ou instituições credenciadas, preferencialmente públicas, devendo ser realizados durante o horário de trabalho dos servidores (§1º) e, além disso, é garantido, anualmente, o afastamento remunerado de 1% dos servidores ativos para a realização de cursos de mestrado ou doutorado como parte da formação continuada (Distrito Federal, 2013, §3º).

Há, ainda, previsão de melhorias salariais a partir de progressão na carreira, por participação em cursos de formação continuada, da seguinte forma: “Realização de cursos na área de atuação, totalizando 180 horas-aula a cada 5 anos” (Distrito Federal, 2013, §1º, Art. 15, p. 5). Tal progressão pode ser requerida a partir do critério estabelecido.

Os cursos e oficinas temáticas ministrados pelos CVLOP, devidamente certificados pela EAPE, podem ser utilizados para a referida progressão. Mas existe, na verdade, um elemento que faz a diferença para quem recebe a formação nesses espaços: a metodologia desenvolvida

durante esses anos para a formação continuada, que eu nomeei na dissertação de mestrado como “Metodologia Ludoestética-vivencial”:

[...] a qual promove a expressão e a criatividade dos participantes. Neste sentido, uma formação com os princípios basilares na ludicidade e nas artes, com práticas vivenciais que passam pelo corpo, podem desencadear processos de aprendizagem mais significativos, tanto para a dimensão profissional quanto para a vida pessoal dos participantes (Leite, 2017, p. 45).

Essa metodologia “ludo-estética” integra elementos da experiência lúdica e da experiência estética. A linha que separa tais experiências é bastante tênue, mas após tantas leituras e vivências, podemos afirmar que toda experiência lúdica é uma experiência estética, no sentido de que são vivências de plenitude e arrebatamento, mas nem toda experiência estética é uma experiência lúdica, já que a noção de ludicidade está associada à sensação de prazer e de bem-estar, não necessariamente presentes em toda experiência estética, apesar de ambas entrelaçarem o pensar, o sentir e o fazer pela vivência de inteireza e plenitude do momento.

A identidade da professora e do professor vai sendo constituída ao longo da carreira, por meio da prática e das vivências, de forma que o trabalho vai adquirindo um caráter identitário, que influencia a personalidade docente, como tão bem nos apresenta Nóvoa em vários textos. Segundo ele, com quem concordo:

A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino [...] Ei-nos de novo face à *pessoa* e ao *profissional*, ao *ser* e ao *ensinar*. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal (NÓVOA, 2000, p. 17).

Há, portanto, uma dimensão subjetiva na carreira, já que a professora mobiliza e produz os saberes a partir de sua experiência cotidiana (Tardif, 2012). Em outras palavras, a formação continuada pode se dar de maneira orgânica ou de forma sistematizada. Os saberes docentes não são um conjunto fixo de conhecimentos, mas um processo em constante construção, sendo a *performance* docente composta a partir de múltiplos referenciais. Essa dinâmica envolve tanto a apropriação do ambiente escolar quanto a interiorização de práticas que definem a atuação profissional. Nesse contexto, a docência se estabelece na interação entre professores, alunos, colegas e comunidade escolar, não se limitando apenas a um acúmulo de informações, já que a profissão docente possui uma função social.

Nomeando por formação permanente, Francisco Imbernón (2009), apresenta vários questionamentos e sugestões de como poderia se realizar a formação continuada. Para ele, esta

deve ser concebida como um processo colaborativo e dialógico, de modo a romper com o isolamento e individualismo docente e promover o trabalho em equipe como base para o desenvolvimento institucional e profissional. Para tanto, é necessário que se aborde o ensino de conteúdos técnicos, propiciando, também, reflexões sobre aspectos éticos, emocionais, relacionais e atitudinais da prática docente. Ainda segundo este autor, a partir dessa perspectiva, é necessário fomentar uma cultura de colegialidade participativa, onde os professores possam compartilhar suas experiências, sucessos, dificuldades e sentimentos, além de reconhecer o protagonismo do professorado. Parece até que o autor estaria versando sobre o trabalho desenvolvido pelos CVLOP, pois é assim que ele acontece, a partir da metodologia desenvolvida, desde sua instituição.

Ao desenvolver um trabalho que busca a integração das dimensões humanas, com os princípios da ludicidade e da educação estética, Cristina D'Ávila (2022) nos apresenta a Didática Sensível, segundo a qual a educação deve abranger o ser humano em sua totalidade, em que a arte desempenha o papel de mediação entre interioridade e exterioridade conecta o sensível ao inteligível e integra o pensar, o sentir e o fazer. Sob esta perspectiva, a ludicidade se torna central, como força que integra as dimensões sensíveis, estéticas e lógicas do ser humano. Essa didática faz uso de metáforas criativas e linguagens artísticas, como música, teatro e dança para enriquecer as práticas educativas, apontando para uma educação que confirma a importância da corporeidade e das emoções no desenvolvimento humano, além de defender que o saber sensível antecede e complementa o saber intelectual, ressaltando a dimensão estética do ensino.

[...] quando proponho o trabalho pedagógico-didático com metáforas criativas (lúdicas ou artísticas) na formação de professores e na educação universitária, pretendo resgatar o elo do sensível e do estético no pensar inteligível. O uso das metáforas criativas, como filmes, jogos, música ou outra obra de arte, é mobilizador de aprendizagens significativas, posto que provoca nos partícipes do processo educativo um élan, uma abertura para o processo do conhecimento e sensação de encantamento ou de deslocamento para uma outra esfera que não apenas a racional. [...] Nesse sentido, as experiências sensíveis precisam ser estimuladas em qualquer grau de ensino. Uma educação estésica e estética, no sentido de recuperar o elo perdido e passar a ensinar e aprender com mais beleza, leveza e prazer. O desenvolvimento dos sentidos vai acurar a percepção sensível do mundo, dos acontecimentos, fatos, fenômenos sociais, apreendidos em toda sua dinâmica. Antes mesmo de formarmos pessoas capazes de resolver problemas, estaremos a formar pessoas capazes de provocar as perguntas, de indagar e, assim, de transformar. A sensibilidade deflagra, assim, processos mentais indispensáveis ao fazer científico (D'Ávila, 2022, p. 64/65).

A partir da experiência investigada, podemos defender que a formação continuada de professoras e professores deve partir de práticas que integrem as dimensões humanas, com a

valorização da subjetividade, das emoções e da criatividade no processo educativo. A educação estética, nesse contexto, promove uma compreensão ampliada da realidade, possibilita que as e os docentes se tornem agentes transformadores em seus contextos de atuação. Cabe destacar ainda que a Didática Sensível, apresentada por D'Ávila (2022), é muito semelhante ao que se vivencia nos cursos ministrados pelos CVLOP:

É uma formação diferente. Ela não perde a dinâmica do fazer. Além das reflexões, tem a produção de material. Com o tempo, vai ficando muito clara a importância do resgate da ludicidade presente na cultura popular, a questão das brincadeiras, das cirandas. E de toda essa produção imaterial, isso vai ficando muito forte também dentro do grupo. [...] Então antes de chegar à questão dos conteúdos em si, de se discutir como é que a gente pode mudar a prática, esse grupo vai trabalhar com outras bases: vai trabalhar com alegria, com afeto, com as ações humanizadoras entre as pessoas. Isso vem primeiro e as outras coisas vêm naturalmente depois. A verdade é que as pessoas se transformam; o professor que vem para o grupo se transforma. Ele não é mais aquilo que já foi assim como todas as pessoas que passam pelas Oficinas. É um trabalho que vai modificando as pessoas, porque quando a gente fala em ludicidade, estamos falando sobre uma essência humana (Moura, informação verbal, em vídeo, presencial, 23/8/2022).

Corroboro a visão de Luciana Haddad (2020), que compara o trabalho do professor ao do artesão. Segundo ela:

[...] faz-se artesanal pela presença da alma em seu sentido mais poético do que conceitual. [...] Ser professor se assemelha à artesanaria por trazer a alma da humanidade para novas gerações, valorizando a tradição ao fazer circular aquilo que foi aprendido no convívio com os mestres e que carrega importantes marcas de outros tempos e espaços. Ao contemplar a tradição, o trabalho docente artesanal se conecta com a memória, não só de situações vivenciadas, conhecimentos técnicos e saberes práticos, mas de princípios que a ele se agregariam apenas pela e com o conhecimento por outros antes de nós (Haddad, 2020, p. 62).

Dessa maneira, o “professor-artesão” elabora sua prática de forma reflexiva, integrando voz, corpo e subjetividade ao seu fazer cotidiano, não apenas repete modelos preexistentes, mas cria, inova e ressignifica sua prática educativa. Essa visão reafirma o papel do professor como autor de sua trajetória profissional. Nesse processo, a formação continuada sistematizada se torna importante para alcance do objetivo maior, que é a *trans-formação*.

A incorporação da estética na formação continuada compreende a docência como um ato criativo e relacional. O professor e a professora que desenvolvem essa sensibilidade são capazes de olhar para sua prática com um senso ampliado de percepção e pertencimento, reconhecendo-se como agentes ativos. Isso se reflete na maneira como eles estruturam suas aulas, mediam as relações entre os estudantes e desenvolvem propostas pedagógicas que estimulam a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico.

Um trabalho pedagógico voltado para a experiência estética propicia as bases para o desenvolvimento da imaginação criadora. “A regra a ser seguida aqui não deve ser o embelezamento da vida, mas a reelaboração criativa da realidade, isto é, uma elaboração das coisas e do próprio movimento das coisas que iluminará e elevará as vivências cotidianas ao nível das criativas” (Vigotski, 2001, p. 239). Portanto, faz-se necessário que a arte esteja presente não apenas como um componente curricular, mas como uma experiência cotidiana na escola, em todas as etapas de ensino, especialmente na formação continuada de professores.

Além disso, a educação estética favorece o desenvolvimento da expressividade, permitindo que diferentes linguagens e formas de comunicação sejam exploradas. A literatura (inclusive a contação de histórias), a música, o teatro, as artes plásticas e a dança são algumas das possibilidades que podem enriquecer o ambiente escolar, criando um espaço de aprendizado mais dinâmico e envolvente. Essas práticas expressivas possibilitam uma formação mais sensível, na qual o aprendizado se dá pela absorção de conteúdos e pela vivência concreta e compartilhada das experiências.

Por sua vez, a experiência estética acontece na medida em que o sujeito tem contato com o ambiente, seja por meio das artes visuais, da música, do movimento, ou simplesmente, por sentir algo que o atravesse. Vale lembrar ainda que é de grande valor as experiências estéticas coletivas, as quais têm o potencial de trazer a conexão entre os envolvidos, gerando sentimentos de comunidade e de pertencimento, além da sinergia em prol de objetivos comuns.

Nesse sentido, a dimensão estética na formação docente humaniza a educação e fortalece a identidade profissional. Ao reconhecer-se como criadora de saberes e experiências, a professora compreende sua prática como parte de um processo maior de transformação social. A formação estética proporciona, assim, um espaço para que o professor e a professora elaborem novas possibilidades pedagógicas e ressignifiquem seus papéis dentro da escola e da sociedade.

Eu tenho mais de 20 anos de Oficina e já recebi muitos depoimentos de professores que falaram que estavam fazendo cursinho para outro concurso porque tinham se desiludido da profissão e falaram pra gente assim: “vocês, Oficina Pedagógica, recuperaram o amor por minha profissão”. É uma coisa muito linda, muito forte, muito gostoso de ouvir. É muito apaixonante, não tem como você sair a mesma. Realmente quem vai para a Oficina não sai mais a mesma pessoa de lá. Se transforma. Ela recebe amor, carinho. Quem disse que a educação não precisa disso? Precisa muito de humanização, de trazer isso de volta, de resgatar, ser gente, ser humano. A gente não precisa ser melhor que ninguém. A gente só precisa ser humano. Então, lá é um lugar que você educa integralmente (Souza, informação verbal, em vídeo, presencial, 22/11/2022).

Torna-se importante que experiências lúdicas e artísticas possam ser vivenciadas pelas professoras e pelos professores das mais diferentes áreas, para sua constituição docente, uma vez que os mesmos, especialmente os não licenciados em Arte, na maioria das vezes, podem não ter tido contato com essas proposições em sua formação inicial. No curso “A Arte de Contar Histórias”, temos uma rica possibilidade de explorações e experimentos, sendo possível perceber, de forma vivida, a importância da educação pela arte.

Paulo Freire é um autor que também defende o despertar do sentido estético e da sensibilidade dos estudantes por meio da arte. Nas palavras dele:

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa; de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido (Freire, 1996, p. 73).

Boniteza e alegria são, também, princípios basilares para o trabalho desenvolvido pelas Oficinas. Ao valorizar a dimensão estética da docência, reafirma-se a importância de uma educação que não apenas informe, mas que transforme; que não apenas transmita, mas que inspire. A experiência estética na formação docente é uma necessidade para que a educação cumpra seu papel de promover a sensibilidade, a criticidade e a criatividade, elementos importantes para a construção de uma sociedade mais humanizada. A formação continuada ministrada pelos CVLOP, por meio da metodologia desenvolvida com base nos princípios da ludicidade e da educação estética tem contribuído substancialmente para a transformação da trajetória de muitos profissionais.

Em um nível micro, podemos avaliar que o trabalho dos CVLOP surge a partir de uma necessidade real, do chão da escola. Buscam-se estratégias para suprir as necessidades ativando a capacidade de criação de professoras e de professores formadores e de professoras cursistas. As estratégias são validadas e legitimadas em sala de aula, onde são testadas, ajustadas ou descartadas.

Desde o princípio, tem-se emprego de metodologias ativas, onde os princípios da educação bancária são superados. São grandes diferenciais dos cursos de formação continuada ministrados pelos CVLOP a criação, a troca entre pares, a busca coletiva para soluções de

problemas cotidianos vivenciados em sala de aula, em uma postura vanguardista, em que muitos conhecimentos são discutidos interdisciplinarmente, sem divisões entre os saberes. Tem-se resposta para tudo? É claro que não. Mas a pequena diferença que é feita em uma escola, em uma sala de aula, na prática de um único professor pode fazer a diferença para a trajetória de muitas crianças e de muitos estudantes, por toda uma trajetória profissional. É um trabalho que, na década de 1980, nasce inspirado pelas ideias de Piaget, mas se adequa às novas diretrizes e tendências e absorve o melhor que elas podem oferecer, sempre em prol de uma educação transformadora e emancipatória para os filhos dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Desde sua instituição, o trabalho das Oficinas Pedagógicas tem por base proposições, reflexões e pesquisas sobre ludicidade. A SEEDF reconhece a importância da ludicidade para os processos de ensino, presente, com maior ou menor destaque, nos módulos do Currículo em Movimento (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio). Cabe ressaltar, porém, que o conceito de ludicidade está em processo de construção em Língua Portuguesa, e apresenta-se de forma complexa no momento. São vários os campos que se debruçam para entender o fenômeno lúdico, como educação (e suas várias áreas do conhecimento), sociologia, psicologia, educação física, gerontologia, entre outros.

Juntamente à Aprendizagem e Tecnologias, a Ludicidade compõe o Eixo Integrador (1) da Matriz de Formação Continuada da EAPE. “Os **Eixos Integradores** são constituídos por temáticas significativas aos processos de aprendizagem, de desenvolvimento humano e profissional, devendo favorecer a reflexão teórico-prática, constituindo-se como campos de formação continuada e de linhas de pesquisa” (Distrito Federal, 2024, p. 22). Segundo esse documento, o eixo Aprendizagens, Ludicidade e Tecnologias:

[...] abrange as ações formativas de caráter específico de cada área do conhecimento e o impacto da tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem e a ludicidade como elemento essencial para a construção de aprendizagens. Assim, se relaciona, em todas as áreas do conhecimento, com as questões teóricas, metodológicas, com a ludicidade e com os processos de avaliação em todos os níveis, visando garantir as aprendizagens de todos (Distrito Federal, 2024, p. 26).

No Currículo em Movimento do Ensino Fundamental, os eixos “possibilitam a articulação dos objetivos e conteúdos curriculares no processo de ensino e aprendizagem” (Distrito Federal, 2018b, p. 20). Como eixo integrador do currículo, defende-se que a ludicidade não se restrinja ao jogo e à brincadeira, mas abranja atividades que promovem a entrega dos participantes, em uma experiência de plenitude. Assim, o envolvimento emocional e o cognitivo estão integrados. O currículo fundamenta sua abordagem com os estudos do professor e filósofo Cipriano Luckési, com quem dialoga a partir de agora.

Há algum tempo desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a noção de ludicidade junto ao grupo GEPEL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ludicidade – FACED- UFBA), Luckési (1998, 2000, 2005, 2014) apresenta importantes contribuições para o campo. Para ele, livros que tratam da ludicidade por um viés externo, como manual de atividades, abordagem histórica e social tratam de forma abstrata sobre o que se observa, sem focar no que se sente, ou seja, não focaliza o sujeito que vivencia tais atividades. O autor defende, então, que a ludicidade é um estado interno do sujeito, ainda que haja atividades externas, observáveis podendo ser descritas por observadores, noção com a qual concordo e emprego neste estudo.

Os seres humanos possuem as dimensões corporal, espiritual e emocional que não se dissociam. A ludicidade permeia todas estas dimensões, contribuindo para o nosso desenvolvimento em todas as fases da vida. Luckési (2000) entende que uma educação lúdica compreende o ser humano como estando em constante formação e, ao promover uma experiência de plenitude e inteireza tem, por consequência, a alegria. Por estar livre dos controles do ego, acentua-se também a criatividade. A educação lúdica auxilia a viver bem o presente, preparando o futuro e restaurando o passado (Luckési, 2000).

Para esse autor, atividade lúdica é aquela que propicia a plenitude da experiência, podendo ser divertida ou não. É necessário vivenciar: seria a abertura de cada um de nós para a vida. Exemplos de atividades que podem ser lúdicas: dançar, uma boa conversa, produzir um texto, pintar uma tela, resolver um problema matemático, brincar. Na atividade lúdica, o sujeito entrega-se a experiência sem restrições (Luckési, 1998). Ou seja: uma atividade por si só não é lúdica nem “não-lúdica”. Vai depender do sujeito que a vivencia em uma determinada circunstância - aí poderemos qualificar como positiva ou negativa (Luckési, 2014). Nesse sentido, há uma experiência que vivenciei há alguns anos, como professora formadora do curso “A Arte de Contar Histórias” a compartilhar. Para explorar atividades do folclore, nós, enquanto docentes, preparamos a apresentação cênica da história do Bumba meu Boi⁷⁷. Quando o boi foi ressuscitando, uma professora cursista começou a se sentir desconfortável, o que transpareceu em sua expressão facial. À medida que o boi começou a dançar e as demais participantes foram brincando com ele, esta professora pegou suas coisas e foi embora, nitidamente angustiada. Depois soubemos que ela tinha vivenciado algumas situações em sua infância que ressoaram

⁷⁷ A lenda conta a história de um casal de escravizados, Catirina e Francisco, em que a mulher estava grávida e desejava comer a língua de um boi. Francisco matou o boi favorito do fazendeiro para satisfazer o desejo da esposa. Ao descobrir o ocorrido, o fazendeiro prendeu Francisco e pediu que outros escravizados encontrassem o boi. Com a ajuda de um pajé, o animal foi ressuscitado e todos celebraram o “milagre” com uma grande festa. Disponível em: <https://www.festasbrasileiras.com.br/post/a-lenda-do-boi> Acesso em: 15 set. 2024, 11:40.

com a experiência que estava sendo vivida. Para a maioria das cursistas, aquela atividade foi lúdica, mas para esta professora, certamente, não foi.

Na atividade lúdica, a pessoa vivencia ao mesmo tempo sentir-pensar-fazer. As experiências da criança, do adolescente e do adulto podem ter por base atos diferentes, mas se permanecer o estado interno de alegria, de realização, de experiência plena, poderão ser classificadas como lúdicas, propiciando acesso a sentimentos diferenciados, o que suscita o contato com forças criativas e restauradoras. Ao integrar as dimensões humanas, a ludicidade promove um desenvolvimento equilibrado. Ela contribui para a formação de indivíduos mais sensíveis, criativos e preparados para lidar com as complexidades do mundo.

Na verdade, podemos entender que a dimensão lúdica é indissociável da vida humana: integra sua constituição. Para o adulto, a vivência lúdica permite que ele esteja conectado com sua capacidade de brincar, contribuindo para o equilíbrio emocional e para a manutenção de uma mente aberta e criativa. Quando o adulto se envolve em atividades lúdicas, ele reaviva a alegria e a liberdade que experimentava na infância, permitindo que essa energia criativa flua para outras áreas de sua vida, como o trabalho e as relações interpessoais. É Cláudia Albuquerque (2016, p. 19) quem afirma: “[...] não há um distanciamento tão grande entre os adultos e as crianças no que diz respeito ao prazer pelo lúdico”.

A educação e a formação profissional também podem se beneficiar da incorporação de práticas lúdicas, pois, como Santa Marli (2007, p. 14) aponta: “Quanto mais o adulto vivenciar sua ludicidade, maior será a chance de este profissional trabalhar com a criança de forma prazerosa”. A ludicidade enriquece a prática profissional da professora (adulta), permitindo que ela se relacione de forma mais criativa com seus estudantes ou colegas de trabalho.

Eu tenho uma coisa muito legal do curso “A Arte de Contar Histórias” e do trabalho de ludicidade das Oficinas: a narrativa de professores que participaram do curso. Existe um relato nas avaliações, de percepção de bem estar em todas as áreas que trabalham com ludicidade. O trabalho muda a percepção do professor sobre ele, o aluno, o ensinar. O trabalho com ludicidade, neste sentido, é importante para a trajetória dele; ele muda, se percebe um professor diferente. Isso faz uma conexão dele com a profissão; é importante também neste sentido (Castro, entrevista semiestruturada – Google Meet, 29/7/2022).

Portanto, o lúdico não deve ser visto como uma característica exclusiva da infância, mas sim, como uma dimensão fundamental do ser humano que perdura ao longo de toda a vida. Ao integrar a ludicidade em suas atividades cotidianas, o adulto pode cultivar um estado de bem-estar emocional, melhorar suas habilidades sociais e cognitivas e encontrar novas formas de expressar sua criatividade e imaginação. A ludicidade é, assim, um elemento importante para a

humanização do processo educativo e para a construção de uma sociedade mais solidária e cooperativa.

Luckési ainda expressa que a ludicidade são pequenas coisas que nos dão prazer e alegria, fazendo nossos olhos brilharem, em qualquer fase da vida, não sendo igual para todos. O que é alegre, prazeroso, divertido para um, pode não o ser para outro, como vimos. Cabe ressaltar que, para os adultos, as atividades potencialmente lúdicas possuem muito mais força quando praticadas coletivamente (Luckési, 2005). E, para Abreu (2019), trata-se de um componente necessário para se alcançar uma prática pedagógica eficaz pelas vias da interação:

O trabalho a partir do lúdico abre caminhos para envolver todos em uma proposta interacionista, oportunizando o resgate de cada potencial. Desse modo, cada um pode desencadear estratégias lúdicas para dinamizar seu trabalho que, certamente, será mais produtivo, prazeroso e significativo (Abreu, 2019, p. 42).

Nesse sentido, na realidade investigada, em que se constituem turmas híbridas para a formação no curso “A Arte de Contar Histórias”, observa-se a presença do potencial lúdico, capaz de envolver formadoras e cursistas no processo formativo. A hora da contação de histórias configura-se como um espaço de encontro entre as pessoas, atravessado por emoções - dimensão, como vimos, essencial à constituição humana e aos processos de aprendizagem. As estratégias potencialmente lúdicas desenvolvidas ao longo do tempo favorecem experiências compartilhadas, que ampliam o engajamento dos participantes com a formação. Diante disso, propomos, no próximo tópico, uma reflexão sobre o ato de contar histórias como uma atividade potencialmente lúdica e suas contribuições e reverberações no contexto da formação continuada de professoras e professores.

3.4 A Arte de contar histórias como atividade potencialmente lúdica

O potencial lúdico se faz presente no ato de narrar e ouvir histórias, e pode ativar as dimensões sensoriais, emocionais e imaginativas, promovendo um tipo de experiência simbólica que se aproxima do brincar. A contação, nesse sentido, permite que palavras e sentidos sejam explorados com liberdade e criatividade - elementos que caracterizam o campo da ludicidade. Ao participar da contação de histórias, os ouvintes “brincam” ao imaginar os cenários, personagens e acontecimentos narrados. Nessa perspectiva, contar e ouvir histórias permite brincar com as palavras e com as possibilidades da imaginação. A potência lúdica se manifesta no conteúdo da história e, também, na maneira como ela é contada e recebida. Ao ouvir uma história, o ouvinte é transportado para um espaço simbólico, onde pode brincar com

os sentidos e significados. Nesse espaço lúdico, as palavras ganham vida, com espontaneidade e liberdade, características do brincar.

Vigotski destaca o papel do jogo no desenvolvimento infantil, defendendo que essa é uma atividade que contribui para a formação das habilidades cognitivas e sociais. Ao brincar, as crianças aprendem a se envolver em situações imaginativas, o que fomenta o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, como a linguagem, a memória e a atenção. Segundo ele: “o jogo é uma experiência social viva e coletiva da criança e, nesse sentido, constitui um instrumento insubstituível para educar os hábitos e aptidões sociais” (Vigotski, 2001, p. 106). O autor ainda defende que o jogo é uma forma de a criança aprender a regular as emoções e o comportamento, funcionando como um espaço de experimentação e aprendizado. Nas palavras dele: “o jogo da criança sempre é emocional, sempre desperta nela sentimentos intensos e vívidos, mas também a ensina a não seguir cegamente os sentimentos, mas a coordená-los com as regras do jogo e com seu objetivo final” (Vigotski, 2001, p. 123). Assim, podemos dizer que a função psicológica das histórias se assemelha à do jogo, uma vez que este é uma expressão de criatividade infantil no âmbito psicológico.

No jogo, a criança transforma criativamente a realidade ao seu redor. Pessoas e objetos ganham novos significados de maneira espontânea: uma cadeira pode se tornar um ônibus, um cavalo ou uma casa, participando da brincadeira como se realmente assumisse esses papéis. Essa transformação da realidade no jogo é sempre guiada pelas emoções da criança. “Uma história artística, assim como o jogo, é o educador estético natural da criança” (Vigotski, 2001, p. 243). No jogo ou nas histórias, a criança encontra uma fonte de experiências, ou seja, o ato de contar histórias pode ser entendido como uma forma de brincar, constituindo um jogo simbólico, em que as palavras são reinventadas, recriadas e transformadas em metáforas de forma dialógica/ performativa, já que o contador de histórias envolve a e o ouvinte em uma experiência de co-criação, onde cada um interpreta e reinterpreta os significados de acordo com suas experiências e emoções. Há uma espécie de ponte entre narradora e espectadora. Por meio das emoções suscitadas, a contadora de histórias ativa o potencial imaginativo tanto em si quanto na ouvinte, de modo a constituir um processo contínuo de significação e ressignificação.

Conectando com a tríade: “linguajar, emocionar e brincar”, elencada por Maturana e Verden-Zoller (2004), a arte de contar histórias pode ser capaz de “re-conectar” os sujeitos com as práticas ancestrais de convivência matrística, em que o afeto e o brincar desempenham papéis importantes. Ao recuperar esse aspecto da cultura humana, cria-se um espaço de partilha e interação que contrasta com a rigidez do modelo *patriarcal*, já que os valores de colaboração e

acolhimento se colocam em evidência. A contação de histórias reativa o potencial de brincar, intrínseco ao ser humano e estimula tanto o intelecto quanto as emoções.

É esta energia que se tenta estabelecer durante a formação ministrada, em que as trocas de experiências se fazem presentes e todos se tornam sujeitos das aprendizagens e cúmplices entre si, em momentos simples do cotidiano, pois se trata de formação em horário de serviço. Nesse momento, grupos de professores com o objetivo comum de aprimorarem suas *performances* narrativas dividem o mesmo espaço/tempo com interesses comuns, estéticas compartilhadas e experiências emocionais. Isso permite a conexão de forma mais autêntica entre os participantes e acentua a ideia de enraizamento/pertencimento, o que se assemelha à experiência relatada por Luciana Hartmann e Sonaly Gabriel (2019, p. 31):

A performance aconteceu no horário da “aula”, ou seja, no tempo estruturalmente dedicado ao trabalho, entretanto, materializou a ludicidade através do conto vivo nos gestos, sons, movimentos, palavras, no encontro entre contadores e crianças-participantes, transformando o tempo de “trabalho” em tempo de brincadeira. A performance também rompeu os limites do espaço físico da sala de aula, pois foi realizada no pátio, um espaço aberto no qual não havia demarcação de lugares e todos (professoras, crianças, profissionais técnicos administrativos, diretora, coordenadoras pedagógicas) estavam sentados no chão, de forma circular, em um mesmo nível.

A contação de histórias é, pois, um exemplo de como a razão sensível opera (Maffesoli, 1998). Histórias envolvem emoções e evocam sentidos simbólicos que ressoam com a experiência de vida das pessoas. Assim como Maffesoli argumenta que o ser humano busca sentido na vida por meio da estética e do simbolismo, a arte de contar histórias oferece uma maneira de vivenciar essas dimensões, promovendo uma compreensão sobre fenômenos humanos universais. As emoções experimentadas durante uma narrativa permitem que a ouvinte vivencie situações, elabore seus conflitos internos e, até mesmo, encontre suas soluções.

A narração é uma das expressões mais antigas ao se pensar em memória. Nas histórias contadas e recontadas, a memória se materializa, transformando o passado em palavras, gestos e emoções que ressoam no presente. “O ato de narrar constitui, assim, a materialização da memória. A situação de interação entre a presença do narrador, os ouvintes, a linguagem e a voz aproximam o presente da experiência passada. Desse modo, a *performance* passa a valer como a própria história, como a própria vida” (Flach, 2013, p. 126). Ao compor suas memórias em histórias, o narrador e a narradora filtram os acontecimentos vividos e conferem-lhes uma unidade que colabora para a criação de sentidos. Essa articulação entre memória e narrativa estabelece pontes entre os indivíduos e seus grupos sociais. Assim, a contação de histórias auxilia no resgate da memória coletiva e na formação de vínculos comunitários. Ao ativar a imaginação e provocar reflexões, as histórias contadas criam um espaço de interação estética e

cultural, onde a narradora e a ouvinte vivem um momento em *performance*. Cada narrativa se torna um ato criativo. Nesse contexto, a contação de histórias se torna uma ferramenta importante para a formação docente. Ao contar e ouvir histórias, as professoras ampliam suas perspectivas, conectando suas experiências às de outras educadoras e educandos. Esse movimento de troca e reflexão fortalece a relação entre memória e formação, permitindo que o passado seja revisitado de forma crítica e criativa. Narrar histórias e experiências passadas, portanto, é um ato que valoriza o humano. Nas palavras da colaboradora Aldanei Andrade:

Ler em voz alta e ouvir o que está sendo lido ou contado pelo contador vai fazer uma grande diferença. Só a leitura do livro já atrai por ter ali uma voz narrando em voz alta. Mas quando você tem o contador de histórias que olha no seu olho, que cria o fio da própria aranha, a teia que capta o olhar de todo mundo, ele está entrando num outro nível. A história está entrando diferente: ele está contando para mim, para o meu olho, para minha essência, para a minha alma. A gente vê que tem uma diferença naquilo que você está ouvindo em voz alta, para além de uma leitura individual e solitária sem verbalizar, só com o seu olhar. Quando temos o contador, há o corpo, a performance, o olhar dele, os laços que estão sendo ligados na comunidade de ouvintes, porque ele conta para todos. Não está contando só pra uma pessoa. O ouvir junto, a comunidade de ouvintes é algo que faz toda a diferença, pois é uma espécie de compartilhar um prazer. Quando você ouve sozinho também é bom, mas quando se está junto a outras pessoas, cria-se uma atmosfera, uma energia que é incrível. Compartilhar uma emoção, sentir junto. É um lado também muito legal da contação, de contar para um público que quanto mais próximo estiver, melhor. Mais ainda se consegue criar o vínculo, o fio (Andrade, informação verbal, presencial, 9/8/2023).

A memória e a narrativa se encontram como elementos indissociáveis da experiência humana, conectando passado, presente e futuro em um movimento contínuo, que dá sentido ao vivido e projeta novos significados para o porvir. Segundo Ecléa Bosi (2023), uma narrativa preserva, transforma e dá novos significados ao que foi vivido. Esse processo é ilustrado pela relação entre narradora e ouvinte.

Nesse contexto, o contador de histórias, além de narrar, se torna um “mestre do ofício, pois tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar o que vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo” (Bosi, 2023, p. 94). Assim, uma narrativa é transformadora e auxilia a pessoa, especialmente a criança, a organizar o caos desordenado de suas impressões em um sistema coerente.

Na perspectiva do curso, a contação de histórias é a base que promove vários “despertares”: o gosto por ouvir histórias, a importância da apreciação estética, especialmente entre pares (valor social da contação de histórias); o gosto pela leitura da professora e, em efeito cascata, das e dos estudantes; a vontade de aprofundar sobre o tema pesquisando outras histórias

e dando prosseguimento à formação continuada com essa temática; o ato de performar uma narrativa e presentear-la a alguém, entre tantos outros.

Ao se pensar em uma formação continuada tendo a contação de histórias como eixo central, é possível uma ressignificação das práticas pedagógicas pela natureza interdisciplinar das próprias histórias. Várias pesquisas apontam a importância desses saberes para enriquecimento do repertório cultural das professoras, ajudando-as a desenvolver maior capacidade de escuta e conexão com seus estudantes. A prática de narrativas orais em espaços educativos promove a interação entre o narrador, o ouvinte e a história, constituindo um ambiente propício ao diálogo e à troca de experiências (Santos; Arapiraca; Carvalho, 2022).

Eu contava história para alunos da EJA, não para que eles fizessem um trabalho depois, com a contação de história, mas como uma coisa lúdica e eles gostavam muito. Quando eles me viam com a roupa mais colorida, um laço, eles falavam: professora linda, hoje tem teatro, hoje tem história? Eu comecei a contar para eles e percebi que os meus alunos nunca tinham ouvido uma história. A infância deles passou em branca nuvem. Tiraram deles a oportunidade, não só de estudar, mas de ouvir uma história, de brincar [...] Eles trabalhavam desde criança. Então foi pensando nestes alunos que eu resolvi contar histórias para despertar neles o gosto pela leitura. Às vezes, eu acabava de contar a história e eles vinham: professora, me empresta o seu livro, eu posso levar para casa? E eu sempre emprestei livros e também ensinei a eles como era a biblioteca; depois, passei a contar história para eles só dentro da biblioteca (Soares, informação verbal, em vídeo, presencial, 6/12/2022).

Dessa forma, cabe destaque ainda à contribuição da contação de histórias para a formação de leitores. Ao tocar o emocional das pessoas, as histórias favorecem a curiosidade para se ter acesso ao texto narrado, incentivando os ouvintes (crianças, jovens e adultos) a estabelecerem conexões entre os temas das histórias e suas experiências de vida. Essa abordagem estimula a reflexão crítica e fortalece o papel do professor como mediador do conhecimento (Rodrigues, 2015). A prática de narrar histórias em ambientes educacionais ainda favorece a abordagem de temas complexos de forma acessível e simples, promovendo discussões significativas em sala de aula.

Na essência o curso é um só; de acordo com a bagagem pessoal de cada formadora, do que ela conhece de literatura, do que gosta, ela vai falar do que está dentro dela e o que ela tem acesso; há um lado individual, mas a questão é: tornar o professor também um leitor, que goste da literatura, porque esse é um trabalho necessário. Só a partir daí é que ele vai caminhar. Até hoje eu recebo relatos assim: “Nossa! Ela me apresentou a literatura, me fez apaixonar por isso”. A pessoa, geralmente, só leu aquilo que o professor mandou ler. Você lê para executar tarefas, mas não é com prazer. Na hora que você entra na leitura com prazer, a coisa muda completamente. O chavão: “não adianta eu pegar um poema lindo da Cecília Meireles e ver qual o sujeito, quais os substantivos, adjetivos, preposições”. No trabalho da academia, nas Letras, na Pedagogia é muito assim que a coisa acontece. A literatura é usada para trabalhar outro conteúdo da língua portuguesa e o lado do prazer por aquilo que

you are listening will be in the second plane (Andrade, verbal information, presence, 9/8/2023).

Em 12/7/2022, a LDB foi alterada pela Lei nº 14.407/2022, com o acréscimo de dois artigos, em que se estabelece o compromisso da Educação Básica com a formação do leitor e o estímulo à leitura. Nesse sentido, o curso “A Arte de Contar Histórias” se torna um caminho para aplicação da referida lei, uma vez que este é um dos importantes objetivos presentes na formação. O compromisso com a alfabetização plena e a capacitação gradual para a leitura ao longo da Educação Básica passa a ser um dever do estado.

A arte de contar histórias se torna um caminho para despertar também o leitor adulto, incluindo as pessoas que estão próximas da aposentadoria e encontram nesse saber outras formas de ocuparem o mundo, percebendo que tanto a leitura quanto a contação e a escuta de histórias colaboram para o envelhecimento saudável do professor e da professora.

Por outro lado, a autora Ângela Café (2015) ressalta que a escola carece de reconhecer e de valorizar a oralidade em suas práticas, voltadas tanto para a língua escrita, que se torna difícil encontrar quem saiba ler em voz alta de maneira clara e atraente para a e o ouvinte. Segundo ela, nessa sociedade bombardeada de imagens prontas, falta espaço para constituição das próprias imagens, para o imaginário. As histórias são, pois, um estímulo para essa necessária criação (Café, 2015). É importante salientar que muitas ações são processuais e não surgem “do nada”, mas de experiências que vão surgindo a partir das vivências e reflexões sobre elas. Assim, o curso investigado é resultado de alguns processos sobre os quais começo a discorrer agora.

3.5 Como começa a história do curso? Quais os percursos iniciais?

Gestado na década de 1990, em meio a algumas ações de incentivo à leitura desenvolvidas pelo MEC e pelo MinC, além de ações em nível local, inclusive oriundas do Sinpro (Sindicato dos Professores do Distrito Federal), da Câmara do Livro de Brasília, da própria SEEDF e das Oficinas Pedagógicas, o curso aparece com esse nome nos documentos oficiais no ano de 1999, em duas turmas na Oficina Pedagógica de Brazlândia.

No portal do MEC, há uma publicação que faz a retrospectiva das ações fomentadas, tanto pelo Ministério da Educação quanto pelo Ministério da Cultura com relação ao livro e à leitura. Por meio da publicação sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): análise descritiva e crítica de uma política de formação de leitores (Montuani, 2010), é possível ter um panorama de algumas ações iniciadas na década de 1990. Em 1992, por exemplo, foi

criado pela Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, o programa PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura, pelo Decreto nº 519/1992, cuja redação foi alterada pelo Decreto nº 8.297, de 2014, o qual está em vigência ainda em 2025 e fomenta muitos projetos em instituições educacionais de várias unidades da federação. Seu objetivo inicial era possibilitar à comunidade em geral, para diversos segmentos da sociedade civil, o acesso a livros e a outros materiais de leitura. O MEC repassava recursos do Fundo de Desenvolvimento da Educação (FNDE), participando do projeto de maneira indireta.

De 1992 a 1996 havia o projeto “Pró-leitura na Formação do Professor”, o qual visava estimular a prática leitora na escola pela criação, organização e movimentação das salas, dos cantinhos de leitura e das bibliotecas escolares. Era uma parceria entre MEC e o governo francês para atuar na formação de professores e professoras leitoras, de modo que pudessem favorecer a entrada dos seus educandos no universo da leitura e da escrita. Envolveria, portanto, em um mesmo programa, estudantes, professores, professoras, pesquisadoras e pesquisadores. Constituiu-se como documento de referência a partir do qual as Secretarias de Educação dos estados firmaram com a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) do MEC um protocolo de intenções como: profissionalização dos professores, pesquisa universitária, formação docente e prática pedagógica na área da aprendizagem da leitura (Montuani, 2010). No DF, o projeto foi acolhido pela EAPE, conforme consta em uma síntese com informações sobre ele, feita pela professora Edilene Ribeiro (*in memoriam*), coordenadora do projeto na EAPE à época (documento sem data), entregue aos formadores das Oficinas em 2000. Consta que:

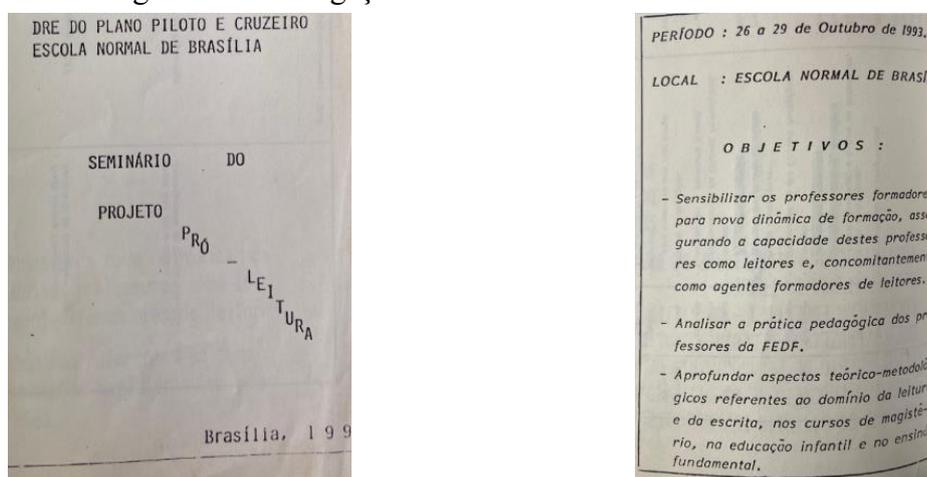
O Projeto Pró-Leitura iniciou-se como parte de um programa de cooperação entre Brasil e França, tendo como órgão executor o MEC. Criado em 1992, ele era voltado apenas para a Escola Normal de Brasília: entretanto, posteriormente, as demais Escolas Normais foram convidadas a participarem do mesmo. Hoje, o projeto abrange todas as escolas do DF, mantendo seu objetivo inicial: o incentivo à leitura pela via da formação inicial e continuada dos professores, alicerçando-se, para que tal fim seja atingido, em três bases: Teoria, Prática Docente e Pesquisa. Em um primeiro momento mantendo parceria com o MEC: hoje, abraçado e sustentado pela EAPE, o Pró-Leitura se propõe a trabalhar com a: Educação Infantil; Educação Fundamental; Ensino Médio; Educação de Jovens e Adultos, desenvolvendo projetos que objetivem a consolidação de uma política de leitura efetiva no Distrito Federal [...] Desta feita, todos os professores são convidados a tornarem-se professores de leitura, tendo em vista que formar o professor leitor é condição indispensável para a formação do jovem leitor (Ribeiro, documento não publicado, s/d).

Como é possível inferir pela citação, todas as professoras e os professores, independentemente da área de formação, eram convidadas e convidados a tornarem-se professores e professoras de leitura, o que vai ao encontro do fato de que o curso “A Arte de Contar Histórias” não possui um público-alvo específico, mas está aberto a docentes de todas

as disciplinas, todas as etapas e modalidades de ensino, algo que será retomado no próximo capítulo. Tratava-se, na verdade, de uma proposta em consonância com um projeto ainda maior, oriundo do MEC e executado pela EAPE.

Além dessa síntese, foram encontrados nos arquivos documentais registros desse programa no Distrito Federal. Em outubro de 1993, houve o Seminário do “Projeto Pró-Leitura”, na Escola Normal de Brasília, em que, na programação, havia as seguintes comunicações: A literatura juvenil, Projeto Telespectador e O jornal em sala de aula. Havia mesa redonda também, onde se debateu: A leitura numa dimensão interdisciplinar. Como “oficinas pedagógicas”, temos os temas: Paixão Romboide – A leitura na Matemática; A literatura através da música; Atividades Integradas; Leio e escrevo com meu corpo; A leitura sem legenda; Ler e criar; A formação e dinamização do cantinho da leitura/ Como ler e contar histórias. Houve a participação de chefes das Regionais de Ensino, docentes da Escola Normal, responsáveis pela EJA, Educação Pré-Escolar, Seção de Bibliotecas Escolares e Comunitárias, Divisão de Ensino Médio, representantes da Faculdade de Educação da UnB, do Departamento de Linguística, e de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da UnB. Trechos do folder de divulgação:

Figura 24 - Divulgação do Seminário – Pró-Leitura – 1993



Fonte: Acervo da EAPE

Sonia Reis, que atuou por muito tempo nas ações do livro e de leitura na SEEDF e ofereceu grande contribuição ao trabalho das bibliotecas no DF, afirma:

Nós tínhamos muitas reuniões, principalmente com os professores de Pedagogia da UnB, da Faculdade de Educação. Lembro que fui a diversas reuniões do PROLER. Tentava-se realmente organizar uma política junto à Secretaria de Cultura e de Educação do livro e da leitura aqui no DF. Depois disso nasceu o Plano Nacional do Livro e da Leitura no Brasil (Reis, entrevista semiestruturada – Google Meet, 9/8/2022).

Cabe destacar que, nesse período, a Oficina Pedagógica de Brazlândia foi convidada a propor, em parceria com os coordenadores da EJA em nível central, o projeto do Livro Artesanal, que ofereceu oficinas de produção de texto no período noturno. “*A partir daí, teve início a produção do livro artesanal, em que se produziram os papéis artesanalmente, as impressões em serigrafia e as encadernações em capa dura. A culminância foi o lançamento de 50 exemplares*” (Aldanei Andrade, 10/11/24, relato escrito).

Além deste movimento, muitas ações eram desenvolvidas para o fomento à leitura no Distrito Federal, com participação e/ou organização da professora Cristiane Salles, que aparece nos dados como convidada em várias ações das Oficinas. Essa professora tem a trajetória de uma vida em prol de ações de fomento ao livro e à leitura no DF. Foi membro do Comitê Pró-Leitura (MEC/ UnB/ FEDF) e também do Comitê PROLER-DF (de 1999 a 2003). Nas palavras dela:

O Núcleo das Bibliotecas e o Núcleo das Oficinas era lá no SIA. A gente era muito próximo, fazia atividades. Tudo que era de livro e leitura a Betinha botava a gente para contribuir. Eu não sei exatamente o que eu fiz, mas era essa coisa de formação de leitor e de formação de formadores para levar um livro na mão da criança e das formas mais variadas possíveis. Foi quando eu conheci Aldanei, e toda a turma que estava nas cidades [...] A gente inventou uma campanha de valorização do livro e da leitura. Tenho tudo documentado. A gente ia para todas as cidades fazer essa semana de valorização do livro e da leitura (Santos, entrevista semiestruturada – Google Meet, 7/10/2022).

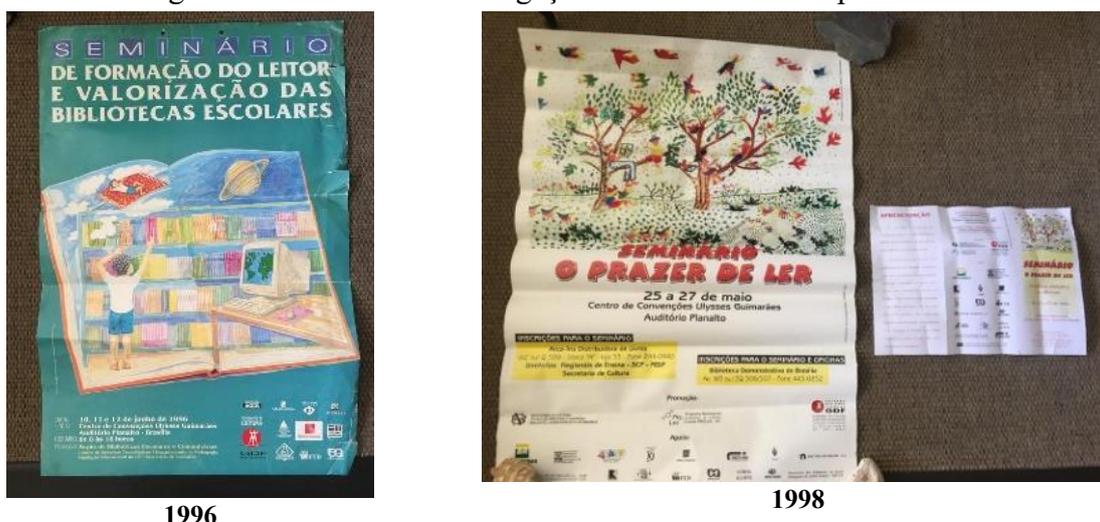
Sua carreira está imbricada com várias ações de fomento à leitura no DF:

Quadro 10 - Alguns Eventos/ ações em prol do livro e da leitura no DF na década de 1990

1992	Seminário Nacional sobre Formação do Leitor – MEC
1993	O Livro na Praça – Praça do Relógio – Taguatinga/ DF I Festival do Livro – Zoológico – Brasília/DF CULTURARTE – Praça do DI – Taguatinga/DF I Reunião Técnica Nacional do Projeto Pró-Leitura na Formação de Professores para a Educação Básica – MEC – Embaixada da França · Brasília/DF II Seminário de Literatura da Diretoria Regional de Ensino de Taguatinga I Encontro Literário de Escritores e Professores de Brasília
1994	III Seminário de Literatura da Divisão Regional de Ensino de Taguatinga
1996	Seminário de Formação do Leitor e Valorização das Bibliotecas Escolares Campanha de Valorização da Leitura
1997	Brasília Lê Mais – IEL – Palestras sobre “Programas de Incentivo à Leitura”
1997	Evento organizado pela Câmara do Livro de Brasília: Quem lê, viaja, programa do MEC
1998	Seminário “O Prazer de Ler” – Comitê PROLER/ DF – Petrobrás – GDF – Centro de Convenções de Brasília
1999	Seminário “Formação do Professor para a Leitura e a Escrita” Comitê PROLER/DF – Colégio Marista-Brasília Coordenação do Projeto PRÓ-LEITURA junto à FEDF

Fonte: elaborado pela autora com dados cedidos pela professora Cristiane Salles para a pesquisa, out. 2022.

Figura 25 - Cartazes de divulgação de Seminários em prol da leitura



1996

1998

Fonte: acervo pessoal da professora Cristiane Salles, cedido para a pesquisa.

Em um momento de efervescência no campo da educação e cultura em nível local, durante o governo Cristovam Buarque (PT), foi implementado o projeto da Escola Candanga⁷⁸. A formação continuada das professoras e dos professores passou a ser mais valorizada, uma defesa presente também na recém promulgada LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação/1996, art. 67, Inciso II). Nesse governo, a EAPE foi institucionalizada por meio da Lei nº 1.619/1997. Além disso, a jornada ampliada começou a ser implementada no DF, a qual se organiza da seguinte forma: em um turno (matutino ou vespertino) o professor tem regência de classe; o turno contrário é reservado para coordenação pedagógica em que um dos dias pode ser destinado à formação continuada em horário de serviço, conforme interesse das e dos profissionais e da instituição. Uma forma de organização diferente da que encontramos em outros estados da federação e conquistada graças a muita luta da categoria.

No site do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro DF) existe um histórico que apresenta como a coordenação pedagógica foi constituída nesse período⁷⁹. Consta que, em 1995, professoras e professores fizeram curso para atuarem na coordenação pedagógica e, a partir de 1996, algumas escolas começaram a aderir ao projeto da Escola Candanga – 1ª fase e teve início a jornada ampliada nestas escolas, garantindo à coordenadora e ao coordenador pedagógico a liberação de 20 horas semanais para atuar na coordenação: uma inovação, já que anteriormente eles tinham que ter regência nos dois turnos. A partir de 1997, os coordenadores

⁷⁸ Tinha o objetivo de diminuir os índices de repetência e de evasão escolar, por meio de uma nova organização das turmas, constituindo-as por idade e não por série, buscando eliminar as barreiras entre os níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (Vital, 2006). Os conteúdos passaram a ser organizados por temas geradores e vários projetos foram implantados, como A Caixa-Estante, que será abordado no capítulo 6.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/sinpro-disponibiliza-historico-sobre-a-coordenacao-pedagogica/>
Acesso em: 21 jul. 2024, 19:30.

e as coordenadoras puderam atuar 40h em coordenação. Foi no ano 2000 que houve a universalização da jornada ampliada, como ocorre ainda no Distrito Federal em 2025.

Tratava-se de um governo que, por meio do Orçamento Participativo, buscava maior envolvimento da comunidade escolar nas decisões. Assim se pronunciou Miriam Rocha:

Em 95 foi o ano que eu cheguei na Oficina Pedagógica de Ceilândia e a Simone trabalhava na coordenação de bibliotecas. A Oficina de Ceilândia funcionava dentro da Regional de Ensino. Em vez de ser Unieb era SCP (Seção de Coordenação Pedagógica). As equipes eram muito unidas, foi uma época de um governo diferenciado que a gente tinha uma abertura, tinha o cuidado de fazer a coisa em unidade. Então, a Seção de Coordenação Pedagógica tentava trabalhar as equipes muito unidas e nós [referindo-se à Simone] logo tivemos uma afinidade muito grande com a questão da literatura e da contação de histórias (Rocha, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Nessa época, o Sinpro DF favorecia a formação continuada, oferecendo vários cursos, entre eles o de criação e manipulação de bonecos de fantoches, oferecido pelo Mestre Zezito⁸⁰. Ter a presença de um Mestre da cultura popular em cursos de formação continuada de professoras e professores na década de 1990 na SEEDF é um dado que sugere a postura vanguardista das professoras e dos professores formadores das Oficinas. No evento 1ª Roda Memográfica (6/5/2022 – professoras formadoras), esse tópico foi trazido à baila por algumas participantes, cujo diálogo transcrevo a seguir:

-Cristina de Fátima: Tem um dado, que pra mim eu acho que é importante, não sei se entra nesta pesquisa. O sindicato oferecia cursos. Nesta época, o Mestre Zezito deu cursos de fantoches.

-Aldanei Andrade: Isso. A Neuza fez, a Miriam fez.

- Cristina de Fátima: Ele deu cursos lá em Taguatinga. Foi curso legal, muito legal.

- Aldanei Andrade: A gente sabe que a presença de um Mestre traz essa energia do sagrado, de uma forma sublime, porque o Mestre Zezito em Brasília tem uma importância tão grande que a maioria dos grupos hoje, de teatro, de circo, são todos discípulos dele, que foi um grande Mestre, que precisa ser citado e lembrado.

- Cristina de Fátima: Teve uma vez que a gente fez uma homenagem para ele na Oficina. Um monte de gente tem essa experiência com o Mestre Zezito.

- Aldanei Andrade: Ele esteve em Brazlândia. A gente teve a honra de ter a presença do Mestre Zezito, no curso que a gente deu.

-Neuza Machado.: Eu ajudei o Mestre Zezito a dar o curso. Uma vez ele ficou doente e me pediu que desse o curso pra ele em Taguatinga, não sei se alguém se lembra. O de brinquedos também. Então foi praticamente por causa dele que surgiu o curso “A Arte de Contar Histórias”, não é? Eu fiz o curso de bonecos com o Mestre, eu estava toda empolgada, tinha pouco tempo de Oficina. Cheguei assim e falei: Aldanei, estou com vontade de dar esse curso. Ela falou: podia dar o de bonecos com livro (Andrade, Ferreira, Peres, participação na 1ª Roda Memográfica – presencial, 6/5/2022).

⁸⁰ Constam nos arquivos do Sinpro os seguintes cursos ministrados por ele: “Oficina Fazendo Brinquedo” (15/3/1993 a 18/3/1993), “Confecção e Manipulação de Brinquedos Populares” (29/8/1994 a 12/12/1994 e 13/3/1995 a 26/6/1995), “Fantoches e Brinquedos populares” (08/1997 a 12/1997). Informação cedida pelo Centro de Documentação do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro DF) em 21/07/2022.

Como mencionado, muitas professoras e professores formadores das Oficinas Pedagógicas participaram destas formações e, nos dados documentais analisados do acervo da EAPE, no ano de 1995, a reverberação se comprova: o curso de fantoches era recorrente nas ações formativas oferecidas pelas Oficinas, com nomes e cargas horárias diferentes, assim:

Quadro 11 - Cursos de fantoches oferecidos pelas Oficinas Pedagógicas em 1995

Oficina Pedagógica do Gama	“Teatro de fantoches” - 80h
Oficina Pedagógica do Guará	“Oficina de Fantoche” -180h
Oficina Pedagógica de Ceilândia	“Confecção e utilização de bonecos de fantoches” - 75h

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados documentais, em out. 2022.

Tais registros demonstram que ainda não havia uma unificação das ações das Oficinas Pedagógicas como acontece em 2025: geralmente, todos os CVLOP oferecem o curso estruturante⁸¹ do ano ou do semestre, o qual possui o mesmo nome e a mesma carga horária em todas as Oficinas.

Esse movimento do Sinpro foi registrado no Jornal Quadro Negro, de janeiro de 1995, apresentando um pouco da biografia do Mestre Zezito, conforme segue:

Figura 26 - Jornal Quadro Negro – Sinpro DF



Fonte: Acervo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas

⁸¹ É considerado curso estruturante aquele que, após verificada a demanda da rede, será oferecido por todos os CVLOP. Geralmente, há uma formação de formadores para subsidiar as ações, além do necessário acompanhamento da coordenação. É, na prática, uma formação em rede, oferecida em todas as CRE (desde que não haja algum impedimento específico em algum CVLOP, como dificuldades com espaço físico ou com recurso humano, por exemplo).

Figura 27 - Participação do Mestre Zezito no CVLOP de Brazlândia



Fonte: acervo pessoal da formadora Neuza Machado, cedido para a pesquisa.

Os relatos recolhidos na 1ª Roda Memográfica (professoras e professores formadores das Oficinas) mostram que havia dois fortes movimentos embrionários do curso “A Arte de Contar Histórias”, acontecendo simultaneamente: um em Ceilândia, outro em Brazlândia. Os dados documentais estão, em parte, de acordo com os relatos - isso porque nem tudo que acontecia e que acontece nas Oficinas Pedagógicas fica documentado.

Em Ceilândia, nos dados, consta que em 1996 o curso “Confecção e utilização de bonecos de fantoches” foi oferecido novamente, agora com a carga horária de 40h. Em 1997, há o curso de 100h: “Contadores de Histórias” e em 1998, houve o curso: “Contador de Histórias”, à época, com carga horária de 80h. Em 1998, porém, houve eleição, mudança de governo e a equipe da Oficina Pedagógica de Ceilândia foi destituída. Isso colocou um ponto final no movimento que vinha surgindo naquela Oficina e que havia sido fomentado também pelo projeto da Escola Candanga em que as professoras formadoras atuavam. No depoimento de Miriam Rocha, componente da equipe desta época, alguns elementos foram mencionados:

Eu propus para Simone de montarmos um curso, para [...] multiplicar contadores de histórias [...] Era 2º semestre e eu falei com Betinha para ver como a gente poderia montar o curso de “contador de histórias” dentro da Oficina. [...] Bete pediu pra que eu procurasse a EAPE, que estava lá em cima do BRB. Eu fui lá várias vezes e não consegui que a EAPE certificasse o curso. Então a gente resolveu fazer uma oficina, para atender um período de cinco encontros. Pedimos para [...] o diretor da Regional [...] e ele fez uma declaração. A nossa oficina ficou com 40h. Ai em 96⁸² [...] a gente conseguiu que a EAPE certificasse o curso de “Contador de Histórias” com essa mesma temática, só muda o nome. [...] Quando foi em 98 a Bete pediu para que a gente desse esse curso de formação para os formadores só que não tínhamos tempo. Então propusemos à Bete que uma pessoa de cada Oficina viesse para Ceilândia. Foi Aldanei de Brazlândia, o Roberto de Samambaia, tinha uma moça do Gama e uma

⁸² Embora haja referência oral da ocorrência do curso em 1996, os dados desta data não foram encontrados nos documentos analisados na EAPE. Apenas em 1997 e 1998 é que aparecem.

quarta pessoa que eu não me lembro de qual Oficina era. Em 98 foi o nosso último ano dentro da Oficina. Em 99 fomos convidados a nos retirar porque a gente fez parte de um governo anterior que não podia se misturar com o governo atual. Como na Oficina a gente tem coisas boas, também tivemos coisas ruins (Rocha, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Como se pode depreender do trecho e tem sido evidenciado, nem sempre as ações das Oficinas eram certificadas pela EAPE, mas as equipes buscavam encontrar meios de sobrevivência. Além disso, a descontinuidade do trabalho devido à mudança de governo é algo que provoca ruptura em processos promissores. Nesse caso, é perceptível a interrupção de um trabalho que teria continuidade e, de maneira indireta, acabou havendo, uma vez que as professoras Miriam Rocha e Simone Carneiro seguiram contribuindo com o curso “A Arte de Contar Histórias”, mesmo não atuando mais nas Oficinas Pedagógicas. Eram presenças confirmadas nos “Encontrões”, como as carismáticas “Emília” e “Tia Nastácia” (personagens de Monteiro Lobato), além de várias participações em encontros de diferentes Oficinas, com registro fotográfico, ministrando aulas. O trecho ainda aponta outra situação: a dificuldade com as relações interpessoais no trabalho, algo que pode ser corriqueiro em espaços de serviço, mas que, no caso das Oficinas Pedagógicas, em que a metodologia parte do princípio do trabalho coletivo, pode comprometer o andamento das ações.

Figura 28 - Participações das professoras Miriam Rocha e Simone Carneiro em encontrões do curso e aulas de diferentes CVLOP



Fonte: acervo do CVLOP PP/C – 2003



Fonte: acervo do CVLOP de Brazlândia



Fonte: acervo do CVLOP do Paranoá (Encontrão, 2003)

Na mesma época, em Brazlândia, outras ações formativas também ganhavam força. Naquela Oficina Pedagógica, havia um movimento com relação à produção do papel artesanal, bem como às diferentes técnicas de encadernação, com a participação de professoras da EJA (1994), como já mencionado. Havia também a experiência com a confecção e manipulação dos bonecos de fantoches e brinquedos populares. Assim, em 1995, houve os cursos “Meu

brinquedo, meu tesouro” (60h); em 1996 “Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias fazendo livros” (100h); em 1997 “Brinquedos da minha infância (60h)”; em 1998 o curso “Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias fazendo livros” (60h), como nos revela a fala da professora formadora Neuza Maria Machado (Neuzinha):

No começo, o curso se chamava “Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias fazendo livros”. Esse foi o primeiro curso que a gente deu. Tinha umas 30 pessoas, de 80 horas. Nesse curso, o Mestre Zezito é que fez a abertura, contando histórias. A Aldanei entrou com a parte de encadernação, de livros e eu estava com os bonecos. Convidamos pessoas de fora, a Cristiane da Biblioteca para estar falando de literatura, sobre como contar história. Então esse foi nosso primeiro curso [...] No ano seguinte, foi tanto sucesso que pediram novamente. Mas a gente não podia. Eu tenho até foto daquela época (Peres, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Figura 29 - Trabalhos com confecção de papel artesanal, bonecos e diferentes encadernações



Fonte: acervo do CVLOP de Brazlândia, cedido para a pesquisa.

Uma característica recorrente no trabalho das Oficinas Pedagógicas é a formação entre pares (geralmente as equipes são compostas por professoras e professores formadores com graduação em diferentes áreas do conhecimento) e entre as Oficinas das diferentes Coordenações Regionais de Ensino. Assim, a professora formadora Aldanei Andrade, de Brazlândia participou, em 1998, da formação ministrada em Ceilândia pela equipe da Oficina à época, composta, dentre outras pessoas, pelas professoras: Miriam Rocha e Simone Carneiro, “Contador de Histórias” - “projeto de curso construído a partir da reivindicação dos

profissionais que frequentam a Oficina Pedagógica de Ceilândia e embasado no curso ‘Contadores de Histórias’ realizado no ano de 1997” (Distrito Federal, 1998).

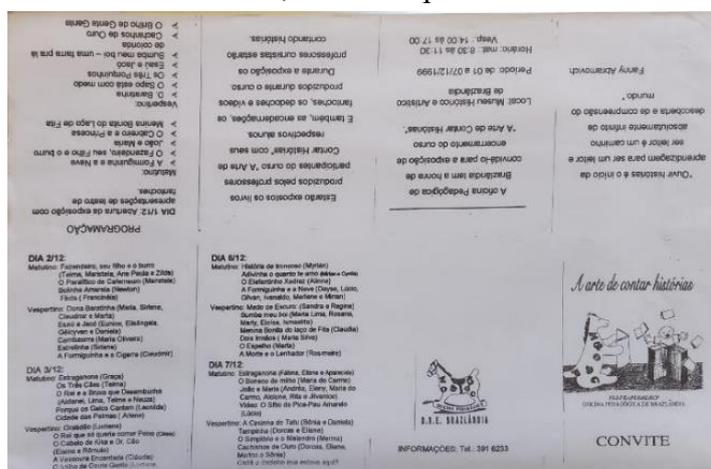
Todo esse contexto e as vivências das professoras formadoras de Brazlândia (com encadernação, bonecos, produção de texto e técnicas para contar histórias) confluíram para que, em 1999, na Oficina Pedagógica de Brazlândia, fosse oferecida a primeira experiência de formação com o nome específico “A Arte de Contar Histórias”, a qual certificou 57 professores cursistas. O encerramento aconteceu com um evento no Museu Histórico e Artístico de Brazlândia, de 1º a 7/12/1999, com exposição de livros, encadernações, fantoches, dedoches, vídeos, produzidos tanto pelas professoras e professores cursistas quanto por suas e seus estudantes, além de contações de histórias.

Figura 30 - Cartaz de divulgação do curso de 1999 (1ª turma)



Fonte: acervo pessoal de professora formadora Aldanei Andrade, cedido para a pesquisa.

Figura 31 - Livro de uma folha só⁸³, atividade presente em vários encontros do curso



Fonte: acervo pessoal da professora formadora Aldanei Andrade, cedido para a pesquisa.

⁸³ Neste vídeo tem o passo-a-passo de como produzir o livro utilizando apenas uma folha A4.
<https://www.youtube.com/watch?v=n2jIsnFdE58>

O resultado foi tão positivo que as professoras formadoras de Brazlândia, Aldanei Andrade e Neuza Machado, decidiram apresentar uma proposta de formação de formadores que pudesse ser oferecida para as demais Oficinas Pedagógicas no ano seguinte, 2000. Para isso, as professoras formadoras apresentaram a peça “O Rei e a Bruxa que desembucha”, com fantoches, aos responsáveis da EAPE. O curso foi autorizado a acontecer com repasse paralelo nas Oficinas Pedagógicas das Coordenações Regionais de Ensino existentes à época.

Figura 32 - Teatro de Fantoches – O Rei e a Bruxa que desembucha



Fonte: acervo da professora formadora Neuza Machado, cedida para a pesquisa.

Os dados documentais mostraram que, antes do curso “A Arte de Contar Histórias” já havia, no trabalho das Oficinas Pedagógicas, movimentos para unificação das ações formativas, com a oferta de cursos em rede. O primeiro registro encontrado foi o curso “Criatividade e magia na dinamização”, de 50h, oferecido por 7 Oficinas Pedagógicas: Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Guará, Sobradinho, Planaltina, Brazlândia e Samambaia. Na 1ª Roda Memográfica com as professoras e os professores formadores, foi informado que essa foi uma formação oferecida pela Diretoria da Educação Infantil, com repasse pelas Oficinas, em 1993. Também houve o curso “Oficinas Pedagógicas: criando e recriando, uma proposta para Educação Infantil”, 80h, em 1997, oferecido por 9 Oficinas Pedagógicas, em parceria com a Coordenação de Educação Infantil Central.

Mas por que poderíamos considerar que o curso “A Arte de Contar Histórias” havia sido o primeiro que teve formação de formadores de maneira sistematizada, em rede? Conforme os depoimentos na 1ª Roda Memográfica, é porque foi uma formação de formadores proposta por profissionais das Oficinas Pedagógicas e haveria certificação tanto para professoras cursistas quanto para as docentes, como atesta Aldanei Andrade (6/5/2022): *“o curso foi proposto por professoras formadoras da própria Oficina Pedagógica, não foi uma demanda externa. Nasceu dentro das Oficinas. Não seria apenas uma parceria como foram as outras formações*

propostas e desenvolvidas em rede até então”. Tratava-se uma ação entre pares, feita pelo próprio grupo, sem divisões hierárquicas entre os participantes que colaboravam com a formação por meio de constantes trocas.

Com a autorização da EAPE, era necessário convencer as equipes das demais Oficinas Pedagógicas sobre a importância do curso, o que não foi tão simples. Muitas colegas, graduadas em disciplinas que não eram “Letras”, não se sentiam seguras e confortáveis para ministrarem um curso cujo foco era a leitura literária. No entanto, as proponentes e idealizadoras da formação eram graduadas em Artes Plásticas e acreditavam na proposta. Assim se manifestou Elza Lúcia Mendes Muñiz:

Uma vez que o curso iniciou, nós embarcamos na ideia. No início eu fui muito resistente, porque eu achava [...] que não tinha nada a ver com minha formação inicial que é Artes Visuais. Mas quando o curso começou, e como ele foi tomando forma, nós fomos percebendo que tinha tudo a ver. Nós fomos comprando a ideia e entendendo, lá na nossa sala de aula, cada um na sua Regional, com bastante entusiasmo... porque realmente o curso nos empolgou muito. A ponto que depois disso a gente queria ministrar todo ano, com mais horas presenciais. Realmente foi um curso transformador, tanto para nossa prática como formadores como para os professores. A gente via o resultado, pelo fato de ele ser um curso muito abrangente, integrava todas as partes da aprendizagem (Muñiz, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Como se pode depreender da fala da professora formadora, havia, no início, resistência de algumas professoras e de alguns professores formadores, como ela, mas que foram conquistados à medida que a formação ia acontecendo. Com algumas aulas adiantadas em relação ao início do curso oferecido nas Regionais de Ensino, foi se tornando mais palpável a maneira que a formação de formadores seria conduzida. Assim, o curso acabou se tornando o carro-chefe do trabalho das Oficinas porque, conforme reflete a professora Simone Carneiro:

Por que “A Arte de Contar Histórias” tem a alma da Oficina? Porque a literatura e a narração oral, cuja essência é a palavra, são fios condutores que atravessam o jogo, o lúdico, a imaginação, a música, a dança, as artes visuais, a estética. Tudo se tece em trama sensível e se incorpora ao fazer formativo[...] O que é “A Arte de Contar Histórias”? É um olhar que abraça o todo. Um coro em uníssono. Neste curso, não se fragmenta a experiência: não é só brinquedo, ou roda, ou ciranda, ou dança, ou jogo – não há compartimentos. “A Arte de Contar Histórias é síntese viva, é tudo junto em permanente diálogo. Jogamos, dançamos, brincamos, cantamos, alfabetizamos – e contamos histórias, como quem costura sentidos no cotidiano. É como reunir todos os ingredientes numa só bacia: mexe, mistura, bate, afeta... e o bolo está pronto (Carneiro, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

A fala de Simone Carneiro sintetiza o valor que o curso “A Arte de Contar Histórias” conquistou junto à identidade das Oficinas, tornando-se a mola propulsora para tantas lutas e percalços que já precisou enfrentar para seguir (re-) existindo.

O projeto do curso, como formação em rede no ano 2000, possuía duas etapas: a primeira para professoras e professores formadores e a segunda para professoras e professores cursistas das Regionais. Tinha como solicitantes o Comitê do Programa Pró-Leitura, o Centro de Multimídia Educacional e as Diretorias Regionais de Ensino (DRE – atuais CRE). Eram objetivos específicos:

Oportunizar aos professores a vivência de alternativas pedagógicas que favoreçam o enriquecimento da prática docente; discutir, analisar e debater pontos diferentes da postura docente na sala de aula ao contar histórias; aprimorar o conhecimento e a arte de trabalhar com histórias, contos, poesias e manifestações culturais; explorar técnicas que possibilitem a confecção, manuseio e utilização de fantoches; apoiar a produção de livros nas escolas, repassando aos professores as diferentes técnicas de encadernação; divulgar a Caixa-Estante⁸⁴, o Painei Folclórico e os programas da TV Escola, dinamizando e incentivando o seu uso; discutir os paradidáticos e os fragmentos literários do livro didático (Distrito Federal, Projeto de curso, 2000).

Foram certificados 23 professoras e professores formadores, potenciais multiplicadores dos saberes e o curso foi oferecido em todas as Oficinas Pedagógicas existentes à época, exceto a de Sobradinho. Já naquele ano (2000), a experiência com o curso ganhou as páginas do Jornal de Brasília:

Figura 33 - Reportagem sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, 27/3/2000



Fonte: Acervo pessoal da professora formadora Elza Muñiz, cedido para a pesquisa.

⁸⁴ Os projetos da Caixa-Estante e do Painei Folclórico serão detalhados no capítulo 6.

Figura 34 - Capa do Caderno da Reportagem no Jornal de Brasília, 27/3/2000



Fonte: Acervo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas, cedido para a pesquisa.

Buscando ampliar as estratégias potencialmente lúdicas em seu campo de atuação – a formação continuada de professores -, com várias proposições em um só curso, os CVLOP começaram a oferecer esta formação em rede no DF a partir de 2000. Uma frase recorrente pelas idealizadoras do curso é que as e os participantes iam se apaixonando, ou seja, o feitiço de um certo pó mágico ia fazendo seu encantamento e se espalhando pelas escolas do Distrito Federal. Ao serem “fisgadas”, o engajamento com a formação acontece de forma orgânica e ocorre o “contágio”, aqui entendido como algo positivo.

Deixo o texto-convite que expressa muito do que iremos tratar no próximo capítulo. Escrito por Estela Souza, professora formadora em 2025 no CVLOP de Sobradinho, foi professora cursista em Planaltina em 2000.

Cris, achei muitas fotos da Oficina de Planaltina! E escrevi este textinho inspirada nelas ❤️

Nas aulas do curso “A Arte de Contar Histórias”, nossa mestra encantada sempre surgia com uma surpresa! Todos os dias ela nos contava de duas a três histórias! E ainda tínhamos duas histórias de cursistas. Eram tantas histórias, que as aulas não tinham cara de aula, e, sim, de espetáculo!

Ríamos como crianças, podíamos fazer bagunça! Mexendo com tinta, lápis de cor, cola e tesoura, verniz, massa de papel machê, e conheci o E.V.⁸⁵. Com isso fazíamos bonecos, dedoches, fantoches, varetoches, chapéus, máscaras, barcos, mil coisas!

Estudávamos os textos e tudo fazia mais sentido quando estudávamos...a leitura se aproximava de nós e nós precisávamos dela. Corriamos às livrarias, sedentas de saber e, na próxima aula, compartilhávamos nossas descobertas!

E lá, no espaço da Oficina Pedagógica, para todas nós, era um território sagrado! Fazíamos o possível para chegar antes da hora e saíamos muito mais tarde! Lá, podíamos tudo! Falar dos medos, as angústias de ensinar, de aprender. Confeccionávamos materiais para as aulas, trocávamos livros, fantasias e outros materiais para contação. Exercícios de alfabetização eram compartilhados. Era um tipo de coordenação pedagógica.

E na aula? Ahhhhh... Brincávamos de ser costureira, bonequeira, fada, bruxa, lobo mau, sapo, cozinheira! Podíamos tudo! Ser qualquer coisa! Fazer qualquer coisa! Pensar, sonhar, realizar! Foi lindo demais! Eu queria fazer isso!

Em 2000, estava passando por um processo de luto muito pesado e sofrido...e esse curso me salvou! Me retirou de dentro de um buraco e me trouxe à tona para respirar.

As histórias me salvaram! E é por isso que fui trabalhar na Oficina Pedagógica.

E desde lá, vi a minha história se repetir inúmeras vezes!

Pessoas sendo resgatadas pela humanidade das histórias!

Por isso acredito e amo tanto a Oficina Pedagógica!

Poder estar neste espaço que por si só já é lúdico, amoroso, acolhedor, pedagógico e humano. Um local que não exclui o corpo e sim o insere inteiro nas aprendizagens é muito curativo!

Sei bem que essa não é a função da Oficina Pedagógica, mas é sua vocação! Porque aprender é curativo, traz bem estar. Desde que nascemos até o dia em que fechamos nossos olhos para sempre estamos aprendendo. Aprender é humano! É vida!

A Oficina Pedagógica é humanizadora!

Estela de Souza (professora cursista e formadora WhatsApp, 23/2/2023)

Agora que já conhecemos como foram os movimentos embrionários, bem como as razões pelas quais esses saberes se tornam tão caros no universo escolar, no próximo capítulo, abro o baú de tesouros para revelar “os segredos do pó de pirlimpimpim”, ou seja, os percursos para alcance dos objetivos, apresentando como o curso acontece na prática, ou seja, sua metodologia.

⁸⁵ Etileno Acetato de Vinila. Disponível em: [https://maispolimeros.com.br/2019/03/06/acetato-de-vinila/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20Etileno,componentes%20%C3%A0%20prova%20d'%C3%A1gua](https://maispolimeros.com.br/2019/03/06/acetato-de-vinila/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20Etileno,componentes%20%C3%A0%20prova%20d'%C3%A1gua.). Acesso: 21 jul. 2024, 21:00.

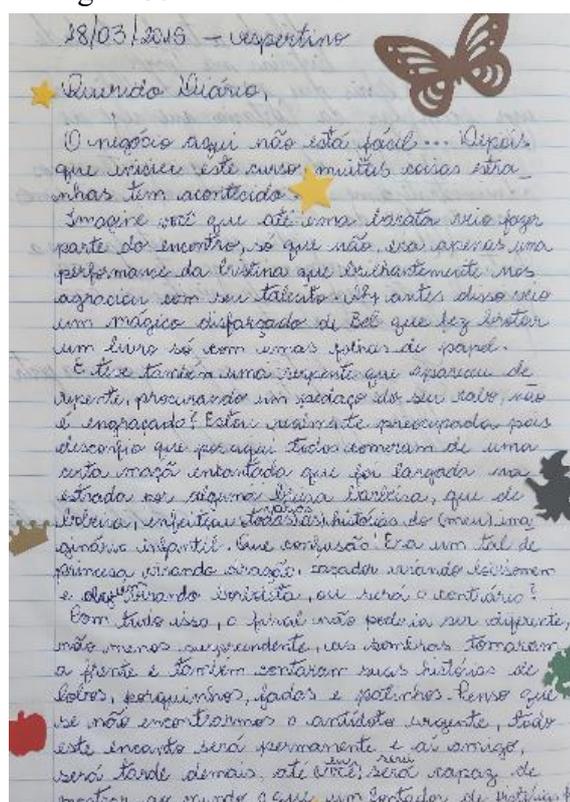
4 FOI ENTÃO QUE DESVELAMOS OS SEGREDOS DO “PÓ DE PIRLIMPIMPIM” (METODOLOGIA DO CURSO)

*A palavra coragem é muito interessante.
 Ela vem da raiz latina cor, que significa “coração”.
 Portanto, ser corajoso significa viver com o coração.
 O caminho do coração é o caminho da coragem.
 É viver na insegurança, é viver no amor e confiar, é enfrentar o desconhecido.
 É deixar o passado para trás e deixar o futuro ser.
 Coragem é seguir trilhas perigosas. A vida é perigosa.
 A pessoa que está viva, realmente viva, sempre enfrentará o desconhecido.
 O coração está sempre pronto para enfrentar riscos; o coração é um jogador.
 A cabeça é um homem de negócios. Ela sempre calcula – ela é astuta.
 O coração nunca calcula nada.
 (Osho, 2001)*

A terceira palavra da história de abertura desta tese se refere à “*coragem*”, ou seja, “o coração que age ou agir pelo coração”. O movimento que as professoras e os professores formadores do curso “A Arte de Contar Histórias” propiciaram foi embalado principalmente pelas subjetividades, pela afetividade, pelas emoções, de forma a *humanizar*. O *pó de pirlimpimpim* se espalhava e ia contagiando, ganhando adeptos, pulverizando encantamento nas Regionais de Ensino do Distrito Federal, buscando envolver as e os participantes de maneira integral: sentir-pensar-fazer. Assim, outras pessoas passaram a ter o desejo de participarem da experiência.

Neste capítulo, tentarei colocar isso em evidência, apresentando excertos de relatos feitos em Cadernos de Registros do curso de diferentes tempos e localidades. Justamente para manter o tom original, não quis transcrever, mas trazer uma cópia de como o registro foi feito, muitas vezes, de forma artesanal. As diferentes formas de registro evidenciam o engajamento que vai sendo construído ao longo da formação. É por meio das vozes de quem recebeu o curso nas Regionais e, também, durante a formação de formadores, que os argumentos serão enriquecidos ao longo deste capítulo. O primeiro excerto, inclusive, traz um pouco do encantamento, que, como veremos, é palavra de ordem no trabalho desenvolvido:

Figura 35 - Relato do Diário de Bordo



Fonte: Oficina Pedagógica de Brazlândia, 2015 – Formação de Formadores

É possível traçar uma linha de atuação desenvolvida pelos CVLOP. Reforço que é uma sistematização, mas que há nuances diferentes entre um espaço e outro, entre tempos diferentes também. Alguns aspectos do curso se refletem como características desenvolvidas na metodologia dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, haja vista a história do curso ser interligada com a história dos próprios CVLOP. Ao analisar os registros do curso, por meio de Portfólios e/ou Diários de Bordo de todos os anos em que aconteceu, foi possível notar que existe uma linha de ação que vai sendo aprimorada à medida que o tempo vai passando e o coletivo das Oficinas vai fazendo constantes avaliações e ressignificando o curso com novas reflexões teóricas e autores, novas dinâmicas, temáticas, histórias, músicas e proposições.

Foi possível perceber, portanto, uma base que foi seguida e ressignificada mantendo a estrutura geral. A essência sempre foi afetar o professor e a professora, tornando-os interessados pela literatura, por meio de diversas estratégias. Eles e elas precisavam ser expostos aos textos literários, perceber suas nuances e possibilidades, explorando títulos, ilustrações, histórias e mais histórias. Na sequência, apresento como o curso acontecia na prática, ou seja, sua metodologia, pois, como um curso anual, com diferentes cargas horárias (de 103h a 180h) foi sendo desenvolvida uma estrutura geral.

4.1 Estrutura geral do curso (breve sistematização)

- Levantamento de expectativas nos primeiros momentos do curso: registro individual sobre como o e a participante se veem enquanto contadores de histórias no início, para retomada ao final do curso com vistas à autoavaliação;
- Combinado (ou Contrato) Pedagógico: acordos gerais para funcionamento da formação, referentes a: horário de início e fim, critérios para certificação, quantidade de faltas permitidas, estabelecimento da rotina – dias para Diário de Bordo, organização do lanche, Momento Lá vem História (histórias contadas pelas participantes);
- Encontros Gerais ou Encontrões e Parceria com participação na Feira do Livro de Brasília;
- Divulgação de projetos com os quais era estabelecida parceria: Caixa-Estante, Painel Folclórico e o material “A cor da cultura”, que serão abordados no capítulo 6;
- Avaliação processual do curso pelos participantes, com instrumento disponibilizado pela EAPE;
- Para fazer jus à certificação, já foi exigido dos e das professoras cursistas:
 - Contação de, pelo menos, uma história individual ao longo do curso, com data previamente estabelecida e escolha livre, pelas participantes, tanto da história quanto da forma como seria contada – favorecendo o protagonismo e autonomia. Registro do “esquema de histórias”, que deveria conter: título, autor, editora, personagens, lugares, frase que resumia a história, episódios, recursos utilizados e nome da contadora;
 - Participação nas propostas coletivas: exercícios de contação de histórias, de produção de textos, registro no Diário de Bordo, pesquisas em grupo, experimentações diversas;
 - Contação coletiva de uma história com uso de fantoches, em que cada cursista deveria produzir a sua personagem;
 - Assiduidade, pontualidade, participação;
 - Desenvolvimento de projetos de leitura e/ou contação de histórias no local de atuação, com socialização para todos ao final do curso;
 - Apresentação, ao final do curso, de todo o material confeccionado;
 - Organização e participação em Saraus de Encerramento do curso nas respectivas Regionais de Ensino;

- o Participação no Grande Sarau de Encerramento do curso (geralmente na EAPE ou Escola Parque da 308 Sul), envolvendo uma apresentação dos cursistas de cada uma das Oficinas Pedagógicas;
- o Elaboração do Portfólio individual do curso, com registros reflexivos.
- Participação na avaliação final com instrumentos da EAPE;
- Amigo literário – momento de confraternização entre os participantes (amigo oculto para a troca de livros, apenas uma sugestão para confraternização de encerramento).
- Oferta, pelas professoras formadoras, de uma lembrança do curso (algo recorrente é a cópia do Diário de Bordo, encadernado artesanalmente) ou “mimos” para contação de histórias, como: aventais, indumentárias, dedoches etc.

Apresento a seguir como foi feito o controle para a habilitação, em 2008 pela Oficina Pedagógica de Sobradinho, apenas como exemplificação da ficha de acompanhamento, utilizada para avaliação, referente às atividades práticas (confeccções):

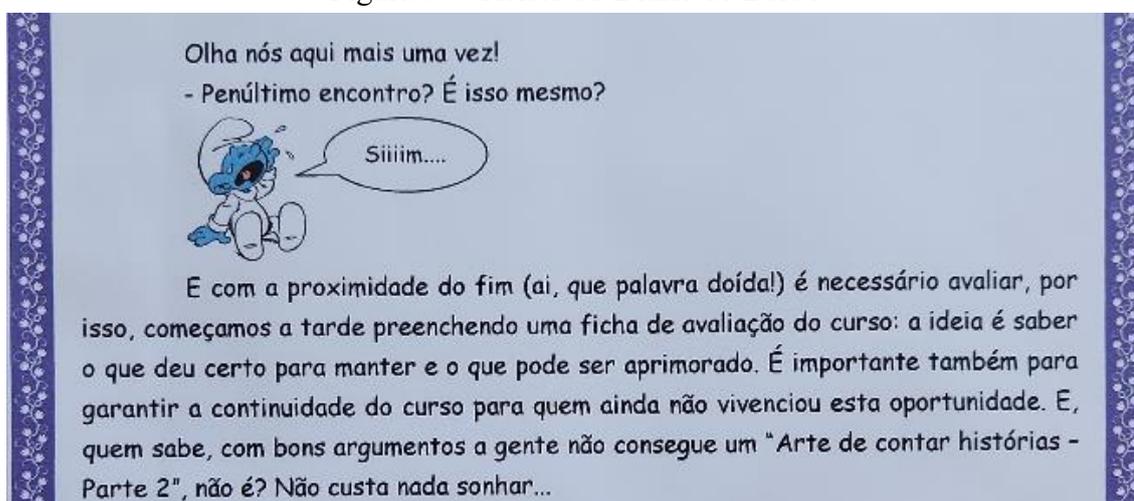
Figura 36 - Ficha de acompanhamento/ avaliação do cumprimento das tarefas práticas dos participantes

	A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS (ATIVIDADES PRÁTICAS)															SARAU
	PÁGUA CHITA	MASCARA LÓBIS MALU	GOBRO DO CHAPÉU ZINHO	BONECA EVA	MENINA BONITA	CRIFINO CHICAMI	CONTAÇÃO CORIGATAI	AVENTAL	3 DANTEIROS	EMULIA	DISCO AMIGOS	PANTOFLE PUS FERRO	PANTOFLE BONECA	CHAPEU BRUNO	CUACA	
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: acervo da Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2008

Com tanta exigência, riqueza, profundidade, compromisso e abrangência da ação formativa, por várias vezes, nas avaliações do curso, houve manifestações de participantes sugerindo que ele fosse transformado em uma pós-graduação a ser oferecida pela SEEDF. Outro apontamento recorrente era a sugestão do aumento da Carga Horária (mesmo quando era de 180h) ou a oferta de um curso “A Arte de Contar Histórias II”. Fato é que se percebe o “gostinho de quero mais” expresso nas avaliações, o que evidencia o quanto é importante que o cursista participe da formação ao longo de todo o ano para alcance dos objetivos no curso “A Arte de Contar Histórias”, a fim de manter ou despertar o gosto pela leitura do próprio professor e, também, ativar o contador de histórias que habita em cada um e em cada uma. O trecho seguinte demonstra claramente esta defesa, tão presente em muitas avaliações:

Figura 37 - Relato do Diário de Bordo

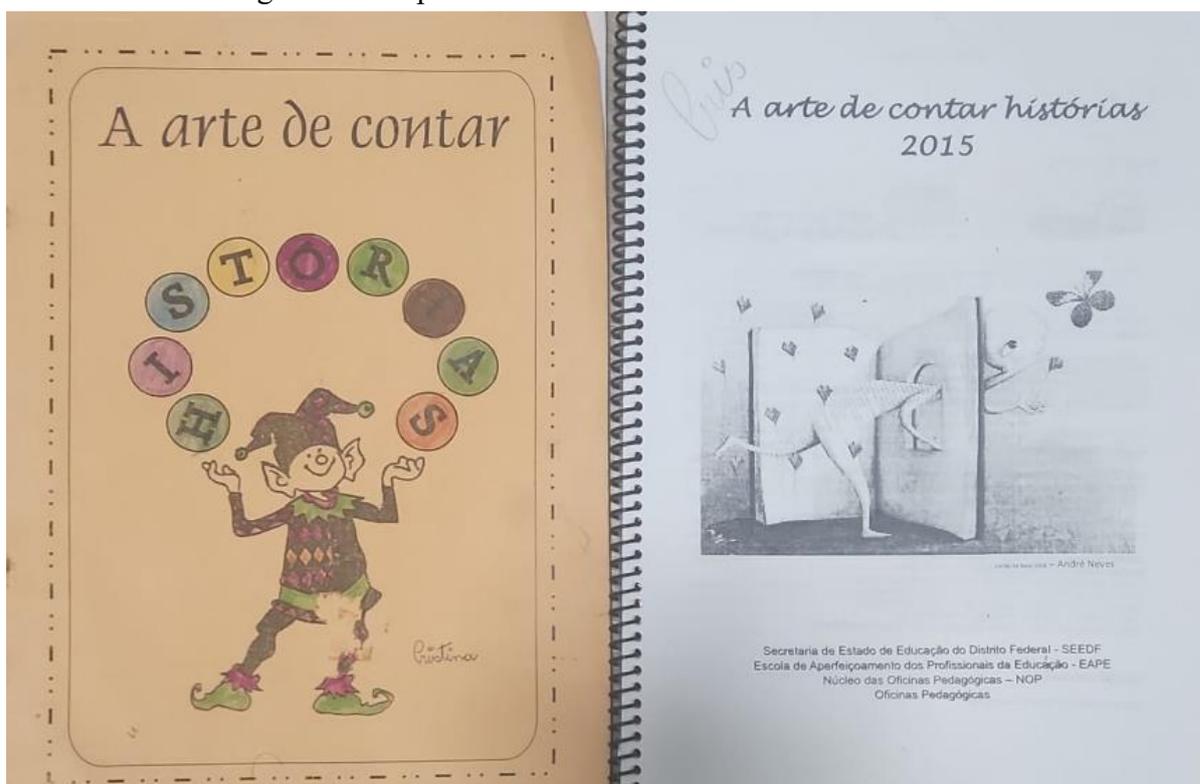


Fonte: Oficina Pedagógica do Plano Piloto, 2016

Durante a análise documental nos Portfólios do curso a que tive acesso, foi notório o cuidado dos docentes em avaliar o percurso formativo e tomar medidas frente às avaliações recebidas, a partir de discussões coletivas, inclusive quanto à seleção das dinâmicas, textos, histórias. Em 2000, por exemplo, houve 9 Encontros e os participantes manifestaram as dificuldades em participarem de tantos encontros fora da Regional de Ensino de atuação. No ano seguinte, a quantidade dos encontros diminuiu significativamente.

Uma necessidade que surgiu foi da organização de um caderno de estudo, já que eram distribuídos textos soltos para reflexão e debate. Organizá-los em um só caderno de textos foi uma maneira de imprimir maior organização ao processo, tanto para as professoras cursistas quanto para as professoras formadoras. As imagens seguintes são as capas de um caderno de estudos utilizado em 2007 e outro em 2015:

Figura 38 - Capa dos cadernos de textos de 2007 e de 2015



Fonte: acervo pessoal da autora

4.1.1 Formação em rede

Em 2000, o curso “A Arte de Contar Histórias” começou a ser implementado na rede pública, com a formação de formadores e repasse paralelo nas Regionais de Ensino. Depois dele, várias outras experiências aconteceram e tem se tornado parte da metodologia de trabalho dos CVLOP nos últimos anos esta ação formativa em rede, com formação de formadores. Composto por professoras e professores, em essência, pesquisadores, há o registro de vários cursos. Entre esses, nem todos foram propostos por professoras e professores formadores dos CVLOP. Interessante ressaltar a abrangência que uma experiência em formação assim adquire, com alcance exponencial. Exemplo: em 2000, na primeira formação de formadores, houve 23 concluintes. Ao final do ano, havia mais 253 professoras e professores cursistas, totalizando 276 certificados emitidos. A imagem seguinte nos fornece o exemplo de como o processo acontece:

Figura 39 - Formação em rede (exemplo do alcance no 1º ano da oferta)



Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados das atas de curso, em 2022.

Pela imagem, é possível perceber o quanto a experiência pode ser multiplicada. Duas professoras formadoras de Brazlândia multiplicaram os saberes para mais 23 professoras e professores formadores (aumento de mais de 1000%), os quais, em suas Regionais, colaboraram para a certificação de 253 professoras e professores cursistas em apenas um ano (aumento de cerca de 13.000%). Vale destacar, ainda, que, muitas vezes, professoras e professores formadores iniciam seus trabalhos nas Oficinas Pedagógicas sem terem participado dessas formações “oficiais” e encontram formas de adquirir esses saberes/experiências participando dos cursos em outros CVLOP. Há um processo de colaboração, de troca, de trabalho coletivo

contínuo, com várias proposições para processos de enraizamento e engajamento durante a formação continuada.

Cabe ressaltar, também, que os conhecimentos adquiridos continuam com as e os profissionais podendo impactar os estudantes durante toda a trajetória das professoras cursistas na SEEDF não somente no ano em que participaram do curso, como atestam alguns relatos.

4.1.2 *Encontrões ou Encontros Gerais*

O objetivo dos Encontros Gerais ou “Encontrões” é reunir as docentes e as cursistas dos CVLOP de todas as Regionais de Ensino em um momento destinado à troca de experiências, com a presença de escritores, ilustradores e contadores de histórias profissionais, livrarias, de fomentando parte considerável da cadeia produtiva do livro. É também oportunidade para fruição de histórias, exposições de livros e de materiais confeccionados nas diferentes Oficinas Pedagógicas, sessões de autógrafos com autores de Brasília e de fora. Grande parceira destes eventos é Íris Borges, escritora e militante pelo livro e leitura no DF por toda uma trajetória de vida. Durante as várias edições do curso, o “Encontrão” já aconteceu como aula inaugural, como encerramento e como um encontro previsto no decorrer da formação. O registro histórico dos Encontrões compõe o Apêndice E.

Durante os Encontrões, as professoras cursistas podem perceber que participam de algo maior, que não é apenas para a sua turma, mas que envolve todas as Regionais de Ensino do DF. O seguinte excerto apresenta a percepção de uma professora sobre o “Encontrão” vivenciado em 2019. Interessante perceber a “atmosfera de encantamento” do registro feito.

Figura 40 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2019

É por falar em imaginação...esse encontro despertou um ser que é a materialização da imaginação...a criança, a nossa criança interior... pois uma criança e circo tem sintonia. E foi nesse clima circense que fomos recebidos nesse último encontrão. Senti aquele frio na barriga que sentimos antes do espetáculo começar... Alguém falou em espetáculo?

Tombei, tombei

Tornei tombar

A brincadeira já vai começar

O raio, o sol suspende a lua

Olha o palhaço no meio da rua

É no espetáculo o que tinha?

Tinha coral cantando poesia (pois quem sabe faz ao vivo e a cores). Cores, sons e melodia embalsam a Língua do nhem poema de Cecília Meireles.

A minha criança interior ficou a mil com os olhos bulhando querendo saber o que viria pela frente.

Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2019

A depender da edição do curso, cada Oficina ficava responsável por escolher os meios de avaliarem as impressões dos cursistas sobre os Encontros. Em algumas, foram elaborados instrumentos únicos: é o caso, por exemplo, do ano de 2008, em que o Núcleo das Oficinas Pedagógicas recolheu algumas avaliações e foi possível tabular as impressões dos cursistas, com a participação de quatro Oficinas: Taguatinga (34), Núcleo Bandeirante (21), Recanto das Emas (15) e Sobradinho (7) em um total de 77 respondentes, como uma amostra apenas. A ficha avaliativa possuía somente quatro campos, com respostas abertas, subjetivas, a saber: identificação, pontos positivos, pontos negativos e sugestões. No quadro a seguir estão registrados os pontos em que houve mais de uma ocorrência (Nº = número de ocorrências):

Quadro 12 - Avaliação de um “Encontro”, do ano de 2008

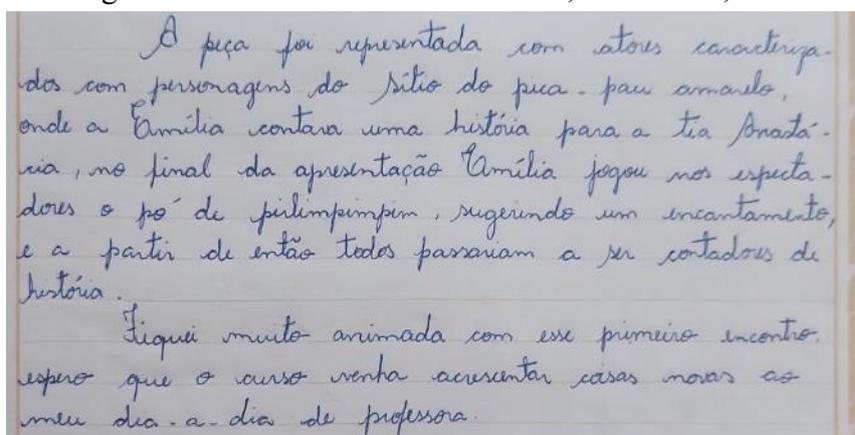
Pontos positivos	Nº	Pontos negativos	Nº	Sugestões	Nº
Presença dos escritores	50	Atraso	26	Mais encontros deste nível	24
Histórias bem contadas	22	Local longe	08	Acontecer na Regional do cursista	13
Encontro descontraído, divertido, dinâmico, rico	22	Tempo curto para voltar pra sala	06	Duração maior para as apresentações das Oficinas	06
Emília e tia Anastácia	21	Muitas atividades e pouco tempo	07	Que seja o dia todo	04
Localização acessível	13	Falta de água	03	Ser liberado o dia todo	04
Troca de experiências	08	Engarrafamento	03	Convite a outros autores	06
Valorização do tema e preparação cuidadosa das apresentações	05	Dispersão ao final	03	Que respeitem os horários	03
Reunião de todos os cursistas	03	Falta de intervalo para lanche/ comprar livros	02	Intervalo para lanche	03
Exposição de livros	02			Mais expositores e mais água	03
Valor à cultura	02			Descontos maiores nos livros vendidos	02

Fonte: tabulação feita pela autora a partir das fichas de avaliação de 2008, do arquivo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas, em out. 2022.

Como se pode perceber, dois grandes problemas elencados são o tempo e a distância, algo difícil de se administrar, pois a ideia é promover encontro entre as pessoas desde a Regional de Ensino de Brazlândia até a Regional de Santa Maria⁸⁶, que se localizam em extremos opostos no DF. Dessa forma, grande parceira tem sido a Escola Parque da 307/308 Sul, onde a maioria dos Encontros aconteceu, por ser um local central. Ponto positivo bastante mencionado nas avaliações de 2008 é a possibilidade de encontro com escritores, além da presença de Emília e tia Nastácia (personagens do Sítio do Picapau Amarelo, representadas por Miriam Rocha e Simone Carneiro), como pode ser percebido no excerto seguinte:

⁸⁶ Santa Maria é uma RA que fica cerca de 29 km distante da RA do Plano Piloto e, de Brazlândia, a distância se aproxima a 70 km.

Figura 41 - Relato do Diário de Bordo, Brazlândia, 2003



Fonte: Oficina Pedagógica de Brazlândia, 2003

4.1.3 Elementos do curso – fundamentação teórica, vídeos, histórias, músicas, dinâmicas

Alguns textos de embasamento teórico que propiciam reflexões e discussões continuam em todas as gerações⁸⁷ do curso, mas podemos observar que à medida que novos textos são inseridos, novos temas também são. Para exemplificar, trarei os temas encontrados no 1º ano de cada geração:

Quadro 13 - Inventário - Textos teóricos e autores discutidos durante a formação

Ano 2000 – 1ª Geração	Ano 2006 – 2ª Geração	Ano 2015 – 3ª Geração
A importância da imagem nos livros – Regina Wernek	A importância das histórias – Fanny Abramovich	A importância das histórias - Fanny Abramovich
Histórias bem assombradas – Georgina da Costa Martins	Histórias bem assombradas – Georgina da Costa Martins	Histórias bem assombradas - Georgina Martins
História do papel e da encadernação	A literatura e os estágios psicológicos da criança – Nelly Novaes Coelho	Literatura Infantil – Gênero Menor? - Ilan Brenman
Gêneros literários – Edilene Ribeiro	Contando a gente acredita – Celso Sisto	Quadro da história da literatura infantil - Lúcia Pimentel Góes
Importância da literatura infantil – Projeto Pró-Leitura	A leitura literária na escola – Marisa Lajolo	Oralidade - Ilan Brenman
O conto na escola - Gislayne Avelar Matos e Cecília Andrés Caram	O conto na escola – Gislayne Avelar Matos e Cecília Andrés Caram	O conto na escola - Gislayne Avelar e Cecília Andrés Caram
O conto popular como gênero literário	Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão – Ricardo Azevedo	Livro didático e livro de literatura, chega de confusão – Ricardo Azevedo
O objeto livro: o que perceber, o que discutir – Fanny Abramovich	Monteiro Lobato e a aventura do imaginário – Regina Zilberman	Livro, o que perceber, o que discutir - Fanny Abramovich
Os contos de fadas – Pedagogia Waldorf	Leitura e literatura na sala de aula – Lucília Garcez	Preparação de uma Sessão de Contos - Celso Sisto

⁸⁷ No capítulo 6, serão abordadas as 3 gerações em que foi possível sistematizar o curso, com as constatações feitas.

Por uma arte de contar histórias – Fanny Abramovich	O porta-fólio e a formação dos profissionais da educação – Benigna Maria de Freitas Villas Boas	As diferenças entre contar histórias e representar histórias – Cléo Busato
Quem conta um conto contra outros – TV Escola	O teatro de bonecos através dos tempos – Idalina Ladeira Ferreira e Sarah P. Souza Caldas	Se meu corpo contasse - Celso Sisto
Teatro de fantoches	Pedagogia de projetos – Danielle Lélis Ferreira (adaptação)	Sonorização das histórias - Teca Alencar de Brito
Trabalhando a voz	Pincelada histórica – Grupo Morandubetá (Benita Prieto, Celso Sisto, Eliana Yunes, Lúcia Fidalgo)	Pincelada histórica (Grupo Morandubetá - Benita Prieto, Celso Sisto, Eliana Yunes, Lúcia Fidalgo)
Valorizando o folclore e as manifestações culturais	Quem quiser que conte outra – Marcelo Alencar	A leitura e o espírito crítico -Fanny Abramovich
	Trabalho com imagens – Circe Bittencourt	A Preparação do Conto e do Contador - Gislayne Avelar
	Manifesto do contador de histórias	Contar para Ler: arte de contar histórias e as práticas de leitura -Eliana Yunes
	A complicada arte de ver – Rubem Alves	A linguagem visual no livro sem texto - Marilda Castanha
	Leituras complementares: A escola: espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro – Nelly Novaes Coelho	Ilustração: uma outra forma de leitura - Lucília Garcez
		Contos de Tradição Oral - Gislayne Avelar
		Poesia - Denise Soares Oliveira
	Formação do professor como leitor literário – Maria Graça Paulino	Criando, encantando e desenvolvendo com fantoches -Cláudia Cascarelli
	Tecendo a leitura – Marisa Lajolo	Teatro de Animação: do ilustrativo à forma animada - Valmor Beltrame
		Teatro de Sombras -Idalina Ladeira e Sarah Caldas

Fonte: elaborado pela autora a partir dos Cadernos de Textos e propostas de cursos dos anos mencionados, em jan. 2024.

O recorte temporal desta pesquisa, de 1999 a 2019, permite-nos sistematizar que o curso foi ministrado por treze anos, em alguns deles por todas as Oficinas Pedagógicas. A cada ano, a depender dos estudos das professoras e dos professores formadores, sempre pesquisadores, o arcabouço teórico era aprimorado. Importante notar que são autores de renome que pesquisam e trabalham a arte de narrar, muitos conhecidos nacionalmente e que compõem as reflexões do curso desde sua primeira edição. Nem todos os autores e textos estão mencionados no quadro pela própria dificuldade em se conseguir todos os detalhes, de todos os espaços, por todos esses anos. Mesmo as discussões teóricas no trabalho das Oficinas são propostas de maneira dinamizada, como se pode perceber por meio do seguinte registro:

Figura 42 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia 2008

Viviane dividiu a turma em quatro grupos para a leitura e apresentação do texto 'A mediação da leitura à luz da concepção de aprendizado socialmente elaborado'. Pág. 51. O primeiro grupo abordou o tema na forma de poesia. O segundo que tinha como título 'Prazer e sedução' fizeram a sua apresentação com uma paródia. O terceiro foi um debate. Nesse grupo houve uma explanação da Viviane juntamente com a turma para definir o conceito de 'mediação' e compara o professor contador de histórias e ao mediador de histórias. E por fim, o quarto grupo concluiu o trabalho com um acróstico.

Fonte: Oficina Pedagógica de Samambaia, 2008

Para enriquecimento da fundamentação teórica do curso durante algumas edições, foram realizados projeções e debates de alguns filmes. Eis o registro dos que encontrei menção documentada em plano de aula, arquivado em Portfólios do curso:

Quadro 14 - Inventário - Vídeos para aprofundamento teórico já projetados

Leituras do Brasil	Monteiro Lobato
Crianças criativas (histórias diversas)	Histórias (Paulo Siqueira)
Eu (Palavra cantada): trabalho com memórias	O contador de histórias (Roberto Carlos Ramos)

Fonte: elaborado pela autora a partir de planos de aula, constantes em Portfólios do curso, em out. 2024.

4.1.4 *Histórias recorrentes*

Outro ponto interessante a ser registrado são as histórias (inclusive as musicadas) e as músicas propriamente ditas selecionadas para serem projetadas, que ultrapassam tempos e espaços. Há a presença de histórias e músicas de domínio público, de cantores e autores literários específicos, bem como pode haver histórias criadas pelos próprios professores formadores. Entre elas, há relativa ocorrência das seguintes histórias e músicas (leve em conta as histórias que aparecem em diferentes CVLOP e em diferentes gerações):

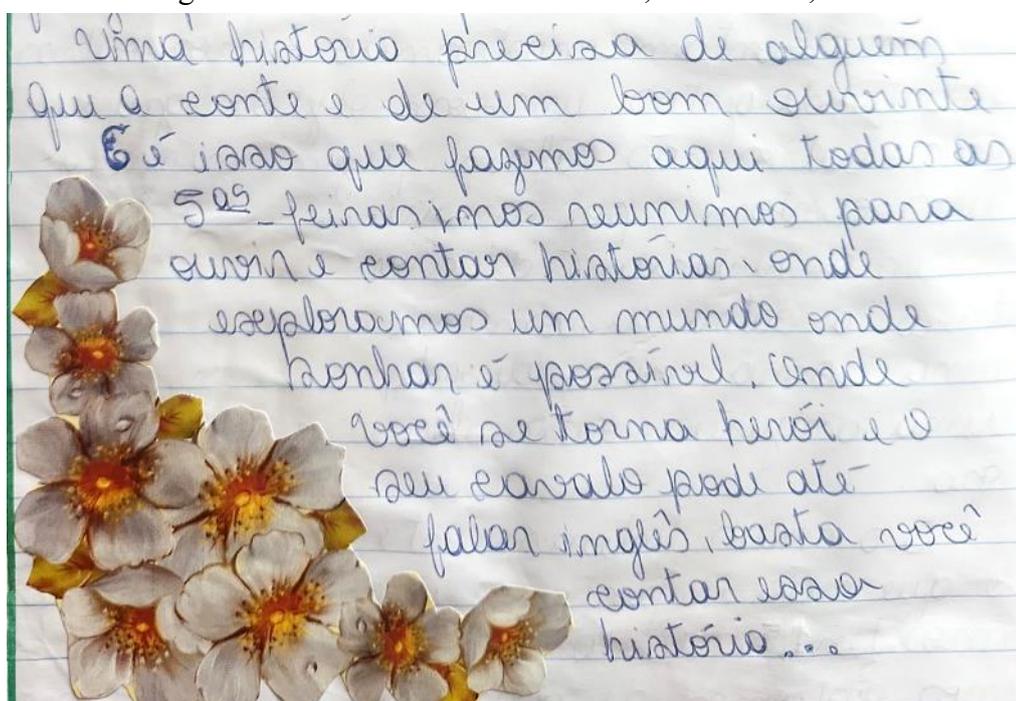
Quadro 15 - Inventário - Histórias recorrentes, incluindo histórias musicadas e músicas

HISTÓRIAS RECORRENTES (CONTADAS PELAS PROFESSORAS FORMADORAS)		
A cintura da aranha	Contos desenhados	O Rato (Palavra Cantada)
Aniversário da Emília	Fábrica de Retalhos	O boi da lua
A árvore generosa	Feliz aniversário, lua	O caso do espelho
A ratoeira	História da serpente (Pandalelê)	O gato xadrez
A boneca	História do pão	O macaco e a velha
A corujinha cambalhota	Jiboia	O menino que foi ao vento norte
A cobra e o sapo	Macaquinho	Os 10 sacizinhos
A velha a fiar	Menina Bonita do laço de fita	Se as coisas fossem mãe
A casa sonolenta	Os três carneirinhos	Strega Nona
A flor do mamulengo	O saco (Ivan Zigg)	Sopa de Pedra
A velha furunfunfelha	O pescador, o anel e o rei	Uma barata...
Adivinha quanto eu te amo	O rei e a bruxa que desembucha	Uma família feliz
Campo Santo	O fazendeiro, seu filho e o burro	Uma história de amor
Coca (Bia Bedran)	O corvo comilão	Uni duni tê

Fonte: elaborado pela autora a partir dos Diários de Bordo e/ou Portfólios do curso, em out. 2024.

A escolha das histórias está relacionada aos objetivos da aula e não há regras fixas. Cada formadora tem a liberdade de, a partir da realidade do seu CVLOP e de sua turma, escolher outras histórias e não contar as que constam no quadro, que tem o único objetivo de trazer uma amostragem das histórias que são escolhidas recorrentemente pelas formadoras. Há ainda o fato interessante de que, como professoras pesquisadoras, as docentes têm contato com inúmeras histórias apresentadas pelos cursistas que podem passar a compor o repertório do curso. O seguinte excerto resume o que é vivenciado durante a formação: escuta e contação de histórias, em que se busca ativar o imaginário.

Figura 43 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2006



Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2006

4.1.5 Dinâmicas de grupo vivenciadas

Desde o início do atendimento, o trabalho das Oficinas Pedagógicas esteve voltado à “dinamização” da sala de aula, por meio de atividades potencialmente lúdicas. O que se entende por dinamizar? Do Grego⁸⁸: *dúnamis*, -eos, (poder, força, capacidade, potência) + sufixo-izar. Apresenta em seu bojo o sentido do movimento, da energia, da mudança, da criatividade e da atividade e ação, dentre outras acepções. Na história da SEEDF, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, de 1ª a 4ª série (atualmente, Anos Iniciais), antes da implantação da jornada ampliada,

⁸⁸ Conforme Dicionário Priberam, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dinamiza%C3%A7%C3%A3o>
Acesso em: 20 ago. 2024, 12:00.

havia, durante a semana, o dia da dinamização, que se tratava de uma professora ou professor que trabalhava com arte, brincadeira, jogos, recreação, atividades físicas e ministrava aulas em turma diferente a cada dia da semana, enquanto a professora regente coordenava.

Para dinamizar encontros com grupos de pessoas, algumas estratégias foram denominadas inicialmente no campo da Psicologia (Albigenor; Militão, 2004) por *dinâmicas de grupo*. São, portanto, propostas que, a partir da interação entre os componentes, têm a capacidade de elevar a energia, trazendo leveza, alegria, entrosamento, aprendizado, descontração, entre tantos outros benefícios. Além disso, estas estratégias dialogam com a aprendizagem experiencial, noção presente nas defesas de Dewey (2023) e Teixeira (1971). Para sua execução, é necessária a presença do proponente (também conhecido por facilitador ou orientador), que precisa preparar antes, testar e ensaiar (a depender do caso) para ter a segurança de que a proposta está adequada aos objetivos do encontro e inserida no momento propício da sequência didática planejada para o dia. Nesse sentido, os princípios do “laboratório” oriundos da docência compartilhada dos CVLOP (sobre a qual ainda refletiremos) são importantes, pois apresentam um trabalho ativo, coletivo, criativo, por meio de propostas vivenciais. Conforme Albigenor e Militão (2004) o emprego das dinâmicas de grupo podem ter os seguintes objetivos:

a) Desinibir a capacidade criadora dos participantes; b) aumentar as transformações no grupo; c) aumentar a coesão do grupo; d) proporcionar um aperfeiçoamento do trabalho coletivo [...]; e) transformar o potencial do grupo, fazendo-o crescer em igualdade harmônica de relacionamento interpessoal (Albigenor; Militão, 2004, p. XVI).

Na realidade investigada, tais atividades são muito importantes e estão no planejamento de forma orgânica, para promover, entre outras coisas, a integração, o estabelecimento de vínculos, a socialização, o riso e até o autoconhecimento. Por ser o trabalho anual de uma proposta formativa entre pares, o estabelecimento do vínculo e da confiança são fundamentais para o êxito das proposições. É ação semelhante ao que descreve Priotto (2013):

Os encontros semanais de grupo se baseiam no pressuposto de que será uma reunião de indivíduos que compartilham uma situação; funcionam como estimulação, aprendizado, favorecendo o relato de vivências pessoais e a troca de experiências e opiniões (Priotto, 2013, p. 18).

As dinâmicas de grupo, portanto, se fazem muito importantes e, em um trabalho integrado e integrador, são pesquisadas e propostas dinâmicas que dialoguem com o tema a ser explorado no dia. Vale lembrar, ainda, que, como a formação é colaborativa, em alguns momentos, as próprias professoras cursistas ficavam responsáveis por apresentar dinâmicas de integração em alguns CVLOP, bem como sugestão de livros, filmes, textos, autores, músicas.

Ao longo de tantos anos, muitas dinâmicas já foram utilizadas, sejam pesquisadas em diferentes fontes, sejam criadas pelas professoras formadoras ou apresentadas por professoras cursistas. Em sua maioria, os registros são feitos nos planos de aula dos cursos, arquivados no Portfólio da formação (cada professora formadora produz um Portfólio da turma a ser arquivado no CVLOP). Cabe destaque às propostas desenvolvidas por Fábio Broto (2013) sobre os Jogos Cooperativos. O quadro seguinte apresenta uma proposta de sistematização de algumas dinâmicas vivenciadas (lembrando que muitas outras podem ter sido vivenciadas):

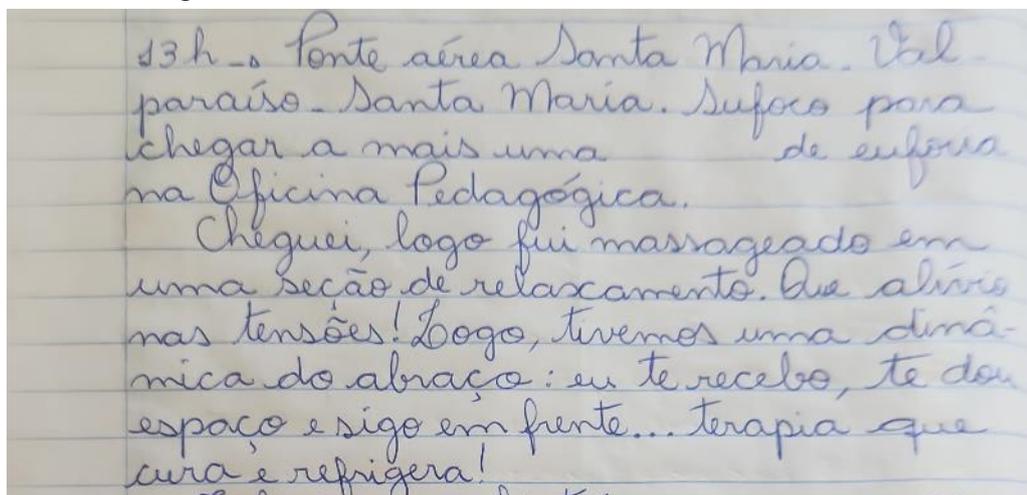
Quadro 16 - Inventário de dinâmicas já desenvolvidas durante o curso

Dinâmica do barquinho: para apresentação.	Jogando a bola com nome e atenção (jogo teatral).	Bambu tirabu – para socialização e memorização de nomes.
Dinâmica do muro – transpondo limites: para sensibilizar sobre possíveis descobertas no universo da narração de histórias	Dinâmica do barbante – dando nós com a mão direita e com a esquerda (ultrapassando limites).	Desenho cego com barbante – para produção de texto coletivo, a partir de formas criadas por cada participante do grupo.
O limão entrou na roda (com quem parar o limão, conta uma história).	Roda de versos: lata com versos, em que as pessoas “tiram o verso” e cantam com a música sugerida.	Modelagem com argila: para criação de personagens e criação de texto coletivo.
De quem é a história? Em duplas, os participantes contam uma história um para o outro. Depois, um dos participantes contam-na ao grande grupo que deverá julgar de quem é a história contada: de quem está contando ou da outra pessoa?	Que bom que você veio hoje. Por quê? Porque você está de tênis! (mudar de lugar quem estiver de tênis. Sempre sobra alguém em pé) Dinâmica de interação, socialização e montagem de conjuntos de pessoas.	Uma palavra lembra outra: encadeamento coletivo de ideias. Ex.: medo lembra? Lagartixa, lembra? Barata, lembra? Chinelo, lembra? Pé, lembra? Dança, lembra? Alegria, lembra? [...]
Eu sentei /no meu jardim/ com meu amigo – minha amiga fulana (dinâmica para memorizar nomes): Jogos cooperativos. Ir mudando de cadeiras...	Bingo com os nomes (literário): cada pessoa insere seu nome e o sobrenome é uma personagem da literatura para preencher a cartela.	O fio da história: ir contando uma história até o barbante mudar de cor e passar para o próximo colega, acrescentando uma palavra sorteada.
Mudança do foco narrativo depois de indicação sonora: 1ª e 3ª pessoa, alternar o foco narrativo, ao sinal sonoro, como se estivesse contando a própria história (1ª pessoa e, ao sinal, contar como se fosse a história de outrem (3ª pessoa).	Coral de sapos: a turma é dividida em 4 grupos, cada um com uma frase a ser dita: Tô doente! / Te curo! / Com quê? / Com água! O coral é regido pelo facilitador que vai alternando as falas ou induzindo para que falem juntos.	Caldeirão da apresentação: retirar um objeto do caldeirão e vincular com a história de vida do participante.
Escravos de Jó com pedrinhas e corporal.	Mala de imagens: para criação de história coletiva.	Música da serpente (para divisão em dois grupos).
O voo da barata. Em círculo, as participantes ficam em dupla e alguém diz: “A barata voou, voou e caiu na boca de fulana”. Imediatamente, a pessoa que constitui a dupla com o nome mencionado precisa “defendê-la, jogando a brincadeira de volta pra roda: “Na boca de fulana, não! Na boca de Beltrana!” E recomeça.	Palavras no quadro para criação de história coletiva: Várias palavras são escritas no quadro. Em círculo, sentados, uma pessoa em pé começa a história e, quando inserir uma palavra do quadro, todos precisam mudar de lugar. Sobrará alguém em pé para dar continuidade à história, primando pelo sentido lógico e coerência. Vai acontecendo assim até todas as palavras escritas tenham sido inseridas.	Tribunal do Júri para julgamento do contador de histórias. A turma é dividida em três grupos, dos quais dois deles devem organizar o argumento para acusação e defesa, em cerca de 15 minutos, havendo tempo para réplica e tréplica. O terceiro grupo de participantes serão os jurados.

Fonte: elaborada pela autora a partir dos registros nos Diários de Bordo, Portfólios e/ou planos de aula, em out. 2024.

O excerto a seguir registra o efeito que algumas dinâmicas, quando planejadas e executadas no momento oportuno da sequência didática, podem trazer ao participante que, chegando “eufórico”, menciona, após a vivência, se tratar de uma “terapia que cura e refrigera”.

Figura 44 - Relato do Diário de Bordo, Santa Maria, 2015



Fonte: Oficina Pedagógica de Santa Maria, 2015.

Como profissionais que trabalham, desde o início, a partir dos jogos, também foram pesquisados e confeccionados, durante o curso, jogos para contação de histórias, de modo que a professora sai com o jogo pronto para aplicá-lo em sua turma.

Figura 45 - Exemplos de jogos para contar histórias, confeccionados durante a formação

Jogo “Dados para muitas histórias”	Jogo “Era uma vez”	Jogo “Caixa misteriosa”
 <p>Sugestão: composto por 8 dados, com 6 faces. Cada um possui variações de algum elemento da narrativa (personagem, tempo, ação, espaço...). Uma possibilidade é jogar os dados de uma vez e, em grupo, produzir uma história única com a participação dos integrantes.</p>	 <p>Sugestão: há 4 pilhas de cores diferentes com imagens. Cada pessoa roda a roleta e, conforme a cor sorteada, escolhe a imagem para inserir na história que deve ser criada oral e coletivamente, com coesão e coerência.</p>	 <p>Sugestão: há várias imagens em uma caixa e o participante precisa retirar uma imagem e inserir na história criada, de forma coerente e com coesão.</p>

Fonte: acervo pessoal da autora

Com o objetivo de apresentar a literatura - tanto contos tradicionais quanto autorais -, por meio de estratégias que proporcionassem o encantamento, na defesa de que “é preciso

encantar-se para encantar”, os encontros eram organizados, muitas vezes, por temáticas gerais e apresentavam uma estrutura básica, flexível, podendo ser adaptada, como temos pontuado:

4.1.6 *Estrutura básica dos encontros*

- Acolhida: dinâmicas de movimento, integração, provocadoras de sorrisos;
- História do dia: contação de histórias feita pelas docentes da Oficina Pedagógica;
- Estudo do tema teórico do dia por meio de dinâmicas envolventes e interativas;
- Momento “Lá vem história”: História contada pelo Cursista 1;
- Lanche colaborativo;
- Leitura compartilhada do Diário de Bordo (memorial do encontro anterior);
- Momento “Lá vem história 2”: História contada pelo Cursista 2;
- Produção/ experimentação do dia
- Avaliação do encontro.

Na sequência, farei a descrição de quatro encontros do curso, vivenciados pela turma de formação de formadores em 2015, a fim de exemplificar como são feitas as conexões entre as atividades, de maneira a conquistar o engajamento das participantes, o que torna as aulas envolventes. Como uma formação colaborativa, outras sugestões são continuamente acatadas. O planejamento é flexível e cada equipe adequa as sugestões à sua realidade. Convém ressaltar que já houve edições do curso com mais de 30 aulas. São 14 CVLOP diferentes, são 13 anos de curso investigado. Ou seja: a descrição de quatro encontros é apenas uma exemplificação, novamente uma amostra de como pode acontecer a vivência de uma aula do curso “A Arte de Contar Histórias” ministrada por algum CVLOP, na prática:

4.1.6.1 *Sequência didática 1: Iniciando a viagem ao fantástico mundo da leitura*

Objetivos do encontro (1º Encontro do Curso):

- ✓ Apresentar a ementa do curso: programa, quantidade de faltas permitidas, encontros, encontro local (sarau), projetos de leitura a serem desenvolvidos no local de atuação da participante etc. Uso do Diário de Bordo. Histórias e pesquisa em grupo, história individual e adaptação de texto para fantoches. Definir datas das contações individuais, lanche colaborativo, Diário de Bordo.
- ✓ Levantar expectativas dos cursistas em relação à ação formativa.
- ✓ Apresentar dinâmicas de preparação para o contador de histórias.

Programação:

1. **Acolhida** (deixar música ambiente):

Dinâmica do barbante (entregar um pedaço com cerca de 1 metro): Dar nós com a mão de maior habilidade (sem nenhum tipo de outro auxílio) e contar a quantidade feita no tempo estabelecido: um minuto. Desatar os nós. Dar nós com a mão de menor habilidade no mesmo tempo estabelecido (1 minuto); observar o resultado e comentar (quebrando paradigmas, pois muitas vezes, surpreendentemente, a quantidade de nós

com a mão de menor habilidade é maior). Reflexão: somos capazes de coisas que não imaginamos e, por isso, precisamos nos abrir a novas experiências.

2. **Socialização:**

Entregar maleta (feita com papel cartão contendo passaporte para o cursista preencher com suas informações pessoais: kit sobrevivência - materiais pessoais a serem trazidos para o encontro, contrato pedagógico, mensagem de boas-vindas, árvore genealógica - para trazer preenchida no próximo encontro).

Dinâmica do barco: cada um recebe o seu “passaporte” para a viagem e precisa preencher com seu nome. À medida que instruções vão sendo fornecidas, a viagem vai acontecendo e, ao final, o passaporte se transforma em um salva-vidas, em que cada participante precisa salvar alguém que não a si mesmo.

- Lanche colaborativo organizado pelo CVLOP.

3. **Rede de experiências – Atividades práticas:**

Viagem no barquinho (história contada pelas formadoras com origami, cantigas e participação de todos): confecção do crachá e apresentações entre os cursistas.

Contação da história da pulga e da lagarta usando o barbante (pelas docentes);

Sugestões de outras brincadeiras com o barbante, como a cama de gato e outras figuras.

4. **Avaliação do encontro:**

Avaliação oral: usando um barbante com várias cores, ir expressando as impressões enquanto o barbante não muda de cor. Ao mudar de cor, passar para o colega da direita.

4.1.6.2 *Sequência Didática 2: A importância dos contos de fadas – heróis e vilões:*

Objetivos do encontro:

- ✓ Refletir sobre a presença dos heróis/ vilões nas histórias literárias;
- ✓ Vivenciar a técnica com o uso do teatro de sombras;
- ✓ Produzir algumas silhuetas a serem utilizadas no teatro de sombras.

Programação:

1. Acolhida:

Cantar a Música “História da Serpente”, com a participação de duas pessoas para serem as “cabeças”, de modo a dividir a turma em dois grupos.

Entregar dois envelopes, (um conterá silhuetas apenas de heróis e o outro, silhuetas apenas de vilões) para que os grupos produzam texto escrito.

- Momento Lá vem História – cursista 1

2. Socialização

Leitura do Diário de Bordo (Memorial do encontro anterior e entrega para o registro do dia);

Apresentação das histórias produzidas pelos grupos menores ao grande grupo;

Discussão sobre os arquétipos do bem e do mal e a mudança da natureza destes para a produção das histórias.

Leitura e discussão dos textos: “Histórias bem assombradas” e “Importância das histórias”, usando o Jogo do Mestre (a partir de afirmações, a pessoa escolhida deverá concordar, discordar ou colocar a afirmação na água, caso fique em dúvida, para discussão coletiva).

- História na sombra: A Cintura da Aranha (contada pelas docentes);
- Lanche colaborativo
- Momento Lá vem História – cursista 2

3. Rede de experiências – Atividades práticas:

Produção de silhuetas dos contos de fadas escolhidas pelo grupo para teatro de sombra (disponibilizar papelão kraft, tesoura, fita adesiva e palito de bambu);

Experimentação da contação de histórias usando o teatro de sombras pelos grupos formados.

4. Avaliação do encontro:

Os grupos deverão usar as personagens criadas para fazerem a avaliação oralmente.

4.1.6.3 Sequência Didática 3 – Chapeuzinho Vermelho – Textos e intertextos - Pontos de vista sobre o conto maravilhoso

Objetivos do encontro:

- ✓ Discutir e ampliar o conceito sobre conto maravilhoso;
- ✓ Refletir sobre a intertextualidade presente nas histórias;
- ✓ Praticar a narração de histórias em grupo;
- ✓ Refletir sobre a influência da contação de histórias para a formação de leitores.

Programação:

1. Acolhida:

Contar coletivamente a história da Chapeuzinho Vermelho, em círculo (começa com a primeira pessoa do círculo e só pode terminar com a participação da última participante da roda);

2. Socialização

Leitura do Diário de Bordo (Memorial do encontro anterior e entrega para o registro do dia);

Leitura e discussão do texto: “Pincelada histórica” (Grupo Morandubeté);

Leitura e discussão do texto: “Oralidade” (Ilan Brenman);

- Momento Lá vem História – cursista 1

3. Rede de experiências – Atividades práticas:

Contar a história Uni Duni e Tê (Ângela Lago): distribuir os papéis com as letras das músicas da história. As pessoas devem cantar a sua letra no círculo e ouvir outros cantando e se aproximar de quem estiver cantando a mesma música (divisão de grupos).

- Lanche colaborativo.
- Momento Lá vem história – cursista 2.

Versões da Chapeuzinho Vermelho em grupo: distribuir as versões entre os grupos que devem preparar a história para contar em seguida.

Leitura e discussão do texto: “A arte de contar histórias e as práticas de leitura: contar para ler” (Eliana Yunes).

4. Avaliação do encontro:

Serão distribuídos pequenos papeis para serem afixados em uma silhueta de Chapeuzinho Vermelho gigante colada no quadro.

4.1.6.4 Sequência didática 4 – Vivenciando a Poesia, o Cordel e a Xilografia

Objetivos do encontro:

- ✓ Escutar, ler, interpretar, declamar e produzir poemas, cordéis ou haicais;
- ✓ Explorar recursos da linguagem poética, quanto à sonoridade, como elementos sedutores à formação do leitor;
- ✓ Incentivar a utilização da literatura de cordel como recurso pedagógico acessível para discussão de temas como: discriminação racial, consciência ambiental, combate à violência, etc., reconhecendo-o como arte, fonte de diversão e divulgação da cultura popular;
- ✓ Produzir xilografuras de forma alternativa;
- ✓ Apresentar e utilizar os haicais como possibilidade de expressão poética.

Programação:

1. Acolhida:

Ambientar a sala com varais contendo poemas, cordéis e haicais. A professora formadora declama uma poesia para iniciar o encontro.

2. Socialização

Leitura do Diário de Bordo (Memorial do encontro anterior e entrega para o registro do dia);

- Momento Lá vem história – cursista 1

Iniciar fazendo algumas perguntas: O que é Poesia? O que é Poema? O que são poemas de forma fixa e poemas de formas livres?

Declamar o poema: Convite, de José Paulo Paes.

Em círculo, passar a lata de poemas (Poesia Fora da Estante). Cada pessoa pegará um poema e dará uma entonação poética (os versos serão retirados do livro Poesia Fora da Estante).

Leitura do Texto: Poesia – Denise Soares Oliveira.

- Lanche colaborativo.
- Momento Lá vem história – cursista 2.

3. Rede de experiências – Atividades práticas:

Apresentar a estrutura do haicai e sugerir a produção em grupos, em cartazes, para compor a ornamentação da sala.

Fazer leitura de um cordel enquanto as pessoas escutam com olhos fechados. Ao abrirem, deverão fazer o desenho de alguma imagem suscitada pela escuta. Transferir para a bandeja de isopor e fazer a impressão como se fosse xilogravura, em que a matriz é feita no isopor.

4. Avaliação do encontro:

Criar uma quadrinha para avaliar o encontro

Desde o primeiro dia, o curso prevê ser necessário procurar uma história para ser contada, partindo do princípio: “o que essa história tem de especial para que eu queira compartilhá-la? O que me faz identificar com ela? É preciso apaixonar-se pela história. É a história que te escolhe.” Buscava-se ressaltar que o momento da partilha das histórias era quase sagrado. Em algumas Oficinas havia, inclusive, um recado na porta, que era colocado sempre que alguém começasse a contar. Se alguém chegasse depois, deveria esperar o término da contação para não interferir na concentração da professora contadora de histórias em formação.

Figura 46 – Boneca da porta: É hora da história!



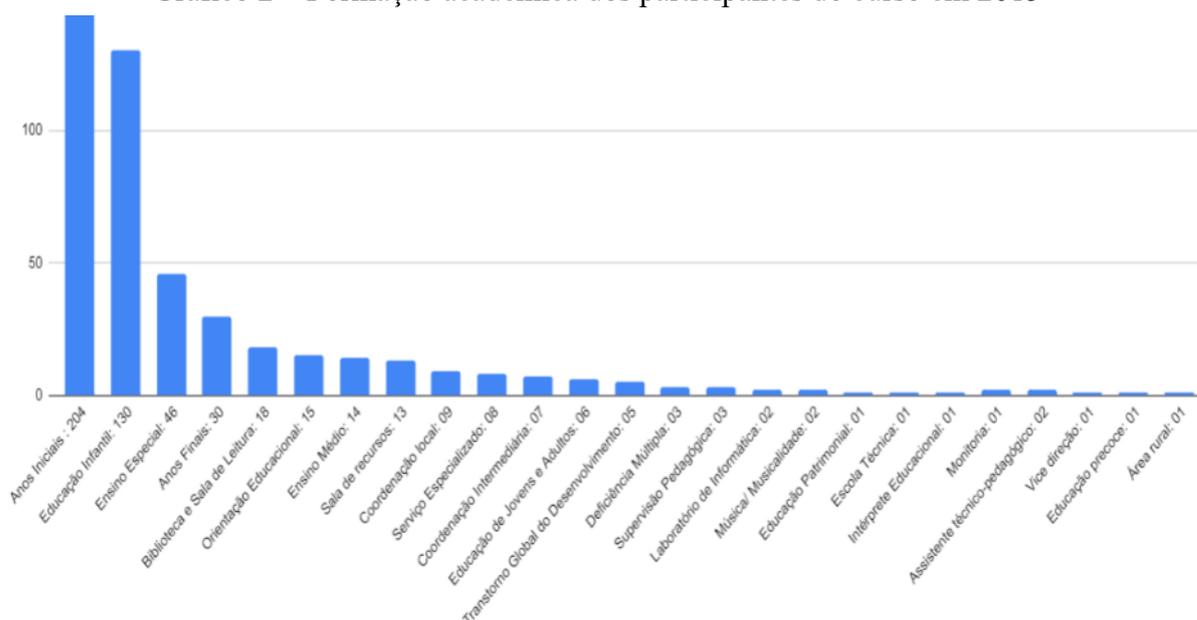
Fonte: CVLOP do Guará, cedido para a pesquisa.

4.1.7 Público-alvo

O curso nunca possuiu um público-alvo pré-estabelecido, sendo disponibilizadas vagas a quem tivesse interesse. Em 2015, o Núcleo das Oficinas recolheu as fichas-perfis dos participantes e, a partir da documentação daquele ano, constante no acervo do Núcleo das Oficinas Pedagógicas, foi possível elaborar o seguinte gráfico, com relação à formação acadêmica dos participantes de 11 Regionais de Ensino (Recanto das Emas, Planaltina, São

Sebastião, Ceilândia, Núcleo Bandeirante, Gama, Santa Maria, Plano Piloto/Cruzeiro, Samambaia, Guará, Paranoá), apenas como uma pequena amostra. Foi possível perceber que muitos participantes possuíam mais de uma graduação e muitos atuavam com atividades diferentes da graduação. Havia, ainda, participantes da EJA, além de muitas professoras lotadas nas Escolas Parques (que possuem grande quantidade de estudantes) e atuantes com Educação Especial. Ao todo, houve 433 fichas-perfis preenchidas, resultando na seguinte síntese:

Gráfico 2 – Formação acadêmica dos participantes do curso em 2015



Fonte: elaborado pela autora, em 2023, a partir das fichas-perfis do Núcleo das Oficinas Pedagógicas de 2015.

Dentre as 433 pessoas respondentes, foi possível perceber a participação de profissionais de áreas dificilmente imaginadas, como é o caso de professor da Escola Técnica, Intérprete Educacional, pessoas da Direção da escola e até coordenadoras em nível intermediário (lotadas nas Regionais de Ensino), atuantes com as diversas deficiências, orientação educacional, todas as etapas (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio). Esta é uma característica também vanguardista da atuação das Oficinas.

Tem uma coisa muito legal que é juntar professores de áreas diferentes, de etapas diferentes numa mesma turma. Cada um traz a sua experiência. Alguns são novatos, outros são veteranos. Essas pessoas aprendem a se comunicar, a compreender melhor o que é estar em outra etapa de ensino dentro da rede. São oportunidades de diálogo e de trocas riquíssimas. Uma coisa muito importante do trabalho das Oficinas é a gente entender que cada um pode fazer um pouquinho. Esses professores que se misturam fazem o exercício de transpor para onde ele está atuando. Tem uma atividade e o professor de Ensino Médio enxerga como é que ele vai fazer com os estudantes dele, assim como a professora da Educação Infantil e o dos Anos Finais. Isso é muito bonito de ver. Essas pessoas criam um vínculo forte. Existe esse trabalho com a questão do conteúdo, com a discussão da didática em si, das estratégias pedagógicas, mas é muito mais do que isso. É a questão da formação de vínculos. É

a gente aprender a enxergar o outro, a respeitar o trabalho do outro colega e saber que está todo mundo junto ali em prol de algo melhor que é a aprendizagem do estudante, uma aprendizagem significativa. Isso amplia os diálogos. A gente passa a entender que a aprendizagem acontece entre eles (Moura, informação verbal, em vídeo, presencial, 23/8/2022).

Com turmas heterogêneas, como entender que a formação alcance o efeito que possui? No curso em estudo, encontramos o ponto central no saber multidisciplinar e humanizador presente nas próprias histórias. Elas trazem em seu bojo o trabalho com as emoções, com o que há de mais humano entre as pessoas. Este é o diferencial que enriquece a prática de docentes das mais diversas áreas, etapas e modalidades de ensino. Contribui, também, de forma significativa para o autoconhecimento, pois muitos participantes experimentam situações envoltas de atividades lúdicas e artísticas pela primeira vez.

Sou professora de Biologia e sempre fiz os cursos na minha área: genética, botânica, fisiologia, anatomia [...], cursos pesados. Eu sempre fui uma professora muito conteudista. Porque eu sempre pensei em preparar os meus alunos para o vestibular, para o PAS. [...] Nunca tive muita interação com meus alunos. No curso “A Arte de Contar Histórias” era tudo muito lúdico e eu me encantei. Eu contava os dias, as horas, para chegar o dia de estar lá. Era a primeira a chegar e a última a sair. Aquilo me transformou, o poder da história, de transformar, de ser esse acolhimento para o aluno, um modo de suavizar aquele dia difícil. Quem me ensinou a me aproximar desses alunos foram as histórias. Porque eu era assim: eles lá e eu aqui [...] mas a história fez isso comigo: ela me transformou. Eu me tornei uma pessoa mais leve. Eu modifiquei enquanto professora, enquanto ser humano; meu olhar é outro para o aluno. Eu fiquei mais sensível; então eu posso dizer que a história trabalhava os alunos e me trabalhou também. Profundamente. Os meus últimos anos de escola, acho que foram mais 8 anos até me aposentar, foram tão leves, tão tranquilos (Soares, informação verbal, em vídeo, presencial, 6/12/2022).

Pelo relato, pode-se perceber o quanto a formação foi importante para a trajetória da professora. É o poder da “trans-formação” que existe nesta proposta de formação continuada ministrada pelos CVLOP.

4.2 Metodologias ativas

Pode-se afirmar que os CVLOP, após 39 anos de atuação na educação do DF, desenvolveram uma metodologia específica, uma forma singular de existir na oferta de formação continuada, a qual coloca as professoras cursistas como protagonistas de suas aprendizagens. Tudo tem início desde a inscrição para participar do curso: faz a inscrição quem tem interesse sobre a temática. Esse é um grande diferencial. No histórico das Oficinas Pedagógicas, já houve anos em que professores foram “obrigados” pela instituição a participarem de cursos ministrados pelos CVLOP, experiências catastróficas tanto para quem precisou participar como professora cursista quanto para quem precisou oferecer como

professora formadora. Nunca foi o caso do curso em estudo. A obrigatoriedade em participar de cursos específicos de formação continuada é sempre razão para profundas reflexões e discussões. A autonomia para entender e escolher aquilo que sente necessidade de aperfeiçoar, aprimorar, aprender é um ponto importante a ser considerado. Na realidade investigada, os professores formadores se colocam como organizadores do ambiente educativo (Vigotski, 2001) e, nesta perspectiva, trata-se de uma forma de existir que vai na contramão dos preceitos da metodologia tradicional de ensino (educação bancária, em que o professor é o detentor do saber e os estudantes mero receptores – Freire, 1996, p. 13). Os professores e as professoras cursistas têm a possibilidade de experienciar, na prática, propostas que os colocam de forma ativa e participativa na sua própria formação, como destaca Santos (2023, p. 8):

Em linhas gerais, elas [as metodologias ativas] propõem uma inversão na lógica tradicional do ensino, em que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno um mero receptor passivo. Nas metodologias ativas, o aluno é colocado como protagonista do processo de aprendizagem, sendo incentivado a participar ativamente, a tomar decisões e a construir seu próprio conhecimento. Embora as metodologias ativas tenham sido desenvolvidas e aplicadas por educadores há muitos anos, é inegável que elas ganhem mais destaque recentemente, impulsionadas pelas novas tecnologias e pela busca por uma educação mais dinâmica e inclusiva.

As estratégias pedagógicas reunidas em uma experiência de formação continuada para professores ministrada pelos CVLOP podem ser categorizadas como o que atualmente se denominam como Metodologias Ativas, presentes nesses espaços desde sua instituição, na década de 1980. Tais estratégias promovem o engajamento dos participantes com a própria formação e todos se tornam protagonistas de suas aprendizagens, com trocas constantes, como em laboratórios de experiências, conforme vislumbrara Anísio Teixeira em sua proposta.

É a parte vivencial o grande diferencial da metodologia desenvolvida pelos CVLOP. As discussões teóricas são feitas de maneira dinamizada, além das demais estratégias utilizadas para provocar o engajamento necessário ao andamento da formação. A opção metodológica de aulas em formato de oficina pedagógica (em vez de aulas expositivas) favorece também isso, pois os princípios norteadores buscam integrar as dimensões do humano: pensar-sentir-fazer⁸⁹.

São várias as estratégias categorizadas como metodologias ativas: aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, aprendizagem cooperativa, estudo de caso, ensino-aprendizagem baseado em competências, aprendizagem baseada em jogos, aprendizagem por descoberta, aprendizagem baseada em

⁸⁹ Mais informações sobre oficinas pedagógicas como metodologia de ensino podem ser encontradas na minha dissertação. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/24665> Acesso em: 20 ago. 2024, 13:50.

tarefas, aprendizagem por interpretação de papéis, aprendizagem baseada em pesquisa. De tantas possibilidades de estratégias, apresentarei algumas vivenciadas no curso, com maior detalhamento.

4.2.1 *Docência compartilhada*

Elemento que merece destaque na metodologia desenvolvida pelos CVLOP ao longo do tempo é a docência compartilhada. Também conhecida por bidocência ou co-docência, no Brasil, é uma prática facilmente encontrada em turmas de Educação Infantil e de Educação Especial. Há alguns artigos relatando experiências no Ensino Regular e na EJA, por exemplo, especialmente após 2010. Considerada uma tendência inovadora, existe como prática nas Oficinas Pedagógicas desde a década de 1980. Esse constituir-se professor de maneira compartilhada é outra postura vanguardista que emerge destes espaços, acontecendo tanto em nível micro (cada CVLOP em seu *locus* de trabalho) quanto em nível macro (quando há a coordenação central reunindo todos os CVLOP). São espaços de formação mútua, nos quais cada professora formadora desempenha, simultaneamente, os papéis de formadora e de formanda entre os seus pares. Segundo Hochadel e Conte (2019), analisando a experiência vivenciada por elas: “A Docência Compartilhada contribuiu com ricas oportunidades aos professores para o trabalho colaborativo, construindo ações mais criativas a partir do pensar e criar juntos”. Elas acrescentam que não foi uma simples divisão de tarefas, mas uma rica possibilidade de trocas, que tornou oportuno o exercício profissional com dimensões mais humanizadoras, além da ampliação dos horizontes reflexivos. Assim, elas concluem: “Uma escola transformadora e em diálogo com a sociedade é o caminho para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, comunicativa, que forme cidadãos mais críticos, participativos, pensantes e de relações humanas colaborativas para a melhoria das aprendizagens sociais” (Hochadel; Conte, 2019, p. 85). Trata-se de uma experiência que se assemelha à realidade investigada.

O trabalho coletivo favorece para que a docência compartilhada aconteça de forma orgânica. É uma postura que vai além da presença de mais de um professor formador em sala de aula nas ações de formação. É uma prática que compartilha todas as etapas pedagógicas, desde o planejamento até a execução e avaliação. Trata-se, na prática, de uma situação semelhante à que defende Jéssica Caussi (2013):

[...] penso a docência compartilhada como a articulação intencional e consensual entre dois professores para, produzindo essa relação na condição de protagonistas, vislumbrarem as demandas do trabalho docente e se organizarem para atendê-la, sem

hierarquia entre ambos, de modo que o compartilhamento não seja significado como divisão-subtração, intrínsecos à disputa pelo poder e sua consequente fragmentação do trabalho, e, sim, como divisão-troca, divisão-adição, multiplicação, caracterizando o trabalho pela via da corresponsabilidade e parceria. Trata-se de os professores realizarem indiscriminadamente todas as tarefas relativas ao trabalho de sala de aula (Caussi, 2013, p. 23-24).

Experiências diferentes do usual e com êxito comprovado podem ser um caminho em busca da emancipação. A partir de ações que valorizam a cooperação e colaboração, desde o ambiente escolar, talvez seja um caminho para a transformação social. Busca-se um novo modo de ser e estar tanto na escola quanto fora dela, pois, como defendem Calderano, Pires e Pretti (2017): “[...] o trabalho cooperativo é mais importante que as hierarquias definidas. Os saberes individuais são respeitados, disseminados e ampliados”. Para elas, com quem concordo, compartilhar se constitui uma necessidade, quando se percebe que o processo educacional é mais amplo que a soma de individualidades, ganhando significado ao integrar diferentes especialidades. As autoras refletem:

Estranhados numa cultura excessivamente individualista, temos dificuldades de externar necessidades e fragilidades. Assim, em grande parte das vezes, construímos percursos solitários, repletos de interrogações que não se respondem isoladamente. Dispersamo-nos em hierarquias mais desagregadoras que colaborativas, o que dificulta bastante o trabalho com nossos pares. Ao não dialogarmos com os fazeres individuais, nos distanciamos da construção de algo maior, que é a vivência da prática diária, coletiva e compartilhada (Calderano; Pires; Pretti, 2017, p. 20632-20633).

Mais de uma docente em sala é importante também para o acompanhamento durante o momento de confecção e experimentação do dia, em que muitas professoras cursistas possuem diferentes dúvidas e dificuldades. Frase recorrente entre elas é: “Nasci com duas mãos esquerdas”, o que exemplifica as limitações que as professoras acreditam possuir, algo que, conforme vários relatos, vai sendo transformado com as vivências propiciadas pelo curso. É como a professora formadora Estela Souza nos diz:

[...] *Tem professor que nunca usou um estilete, que não sabe como que é, para que serve aquele grampinho. Professor que não sabe recortar. Então você vai ensinar a pegar a tesoura, fechar, só abrir novamente quando chegar ao fim. São coisas assim que ele começa a perceber a importância disso na escola* (Souza, informação verbal, em vídeo, presencial, 22/11/2022).

Muitas professoras cursistas precisam de uma atenção quase individual. São vários casos de professoras, por exemplo, que não sabem como usar a régua corretamente. Com formações acadêmicas diversas, o compartilhamento da docência ainda favorece debates ricos, mais de uma visão sobre o mesmo assunto. É também algo desafiador, pois se torna importante

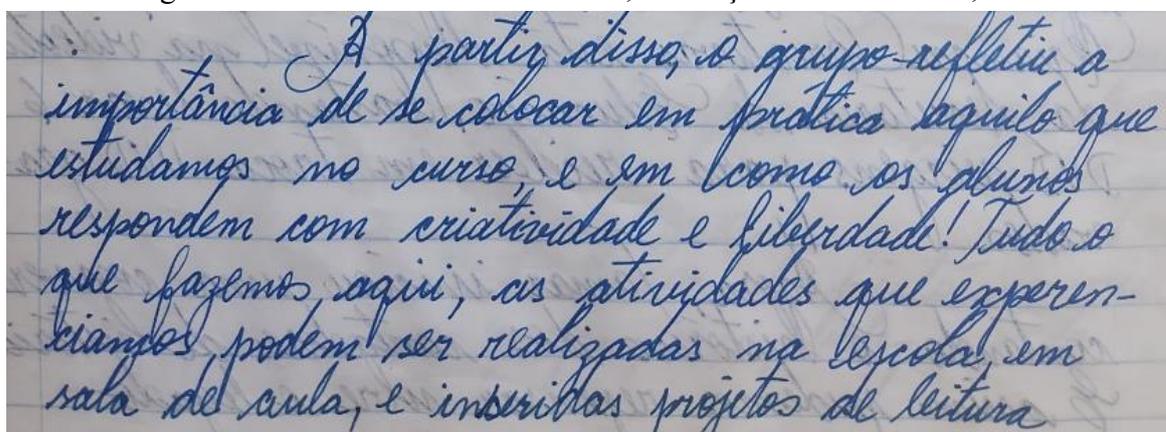
o estabelecimento da confiança entre as professoras formadoras: um vínculo que precisa ser constituído com muito respeito, tolerância às diferenças e empatia.

Trata-se, também, de uma estratégia importante, pois há mais de uma pessoa responsável pela formação, acompanhando e conhecendo a turma. No caso de impedimento do trabalho da professora formadora “oficial”, seja por licença para tratar da saúde ou alguma outra razão, as e os professores cursistas não são prejudicados, pois há outra docente que pode fazer os encaminhamentos para a formação, uma preocupação que reflete o engajamento e a seriedade dos profissionais dos CVLOP com o trabalho desenvolvido. Há casos, inclusive, de professoras formadoras de diferentes Oficinas Pedagógicas auxiliarem turmas de outras Regionais para o não comprometimento do andamento das formações oferecidas. É uma experiência de docência compartilhada em rede na formação continuada de professoras e professores, uma experiência única no Distrito Federal e, quiçá, no Brasil.

4.2.2 *Diário de Bordo Coletivo e Portfólio individual*

O termo “Diário de Bordo” tem origem na navegação e era utilizado para registrar o percurso, os acontecimentos e as decisões durante as viagens. Posteriormente, foi incorporado pela antropologia (pesquisas etnográficas) como instrumento de registro das vivências, permitindo compreender não apenas os dados objetivos, mas também os sentidos subjetivos da experiência. Na educação, o Diário de Bordo passou a ser valorizado como prática formativa e reflexiva, capaz de documentar experiências, escutas e memórias da ação pedagógica. O seguinte trecho é o registro tanto do que aconteceu, quanto das reflexões da professora cursista sobre o processo:

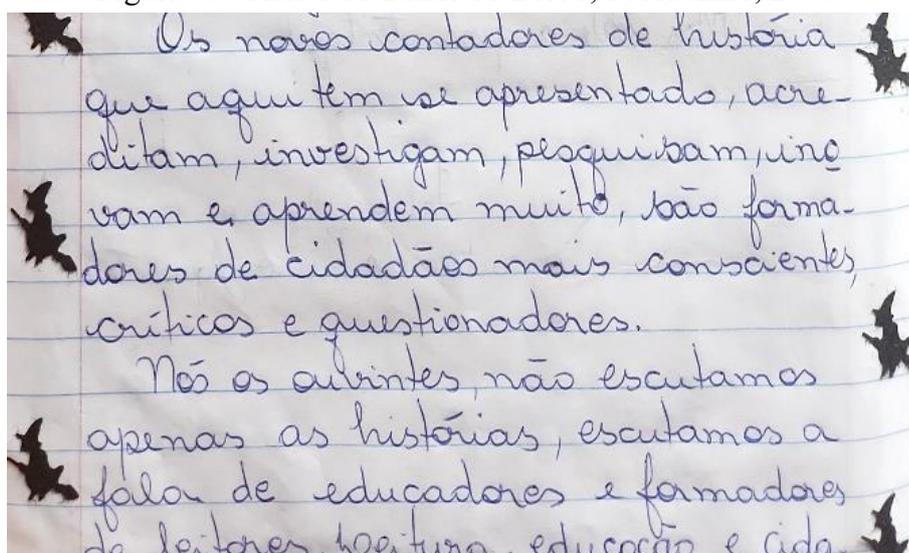
Figura 47 - Relato do Diário de Bordo, Formação de Formadores, 2015



Fonte: Oficina Pedagógica de Brazlândia, 2015 – Formação de Formadores

Na realidade investigada, O Diário de Bordo é considerado um “caderno-ata” da turma e já recebeu outras nomenclaturas durante o período analisado, como: Caderno Volante, Caderno de Registro, Diário Reflexivo, Caderno Mirabolante e possivelmente outros. O emprego do Diário de Bordo como parte do processo de formação do curso “A Arte de Contar Histórias” surge a partir do ano de 2003. É uma ata de registro dos encontros, mas uma ata diferente, uma “ata poética”, em que as professoras e professores “lavradores e lavradoras da ata”, dão asas à sua criatividade. Foi possível encontrar vários gêneros textuais (diário, receita, adivinha, poema, cordel, paródia, história em quadrinho, jornal, entre outros) para registro dos encontros, em Oficinas Pedagógicas diferentes, permanecendo uma aura de encantamento em vários relatos, de diferentes épocas e locais, alguns dos quais compõem o anexo 3, para exemplificação da expressão criativa das e dos professores cursistas ao fazerem seus registros. Ou seja, o curso contribui para aspectos que nem sempre estão explícitos nos objetivos, mas surgem como consequência: o fomento ao professor-escritor, devido ao estímulo à criatividade do professorado para fazerem seus registros. Inclusive, são vários professores que se tornam escritores, lançando livros após a formação e participando de eventos com foco no livro e na leitura. O excerto seguinte apresenta uma reflexão sobre o fato de que a formação vai além do surgimento de novos contadores de histórias: colabora para o aprimoramento do senso crítico, de fomentadores do gosto pela leitura nas escolas.

Figura 48 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008



Os novos contadores de história que aqui tem se apresentados, acreditam, investigam, pesquisam, inovam e aprendem muito, são formadores de cidadãos mais conscientes, críticos e questionadores. Nós os ouvintes, não escutamos apenas as histórias, escutamos a fala de educadores e formadores de leitores, leitura, educação e cida-

Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2008

O Diário de Bordo propicia à professora e ao professor cursista fazer uso do registro para refletir sobre seu processo de formação continuada em diálogo com a própria prática, a partir das vivências e das reflexões oriundas da formação. É um fomento ao protagonismo da

professora cursista no sentido de que ela se integra a uma rede colaborativa de formação. Afinal, tem-se a perspectiva de que o professor e a professora não se constituem sozinhos, mas nas relações com os pares e com a troca de experiências. Tem-se a escrita como algo identitário do ser professor e professora, de forma crítica, em que a reflexão sobre a prática é uma forma legítima de produção do conhecimento. Concordo com Cañete (2010), quando defende:

[...] pensar a escrita de professores na perspectiva de sua formação é pensar nas alternativas de constituição desse sujeito como também nas alternativas de constituição de sua docência. Escrever é um ato que requer do indivíduo um olhar introspectivo, um voltar-se para dentro de si. Escrever sobre suas práticas pedagógicas solicita do professor um movimento de retorno, de resgate da memória, de ver novamente o que foi realizado, como foi realizado e os resultados advindos de sua ação (Cañete, 2010, p. 59).

Como é a prática do uso do Diário de Bordo durante a formação? Cada cursista tem a responsabilidade de fazer o registro pelo menos uma vez durante o curso. É perceptível, por meio de tais registros, o quanto as e os participantes vão ficando engajados com a formação recebida. No encontro seguinte, a pessoa responsável pelo registro faz a leitura oral para todo o grupo; momento muito esperado, pois, como era relato do que havia acontecido no encontro anterior, ativa a memória das que estiveram presentes e situa aquelas que, por alguma razão, precisaram faltar. Conforme combinado com a turma no início do curso, a responsável pelo registro pode entregar cópia para a turma. Já houve diferentes formas de ser apresentado: com paródia, acompanhamento de instrumento musical, declamação de poesia. Trata-se de uma experiência de escrita que vai sendo estimulada, adotando os princípios defendidos por Madalena Freire (2008), segundo a qual, na concepção democrática de educação, educar é um ato de conhecer, refletir, apreender (para assim aprender) permanentemente a realidade. De acordo com a autora, educador e educando educam sua reflexão dentro do cotidiano de sua prática; pensando, refletindo sobre o aqui e agora, para assim transformá-lo. Assim, educador e educando se apropriam da sua história por meio do registro e da reflexão. O registro da reflexão é o fio que vai tecendo a história do processo formativo e é através dele que ficamos para os outros. Ainda segundo Madalena Freire, nesta concepção de educação, o processo educativo está no grupo, pois, ninguém aprende, reflete sozinho).

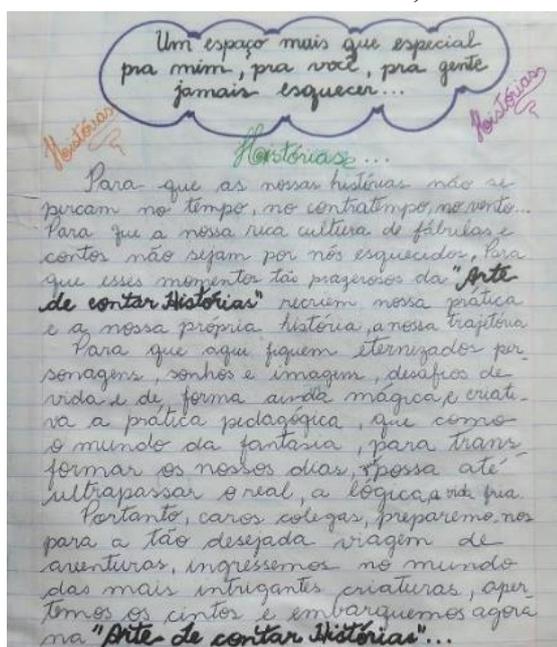
O Diário de Bordo torna-se um elemento potente para registro das memórias. Pela leitura, muitas vezes é possível ter informações sobre movimentos na SEEDF, como paralisações, greve, clima da semana, história da educação e da formação docente, por exemplo, e até mesmo ações gerais do governo. É um material muito rico, sobre o qual pode haver pesquisas futuras. A formação continuada ministrada pelos CVLOP insere o professor e a

professora cursista, de forma orgânica, na reflexão crítica sobre as vivências e o contexto histórico em que estão inseridos. Torna-se comum, inclusive, algumas participantes adotarem o Diário de Bordo em suas aulas como processo da avaliação formativa. É um momento de registro para ação-reflexão-ação. Todas ficam responsáveis não só por fazerem o registro, mas também por contarem a história da própria formação que está em desenvolvimento. No Portfólio de Brazlândia (2003) foi encontrada a seguinte orientação sobre o Diário de Bordo que, naquele ano, foi chamado de Caderno de Registro:

O Caderno de Registro é para que todos os participantes possam desenvolver o talento de documentar o processo pessoal de formação e o talento de refletir sobre a prática com a ajuda da escrita, um poderoso recurso nesse sentido. Esse caderno será utilizado em todo o Curso e será testemunha documental do processo de aprendizagem de cada um. Nele, serão impressas as marcas pessoais que revelam olhares em diferentes momentos: impressões, perguntas, comentários, sentimentos, angústias, orientações, reflexões, teorizações... Prioritário é lembrar que o tempo e o espaço não fazem parte de uma arena imutável, que somos agentes transformadores e que podemos energizar o Caderno, gota a gota, como memória nascente (Portfólio do curso, Brazlândia, 2003, documento não publicado).

Além desta orientação inicial, havia sempre o incentivo, com vistas a superar a dificuldade em escrever sobre o processo formativo, presente em tantas trajetórias docentes. Como atuei em direção de escola por oito anos, fui testemunha de bons projetos executados por docentes que, ao serem solicitados a registrar, não o faziam, porque a escrita se tornara um bloqueio. O curso propicia incentivos para que essa dificuldade seja superada, de forma leve, por meio de diferentes estratégias de produção de texto individuais e coletivas.

Figura 49 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008



Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2008.

Neste registro de 2008, pelas palavras de uma professora, de forma poética, é possível inferir o valor do Diário de Bordo: guardar as memórias, “recriar” a prática, a história e a trajetória. Para que fiquem eternizados personagens, *sonhos*, imagens e ainda foi feito um convite para a viagem pela “Arte de Contar Histórias”.

Nos registros pesquisados, também há muitos relatos de professoras cursistas que queriam “desaparecer” na hora da seleção de quem ficaria responsável pelo registro do Diário de Bordo do dia, pois não se sentiam confortáveis para fazê-lo. Contudo, como ficava claro desde o início do curso que essa era uma das exigências para a certificação, todas as participantes realizavam a tarefa, cada registro ao seu modo, de forma autônoma e pessoal.

Figura 50 - Mosaico de alguns dos Diários de Bordo pesquisados, de diferentes CVLOP



Fonte: acervo pessoal da autora

Foi possível perceber, ainda, que algumas cursistas tentaram transpor a confecção do dia para o relato no Diário de Bordo. Por exemplo, no dia de confecção do kamishibai⁹⁰, encontrei relatos assim, nos Cadernos de Registros:

⁹⁰ Kamishibai é um recurso para contar histórias de origem japonesa. Este vídeo apresenta uma história com o uso do referido recurso: <https://www.youtube.com/watch?v=PfkLbQE91gc> Acesso em: 21 ago. 2024, 10:00. Este outro vídeo apresenta uma música: <https://www.youtube.com/watch?v=gmbmC2lwL28> Acesso em: 21 ago. 2024, 10:10. Enquanto este apresenta um tutorial de como confeccionar este recurso: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GVj8LgRXU> Acesso em: 21 ago. 2024, 10:20.

Figura 51 - Kamishibai transpostos para o relato do Diário de Bordo



Fonte: Oficina Pedagógica de São Sebastião, 2016



Fonte: Oficina Pedagógica do Recanto das Emas, 2019

No dia da confecção do baú de histórias, assim uma professora de São Sebastião fez o registro no Diário de Bordo:

Figura 52 - Transposição da confecção do dia “Baú” para o relato do dia



Fonte: Diário de Bordo de São Sebastião, 2016.

Atenção para a “manivela”, que faz girar o texto para sair do baú. Houve, ainda, quem produziu “livros” para fazer o seu relato no Diário de Bordo. As páginas do registro de Santa Maria, por exemplo, foram feitas em tecido, demonstrando todo cuidado, carinho e envolvimento da professora cursista responsável pelo registro.

Figura 53 - Registro do dia como se fosse um livro



Fonte: Oficina Pedagógica de Santa Maria, 2015

Fonte: Oficina Pedagógica de São Sebastião, 2016

Outra situação recorrente é a entrega da cópia do Diário de Bordo, produzido artesanalmente como lembrança ao final do curso, contendo nomes dos participantes, fotos, os respectivos registros e, às vezes, o Memorial do “Esquema de Histórias” contadas durante a formação. Vários CVLOP adotaram essa prática e foi assim que recebi algumas cópias de diários como presentes, pois haviam sobrado.

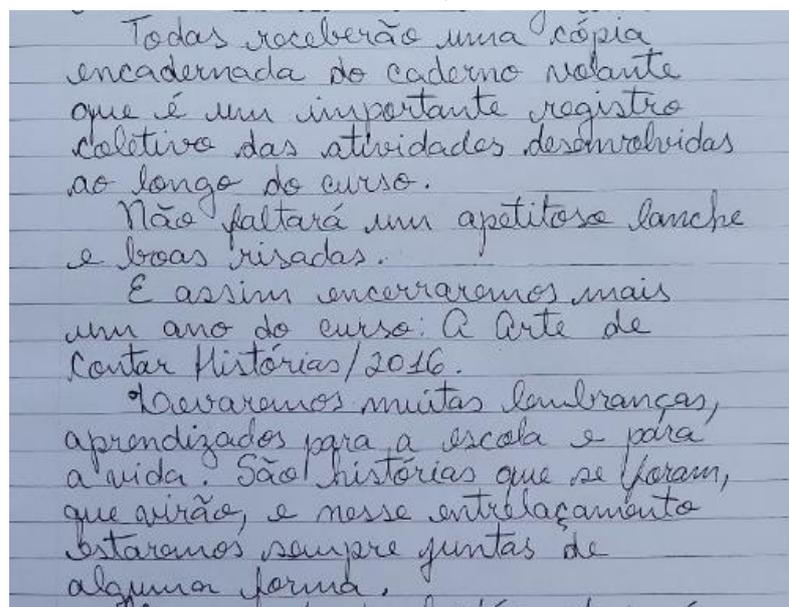
Figura 54 - Diários de Bordo com o registro completo da formação oferecidos como lembrança, ao final do curso



Fonte: acervos da autora, oriundos dos CVLOP do Núcleo Bandeirante e do Paranoá.

No seguinte trecho, temos o registro da entrega do Diário de Bordo como lembrança final pela visão de uma professora formadora.

Figura 55 - Relato do Diário de Bordo como lembrança, professora formadora do Núcleo Bandeirante, 2016



Fonte: Oficina Pedagógica do Núcleo Bandeirante, 2016

Fato é que a presença do Diário de Bordo durante a formação é elemento importante não só para o momento vivido, mas também para subsidiar futuras pesquisas, como está acontecendo agora. Até hoje, faço consultas no Diário de Bordo individual que produzi durante a formação, porque fazia questão de fazer o registro reflexivo a cada encontro que eu vivenciava e não somente quando ficava responsável para fazer o registro para toda a turma. Essa prática eu também adotei para registrar meus dias como professora.

Como o Diário de Bordo era uma construção coletiva pertencente ao CVLOP, solicitava-se que cada participante organizasse um Portfólio individual, para subsidiar futuras pesquisas, conforme podemos perceber pelo seguinte relato de uma professora que fez o curso em 2006:

Inclusive eu tenho guardado meu Portfólio até hoje. Na época, eu ainda não dominava a habilidade de digitar, editar textos e o meu Portfólio é todo manuscrito. Hoje, quando a gente olha para um trabalho que está manuscrito, ele tem um valor muito grande. Na época, eu achava que o meu não tinha tanto valor, justamente por ser manuscrito. Olha como esse movimento vai acontecendo. Eu fui guardando. Eram breves relatos das aulas e fui colocando um pouco de tudo o que a gente foi fazendo: os textos, fui guardando para ter essa memória. Esse Portfólio me ajudou muito na minha atividade docente com as crianças em sala. Era onde eu poderia recorrer para poder lembrar alguma técnica, alguma dinâmica que foi realizada. Eu guardei com muito carinho (Vieira, informação verbal, em vídeo, presencial, 17/8/2022).

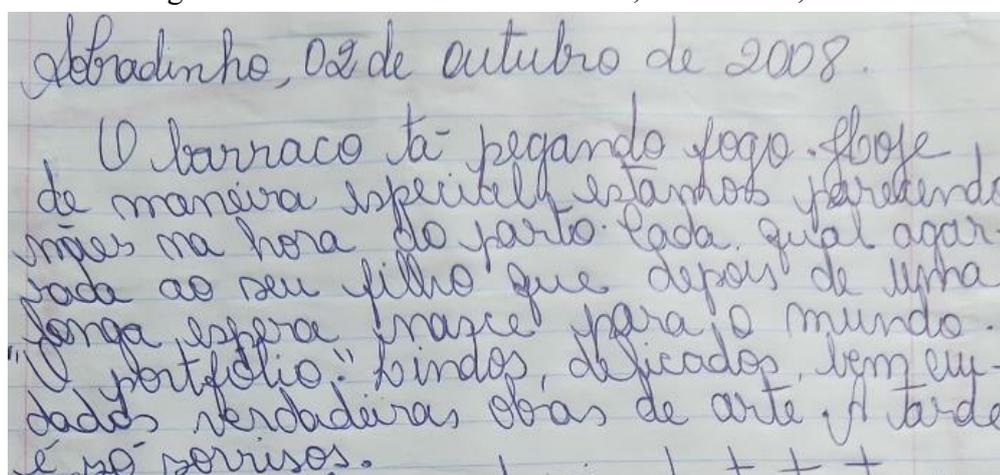
O Portfólio esteve presente desde a primeira turma, em 1999 (inclusive tive acesso a ele, por empréstimo da professora Aldanei Andrade). À medida que o curso foi se consolidando, era uma sugestão para acompanhamento da própria formação, como uma maneira de

autoavaliação da e do participante, além de constituir uma memória da turma que passaria a constituir o acervo daquele CVLOP. Para tanto, ainda no início do curso, essa temática era debatida, sendo iniciada com uma tempestade de ideias para responder a algumas questões, geralmente debatidas em grupo: O que é o Portfólio? Para que serve? Como construir? Como avaliar? O que é autoavaliação? Por fim, para sistematizar o debate, era feito o diálogo teórico, tendo por base, principalmente, os estudos de Benigna Maria de F. Villas Boas. Segundo ela:

O compromisso com a formação do aprendiz ativo, isto é, independente, que toma iniciativas, que sabe pesquisar e comunicar-se bem oralmente e por escrito e, portanto, capaz de inserir-se criticamente na sociedade, requer que a avaliação contribua para a organização de trabalho escolar que supere o paradigma tradicional (Villas Boas, 2001, p. 141).

A autora ainda esclarece que o Portfólio, como forma de autoavaliação, imprime maior autonomia ao estudante, favorece a criatividade, contribui para a construção da cidadania crítica e propicia a vivência, na prática, dos princípios da avaliação formativa, em que o aluno é autor da sua aprendizagem. Dessa forma, torna-se algo agradável de ser feito, havendo continuidade ao processo formativo. No trecho seguinte, a professora cursista manifesta o seu apreço pela obra criada, que ela compara a um filho.

Figura 56 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008



Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2008

No curso em estudo, a própria confecção da pasta do Portfólio é significativa, pois o professor e a professora cursista passam a ser os autores do suporte em que vai ser construído o seu Portfólio individual, criando um sentimento de pertencimento e um vínculo afetivo com a obra. À medida que fui entrando em contato com egressas do curso, tanto da formação de formadores quanto de participantes nas Regionais, para esta pesquisa, todas mencionaram ainda possuírem o Portfólio construído. Ao final do curso, em alguns CVLOP e em algumas edições,

era feita a exposição dos Portfólios confeccionados de modo que os pares podiam apreciar os trabalhos uns dos outros. A recomendação era de que todas as informações sobre o curso fossem sendo acrescentadas a essa pasta, que era também um memorial da formação, conforme relata a professora cursista no seguinte excerto:

Figura 57 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016

Houve a organização do Portfólio de cada cursista, data por data até chegar ao dia de hoje. Foi um momento de grande gratificação, pois podemos perceber o quanto crescemos e aprendemos. Este Curso está sendo um sucesso, pois ele permite aliar a teoria com a prática, tornando-se um curso prazeroso.

Fonte: Oficina Pedagógica de Samambaia, 2016

A confecção da pasta-memorial, suporte para o Portfólio do curso, é uma ação importante para o registro. Quando fui cursista, escolhi encadernar o meu com capa dura, dada à relevância que o curso teve na minha trajetória e a vontade que tive de deixar eternizado para futuras pesquisas. O trecho seguinte apresenta exatamente a autonomia que cada participante tem para organizar o seu Portfólio e o quanto a ação é enriquecedora.

Figura 58 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2015

Cada uma de nós saiu com sua pasta nas mãos, orgulhosas pela missão cumprida. Cada uma mais linda que a outra. A arte começou a brotar de nossas mãos, desde sua composição já temos o que contar e certamente essa pasta carregará muitos contos e encantos, pois essa história está apenas começando.

Fonte: Oficina Pedagógica de Samambaia, 2015

Nas imagens seguintes, o primeiro Portfólio, em capa dura, é o meu, produzido em 2007 e, na sequência, fiz mosaico com outras possibilidades de encadernação.

Figura 59 - Meu Portfólio do curso e outras possibilidades de pasta-memorial



Fonte: Acervo pessoal da autora (Meu Portfólio)



Fonte: Oficinas Pedagógicas de Brazlândia, Samambaia e Gama



Fonte: acervo da Oficina Pedagógica de Brazlândia

Esse “fazer com as próprias mãos” é algo presente em todos os encontros e merece maior aprofundamento, pois há quem veja de maneira controversa essa parte constitutiva do trabalho das Oficinas Pedagógicas.

4.2.3 *Manualidades/ Experimentações*

- *Vovó, como se lida com a dor?*

- *Com as mãos, querida!*

Se você fizer isso com a mente, a dor, em vez de diminuir, endurece ainda mais.

- *Com as mãos, avó?*

- *Sim. Nossas mãos são as antenas de nossa alma.*

Se você as faz se mover costurando, cozinhando, pintando, tocando ou afundando-as na terra, envia sinais de cuidado à parte mais profunda de você e sua alma se acalma porque você está prestando atenção nela.

Dessa forma, ela não precisa mais enviar dor para mostrar isso.

- *As mãos são realmente tão importantes?*

- *Sim, minha menina. Pense nos bebês: eles começam a conhecer o mundo graças ao toque de suas mãozinhas.*

Se você olhar para as mãos dos idosos, elas contam mais sobre suas vidas do que qualquer outra parte do corpo.

Tudo feito à mão se diz que é feito com o coração, porque realmente é assim: as mãos e o coração estão conectados.

Os massagistas sabem disso: quando tocam o corpo de outra pessoa com as mãos, eles criam uma conexão profunda.

E desta conexão vem a cura. Pense nos amantes:

quando suas mãos se tocam, fazem amor da maneira mais sublime

- *Minhas mãos, avó... quanto tempo não as uso assim!*

- *Mova-as, minha menina! Comece a criar com elas e tudo dentro de você se moverá.*

A dor não passará. Mas se tornará a melhor obra-prima.

E não vai doer mais. Porque você conseguiu bordar sua essência.

(Elena Bernabè 2021, referência videográfica)

Os trabalhos manuais sempre estiveram presentes no percurso histórico da humanidade. Para auxiliar as pessoas em suas tarefas, vão sendo criados utensílios e ferramentas diversas, além dos itens para adorno ou enfeite. Em sua clássica obra “O Artífice”, Richard Sennet (2012) acentua o valor do trabalho com as mãos e sua interconexão com a mente. Para ele, “o cérebro recebe do toque da mão informações mais confiáveis que as imagens do olho” (Sennet, 2012, p. 170), já que o fazer com as mãos é uma forma de pensar: “o pensamento e o sentimento estão contidos no processo do fazer” (Sennet, 2012, p. 17). Nesse contexto, *homo faber* e *homo sapiens* são indissociáveis, contrariamente ao que se convencionou nos últimos séculos, com a supervalorização da ideação em detrimento da execução. Como reflexo disso, também a escola costuma supervalorizar o aspecto cognitivo, deixando o “fazer” e o “sentir” relegados a segundo plano, como já vimos. A seguinte passagem apresenta a percepção da professora cursista sobre a confecção do dia, acrescentando suas próprias sugestões e o sentimento de superação que, geralmente, o “fazer com as próprias mãos” pode evocar.

Figura 60 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016

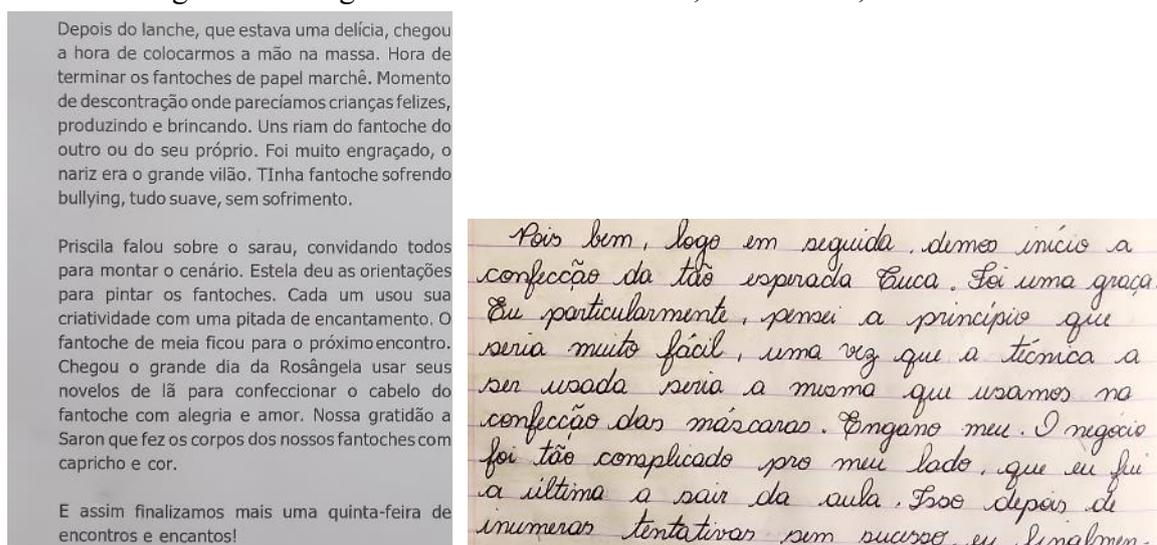
REALIZAMOS MAIS UMA ATIVIDADE MUITO LEGAL, UM CARTÃO DE DOBRADURA MUITO LINDO, COM ESSA IDEIA VOCÊ PODE FAZER UM ÁLBUM DE FOTOS, MONTAR UMA HISTÓRIA, EM FIM DEIXE ROLAR A CRIATIVIDADE, QUE É CARTÃO DE VISITAR DESTE CURSO É LEVAR CADA UM DOS CURSISTA PERCEBER QUE TODOS SOMOS CAPAZ BASTA DEIXAR O CAMINHO LIVRE PARA A CRIATIVIDADE, IMAGINAÇÃO E TUDO DA TERRA DO ERA UMA VEZ.....

Fonte: Oficina Pedagógica de Samambaia, 2016

Na contemporaneidade, o fazer manual, além de ressonância com a ancestralidade humana, representa um símbolo de resistência e memória. Em meio a tanta velocidade, o ato de criar com as mãos reacende vínculos com o tempo, com o corpo e com o mundo. Autores brasileiros como Cecília Salles (1998) e José Jorge de Carvalho (2022) reconhecem no fazer artesanal uma forma legítima de produção de conhecimento, enraizada na tradição, na autoria, no compartilhamento de saberes entre gerações.

De forma análoga, podemos dizer que existe, no trabalho das Oficinas, uma tradição, na medida em que os saberes-fazer são compartilhados entre as veteranas e as professoras formadoras recentes. Não é algo estático, como temos visto; vão sendo feitas ressignificações. A parte prática da formação, que integra a aprendizagem vivencial, é uma marca importante nos cursos oferecidos, e é por meio das manualidades que se busca a integração entre pensar-fazer-sentir. A *poiesis* se faz presente no ato de confeccionar, consistindo na experiência estética do cotidiano (Maffesoli, 1998, p. 107). Tal vivência pode ser positiva ou não, uma vez que há pessoas com habilidades manuais pouco desenvolvidas e podem se defrontar com essa situação durante as propostas formativas. Há posturas diversas: algumas pessoas querem encarar o desafio e vencê-lo; outras, porém, sentem-se desconfortáveis diante das limitações. Nesses casos, a *expertise* das professoras formadoras faz a diferença, sempre na perspectiva de apoiar as e os professores cursistas, estimulando também o auxílio mútuo entre as e os participantes, em uma postura de colaboração. Há ainda pessoas que, literalmente, deliciam-se nessa parte da aula. Os seguintes fragmentos exemplificam algumas das situações vivenciadas:

Figura 61 - Fragmento do Diário de Bordo, Sobradinho, 2019 e 2003



Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2019

Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2003

Desde a Escola Nova, que defendia a aprendizagem por meio da experiência, estabeleceu-se a importância dos objetos didáticos como facilitadores do ensino, os quais já receberam diversas nomenclaturas, como objetos escolares, recursos didáticos, objetos de ensino. Na realidade investigada, é comum o emprego de “recursos lúdicos.” O projeto que hoje conhecemos como CVLOP teve por nome inicial: “Faça você mesmo!”, o qual é autoexplicativo. À época, diante da dificuldade de se ter recursos disponíveis para enriquecimento do fazer pedagógico, estabeleceu-se o princípio da própria confecção, empregando materiais alternativos (sucatas) para a produção do material concreto, especialmente jogos a serem utilizados em sala de aula, como vimos. Esses processos de confecção foram sendo reconfigurados com o passar do tempo, conforme nos apresentam as autoras do texto: “Materiais para o ensino e a aprendizagem de matemática e os Centros de Vivências Lúdicas: Oficinas Pedagógicas da rede pública de ensino do Distrito Federal (1986-2019)”. A primeira autora deste texto, Mônica Menezes, atuou como professora formadora do CVLOP do Plano Piloto por considerável período.

Nos dois primeiros decênios do século XXI, a rede pública de ensino passou por discontinuidades de propostas curriculares, devido a mudanças partidárias de governos. Porquanto houve mudanças curriculares e conceituais em 2002, 2008, 2010, 2014 e 2018 e as OPs tenham se adequado a essas mudanças, mais uma vez, salientamos, elas não se desprenderam de seu referencial de ludicidade. [...] a longevidade das OPs no sistema público de ensino do DF se deveu a sua capacidade de moldar seu trabalho às políticas educacionais locais e nacionais, porém assegurando aos professores um espaço/tempo de atenção, de ludicidade, de acolhimento e de reflexão sobre suas práticas. Ao discorrermos sobre um lugar específico de formação que não está configurado como uma escola, um centro de formação ou uma universidade, e sim como um “projeto” que se torna depois um “centro de vivências”, percebemos que os nomes carregam em si uma relação entre

uma representação e uma possibilidade de ser/estar. Assim, pelo que expusemos, as OPs se tornaram um “projeto concreto”, a materialização de um intento, um sonho e, depois de elas serem denominadas como centro de vivências, o trabalho realizado nas OPs indicou uma centralidade não só no processo de ensino, mas no de aprendizagem, de maneira que o trabalho em sala de aula possa ser uma manifestação do estar vivo, ou seja, a sala de aula como espaço/tempo de construção, de pensamento de experiência e de interação (Souza; Batista, Carvalho, 2019, p. 10-15).

Como as autoras refletem, a experiência dos CVLOP se tornou um projeto concreto, embora ainda apresente fragilidades para seguir existindo. No entanto, sua marca pode ser compreendida como a versatilidade e a flexibilidade das profissionais, que, atentas ao momento sócio-histórico, se adequam às necessidades do momento vivido, tornando-os espaços caros de acolhimento e atenção ao professor e à professora - lugares privilegiados para se discutir a prática pedagógica e proporcionar a troca de experiências. No excerto seguinte, a professora cursista reflete sobre a importância da produção como um ato que vai além da confecção para utilizar em sala de aula, sendo algo impregnado de sentido e significações subjetivas.

Figura 62 - Relato do Diário de Bordo, Brazlândia, 2016

Após o momento da partilha nos dirigimos para o ateliê, onde realizamos nossas artes. O objetivo naquele momento era finalizar o baú e confeccionar a lata de versos para os que não o fizeram no dia proposto. Neste momento foi possível admirar e colaborar com o trabalho do colega; tivemos apoio de material didático; utilizamos vários recursos como: cola, estilete, papel de pão, tecido, dentre outros materiais para fortalecer a estrutura da caixa e encapar as mesmas. Empenhamos também todo nosso amor, carinho e dedicação na confecção destes recursos (tanto a caixa quanto a lata), pois o objetivo maior não é apenas utilização pedagógica, mais também transmitir aos alunos os sentimentos que lhe foram empregados no ato de sua construção. Para quem havia terminado uma das representantes do curso, Aldanei nos ensinou a realizar uns livrinhos, utilizando apenas cortes e encaixes.

Fonte: Oficina Pedagógica de Brazlândia, 2016

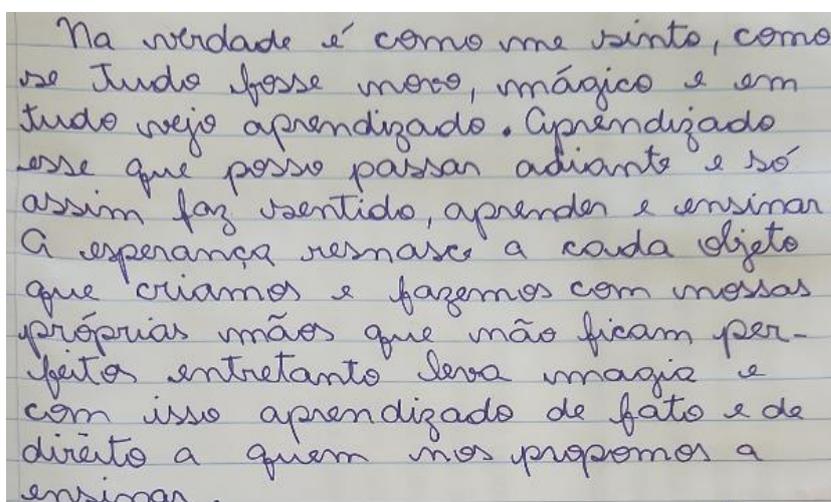
A preocupação com a parte prática da formação mantém-se presente, como uma das características importantes que configuram a metodologia desenvolvida pelos CVLOP, em que o professor e a professora cursista colocam a “mão na massa” e produzem os recursos para a contação de histórias ou fazem experimentações/vivências de propostas de contações de histórias coletivas ou individuais. Como afirma Freire (1987, p. 72): “[...] estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente”.

Ainda com relação ao “fazer”, cabem algumas reflexões: em uma sociedade que pouco aprendeu a valorizar o trabalho manual e que caminha para uma existência cada vez mais digital e tecnológica, o que temos feito com as mãos? Temos usado para outros fins que não seja o uso de aparelhos eletrônicos? Fato é que muitos trabalhos manuais apresentam algo de terapêutico e, por isso mesmo, há diversas aplicações na arteterapia, já que expressa um ato de liberdade, independência e criatividade. Criam-se memórias, eleva-se a autoestima de quem produz, cria-se vínculo e a sensação de pertencimento. Ecléa Bosi (2004, p. 170-172) argumenta:

Creio que há vinculações profundas entre a atenção e o trabalho manual. [...] Mesmo no gesto tão simples de modelar um patinho de barro a criança experimenta o sentimento de criar uma coisa do princípio ao fim com as próprias mãos. [...] O trabalho manual faz parte da verdade e do conhecimento; as mãos que servem e limpam, que fazem e transformam, penetram a natureza das coisas. Tem uma afinidade com o concreto, mesmo quando o trabalhador carente ou fatigado não consegue expressar em outros níveis o que sente [...] O trabalho manual assim praticado não é servidão, mas criação, transformação da natureza, produção artística, técnica do corpo, enfim, presença do homem no mundo.

As atividades manuais facilitam o engajamento com a tarefa, favorecendo a concentração e a manutenção do foco, transformando matérias em arte. É o caso, por exemplo, do origami. Uma simples folha de papel pode se transformar em inúmeras figuras para contar histórias. A energia presente na noção: “Eu que fiz” é algo que promove orgulho pelo feito, no sentido de descobrir do que a pessoa é capaz, algo que acende o brilho no olhar, empregando de entusiasmo os dias. Quanto de ludicidade se vivencia ao produzir o próprio recurso para contar uma história? Chega a ser difícil traduzir em palavras aquilo que a vivência permite sentir, assim como tentou expressar a professora cursista no seguinte fragmento:

Figura 63 - Relato do Diário de Bordo, São Sebastião, 2016

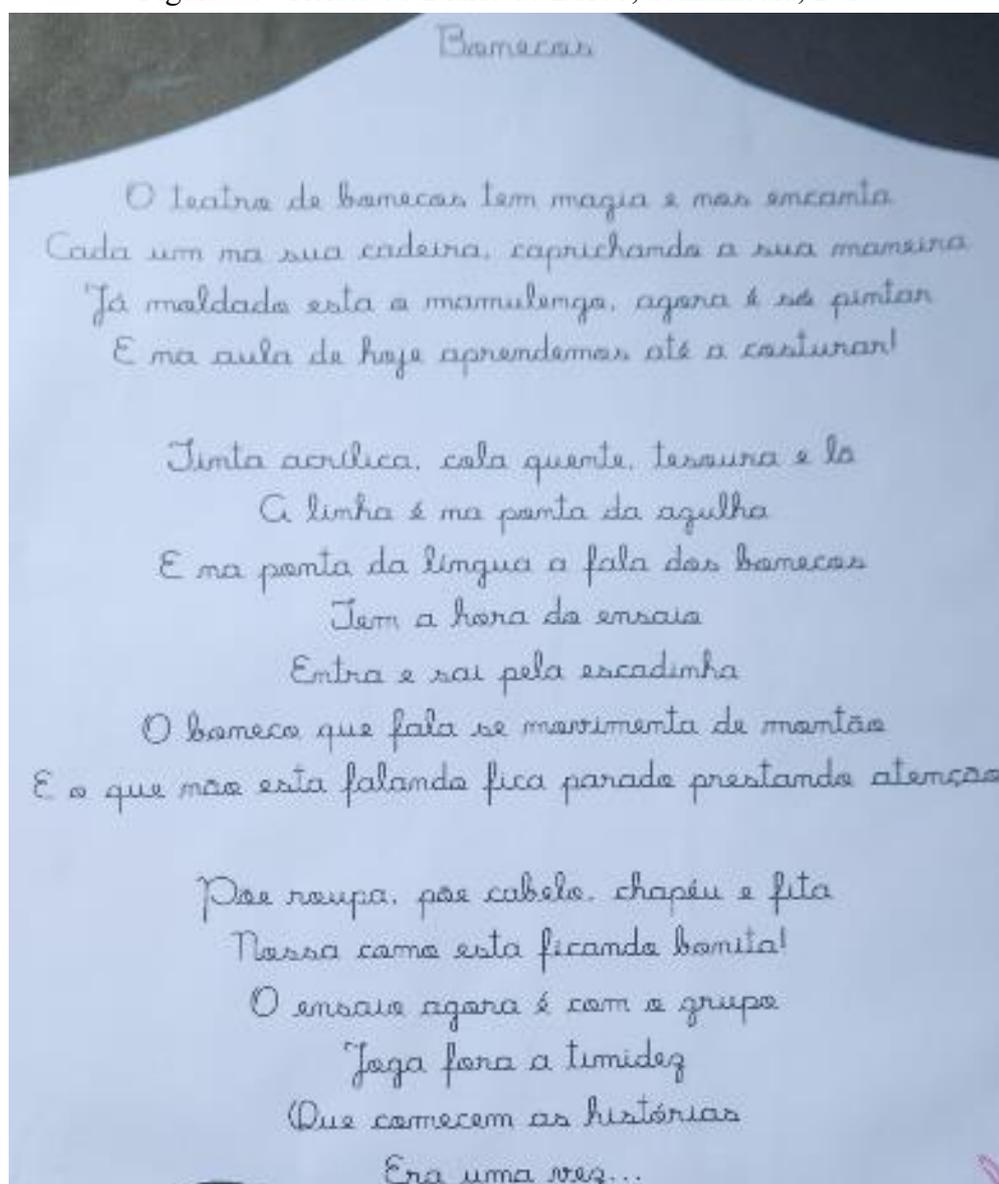


Na verdade é como me sinto, como se tudo fosse mágico, mágico e em tudo vejo aprendizado. Aprendizado esse que posso passar adiante e só assim faz sentido, aprender e ensinar. A esperança resmase a cada objeto que criamos e fazemos com nossas próprias mãos que não ficam perfeitos entretanto leva magia e com isso aprendizado de fato e de direito a quem nos propomos a ensinar.

Fonte: Oficina Pedagógica de São Sebastião, 2016

No processo do despertar do contador de histórias que habita as pessoas, é claro que o foco não será a produção de recursos. Havemos de focar na importância da narrativa, objetivo principal e que deve estar sempre em vista. No entanto, entendendo que esse despertar é algo único e pessoal, cabe aos e às professoras formadoras propiciarem experiências diversas para que as participantes possam ir se constituindo contadoras de histórias. É preciso que cada uma encontre o seu caminho e, para isso, as experimentações são fundamentais. A presença de recursos para a contação de histórias, produzidos pelas participantes, é apenas mais um gatilho para as descobertas que se fazem necessárias nesse processo. Sobre uma aula que acontece em praticamente todas as edições do curso, com o tema de confecção e manipulação de fantoches, o excerto seguinte apresenta, poeticamente, o registro da participante:

Figura 64 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016



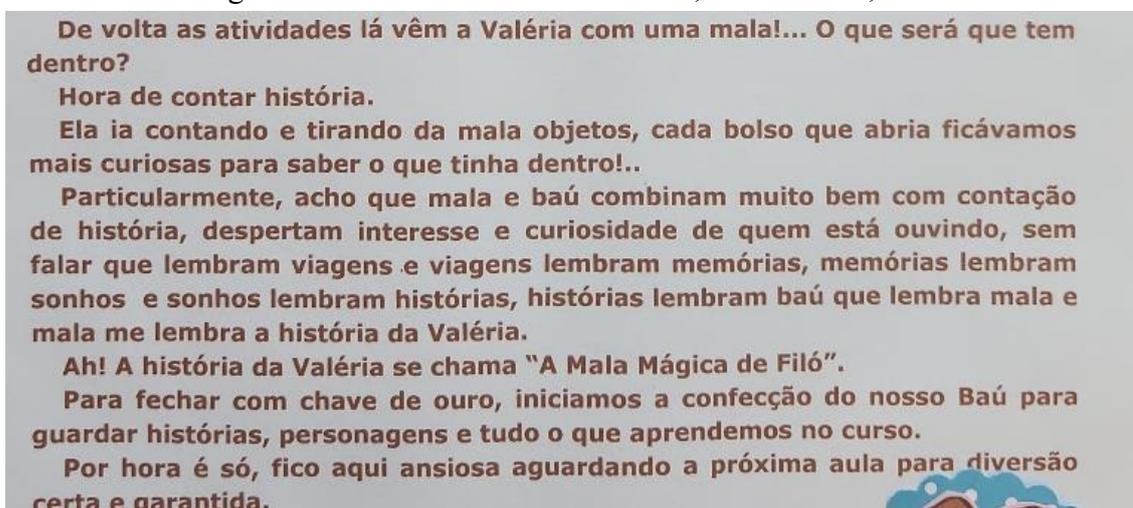
Fonte: Oficina Pedagógica de Samambaia, 2016

Walter Benjamin compara o narrador tradicional ao artesão, já que contar histórias é um ato semelhante ao trabalho manual, pois envolve um processo de criação individual e conhecimento das práticas e das tradições. Nas palavras dele: “a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação [...] Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 2012, p. 221). Em concordância com o autor, podemos dizer que o ato de contar histórias está, desde a sua gênese, imbricado com várias linguagens das artes, em que o ato de narrar é, em si, um ato artesanal. São os narradores e narradoras: as e os “artífices da palavra”.

4.2.3.1 *Produção de destaque: Baú ou Mala de Contação de Histórias*

Entre tantas sugestões de produção presentes no curso, cabe destaque o baú ou mala do contador de histórias. Mas por qual razão é importante a contadora de histórias possuir uma mala? Em primeiro lugar, trata-se de um objeto cênico. Desperta o interesse, a curiosidade e o imaginário da plateia. O que será que vai sair da mala? Uma possibilidade é que estejam os livros das histórias que serão contadas, afinal há projetos intitulados “Mala do Livro”. Outra possibilidade é que estejam guardados os demais objetos cênicos ou recursos para a contação da história escolhida. O emprego de objetos visuais pode colaborar para prender a atenção das e dos espectadores e facilitar a compreensão daquilo que está sendo narrado, tudo vai depender do que a história propõe. É ela quem orienta as escolhas. O excerto seguinte apresenta a percepção de uma professora participante, narrando a curiosidade que uma mala pode despertar quando inserida em um espaço de contação de histórias.

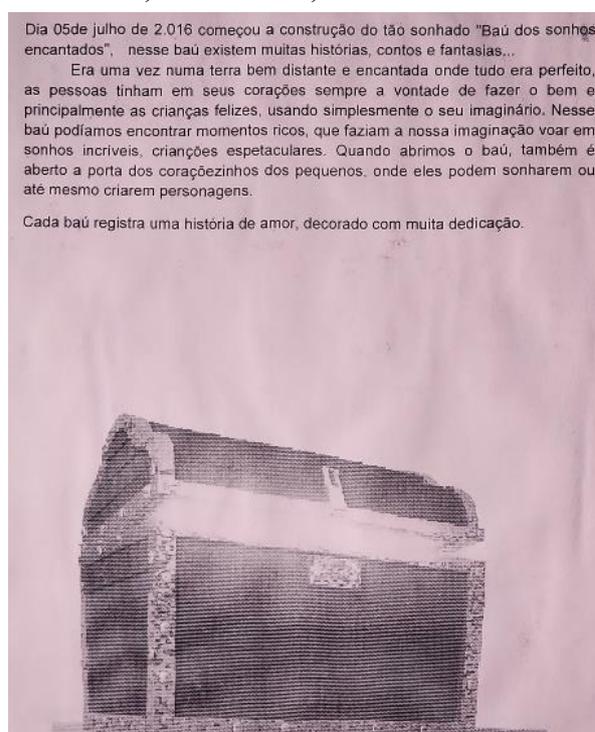
Figura 65 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016



Fonte: Oficina Pedagógica do Plano Piloto, 2016

A confecção dessa peça também pode aflorar os sentimentos de pertencimento, de conexão, de satisfação ao se concretizar a ação. Nem sempre é possível terminar a confecção no dia do encontro e muitas participantes acabam finalizando em casa e customizando o seu baú da maneira que mais lhe tocam. Nos fragmentos seguintes, são notáveis o engajamento e os afetos ativados pela confecção do baú, que pode abrigar as histórias, porém, mais do que isso, materializa algo potente na formação: o sentimento de autoria e de cumprimento da tarefa, seja individualmente ou com a colaboração dos colegas.

Figura 66 - Relato do Diário de Bordo, Samambaia, 2016



Fonte: Oficina Pedagógica de Samambaia, 2016

O uso de recursos durante a contação de histórias pode favorecer a *performance*, promovendo o engajamento entre o contador de histórias e a plateia. No entanto, é importante esclarecer que é preciso experimentar antes, fazer uma boa preparação, realizar ensaios, para que o uso de recursos não se sobreponha àquilo que é mais importante: a história narrada. Como objeto cênico, a mala ou baú de histórias contribui para se criar uma atmosfera a fim de se adentrar no universo da contação de histórias. Ao ser aberto, espalha-se pelo ambiente o pó de *pirilimpimpim*. Essa confecção, fazendo o reaproveitamento de caixas, é tão conhecida pelos participantes que, já no início do curso, há quem pergunte quando será feito o baú ou a mala. Nas imagens seguintes, há o baú e a mala de histórias que eu mesma confeccionei e customizei

com bastante colorido, pois me é um gosto particular. Já os baús de Brazlândia têm características bem diferentes, com as marcas de quem os produziu.

Figura 67 - Baú e mala do contador de histórias



Fonte: acervo pessoal da autora

Acervo do CVLOP de Brazlândia

O registro seguinte apresenta, por meio de um texto rimado, o envolvimento de todos com a tarefa e, mais do que isso, os afetos, em várias camadas, que emergem da experiência.

Figura 68 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2017

CAIXAS E MAIS CAIXAS

COLA, RECORTA, PREGA, ARRUMA...
ASSIM É QUE SE VAI CONFECCIONANDO A TAMPA DE UMA CAIXA
CAIXA ESSA...QUE TEM A NOSSA CARA
E PORTANTO, UMA BELEZA RARA.

UMA COLEGA AJUDA DAQLL...
OUTRA DALL...
E É NESSE ENREDO QUE VAMOS CONHECENDO O VERDADEIRO
VALOR DA SOLIDARIEDADE...DA AMIZADE...

CADA UMA FAZENDO SUA PRÓPRIA TAMPA
COM DIFERENTES ESTAMPAS
QUANTA DIVERSIDADE...
QUANTA CRIATIVIDADE...

QUEM DIRIA QUE AO FAZER A TAMPA DE UMA CAIXA
TANTA COISA IRIAMOS APRENDER...
ALÉM DO TRABALHO MANUAL,
ESTAMOS CADA VEZ MAIS A NOS CONHECER.

CAIXAS E MAIS CAIXAS
VÃO SENDO CONCLUÍDAS
E COM TANTO CAPRICHIO E DEDICAÇÃO
O RESULTADO NÃO PODERIA SER OUTRO...
TODAS FICARAM UMA PERFEIÇÃO!

E ASSIM ...A NOSSA CAIXA, AGORA FINALIZADA
IRÁ FAZER COM QUE FIQUEMOS MAIS ORGANIZADAS
PARA QUE QUANDO O CURSO CONCLUIR,
POSSAMOS COM ORGULHO...
MOSTRAR TODOS OS TRABALHOS QUE GUARDAMOS BEM ALI.

Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2017

4.2.3.2 *Produções diversas*

A produção/experimentação do dia costuma dialogar com outros elementos do encontro, buscando estabelecer conexões entre todos os pontos planejados. Presente em todas as gerações do curso, está a criação dos fantoches - de caixa de fósforo, de origami, de papel machê, de feltro, de meia, de sucata - com caixa de leite, com pasta de dente, com garrafa pet, com vidro de amaciante - e as encadernações usadas como suporte para produção de texto e criação de livros coletivos. Na sequência, seguem fotos de alguns recursos já produzidos em diferentes edições. Convém ressaltar que são possibilidades, registros do vivido. Não há regras estabelecidas: as professoras formadoras têm a liberdade de fazerem suas escolhas, conforme os objetivos da aula e a disponibilidade de materiais, nem sempre presentes de igual maneira em todos os CVLOP. Tais produções podem ter acontecido em alguma edição do curso, em algum CVLOP e pode haver produção que não esteja elencada nesta lista. Trata-se de um inventário de possibilidades.

Figura 69 - Inventário de produções - Algumas possibilidades de recursos produzidos





Dedoches



Flanelógrafo



Fantoches de colher de pau



Fantoches de meia



Teatrinho para dedoches



Boneca porta-recado



Fantoches de caixa de fósforo



Máscara de rosto com pratinho de papelão



Fantoches de papel machê



Dobraduras diversas



Fantoche de luva



Poemas enlatados



Teatro de sombras



Teatro de silhuetas



Avental para contação de histórias



Fantoche de TnT (sapo)



Fonte: acervo pessoal da autora

4.2.4 *Lanche Colaborativo*

A vivência do trabalho coletivo na formação continuada vai se constituindo de várias formas, inclusive com o convite para o lanche colaborativo, no primeiro encontro, organizado pelas e pelos docentes. Em muitas Oficinas, é feita a leitura compartilhada deste trecho de Madalena Freire (1998, p. 23-24):

É comendo junto que os afetos são simbolizados e expressos, representados, socializados; pois comer junto é também uma forma de conhecer o outro e a si próprio. A comida é uma atividade altamente socializadora num grupo, porque permite a vivência de um ritual de oferta. Exercício de generosidade. Espaço onde cada um recebe e oferece ao outro o seu gosto, seu cheiro, sua textura, seu sabor. Momentos de cuidado, atenção. O embelezamento da travessa em que vai o pão, a forma de coração de bolo, a renda bordada no prato... frio ou quente? Que perfume falará de minhas emoções? Doce ou salgado? Todos esses aspectos compõem o ritual do comer junto, que é um dos ingredientes facilitadores da construção do grupo e da amizade. No exercício disciplinado de instrumentos metodológicos, educa-se o prazer de se estar vivendo, conhecendo, sonhando, brigando, gostando, comendo, bebendo, imaginando, criando e, principalmente, aprendendo juntos.

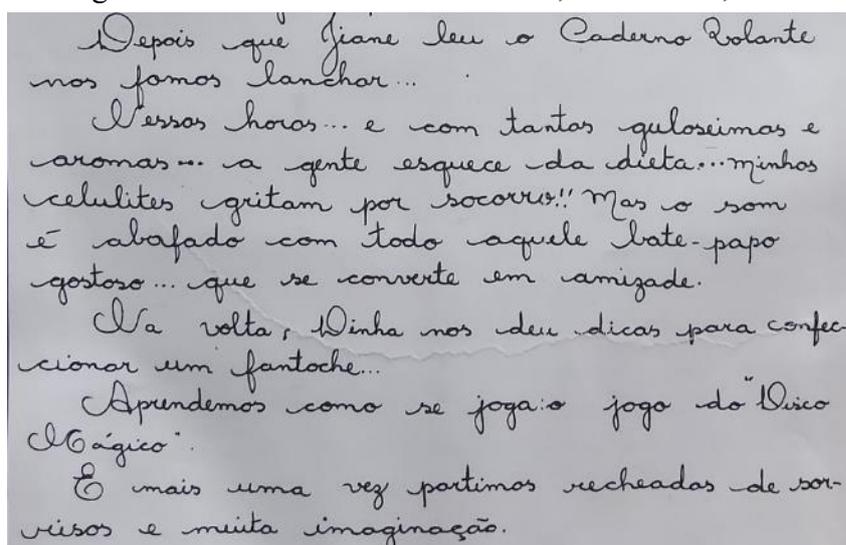
Os cerca de 15 minutos destinados ao lanche constituem um momento de encontro, de descoberta de sabores, de capricho. Havia dias em que os responsáveis preparavam uma *performance*, outros em que levavam lembrancinhas, faziam discursos, sempre preservando a autonomia das escolhas. O registro desse momento faz-se presente com generosa atenção na maioria dos relatos dos Diários de Bordo a que tive acesso. É um momento que se integra à formação de maneira orgânica, e ao inserir os princípios da educação integral, constitui uma importante experiência sensorial. Afinal, “Esses instantes em que os homens tomam cafezinho, em que as operárias da linha espiam os livros caros expostos no pátio, são momentos impregnados de vida. De vida que se infiltra lá fora entre as grades de ferro, agitando

esperanças, semeando projetos” (Bosi, 2004, p.182). No evento II Pré-estreia do documentário (5ª Roda Memográfica, 31/5/23), a professora formadora Jeane Rodrigues revelou:

A gente vivenciou uma época em que as pessoas faziam bolo pra levar pro lanche. Tinha chocolate quente de amendoim. A gente trocava receitas, não era, Marias? [...] Alguém levava uma coisa gostosa para dividir e a pessoa acordava mais cedo ou fazia num dia anterior, sacrificando a rotina dela, mas cheia de prazer para dividir ali. Estas narrativas são muito importantes (Silva, participação na 5ª Roda Memográfica - presencial, 31/5/2023).

Coincidentemente, o excerto seguinte é de uma cursista da professora Jeane Rodrigues e, pelo registro de quem recebe a formação, podemos ter uma ideia do quanto a pausa para este momento vai além de uma simples refeição para nutrir o corpo, pois há nutrição de almas no “bate-papo gostoso, que se converte em amizade”. O trabalho das Oficinas, como temos visto, vai além da discussão de técnicas pedagógicas. Nele, estabelecem-se vínculos, é um lugar dos afetos, de abertura ao sentir - tantas vezes abafada pela escola que nos formou.

Figura 70 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2008



Depois que Jeane leu o Caderno Rolante nos fomos lanchar...
 Nessas horas... e com tantas guloseimas e aromas... a gente esquece da dieta...minhas celulites gritam por socorro!! Mas o som é abafado com todo aquele bate-papo gostoso... que se converte em amizade.
 Da volta, Dinha nos deu dicas para confeccionar um fantoche...
 Aprendemos como se joga o jogo do "Disco Mágico".
 E mais uma vez partimos recheadas de sorrisos e muita imaginação.

Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2008

Rubem Alves (2012, p. 28), em sua crônica “Cozinhar”, discorre: “os textos sagrados dizem que, quando Deus voltar à terra do seu exílio, a sua presença será servida como um banquete: todos reunidos à volta de uma mesa, comendo, bebendo, conversando, rindo... Deus se dá como comida”. O autor cita o filme a Festa de Babette, ainda como fundamentação do seu argumento, destacando que a feiticeira, por meio da culinária, teria transformado uma aldeia de pessoas amargas em crianças, defendendo a ideia de que comer é um ritual mágico. Como Jeane Rodrigues exemplificou, formadoras e cursistas do curso “A Arte de Contar Histórias” sabem disso de experiência vivida. Assim se manifestou a professora formadora Estela Souza:

A gente nunca sabe tudo, estamos sempre aprendendo, mas a gente estuda muito. Lá [referindo-se à Oficina] é um lugar de uma troca muito rica. Começa pela formação, começa pelo nosso lanche pedagógico, né? Esse comer junto, que tantas pessoas vieram antes da gente, tantos antropólogos, tantos psicólogos [...] A gente sabe que isso faz muita diferença. Esse comer junto, esse estar junto, esse vivenciar. O fazer, então, é uma coisa muito especial, para a gente que conhece a Oficina Pedagógica, conhece o trabalho, sabe que não é à toa, que isso realmente muda, transforma (Souza, informação verbal, em vídeo, presencial, 22/11/2022).

Propiciar experiências por meio dos sentidos (estésicas) é também um alcance do trabalho das Oficinas Pedagógicas. São vários os momentos de partilha de receitas, de apreciação de sabores e texturas, em estado de conagração com os pares. Cheiros que se espalham pelo ambiente, sendo uma oportunidade para traçar diálogos, olhar no olho, promover a aproximação entre os e as participantes, como se pode notar pelo excerto seguinte:

Figura 71 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016

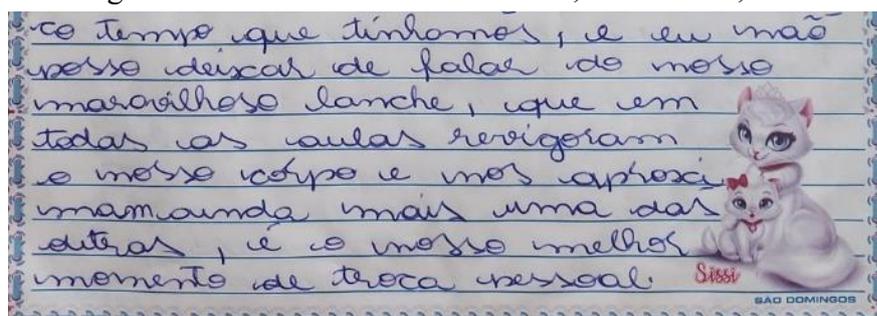
poucos e paramos apenas para a HORA DO LANCHE!!!!
 Que lanche delicioso!!!!... A Sílvia chegou um pouco antes, para nos trazer um delicioso bolo de cenoura com cobertura de chocolate...Hummmmm (Ela não pode ficar, em virtude de um probleminha de saúde nos olhos, chegou antes e nos apresentou sua filha, que é uma bonequinha)... A Cícera trouxe uma PETA especial que derreteria na boca !!!!Não dava vontade de parar de comer...Fresquinha!!!Tinha também Guaraná e Café!!! Muita conversa e alegria!!!!
 Depois ouvimos as histórias dos cubos!!!! Que amor a Marilda com a história da fadinha, a Ana com a história de uma história e a Cícera e a história de uma centopeia e seus sapatinhos, com direito a uma linda centopeia de brinquedo reciclado... centopéia de caixa de ovo!!!!Foi show amei as histórias!!!
 Mas detalhe...NÃO TINHA ÁGUA!!!
 Mãos com cola, mas o rosto cheio de alegria...

Fonte: Oficina Pedagógica do Plano Piloto, 2016

É uma rotina que passa a integrar organicamente o curso e as participantes se engajam e defendem esse momento de “pausa”. Já houve turmas com a preocupação de preparar lanche para incluir todos, inclusive quem tem restrição alimentar, como intolerância à lactose ou ao glúten. São momentos de partilha e doação. Alimentar-se e compartilhar o alimento fazem parte da vida social e cultural, contribuindo para o estreitamento dos laços e fortalecimento das relações. Há, inclusive, quem defenda ser “o melhor momento para troca pessoal”:

Figura 72 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2019

o tempo que tínhamos, e eu não
 posso deixar de falar do nosso
 maravilhoso lanche, que em
 todas as aulas revigoraram
 o nosso corpo e nos aproxima
 mamanda mais uma das
 outras, e o nosso melhor
 momento de troca pessoal.



Sissi
 SAO DOMINGOS

Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2019

Como defendem Flandrin e Montanari (1998, p. 82):

O homem civilizado come não somente por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas também (e sobretudo) para transformar essa ocasião em um momento de sociabilidade, em um ato carregado de forte conteúdo social e de grande poder de comunicação.

Sendo assim, a proposição do momento do lanche como integrante do planejamento do curso nos leva a vivenciar um momento prazeroso, que conecta herança cultural, sociabilidade e construção de memórias afetivas junto ao grupo.

4.2.5 Projetos de contação de histórias e/ou leitura nas escolas

A proposta do desenvolvimento de projetos no local de atuação se faz presente desde o início da oferta do curso para a rede. Tendo em vista que estamos falando do início dos anos 2000, a Pedagogia de Projetos, à época, era um tema em expansão, apesar de não ser tão jovem. Trata-se de uma temática já proposta por John Dewey, que defendia uma educação viva, centrada no estudante, pautada em experiências reais, em uma indissociabilidade entre teoria e prática nos processos de ensino.

Apesar de ter seus princípios a partir dos escolanovistas, no Brasil, a Pedagogia de Projetos começa a ganhar destaque no final do século XX, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996. Trata-se de uma prática educativa que, buscando estratégias mais participativas e integradoras, contribui para que os estudantes sejam ativos nos processos de aprendizagem. Há uma aula específica sobre os princípios da Pedagogia de Projetos, no início do curso, como subsídio para que as e os participantes possam desenvolver os projetos em seus locais de atuação (os quais devem ser executados individualmente ou em parceria com pessoas da mesma instituição de ensino). É realizado um debate a partir de uma síntese sobre a temática que apresenta: introdução, características dos projetos de trabalho - planejamento, tema, problematização, pesquisa, sistematização e produção, divulgação, avaliação. No início do segundo semestre, faz-se uma retomada sobre o desenvolvimento do projeto e um breve levantamento de como está o andamento nas escolas. Nesse momento, as professoras formadoras colocam-se à disposição para apoiar quem está tendo dificuldade em estruturar o projeto, seja com ideias, seja com apoio na execução das ações planejadas.

Com o tempo e as novas edições do curso, a temática é revisitada, são convidados novos autores e os estudos ampliam o debate. À medida que o tempo vai passando, o tema se torna mais conhecido e presente nas vivências das e dos docentes, em comparação com o início dos

anos 2000, quando o curso foi implementado em rede. Pelo excerto seguinte, é possível ter uma noção da diversidade de projetos que surgem nas escolas.

Figura 73 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016

No segundo momento fomos para as apresentações dos projetos, e como é bom ver o empenho e dedicação que cada uma colocou para que os projetos fossem desenvolvidos de maneira satisfatória nas escolas. Teve a Cícera com o seu "Era uma vez", a Silvia com a tentativa de organizar a biblioteca da escola, a Juliana promovendo a autonomia dos seus alunos, Ana com seus livros coloridos trabalhando com valores, Raquel com sua equipe levando alegria para as escolas do Paranoá, Valéria contando histórias o pátio, Márcia mostrando os lindos desenhos dos seus alunos, e eu que relatei um pouco sobre o trabalho desenvolvido com a temática cidadania. Quanta coisa bacana!!!

Fonte: Oficina Pedagógica do Plano Piloto, 2016

Houve casos em que o projeto foi reverberando, ganhando adeptos, e alguns passaram a compor a Proposta Pedagógica (PP)⁹¹ da instituição em que aconteceu. Houve, inclusive, projetos desenvolvidos nas Salas de Leitura/ Bibliotecas Escolares ou por orientadoras educacionais que acabaram envolvendo a escola toda. Também ocorreram projetos que ultrapassaram os muros escolares, como é o caso do "Roedores de Livros"⁹², que nasceu com a experiência do curso e, hoje, consolidado, é referência nacional sobre incentivo à leitura, já tendo várias reportagens - inclusive na Revista Nova Escola - e cadastro no site do MEC. O seguinte fragmento expressa que a cursista já estava colhendo frutos do projeto, algo registrado por vários participantes também.

Figura 74 - Relato do Diário de Bordo, Plano Piloto, 2016

Essa foi a primeira vez que pego esse diário...talvez seja a última. Então deixe-me logo dizer minhas palavras: Entrei no curso com o coração alegre por poder frequentá-lo. Do curso saio com o coração encantado. O curso me possibilitou buscar minhas raízes... A primeira história que aqui contei foi do menino negro que tinha o sonho de conhecer as terras da África. E esse curso me desafiou a realizar um projeto de contação de histórias. E esse projeto foi recebido por minha escola de coração aberto; AS HISTÓRIAS DA ÁFRICA CONTADAS NA LITERATURA INFANTIL. E nas histórias por mim contadas muitos frutos estão nascendo... Sim já estou colhendo frutos. Desde um abraço mais gostoso...mais maravilhoso...mais

Fonte: Oficina Pedagógica do Plano Piloto, 2016

⁹¹ Anteriormente intitulado como Projeto Político-Pedagógico, teve a nomenclatura alterada e mencionada no Currículo em Movimento do DF – etapa Educação Infantil.

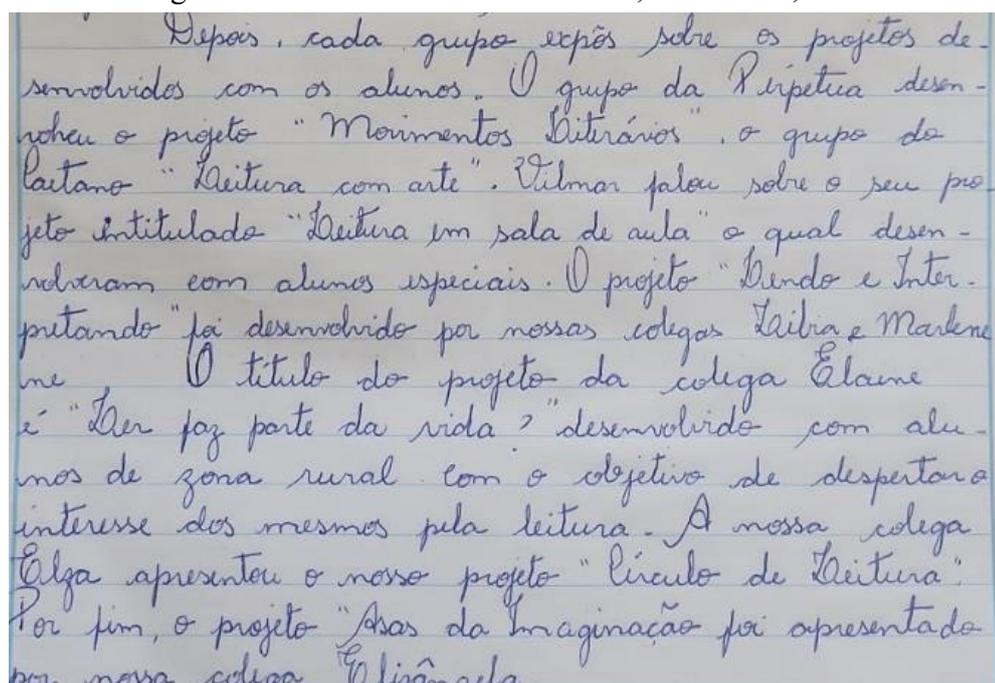
⁹² Para maiores informações, acesse: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/roedores-de-livros> Acesso em 16 ago. 2025, 45:48.

Com a publicação da Matriz da Formação Continuada da EAPE, sistematiza-se a Prática Reflexiva da Aprendizagem Desenvolvida (PRAD), a qual se constitui em:

[...] uma proposta de aplicação das aprendizagens apreendidas no contexto em que o cursista está inserido, sob orientação do professor formador da EAPE, com vistas a superar a(s) problemática(s) encontrada(s) em seu cotidiano profissional, por ele identificada(s) por meio da dialética reflexão-prática-avaliação-reflexão, a fim de contribuir para a melhoria das aprendizagens. A PRAD objetiva a intervenção prática no problema real observado em seu campo de atuação, seja no âmbito da sala de aula ou em outros espaços de atuação dos servidores da SEEDF, buscando a melhoria para as aprendizagens dos estudantes ou a melhoria dos indicadores de gestão, quando for o caso. A PRAD é parte integrante da avaliação do cursista (Distrito Federal, 2024, p. 36).

A prática de associar a aplicação daquilo que se discute e vivencia na formação continuada ministrada pelas Oficinas Pedagógicas se faz presente organicamente desde sua instituição, em praticamente todos os cursos oferecidos, como já mencionado. Isso torna esses espaços locais de vanguarda e de experimentação, nos quais “a pesquisa, a intervenção e a reflexão possam produzir mudanças de curto e médio prazo” (Distrito Federal, 2024, p. 37). Em outros momentos, essa prática recebeu diferentes denominações, como projeto pedagógico, ação pedagógica, Projeto Interventivo Local - PIL, mas, a partir da Nova Matriz, passou a ser chamado de Prática Reflexiva da Aprendizagem Desenvolvida (PRAD). Ao final do curso, são destinados alguns encontros para compartilhamento das ações desenvolvidas nas escolas, conforme relatou a professora cursista no seguinte fragmento:

Figura 75 - Relato do Diário de Bordo, Brazlândia, 2003



Depois, cada grupo expôs sobre os projetos desenvolvidos com os alunos. O grupo da Perpétua desenvolveu o projeto "Momentos Literários", o grupo do Luciano "Leitura com arte". Vilmar falou sobre o seu projeto intitulado "Leitura em sala de aula" o qual desenvolveram com alunos especiais. O projeto "Lendo e Interpretando" foi desenvolvido por nossas colegas Tábua e Marlene. O título do projeto da colega Elaine é "Ler faz parte da vida?" desenvolvido com alunos de zona rural com o objetivo de despertar o interesse dos mesmos pela leitura. A nossa colega Elza apresentou o nosso projeto "Círculo de Leitura". Por fim, o projeto "Asas da Imaginação" foi apresentado por nossa colega Elizâmula.

Fonte: Oficina Pedagógica de Brazlândia, 2003

4.2.6 *Sarau: a contação de histórias chegando, coletivamente, às crianças de várias Regionais de Ensino do DF*

Na intenção de que a formação siga contribuindo para a trajetória das profissionais para além do término do curso, é sugerido que cada turma organize um ou dois saraus durante o ano, em local a ser definido pelas participantes. Esse momento busca integrar ainda mais as e os cursistas, pois passa a ser responsabilidade das participantes toda a organização - desde a escolha do local da Região Administrativa em que se situa o CVLOP (escola de alguma participante, Regional de Ensino, hospital, abrigo, orfanato...), decoração, até a organização da sequência em que as histórias serão contadas, escolha da mestra de cerimônia e demais atividades a serem realizadas. A sugestão é que a história individual contada durante o curso seja narrada novamente nesse momento, porém para as crianças. Assim, a cursista tem a oportunidade de se apresentar diante de um público real.

Durante o curso, a turma em que o professor atua já é o público “natural”, mas no dia do sarau ele vai contar para um público externo e, como a palavra pertence metade a quem fala e metade a quem ouve, como ensina Hassane Kouyaté, nesta hora a energia dos ouvintes interage com a performance de quem está contando. É um exercício muito importante durante a formação e ajuda o cursista a perceber estas nuances durante o processo da contação de histórias e vencer as suas próprias limitações (Andrade, informação verbal, presencial, 10/11/2024).

Esse movimento também favorece o engajamento do grupo na busca por objetivos comuns e, nesse momento, é possível perceber uma realidade semelhante à qual menciona Arão Paranaguá de Santana (*apud* Hartmann, 2018, p. 81): “As práticas docentes oriundas de processos colaborativos [...] são consideradas irmãs siamesas da *performance*, e abarcam uma noção de aprendizado e criação na qual os participantes interferem no fazer da coletividade, na qualidade de sujeitos (pro)ativos”. Esse é um evento grande, com a intenção de servir como experiência para que as professoras cursistas possam organizar saraus nos locais em que atuam nos anos subsequentes. Trata-se de uma prática completamente colaborativa, em que cada participante ocupa seu lugar na engrenagem para o alcance dos objetivos. Finalmente, é chegada a hora de nos debruçarmos sobre algo para o qual todas as estratégias convergem: a *performance* narrativa.

4.3 **O pó de Pirlimpimpim apresenta: a *performance* narrativa**

Na realidade investigada, a apresentação individual é prevista nos combinados iniciais da formação. Em alguns planejamentos, é chamado por “Momento Lá vem História”, mas, no cotidiano, é nomeado por *contação de histórias*, simplesmente. O emprego da palavra

“*performance*” está sendo utilizada por mim, neste estudo, mas não se trata de algo usual na prática observada.

Recordando-me de um momento de contação de histórias vivido nesta experiência formativa, assim me expresso: arrepio no corpo. Marejar dos olhos. Palpitação do coração. Em cena, alguém fala, gesticula, se expressa, nos presenteando com uma história. Seu olhar se encontra com o meu. Nesse momento, o tempo para. A respiração se conecta, em uma espécie de “conspiração”, apresentada por Girardello (2007): tanto quem conta quanto quem escuta compartilham não apenas palavras, mas também respiração, emoções e presença física. No momento da contação de histórias, nossos corpos vibram. Se fazem presentes. Vivemos juntos um momento em *performance*. Os sentidos estão aguçados. Alguém partilha uma mensagem comigo, ao narrar uma história. É uma partilha coletiva. Como a mensagem será recebida por cada pessoa é diferente, pois a história de vida de cada um é única e, obviamente, as ressonâncias se divergem. Mas esse é o momento de uma experiência estética compartilhada. Viajamos juntos com a apresentação feita. Nos entregamos. Nessa hora, somos um coletivo em momento de deleite. Estamos na sala de aula de um curso de formação continuada. Um momento único, e, por isso mesmo, será degustado sensorialmente por nossos corpos que se engajam. Pronto. Aconteceu. Adentramos o círculo mágico da *performance* narrativa.

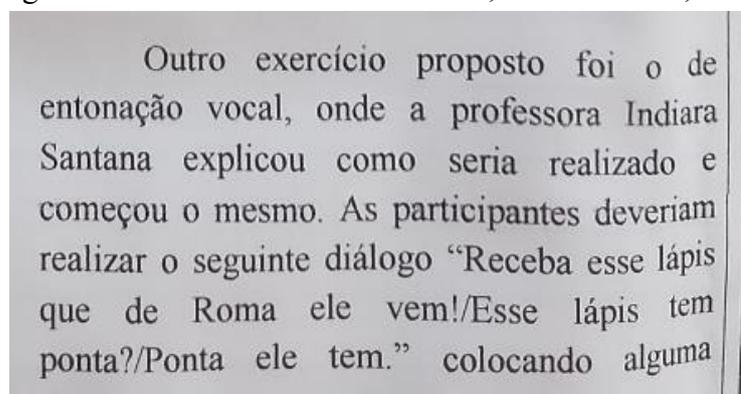
Todas as estratégias relatadas nos tópicos anteriores funcionam como processos para despertar o contador e a contadora de histórias de histórias que habita em cada um, em cada uma. A narratividade e, conseqüentemente, a habilidade para contar histórias é intrínseca ao ser humano, mas nem sempre se manifesta de forma consciente, especialmente quando se pensa no espaço escolar, em que muitos podem questionar: Será que toda professora não é também contadora de histórias? Será que as professoras se veem como contadoras de histórias, enquanto arte da cena? Respondo a partir da minha própria experiência como professora de Português: não! Antes de fazer o curso, eu não me via como contadora de histórias. A formação me permitiu vivenciar a experiência, com esta intenção e entendimento, pela primeira vez.

Na época, o texto escolhido para ser narrado por mim foi “O homem que enxergava a morte”, conto recolhido por Ricardo Azevedo (2005). No dia da apresentação, usei uma máscara simbolizando a morte e uma capa preta. Nesse processo, diante da timidez e da própria dificuldade em me expor, solicitei permissão para contar em dupla - algo que não era permitido pelas docentes. Elas autorizaram, porém, com a condição de que, contássemos duas histórias. Minha parceira, Maria Aparecida, também era professora de Português nos Anos Finais e no Ensino Médio, compartilhava comigo as mesmas inseguranças ao longo do processo.

A segunda história que contamos, após pesquisarmos e ensaiarmos de forma autodidata a técnica do teatro de sombras e preparar as silhuetas, foi “Adivinha quanto eu te amo”, de Sam McBratney (1996). Enriquecemos a *performance* com a projeção da música instrumental “Como é grande o meu amor por você” (interpretada por Roberto Carlos), para ambientação. Eu tremia. As mãos estavam gélidas, um frio na barriga, mas estar escondida atrás da caixa de projeção da sombra me ajudava a enfrentar aquele momento tão novo para mim. Ao terminar e olhar para a plateia, vimos pessoas emocionadas, com olhos marejados e foram muitos os elogios recebidos. Pronto. O pó de *pirlimpimpim* tinha cumprido o seu papel: espalhar encantamento. Isso foi em 2007.

Olhar para esse passado me faz perceber o quanto é contínuo o processo de formação “n’A Arte de Contar Histórias”. À época, precisei recorrer a recursos para conseguir fazer a contação, e foi assim por bastante tempo. Eram minhas “muletas” para vencer minhas próprias limitações e trazer minha contadora de histórias para a superfície. Depois de experimentar várias possibilidades que o curso me proporcionou, hoje me identifico contando histórias apenas com gesto e voz. Me sinto mais confortável, me identifico mais. Foi nesse lugar que encontrei minha verdadeira contadora. Dependendo da história, faço o uso de recursos, mas é ela, a história, quem guia esse processo de preparo. Durante o curso, além do que já foi mencionado, há uma aula específica para tratar do cuidado com a voz e das possibilidades de exploração desse rico recurso natural, sendo oferecidas várias dicas e proposições para exploração do gesto e da voz na contação de histórias. O excerto seguinte relata um exercício, proposto por muitos CVLOP, no dia em que se focaliza a voz. A atividade busca explorar alturas, sotaques, timbres diferentes entre a dupla que está executando.

Figura 76 - Relato do Diário de Bordo, São Sebastião, 2016



Outro exercício proposto foi o de entonação vocal, onde a professora Indiara Santana explicou como seria realizado e começou o mesmo. As participantes deveriam realizar o seguinte diálogo “Receba esse lápis que de Roma ele vem!/Esse lápis tem ponta?/Ponta ele tem.” colocando alguma

Fonte: Oficina Pedagógica de São Sebastião, 2016

Desde o início do curso, trabalha-se para que o espaço da formação seja entendido como um lugar de laboratório de aprendizagens em que as participantes podem se sentir seguras e

confiantes para experimentar, errar, acertar, testar. Por isso, a necessidade de ir estabelecendo os vínculos e a confiança no próprio grupo, por meio de várias estratégias. O professor e a professora cursista estarão em cena em momento definido já no início do curso. Cada participante tem liberdade para escolher, preparar, executar sua contação. Como a pessoa irá performar o texto escolhido? Fará alguma ambientação? Empregará cheiros, sabores, visualidades, recursos, técnicas específicas? Qual atmosfera será preparada para esse momento? São, portanto, várias as experimentações e, nesse processo de troca, as participantes vão crescendo, ampliando o repertório tanto de histórias quanto de possibilidades de atuação performática, em um espaço sem hierarquias, na perspectiva de que todas e todos aprendemos com as trocas.

São comuns os relatos de pessoas que, mesmo possuindo ampla experiência na contação de histórias, sentem-se desconfortáveis e inseguras quando se apresentam diante de pares adultos - sentimentos que não aparecem quando os espectadores são os estudantes ou as crianças. Trata-se da abertura de espaço para a expressão de professoras contadoras de histórias em processo de formação, com incentivo à sua postura autônoma, exploratória e protagonista.

Uma coisa importante na formação do curso “A Arte de Contar Histórias” é que os professores e as professoras cursistas se sintam acolhidas, participem de várias atividades coletivas, que permitam com que percam a timidez, possam se expressar coletivamente, sem estar no foco central. Outro ponto importante é ter contato com vários textos literários contados pelo professor formador e pelos próprios cursistas. Literatura é arte e arte é capaz de tocar em campos profundos. A maioria dos professores consegue trazer a sua infância para o presente. Muitos ouviram histórias em casa, na escola, outros tantos quase não tiveram esta oportunidade e passaram a ter durante o curso, aproximando-se mais da literatura e esse é um grande objetivo do curso: formar leitores que possam, com paixão, formar outros leitores (Andrade, informação verbal, presencial, 10/11/2024).

Conforme a professora Aldanei, a contação de histórias pode ser uma forma nova de acesso à literatura para muitos participantes, como foi o meu caso. Escutar histórias é diferente de ler histórias. São outras camadas de afetos, envolvendo outras percepções sensoriais. Nesse sentido, faz-se necessário aprofundarmos sobre a noção de *performance*.

A palavra “*performance*” tem origem inglesa⁹³. Trata-se, portanto, de um estrangeirismo. Os estudos sobre a *performance* também não se iniciaram no Brasil. No entanto, há pelos menos duas décadas, autores e autoras brasileiras vêm se dedicando a pesquisas sobre a relação entre a *performance* e a educação (Gilberto Icle, Leda Martins, Marcelo Pereira, para citar apenas alguns). Inclusive, também há pesquisadoras, cuja abordagem sobre esse tema tem

⁹³ Dicionário Online Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/performance/> Acesso em: 15 ago. 2024, 19:00.

a contação de histórias como foco (Luciana Hartmann, Regina Machado, Gilka Girardello, Selma Leal, entre outras). Essas e esses estudiosos, no início de suas pesquisas sobre o assunto, estabeleceram diálogo com pesquisadores estrangeiros – como Paul Zumthor, Richard Bauman, Erving Goffman, Richard Schechner, Victor Turner, Brad Haseman, entre outros. A noção de *performance*, portanto, é ampla, presente em vários campos do conhecimento (Antropologia, Arte, Filosofia, Linguística...) e, por isso, apresenta algumas divergências conceituais. No caso deste estudo, convidarei ao diálogo, principalmente, as estudiosas brasileiras que apresentam a noção de *performance* vinculada à arte de contar histórias.

Gilka Girardello (2007) aponta que a compreensão narrativa se inicia na mais tenra idade, com os acalantos, cantigas e canções. Ao ter contato com a linguagem, a criança também se aproxima da narrativa. Segundo ela, o encontro por meio da palavra e da troca narrativa contribui como espaço de construção intersubjetiva e de produção cultural. Mencionando Regina Machado, acrescenta que “a narração oral de histórias é uma forma de arte que só existe plenamente no momento da *performance*” (Girardello, 2007, p. 5). Para ela, a narração oral é um evento que envolve corpo e voz, criando uma conexão entre quem conta e quem escuta. Isso se manifesta por meio de gestos, emoções e até mesmo reações físicas, como arrepios e suspiros, mostrando que a narração é muito mais do que uma simples transmissão de conteúdo: é uma experiência sensorial e emocional.

Por sua vez, Hartmann (2014a, p. 233) entende a *performance* como uma situação viva: “ênfasis o momento vivo da narração, em sua integralidade, considerando o contexto específico da *performance*, no qual a interação do *performer* com a audiência é fundamental”, uma percepção que vai ao encontro do que Girardello (2014, p. 15) defende: “É este sentido profundo do narrar, esse lampejo em direção ao outro que é indissociável da condição humana [...] para promoção da narração oral, no campo das artes, da memória cultural e da educação”.

As autoras Selma Leal, Elisa Dalla-Bona e Adriana Vaz (2022) compartilham uma experiência semelhante à apresentada neste trabalho, porém com a oferta do curso “A Arte de Contar Histórias” para as crianças. Após ampla revisão bibliográfica, as autoras concluem que a contação de história é uma arte performática que envolve o trabalho com o corpo e a voz, cujas experiências e aprendizados em comunidade são impulsionados tanto pela atividade frequente de narrar, como também pelo desenvolvimento de investimentos externos à narrativa (Leal; Dalla-Bona; Vaz, 2022).

De maneira análoga, podemos dizer que, na realidade observada, os encontros também foram se tornando como rituais, em que a *performance* narrativa ia se presentificando de formas diferentes a cada narração compartilhada. Diante de tantos exercícios - em dupla, em grupo,

individuais - o momento “Lá vem história” passa a ser partilhado em uma atmosfera de cumplicidade entre quem oferece o presente (a história) e quem o recebe. Os papéis de *performer* e de espectador vão sendo alternados durante a formação, de forma generosa e amorosa.

Luciana Hartmann (2014b, p. 46), considerando o contador de histórias um “*performer*”, defende que essa possibilidade é operativa, a “despeito de todos os conflitos linguísticos-ideológicos que possamos encontrar nos usos da palavra *performance* no Brasil”. Assim, a autora entende que os conhecimentos acumulados a partir da experiência com a contação de histórias, integrando corpo, voz, imaginação insere os narradores orais em um caro lugar de produção de conhecimento. Nesse sentido, circunscreve o campo de análise que adota “Os estudos das *performances* culturais, que englobam, entre outras formas expressivas, a contação de histórias, permitem uma perspectiva interdisciplinar, agregadora e bastante produtiva analiticamente (2014b, p. 41).

Maria Silveira (2014, p. 2035) detalha que a presença do contador, com todas as suas nuances, dá força ao que se pretende contar de modo que cada narrador vai desenvolvendo um estilo próprio. “O contador de histórias com a sua maneira de fazer-se presente através dos textos que apresenta justifica a sua prática inscrevendo-se na memória dos seus ouvintes”. Assim como na linguagem escrita vamos desenvolvendo o nosso estilo pessoal, na *performance* narrativa também vamos descobrindo as possibilidades do nosso gestual e vocal na partilha de histórias, desenvolvendo estilos próprios.

Hartmann e Gabriel (2019, p. 26) relatam que todas as atividades realizadas na pesquisa desenvolvida por elas envolveram engajamento do corpo, em que elas procuraram fazer uma escuta atenta por meio de atividades lúdicas, exercícios de respiração, movimentos, sons de instrumentos, cantigas ou até mesmo silêncios. Nesse contexto, “não apenas a *performance* ou a história se transformaram, mas também as pessoas que participavam, pois a divisão hierárquica entre contadores, professores, crianças, bem como os papéis definidos socialmente se dissolveram” (Hartmann; Gabriel, 2019, p. 30), algo semelhante ao que ocorre na realidade investigada.

Em um texto sensível, Leda Martins (2021) explora as complexas relações entre o corpo, o tempo e a memória, enfatizando a importância da *performance* como uma prática cultural central para a produção e transmissão de conhecimento. A autora propõe a metáfora da espiral para descrever como o tempo e a memória são continuamente revisitados e reconfigurados nas práticas performáticas, particularmente dentro das culturas de matriz africana e indígena, as quais sofreram apagamentos diante da supremacia do valor atribuído à linguagem escrita pelo

colonizador ocidental. São culturas que têm o corpo como principal veículo para a preservação e transmissão de conhecimento. No entendimento dela, com quem concordo, o corpo é um “arquivo vivo”, em que as narrativas culturais são inscritas e reconfiguradas por meio da *performance*. Esse corpo atua como um *lócus* de memória e de inscrição de saberes, onde o tempo é inscrito e reinscrito em uma lógica que desafia a linearidade do tempo ocidental. Leda Martins também destaca que a poesia e a *performance* compartilham uma natureza comum na maneira como operam sobre os signos, reanimando-os e conferindo-lhes novas formas de vida e significado. A *performance*, nesse contexto, é uma criação contínua que envolve tanto o *performer* quanto o público em um ato de co-criação.

Dessa maneira, podemos dizer que a *performance* narrativa estabelece um vínculo simbiótico entre *performer*-contador e plateia, transformando as relações com o outro, com o ambiente, com o saber e consigo mesmos, em que os corpos estão implicados em uma experiência de fruição, de troca coletiva no espaço e no tempo da formação continuada, ministrada pelos CVLOP.

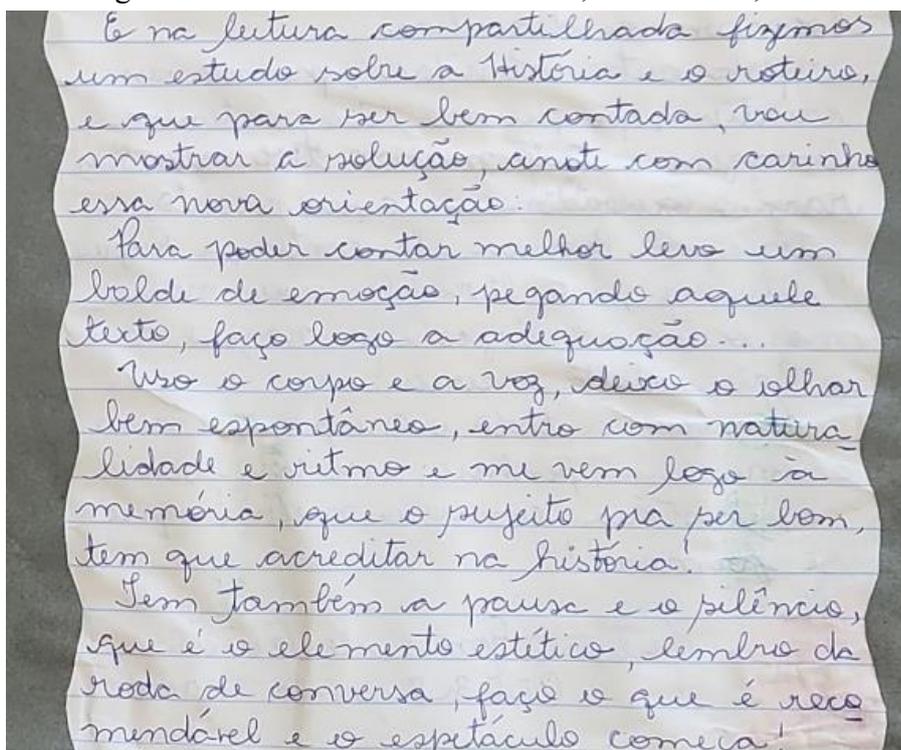
O compartilhar é tão das Oficinas, do trabalho que a gente faz, é incrível. A gente tinha o resultado na preparação da história que a pessoa ia contar. Fora que ela gostava; as pessoas vão me ver, me avaliar, mas havia uma busca pessoal para compartilhar com as pessoas. Ela escolhia algo especial. Uma coisa para aquele grupo, que se via inclusive no preparo do lanche. A maioria preparava um lanche para a partilha. Vai criando a cumplicidade, a amizade, onde as pessoas vão se soltando. São tantos exercícios coletivos antes de se ter a apresentação individual, que permitem que todos falem. Desde contar sua própria infância, que histórias ouvia. São muitas dinâmicas, onde todo mundo fala e não se coloca ninguém em evidência dando espaço para todos. Até chegar a hora de a pessoa contar sozinho, ela participou de várias propostas e momentos coletivos (Andrade, informação verbal, presencial, 10/11/2024).

Todas as autoras convidadas para estas reflexões dialogaram também com Paul Zumthor e, devido a isso, é importante apresentar algumas contribuições desse autor. Para ele, a leitura transcende a mera decodificação de palavras para se tornar uma experiência corporal e sensorial. Dessa maneira, a *performance* precisa ser entendida de maneira ampla, englobando tanto o ato de apresentação oral quanto a recepção sensorial e corporal, havendo um “engajamento” dos corpos, que se tornam lugares de inscrição onde o significado do texto é materializado através de sensações físicas e emocionais. Zumthor destaca o elemento “voz” na *performance*, considerando-a como um elemento importante na criação de significado, pois, ao ser emitida e percebida, estabelece uma relação direta com o corpo e com o mundo, tornando-se um veículo de expressão. A voz é vista como uma forma de subversão da hegemonia da escrita, recuperando energias vocais que foram reprimidas ao longo dos séculos. Por meio da

voz e da presença corporal, a *performance* resgata a dimensão sensorial da linguagem, criando uma experiência estética diferente da simples leitura silenciosa.

São vários os relatos de quem se sente superando os limites e se empoderando da *performance* narrativa como prática usual para suas trajetórias a partir da formação. O momento da contação de histórias é esperado com ansiedade por todos, espectadores e contadores de histórias em formação. Há participantes que inserem músicas, adereços, preparam lembrancinhas relacionadas à história, fazem proposições diversas. A depender da condução das e dos professores formadores, o grupo emite opiniões a respeito da apresentação feita, no sentido de colaborar para que esta se torne ainda melhor em próximas vezes, especialmente para o sarau de encerramento. Trata-se de um momento importante de aprendizagem. É uma estratégia adotada, ou não, em diálogo com as e os participantes. Esse momento evidencia o protagonismo docente em cena. É o participante quem define as estratégias a serem usadas. Muitas vezes, as apresentações surpreendem as professoras formadoras, pois são apresentadas histórias, dinâmicas, recursos diversos, enriquecendo a experiência de todos - docentes e cursistas - em relação não hierárquica. Essa dinâmica propicia as aprendizagens por meio da experiência das professoras cursistas, que estão em constante troca entre si e com as professoras formadoras, em uma perspectiva de ação-reflexão-ação. Por meio de um texto rimado, o fragmento seguinte menciona algumas dicas que são oferecidas para se contar uma história.

Figura 77 - Relato do Diário de Bordo, Santa Maria, 2015



Fonte: Oficina Pedagógica de Santa Maria, 2015

O momento da partilha de histórias é entendido como um presente. Para isso, há de ser minuciosamente escolhido, preparado. Deixo o trecho seguinte que sintetiza a percepção da professora Aldanei Andrade sobre a experiência de se preparar uma história para ser contada.

Contar é compartilhar, estar com e em partilha. O que você encontrou (escolheu) e deseja contar para aqueles que escutam, assistem? Tanto para o ouvinte quanto para quem narra? Olhar, escutar e perceber o ambiente são atividades necessárias diante de uma história contada. O preparo de uma história exige estudar, dialogar com a própria história. O que eu tenho para oferecer para esta história? O que ela tem a me oferecer? Qual a estrutura da história? Qual a sequência e de que forma vou memorizar? Como posso criar uma partitura sonora e gestual para seguir contando a história escolhida? Algum recurso se faz necessário? Em que momento? É necessário passear pelos locais da história, identificar as personagens. A fala é a expressão verbal daquilo que projetamos. Quando contamos, estamos sempre antecipando, contando algo e pensando no que vem na sequência. O curso procura oportunizar vivências artísticas a professores e professoras de todas as disciplinas, de todos os anos e de todas modalidades de ensino. As encadernações eram suporte para produção de texto e criação de histórias coletivas (Andrade, informação verbal, presencial, 10/11/2024).

Com a partilha de histórias, o repertório vai sendo significativamente ampliado entre cursistas e docentes. O depoimento da professora formadora Estela Souza esclarece um pouco o que acontecia:

Era tanta história todos os dias! A gente lia texto, estudava e depois era história, história, história, história. Ela [referindo-se à docente] no mínimo, contava umas três histórias por dia. Tinha vez que ela contava quatro histórias e cada aula, duas alunas contavam histórias, às vezes três. Então era muita história que a gente ouvia num dia e nem uma vez ela contou história do mesmo jeito. Ela mudava até a posição na sala. Era muito, muito maravilhoso. A gente foi invadida. É como se viesse uma onda muito grande e te lavasse, te limpasse de tudo aquilo que você já tinha ali, formatado e vai transformando, vai te mudando. É realmente arrebatadora. A Oficina Pedagógica é uma coisa transformadora (Souza, informação verbal, em vídeo, presencial, 22/11/2022).

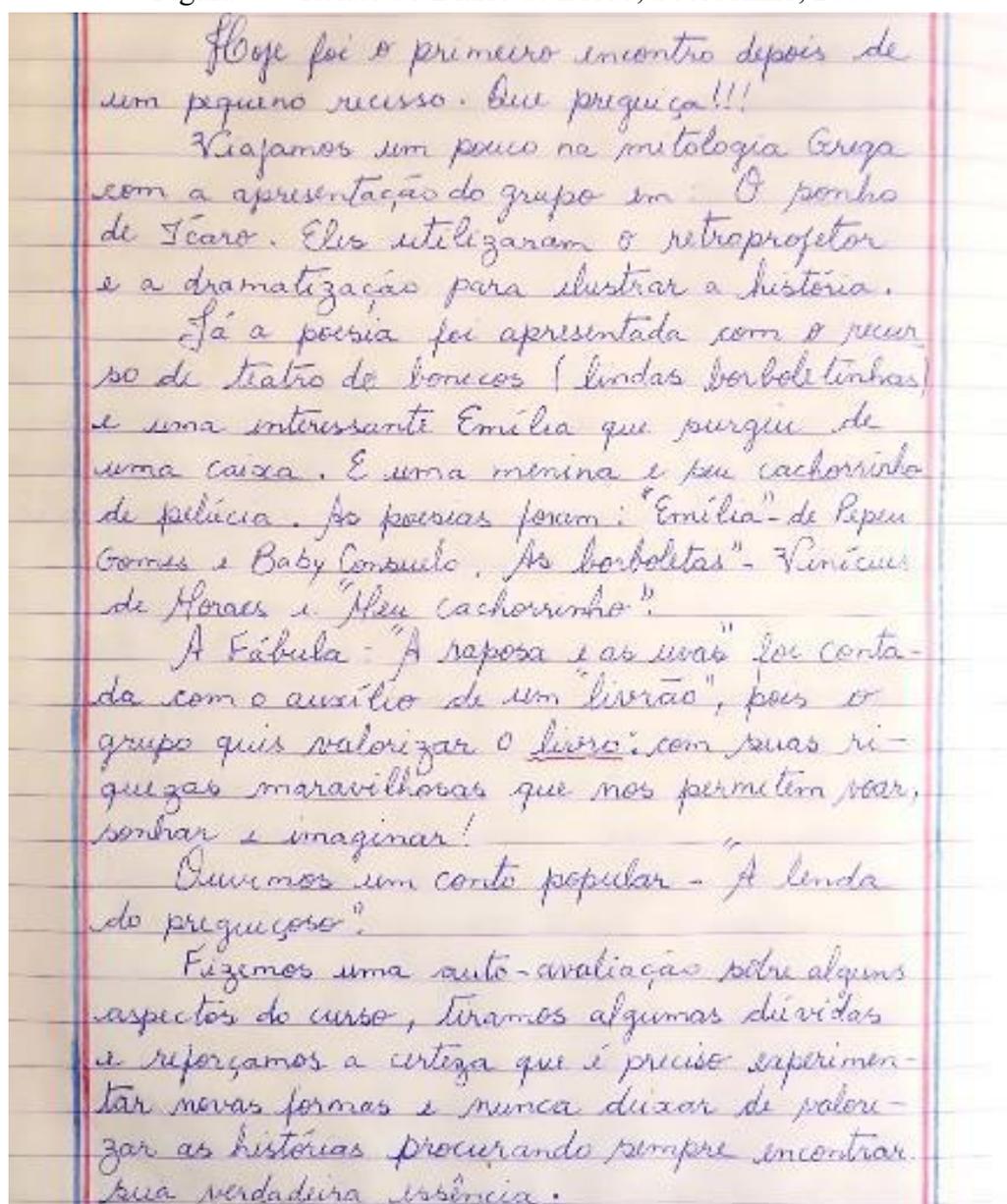
O fomento à pesquisa, durante o curso, favorece o trabalho coletivo bem como o estabelecimento de vínculos. Em grupos, em muitas edições do curso, foi necessário desenvolver um trabalho de contação de histórias com a confecção e manipulação de fantoches.

Nesse caso, o grupo deveria pesquisar uma história a ser contada coletivamente. A partir daí, deveriam confeccionar os fantoches da história em papel machê. Durante este processo, aprendia a confeccionar e manipular o fantoche, ensinamentos deixados pelo Mestre Zezito (Andrade, 10/11/2024, relato escrito).

Em grupo, também era necessário fazer pesquisa sobre histórias folclóricas de determinada região do Brasil e sobre o gênero narrativo sorteado (causos, contos de assombração, contos de fadas, contos de morte, contos do demônio logrado, contos maravilhosos, fábulas, facécias, anedotas, piadas, lendas, literatura contemporânea, mitos,

poesia). Na terceira geração, também foi incluída a pesquisa, para apresentação em grupo, de histórias africanas, indígenas, japonesas, árabes... Esse leque de possibilidades também abre um leque de experimentações possíveis. O excerto seguinte registrou como cada grupo escolheu fazer sua apresentação e, ao final, resume a proposta: abertura às experimentações.

Figura 78 - Relato do Diário de Bordo, Sobradinho, 2003



Fonte: Oficina Pedagógica de Sobradinho, 2003

Para sistematizar essa história, recorreremos aos dados, às narrativas e também às memórias. São elas que enriquecem, complementam, esclarecem dúvidas. No processo de fazer este registro histórico, por várias vezes entrei em contato com as professoras e os professores formadores antigos, muitos já aposentados. Foi assim que fui sendo auxiliada, com uma

lembrança aqui, uma foto acolá, um depoimento que ia chegando para compor essa história polifônica. É sobre essas memórias que abordaremos no capítulo seguinte.

O texto-convite para o próximo capítulo foi escrito por mim e está registrado em meu Portfólio, do ano de 2007, quando fui cursista do curso “A Arte de Contar Histórias”, na Oficina Pedagógica de Ceilândia.

Contar histórias...

Re- Acender!

Re-Animar!

Re-Criar

Re-Contar!

Re-NASCER!!!

Contar histórias...

Dar asas à imaginação

Voar...

Sonhar...

Encantar!!!

Este curso me ajudou a perceber o quanto podemos aprender com o outro e com nós mesmos. Foi um divisor de águas: a Cristina antes do curso e a Cristina após o curso. Posso dizer que hoje sou mais completa, mais realizada, mais livre...

Descobri que o contador tem um poder mágico: às vezes, uma história simples que está num livro que nem nos chama a atenção se torna fantástica, na voz e na habilidade de quem está contando. É indescritível!

Ao contar, temos o poder real de encantar e, assim, contribuir efetivamente para o despertar do gosto pela leitura. Que fascinante!

Ao ver a alegria com que as crianças nos ouvem, a magia que desperta em sua imaginação... não tem preço! Estou mesmo contagiada por esse encantamento, estou APAIXONADA! Isso revela tudo.

“Entrou por uma porta, saiu pela outra. Quem quiser que conte outra!”

(Cristina Leite, 2007 – fim do curso)

Com licença! Vamos adentrar o espaço sagrado das memórias! Vem comigo?

5 FOI ASSIM QUE ME CONTARAM, FOI ASSIM – UMA HISTÓRIA POLIFÔNICA, ESCRITA A MUITAS MÃOS E INSCRITA EM MUITA GENTE

A memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta, nossos baús secretos – porque a memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo. A capacidade de se emocionar vem daí, quando nossos compartimentos são escancarados de alguma maneira. Descobrimos que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos, brincadeiras, apelidos. (Trechos “O que a memória ama, fica eterno”, de Adélia Prado, 2020)

Adentrar os espaços das memórias vividas há que ser feito com muito cuidado e também com muito respeito. A sensação que tive ao investigar tantos documentos foi a responsabilidade que eu tinha diante deste trabalho investigativo, conforme já mencionado. Foi com muita cautela que me posicionei ao solicitar alguma entrevista, algum convite, pedir algum auxílio, especialmente quando era necessário ativar aspectos da memória.

Com relação às professoras e aos professores formadores dos CVLOP, fui percebendo que, algumas vezes, era prazeroso adentrar o labirinto das memórias. Eram memórias saudosas de experiências que fizeram bem. Mas também me deparei com o outro lado: as memórias de dores, por inúmeros fatores. O choro que não pôde ser contido no momento da conversa. As marcas que ficaram. Tudo porque trabalhar nos CVLOP costuma ir além de uma função docente. Quem passa pela experiência sabe o engajamento que vai sendo desenvolvido, o valor que é ficar horas ensaiando uma história para acolher as e os participantes, preparando um mimo, um detalhe que fará grande diferença na hora do encontro, ou mesmo pesquisando como abordar um tema denso de maneira leve e que torne envolvente o debate. Não é algo tão simples. Exige horas de pesquisa, às vezes a necessidade de partilha, testagem e validação entre as e os colegas, troca de ideias, expansão da própria criatividade.

É quando o trabalho vai além da pele e passa a correr nas veias. É pulsação, força, movimento, vontade de fazer acontecer. Nas visitas às Oficinas Pedagógicas, houve vários momentos em que eu mesma me emocionei. A vida se imbrica no trabalho das e dos profissionais e vice-versa. Chega a um momento em que se torna difícil separar uma coisa da outra, como já pontuou Nóvoa (2000, p. 17): “É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal”. É trabalho de entrega, dedicação, envolvimento. É também trabalho de doação e de amor.

Este é um capítulo que foi construído com a participação de muita gente. Nele, trago reflexões sobre a memória, a lembrança daquilo que foi vivenciado, sentido por quem passou

pela experiência com a formação no curso “A Arte de Contar Histórias”, seja como professora ou professor cursista, seja como professora ou professor formador.

Trago as vozes de pessoas que vieram antes de mim e/ou são minhas e meus contemporâneos. Pessoas que contribuíram para que o legado chegasse a 2025, a quem reverencio e agradeço. Esta não é uma pesquisa sobre. É uma pesquisa com. Conto com as principais teóricas e teóricos sobre o assunto: as professoras e professores formadores e cursistas que vivenciaram esta experiência. Neste capítulo, descrevo as “Rodas Memográficas”, eventos necessários para a construção deste mosaico histórico e memorialístico, buscando analisar as informações construídas nesses encontros. Neste momento, é necessário trazer à baila as noções sobre memória.

5.1 A memória: guardiã das histórias vivenciadas

*Minha memória não é o meu forte,
mas as memórias afetivas, essas eu guardo.
Aquilo que vivi, que vivenciei
(Elza Muñiz, 2023).*

Etimologicamente, “memória” é uma palavra que vem do latim *memor*⁹⁴, substantivo abstrato, que quer dizer faculdade de reter e lembrar ideias, impressões e conhecimentos. Trata-se de uma noção sobre a qual é necessário refletir, pois sua presença permeia toda a tese - seja ao investigar os documentos, assistir aos conteúdos audiovisuais referentes ao trabalho dos CVLOP ou mesmo ao conversar com as pessoas para sistematizar uma história cujo período se aproxima a quatro décadas quando me refiro ao trabalho das Oficinas, e de duas, quando a referência é ao curso “A Arte de Contar Histórias”.

Enquanto seres humanos, somos feitos de memórias as quais constituem, portanto, nossa subjetividade, elemento colocado em evidência em todos os momentos deste trabalho. Afinal, como afirma Eduardo Galeano (2012): “Os cientistas dizem que os humanos são feitos de átomos, mas a mim um passarinho contou que somos feitos de histórias”. De forma poética, o escritor apresenta a ideia de que as histórias são tão presentes ou até mais importantes do que os átomos que nos constituem. Nesse sentido, Madalena Freire (2019) considera que as memórias são muito mais que importantes, são a nossa essência.

Histórias que entram em cena mediadas por suas lembranças. Tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar ‘status’ de memória, serem lapidadas. [...] Outra descoberta é conhecer

⁹⁴ Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=MEM%C3%93RIA&lc=pt> Acesso em: 20 nov. 2024, 10:10.

a si próprio e aos outros, não só como sujeito cognitivo, mas também afetivo. Emocionar-se com as próprias lembranças e com as dos outros, avermelhar e chorar [...] Todos esses instantes de nossas lembranças, quando coletivizados, nos comprovam que não temos só memória, mas ‘somos memória’, somos autores de nossa história pedagógica e política (Freire, 2019, p. 42).

Lembranças são, pois, palavras, escritas ou faladas. É por meio delas que nossas memórias revivem. Ao relatá-las, fazemos um exercício reflexivo e imaginativo, pois visitamos algo já vivido, provocando deslocamentos, em que ordenamos as experiências, encontrando relações entre elas. “O ato de rememorar é o modo que o homem encontra para fazer uma reflexão sobre a sua trajetória na vida em um tempo e em um espaço culturais” (Elias José, 2012, p. 11). Assim, rememorar é buscar as marcas que nos constituem e que se fazem presentes em nossas escolhas. Por meio desse ato, percebemos que o vivido não se perdeu. Na mitologia grega, Mnemosine é a deusa da memória⁹⁵.

A noção de memória é sistematizada de forma consistente por Maurice Halbwachs, sociólogo francês, como sendo algo que transita entre o individual e o coletivo, implicando-se reciprocamente. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 1990, p. 51). Como um ponto de encontro entre as experiências pessoais e o contexto social em que os indivíduos estão inseridos, o autor defende que a memória coletiva não é uma simples soma de lembranças individuais. Ela se forma pela interação contínua entre os indivíduos e os grupos a que pertencem, permitindo que as lembranças se reconstruam a partir de uma base social compartilhada. Grupos e coletivos constroem momentos e lembranças em conjunto, sendo, pois, sustentados pelo que ainda vive na consciência desse grupo e pode ser evocado. Afinal, “toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo” (Halbwachs, 1990, p. 86). Nesse sentido, podemos entender que a memória atua como uma força ativa, promovendo o sentido de pertencimento e enraizamento, especialmente no contexto investigado.

A relação entre memória e história é marcada por fronteiras e complementaridades, importantes para a preservação e interpretação do passado. Enquanto a memória surge como um processo dinâmico, conectado às experiências vividas de indivíduos e de grupos, a história oficial se constitui como um esforço organizado para registrar e analisar eventos passados. Essa

⁹⁵ De acordo com o mito, foi a deusa quem descobriu o poder da memória, nomeando vários objetos e criando conceitos para que os mortais conversassem sem brigar e pudessem se entender. Por isto é também considerada *como aquela que tudo sabe e tudo lembra*, sendo a *criadora da linguagem*. Mnemosine apaixonou-se por Zeus, o deus dos deuses, conseguindo atrair seu amor e atenção com exímio talento de contadora de histórias. O pai dos deuses foi seduzido pela deusa da memória durante nove dias consecutivos. Meses depois, Mnemosine daria à luz às nove musas, também conhecidas como *Filhas da Memória* ou *Musas*, que nasceram para serem as protetoras das artes, ciências e letras. Disponível em: <https://culturaemmovimento.com.br/o-que-menemosine-a-deusa-da-memoria-pode-fazer-por-nos/> Acesso em: 6 jul. 2025, 13:00.

distinção destaca as especificidades entre ambas. “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória” (Halbwachs, 1990, p. 60).

A história oficial, muitas vezes, silencia vozes e experiências que não se enquadraram nos discursos dominantes. Sobre esse assunto, Ecléa Bosi (2004) destaca que a memória oral, com sua capacidade de trazer à tona perspectivas diversas e contraditórias, apresenta uma compreensão do passado de forma mais rica. Afinal, “quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época” (Bosi, 2004, p. 16)! Isso foi possível a partir da metodologia empregada nesta pesquisa.

Foi perceptível, durante as Rodas Memográficas, o quanto as colaboradoras precisavam se apoiar nas memórias das colegas do mesmo período de trabalho. Em outros momentos, quando solicitei esclarecimento sobre algo do passado, praticamente todas as pessoas falaram que iriam certificar as informações com colegas, corroborando os princípios da memória coletiva. Essa memória, muitas vezes marginalizada, permite que o passado seja revisitado como um repositório de eventos e uma fonte de significados e aprendizagens (Bosi, 2023), corroborando a ideia de que a memória transcende a cronologia e opera como um mecanismo dinâmico de ressignificação. o que reforça a conexão entre história, memória e o potencial de transformação social.

Nesse sentido, a memória coletiva não se confunde com a história, pois enquanto a história organiza os fatos passados em uma sequência cronológica, a memória mantém aquilo que é vivo e significativo para o grupo no presente. Essa diferença também aparece nas formas como ambos tratam o esquecimento: para a memória, o esquecimento é natural, pois o que não ressoa no grupo tende a desaparecer; para a história, no entanto, a escrita oferece uma forma de preservar até mesmo aquilo que já não é vivido (Halbwachs, 1990, p. 80). Nesse processo, a memória e a narrativa tornam-se forças complementares.

Antes da escrita, as sociedades confiavam na memória para transmitir conhecimentos, valores e histórias às gerações futuras, já que, por meio da memória, as pessoas interpretam e recriam os acontecimentos vividos, conferindo-lhes coerência e significados capazes de orientar suas ações. Porém, o mundo contemporâneo enfrenta o que alguns chamam de “crise da memória” (Flach, 2013, p. 118), marcada pela dependência de ferramentas tecnológicas para registrar e acessar informações, além da fragmentação das grandes narrativas que antes organizavam as experiências coletivas. Tal crise reflete uma desconexão crescente entre a memória viva e a história formalizada, evidenciando a necessidade de práticas que integrem essas dimensões.

No campo da educação, a memória integra-se à prática pedagógica. O ofício docente é permeado por memórias individuais e coletivas que se entrelaçam para compor uma identidade profissional de educadores e educadoras. Segundo Inês Ferreira (2001), a memória individual e coletiva “faz parte de uma teia que vai ao longo da vida constituindo a formação do educador” (Bragança, 2001, p. 109). Essa teia é enriquecida pelas histórias de vida e pelas experiências compartilhadas, que oferecem uma base para a reflexão e a ressignificação das práticas educacionais.

Cada história de vida narrada por uma professora carrega traços de experiências tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo, refletindo as lutas e aprendizagens que moldaram a trajetória da profissão. Ao revisitar suas memórias, as professoras ressignificam o passado, transformando-o em fonte de aprendizado para o presente. Rememorar é sempre um ato de seleção e de “re-criação”. Magda Soares é quem diz:

A própria seleção daquilo que incluo na narração obedece a critério do presente: escolho aquilo que tenha relações com o sistema de referências que me dirige hoje. A (re)construção do meu passado é seletiva: faço-a a partir do presente, pois é este que me aponta o que é importante e o que não é (Soares, 2001, p. 40).

Portanto, ao rememorar algo passado, sempre estaremos reconstruindo a história à luz do tempo presente. Para Ecléa Bosi (2023, p. 497): “o trabalho não é só ação, é também o lugar da ação, que a lembrança do operário sabe de cor”. Na formação de professoras, essas memórias tornam-se instrumentos para a construção de identidades pedagógicas e para a transmissão de saberes que vão além do conteúdo técnico, abrangendo valores, tradições e formas de interação social. “Essa é uma forma de entender a formação de professores, uma concepção onde a memória vai constituindo uma matéria viva que se articula aos saberes científicos e pedagógicos no momento dinâmico de concretização da prática pedagógica” (Bragança, 2001, p. 110), em que se deve acrescentar a importância das vivências coletivas e, conseqüentemente, das memórias construídas em grupo. Nesse sentido, foi criado o dispositivo: “Rodas Memográficas: histórias inscritas nas memórias a partir do curso ‘A Arte de Contar Histórias’”.

Foi evocando as memórias de atuação na formação continuada docente que a presente história do curso pôde ir sendo sistematizada por mim, sempre em diálogo com os dados documentais e as memórias das e dos professores formadores e professoras cursistas, tanto aposentadas quanto na ativa. Afinal, como defende Ecléa Bosi (2004, p. 73): “A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações” e isto aconteceu recorrentemente durante a pesquisa. Perceba o depoimento seguinte, recolhido na 5ª Roda Memográfica: “*Eu pedi essa fala pra Cris para dizer que eu faço parte dos que estão chegando*

e, com muita honra, com muita força, a gente vai segurar este bastão e levar em frente todo esse legado que chegou até agora” (Sabino, participação na 5ª Roda Memográfica - presencial, 31/5/2023). Nos próximos tópicos, apresento como aconteceram as Rodas Memográficas e o quanto esse dispositivo se tornou importante para a construção e análise dos dados desta pesquisa.

5.2 1ª Roda Memográfica

Durante o levantamento documental, comecei a constatar as professoras e os professores que mais apareciam nos registros. A partir dos dados das listas, fui fazendo a relação de pessoas para serem convidadas para a 1ª Roda Memográfica. Precisaria entrar em contato com muita gente que não conhecia. E, para isso, precisava do contato dessas pessoas. Aldaneí Andrade, Maria Eunice, Maria José e Elza Muñiz, profissionais que muito acompanharam o trabalho dos CVLOP, foram fundamentais para esse contato inicial. Todas indicaram nomes que não estavam ainda na lista e precisavam ser acrescentados.

Comecei a entrar em contato para fazer o convite aos professores e professoras formadoras - muitas estavam aposentadas e não me conheciam. Foi interessante perceber o sentimento que nelas nascia. Sentiam-se valorizadas. “*Que surpresa encontrar uma pessoa da Oficina Pedagógica me procurando depois de tanto tempo*” (Strickland, informação verbal, em áudio, *WhatsApp*, 29/4/2022).

Uma professora formadora disse ter guardado uma caixa do referido curso, pois sabia que algum dia alguém iria precisar. “*Graças a Deus, esta pessoa apareceu: você!*” (Souza, informação verbal, em texto, *WhatsApp*, 28/4/2022). Outra professora formadora mencionou que teve a intenção de jogar fora alguns elementos do curso, mas intuiu que alguém poderia precisar e guardou (Bernardes, informação verbal, em texto, *WhatsApp*, 30/5/2022). Alguns materiais me foram entregues no dia da 1ª Roda Memográfica. As pessoas se desvinculam do trabalho - por aposentadoria ou remanejamento -, mas guardam as memórias, os registros, permanecendo o vínculo.

Apesar do grande esforço, houve casos de profissionais que não consegui o contato. Tratava-se também de uma espécie de escavação em busca das pessoas. Nem sempre tive êxito, mas tenho ciência de que envidei esforços para reunir as pessoas da lista, levando em conta que, para esse primeiro encontro, não seria possível convidar todas as profissionais envolvidas com o curso, pois comprometeria o objetivo principal que era uma roda de conversa. São cerca de 86 professores e professoras formadoras, no recorte temporal desta pesquisa.

Estabeleceu-se que a quantidade máxima seriam 25 participantes. Interessante registrar a teia que ia sendo tecida a cada contato. Quando eu fazia o convite para a professora formadora, ela perguntava “*mas você já chamou Fulana, Beltrana, Sicrana?*” Isso aconteceu recorrentes vezes, o que ia ampliando a lista de convidadas, pois os nomes citados, muitas vezes, não estavam diretamente vinculados ao curso, não constavam em suas atas, mas eram muito importantes para a história de resistência e existência das Oficinas. Dessa forma, enviei um convite⁹⁶ com uma foto minha, já que muitos não me conheciam.

Figura 79 - CONVITE: Evento presencial, entregue virtualmente a antigas professoras formadoras dos CVLOP



Fonte: acervo pessoal da autora

Esse encontro para rememoração coletiva buscava responder a algumas questões: Quem são as pessoas envolvidas com o curso, tanto professoras formadoras quanto professoras cursistas? Que memórias guardam? Quais lembranças podiam ser compartilhadas? Quais as reverberações da participação nessa formação? Por que o curso foi suspenso em alguns momentos? Nesse sentido, concordo com Ecléa Bosi (2004), quando diz:

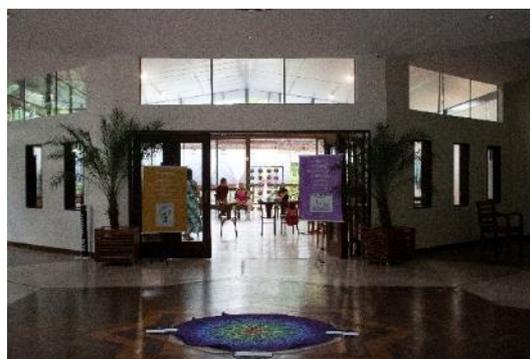
Essa escuta grupal é uma experiência prazerosa e iluminadora para o velho que pode confrontar suas lembranças com as dos companheiros. Ele vai querer, a partir daí, discutir os pontos comuns, transcender as lembranças pontuais pela totalidade de que ele é uma figura singular (Bosi, 2004, p. 66).

⁹⁶ Julguei necessário inserir foto minha nos convites devido ao fato de muitos convidados não me conhecerem.

Para a 1ª Roda Memográfica era necessário pensar em um lugar acolhedor, intimista. Escolhemos o Sítio Geranium⁹⁷ que é particular, mas aceitaria uma contrapartida minha. Ficou acordado que eu iria lá por três vezes para contar histórias para as crianças, conforme necessidade.

Era importante preparar o ambiente - outra característica orgânica no trabalho das Oficinas que herdei por ser fruto desta experiência. Fizemos a arte e eu mandei imprimir vários banners e faixas, incluindo a fala e texto de algumas professoras formadoras. Contei com a ajuda de Thais Felizardo para preparar tudo, inclusive a lembrancinha.

Figura 80 - Preparação do evento - Rodas Memográficas, com professoras formadoras, 6/5/22



⁹⁷ Localiza-se nas proximidades das Regiões Administrativas de Samambaia e Taguatinga. Maiores informações: <https://sitiogeranium.com.br/faca-seu-evento-com-a-gente/>. Acesso em: 16 ago. 2024, 09:30.



Fonte: acervo pessoal da autora

A *Roda Memográfica* com professoras e professores formadores, além de uma estratégia metodológica da pesquisa, seria também uma oportunidade para agradecer e reencontrar tantas colegas que participaram desse movimento por uma educação lúdica, prazerosa e significativa, com ênfase no valor da contação de histórias nos espaços escolares. Contar a história de quem fez e faz essa história, com a participação delas, é um ato político e necessário, que remonta à ancestralidade na própria contação de histórias na educação pública do DF, haja vista muitos contadores de histórias profissionais e/ou grupos de contação de histórias na cena artística do DF serem egressos dessa experiência.

No dia 6/5/2022, chegamos cedo ao local, ambientamos tudo e ficamos à espera de quem compareceria. As pessoas foram chegando aos poucos, trazendo contribuição para compor a mesa do lanche. A exposição de fotos antigas chamava a atenção de quem chegava. Quando um número suficiente de pessoas estava presente, demos início ao planejamento, o qual havia sido organizado por mim, mas seria executado por muitas mãos, pois solicitei auxílio para

algumas conduções. Estela Souza e Vanessa Mendes, do CVLOP de Sobradinho conduziram a Apoteose Pedagógica, coroando simbolicamente quem fez e faz esta história. Em seguida, a professora formadora Aldanei Andrade contou “O Dom da história” – constante na introdução. Muitos se emocionaram e Aldanei associou a si mesma como se fosse a personagem da velha senhora da história. Nas palavras dela:

Quando eu voltei do mestrado, eu falava: olha, eu vou aposentar. De alguma forma eu estava sendo esta velhinha, eu estava por um fio, pois estava saindo para aposentar. Foi então que a gente fez a formação de formadores do Arte de Contar Histórias, em 2015! Eu estava de saída e tentando, de fato, passar tudo que ainda tinha a ser repassado. Hoje eu acho tão bonito a gente estar aqui com a primeira geração, olha só [apontando para os colegas]. Que coisa linda! A gente tem a segunda geração. A gente tem a terceira e a gente tem a quarta geração chegando aqui no nosso trabalho. Nossa! Muito lindo! (Andrade, participação na 1ª Roda Memográfica, presencial, 6/5/2022)

O relato da professora formadora Aldanei Andrade representa o princípio de deixar um legado, presente na metodologia das Oficinas, como já mencionado. Trata-se da ideia de acolher quem chega, repassar as informações e preparar para que o trabalho siga contribuindo para uma educação mais lúdica, sensível, humanizadora e criativa no DF.

Foi então que começamos as discussões. Para tanto, eu havia feito uma linha do tempo, com pontos marcantes do histórico das Oficinas e as dúvidas que eu tinha. À medida que eu ia apresentando, várias pessoas traziam esclarecimentos. Fizemos a travessia, de 1986 até 2019, elencando, rememorando e tirando as dúvidas coletivamente. Foi um momento rico, em que vimos, na prática, que uma memória puxa outra. Apareceram vários elementos novos para mim. Ia construindo nosso mosaico histórico e memorialístico. Naquele momento, pude vivenciar, na prática, o que defende Ecléa Bosi, sobre a conversa com pessoas mais experientes:

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. Ambos sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção (Bosi, 2004, p. 61).

Fizemos a pausa para o lanche coletivo e as pessoas nutriam o físico e a alma ao reencontrarem seus pares. Quando voltamos para a sala, as professoras e professores formadores que trabalharam juntos na mesma Oficina reuniram-se para levantar os nomes das pessoas que atuaram, os cursos ministrados e descrever a situação física da Oficina e seus componentes. Simone Moura e Thais Felizardo conduziram as questões administrativas, como o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização de uso de som e imagem, prestando os devidos esclarecimentos e tirando as dúvidas.

Na mesma folha utilizada para o levantamento sobre os dados das Oficinas Pedagógicas, havia a ficha-perfil para as professoras e os professores formadores preencherem. Ao todo, foi possível traçar o perfil de 22 professoras e professores formadores, colaboradores da pesquisa, que se fizeram presentes na 1ª Roda Memográfica. Contudo, esse número tornou-se irrisório diante da ampliação do quantitativo de participantes nos eventos seguintes, totalizando 114 professoras e professores formadores, de modo que não foi possível traçar esse perfil referente a esse grupo de colaboradores e colaboradoras.

Ao final da 1ª Roda Memográfica, conduzi a Ciranda da Gratidão⁹⁸, especialmente criada a meu pedido para esse momento pelo Duo Flor de Cacau. O gestual foi criado por mim e, juntos e juntas, cantamos, dançamos e brincamos em congraçamento.

*Gratidão, eh, oh, oh, gratidão!
 Gratidão, eh, oh, oh, gratidão!
 Por minha vida agradeço
 Por minha história canto gratidão!
 Gratidão, eh, oh, oh, gratidão!
 Gratidão, eh, oh, oh, gratidão!
 Por este dia agradeço,
 Por nossas histórias,
 Canto gratidão!
 Gratidão, eh, oh, oh, gratidão!
 Gratidão, eh, oh, oh, gratidão!*

Abraços saudosos se espalhavam pela sala. A partilha de afetos. O trabalho imbricando-se com as vidas e as relações. As pessoas que acreditam em um ideal, que fazem e fizeram acontecer. O encontro entre presente e passado. A possibilidade de trocas entre autores de diferentes tempos dessa história. Um diálogo intergeracional entre professores oficinairos e toda a riqueza de trocas que isso representa. Seguem alguns registros desse dia. Enquanto buscava estratégias e gatilhos para ativar a memória das minhas interlocutoras, memórias iam compondo a minha trajetória enquanto pessoa, pesquisadora e profissional.

Figura 81 - Registros do encontro: 1ª Roda Memográfica, 6/5/22, professores formadores, no Sítio Geranium



⁹⁸ Disponível em: <https://youtu.be/73yzNAsmI7g> Acesso em 16 ago. 2025, 13:07.







Fonte: acervo pessoal da autora, construído na 1ª R.M.F., 6/5/2022.

Concluí o encontro com a declamação de um poema escrito por mim, intitulado “Eu agradeço”, o qual expressa a energia que me moveu a desenvolver esta pesquisa e foi publicado no livro “Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais”.

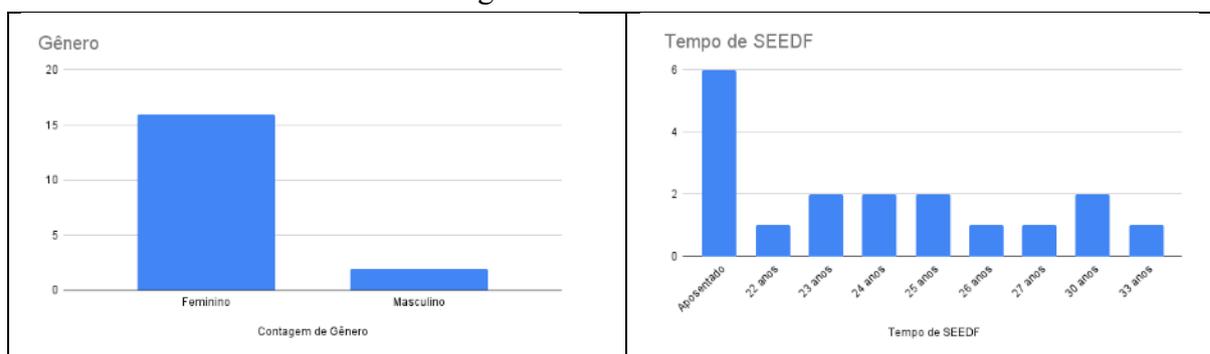
5.3 2ª, 3ª e 4ª Rodas Memográficas

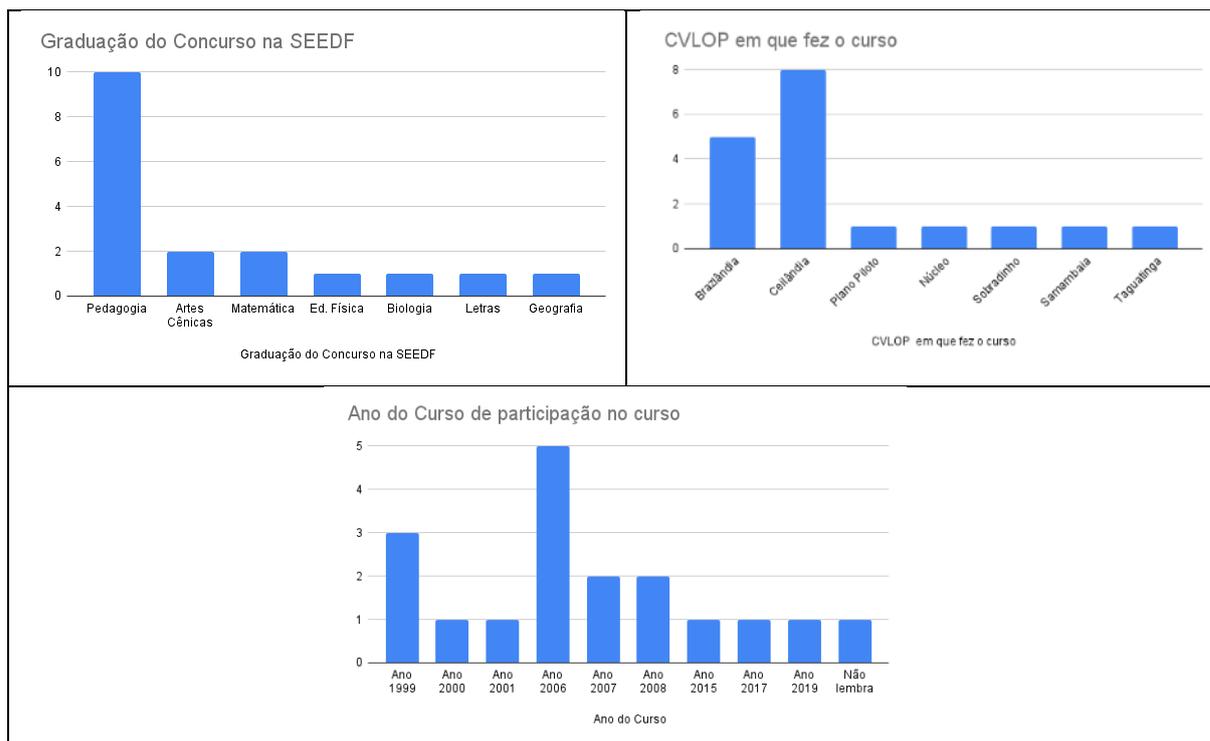
Durante a 1ª *Roda Memográfica*, fiz, com a colaboração das professoras e dos professores formadores, o levantamento de nomes de egressas e egressos para uma *Roda Memográfica* com os professores e as professoras cursistas, no modelo remoto, tendo poucas participações por vez. Alguns nomes mencionados pelas professoras formadoras, por continuarem no universo da contação de histórias, eu já conhecia; outros, precisei conhecer. Após conseguir o contato telefônico, enviei mensagem me apresentando e explicando a proposta do encontro (“*Roda Memográfica online*”). Após o contato inicial, TODAS as professoras cursistas responderam favoravelmente à participação. Algumas, inclusive, já adiantaram algumas percepções, como segue:

Fiz o primeiro curso “A Arte de Contar Histórias” em 1999, na Oficina Pedagógica de Brazlândia. O curso foi importantíssimo na minha trajetória da Secretaria, usei todos os conhecimentos em minhas salas de aula, repassei a colegas sempre que possível e fui me aperfeiçoando. Cheguei a fazer mais 3 cursos para conhecer novas técnicas, dicas e reciclar minhas práticas pedagógicas. Depois atuei 10 anos em bibliotecas. A prática na contação de histórias ficou diária realizando vários projetos onde a contação de histórias era o principal caminho da conquista do leitor/aluno. Aceitaria muito participar de um momento de bate papo, pois acho extremamente importante contribuir minhas experiências que, graças a Deus, começaram na contação de histórias e me incentivaram a “me tornar escritora” contando as histórias usadas nas bibliotecas direto para os livros. Beijinhos!! (R.F.C., informação verbal, em texto, WhatsApp, 27/7/2022)

Foram realizadas três “*Rodas Memográficas*” *online*, com professoras e professores cursistas, oriundos de diferentes tempos e Regionais de Ensino, além de diversas disciplinas, etapas e modalidades; a maioria aposentada ou em vias de se aposentar. No geral, foi um quantitativo considerável de participantes, totalizando 16 egressos da formação, cuja ficha-perfil foi possível ser traçada.

Gráfico 3 - Ficha-perfil: professoras e professores cursistas participantes das Rodas Memográficas *online* e entrevistas

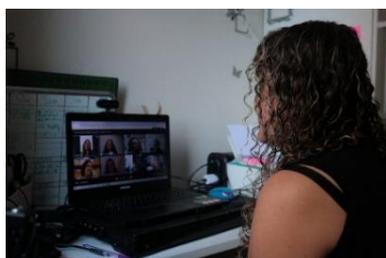




Fonte: elaborado pela autora, em já. 2023

Como se pode observar, a maioria das colaboradoras está aposentada ou prestes a se aposentar, sendo predominantemente do gênero feminino. Entre as respondentes, há participantes das três grandes áreas do conhecimento do Currículo em Movimento: Linguagens (Língua Portuguesa, Artes e Educação Física); Ciências Humanas (Geografia e História); Ciências da Natureza (Biologia, Química e Física); Matemática; além dos Pedagogos – grande maioria. Há participantes das três gerações em que o curso aconteceu. Oficialmente, portanto, unindo-se a contribuição de professoras formadoras e cursistas, e da Elvetia Bezerra (carreira assistência) temos a contribuição total de 130 colaboradoras⁹⁹ para esta pesquisa.

Figura 82 - Rodas Memográficas *online* (com participação de egressas e egressos do curso)



Fonte: acervo pessoal da autora

⁹⁹ A tese e o livro publicado foram processos imbricados, a partir desta pesquisa, de modo que há colaboradoras citadas neste texto, outras no livro e há, ainda, colaboradoras cujo depoimento não foi mencionado, mas que trouxeram informações importantes para este processo de “escavação” histórica.

5.4 5ª Roda Memográfica – I Pré-estreia do Documentário

Por se tratar de uma pesquisa “com” as pessoas, a apreciação do documentário era um momento importante. Como haveria também lembranças, fiz um planejamento buscando propiciar uma imersão na história das Oficinas. Sabia que os profissionais da ativa estariam presentes, pois era um dia de coordenação coletiva na Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante. Também convidei muitas professoras formadoras aposentadas ou que tinham alguma conexão com o curso e algumas professoras cursistas que estavam colaborando com a pesquisa.

O dia da apresentação do documentário era esperado por mim com muita expectativa, sentimentos compartilhados por muitos do grupo também, especialmente os que participaram das filmagens. Além da pré-estreia, esse momento compunha a 5ª Roda Memográfica.

Figura 83 - Cartaz da divulgação da 1ª pré-estreia, que aconteceu em 31/5/2023



Fonte: acervo pessoal da autora

Considerando que o projeto inicial das Oficinas Pedagógicas era datado de 30/5/1986, sugeri que aproveitássemos a oportunidade para também comemorarmos o aniversário das Oficinas, propondo que eu encomendaria o bolo e que as demais pessoas trouxessem outros componentes para a mesa de aniversário - sugestão plenamente acatada. A capa do projeto que deu início ao trabalho dos CVLOP constitui o Anexo 6.

Como na 1ª Roda, havia uma considerável rede de apoio para fazer o planejamento funcionar. No dia anterior, tive ajuda para ambientar tudo, em que foram pensados os detalhes, como as faixas e banners. Algumas pessoas ficaram responsáveis por fazer e servir a pipoca na hora da projeção, buscando trazer um verdadeiro clima de cinema para o dia.

Já na chegada, após a assinatura de presença e a autorização de uso da imagem, cada pessoa recebeu um pássaro em origami. Para iniciar a imersão, todos se deparavam com um

“labirinto de memórias”: imagens de cada Oficina foram dispostas nos dois lados da passagem, acompanhadas de informações históricas organizadas por mim, acrescidas de reportagens de jornal.

Figura 84 - Recepção e Labirinto de Memórias – 5ª Roda Memográfica



Fonte: acervo pessoal da autora

Ao final do labirinto, havia algumas perguntas em caixinhas com papéis de cores diferentes, com o objetivo de ativar memórias: “Quando penso na SEEDF me lembro:”; “Oficina Pedagógica te lembra:”; “Formação continuada te lembra:”; “O curso ‘A Arte de Contar Histórias’ te lembra:”; “Eu, antes e depois do curso me lembro:”; “Um recado:”. Após o preenchimento, as participantes levavam para a mandala de memórias.

Figura 85 - Dispositivos para ativação de memórias e registro na “Mandala de Memórias”



Fonte: acervo pessoal da autora

Após a abertura do evento pelo diretor da Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante, foi projetada a história constante na introdução, preparada pelas “pratas da casa” - as professoras e o professor formador que participaram da filmagem. Logo em seguida, contei a minha versão da história na intenção de que fosse possível perceber por que ela, sob o meu ponto de vista, se vincula tanto ao trabalho desenvolvido pelas Oficinas.

O Dom da História das Oficinas Pedagógicas

A história da introdução deste trabalho possui forte correlação com a história que estou contando. Por quê? Há cerca de 40 anos atrás, alguns professores, imbuídos de muita coragem, resolveram se juntar em busca de um sonho. Com o coração cheio de esperança, do verbo esperar, que segundo Paulo Freire significa se reunir para fazer de um modo diferente, essas pessoas se juntaram e tem sido assim durante o tempo. São profissionais que se juntam para fazer de outro modo e, quando aparecem as dificuldades, quando se sentem desmoteados, inseguros, eles se sustentam na força que o coletivo possui. A potência que é um dar a mão para o outro, uma dar a mão para a outra e juntos seguirem, enfrentando os desafios. Foi assim em 2004. Nenhum curso pôde ser oferecido. O que as Oficinas fizeram? Se juntaram, buscaram alternativas e, com coragem, implementaram o projeto de oficinas temáticas, “Escola em Foco”. O sagrado então se fez presente. E essa gente... seguiu em frente...

O tempo passou e no 2º semestre de 2009 e em todo ano de 2010, nenhum curso pôde ser oferecido. Houve a destituição do Núcleo das Oficinas Pedagógicas e, novamente, a equipe se sentiu desmoteada, sem saber qual rumo teria sua história. Novamente, incertezas, inseguranças, mas a grande coragem de continuarem existindo fez com que o grupo mais uma vez se juntasse. E aqueles profissionais fizeram uma autogestão de todo o trabalho. Mas o tempo passou, porque o tempo sempre passa...

Foi quando, em 2015, uma professora muito experiente que estava por um fio para se aposentar, disse a quem quisesse ouvir que precisava deixar o seu legado. Foi assim que ela ensinou tudinho que podia e que sabia para enfim, se aposentar. Ela se chama Aldanei Andrade. Ah, e o sagrado? O sagrado veio novamente. E essa gente seguiu em frente.

As coisas mudaram a partir de então. Tudo estava favorável até que em 2020... veio a pandemia. Sentindo-se perdidos e desmoteados, esse grupo sabia o segredo: novamente se reuniram, deram-se as mãos e fizeram, juntos, a travessia, com o projeto “Oficinas Pedagógicas nas escolas: trilhas lúdicas para aulas remotas”. E o sagrado? O sagrado se fez presente. E essa gente seguiu em frente.

O tempo passou, porque ele sempre passa. Muita coisa aconteceu nestas quase quatro décadas. Lá no início, as Oficinas ficavam em salas nas escolas, tinham muitas máquinas e as equipes? Tinham até dez pessoas. Hoje, apenas uma Oficina se encontra em uma unidade escolar. O espaço está cada vez mais minguado, cada vez menor. As máquinas? Foram perdidas. As equipes? Foram diminuindo, diminuindo... hoje a maioria possui apenas dois ou três componentes. Tem equipe com uma componente só.

E, no meio da reflexão sobre todos esses fatos e dificuldades, levantou-se uma criatura, uma jovem senhora... que estava buscando entender uma coisa: esta história. E por quê? Para que todos se lembrassem da luta até que o legado chegasse aos nossos dias e para que JAMAIS a gente se esqueça do quanto somos fortes quando nos juntamos, seja para criar coisas, para pesquisar alternativas, para contar nossas histórias, espalhar ludicidade pelas escolas do DF. O sonho de tornar o ensino lúdico, prazeroso, significativo continua. Estes somos nós. É a nossa história. De hoje e de antigamente. Porque é assim na nossa prática: quando a gente se junta, quando a gente olha para a nossa trajetória, a história das Oficinas Pedagógicas, que é uma história de luta, de resistência... quando a gente reverencia, quando a gente honra quem deixou o legado, quem veio antes, a gente se fortalece, a gente supera as dificuldades e o sagrado? O sagrado se faz presente. Que assim seja. Assim é.

Cristina Leite, 31/5/2023, um dia após o aniversário de 37 anos das Oficinas Pedagógicas.

Na sequência, fiz os agradecimentos. Estavam presentes a minha orientadora, Luciana Hartmann; a subsecretária de formação continuada da SEEDF, Maria das Graças; sua assessora, Maria Cristina; a diretora da Diretoria de Organização do Trabalho Pedagógico e Pesquisa (DIOP – atual DIFOP), Luciana Ribeiro; e a gerente da Gerência de Documentação e Logística (GDOL – atual GADM), Luana de Oliveira. Também estava presente o coordenador das Oficinas Pedagógicas, Lucas Baeta representando a Gerência de Pesquisa, Avaliação e Formação Continuada para Gestão, Carreira Assistência, Orientação Educacional e Eixos Transversais (GOET – atual NOEG). Assinaram a presença 69 pessoas, dentre elas 19 professoras aposentadas (docentes e cursistas). Expliquei os percursos da pesquisa, apresentei alguns dados enquanto o cheiro da pipoca inebriava o ambiente e, finalmente, apagamos as luzes para a projeção do documentário. Ao final, houve calorosos aplausos, e segui com a proposta planejada que era, simbolicamente, fazer os passarinhos recebidos na entrada para o evento baterem as asas, em diálogo com a mensagem do vídeo. Foi um momento de integração, colaboração, sorrisos e a vivência coletiva de experiências estéticas.

Logo depois, algumas pessoas fizeram a inscrição para se manifestarem verbalmente enquanto foram distribuídos *post-it* para que houvesse também uma avaliação escrita, já que não haveria tempo para todos se manifestarem. As considerações verbais foram filmadas pelo Sinpro DF e compuseram o TV Sinpro¹⁰⁰ do dia 14/6/2023.

Após esse importante momento, foi lançado o desafio: com as peças do quebra-cabeça onde deveriam ser colados os *post-it* com as impressões e reflexões das pessoas, o grupo tinha a tarefa coletiva de montar o mapa, em quebra-cabeça, das Oficinas Pedagógicas do DF, elaborado especificamente para esse momento. Mas, para surpresa de todos, faltava uma peça. Não foi possível completar a tarefa, pois, misteriosamente, uma peça havia desaparecido. Dias depois, ela foi encontrada, mas o sumiço da peça me propiciou importantes reflexões sobre o processo da pesquisa na constituição deste mosaico. Muitas vezes, deparei-me com o sofrimento de não conseguir apresentar todos os detalhes, pois sentia que ficava faltando algo. Por vezes, me sentia mergulhada em um mar infinito de informações. O desaparecimento de uma peça do jogo me fez refletir e entender que a incompletude fazia parte do processo e estava tudo bem; afinal, é a ausência que nos move e motiva a busca. Ficou registrada, nas entrelinhas a mensagem, que eu precisava receber e que muitas colaboradoras já haviam dito: “*A gente faz o que pode! E está tudo bem, não estressa*” (Silva, informação verbal, em texto, *WhatsApp*, 14/2/2023).

¹⁰⁰ Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=LoiDfSE1YqI> Acesso em 14/8/2025, 21h.

Figura 86 - Desafio coletivo – Quebra-cabeças com o mapa dos CVLOP do DF – 31/5/2023



Fonte: acervo pessoal da autora

Ao final, convidamos as professoras aposentadas para cantarmos parabéns em comemoração ao aniversário das Oficinas e o evento se encerrou com o lanche comemorativo.

Figura 87 - Momentos: Comemoração do Aniversário dos CVLOP, dando asas aos passarinhos e sendo entrevistada pelo Sinpro DF – 31/5/2023



Fonte: acervo pessoal da autora

O Sinpro DF esteve presente durante todo o evento e disponibilizou a cobertura em várias plataformas:

Youtube: <https://youtu.be/oyLyrBv1UGs>

Instagram:

<https://www.instagram.com/p/Cs9Mn1PLJ3p/?igshid=NzJjY2FjNWJiZg==>

propiciadas, vivenciadas e validadas. O registro, na correria do labor cotidiano nas escolas, não é prática comum, como vimos. Por isso, escrever um projeto de curso nem sempre foi tarefa fácil. À medida que o tempo foi passando, a EAPE passou a disponibilizar formulários que auxiliam na elaboração. Em 2025, tudo é digital e o próprio formulário costuma ser autoexplicativo, com quantitativo limitado de caracteres estabelecido para fomentar a capacidade de síntese dos proponentes.

Ao analisar os objetivos do curso, especialmente os da 1ª geração, percebe-se a dificuldade em estabelecer metas mensuráveis, pois expressões como “despertar alunos para entenderem o mundo” são amplas e subjetivas. Essa questão persiste na 2ª geração, onde o objetivo geral não reflete claramente a proposta prática de formar professoras narradoras de histórias. Apenas na 3ª geração houve mudanças significativas nos objetivos, sendo o de 2015 o mais próximo da vivência prática, citando explicitamente a "narração". No entanto, mesmo com a dificuldade de registrar adequadamente o que se pretendia a partir das experiências vivenciadas, os resultados foram muito além, incluindo benefícios não previstos.

É um curso que tem uma procura enorme, com filas de espera. Uma professora me disse que ela aposentou sem ter tido a chance de fazer o curso. Como ela, outras professoras também quiseram e não tiveram oportunidade porque era disputado e as vagas não contemplavam todo mundo. Apesar desse curso ser assim tão aclamado, da gente ter uma procura, uma lista de espera grande, a gente enfrenta alguns problemas. A gente passou alguns anos sem poder oferecer. Eu não sei o porquê. E tantos professores perguntavam: vai ter o Arte esse ano? Não! E por que esse ano não? A gente também não sabia. A gente mandava a proposta para aprovação, como todo ano. E simplesmente ele não era aprovado e vinham outras demandas. Como oficina, a gente acabava que deixava de ministrar o curso. É uma coisa que a gente não entende até hoje (Abreu, informação verbal, em vídeo, presencial, 4/11/2022, gravação do documentário).

Dessa forma, a partir dos relatos recolhidos junto às professoras e professores formadores, bem como às professoras e professores cursistas, podemos ressaltar a contribuição da formação em algumas categorias¹⁰¹, em que se pode estabelecer a relação sujeito-escola-cultura, de maneira dialética e dialógica, intermediada pela leitura e pela contação de histórias. Os relatos apresentam uma ampliação dos resultados alcançados para muito além dos objetivos gerais estabelecidos ao longo dos anos. A partir de agora, trago alguns relatos das reverberações do curso, tanto de professoras e professores cursistas quanto de formadores.

¹⁰¹ Trata-se de uma tentativa de sistematização, uma vez que um mesmo relato poderia ser incluído em mais de uma categoria.

5.5.1 Contribuição para a prática pedagógica

Talvez o resultado mais simples de ser observado é a contribuição que o curso oferece para enriquecimento da prática pedagógica.

O curso propiciou: compreensão do processo de aprendizagem entre teoria e prática; vivência prática sobre a potencialidade do lúdico nas relações humanas; busca do significado de: aprender, brincar, pensar; aprender sobre material didático (Carreira, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Além dos recursos confeccionados para a contação de histórias propriamente dita, são várias técnicas vivenciadas, como o emprego da voz, a manipulação de bonecos, dedoches e varetoches bem como o uso do flanelógrafo.

O curso “A Arte de Contar Histórias” me deu a possibilidade de ter vivências com diferentes linguagens artísticas que até então não tinha tido. Todas aquelas técnicas que a gente aprendia das artes visuais foram muito importantes, porque se traduziu muito no meu trabalho. Então toda parte: música, brincadeiras, jogos. Essa gênese de estar intercalando as linguagens que eu aprendi em 2006 está comigo até hoje, 2022. (D. C. S. da C. V., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

O primeiro curso era assim: vamos aprender a fazer risada de bruxa, de velha, de gago, vamos construir um boneco de papel machê. Vamos botar o boneco na mão, aprender a movimentar, para ele não ficar com a cara para cima. Era um curso muito prático. A gente não ficava construindo muita coisa na base da teoria. Essa prática deu pra mim o diferencial (A. de O. M., participação na 4ª Roda Memográfica Google Meet, 30/8/2022).

Há ainda estratégias para produção de texto com aplicação de diferentes técnicas de encadernação, com a perspectiva de a pessoa confeccionar, ela mesma, o suporte em que irá escrever seu texto.

Teve um cursista que se destaca, especialmente por ser do Ensino Médio. Isso demonstra o alcance da proposta. “Ademir Augusto Martinello” – professor de Português. No primeiro curso oferecido pela OPP/C, produziu, em sala de aula livros de Mangá com seus alunos, com encadernação tradicional: um espetáculo! (Muñiz, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

[...] Essa é uma lembrança das mais marcantes, significativas e relevantes para mim. Foi uma comprovação imediata e inequívoca da vocação integradora, humanizadora do curso “A Arte de Contar Histórias”. E foi mais do que suficiente para fazer cair por terra qualquer crença na eficácia de conteúdos compartimentados, separados, desconectados, hierarquizados. N’A Arte de Contar Histórias “ninguém larga a mão de ninguém”! (Muñiz, informação verbal, e-mail, 2/11/2024)

Por ser aberto à participação de toda professora e professor que tenha interesse com a temática do curso, há professores das Exatas¹⁰² que relatam a importância da formação para sua prática.

Amo Matemática, amo o que eu faço, gosto de exatas, sempre gostei desde criança, mas percebi ao longo da minha carreira que os alunos não gostam muito. Foi quando eu quis fazer uma forma diferente de ensinar. Comecei a pesquisar histórias da matemática, curiosidades, coisas diferentes para que eu conseguisse motivar, atrair a atenção dos alunos. [...] Fiz o curso de contação de histórias porque [...] é bom a gente fazer cursos diferentes fora da nossa área para a gente melhorar na comunicação, nas partes onde a gente não atinge o aluno. Então é outra forma de atingir sem ser aquele modelo tradicional da matemática. Isso foi muito bom. Ao contrário do que muitos pensam, os alunos do Ensino Médio também gostam de histórias (F. N. P. da S., professora de Matemática, Anos Finais e Ensino Médio, entrevista semiestruturada – roteiro escrito 13/4/2023).

Eu não sabia que existia curso para contar história. [...] Em 2008, eu fiz o curso “A Arte de Contar Histórias” e foi um acontecimento, porque eu sou professora de Biologia, de Química e de Física no Ensino Fundamental - Séries Finais. [...] No início, falei: “o que eu estou fazendo aqui, com esse tanto de professora de 1ª a 4ª?” Porque parece que são escolas totalmente diferentes. [...] Eu fiz o curso e amei. Fazer Portfolio, fazer aquelas coisas que eu nunca tinha feito, porque quem faz Biologia não faz essas coisas, não existe isso. É desenhar célula, é fotossíntese, é um curso pesado. A gente ficava contando os minutos para chegar o dia de fazer o curso (I. V. L. S., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

“A Arte de Contar de Contar Histórias” pode contribuir com as e os profissionais que atuam em Escolas Técnicas, uma relação inusitada, se partirmos do entendimento “cartesiano” de que os conhecimentos ficam guardados em caixinhas diferentes. Vejamos:

A Escola Técnica de Ceilândia era outra realidade. [...] Quando eu cheguei, em sua maioria, era um público adulto; agora que está tendo mais jovens, principalmente por causa do NEM (Novo Ensino Médio), duas vezes por semana eles vão para a Escola Técnica fazer um curso de operador de micro. Lá eu sempre contei história [...]. Eu gosto do adulto porque a gente usa de fato a palavra, que os capta mais ainda do que alguma coisa concreta, que ajuda muito com as crianças, sem dívida. Então lá sempre eu conto histórias. Conto na Biblioteca, na sala de aula (F. B. S., - professora na Escola Técnica - participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Enriqueci minha prática cotidiana em sala de aula, nos diferentes grupos sociais e no cotidiano jurídico. O curso contribuiu: na escola, na integração com projetos de leitura desenvolvido em conjunto com outros professores. [...] Eu consegui integrar as histórias como incentivo à leitura e para debater filmes. Também no contexto de regência de sala de aula em abordagens históricas dos conteúdos e formulação lógica no pensamento computacional. A contação de histórias propicia o trabalho com a diversidade e integração de saberes. Quando falamos, realizamos cognitivamente operações lógicas (T. F. P., - professor de Matemática e programação computacional na Escola Técnica de Ceilândia entrevista semiestruturada – roteiro escrito, 27/3/2023).

¹⁰²No curso, a participação majoritária é de professoras e professores que atuam com Educação Infantil e Anos Iniciais. Por isso priorizei relatos de participantes de outras etapas e modalidades.

Outra modalidade que pode ser beneficiada pela formação é a Educação de Jovens e Adultos. O relato da professora cursista nos exemplifica como a contação de histórias pode ser importante para estudantes da EJA.

Eu propus um projeto que se chamava “Contando e Encantando com histórias na Educação de Jovens e adultos – EJA” [...]Um dia, eu estava começando a contar história e vi que chegou uma senhora meio emburrada [...]Ela entrou muito agressiva. Quando acabou, ela veio conversar comigo e falou: “Professora, eu trabalhei na faxina o dia inteiro, cansada, peguei ônibus lotado, teve briga dentro do ônibus. Quando falaram que eu tinha que vir para cá, para ouvir historinha, eu quase bati na professora. Eu cheguei muito nervosa, me obrigaram a entrar, mas eu fui ouvindo a história. Eu fui relaxando. Quando a senhora foi encerrando, eu falei: agora estou pronta para assistir aula, meu coração está em paz (I. V. L. S., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Uma contribuição que se percebe pelos relatos é que o curso desperta a vontade de prosseguimento na formação continuada. Se entendemos que a continuidade dos estudos é importante para melhoria da qualidade de ensino, trata-se também de um componente relevante.

Eu parei nos dois [cursos] da Secretaria, mas fiz inúmeros outros. Na época da pandemia, onde tinha contação de histórias lá estava eu, fazendo curso. É importante porque eu também gosto de compartilhar, gosto de dividir com as pessoas, espero que continue, que mais profissionais tenham acesso a um curso como esse na Secretaria, porque a gente sabe que boa parte da nossa formação vem desses cursos (C. M. de S., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

Fui para o Simpósio Internacional¹⁰³, ainda não tive oportunidade de ir para o Boca do Céu¹⁰⁴, mas tenho muita vontade. Comecei a virar piolho da Oficina Pedagógica de Ceilândia. Eu repeti esse curso de contar histórias umas 3 vezes, fiz o Tecendo Histórias, fiz o Brincar. Fiz todos (A. M. R. de V., - professora de Geografia - participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Cumpramos destacar ainda que, em eventos de contação de histórias, nacionais e internacionais, mencionados no relato anterior, é expressiva a participação de egressas e de egressos do curso “A Arte de Contar Histórias” oferecido pelos CVLOP. Inclusive, em 2010, a professora Aldanei Andrade foi convidada a participar com o relato da experiência da formação do curso “A Arte de Contar Histórias” que acontece no DF no Encontro Internacional de Contadores de Histórias Boca do Céu em São Paulo.

¹⁰³ O Simpósio Internacional de Contadores de Histórias aconteceu durante muitos anos no Rio de Janeiro, sob organização da Benita Prieto, em que havia a Maratona de Contos (24h de histórias sendo contadas). Mais informações: <http://www.contarhistorias.com.br/2011/10/simposio-internacional-de-contadores-de.html> Acesso em 16 ago. 2025, 13:22.

¹⁰⁴ O Encontro Internacional de Contadores de Histórias Boca do Céu em São Paulo é um evento bienal que promove um espaço de reflexão, criação e ação cultural. A função principal desse encontro é propiciar diferentes situações de contato com a arte da narração que possam inspirar ações educativas, culturais, sociais e estéticas ressaltando a importância das narrativas no mundo de hoje. Eu tenho participado dele sistematicamente desde 2012. Maiores informações: <https://bocadoceu.com.br/o-boca-do-ceu/> Acesso em: 12 ago. 2024, 19:40.

Foi uma experiência maravilhosa poder divulgar o trabalho que vinha desenvolvendo desde 1996 na Oficina Pedagógica de Brazlândia com “A Arte de contar histórias”. Os participantes do encontro, vindos de várias partes do Brasil e também do exterior, ficaram encantados com esta formação em horário de coordenação (Andrade, Cessão do Memorial da Oficina de Brazlândia, [2016], 9/8/2023).

Trata-se de uma formação que pode despertar e/ou potencializar a contadora e/ou o contador de histórias que cada ser tem em si, além de favorecer o entendimento, na prática, do valor da leitura para as e os estudantes e, também, para as próprias professoras e professores.

Outro dado apresentado nos relatos, que é importante mencionar, diz respeito à elaboração e execução de projetos no local de atuação, como requisito para a certificação.

Uma coisa que ficou muito marcada para mim foi essa questão do trabalho com a literatura, [...] me ajudou a me instrumentalizar, sobretudo através desse pensamento de trabalhar a partir de projetos literários (D. C. S. da C. V., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

O curso era muito dinâmico, e eles não iam para a aula somente para ficar ouvindo o professor. Eles tinham que interagir também, tinha a produção de jogos, de bonecos. Eles iam saindo da aula e querendo aplicar em sala de aula. Depois, na próxima aula, eles já contavam a experiência que eles tiveram. A riqueza do curso é que ele está voltado para muitas áreas. A gente trabalha de tudo: produção de texto, literatura, história, estilos de época, arte visual, corporal, música (Silvano, entrevista semiestruturada – presencial, 12/4/2022).

No INCRA 8, eu dei aula pra o Ensino Fundamental II e, [...]na época das turmas de Aceleração, eu cheguei a fazer um projeto. Os meninos estavam fora da faixa etária; então eles começaram a contar histórias para os meninos menores. [...] Os meninos das turmas de aceleração tiveram o dia do contador de histórias deles para meninos do fundamental I. Eu tenho certeza que, para eles, foi um momento muito especial porque eram meninos meio rejeitados, com problemas ainda de alfabetização, fora da faixa etária, reprovados por muitas vezes, com muito problema de leitura, de interpretação. As histórias foram o meio que eu encontrei para fazer minha aula de Português mais acessível para eles (F. B. S., - professora na Escola Técnica - participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Tais projetos também se fazem presentes nas Salas de Leitura/ Bibliotecas, aqui entendidas como sinônimas. As Bibliotecas escolares deveriam ser o coração das escolas. No entanto, muitas vezes, as Salas de Leituras acabam sendo espaços esquecidos por não terem profissionais responsáveis ou mesmo porque, quando existem, não há o engajamento para fazer funcionar com toda sua potencialidade. Pelos relatos, é possível perceber que o curso contribui com a injeção de ânimo, de vida aos espaços que deveriam naturalmente ser vivificados, mas que nem sempre o são. É importante lembrar o projeto para a capital, em que se reconhecia a importância das bibliotecas para uma educação que se queria como exemplo para o Brasil. Muitas vezes, para os atuantes nas bibliotecas, esses eram espaços apenas para depósito de livros. A partir da participação no curso, essa percepção mudou e algumas profissionais passaram a ter a vontade de movimentar tais espaços, como atestam os relatos:

O trabalho da biblioteca [...] foi mudando ao longo do tempo. [...] Antes as pessoas perguntavam para a gente como que poderia fazer uma pesquisa e as pessoas passaram a frequentar a biblioteca só para estudar para concursos. O curso “A Arte de Contar Histórias”, logo depois com outras duas colegas a quem reverencio, que são Cristiane Salles, e a Renata Valss, nós escrevemos um projeto, chamado A Chave Mágica [...], para que a gente pudesse receber as crianças das escolas circunvizinhas, com contação de histórias, porque a gente sempre imaginou que como o olhinho da gente brilha ao contar e ao ouvir histórias que, certamente, as crianças também iam amar que isso acontecesse, entrar no mundo da fantasia (A. M. S. de C., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/22).

Na época, [...] a gente desenvolveu muita coisa na biblioteca, foi muito legal, porque envolvia a escola toda, lá era uma Escola Classe, mas pegou os alunos de outra escola que ia até a oitava série. Então a gente desenvolveu um projeto para a escola todinha: musical, teatral era bem interessante (F. A. S. E., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Depois de um tempo, eu me readaptei e abracei a causa das bibliotecas. Fiquei quase 10 anos trabalhando mais do que em sala para os alunos, para atraí-los como leitores através da contação de história. Então, pra mim, “A Arte de Contar Histórias” foi o primeiro curso que eu fiz pela Secretaria e foi um curso que impregnou em mim de forma significativa (R.F.C., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

5.5.2 Contribuição para novas descobertas de possibilidades da atuação docente ao longo da trajetória profissional

Uma das categorias com mais relatos refere-se à descoberta de novas potencialidades pelos participantes. As diversas dinâmicas, vivências e atividades artísticas promovem experiências inéditas, tornando o curso um verdadeiro "divisor de águas". O desafio de contar histórias para colegas, especialmente para quem não teve essa oportunidade em sua formação inicial, permite explorar aspectos pessoais ainda desconhecidos. A professora formadora Elza Muñiz (2022) sintetizou essa percepção ao desenhar o símbolo do infinito, representando as possibilidades abertas pelo curso:



(Muñiz, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Foi um mergulho profundo na aventura de conhecer a mim mesmo; é uma experiência da descoberta das potencialidades e sensibilidade do outro (Carreira, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

O curso ressignificou o meu curso de formação, que é História. Entender que sou parte das histórias que conto abre um horizonte [...] Foi e é através das histórias que eu reconheço quem sou e aprendo a contar a minha própria história de vida. [...] Foi um curso para além da formação de docentes. Quando fiz o curso, também fiz um resgate de toda minha trajetória na Secretaria, revendo todos os momentos como professora e qual o meu papel como educadora. Fiz essa experiência que

reassignificou minha vida e meu propósito como educadora (Ferreira, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

As participantes Simone Moura (2022) e Cristina Correia (2022) ressaltam a redescoberta de sua “criança interior”. Há ainda a menção de palavras que expressam camadas subjetivas do ser: alegria, *esperança*, *coragem*, confiança, curiosidade, tristeza, ou seja, participar do curso pode ser entendido, a partir dos relatos, como abertura para acessar subjetividades.

Intensificou a experiência com a ludicidade. Em mim, impulsionou redescoberta da minha criança interior, plena de alegria, de esperança, de curiosidade para apreciar as belezas da vida (Moura, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Para mim, foi um marco na minha profissão e vida. Contar histórias é como falar sobre a própria vida. Na contação, você narra um pedaço da própria vida e se emociona, supera seus medos, sua tristeza, compartilha sua alegria, sua coragem. O curso me mostrou que a vida é uma grande história contada, criada a cada momento. Somos os autores, diretores e atores. Toda história que conto vai recheada de mim mesma e me recheio da mensagem da história. Libertou meu espírito, minha criança, minha confiança em mim (Correa, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Pelos relatos seguintes, pode-se perceber que a experiência auxilia os e as docentes a superarem seus limites, como relata a participante E. da S. C., além de passarem por transformações que levaram a I. V. L. S. a demonstrar certo pesar por ter tido a oportunidade de participar do curso já no final da carreira.

Foi o ponto fundamental na minha vida, na questão profissional e pessoal. Eu sempre contei histórias para os meus alunos, na minha salinha fechada, para mim era muito fácil. Quando eu comecei a fazer o curso, que eu tinha que apresentar histórias para os colegas adultos, era um desafio muito grande. [...] Quando pensei que não, eu estava contando história para a escola toda. Assim o medo, a vergonha e a timidez foram passando aos poucos (E. da S. C., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Eu conto história pra ser feliz. Esse é o meu objetivo. Antes, quando eu não era contadora de histórias, eu era uma professora dura, uma professora carrancuda, uma professora conteudista. [...] Então eu me tornei uma pessoa mais humana, mais tranquila, mais feliz. Eu digo que as histórias me resgataram. E eu consegui resgatar um monte de pessoa. Eu poderia ter tido isso lá no início para não carregar esse fardo tão pesado (I. V. L. S., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Na SEEDF, é recorrente que o adoecimento gere limitações na capacidade laboral e, de forma involuntária - muitas vezes abrupta -, a profissional é readaptada e precisa começar a desenvolver atividades na Biblioteca e/ou Sala de Leitura da escola. Além de todo o desgaste emocional gerada pelo adoecimento, a professora, o professor ainda precisam lidar com

atividades totalmente diferentes daquilo que eram habituados a executar. Não é simples nem fácil. Mas a participação no curso “A Arte de Contar Histórias” pode trazer perspectivas e novos olhares para a própria carreira, apresentando-se como uma possibilidade de enriquecimento dessa atuação. Assim, o curso também contribui para a prática, podendo acrescentar à qualidade de vida das e dos profissionais, uma vez que sabemos o quanto é importante sentirmo-nos “úteis” e proativos. Os relatos seguintes exemplificam um pouco a situação.

Eu entrei na Secretaria em 1999. Fui readaptada em 2004. [...] Fui para a Sala de Leitura, que era só um acumulado de livros. Então eu fiz o curso “A Arte de Contar Histórias”. Para mim foi um divisor de águas, porque antes eu ia para escola como uma obrigação, não tinha muita perspectiva. Minha cabeça não estava aberta para projeto de leitura, para contação, para nada. No curso, é como se eu revivesse. A minha vida profissional passou a ter sentido com as histórias porque então, eu soube o que eu ia fazer. A gente que é readaptada fica se sentindo meio fora do contexto, e eu vim me integrar no contexto com as histórias (A. M. R. de V., - professora de Geografia - participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Enquanto professora em sala de aula, eu contava histórias por conta da didática, mas eu fui readaptada e fui parar em uma Sala de Leitura. [...] A princípio era só para organizar os livros e fazer empréstimo como as readaptadas anteriores faziam, mas isso não foi o suficiente para mim. [...] Eu devo muito a esse curso. Na biblioteca, eu usei para fazer projeto. [...] Eu virei a doida da estratégia para os meninos gostarem de ler. [...] Eu me sentia importante, porque todo mundo sabe o quanto difícil é ser uma professora readaptada: você perde o chão, você perde o seu espaço, você não tem mais sala onde ficar (M. dos S. S., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

Entre de licença médica e eu voltei readaptada sem saber muito bem o que fazer. [...] Eu fui resignificando a minha carreira, a minha vida profissional. Então eu comecei a contar mais histórias, eu queria fazer do espaço da biblioteca um espaço que de fato fosse ocupado pelos estudantes. [...] Deu tão certo que nós conseguimos ampliar a biblioteca e ficou um espaço melhor. [...] Então, o curso, de fato, foi uma âncora, aquelas boias que jogam ao mar para salvar, porque infelizmente na rede a gente tem todo um estereótipo de professor readaptado. Ter feito antes o curso “A Arte de Contar Histórias” e o “Tecendo histórias” na Oficina, de fato, me ajudou muito a resignificar a minha vida profissional, pessoal e emocional, porque me serviu de base para ir reconstruindo, reescrevendo novas estradas, novos caminhos (F. B. S., - professora na Escola Técnica - participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Relatos recorrentes dizem respeito à tônica terapêutica inerente às histórias. Cabe esclarecer que este não é o objetivo do curso, mas é uma consequência recorrente relatada por muitos que passam pela experiência, havendo campo para aprofundamento em outras pesquisas, inclusive.

É provável que eu tenha entrado neste mundo de contador de histórias mais para me curar de várias histórias minhas que precisavam ser curadas. Emocionalmente, as histórias tem me salvado. Eu travei. Voltei. Então eu diria que com a pandemia as histórias me sustentaram e, a partir disso, elas começaram mesmo a me curar, a me salvar diariamente. É isso: o papel mesmo vivificador que as histórias têm para mim (F. B. S., - professora na Escola Técnica - participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Me apaixonei pelas histórias e elas me salvaram. A cada vez que eu conto é como se eu renascesse e tenho a sensação de que eu sou útil, que antes eu não tinha, quando eu estava readaptada. [...] Ganhei um prêmio em 2010, no “Brasília, capital da leitura” e através dele foi possível reformar uma sala de leitura da Escola Classe 35 (A. M. R. de V., - professora de Geografia - participação na 4ª Roda Memográfica, plataforma Google Meet, 30/8/2022).

Outra situação desconfortável para muitos profissionais é a aposentadoria, devido à mudança da rotina. A participação no curso “A Arte de Contar Histórias” oferece novas oportunidades para que esses profissionais continuem contribuindo socialmente, realizando atividades prazerosas e beneficiando as gerações mais jovens. Além disso, muitas pesquisas destacam a importância da leitura para um envelhecimento saudável.

Amo esse curso, amo esse universo. Aposentei e entrei no Viva e Deixa Viver¹⁰⁵, onde sou mediadora de leitura com muito orgulho, muito prazer e hoje a gente continua nas formações (M. dos S. S., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

Tem uns 8 anos que estou aposentada. Eu acho que o curso foi a melhor coisa que pode ter acontecido porque a gente sabe padecemos muito dessa coisa de aposentar e não ter o que fazer. [...] No dia seguinte que eu aposentei, eu cheguei na Escola Parque, parece que eu era invisível, ninguém me enxergava mais. Eu falava: meu deus, até ontem eu era indispensável, hoje em dia ninguém me enxerga mais. Agora para que eu sirvo? [...] Essa manifestação que a gente faz nas escolas é importante para eles, para a formação. É um serviço de utilidade pública, na verdade (R. M. C. S., participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

O curso propicia o encontro de participantes que já empregam a contação de histórias em seu cotidiano e outros que nunca contaram histórias na vida. Assim, quem já conta, busca estratégias para se aprimorar e quem nunca contou, muitas vezes é surpreendida (como eu fui), com o despertar da contadora de histórias que habita a pessoa. A partir daí, existem camadas de afetos: aquelas professoras que começam a contar histórias em sua própria sala; outras que avançam um pouco mais e conseguem contar histórias no auditório ou pátio da escola para várias turmas ao mesmo tempo; e existem ainda aquelas que se profissionalizam, ultrapassando o muro das escolas, apresentando-se em igrejas, teatros e outros eventos. Os excertos seguintes exemplificam isso.

Eu trabalhava com Artes Cênicas, e tive oportunidade de fazer o curso em 2007. Eu consegui fazer alguns projetos pela Secretaria de Cultura e acabou que eu, além de usar a contação de histórias dentro da minha sala de aula, também usei profissionalmente e lá se vão alguns bons anos de contação de história. Depois do

¹⁰⁵ A Associação Viva e Deixe Viver é uma OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. O “Viva” prepara voluntários que atuam como contadores de histórias para crianças e adolescentes internados em Brasília e em outros estados. Saiba mais em: <https://icr.usp.br/associacao-viva-e-deixe-viver/> Acesso em: 16 ago. 2024, 10:30.

curso, [...] eu me tornei uma contadora de histórias (Q. B. C. D., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

Eu já mediava leitura, mas não me considerava contadora de histórias. A partir da formação em 2015, me empoderei e comecei profissionalmente (Nascimento, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Sempre gostei em sala de aula de contar histórias, mas sentia vontade de melhorar. Quando apareceu o primeiro curso, foi exatamente dentro do que eu buscava. [...] Eu mesma sempre tive problema com a voz, adoro contar, mas eu sempre ficava com falta de ar. [...] Os dois [cursos] que eu fiz contemplavam essa parte, além das técnicas de contação, de criação de material, de fantoche. Eu lembro que a gente trabalhava muito essa coisa da respiração, da voz, de como falar. Tudo que a gente descobre, a gente leva para a sala e faz diferente, faz de outro jeito (C. M. de S., participação na 2ª Roda Memográfica, plataforma Google Meet, 19/8/2022)

Como relata E. da S. C., a seguir, o curso contribuiu para a travessia do período pandêmico, em que ela usou dos conhecimentos para abrir um canal do *YouTube*:

Na pandemia, eu fiz o canal no YouTube para ajudar os professores que utilizavam o vídeo na sala do Meet. Eu fui me melhorando um pouquinho, colocando em prática tudo que aprendi neste curso “A Arte de Contar Histórias” que para mim foi um ponto fundamental para minha área e hoje eu estou na Biblioteca Pública de Ceilândia como contadora de história, fui requisitada pela Administração. A gente faz os projetos de ir às escolas contando histórias (E. da S. C., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Outra constatação importante é que, quando as e os participantes se identificam com o curso, querem dar continuidade à experiência vivenciada e um dos caminhos para isso acontecer é justamente com a formação de grupos, para seguirem o trabalho com as narrativas, ampliando o repertório, trocando experiências, fazendo experimentos em conjunto. No DF, muitos grupos e contadoras que seguem profissionalmente carreira solo surgiram a partir dessa experiência:

Eu montei o Duo Flor de Cacau (Nascimento, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Depois disso, participei do grupo Tagarelas e hoje sou do grupo Firimfinfoca e do grupo Paepalanthus (Sousa, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

Desde 2019, montamos o grupo Amoras DF, com intensa atuação junto às professoras da Educação Infantil no momento crucial da pandemia, em 2020 (Resende, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, preenchimento da ficha-perfil, 6/5/2022).

No início eu, a Adriana e Adriane, fundamos um grupo chamado Era uma vez. Conseguimos um contrato, primeiro contrato e único, foi no Zoológico. A gente chegou a fazer uma festa de aniversário, mas depois a gente acabou, por questão de tempo (F. A. S. E., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Como já mencionado, o curso possui muitas estratégias e dinâmicas que fomentam a produção de textos. São proposições que despertam o lado criativo e criador dos participantes,

em que os professores executam como quem brinca. É um despertar de possibilidades. Uma sugestão recorrente durante o curso é que se insiram as experiências de vida ao contar as histórias, aproximando contador e narrativa. Isso faz com que, aos poucos, vá surgindo a vontade de contar as próprias histórias. Portanto, muitos participantes se tornam escritores, movimentando a cadeia produtiva do livro e da leitura no cenário da capital federal, como podemos ver:

Recebi o Prêmio Baobá¹⁰⁶ em 2019. Iniciei a carreira de escritora e poetisa com o primeiro livro sendo lançado em 2021 (Nascimento, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Assim como eu tinha vergonha de contar, me expor, eu também tinha vergonha de escrever e deixar alguém ler. Agora eu estou começando a escrever histórias. Escrevi o meu primeiro conto para uma coletânea. Escrevi outro para uma coletânea de Natal que vai ser lançado agora em setembro, ou início de outubro e se Deus quiser, ano que vem vou escrever meu primeiro livro de histórias infantis (E. da S. C., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

O curso “A Arte de Contar Histórias” foi um pontapé inicial e a partir daí foi nascendo mais vontade de escrever mais livros. Já tenho 5 e mais dois que estão na editora para sair e a gente não para mais (R. M. C. S., participação na 4ª Roda Memográfica, Google Meet, 30/8/2022).

Depois que entrei na contação de histórias, [...] me despertou esse desejo de escrever, de contar a minha própria história, da minha família (F. N. P. da S., - professora de Matemática, Anos Finais e Ensino Médio, entrevista semiestruturada – roteiro escrito 13/4/23).

5.5.3 Contribuição para a cena artística-cultural do DF

Como já vimos, na semana em que acontece a Feira do Livro, geralmente, o encontro acontece no evento. Passado algum tempo da formação, são muitas as e os egressos que encontramos ocupando os *stands* com seus livros durante a Feira, comprovando, mais uma vez, o valor desta parceria.

A escritora Regina Caldeira, egressa da 1ª turma do curso (1999), por exemplo, é presença confirmada nas Feiras do Livro de Brasília. Ter participado do curso no início de sua carreira foi fundamental para que ela se tornasse a profissional que é e pudesse aplicar em toda sua trajetória os conhecimentos vivenciados durante a formação. Resulta daí a percepção da importância de que o curso possa ser oferecido também às professoras e aos professores recém-contratados pela SEEDF, pois pode fazer a diferença para toda sua carreira profissional. Nas palavras da autora:

¹⁰⁶ Troféu Baobá = prêmio concedido a contadores de histórias, escritores, editoras, movimentos e fundações, que fortalecem, ampliam e difundem a arte narrativa no Brasil. Fonte: <https://www.fadc.org.br/noticias/fundacao-ganha-pela-primeira-vez-o-premio-baoba> Acesso em: 6 jul. 2025, 13:00.

Eu fiz o curso “A Arte de Contar Histórias” em 1999, em Brazlândia, no ano em que entrei na Secretaria. Eu me apaixonei pelo curso e coloquei em prática tanto as técnicas, ideias que foram passadas, de encadernação com linha, de tipos de fantoche, de tipo de histórias para agradar a todos os públicos e também continuei na formação. [...] Depois que eu consegui me aposentar, eu me embrenhei em contar as minhas histórias em livros. Já estou com duas publicações autorais, duas coletâneas, uma prefaciada pelo Celso Sisto, e acho que até dezembro vou estar com 8 ou 9 antologias. Estou me dedicando, estou tentando aprender, melhorar, assim como eu fiz com o curso “A Arte de Contar Histórias”, pra escrever eu também vejo isso: que eu preciso buscar formas mais significativas, para eu atender melhor o meu público, meu leitor e os alunos das escolas que são meu grande público de coração (R.F.C., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

Figura 90 - Obras escritas por Regina Caldeira



Fonte: acervo da professora, cedido para a pesquisa

Além disso, após participar do curso, conforme vimos, as professoras e os professores cursistas sentem-se motivados a continuarem estudando o assunto, participando de outras formações e, também, de eventos como saraus específicos de contação de histórias ou mesmo saraus culturais. O curso favorece um “despertar” para vivências culturais e artísticas, o que pode agregar valor ao cotidiano dos e das egressas:

Os saraus foram minha pegada durante anos. Eu frequentava muito os saraus em Taguatinga, no DF todo, mas recitando poesia. O curso “A Arte de Contar Histórias” me deu essa base de tempo, de respiração, de trabalhar poesia como a gente trabalha a contação de histórias. A tribo das Artes em Taguatinga foi um celeiro muito grande. Na época, eu, Adriana e Marcelo do Matraka Aberta contávamos histórias nos saraus. Era legal isso, porque era outro público, adulto, uma outra tensão (F. A. S. E., participação na 3ª Roda Memográfica, Google Meet, 26/8/2022).

Algumas professoras cursistas profissionalizaram-se e já conseguiram aprovação em projetos do FAC/DF (Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal). O curso é, portanto, um propulsor de possibilidades, a partir da escolha e do envolvimento de quem dele participa. Um exemplo é o projeto “Cadê a história que estava aqui”, o qual atendeu escolas das Regiões de Ceilândia, Samambaia e Taguatinga, Recanto, Riacho I e Riacho II, Cruzeiro, Estrutural e Candangolândia, durante os anos de 2015, 2018 e 2021. Não há como mensurar o alcance que

a referida formação pode ter e, além de tudo, fica evidente a sua capilaridade dentro da própria Secretaria. Trata-se de um retorno para as escolas públicas, levando arte e cultura para as crianças, jovens e adultos.

Figura 91 - Exemplo de projeto que retorna com benefícios para estudantes da SEEDF

22 • **Cidades** • Brasília, 10 de maio, 26 de março de 2021 • **Comunidade**

Queila e Augusto: projeto possibilita aos alunos de escolas públicas uma passagem para o universo dos contos de fadas

Casal de contadores de histórias leva a crianças da rede pública de ensino do DF o contato com o mundo dos contos de fadas

Do ouvido ao coração

Foto: Vinícius Santos/Inf/DFOP/Imagem

• **ALINE BRITO**

Contar histórias é uma arte que tem papel essencial na vida das crianças. Narrar um conto é a presença viva da imaginação cultural, uma ponte entre o imaginário e a realidade. Além disso, fortalece os laços afetivos e sociais. Os profissionais de contos de histórias são personagens fundamentais na viagem lúdica no mundo dos contos infantis e, para alcançar esses papéis, é necessário obter conhecimentos específicos para contar e atuar no cotidiano. Contadores de histórias no Distrito Federal atuam com a criação de uma narrativa única para a diversidade.

"Cada história que contamos aqui" é um dos projetos que possibilita aos alunos de escolas da rede pública do DF uma passagem por o universo dos contos de fadas. Criado pelos brasileiros Queila Branco e Augusto Dias, com o apoio da Fundação de Apoio à Cultura (FAC), da Secretaria de Cultura, a iniciativa busca passar de boca em boca, de pai para filho, as histórias dos filhos infantis. O casal percorre colégios públicos desde 2014.

A participação das crianças é perceptível para quem observa a apresentação do casal. Semanas no chão do pátio da escola, com os olhos brilhando, as crianças assistem, atentas, às versões de histórias conhecidas popularmente, como João e Maria e a Princesa e o Sapo. O entusiasmo das pessoas que apresentam a contação acontece desde o momento em que as palavras "uma vez" são pronunciadas. Histórias,

entusiasmo, palmas, semblantes agradáveis, alegres e surpreendentes são vistos nos sorrisos de todos.

Com o discurso poético e lúdico, francês Jean de La Fontaine, "no qual falar ao coração é o bastante, há que se contar uma história. Desde então não falarei mais, eu mesmo em alta voz. Porque é assim — nasce o documento que se desperça e se esvai". É exatamente assim que o projeto "Conto e história que estão aqui" chega aos corações de quem participa, por meio do lúdico, da fantasia. "Da minha boca para o seu ouvido, de seu ouvido para o seu coração", assim, com essa frase, Queila finaliza todas as apresentações.

O objetivo de Queila de contar histórias surgiu com a necessidade. Os filhos da professora tinham dificuldade para ler, e ela decidiu trabalhar no mesmo idioma para tratar esse problema. "Eu senti a necessidade de usar histórias para com as filhas a mãe, antes de elas dominarem. Isso se refletiu no processo da mãe e despertou o interesse pela leitura", conta Queila. Hoje tem 14 anos, as filhas dela são leitoras assíduas e "fala muita história pra contar. Além de ler, elas gostam de contar. Além de ler, elas gostam de contar. Além de ler, elas gostam de contar", afirma Queila.

Em 2007 a professora ingressou em um curso de contação de histórias e se profissionalizou. "Hoje eu conto histórias profissionalmente. O curso trouxe novas ferramentas e me mostrou as muitas possibilidades de expandir aquilo que eu fazia com meus filhos diariamente. A partir daí eu vi a importância de alcançar muitas

crianças", disse a contadora de histórias. Para o projeto, Queila contou o amor pelos contos com o marido, Augusto Dias, pela música para crianças e operários. Juntos há 21 anos, juntos, 11 anos foram contos de histórias. "Foi bacana juntar a habilidade da música com a contação de histórias. Estamos há mais de 10 anos na estrada, percorrendo escolas e levando a magia para crianças e adolescentes", menciona Queila.

O projeto

No primeiro ano de atuação, o projeto atendeu 7 mil crianças da rede pública de ensino. Este ano, no primeiro trimestre, as regiões administrativas que estão sendo contempladas são Ilhéus, Fátima I e II e Recanto das Emas. O plano da contação é visitar todas as regiões administrativas e levar o encantamento à realidade das crianças. "No projeto, nós apresentamos os contos tradicionais às escolas e os contamos como obras-primas de infância, com o mesmo sentimento das narrativas populares", explica Queila Branco.

Até hoje, sete histórias fazem parte da repertório do projeto. Para cada apresentação, um conto é escolhido de acordo com a faixa etária dos ouvintes. Nos centros de educação infantil, geralmente, são feitas narrativas dos Três Porquinhos e Patinho Feito, em centros de ensino fundamental são apresentadas versões da Rapunzel e João e Maria, por exemplo. "Ter é preciso manter habilidades e a conexão de histórias ajuda a formar novos leitores. Então nós temos o cuidado de escolher os contos que mais se adequam à idade de quem vai assistir à apresentação, para que tenha um ganho maior com a contação em sua particularidade", afirma Queila.

As apresentações são compostas por elementos visuais que ajudam a desenvolver o contato com elementos técnicos pelo músico Augusto Dias. "Temos recursos sempre para prender a atenção de quem assiste. Claro que a contação muda para contar a história também é

fundamental", esclarece a contadora de histórias. "No conto de Patinho Feito, por exemplo, três pessoas que se encontram, as vozes são crianças, o momento em que a história se acaba é o momento em que a história se acaba, o momento em que a história se acaba", menciona Augusto.

Elizete Pereira dos Santos, 5 anos, assistiu à apresentação das histórias das três porquinhos e do Patinho Feito. Durante o espetáculo, realizou no centro de ensino infantil 914 do Recanto das Emas, a primeira estadia no decorrer de um dia de contação e interação, em um momento, com a história. "Eu não sabia que eles contavam histórias, eu não sabia que eles contavam histórias", disse Elizete.

A família participou e permitiu a participação a magia dos contos de fadas. "Eu sei a minha, quando eu vou contar a minha mãe, quando eu vou contar a minha mãe, quando eu vou contar a minha mãe, quando eu vou contar a minha mãe", garante a criança.

Para o segundo trimestre deste ano, existe a expectativa de ampliar o projeto e levar para outras regiões administrativas. "A história que gosta de ficar espalhada no livro, gosto de contar de boca a boca. O DF tem muitos contadores de história, ao mesmo tempo eu quero saber a percepção que a contação é uma arte e uma história necessária", destaca Queila Branco. Há previsão de sessões em escolas de Brasília.

"Estágio sob supervisão de José Carlos Vieira"

Fonte: acervo pessoal da professora Queila Branco, cedido para a pesquisa.

A participação no curso abre possibilidades de aproximação com escritores, nos Encontrões, como já vimos. Há, ainda, a criação de uma rede de contadores de histórias que passam a se encontrar nos eventos em prol do livro e da leitura no DF e fora dele, conforme atestam os relatos:

Tudo na escola é uma construção coletiva e as pessoas são pediram para, dentro do projeto de literatura, promover visitas de autores. A primeira autora que a gente convidou foi a Íris Borges, que foi de manhã. A gente almoçou juntas. [...] A gente vai sempre conhecendo mais gente, é uma teia. Vai formando um círculo de amizade em que todo mundo conhece todo mundo (T. A. F., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

A gente conhece muita gente bacana, muita gente especial. Sabe quando você encontra o seu ninho? Os seus pares? Aquela coisa gostosa? (M. dos S. S., participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022)

Os relatos elencados exemplificam como o curso alcançou esferas muito mais amplas do que as previstas no seu objetivo geral, que, inclusive, após tantos anos de experiência, pode ser melhor elaborado, buscando-se alcançar resultados mensuráveis.

Ao conversar com as pessoas envolvidas com o curso, há camadas de afetos: as professoras cursistas possuem memórias alegres, positivas, de tudo que foi vivenciado e alterado em suas práticas. As professoras formadoras possuem boas lembranças, mas também algumas dores - pela falta de reconhecimento do sistema, pelos desafios recorrentes da ausência de apoio e, até mesmo, pela falta de respeito em relação às condições de trabalho. Há ainda as professoras que atuam na coordenação desses espaços; com quem conversei, percebi o desconforto muito maior. Elas são cobradas de todos os lados, de superiores hierárquicos e, também, de subordinados. Muitas ficam adoecidas devido à sobrecarga de cobranças.

Na perspectiva do trabalho em rede oriunda do curso, sempre houve a parceria com outros projetos, em uma visão sistêmica da rede e buscando fazer parcerias para além da SEEDF. Apresento brevemente no próximo capítulo alguns projetos com que foram estabelecidas parcerias. Deixo um poema escrito por Betinha, em 2002, publicado no caderno do curso daquele ano, como convite para que, no próximo capítulo, possamos conhecer os dados quantitativos da formação, alguns percalços que se fizeram presentes ao longo da história, uma breve apresentação de cada CVLOP, com memórias de professoras formadoras referentes ao curso investigado.

A Arte de Contar Histórias

Era uma vez...

Um curso que se fez arte

Arte de professor que sonha,

cria e recria.

Que se permite viajar no mundo mágico das histórias, se emociona,

se contagia.

Supera seus medos, seus limites.

Acredita ser capaz de escrever sua própria história,

libertando suas palavras,

seus encantos,

suas fantasias.

Vamos lá?

6 ATÉ QUE UM DIA - COMO O CURSO ACONTECEU, APESAR DOS PERCALÇOS, NO TEMPO E NO ESPAÇO

*Podemos dizer que o Sagrado veio, e, com ele, veio a Fé:
fé na vida, fé no amor que cura as velhas feridas
e olhamos com mais sabedoria, porque o tempo,
ah, o tempo! O tempo nos ensina que, no nosso presente,
podemos mudar, refletir, escrever, pintar e bordar
uma nova história para contar.
História de desafios, superação, companheirismo
e Fé no ser humano...
Quando colocamos o melhor de nós em tudo que fazemos. ❤️*

*Cristina Ferreira (professora cursista
e professora formadora, WhatsApp, 23/11/2022).*

Após ter sido convidada para participar da filmagem da história para o documentário, presente na introdução desta tese, e sensibilizada por ela, a professora formadora Cristina de Fátima me enviou, voluntária e inesperadamente, o trecho que estou usando como epígrafe neste capítulo. É a fé, a crença de que é possível uma educação diferente e com melhor qualidade que move as professoras e os professores formadores dos CVLOP. É acreditar na proposta, por meio de resultados palpáveis junto à comunidade atendida, que faz com que o grupo não desista de seguir em frente, mesmo em meio às dificuldades diversas, com mudanças de governo, de políticas e diretrizes educacionais. É fácil? Não. É claro que não. Ir contra forças hegemônicas durante um período de quase quatro décadas é um desafio constante. Há profissionais que desistem, que adoecem diante de tantos desafios e de desrespeito com o trabalho realizado. É um pouco das dificuldades enfrentadas que apresento neste capítulo. Como parte da historiografia da formação, também compartilho os dados quantitativos do curso - categorizado em três gerações (1999–2003; 2006-2008; 2015-2019) e apresento, de forma sucinta, cada uma das Oficinas, com destaque para o ano em que começaram suas atividades. O Anexo 4 é composto por alguns documentos que oferecem subsídios para a referência cronológica. Também verso sobre importantes parcerias estabelecidas. Como uma narrativa, é claro que há tensões em momentos específicos do enredo... E, nesses momentos, o que acontece? Como os conflitos se apresentam e são solucionados? É o que também apresento.

6.1 Sistematização da história

6.1.1 Primeira Geração do Curso (1999-2003)

Após a formação de formadores ministrada no ano 2000, a qual serviria como inspiração e guia para outras escolhas pedagógicas e metodológicas durante o curso nas diferentes

Regionais, a equipe de cada Oficina Pedagógica precisava adaptar à sua realidade os conhecimentos adquiridos e oferecer a formação em diálogo com a realidade local e com as escolhas e orientações da equipe de cada Oficina Pedagógica. Na sequência, apresento como se configurou a quantidade de professores certificados pelo curso ao longo dos anos, intercalando com algumas situações e reflexões.

Quadro 18 - Ano 1999

OFICINA PEDAGÓGICA DE BRAZLÂNDIA	57
---	-----------

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jun. 2022.

Quadro 19 - Ano 2000

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	20	PLANO PILOTO	21
CEILÂNDIA	25	PLANALTINA	28
GAMA	18	SAMAMBAIA	29
GUARÁ	22	SANTA MARIA	29
NÚCLEO BANDEIRANTE	14	TAGUATINGA	25
PARANOÁ	22	FORMAÇÃO DE FORMADORES	23
		TOTAL	276

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, acervo da EAPE, em jun. 2022.

Em 2000, o curso começava a se espalhar pelas Coordenações Regionais de Ensino do Distrito Federal, em uma formação em rede, e a recepção pelas professoras e pelos professores cursistas se assemelhava com a que havia sido na experiência inicial em Brazlândia e na formação de formadores: positiva e envolvente. Começava, na prática, um movimento em prol da leitura e da contação de histórias nas escolas do Distrito Federal. Interessante salientar que o projeto disponibilizara 275 vagas para o curso e foram certificados 276, ou seja, todas as vagas foram preenchidas. Além disso, as e os participantes concluíram a formação, um dado relevante que expressa a participação ativa das e dos cursistas.

Quadro 20 - Ano 2001

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	18	PLANALTINA	31
CEILÂNDIA	65	SAMAMBAIA	20
GAMA	44	SANTA MARIA	49
GUARÁ	19	SOBRADINHO	23
NÚCLEO BANDEIRANTE	24	TAGUATINGA	26
PLANO PILOTO	24	TOTAL	343

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jun. 2022.

Quadro 21 - Ano 2002

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	36	PLANALTINA	24
CEILÂNDIA	51	RECANTO DAS EMAS	37
GAMA	64	SAMAMBAIA	22
GUARÁ	18	SÃO SEBASTIÃO	19
NÚCLEO BANDEIRANTE	42	SANTA MARIA	36
PARANOÁ	39	SOBRADINHO	19
PLANO PILOTO	21	TAGUATINGA	20
		TOTAL	448

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jun. 2022.

Em 2002, foram coletados dados para uma pesquisa de mestrado de uma autora que não foi professora formadora nas Oficinas Pedagógicas, mas seu nome aparece em várias ocasiões como colaboradora. O título é “Análise das concepções de leitura no discurso de professores participantes de projeto de formação continuada”, defendida na Faculdade de Educação da UnB, em 2003. O objeto da pesquisa foi o curso “A Arte de Contar Histórias”, mas com o recorte de apenas uma Oficina Pedagógica, a do Plano Piloto. A pesquisadora concentrou-se em apenas um aspecto do curso: a leitura literária, que era seu objeto de pesquisa, sua área de interesse e de formação.

Defendida no final de 2003, a pesquisa, entre vários outros pontos, questiona sobre a formação dos professores formadores da “oficina”¹⁰⁷ serem de diversas áreas - uma característica também das turmas formadas, pois toda professora e professor que tenha interesse pode participar do curso, independentemente da sua área de formação/ atuação. Ao constituir turmas heterogêneas, foi possível entender, na prática, que a leitura literária é um tema transversal e deve, sim, ser incentivada por todas as professoras e professores, independentemente da sua graduação.

É legal ter isso nos dados porque a gente sempre misturou, apesar de sermos questionados. Porque acreditam ser interessante ter público específico e a gente sabe que as histórias podem integrar qualquer componente. A gente sempre contestou essa “norma”. Os dados nos ajudam a perceber que estávamos certos, que era um caminho a ficar aberto a quem tivesse interesse (Andrade, informação verbal, presencial, 9/8/2023).

Propiciar o incentivo à leitura por meio de várias proposições artísticas, dinâmicas, vivências, exercícios de produção de textos contribuía para o envolvimento dos professores formadores e, também, dos professores cursistas, evocando seu lado criativo e criador, muitas vezes adormecido pela escola que os formou. Possuindo participantes desde a Educação Infantil

¹⁰⁷ A autora trata o curso de 180h como uma oficina. A ambiguidade do termo “Oficina Pedagógica” foi abordada por mim na dissertação de Mestrado, anteriormente mencionada.

até o Ensino Médio, ainda com os atuantes da EJA, Educação Especial e Ensino Profissionalizante na mesma turma, não se tratava de receitas prontas, mas de ideias, sugestões, possibilidades de vivências que deveriam ser ressignificadas de acordo com a realidade e a prática de cada professor cursista em sua sala de aula. É, novamente, uma postura de vanguarda desenvolvida pelas Oficinas Pedagógicas. Essa experiência ia sendo constituída com êxito, apesar das dificuldades que ia encontrando, especialmente relacionada à falta de material de consumo.

Quadro 22 - Ano 2003

OFICINA PEDAGÓGICA	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	48	PLANALTINA	38
CEILÂNDIA	53	RECANTO DAS EMAS	16
GAMA	48	SAMAMBAIA	24
GUARÁ	51	SÃO SEBASTIÃO	14
NÚCLEO BANDEIRANTE	39	SANTA MARIA	59
PARANOÁ	27	SOBRADINHO	17
PLANO PILOTO	27	TAGUATINGA	42
		TOTAL	503

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jul. 2022.

As Oficinas Pedagógicas não tiveram autorização para ministrarem o curso em 2004 e em 2005. Dessa forma, de 1999 a 2003, formou-se o que vou convencionar de 1ª Geração do curso “A Arte de Contar Histórias”.

Gráfico 4 - 1ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jul. 2022

Na 1ª Geração do curso, foram certificadas 1.627 professoras e professores cursistas, um quantitativo expressivo de docentes espalhadas nas Regionais de Ensino do Distrito Federal. Como se pode observar por meio do Gráfico 1, o curso ia em uma crescente a cada ano,

aumentando a quantidade de professoras e professores cursistas participantes. Se considerarmos que cada uma atendesse uma média de 25 estudantes por ano (uma média tímida e modesta, uma vez que várias professoras e professores cursistas eram de áreas específicas ou atuavam na coordenação local e intermediária, gestão de escola e orientação educacional, possuindo, portanto, um quantitativo muito maior de estudantes), teríamos que **40.675 estudantes foram beneficiados** pela formação de maneira indireta. Porém, em 2004, houve a primeira ruptura. Conforme relatos recolhidos, isso se deu por disputas internas. Uma experiência que vinha em uma crescente, com concorrência de vagas para a participação e o acúmulo de relatos positivos foi interrompida. A professora Elza Muñiz traz considerações importantes de quem viveu o processo à época:

[...]Integrava [referindo-se ao curso] de uma forma lúdica as questões de aprendizagem do código de leitura, mas era tudo integrado dentro de um trabalho corporal, estético, humano, de autoconhecimento. Isso foi muito bom pra nós. Infelizmente, talvez diante de tanto sucesso que causou entre os professores, não demorou muito e o trabalho começou a ser sabotado, institucionalmente falando. Nós tínhamos briga por vaga nas portas das Oficinas. Então nós tivemos sistematicamente as inscrições dos nossos cursos sendo deixadas por último, depois que todos os outros cursos eram preenchidos. Só aí vinham as nossas ofertas. Teve diminuição de carga horária. Então foi necessária uma luta muito grande para manter esse trabalho acontecendo. Em alguns momentos ele foi de fato suspenso. Depois ele foi resgatado com outros nomes, outros formatos, mas a gente sabe que a essência dele tem toda a cara da Oficina Pedagógica (Muñiz, participação na 1ª Roda Memográfica - presencial, 6/5/2022).

Em 2004, os dados registram o curso: “A Arte de Contar Histórias – Formação de Formadores”, solicitado diretamente pela EAPE, sob responsabilidade de uma professora formadora, que, nas atas anteriores, aparecia como coordenadora e articuladora do curso na EAPE, mas que não compunha o quadro de profissionais atuantes em nenhuma Oficina Pedagógica. O objetivo era “oportunizar a formação de profissionais que possam atuar, junto às GRE, no ano de 2005, na capacitação de professores no curso ‘A Arte de Contar Histórias’” (Distrito Federal, Projeto de curso, 2004). O público-alvo eram “professores lotados na GRE que possam atuar como formador no curso ‘A Arte de Contar Histórias’ no ano de 2005” (Distrito Federal, Projeto de curso, 2004). Esse curso, agora sob a responsabilidade desta professora formadora - que passou a ser a única docente e responsável pela formação - não foi oferecido pelas Oficinas Pedagógicas, e por este motivo há o entendimento de que, embora possua o mesmo nome, não se trata do mesmo projeto. Os dados quantitativos da formação oferecida em 2004 e em 2005 não foram considerados para a presente pesquisa. Em 2004, não aparece, nos dados, nenhuma menção de cursos que tenham sido ministrados pelas Oficinas Pedagógicas.

No ano seguinte, 2005, o curso proposto pela professora formadora da EAPE em 2004 foi ministrado nas seguintes Regionais de Ensino: Gama, Sobradinho, São Sebastião e na própria EAPE, com carga horária reduzida para 60h. O objetivo do curso era: “oportunizar a formação de profissionais que possam atuar, junto aos alunos e DREs, como incentivadores do hábito da leitura”. O projeto do curso sofre pouquíssimas mudanças com relação aos projetos submetidos pelas Oficinas Pedagógicas, constando que a participação delas seria apenas para oferecer suporte à pesquisa de jogos relacionados à leitura. De idealizadores e executores do projeto investigado, as Oficinas foram reduzidas a coadjuvantes.

Embora tenha havido oferta de apenas seis turmas, em quatro polos diferentes, houve a participação de professores cursistas de Ceilândia, Brazlândia, Samambaia, Taguatinga, demonstrando que o trabalho unificado das Oficinas Pedagógicas, presentes nas 14 CRE, é ponto forte para atrair as professoras e os professores cursistas para a formação. Afinal, é desejável pelos participantes que as formações aconteçam próximas ao local de atuação na SEEDF. Gostaria de ter conseguido escutar alguém que pudesse esclarecer os entendimentos, pois, como um mosaico em 3D, a presente investigação buscou construir dados a partir de diferentes pontos de vista. Apesar de tentar, não consegui ninguém que concordasse em me conceder uma entrevista. Certamente, o silêncio também comunica algo para se refletir.

6.1.2 Segunda Geração do Curso (2006-2008)

Em 2006, o curso voltou para a responsabilidade das Oficinas Pedagógicas, que receberam a autorização para oferecer a formação novamente. Não houve nova formação de formadores oficial para isso. Havia encontros às quartas-feiras, no Setor de Indústrias e Abastecimento (SIA), sob coordenação da professora Iva de Oliveira, para trocas de experiências. É em 2006 que se instituiu o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) pelos Ministros da Cultura e da Educação, fortalecendo o movimento do livro e da leitura em âmbito nacional. Vejamos os dados quantitativos da 2ª geração:

Quadro 23 - Ano 2006

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	43	PLANALTINA	19
CEILÂNDIA	52	RECANTO DAS EMAS	32
GAMA	48	SÃO SEBASTIÃO	19
GUARÁ	23	SANTA MARIA	37
NÚCLEO BANDEIRANTE	34	SOBRADINHO	21
PARANOÁ	25		
PLANO PILOTO	23	TOTAL	376

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jul. 2022.

Quadro 24 - Ano 2007

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
CEILÂNDIA	50	RECANTO DAS EMAS	19
GAMA	57	SÃO SEBASTIÃO	27
NÚCLEO BANDEIRANTE	49	SANTA MARIA	25
PARANOÁ	15	SOBRADINHO	16
PLANO PILOTO	26	TAGUATINGA	33
PLANALTINA	18	TOTAL	335

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jul. 2022.

Quadro 25 - Ano 2008

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	44	RECANTO DAS EMAS	20
CEILÂNDIA	50	SAMAMBAIA	18
GAMA	67	SANTA MARIA	18
GUARÁ	35	SOBRADINHO	32
NÚCLEO BANDEIRANTE	26	TAGUATINGA	37
		TOTAL	347

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jul. 2022.

No ano de 2008, o curso ocupou páginas do Jornal do Centro Interescolar de Línguas do Guará, em que há a reflexão: “Foram momentos de aprendizagem significativos para todo o grupo participante. A literatura foi vista de diversos ângulos, dentre eles o científico e o sentimental” (Jornal do Centro Interescolar de Línguas do Guará - CILG, 2008).

Figura 92 - Reportagem sobre o curso, Guará, 2008

"A Arte de Contar Histórias"

O curso "A Arte de Contar Histórias" é ministrado pelas Oficinas Pedagógicas das Diretorias Regionais de Ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Para fazer o curso é preciso: desinibição, alegria, criatividade, emoção, expressão, memória, tranquilidade, organização, disciplina, entusiasmo, motivação e imaginação. Foram momentos de aprendizagem significativos para todo o grupo participante. A literatura foi vista de diversos ângulos, dentre eles, o científico e o sentimental. Cada momento foi marcado pela organização, pontualidade, criatividade e interesse das monitoras e pelos participantes. O curso é o início de uma grande história, que será contada por cada um de nós ao longo de nossa vida profissional e pessoal. A diversidade de pensamentos foi um marco enriquecedor deste curso.

"Até hoje quem sente para contar uma história, pratica a deliciosa arte de abrir as portas da imaginação." (Fanny Abramovitch)

Entrada do estande de Francôis.

Susana, Denise, Verônica, Adalgisa e Nelzimar.
Responsáveis pelo Curso.

Responsáveis pelo Projeto "Interação Cultural": Aramides da Sousa Silva, Francisca Rodrigues de Quadro Pontes, Lucília Albezem Mundim, Silvény Müller dos Santos e Tatiane de Cássia Farias Brito.
Contribuição especial: alunos do CILG Guará.
Edição: Christian Ranier de M. Chagas.

Fonte: acervo do CVLOP Guará, cedido para a pesquisa.

Gráfico 5 - 2ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em jul. 2022

A segunda geração do curso apresenta um equilíbrio, com uma média de trezentos e cinquenta certificados emitidos por ano. Observem que no primeiro ano já houve 376 professoras e professores certificados, um número expressivo. Seguindo a mesma projeção, de 25 estudantes por cursista concluinte, teríamos cerca de **26.450** estudantes beneficiados pela formação de maneira indireta. Porém, em 2009 aconteceu a segunda ruptura e o curso não teve autorização para ser oferecido por nenhuma Oficina Pedagógica, por razões políticas. A quantidade de cursistas certificadas e com interesse na formação continuava alta. Inclusive, no site do Sinpro,¹⁰⁸ há uma nota da manifestação de algumas professoras e professores cursistas que questionavam a falta de atendimento por parte das Oficinas, no segundo semestre do ano de 2009, período em que nenhum curso teve autorização para acontecer.

Nesse período, as Oficinas Pedagógicas atenderam por meio de oficinas temáticas ou mesmo cursos, com certificação ou declaração oferecida por algumas Regionais de Ensino e que não possuem o mesmo peso para a transposição de barreira¹⁰⁹. Entretanto, os certificados com carga horária maior são mais valorizados pelas professoras e professores cursistas, pois há a necessidade de que a professora e o professor apresentem, a cada cinco anos, a comprovação de que tenha participado de cursos de formação continuada com a carga horária total de 180h, sendo obrigatório ao menos um certificado de 120h acrescentando-se outros até atingir a carga horária total.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/oficina-pedagogica-um-espaco-de-formacao-ludica-do-professor/>
Acesso em: 21 ago. 2024, 11:30.

¹⁰⁹ Transposição de barreira é o termo adotado para o professor referir-se à progressão por mérito, conforme o Plano de Carreira vigente.

Enquanto os cursos propostos pelas Oficinas Pedagógicas não tinham autorização para serem oferecidos (2º semestre de 2009), as professoras e os professores formadores participaram de quatro formações de formadores diferentes: “Vê melhor quem lê primeiro”, “Matemática é Brincadeira”, “A magia do origami”, “Brincadeira é coisa séria”. No ano seguinte (2010), a suspensão de TODOS os cursos das Oficinas continuou e, novamente, as Oficinas atuaram em parceria com as respectivas Regionais de Ensino, enfraquecendo o trabalho coletivo e a potência que emerge desse grupo. A proposta inovadora com a qual a rede pública de ensino do DF podia contar e que segue seu propósito, muitas vezes, pela garra das e dos componentes das equipes que sabem na pele e também a partir de dados o valor das propostas oferecidas nem sempre teve o apoio institucional. Paradoxalmente, nenhum dos cursos de formação de formadores que aconteceram no ano anterior tiveram autorização para acontecer. Em alguns momentos pontuais da trajetória histórica dos CVLOP, percebe-se uma intenção oculta de engessamento do trabalho. Politicamente no DF, o ano de 2010 foi bastante conturbado¹¹⁰ e obviamente isso se reflete nos setores públicos.

Ainda em 2010, a Subsecretaria de Gestão Pedagógica e Inclusão Educacional (SGPIE) – Assessoria Lúdico-Pedagógica, por meio da Circular nº 101, de março de 2010, solicitou uma ficha completa de identificação das Oficinas Pedagógicas. A solicitação foi atendida e a coordenação fez a compilação desses dados. No geral, foram apresentadas as informações nos vários relatórios, de Oficinas Pedagógicas diferentes: identificação (endereço, telefone, equipe de gestão dos Núcleos de Monitoramento Pedagógico - NMP, equipe da Oficina); objetivos gerais e específicos; justificativa; metas; procedimentos/ações (oficinas temáticas, participação em eventos, projetos); avaliação; cronograma de atividades (projetos, oficinas, palestras, simpósios, eventos); agenda semanal das professoras formadoras; cópia do projeto das oficinas temáticas oferecidas - participação em eventos da Regional; relação de jogos produzidos; cronograma de atendimento. Trata-se de um documento bem completo, considerando a quantidade de ações executadas, a despeito da não oferta de cursos, que não tiveram autorização da EAPE para acontecerem.

Em 2011, no governo Agnelo Queiroz (PT) que tinha como slogan “Brasília, capital da leitura”, o Plano Distrital do Livro e da Leitura (PDLL) foi lançado no Distrito Federal. Foi um

¹¹⁰ Considerado um ano para ficar na memória devido a muitos escândalos, tivemos: Operação Caixa de Pandora. Prisão e cassação do governador José Roberto Arruda. O vice, Paulo Octávio, renunciou ao cargo e houve a eleição indireta de Rogério Rosso para um mandato-tampão. Dois deputados distritais renunciaram para escapar da degola e a deputada Eurides Brito acabou cassada por seus pares. Maiores informações: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/12/31/interna_cidadesdf,230176/2010-e-um-ano-para-ficar-na-memoria.shtml Acesso em: 15 ago. 2024, 20:00.

grande passo no sentido de se instaurar uma política pública do livro e da leitura em nível local. Naquele ano, a nova coordenação das Oficinas apresentou um projeto de formação de formadores com foco na leitura. Porém, o curso precisaria ser semestral, pois as Oficinas não teriam autorização para ministrar cursos anuais, embora outros núcleos oferecessem cursos anuais naquele momento. Além disso, o curso não poderia receber o mesmo nome que já tivesse sido utilizado em governos anteriores, conforme mencionado por algumas professoras formadoras nas Rodas Memográficas.

Diante desse contexto, por sua vez, as professoras e os professores formadores das Oficinas não concordaram em manter o nome “A Arte de Contar Histórias” com carga horária semestral – 90h, uma vez que a carga horária de 180h foi uma conquista do grupo, fundamentada na comprovação de que havia a necessidade desse formato para sucesso da experiência formativa.

Nascia, naquele ano (2011), o curso: “Tecendo Histórias”, para o qual houve a tentativa de inserção como projeto de política pública em prol da leitura, mas ficou engavetado. O curso aconteceu apenas em 2011 e não se repetiu mais. No decorrer da formação, eram convidados estudiosos de renome no cenário educacional do DF no que tange às pesquisas sobre livro, leitura e afins. Ao final da formação, por destoar da metodologia desenvolvida pelas Oficinas, uma vez que o curso tinha um foco muito forte no embasamento teórico e fragmentado, desconsiderando o lado prático e a conexão entre todas as propostas para o encontro, *modus operandi* das Oficinas, as professoras e os professores formadores conseguiram contribuir com sua experiência sobre os temas do livro e da leitura, incluindo estratégias já vivenciadas com sucesso no curso “A Arte de Contar Histórias”, de maneira que a formação foi exitosa, conforme avaliação das participantes. No entanto, por ser um projeto diferente daquele que estamos investigando nesta pesquisa, seus dados quantitativos também não foram considerados.

O curso “A Arte de Contar Histórias” havia se tornado uma formação de grande força identitária para as Oficinas Pedagógicas e a verdade é que suas professoras e professores formadores sempre tinham a intenção de oferecê-lo, uma vez que sua riqueza, em vários aspectos, podia ser comprovada pelos relatos e avaliações de quem dele participava. O *feedback* positivo era um incentivador para que o trabalho continuasse e para que as e os docentes se sentissem motivados a oferecê-lo.

No entanto, por seis anos consecutivos o curso não teve autorização para acontecer. Algumas demandas iam surgindo para que as Oficinas Pedagógicas atendessem e empregassem sua energia. Em 2011, 2012, 2013 e 2014 houve a solicitação de que as Oficinas atendessem os professores que atuavam junto aos estudantes em defasagem idade/série. Nesse período,

nasceram os cursos: “Baú de Ideias” e “CDIS - Correção da Distorção Idade/Série”. Em 2013 e 2014 também surgiu a demanda para atendimento à Lei nº 11.769/2008 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas. Assim, após parceria com a Faculdade de Educação da UnB, em que foram disponibilizadas vagas para professoras formadoras atuantes nas Oficinas Pedagógicas participarem da disciplina “Fundamentos da Educação Musical”, nasceram os cursos: “A Linguagem Musical na Educação Infantil” (2013) e “A Linguagem Musical na Educação Infantil e Anos Iniciais” (2014).

Durante essas formações, um questionamento recorrente das professoras e professores cursistas era quando o curso “A Arte de Contar Histórias” seria oferecido novamente. Tal questão, no entanto, independia da vontade das professoras e professores formadores das Oficinas Pedagógicas, que, em sua maioria, demonstravam disposição e interesse por ministrar a referida formação, mas ela não era autorizada a acontecer desde 2009. Era uma frustração para as e os professores formadores que percebiam, na prática, a riqueza e a potência do curso e, também, para as e os professores cursistas que ansiavam por terem a oportunidade de participar e cujas vagas eram bem disputadas, conforme atestam os relatos. Inclusive, já ouvi de professoras da rede frases assim: “*Nossa, eu me aposentei e não consegui ser contemplada para participar deste curso!*” Ou “*Será que vou me aposentar sem ser selecionada?*”

Foi assim que, ávidos por receberem essa recomendada formação, em 2014, aconteceu um movimento por parte das professoras e dos professores cursistas da rede, principalmente das Regionais de Planaltina, Ceilândia, São Sebastião, com a realização de um abaixo-assinado para o retorno do curso. Além disso, a professora Aldanei Andrade que recentemente havia retornado do afastamento remunerado para estudos (Mestrado), sinalizava que sua aposentadoria estava se aproximando. Assim, como idealizadora da primeira formação, ela gostaria de dar continuidade e deixar esse legado para as novas professoras e professores formadores, assemelhando-se à personagem da história apresentada na introdução desta tese.

Quando terminou o ano (2014), a Alda trouxe pra gente da coordenação essa questão de que ela iria aposentar e gostaria de entregar para as Oficinas este trabalho que ela tinha construído e tinha sido parado por motivos de outros entendimentos, de outras políticas. Tinha sido suspenso para ofertar outras coisas que a rede precisava naquele momento. Ela queria oferecer esta formação e a gente retomou a proposta do curso “A Arte de Contar Histórias”, com Aldanei sendo uma das formadoras e eu sendo a outra. A gente fez todo levantamento de material, dos arquivos antigos, do que estava impresso. Eu praticamente digitei a apostila toda. Montamos o material. Começamos a fazer isso no final de 2014 para que, em 2015, quando o curso começasse, a gente tivesse tudo pronto. A Alda também começou a trabalhar na confecção de vários materiais. Então eu fiquei responsável por fazer o levantamento teórico enquanto a Alda ia montando o curso e me alimentando com algumas referências para eu ir organizando esta parte. Foi um trabalho construído em muita parceria neste sentido (Castro, entrevista semiestruturada – Google Meet, 29/7/2022).

A solicitação foi acatada e o curso pôde ser oferecido no ano de 2015 com nova formação de formadores (240 horas) e com repasse paralelo, nas 14 Regionais, de 180h. Teve início, então, a terceira geração do curso.

6.1.3 Terceira Geração do Curso (2015-2019)

Essa nova formação foi ministrada com a participação de uma comissão composta por professoras formadoras das Oficinas Pedagógicas que já vinham atuando com o curso há mais tempo (da qual eu fazia parte). O Núcleo de Coordenação das Oficinas foi fundamental para viabilizar que esta oferta ocorresse, além dos entendimentos de quem estava na gestão da EAPE.

Quadro 26 - Ano 2015

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
FORMAÇÃO DE FORM.	33	PLANALTINA	36
CEILÂNDIA	31	RECANTO DAS EMAS	41
GAMA	35	SAMAMBAIA	32
GUARÁ	28	SÃO SEBASTIÃO	44
NÚCLEO BANDEIRANTE	25	SANTA MARIA	42
PARANOÁ	15	SOBRADINHO	18
PLANO PILOTO	18	TAGUATINGA	39
		TOTAL	437

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022.

Quadro 27 - Ano 2016

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	23	PLANALTINA	37
CEILÂNDIA	19	RECANTO DAS EMAS	32
GAMA	36	SAMAMBAIA	31
GUARÁ	47	SÃO SEBASTIÃO	34
NÚCLEO BANDEIRANTE	23	SANTA MARIA	23
PARANOÁ	13	SOBRADINHO	43
PLANO PILOTO	28	TAGUATINGA	32
		TOTAL	421

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022.

Quadro 28 - Ano 2017

OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
CEILÂNDIA	15	PLANALTINA	17
GUARÁ	13	SAMAMBAIA	32
NÚCLEO BANDEIRANTE	10	SOBRADINHO	16
PARANOÁ	12	TOTAL	115

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022.

Em 2018, há o registro de nova manifestação no site do Sinpro.¹¹¹ Dessa vez, devido à falta de respeito com o trabalho dos CVLOP, em que algumas Oficinas Pedagógicas (Taguatinga e São Sebastião), sem comunicação em tempo hábil, perderam seus espaços físicos ficando impossibilitadas de ministrarem os cursos e desenvolverem suas atividades. Inclusive, já havia cursos em andamento que precisaram ser suspensos - um verdadeiro desrespeito tanto com as professoras e professores formadores quanto com as professoras e professores cursistas. Fato é que mudar uma Oficina Pedagógica de endereço físico é algo desafiador, trabalhoso e exige das e dos profissionais uma grande capacidade de organização para ordenar todos os materiais que uma Oficina possui. São jogos dos mais diversos tipos e tamanhos, materiais de expediente, bens permanentes, recursos diversos. Não é algo simples nem rápido. Fazer mudança com cursos acontecendo é praticamente inviável. Isso desgasta as profissionais e colabora para o adoecimento.

Em 2018, também houve um grande evento, a Bienal de Ludicidade¹¹² que exigiu muita energia para a execução, mas foi um grande sucesso, com mais de 2.000 participantes por dia. Naquele ano, os CVLOP receberam a demanda de preparar uma formação para implementar o 3º Ciclo (6º ao 9º ano) junto às professoras e aos professores da rede e foi criado o curso estruturante: “Estratégias Criativas”. Ainda assim, algumas Oficinas tiveram condições de oferecer o curso “A Arte de Contar Histórias”.

Quadro 29 - Ano 2018

CVL - OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	CVL - OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
CEILÂNDIA	13	PLANALTINA	11
NÚCLEO BANDEIRANTE	15	SAMAMBAIA	12
		TOTAL	51

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022.

Quadro 30 - Ano 2019

CVL - OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS	CVL - OFICINA PEDAGÓGICA DE:	TOTAL DE CERTIFICADOS
BRAZLÂNDIA	21	RECANTO DAS EMAS	17
GUARÁ	35	SAMAMBAIA	34
NÚCLEO BANDEIRANTE	18	SOBRADINHO	40
PLANALTINA	22	TAGUATINGA	13
		TOTAL	200

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022.

¹¹¹ <https://www.sinprodf.org.br/sinpro-cobra-do-gdf-mais-respeito-com-as-oficinas-pedagogicas/>

¹¹² Foi um evento que durou três dias, com oficinas temáticas, palestras, rodas de conversa, atividades culturais, aberto a todo público interessado. Mais informações disponíveis em: <https://www.sinprodf.org.br/seedf-realiza-1-bienal-de-ludicidade/> Acesso em: 16 ago. 2024, 08:50.

Gráfico 6 - 3ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022

Com um total de 1.224 certificados emitidos, a terceira geração nos leva a projetar o quantitativo de **30.600 estudantes beneficiados** indiretamente pela formação. No ano em que houve a formação de formadores (2015), observa-se um número mais expressivo de participantes. Acontece que, nos anos subsequentes, os CVLOP receberam outras demandas e precisaram dividir sua energia, diminuindo a quantidade de turmas oferecidas para o curso “A Arte de Contar Histórias”.

Gráfico 7 - Total de cursistas, nas 3 gerações do curso – “A Arte de Contar Histórias”

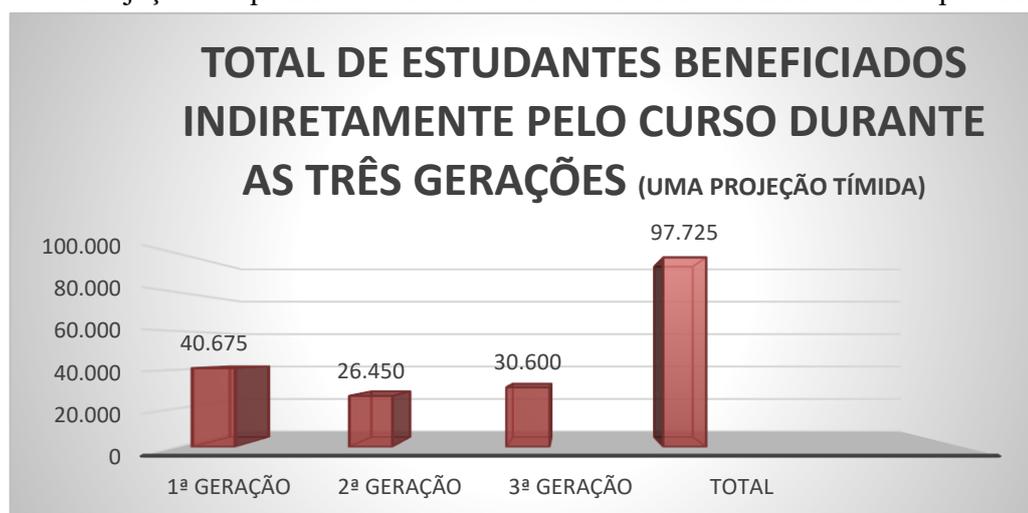


Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das atas de curso, do acervo da EAPE, em ago. 2022

Com base nos arquivos documentais, pode-se concluir que o curso foi oferecido durante 13 anos, tendo acontecido algumas rupturas devido a razões diversas e independentemente da

vontade das professoras e dos professores formadores dos CVLOP. Percebe-se que, em alguns anos, a quantidade de professoras e de professores certificados é menor, devido à baixa oferta de turmas por várias circunstâncias contextuais. Mesmo assim, já foram certificados pelo curso **3.909 professoras e professores cursistas**, o que nos oferece a projeção de **97.725 estudantes beneficiados** indiretamente pela formação, no período circunscrito, considerando apenas o ano em que o e a professora cursista participaram.

Gráfico 8 - Projeção do quantitativo de estudantes beneficiados indiretamente pela formação



Fonte: elaborado pela autora, em ago. 2022

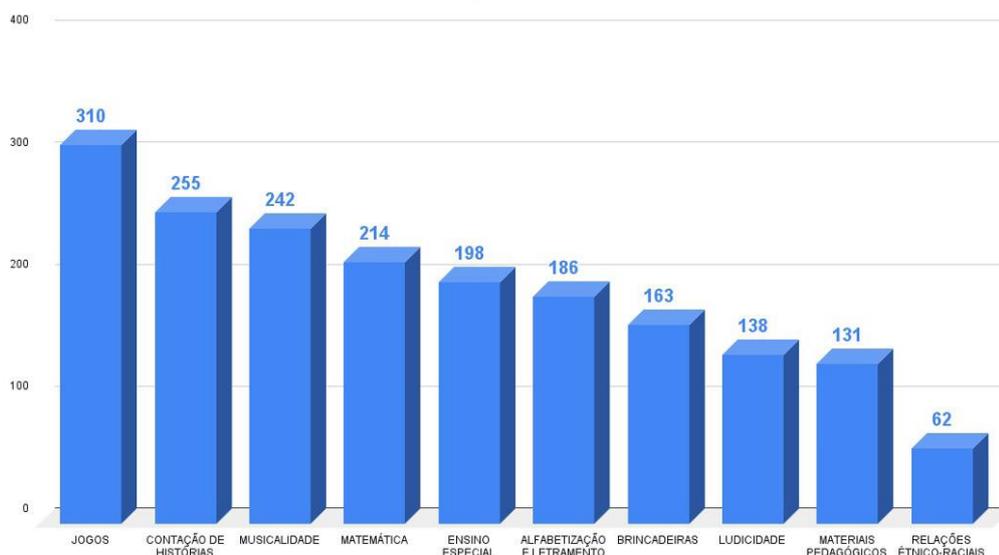
Em 2020, com cinco turmas formadas para o curso de 180h e com início previsto para o dia 19/3/2020, houve a terceira ruptura, em razão da pandemia e o decreto de suspensão das aulas presenciais (Decreto nº 40.509, de 11/3/2020). Em um primeiro momento, o coletivo das Oficinas Pedagógicas entendeu que seus cursos, por serem vivenciais, não se encaixariam ao modelo remoto e, desta forma, todas as turmas foram suspensas. As cinco turmas estavam distribuídas nas Regionais de Planaltina, Guará e Núcleo Bandeirante. Na época, o coletivo de professoras e professores formadores criou uma forma de atendimento, por meio de oficinas curtas, com apenas três horas de duração, oferecidas remotamente aos professores, em seu turno de coordenação. Foi uma experiência intitulada “Oficinas Pedagógicas nas escolas: trilhas lúdicas para aulas remotas”, sobre a qual há um texto meu, em parceria com a professora formadora Simone Moura, publicado na Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal¹¹³. Durante essa experiência de formação em modelo remoto, que atendeu quase 10 mil

¹¹³ Disponível em:

https://www.academia.edu/68453912/Trilhas_L%C3%BAdicas_para_a_forma%C3%A7%C3%A3o_continua_da_de_professores_o_sens%C3%ADvel_presente_no_trabalho_dos_Centros_de_Viv%C3%A2ncias_L%C3%BAdicas_Oficinas_Pedag%C3%B3gicas_do_Distrito_Federal Acesso em: 6 jul. 2025, 11:30.

professoras e professores, foi elaborado um questionário-pesquisa para fazer o levantamento de interesse de temas de formação a serem ministrados. Tal questionário, com perguntas abertas, foi respondido por quase 4 mil professoras e professores participantes e a “contação de histórias” foi o segundo tema mais solicitado, ficando atrás apenas do tema “Jogos”, como se pode ver no gráfico seguinte:

Gráfico 9 - Temas de interesse para futuras formações - 2020



Fonte: elaborado pela autora a partir do Google Formulário

Em 2021, a determinação foi de que a formação continuada a ser oferecida às professoras e aos professores cursistas continuasse no modelo remoto. Assim, foram pensadas oficinas temáticas um pouco mais longas, com três encontros e carga horária de 12h.

Levando em conta a necessidade de atender às professoras e aos professores da Educação Infantil, das creches e escolas conveniadas, a partir do levantamento feito em 2020, houve uma equipe, da qual eu participei, que ofereceu a formação para essa etapa, havendo quase mil inscrições no 1º semestre. Para ela, foi planejado um encontro sobre a contação de histórias na Educação Infantil, que contou com a participação de 408 professoras e professores cursistas durante o ano.

Em 2022, os CVLOP receberam a demanda de oferecer um curso específico aos professores da Educação Infantil, único público disponível para atendimento. Foi então criada coletivamente a ação formativa de 60h intitulada “Arte a Mil na Educação Infantil” e o curso “A Arte de Contar Histórias” ficou em *stand by*. Porém, por haver muitas professoras e professores formadores recentemente trabalhando nas Oficinas, e a previsão de que o curso seria oferecido em 2023, aconteceu uma nova formação de formadores, com reunião às quartas-

feiras para estudos, vivências, planejamentos, avaliações e trocas, durante o segundo semestre letivo, tendo início a quarta geração do curso, não abordada nesta pesquisa.

6.2 Como o curso se comporta em cada um dos CVLOP com o decorrer do tempo?

Como temos visto, há vários momentos em que o trabalho das Oficinas passou e passa por instabilidades. A depender do entendimento da gestão, houve forças para revigorar ou enfraquecer, tanto por parte da EAPE quanto por parte das chefias imediatas das Unieb/ Regionais de Ensino. Atualmente, em 2025, há forças favoráveis na EAPE, assim como já houve em outros períodos. Há chefias de Unieb que valorizam, respeitam e apoiam e outras que vão na contramão disso. Não há uma regra fixa, e a situação acaba passando pelas subjetividades de entendimento das gestões. Na verdade, falta uma regulamentação mais assertiva sobre o trabalho dos CVLOP; a existência de apenas uma portaria, com duas chefias - sendo que uma delas é multiplicada por 14 Regionais - deixa a estrutura frágil. São questões que ultrapassam o limite desta pesquisa, mas que, certamente, requerem reflexões em nível institucional.

Buscando deixar registrado um breve histórico de cada um dos CVLOP, com suas memórias e de como o curso se apresentou em cada um deles, separadamente, faço uma breve descrição, a partir dos dados documentais e com a colaboração da leitura e de depoimentos de professores formadores (antigos e atuais).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Taguatinga (1986)

Foi em Taguatinga que se iniciou, oficialmente, o projeto das Oficinas Pedagógicas, em 1986. Embrionariamente, no Centro de Ensino 9 e, em 1990, no anexo do Centro de Ensino Fundamental 11, onde permaneceu até o ano de 2018. Nesse ano, foi remanejada para o CEE 1 quando perdeu todo o maquinário. Em 2020, foi transferida para a FAJESU na QNG, e em 2022, foi alocada na Biblioteca Valéria Jardim, que fica no espaço do CED 2, onde continua desenvolvendo suas atividades em 2025. Pelos dados sobre o curso “A Arte de Contar Histórias”, foi possível identificar um total de 13 turmas, com 267 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Trata-se de um CVLOP que contribuiu para a formação de muitos contadores de histórias que, em 2025, se fazem presentes na cena artística do DF, inclusive em outros projetos, como o Viva e Deixe Viver. A professora formadora Vânia Nogueira relata:

No nosso curso da Arte, sempre eram apresentadas duas histórias pelos cursistas, que podiam ser em grupo (desde que todos participassem) ou individual. Pessoas ilustres que fizeram o “Arte de Contar Histórias” no CVLOP de Taguatinga: Jozina (diretora da CRET) à época; Raquel (Racumim/ Racutia); Miriam (Paepalanthus). Muitas diretoras de Taguatinga e Ceilândia, orientadoras, coordenadoras e supervisoras, além de formadoras da EAPE: Izabel e Ana Cláudia (Nogueira, informação verbal, em texto, WhatsApp, 15/2/2023).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Ceilândia (1987)

A professora Elisabete Batista era lotada na Regional de Ensino de Ceilândia; logo, esta foi também uma Oficina pioneira. Atuando desde 1987, teve suas atividades iniciais no Centro de Ensino Fundamental 10 de Ceilândia Norte, na EQNN 23/25. Mudou-se, posteriormente, para a Sede da Regional de Ensino (onde atua em 2025), já tendo suas atividades desenvolvidas no CEM 4 da Guariroba e na EC 64 (antiga Escola Normal de Ceilândia). Pelos dados, foi possível identificar um total de 18 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 424 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Não houve turmas apenas em 2019, por ausência de formador. Segundo a formadora Neide Abreu:

Uma coisa que me marcou muito no período que fiquei com a contação de histórias na Oficina: o curso, por muito tempo, aconteceu às quintas-feiras. As cursistas chegavam e diziam que não parecia estarem indo para um curso. Toda quinta, a sensação que elas tinham era de que estavam indo para uma terapia e que era um dia muito, muito diferente de todo o resto da semana. Isso deixava a gente muito contente. A pessoa ir para um curso e tratar como algo terapêutico? Era ótimo! (Abreu, informação verbal, em texto, WhatsApp, 7/2/2023)

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Brazlândia (1987)

A Oficina Pedagógica de Brazlândia foi também uma das pioneiras, iniciando suas atividades no CED 2 de Brazlândia (Praça do Laço S/N), local em que permanece, pois nunca mudou de espaço físico. É o único CVLOP que, em 2025, ainda possui seu maquinário, apesar de precisar de reparos. Pelos dados do curso “A Arte de Contar Histórias”, foi possível identificar um total de 14 turmas, com 310 professoras e professores cursistas certificados, no período de 1999 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Essa Oficina foi responsável pelo repasse da Formação de Formadores no ano 2000 e, também, em 2015, com a participação ativa da professora e contadora de histórias, já aposentada, Aldanei Andrade, que continua atuando fortemente no fomento da arte narrativa no Distrito Federal, com oferta de espetáculos, oficinas, em nome do grupo do qual participa, o Paepalanthus.

Durante o curso, preferencialmente, são contados contos e histórias da tradição oral. A principal metodologia visava mesclar, de maneira lúdica, fundamentação teórica e vivências práticas. As vivências propiciaram abordar, sob diferentes aspectos da

narração, a sabedoria dos contos, a criação mental das imagens narradas, a compreensão das personagens no conto, técnicas vocais e corporais, recursos para contar histórias, preparação de uma sessão de histórias, importância do olhar, formas para memorizar nomes e estrutura das histórias (Andrade, informação verbal, presencial, 10/11/2024).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Planaltina (1988)

A Oficina Pedagógica de Planaltina surgiu a partir do interesse de um pequeno grupo de professores que, em 1987, frequentaram a Oficina de Taguatinga e sentiram a necessidade de implementar uma Oficina Pedagógica nesta Regional de Ensino. Instituída em 1988, a Oficina já esteve nos seguintes espaços: Centro Interescolar- CIE 1/ CEF 4: Setor Educacional – lote C/D – 1989; CDS – Centro de Desenvolvimento Social; Escola Classe 10 – EQ 1 AE 1; CEMEC (padres) - Rua Coronel João Quirino Lote 10 Quadra 46 Loja 1 Setor Tradicional. Em 2025, desenvolve as atividades na Sede da Regional de Ensino – Setor Educacional – Lotes C/D. Pelos dados, foi possível identificar um total de 14 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 281 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). No ano de 2008, o curso não foi oferecido devido a problemas com espaço físico, já que a Oficina fez várias e parciais mudanças. A professora formadora Estela nos relata:

Uma professora, no curso da Arte, descobriu que estava com câncer. Ela fez retirada das mamas, passou o recesso se recuperando. Mesmo com faltas justificadas, ela não poderia receber o certificado. Pensei que ela desistiria, mas ela voltou e pediu para continuar, pois no momento do tratamento, ela olhava as coisas do curso, as fotos e vídeos do grupo do WhatsApp; aquilo foi salvando, dando o alento para ela continuar. No final do curso, ela contou a história Nós, da Eva Furnari e foi muito emocionante. Saiu com todos os materiais e a pasta montada. Passar por um momento desse e ainda querer fazer o curso é algo muito lindo (Souza, informação verbal, em texto, WhatsApp 22/1/2023).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica do Plano Piloto (1988)

A Oficina Pedagógica do Plano Piloto, na época da implantação, possuiu duas unidades em uma mesma RA. Na época, como a FEDF (atual SEEDF) era organizada por Complexos Escolares, existia a Oficina Pedagógica localizada no Colégio CAN (Centro Educacional Asa Norte), na L2 Norte, criada pelo Setor de Apoio Pedagógico - SAP – Complexo Escolar B de Brasília, que utilizava a sala de Práticas Industriais daquela escola e havia também a Oficina Pedagógica localizada no Centro Educacional 2 do Cruzeiro, Qd 805, Área Especial, Lote 2. Foi encontrado registro documental da existência desta Oficina no Cruzeiro até o ano de 1990.

A Oficina do PP/C já fez inúmeras mudanças de espaço físico. Esteve localizada no CED CAN (atual Paulo Freire) e CED 2 do Cruzeiro (duas unidades simultâneas). Depois de

unificadas, esteve alocada na ENB (Escola Normal de Brasília). Foi feita a mudança para o CEDLAN (Centro Educacional do Lago Norte) e voltou para a ENB, que foi transformada na EAPE nesta época. Depois, foi feita a mudança para a Escola Parque da 313/314 Sul. Por um tempo, ocupou uma sala no Prédio da Regional de Ensino, no Edifício Bittar e foi despejada de lá, ficando certo tempo sem lugar físico para atuar. Em 2025, encontra-se na sede da Regional de Ensino do Plano Piloto. Pelos dados, foi possível identificar um total de 10 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 188 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Esta Oficina tinha por prática convidar pessoas do DF vinculadas ao livro, leitura, literatura para enriquecimento dos encontros. No ano de 2008, o curso não foi oferecido devido a problemas com espaço e, nos anos de 2017, 2018 e 2019, havia falta de professores formadores.

A primeira turma marcou demais. Foi maravilhosa. Eu lembro do Ademir, que era um professor de Português. Anos depois, a gente se encontrava na rua ou em assembleia. Era uma relação emocional, emotiva tão grande entre nós em função do curso. Sempre a gente tinha o costume de ter o contato com o pedagogo, da 1ª, à 4ª série, mas neste curso não. A gente tem professores de Português, de História, de Geografia, que é um público mais difícil da gente acessar. São mais críticos, acham que o lúdico é uma coisa só para pedagogo, para criança. Foi um processo terapêutico para todos nós. Foi lindo. Então eu encontrava o Ademir, às vezes ele me abraçava e falava: cara, aquilo não vai sair da minha vida. Então, de fato, as experiências da formação, do dia a dia, da Oficina ali para o professor foram muito boas. Os resultados são bem melhores do que as críticas (Carreira, entrevista semiestruturada – Google Meet, 29/7/2022).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica do Gama (1989)

No Gama, o projeto das Oficinas Pedagógicas foi discutido em 1989. Relato de 1990 já anunciava, pelos professores formadores, que o trabalho da Oficina Pedagógica ia muito além da confecção de jogos, como era conhecido pelo senso comum. Iniciou os seus trabalhos no CED 2 (em 2025 é CEM 2) – AE Lote 27/36, Setor Oeste – (1989, 1990). Depois esteve alocada no 9º Batalhão de Polícia Militar – Setor Sul do Gama (Antiga EC 18). Esteve um tempo na Praça 2, lotes 10/12, AE, Setor Central do Gama (antigo CIL). Foi transferida para a antiga Escola Normal, onde atuava apenas a Oficina Pedagógica e o comando de reparos da Regional. Com a transferência da Regional de Ensino para esse espaço, a Oficina perdeu sua sala, em meados de 2012. Passou a atender na Igreja São Sebastião, usando salas emprestadas, enquanto a marcenaria ficou fechada. Em 2025, a Oficina exerce suas funções na sede da Regional de Ensino – Pr. 2, lotes 10/12 – AE, Qd 50, Setor Central. Pelos registros, foi possível identificar um total de 17 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 417 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Assim relembra a professora formadora Neuza Lopes:

Eu criei a personagem Vô Inácio, inspirada em um comentário carinhoso da diretora de uma escola durante uma contação de histórias. Desde então, passei a incorporar o personagem em apresentações, levando “contos e causos da nossa Literatura” a diferentes espaços. Em uma ocasião especial, recepcionei caracterizada como Vô Inácio uma visita do Secretário de Educação e da equipe da GRE à Oficina, sendo elogiada pela criatividade e impacto do trabalho. Vô Inácio se tornou um símbolo do curso e da Oficina, percorrendo escolas, igrejas e eventos diversos, adaptando histórias com sensibilidade e humor às diferentes audiências (Silva, informação verbal, em texto, WhatsApp, 5/11/24).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Sobradinho (1989)

A Oficina Pedagógica de Sobradinho possui um documento, em que consta o projeto da Oficina Pedagógica, com previsão de ir de 2/1/1990 até 31/12/1990. Iniciou os trabalhos no Centro Educacional 1 Qd 4 – AE. Depois mudou para o CAIC Júlia Kubitschek – Qd 13 – conj. 3 AE 1. Esteve também no CED 2 – Q 12 (foi alterado para CEM), AE e no CEF 6 – AE 5 – 1/3. Ocupou por algum tempo o Polo da EAPE – AR 13 – AE 5. Em 2025, está na Sede da Regional de Ensino – Qd. AR13, conjunto 11. Pelos dados, foi possível identificar um total de 12 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 245 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Em 2000, primeiro ano do curso em rede, esta foi a única Oficina que não o ofereceu, por razões desconhecidas. Em 2018, não foi possível oferecer o curso porque foi necessário atender outras demandas e havia escassez de profissional na Oficina.

Eu e Valdério Costa propusemos uma aula especial no barracão do Mestre Teodoro, figura central da cultura popular local. Muitos cursistas, embora moradores da cidade, desconheciam o espaço e a relevância do mestre, reconhecido nacionalmente. A visita foi marcada por acolhimento, emoção e homenagens: Valdério entregou a ele uma pintura, e eu um chaveiro do Flamengo - time de coração de seu Teodoro. Para completar a vivência, um grupo do Maranhão, que visitava o barracão no mesmo dia, apresentou uma dança com o boi, tornando o encontro ainda mais especial. Foi um dia inesquecível, celebrado como um dos momentos mais significativos do curso naquele ano (Silva, informação verbal, em áudio, WhatsApp, 5/11/2024).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica do Guará (1989)

Na Orientação Pedagógica nº 8 de 1989, aparece assim: Guará/Núcleo Bandeirante, ou seja, era uma única Oficina, já que as Regionais do Núcleo Bandeirante/Guará foram criadas de forma unificada. A Oficina Pedagógica se localizava no Centro Educacional 3 – EQ 17/19 – Guará II. Conforme indicam os documentos, a Oficina Pedagógica do Guará/Núcleo Bandeirante foi inaugurada em 29/9/1989. Do CED 3 do Guará, foi transferida para a sede da Regional de Ensino, onde desempenha suas atividades em 2025. Pelos dados, foi possível identificar um total de 16 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 291 professoras

e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Assim relembra a professora Iara Marques:

Na aula onde trabalhamos memórias, costumávamos apresentar o mapa do Brasil e os cursistas situavam nele a procedência de seus familiares e as suas também. Neste momento, dois primos se encontraram. O curioso é que não sabiam que as respectivas famílias estavam tão próximas. Foi bem emocionante (Marques, informação verbal, em texto, WhatsApp, 5/11/24).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica do Núcleo Bandeirante (1990)

Com a extinção dos Complexos Escolares, em junho de 1988, criou-se a Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante/Guará. Em dezembro de 1989, um ano e meio depois, essas Regionais foram desmembradas, criando-se duas Regionais de Ensino independentes. Inaugurada na própria RA, a Oficina iniciou suas atividades no Centro Educacional 1 (CNB 3, 3ª Avenida), sendo transferida para a sede da Regional de Ensino (SMPS – EPIA Sul SN – lote 4 – Candangolândia), quando perdeu o maquinário. Pelos dados, foi possível identificar um total de 18 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 319 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos específicos anos em que o curso teve autorização para acontecer). Este CVLOP conseguiu oferecer o curso sempre que houve autorização. O projeto Roedores de Livros, com reconhecimento nacional, teve como professora idealizadora Ana Paula Bernardes, que foi docente nesse CVLOP por muito tempo. Há uma curiosidade relatada pela professora formadora Vilma:

Na Oficina Pedagógica do Núcleo Bandeirante, o curso “A Arte de Contar Histórias” atraiu cursistas de diversas regiões, incluindo Plano Piloto, Guará, Gama, Valparaíso, Taguatinga, Sobradinho e até Santo Antônio do Descoberto. Um dos projetos relatados teve como culminância a ambientação de três salas de aula, cada uma dedicada a uma história, proporcionando às crianças uma verdadeira turnê narrativa. O impacto do curso ultrapassou os limites da escola: professores passaram a contar histórias em diferentes espaços, como centros comunitários, igrejas e outras instituições, demonstrando o alcance e a potência transformadora da formação (Gomes, informação verbal, em texto, WhatsApp, 16/2/2023).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Samambaia (1993)

Foi instituída em 1993, no Centro de Ensino Fundamental 312 de Samambaia. Depois foi transferida para o CAIC Ayrton Senna – QR 117, AE, Setor Urbano. Esteve, por um período, no CAIC Helena Reis - QR 409 AE Setor Norte, e no final de 2019, foi transferida para a sede da Regional de Ensino - QS 104 cj. 5, lote 1 – Samambaia Sul, onde atua em 2025. Pelos dados, foi possível identificar um total de 14 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 254 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019. (Nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Pelos registros, esta Oficina esteve

fechada, por dois anos (2005 e 2006). Como a reinauguração aconteceu no decorrer de 2007, não houve condições de oferecer o curso naquele ano. Assim recorda o professor formador Christofer Sabino:

Entre 2016 e 2017, o curso “A Arte de Contar Histórias” foi retomado em Samambaia, permanecendo por cerca de três anos com a mesma equipe formadora. As turmas sempre demonstravam grande entusiasmo e envolvimento. Ao final de cada edição - realizada anualmente - as professoras cursistas solicitavam uma continuidade, reconhecendo o caráter transformador do curso, tanto na prática pedagógica quanto na vida pessoal. Diante dessa demanda, surgiu, durante uma das aulas de bonecos, a ideia de criar um novo curso “A Arte dos Bonecos - Recursos para muitas histórias”, voltado ao uso do boneco como recurso cênico para a contação. O novo curso, criado nas férias, foi resultado de intensa pesquisa, ampliação de técnicas e parcerias. Tornou-se um sucesso, sempre com mais interessadas do que vagas disponíveis. Com o tempo, promoveu-se também uma formação de formadores, permitindo que outras Regionais tivessem acesso a essa nova formação, já que não era possível criar uma segunda edição do “Arte de Contar Histórias”. A iniciativa, nascida da escuta sensível das cursistas, revelou-se uma solução criativa (Sabino, informação verbal, WhatsApp, 18/2/2025).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de Santa Maria (1996)

A Oficina Pedagógica de Santa Maria começou a ser implantada no 2º semestre de 1996, com início dos trabalhos no CAIC Albert Sabin – QR 304/307 AE. Depois foi transferida para o CAIC Santa Maria Norte – Qd 215/315 Lote B. Em 2025, encontra-se na sede da Regional de Ensino de Santa Maria – Shopping Santa Maria, 4º andar, Av. Alagados, Sl. 412. Pelos dados, foi possível identificar um total de 14 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 318 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Nos anos de 2017, 2018 e 2019, o CVLOP de Santa Maria não teve condições de oferecer o curso, pois precisou atender outras demandas. Assim se manifesta a professora formadora Marli Anísio

Durante uma edição do curso “A Arte de Contar Histórias”, na Oficina Pedagógica de Santa Maria Norte, uma cursista foi tocada por uma criança cadeirante que visitava o espaço. Inspirada por essa vivência, escreveu a história A Flor Azul, sobre uma flor com deficiência aguardada com carinho por uma jardineira. A narrativa foi encenada no encerramento do curso e emocionou o grupo. Posteriormente, foi publicada. Outra situação marcante foi a de uma cursista evangélica que, inicialmente, resistiu a uma dinâmica de acolhimento. Apesar do desconforto inicial, ela permaneceu no curso, abriu-se ao processo e, ao final, compartilhou um testemunho comovente sobre como o percurso transformou seu olhar sobre a vida (Pereira, informação verbal, em texto, WhatsApp, 5/11/24).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica do Paranoá (1999)

A Oficina Pedagógica do Paranoá foi inaugurada em 25/8/1999 pelo incentivo do professor Jadir dos Reis (*in memoriam*) que era diretor da Regional de Ensino na época. Os trabalhos iniciaram no CEF 1 do Paranoá – Q.03 AE e depois foram transferidos para o Parque

Vivencial. Atuaram em uma Sala da EMATER – QD 5 – Conj. 3, AE “D” e, em 2025, desempenham as atividades na Sede da Regional de Ensino – DF 250 km 3, Sítio Rosas, Região dos Lagos. No período investigado, há um total de 10 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 168 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2000 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Nos anos de 2001 e 2008, pelos relatórios, percebe-se que o curso não foi ministrado devido a problemas com o espaço físico. Em 2018 e 2019, o CVLOP precisou atender outras demandas. Assim recorda o professor formador Belchior Silvano:

Em 2003, duas cursistas do curso “A Arte de Contar Histórias” atuavam em projetos com crianças hospitalizadas - uma no HUB, com pacientes oncológicos, e outra no HRAN, com crianças vítimas de queimaduras. Inspiradas pela formação, propuseram aos diretores desses hospitais uma tarde de contação de histórias, envolvendo todas as colegas do curso. A proposta foi recebida com entusiasmo e resultou em um encontro inédito e comovente nos dois espaços de saúde. A experiência revelou o poder transformador da escuta e da narrativa, capazes de conduzir a imaginação e oferecer alento mesmo em cenários de dor, deixando um legado para todos os envolvidos (Silvano, informação verbal, e-mail, 10/2/2023).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica do Recanto das Emas (2001)

Até o final de 2000, a Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas era vinculada à Regional de Santa Maria/DF. Aconteceu a transição na primeira quinzena de janeiro de 2001, quando se instituiu a CRE do Recanto das Emas na própria Região Administrativa. As atividades iniciaram no CEF 206. Depois, foram para o CEM 111 (Qd 111 AE 1) e, posteriormente, para o CEF 301 (Qd 301/302 conj. 06 AE). Por um tempo, estiveram alocadas na EC 803, indo depois para o CEM 804 (Qd 804). Houve nova mudança para a EC 401 (Qd 401 – conj. 8 lt 1). Em 2025, as atividades estão acontecendo na sede da Regional de Ensino – Qd 203, lote 32, onde também se encontra o CEF 203 do Recanto das Emas. Pelos dados, foi possível identificar um total de 12 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 214 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2002 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Não houve turmas apenas em 2017 e 2018, devido à necessidade de atender outras demandas. Assim se manifesta a colaboradora Patrícia Strickland:

Um traço marcante presente em todas as Oficinas é o poder transformador que exercem sobre os professores. Muitos chegam às formações carregando problemas pessoais, introspecção ou até atitudes mais agressivas, mas, ao longo do processo - com atividades em grupo, jogos e estímulo à criatividade - vão se abrindo, ressignificando suas experiências. Uma vez, teve um cursista extremamente introvertido que, com o tempo, foi se envolvendo e, ao final, protagonizou uma apresentação como rei, confeccionando sua própria coroa e manto. Casos como esse se repetem: professores deprimidos ou retraídos que, ao mergulhar nas práticas

lúdicas, reencontram sentido, alegria e pertencimento. Essa é uma marca essencial das Oficinas Pedagógicas (Strickland, informação verbal, em áudio, WhatsApp, 17/2/23, 8h40).

- Centro de Vivências Lúdicas – Oficina Pedagógica de São Sebastião (2001/2002)

Essa Oficina iniciou suas atividades na EC 104 (QR 104, conjunto 1, lt. 1). Depois foi transferida para o CAIC UNESCO – Ginásio de esportes. Esteve, ainda na EC Bela Vista. Ficou algum tempo sem espaço físico para atuar. Em 2025, desenvolve suas atividades na sede da Regional de Ensino – Núcleo Rural Capão comprido, chácara 3, AE 1. Pelos dados, há um total de 8 turmas do curso “A Arte de Contar Histórias”, com 157 professoras e professores cursistas certificados, no período de 2002 até 2019 (nos anos específicos em que o curso teve autorização para acontecer). Em 2008, conforme os relatórios, é possível perceber que o curso não foi ministrado devido a problemas com o espaço. Em 2017, 2018 e 2019, o CVLOP precisou atender a outras demandas e passou por sérias dificuldades com relação à ausência de espaço físico para atuarem. Assim relembra a professora formadora Cristina de Fátima:

A primeira turma do Arte tinha várias professoras que vinham de longe, de ônibus. Era uma viagem longa. Então elas começaram a contar histórias dentro do ônibus, diziam que era muito divertido e todos os passageiros adoravam e aplaudiam as garotas. [...] Um professor que nunca ouviu histórias quando pequeno ficou tão tocado pelo curso que compôs uma música no final. Emocionou a todos nós. [...] São Sebastião era uma Regional nova e os professores, recém-contratados, sem experiência. Uma aluna era bancária e, quando se viu na possibilidade de contar uma história com fantoche, ficou desesperada e quis desistir do curso. Foi um desafio para ela que se tornou uma excelente contadora de histórias. Muitas transformações! (Ferreira, informação verbal, em texto, WhatsApp, 24/1/2023).

Agora que temos o panorama de desempenho do curso em cada CVLOP especificamente, vejamos os vínculos com outros projetos da SEEDF e com espaços para além da Secretaria de Educação.

6.3 Capilaridade com outros projetos da SEEDF e com a Secretaria de Cultura

O curso “A Arte de Contar Histórias” foi conquistando grande abrangência. Como vimos no capítulo anterior, ele contribui e continua contribuindo para inserir professores na cena cultural da cidade, como contadores de histórias profissionais, formação de grupos de contação de histórias, escritores, mas sua abrangência vai além disso. Ao longo do tempo, foram feitas parcerias com alguns outros projetos, tanto da SEEDF quanto de outras instituições. Uma dessas parceiras foi com a “Caixa-Estante”, sob responsabilidade da Seção de Bibliotecas Escolares e Comunitárias. Equivalente, em 2025, à Gerência das Políticas de Leitura, do Livro e das Bibliotecas da SEEDF - GPLEI. O documento que orienta o trabalho com o projeto da

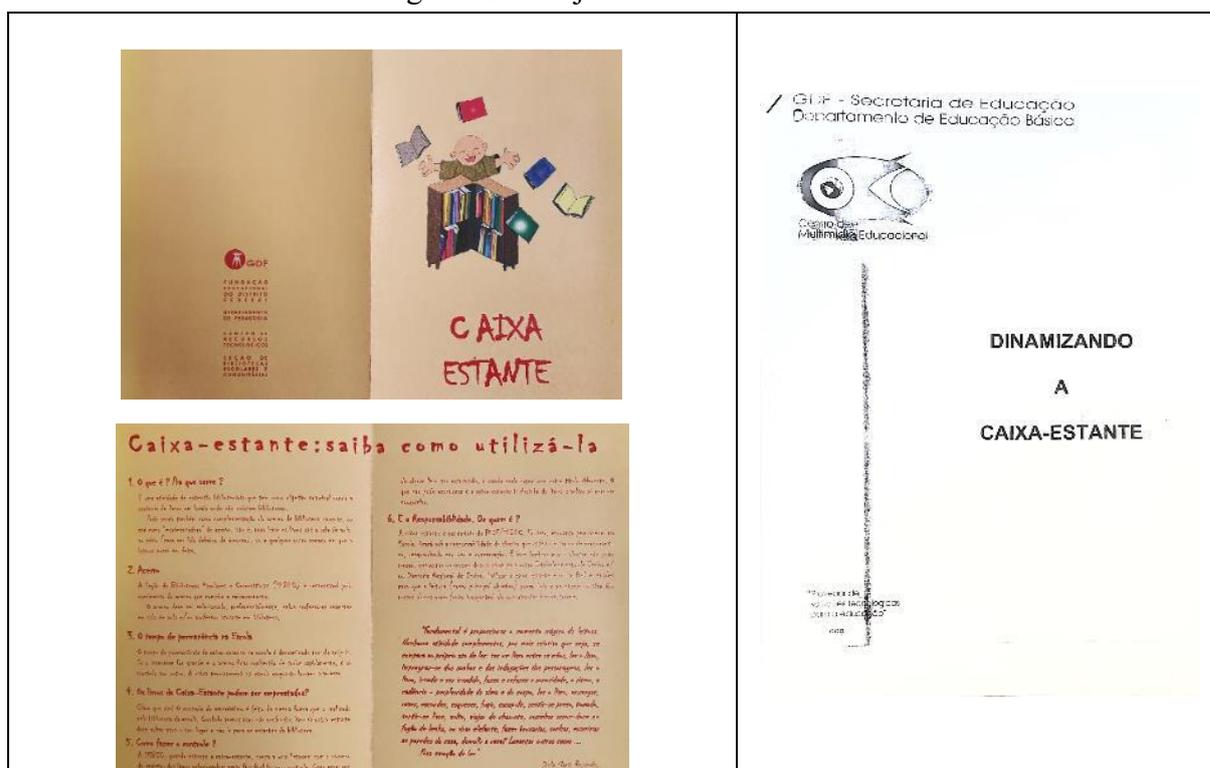
Caixa-Estante informa que este é como uma extensão da biblioteca, buscando suprir ou complementar o acervo de livros. Além disso, serviria: “como movimentadora do acervo, isto é, para levar os livros até a sala de aula, para ser lido debaixo de árvores, ou a qualquer outro espaço em que a leitura possa ser feita” (Distrito Federal, 1999b).

Os livros eram acondicionados em móveis com rodinhas que facilitavam a mobilidade para estes espaços alternativos ou mesmo para a sala de aula. Além dos livros, havia um material de suporte intitulado “Dinamizando a Caixa-Estante”, datado de 1999, que relata na sua apresentação:

O projeto da Caixa-Estante proporciona aos estudantes momento de entretenimento e descobertas por meio do livro. Para isso, o projeto se vale de exposições, eventos, folders de divulgação, palestras, consultas e outras atividades que, por meios apropriados e utilizando linguagem adequada, contribuam para que as atividades pedagógicas interdisciplinares permitam aos alunos a vivência do processo de busca de prazer e informação no espaço da leitura (Material de suporte, CME, 1999).

O material de suporte apresenta, então, várias sugestões práticas para exploração da Caixa-Estante, divididas entre 1ª e 4ª séries, 5ª a 8ª e 2º Grau (atualmente, Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio). O projeto traz também exemplos de oficinas de criação, brincando com as palavras, apresentando possibilidades com diferentes áreas, de forma interdisciplinar - literatura, música e pintura, por exemplo - e com a inclusão de diferentes gêneros textuais.

Figura 93 - Projeto da Caixa-Estante



Fonte: acervo pessoal da autora.

Cada Oficina Pedagógica recebeu uma Caixa-Estante com muitos exemplares de livros que, em alguns casos, podiam ser emprestados para os professores cursistas. Era também uma forma de divulgar esse importante projeto da SEEDF de incentivo à leitura.

Outro projeto importante foi o “Painel Folclórico”, sob responsabilidade do mesmo setor da “Caixa-Estante”. O projeto consistia em uma mala antiga (por si já bastante simbólica) com vários artigos, como: painel decorativo (grande), produzido artesanalmente com elementos do folclore (bumba-meu-boi, principalmente), fichas com adivinhas, trava-línguas, CDs com músicas tradicionais da infância, livros com histórias folclóricas, brinquedos tradicionais, como o traca-traca, DVDs, entre outras coisas. Essa mala ficava no setor gráfico da SEEDF e as instituições poderiam pegar emprestada para levarem para suas escolas e explorarem o tema. No entanto, poucas instituições tinham conhecimento desse acervo e a divulgação dele no curso era uma estratégia de intercâmbio de experiências. Cada Oficina Pedagógica podia preparar sua aula sobre Folclore utilizando o material emprestado, enriquecendo-a com suas proposições e experiências. Uma sugestão era o trabalho de pesquisa em que as participantes, para o dia da aula sobre o Folclore, eram divididas em grupos representando as cinco regiões brasileiras. Cada grupo deveria apresentar uma lenda da região, curiosidades, cantigas e brincadeiras, além de prepararem o prato típico e, espontaneamente, os grupos preparavam lembrancinhas. Era a vivência de uma festa das regiões recheada de conhecimentos, sabores e experiências estéticas. Por vezes, o Painel Folclórico era explorado por meio de gincanas entre dois grupos em que todos saíam ganhando: de forma lúdica, era uma imersão na cultura brasileira.

Depois da divulgação do Painel Folclórico durante o curso, era recorrente a solicitação do empréstimo no mês de agosto, algo que se tentava desconstruir durante a formação, pois o tema não precisaria estar limitado a apenas um mês durante o ano. Ao contrário, a cultura tradicional sempre é bem-vinda nas escolas, em qualquer época.

Figura 94- Livro-suporte para exploração do Painel Folclórico



SUMÁRIO	
Apresentação	07
1. Balaio de atividades	10
1.1. O projeto	10
1.2. Possibilidades pedagógicas	13
2. Práticas sociais de leitura	15
2.1. Práticas sociais de leitura 1	15
2.2. Práticas sociais de leitura 2	16
2.3. Práticas sociais de leitura 3	17
2.4. Práticas sociais de leitura 4	18
2.5. Práticas sociais de leitura 5	20
2.5.1. Paródias	22
3. Campo de pesquisa	25
3.1. Respostas das cartas de adivinhas e perguntas	25
3.2. Músicas populares	28
3.3. Literatura de Cordel	37
3.4. Brinquedos tradicionais	39

Fonte: acervo pessoal da autora.

Em reunião com representante da Gerência das Políticas de Leitura, do Livro e das Bibliotecas da SEEDF (GPLEI), no dia 5 de dezembro de 2023, recebi a informação de que tanto o projeto da “Caixa-Estante” quanto o do “Painel Folclórico” encontravam-se desativados, pois precisavam ser atualizados, revitalizados e ressignificados. Segundo ele, havia uma necessidade real de revisão e de reposição de todo o acervo. Portanto, não estava havendo empréstimos.

Uma das últimas parcerias estabelecidas foi com o projeto “A Cor da Cultura”, um programa de valorização da cultura negra e da cultura indígena¹¹⁴. Cada Oficina Pedagógica recebeu um exemplar do kit que continha CDs, DVDs, livros paradidáticos, jogos, cartazes com mapas e informações sobre o continente africano. As Oficinas puderam elaborar aulas para inserção da temática, com o objetivo de explorar e divulgar o *kit*, apresentando possibilidades lúdicas. O programa tem parceria com o Canal Futura, a Petrobras, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, o MEC, a Fundação Palmares, a TV Globo e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Desde 2004, realiza produções audiovisuais, ações culturais e coletivas que valorizam a história deste segmento. O projeto vem sendo retomado, em nível nacional, desde 2023. Na SEEDF, a entrega de um *kit* para cada Oficina representou exatamente a potência que existe na propagação das informações junto a todas as Regionais de Ensino, no trabalho em rede desenvolvido. O material foi recebido em meados de 2013.

Figura 95 - Kit do Projeto - A cor da cultura, recebido por cada um dos CVLOP



¹¹⁴ Em 2003 e 2008, o governo determinou, por meio das Leis nº 10.639 e nº 11.645, respectivamente, que os estabelecimentos de Ensino, públicos e privados, teriam que, obrigatoriamente, inserir em seus currículos e na formação dos professores, o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. O projeto A Cor da Cultura, da Fundação Roberto Marinho, tem como propósito incentivar a adesão à implementação das leis. A Cor da Cultura é uma aliança para promoção da educação antirracista, por meio de um conjunto de ações de educação para relações étnico-raciais (ERER), que integra mobilização, comunicação, audiovisual, formação de educadores e materiais educativos. Maiores informações: <https://futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/noticia/forum-cor-da-cultura-lanca-nova-fase-de-projeto-de-educacao> Acesso em: 6 jul. 2025, 09:30.



Fonte: acervo do CVLOP de Ceilândia, cedido para a pesquisa

Por fim, pode-se relatar outra parceria importante: as Feiras do Livro de Brasília. Ao saberem da programação, os professores formadores planejavam o encontro semanal para acontecer durante o evento, geralmente no dia do curso. É um diálogo com a cena cultural da cidade, referente ao livro e à leitura.

As participações nas Feiras do Livro eram atividades correlacionadas à nossa prática de trabalho, sempre no intuito de representarmos a Secretaria de Educação nesses eventos, visando à disseminação do hábito da leitura, a valorização da literatura na aquisição de conhecimento e vivências. Experiências lúdicas como a contação de histórias, o manuseio de jogos pedagógicos, a prática do origami, entre outras propostas. Era feito um planejamento em parceria com a COP, as Oficinas participantes com atividades e as escolas, fundamentadas em comum acordo com quem deliberava as metas do evento. Ou seja, feira do livro: Oficina Pedagógica presente! A gente brinca, leva brinquedos, joguinhos. Era aquela delícia. Você passava uma semana com pessoas interessadas. Era nossa tribo. É gostoso ficar junto das pessoas que gostam das mesmas coisas que você. Era estafante, a gente saía de Brazlândia, passava o dia. Eu tenho isso pra comentar, em todas, a gente participava, com grande empenho. A gente gostava daquilo porque era livro, contação de histórias, brincadeiras, as crianças ficavam alucinadas. Quando a gente fazia origami, os pais puxavam as crianças e elas não queriam ir, a gente percebia todo esse envolvimento (Almeida, entrevista semiestruturada – Google Meet, 28/2/2023).

Vale lembrar o quanto a questão cultural na capital federal sempre foi importante, desde antes de sua inauguração, como já vimos. A pesquisa de Maria de Souza Duarte (2011) apresenta esse movimento desde os primórdios de Brasília. Anos depois, há movimentos em prol do livro e da leitura em diferentes momentos da história da capital. É a pesquisa dela que permitiu a elaboração do quadro a seguir, dos marcos iniciais para a implementação da história das Bibliotecas e das Feiras do Livro em Brasília:

Quadro 31 - Marcos de Feiras do Livro e de Bibliotecas em Brasília

ANO	LOCAL	Evento
1958	Duas casas na W3	Montagem da Biblioteca e Discoteca Visconde de Porto Seguro, dissolvida em 1961.
1961	Biblioteca da Escola Parque	A leitura integrava projetos interdisciplinares na Biblioteca da Escola Parque da 308 Sul.
1966	108/308, 104/304 sul	Entrega, pela NOVACAP, dos prédios onde deveriam funcionar as bibliotecas destas entrequadras.
1976	Praça 21 de abril (707/708 Sul)	1ª Feira do Livro de Brasília, junto ao encontro de livreiros, bibliotecários e escritores de Brasília, realizada pelo SESC da 504 Sul
S/D	Touring Club	2ª Feira do Livro de Brasília, junto ao encontro de livreiros, bibliotecários e escritores de Brasília
S/D	Touring Club	3ª Feira do Livro de Brasília, junto ao encontro de livreiros, bibliotecários e escritores de Brasília

Fonte: elaborado pela autora a partir da leitura de Duarte (2011), em mar. 2022.

A união entre livreiros e bibliotecários resultou na criação da Associação dos Distribuidores e Livreiros do DF (ADIL) que, em parceria com a Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), começou a planejar uma Feira do Livro mais organizada, inspirada nas Feiras do Livro de Porto Alegre, a partir do ano de 1982 (Cazarré, 2006). No Apêndice F, há o registro histórico das Feiras do Livro de Brasília. A elaboração do histórico foi possível devido à pesquisa de Lourenço Cazarré (1982-2006) “O livro das Feiras do Livro de Brasília”, presente nas referências e cedido por Íris Borges que aparece na história das Feiras do Livro de Brasília desde 1982. Generosamente, ela também cedeu diversos materiais, possibilitando a complementação do histórico após 2006.

Já na década de 1980, percebia-se que, por ser uma cidade administrativa, a maior parte da leitura existente na capital era focada em livros técnicos (para concursos) e havia a necessidade do fomento à leitura literária (Cazarré, 2006). A Feira do Livro é reconhecida por meio da Lei nº 2.906, de 2002, que dispõe sobre a inclusão da Feira do Livro de Brasília no calendário oficial de eventos do Poder Executivo em Brasília.

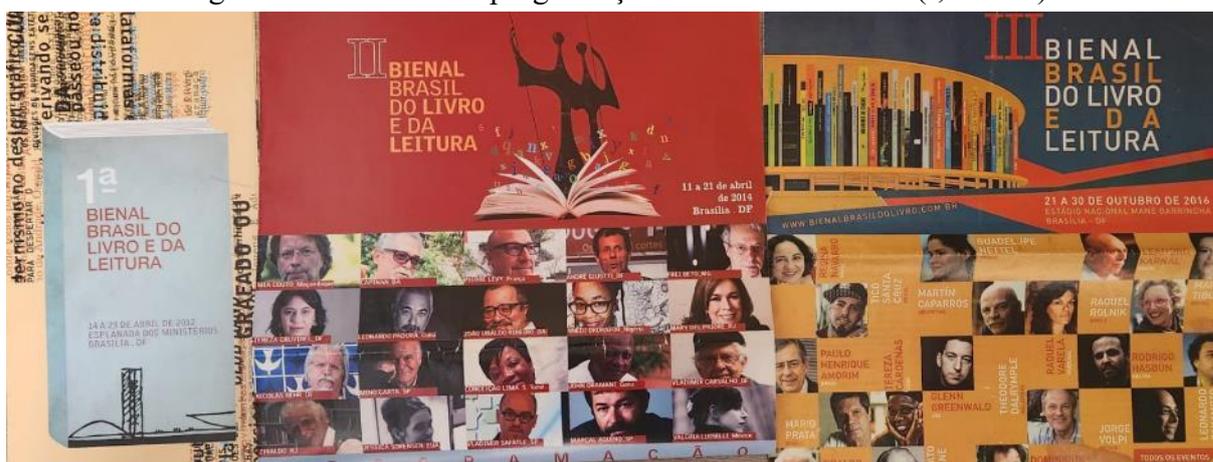
Figura 96 - Alguns encartes das Feiras do Livro de Brasília - após o ano 2000



Fonte: acervo cedido por Íris Borges para a pesquisa.

Por meio da Lei nº 5.702/2016, a Bienal do Livro e da Leitura também foi incluída no calendário oficial do DF. Esse evento de fomento ao livro e à leitura teve início no ano de 2012, no governo Agnelo Queiroz (PT), e sua divulgação sempre foi feita pelos professores formadores, na busca de fomentar a participação de professoras cursistas em eventos literários.

Figura 97 - Encartes da programação da Bienal do Livro (I, II e III)



Fonte: acervo pessoal da autora.

Com formadoras atentas à realidade circundante, encontrei, em alguns registros, a parceria de algumas Oficinas com projetos culturais da Região Administrativa em que se encontram. Posso citar três exemplos: visita ao Boi do seu Teodoro, em Sobradinho (como relatado pela professora formadora Jeane); visita ao Imaginário Cultural, em Samambaia, para diálogo sobre manuseio de bonecos; e a contribuição da Cia Lumiato com sua experiência sobre

o teatro de sombras, em alguns CVLOP. É possível que haja outras parcerias importantes, mas estas foram as que identifiquei nos registros nos Diários de Bordo a que tive acesso. Agora que vemos, vimos, sentimos tantas memórias, tantos registros históricos com dados quantitativos, qualitativos e etnográfico-performativos, tantos depoimentos, tanta contribuição por meio de tantas vozes... Gostaria de convidar vocês a estarem comigo na sessão final. Deixo um texto reflexivo da professora formadora Simone Moura, compartilhado no grupo das Oficinas Pedagógicas, no início da 4ª Geração, em 2022 – pós-pandemia, por meio de nova formação de formadores do curso “A Arte de Contar Histórias”:

Fiquei com vontade de compartilhar uns pensamentos sobre essa nova oportunidade de formação de formadores com "A Arte de Contar Histórias".

Estive lendo o texto "O narrador", de Walter Benjamin. É leitura que os formadores precisam fazer... Ele apresenta uma metáfora belíssima. Compara o contador a um artesão. Pra ele, a narrativa é uma arte artesanal. É um ofício manual.

Aquilo que o artesão produz é único, tem a sua marca. Outro artesão fará diferente o mesmo produto. O contador de histórias também deixa a sua marca, tal como a mão do oleiro fica na argila que produz o vaso.

Que coisa linda, gente!

O contador junta os elementos de uma narrativa, mistura isso com aquilo que ele é como pessoa, sua visão de mundo, suas experiências, e transforma isso em um conto, uma lenda, uma história...

Será que outro grupo dentro da SEEDF poderia construir um curso como esse? Não tinha mesmo que ser essa gente que cria, experimenta, transforma e reinventa ideias e coisas de maneira artesanal que saberia traduzir isso em uma formação de contadores de histórias?

Fiquei pensando no tempo em que retiraram das Oficinas o direito de ofertar esse curso e do fiasco que foi a tentativa de transformá-lo em proposta acadêmica, teorizante... (Entendam que o problema é não articular a teoria com as vivências, por favor...) Ainda bem que o curso voltou para quem dele tinha o direito de cuidar!

Quanto mais eu penso e leio, mais me convenço de que esse curso gestado por tantas mãos e mentes mágicas é o que ele é exatamente porque vem dessa gente maravilhosa que veio antes de nós, que começou tudo isso, que merece nossa gratidão e todos os elogios... eu me sinto honrada demais por fazer parte disso!

“A Arte de Contar Histórias” é um curso que se mistura à história das Oficinas Pedagógicas. Por isso guarda essa identidade tão forte do trabalho!

Tomara que essa nova oportunidade de formação junte esse grupo, fortaleça sua identidade de vanguarda e resistência! Que a gente saiba honrar tudo que foi feito até aqui!

Simone Moura (WhatsApp, 16/9/2022).

FINALMENTE: SEGUIMOS A CAMINHADA... FELIZES? AINDA QUE NÃO SEJA PARA SEMPRE? (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Que cada vez mais se cultivem rodas de histórias nos mais variados e inusitados espaços, com mais contadores e ouvintes envolvidos nas tramas, emoções e imagens suscitadas pela narração, ampliando possibilidades de visões de mundo que respeitem a diversidade existente e se valendo desta para expandir conhecimentos e experiências.
(Ángela Café, 2020)

O trecho em epígrafe expressa uma expectativa que também me mobiliza: que a contação de histórias seja reconhecida em diferentes espaços escolares com a riqueza que carrega. Que se formem rodas entre professoras e professores de diversas áreas, e que essas práticas se multipliquem, em efeito cascata, para chegarem às crianças e aos estudantes, promovendo novas e necessárias experiências estéticas. Após toda a imersão feita na experiência investigada, em que muitas vezes me senti mergulhada (quase me afogando) em meio a tantas informações, podemos resumir que as experiências narradas sofrem diversas influências: do espaço geográfico, do tempo, das e dos profissionais, docentes e cursistas. Tudo isso influencia no resultado, que poderia ser considerado um ponto em comum entre os catorze CVLOP, pois é possível notar que, tanto professoras formadoras quanto cursistas são favoráveis à manutenção da oferta do curso para que mais profissionais possam dele participar, com várias sugestões para o aumento da carga horária e/ou oferta de um segundo módulo. Ao refletir sobre a longevidade deste projeto, assim se manifesta a professora Neide Abreu:

O sucesso do trabalho das Oficinas e do curso “A Arte de Contar Histórias” se deve às pessoas que trabalham. Quando eu aposentei, tive muitos problemas em aceitar a aposentadoria, porque eu parei amando o que eu fazia. Nós temos quase 40 anos de trabalho e, ainda que a gente tenha boicotes, dificuldades com espaço físico, com pessoal, a gente continua porque ama a educação, porque gosta do fazer da Oficina. A gente perde tempo de aposentadoria, perde salário, mas é um trabalho que, se deixarem, vai continuar para sempre, porque quem está na Oficina ama. O sucesso da durabilidade se deve às pessoas que estão. Nós temos pessoas que já se aposentaram e continuam lutando, se envolvendo, porque amam o trabalho das Oficinas, amam o curso “A Arte de Contar Histórias” (Abreu, informação verbal, em vídeo, presencial, 22/12/2022).

Os resultados positivos alcançados na formação continuada para professores da Educação Básica da rede pública do DF levam a sugerir a possibilidade de estruturação de políticas públicas de formação continuada pelas vias da ludicidade em nível nacional, podendo ser a experiência existente no DF uma inspiração para que outras possam ser implementadas; seria a realização de um dos objetivos traçados para a educação da capital: servir de modelo para outros estados da federação.

A observação do fenômeno permite traçar algumas reflexões e sugestões. No campo macro, há uma questão importante sobre a qual se necessita pontuar e refletir, ainda que não no contexto desta pesquisa: a perda do direito à aposentadoria especial para as professoras que oferecem formação continuada para outros docentes da Educação Básica. Uma vez que há como comprovar a presença dos elementos que compõem a docência no trabalho dos CVLOP e o quanto ele é importante para a trajetória e práxis das profissionais - beneficiando os estudantes da Educação Básica, maior objetivo da formação continuada-, até que ponto está justa a interpretação vigente? Durante as Rodas Memográficas, diversas sugestões foram feitas. Entre elas, a de permitir que professoras aposentadas possam continuar contribuindo, caso desejem, por meio de convites ou da participação em eventos formativos. Afinal, há casos de sobras de vagas em alguns cursos oferecidos. Valorizar a memória viva dessas profissionais também significa oferecer às recém-chegadas a oportunidade de dialogar com quem já trilhou o caminho antes. Há, inclusive, professores que desenvolveram estratégias para continuarem participando das formações, uma vez que a participação como ouvinte não é permitida. Vejamos o relato:

Eu sempre fui envolvido com essa parte da formação e sempre gostei muito. Sou aposentado. Trabalhei na formação de professores, na coordenação pedagógica em Ceilândia. [...] Não queria deixar mais eu fazer cursos. Eu falei: sabe de uma coisa? Eu vou fazer concurso para professor temporário para fazer curso. Eu fiz, passei em quinto lugar. Estava todo mundo escolhendo as turmas. Eu falei: só quero uma. Só quero ficar dando uma aula para poder garantir meu espaço. [...] Hoje eu estou com duas turmas de EJA, na terça feira para poder garantir o meu espaço de utilização de cursos. ME INSCREVO também. Ninguém briga comigo, porque sou professor da rede. Eu dou duas aulas na terça feira, tranquilo. Eu sou oficial, ninguém pode falar nada, eu chego assim: EU SOU PROFESSOR DA REDE. Ninguém me tira (G.A.B, participação na 2ª Roda Memográfica, Google Meet, 19/8/2022).

É apenas um apontamento que a pesquisa me permite fazer, embora não caiba, neste espaço, maior aprofundamento.

Observando a permanência de egressos no universo da contação de histórias, é possível comprovar a contribuição que o curso oferece para o momento pós-aposentadoria, em que muitas pessoas têm condições de continuar contribuindo para a sociedade, evidenciando a importância política de ações desta natureza.

No campo micro, é imperativo que se busquem meios para a organização do acervo histórico dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, salvaguardando esta história, tanto em cada um dos CVLOP quanto no Núcleo das Oficinas. É notória a necessidade de que sejam destinados profissionais para digitalizar os documentos históricos e organizá-los de forma que possam ser úteis a futuras pesquisas. A forma como estão acondicionados no antigo Núcleo das Oficinas não é a melhor, e é urgente que se tenha a sensibilidade sobre o

valor histórico e memorialístico que tem toda a documentação referente a este trabalho, um patrimônio do Distrito Federal. Além disso, há funções importantes que também precisam ser executadas a partir do Núcleo das Oficinas: divulgar ações e fazer o acompanhamento de correspondências emitidas/recebidas; alimentar as redes sociais, especialmente o canal do *YouTube*; planejar, promover e avaliar eventos de grande impacto, como foram os Encontros, a comemoração dos 10, 20, 30 anos e a Bienal de Ludicidade que, em função da diminuição de pessoal para coordenar os trabalhos, só aconteceu em 2018. São questões que requerem muita atenção e sensibilidade da parte gestora para compreender que, além de fundamental importância, é humanamente impossível que uma pessoa sozinha consiga desempenhar todas essas funções com a qualidade necessária. Essa diminuição no número de pessoas para gerirem o trabalho pedagógico desenvolvido pelas Oficinas já tem prejudicado o andamento das atividades. Como observa a professora formadora Elza Muñiz: *“Indispensável é a existência de uma coordenação que garanta as condições para que o projeto seja realizado em cada Oficina da forma menos subjetiva e mais fiel à letra de um bem construído e coerente projeto ÚNICO. Não estou defendendo pasteurização, mas consistência pedagógica”* (informação verbal, e-mail, 14/10/2022).

O vídeo de 1989 que aborda o início das Oficinas já consta no acervo do Museu da Educação do DF, pois entrei em contato e compartilhei esse arquivo com o setor, além de estar disponível no canal do *YouTube*¹¹⁵ das Oficinas Pedagógicas.

A recente configuração do curso, em sua quarta geração, teve redução em 50% da carga horária, o que contraria muitas das recomendações colhidas na pesquisa. A proposta inicial de um segundo módulo ainda não foi concretizada. Os dados apontam para a importância de um percurso formativo anual que possibilite acompanhar as transformações das cursistas ao longo do processo, com o objetivo de despertar a contadora de histórias das professoras, bem como o investimento para se manter acesa a chama da professora-leitora.

Uma sugestão recorrente das professoras cursistas entrevistadas foi sobre a necessidade da oferta de um curso de mediação de leitura, desenvolvido pelos CVLOP, com a expertise que tem para que a temática seja abordada de forma lúdica e criativa.

Outro ponto a destacar é que seria interessante registrar objetivos mais palpáveis nas propostas do curso, para que o alcance (se atingido ou não) pudesse ser melhor mensurado. Um grande desafio da formação continuada é conseguir aferir, de forma concreta e com dados quantitativos, como a formação tem conseguido alcançar seus objetivos junto aos estudantes,

¹¹⁵ Endereço: <https://www.youtube.com/@oficinaspedagogicasdodf3161>. Acesso em 14/8/2025, 22:10.

contribuindo para a melhoria dos resultados. Essa é uma dificuldade do coletivo dos CVLOP e dos cursos de formação continuada de forma geral. A ação formativa é destinada às professoras e professores cursistas. Como aferir se os objetivos foram alcançados junto aos estudantes? Essa é, inclusive, uma cobrança do sistema. Como as formações interferem no resultado em sala de aula? Como quantificar, nesse caso, algo tão subjetivo? Seguimos buscando alternativas de responder a essa questão. Sem dúvidas, há vários relatos das cursistas que confirmam os impactos provocados pela formação, alcançados pelos projetos e ações pedagógicas desenvolvidas em seus locais de atuação, como vimos.

Outro aspecto importante é que, pelo que se pode notar em vários relatos, e em tempos e localidades diferentes, os professores cursistas reconhecem o trabalho das Oficinas, fazem o curso mais de uma vez e o recomendam. No entanto, foi possível perceber, também, que boa parte dos setores de gestão ainda não conhecem o trabalho dos CVLOP e, muito menos, reconhecem sua riqueza, valorizando-o e oferecendo as condições necessárias para que seja garantida sua existência com a qualidade que merece ter, com espaços físicos, materiais permanentes e de consumo e corpo docente em quantitativo suficiente garantidos, além de um Núcleo para gerir todas e tantas demandas. Existe uma potência com relação à formação continuada em rede que pode ser ministrada em todas as Regionais de Ensino do DF pelos CVLOP, que, em quatro décadas de atuação, já tem uma metodologia própria desenvolvida, a qual precisa ter suas especificidades respeitadas quando do atendimento às demandas da rede. O reconhecimento do trabalho precisa ser uma preocupação contra os “apagamentos”. Exemplo recente da falta de reconhecimento do trabalho das Oficinas é o trecho da reportagem no Jornal DM Anápolis, de 17/11/2022¹¹⁶: “A EAPE oferece cursos, oficinas, *lives* e ações relacionadas ao tema. Entre 2020 e 2021, a escola ofertou a oficina Práticas Pedagógicas Antirracistas: Jogos e Brincadeiras para 1.018 professores”. Essa foi uma ação do coletivo dos CVLOP e, em nenhum momento, foi feita menção a isso. Trata-se de uma situação recorrente¹¹⁷ em toda existência das Oficinas, cujo surgimento na rede é anterior à instituição da própria EAPE, a quem são subordinadas, mas possuem especificidades próprias, como a metodologia desenvolvida e a portaria que as rege.

Algumas professoras formadoras sugeriram que os certificados emitidos pela EAPE mencionem os CVLOP como responsáveis pelos cursos, reforçando sua identidade

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.dmanapolis.com.br/noticia/44964/professores-tem-formacao-continuada-em-educacao-antirracista>. Acesso em: 21 jan. 2023, 11:23.

¹¹⁷ Há uma reportagem que exemplifica essa situação, sem menção alguma ao trabalho dos CVLOP, sobre o curso investigado. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/04/16/no-mundo-encantado-da-contacao/>

institucional. Esse reconhecimento poderia diminuir a sensação de fragilidade na estrutura que os CVLOP ocupam dentro da SEEDF. Já houve momentos em que as Oficinas não apareciam no organograma da Secretaria, inclusive em 2025, cujo nome não é contemplado na sigla do Núcleo ao qual estão vinculadas. Outra possibilidade é que ao final de todo título de curso seja acrescentada a sigla “CVLOP”. Assim, a responsabilidade pela ação formativa ficaria identificada.

As Rodas Memográficas esclareceram diversos detalhes históricos sobre o curso, mas algumas questões permaneceram sem respostas claras, pois dependeriam de entrevistas com pessoas em cargos superiores. Apenas a interrupção causada pela pandemia em 2020 teve justificativa totalmente esclarecida. Sobre as rupturas anteriores (2004-2005 e 2009-2014), não foi possível obter explicações conclusivas. Apesar dos esforços de contato com pessoas em cargo de chefia da época, não consegui alguém que me cedesse uma entrevista. Ainda assim, o levantamento histórico revelou uma trajetória rica e detalhada das Oficinas, destacando um trabalho feito com seriedade, competência e comprometimento. A expectativa é que esta pesquisa ajude na compreensão e valorização dessa iniciativa educacional no DF.

Ter contato com os cursos oferecidos pelos CVLOP colabora na constituição das profissionais que se permitem experienciar novas possibilidades, de maneira integrada: pensar-sentir-fazer. São cursos que ampliam os horizontes a respeito da Educação e, também, da Arte; e da Arte na Educação. O cruzamento entre esses campos colabora para o enriquecimento das experiências das docentes que buscam a formação continuada. O campo da Educação Estética é um caminho para que as professoras e os professores tenham espaço para trazer à tona suas sensibilidades, intuições, emoções, enfim, as subjetividades que, na maior parte das vezes, foram sufocadas na formação inicial.

A pesquisa permite concluir que a contação de histórias enriquece a prática pedagógica das professoras e contribui para inúmeras outras questões, como vimos, inclusive de autoconhecimento. As práticas lúdicas e a educação estética contribuem para “animar” a docência dos professores da rede pública, no sentido de “trazer alma a”. Pela experiência observada, podemos concluir que é possível uma escola mais prazerosa, com espaço para a troca de narrativas que nos reconectam com o que temos de mais essencial: nossa condição humana. Ao retomarmos o objetivo desta pesquisa “realizar o registro da história do curso (1999-2019), analisando os impactos e sua contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional de docentes de diferentes disciplinas, etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e modalidades (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial) de ensino, podemos comprovar, por meio de uma sólida

experiência na formação continuada de docentes do Distrito Federal, que a contação de histórias, como saber interdisciplinar, é possível de ser inserida em todas as etapas e modalidades de ensino, já que as narrativas têm o poder de despertar o humano em nós, conectando-nos a emoções e sentimentos universais.

Antes de seguir para o encerramento deste texto - afinal, isso precisa acontecer, embora eu tenha sempre a impressão de que está faltando registrar alguma coisa, e me lembro do sumiço da peça do quebra-cabeça como conforto -, como não poderia deixar de ser, encerro este percurso com a escuta sensível de quem acompanhou a pesquisa de perto, com a generosidade e a dor de quem vê as Oficinas como um trabalho de resistência:

O que leva todas essas pessoas a terem passado por todos os perrengues desde o início até agora, para mim a palavra é AMOR. Amor e compromisso. Não tem nenhum motivo escuso, nenhum motivo vil que faça uma pessoa dedicar esse tempo de vida para fazer isso. Só mesmo uma motivação mais elevada pode fazer uma pessoa se dedicar a ter esse trabalho todo. Tem uma motivação ambiciosa no sentido de crescimento como pessoa, de crescimento humano, das qualidades humanas que você está tentando ressaltar nesse trabalho, DA VIDA QUE ESSES TRABALHOS TÊM INJETADO NA PRÁTICA DE MUITOS PROFESSORES DESESPERANÇADOS. Muitos professores, já sem alento para continuar fazendo o trabalho deles, e se deparam, chegam... que nem nós, quando chegamos na Oficina, NOS ENCHEMOS DE ESPERANÇA, DE ALEGRIA, DE VONTADE DE FAZER. Escrever sobre isso é um respeito a nós mesmos (Muñiz, informação verbal, e-mail, 11/1/2023).

Este é apenas um exemplo de manifestações que recebi ao longo deste percurso cheio de surpresas, de excessos e de riqueza. Foram inúmeras mensagens por aplicativos, em áudio, olho no olho, seguidos de fraternos abraços agradecidos que passam a constituir as minhas memórias durante este processo de escrita do percurso de um curso de formação continuada, que apresentou, também, muitos percalços desvelados pela pesquisa, apesar de não compor os objetivos iniciais, mas simplesmente foi assim, foi assim que aconteceu.

Lembram-se da história de abertura deste trabalho? Daquela roda imaginária que sugeri que, juntas e juntos fizéssemos ao redor de uma fogueira? Espero que aquela atmosfera possa ter chegado até aqui, sentindo o calor umas das outras, uns dos outros.... Essa roda cresceu muito mais do que eu poderia imaginar, mas não me surpreende, uma vez que conheço e sou uma das professoras formadoras dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas. Profissionais engajados, movidos pela *esperança, sonho e coragem*, cuja base do trabalho é a partilha. Que, ao contrário de um memorial póstumo, este seja o registro de uma história sem fim. Que esta pesquisa possa preservar essa experiência e abrir portas para outros estudos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Roberta. Reflexões sobre o lúdico e suas relações com a formação de professores e a prática pedagógica. *In*: ANDRADE, Dídima M. M.; ABREU, Roberta. **Formação de professores e ludicidade**: sobre sonhos possíveis. Curitiba: CRV, 2019.

ALBIGENOR; MILITÃO, Rose. **SOS Dinâmica de grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

ALBUQUERQUE, Cláudia Coelho Bontempo de. **Preparados para a atuação docente?:** compreensão dos futuros educadores sobre ludicidade. Curitiba: Appris, 2016.

ALVES, Rubem. A explicação. *In*: ALVES, Rubem. **Perguntaram-se se acredito em Deus**. São Paulo: Editora Planeta, 2007. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/a-explicacao-de-rubem-alves> Acesso em: 29 abr. 2023, 17:00.

ALVES, Rubem. Cozinhar. *In*: ALVES, Rubem. **Pimentas**: para provocar um incêndio não é preciso fogo. São Paulo: Planeta, 2012.

AMARAL, Clara R. de. A formação do magistério primário nos primórdios de Brasília (1960-1964): memórias de uma utopia possível. *In*: PEREIRA, Eva W.; COUTINHO, Laura M; RODRIGUES, Maria Alexandra M. (org.) **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal**: história e memória. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. p. 72-114.

ANDRADE, Aldanei M. **Quem conta um conto, aumenta um ponto**: contadores de histórias no Distrito Federal (1991 a 2011). 2012. 144 p. Dissertação (Mestrado em História – Instituto de Ciências Humanas – História Cultural, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11641>. Acesso em: 19 jul. 2024, 12:05.

ANDRADE, Aldanei M. A arte de contar histórias: 20 anos de formação continuada nas oficinas pedagógicas do distrito federal (1996 a 2016). *In*: ENCONTRO DE APRENDIZAGEM LÚDICA, 2., 2016, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2017. p. 50-58. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23065>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:45.

ARAGÃO, Janaina de S; CHALUH, Laura Noemi. A linguagem do corpo expressivo na formação de professores iniciantes. **Revista Linha Mestra**, Campinas, v. 12, n. 36, p. 128-131, set./dez. 2018. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/84/93>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:15.

ARAGÃO, Janaina de S. **Formar, experienciar, encorajar**: práticas de contação de histórias dramatizadas. 2021. 279 p. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/372637511_Educacao_sensivel_e_contacao_de_historias_dramatizadas_contribuicoes_para_a_formacao_de_professores Acesso em: 19 jul. 2024, 13:40.

ARAGÃO, Janaina de S; CHALUH, Laura Noemi. Educação sensível e contação de histórias dramatizadas: contribuições para a formação de professores. **Revista Educação em Foco**, Belo Horizonte, ano 26, n. 49, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36704/eef.v26i49.6935>

Disponível em: <https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/6935>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:50.

ASSIS, Orly Zucatto M. de. PROEPRE – Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental e a teoria de Jean Piaget. **Schème**: Revista Eletrônica de Epistemologia Genética, São Paulo, v. 9, n. esp., p. 217-263, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2017.v9esp.09.p217>

ASSIS, Renata M. A educação brasileira durante o período militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos. **Revista Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 3, n 2, p. 320-339, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v3i2.171>

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva Editora, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEDRAN, Bia. Impressões de uma contadora de histórias: meu encontro com a arte narrativa. *In*: PRIETO, Benita (org.). **Contadores de histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BELLO, Sérgio C. **Quem conta um conto...: a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas**. 2004. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87352> Acesso em: 19 jul. 2024, 12:20.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1)

BENJAMIN, Walter. **A Arte de Contar Histórias**. São Paulo: Editora Hedra, 2018. (Coleção Walter Benjamin).

BERNABÉ, Elena. **Como se lida com a dor**. <https://www.youtube.com/watch?v=sMLfodJFQ2s>, 2021. Acesso em: 20 fev. 2025, 11:50.

GALEANO, Eduardo. **Humildad, Utopía y la Vida**. 1 vídeo (6 min 14 s). 7 jul. 2020. Publicado por Stephanie Barraza López. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hsj5YspCXX8&ab_channel=StephanieBarrazaL%C3%B3pez. Acesso em: 20 fev. 2025, 11:20.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê educacional, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BRAGANÇA, Inês F. de S. Fragmentos autobiográficos: memória e formação contínua de professores. **Revista Contexto e Educação**, v. 16, n. 63, p. 107–118, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1201>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:45.

BRASIL. Decreto nº 47.472, de 22 de dezembro de 1959. Institui a Comissão de Administração de Sistema Educacional de Brasília (C.A.S.E.B.). **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, RJ, p. 26636, 22 dez. 1959. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-47472-22-dezembro-1959-386767-norma-pe.html> Acesso em: 2 jul. 2025, 21:25.

BRASIL. Decreto nº 48.297, de 17 de junho de 1960. Dispõe sobre a instituição da Fundação Educacional do Distrito Federal. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 9237, 18 jun. 1960. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-48297-17-junho-1960-387661-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 2 jul. 2025, 21:40.

BRASIL. Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992. Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura PROLER e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 6030, 14 maio 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm. Acesso em: 21 set. 2022, 17:00.

BRASIL. Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. REVOGADO PELO Decreto Nº 8.752, de 9/5/2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 30 jan. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm Acesso em: 2 jul. 2025, 16:00.

BRASIL. Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 4, 5 set. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm. Acesso em: 21 set. 2022, 11:40.

BRASIL. Decreto nº 8.297, de 15 de agosto de 2014. Aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança da Fundação Biblioteca Nacional; altera os Anexos I e II ao Decreto nº 7.743, de 31 de maio de 2012, que aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Cultura; e altera os Decretos nº 519 e nº 520, ambos de 13 de maio de 1992, que tratam, respectivamente, do Programa Nacional de Incentivo à Leitura e do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 18 ago. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8297.htm. Acesso em: 21 set. 2022, 17:10.

BRASIL. Decreto nº 8.752, de 09 de maio de 2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 5, 10 maio 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8752.htm Acesso em: 2 jul. 2025, 17:00.

BRASIL. Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956. Dispõe sobre a mudança da Capital Federal e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, RJ, p. 17905, 20 set. 1956. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2874-19-setembro-1956-373749-normaatualizada-pl.html> Acesso em: 2 jul. 2025, 21:00.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 11429, 27 dez. 1961. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=4024&ano=1961&ato=339o3YU5keVRVT7a7> Acesso em: 2 jul. 2025, 13:00.

BRASIL. Lei nº 4.545, de 10 de dezembro de 1964. Dispõe sobre a reestruturação administrativa do Distrito Federal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 1 dez. 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4545.htm Acesso em: 2 jul. 2025, 21:15.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 6377, 12 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 2 jul. 2025, 19:00.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 21 set. 2022, 10:00.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm Acesso em: 2 jul. 2025, 13:10.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 2 jul. 2025, 19:10.

BRASIL. Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007. Modifica as competências e a estrutura organizacional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, de que trata a Lei nº 8.405, de 9 de janeiro de 1992; e altera as Leis nºs 8.405, de 9 de janeiro de 1992, e 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, que autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 5, 12 jul. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11502.htm Acesso em: 18 fev. 2025, 12:30.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 2 jul. 2025, 19:15.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 17 jul. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm. Acesso em: 18 fev. 2025, 12:35.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm. Acesso em: 21 set. 22, 13:20.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 30 ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 2 jul. 2025, 16:00.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Edição Extra, Brasília, DF, p. 1, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 2 jul. 2025, 15:00.

BRASIL. Lei nº 14.407, de 12 de julho de 2022. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para estabelecer o compromisso da educação básica com a formação do leitor e o estímulo à leitura. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 13 jul. 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14407.htm. Acesso em: 18 fev. 2025, 13:30.

BRASIL. Lei nº 14.934, de 25 de julho de 2024. Prorroga, até 31 de dezembro de 2025, a vigência do Plano Nacional de Educação, aprovado por meio da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14934-25-julho-2024-795997-publicacaooriginal-172483-pl.html>. Acesso em: 18 fev. 2025, 13:35.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 1.179, de 6 de maio de 2004**. Institui o Sistema Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-1179-2004_187050.html. Acesso em: 18 fev. 2025, 10:15.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.442, de 11 de agosto de 2006**. Institui o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), de duração trienal. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/08/2006&jornal=1&pagina=18&totalArquivos=128>. Acesso em: 21 set. 2022, 10:30.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 7**, de 20 de março de 2009. Dispõe sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13212-resolucao-7-de-20-de-marco-de-2009-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192

Acesso em: 21 set. 2022, 10:00.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, CNE/CEB, de 28 de maio de 2009**. Fixa as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública, em conformidade com o artigo 6º da Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008, e com base nos artigos 206 e 211 da Constituição Federal, nos artigos 8º, § 1º, e 67 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no artigo 40 da Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_cne_ceb002_2009.pdf Acesso em: 20 jun. 2024, 13:00.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9864-rceb002-12&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 2 jul. 2025, 17:30.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11074-rceb005-12-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 2 jul. 2025, 10:00.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rpc002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 2 jul. 2025, 11:00.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1, CNE/CP de 27 de outubro 2020**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841-rpc001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 2 jul. 2025, 09:00.

BROTO, Fábio O. **Jogos Cooperativos**: o lúdico e o esporte como um exercício de convivência. 4 ed. São Paulo: Athena, 2013.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Os contadores de histórias na contemporaneidade**: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. 2015. 277 p. Tese (Doutorado em Artes

Cênicas) Instituto de Artes, Universidade de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/19310> Acesso em: 19 jul. 2024, 14:00.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz**. Portugal: Lisbon International Press, 2020.

CALDERANO, Maria da Assunção; PIRES, Bárbara; PRETTI, Fabíola C. Docência Compartilhada: relato de algumas experiências. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 12., 2015, Curitiba. **Anais [...]**. Paraná: PUCPR, 2017.

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL – CLDF. Comissão de Educação e Cultura. **Edital do Prêmio Paulo Freire de Educação**. Brasília, DF, 2023.

CAÑETE, Lilian S. C. **O Diário de Bordo como instrumento de reflexão crítica da prática do professor**. 2010. 151 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8CSKSG/1/disserta_o_pronta.pdf Acesso em: 22 jul. 2024, 15:00.

CARMO, Maria Cláudia S. do; SANTOS, Karine C. dos. Quando contar histórias ultrapassa os muros da universidade: mostra performática sobre contos de esperança. **Revista A cor das Letras**, v. 21, n. 2, p. 142–151, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/142>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:05.

CARNEIRO, Ana P; SOUZA, Renata J. de. Contação de história e leitura literária: uma experiência com professores da escola pública. **Léngua & meia – Revista de Literatura e Diversidade Cultural**, Bahia, v. 14, n. 2, p. 211–226, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/10003>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:00.

CARRIJO, Ranyelle Rosa. **Memórias Literárias: A relevância da formação literária do professor para a mediação da literatura na Educação Básica**. 2022. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação Básica) – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2022. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/RANYELLE_ROSA_CARRIJO_-_DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf Acesso em: 19 jul. 2024, 12:40.

CARVALHO, José Jorge de; ALBERNAZ, Pablo de Castro. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 28, n. 63, p. 333–358, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/F9NpLCqhy5tzj5GwcHFY86h/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 5 jul. 2025, 18:00.

CARVALHO, Pedro M. de. O primeiro ano letivo da nova capital nas páginas do *Correio Braziliense*. *In: PEREIRA, Eva Wairos et al. (org.). Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 315-338.

CASTAÑEDA, José A. S. do; MORALES, Juan M. R. Narrar a vida: deliberações no campo biográfico. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. Pesquisa*

narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

CASTRO, Ana C. de S. **A estética do oprimido como práxis pedagógica:** um estudo com professores de artes do DF em tempos pandêmicos. 2021. 165 p. (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/43320>. Acesso em: 28 jun. 2024, 15:36.

CAUSSI, Jéssica R. **Docência compartilhada nos anos iniciais do Ensino Fundamental de 9 anos.** 2013. 61 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

CAZARRÉ, Lourenço. **O Livro das Feiras do Livro de Brasília (1982-2006).** Brasília: LGE Editora, 2006.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, Ana K. T. da; BARZOTTO, Leoné A. Lembrar para preservar: contação de histórias como instrumento da educação patrimonial. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, v. 8, n. 22, p. 196–207, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/9054>. Acesso em: 19 jul. 2024, 09:10.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática sensível:** contribuição para a didática na educação superior. São Paulo: Cortez, 2022.

DEWEY, John. **A arte como experiência.** São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

DEWEY, John. **Experiência e Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

DISTRITO FEDERAL. **Plano Orientador da Universidade de Brasília.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em movimento da Educação Básica:** Educação Infantil. 2. ed. Brasília: SEEDF, 2018a. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed-Infantil_19dez18.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024, 01:00.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em movimento da Educação Básica:** Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Anos Finais. 2. ed. Brasília: SEEDF, 2018b. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curriculo-em-Movimento-Ens-Fundamental_17dez18.pdf Acesso em: 9 jul. 2024, 00:30.

DISTRITO FEDERAL. **40 anos de educação em Brasília**. Secretaria de Estado de Educação. Brasília: Subsecretaria de Planejamento e Inspeção de Ensino, 2001. Disponível em: <http://samudex.museudaeducacao.com.br/uploads/store/document/34/docimage/original-46c8c07c1f924406f9335168ab4435c6.pdf> Acesso em: 3 jul. 2025, 09:00.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Centro de Multimídia Educacional. **Dinamizando a Caixa-Estante**. Brasília: SEEDF/CME, 1999a.

DISTRITO FEDERAL. Fundação Educacional do Distrito Federal. Departamento de Pedagogia. **Orientação Pedagógica nº 8. Oficinas Pedagógicas**. Brasília: SEEDF, 1989. 35 p.

DISTRITO FEDERAL. Fundação Educacional do Distrito Federal. Departamento de Pedagogia. Centro de Recursos Tecnológicos. **Orientação Pedagógica nº 8. Oficinas Pedagógicas**. 2 ed. rev. e atual. Brasília, 1994. 23 p.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria de Modernização e Tecnologia. **Painel Folclórico: possibilidades pedagógicas**. Brasília: SEEDF, 2013.

DISTRITO FEDERAL. **PDLL: Plano do Distrito Federal do Livro e da Leitura**: Brasília, capital da leitura. Brasília: SEEDF, 2012.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. **Matriz de Formação continuada da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – EAPE**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.eape.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2024/02/Matriz-formatada-revisada.pdf> Acesso em: 19 jul. 2024, 17:15.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. **Diretrizes de formação continuada da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2018. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/Diretrizes-de-Forma%C3%A7%C3%A3o-Continuada_05fev19.pdf Acesso em: 19 jul. 2024, 17:20.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 3.547 de 3 de janeiro de 1977. Aprova os Regimentos da Fundação Educacional do Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 30**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 1, col. 1, 11 fev. 1977. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/5005/Decreto_3547_03_01_1977.html Acesso em: 2 jul. 2025, 08:30.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 21.396, de 31 de julho de 2000. Dispõe sobre a extinção da Fundação Educacional do Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 146**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 53, col. 1, 1 ago. 2000. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/38638/Decreto_21396_31_07_2000.html. Acesso em: 2 jul. 2025, 21:50.

DISTRITO FEDERAL. Decreto Legislativo nº 1.186, de 25 de maio de 2005. Concede o título de Cidadão Honorário de Brasília ao senhor José André dos Santos – Mestre Zezito. **Diário da Câmara Legislativa nº 97**. Brasília, DF, p. 72, col. 2, 27 maio 2005. Disponível em:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/66058/Decreto_Legislativo_1186_25_05_2005.pdf
Acesso em: 2 jul. 2025, 09:45.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 28.093, de 4 de julho de 2007. Dispõe sobre o Registro do Ideário Pedagógico de Anísio Teixeira, e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 146**: seção 1, Brasília, DF, p. 6, col. 2, 5 jul. 2007. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/55334/Decreto_28093_04_07_2007.pdf Acesso em: 2 jul. 2025, 08:00.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 38.631, de 20 de novembro de 2017. Aprova o Regimento Interno da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 222**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 1, col. 1, 21 nov. 2017. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/fc6d09d1351843caa0b0179cacd9d235/Decreto_38631_20_11_2017.html Acesso em: 2 jul. 2025, 07:00.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 40.509, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências. Revogado pelo Decreto 40.520, de 14 de março de 2020. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 25**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 4, col. 1, 11 mar. 2020. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/norma/ad0fae78af5f4e50b46c7357b7ee8597/decreto_40509_1_1_03_2020.html#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2040.509%2C%20DE%2011%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%202020&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20medidas%20para,coronav%C3%ADrus%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 2 jul. 2025, 07:30.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 46.165, de 21 de agosto de 2024. Dispõe sobre a alteração da estrutura administrativa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 161**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 3, col. 1, 22 ago. 2024. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/7e99bee6aeee45688bcfbf5d6414da3a/Decreto_46165_21_08_2024.html Acesso em: 2 jul. 2025, 07:45.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 1.619, de 21 de agosto de 1997. Cria a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação - EAPE - e dá outras providências. Brasília, agosto de 1997. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 162**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 6413, col. 2, 25 ago. 1997. Disponível em: http://www.tc.df.gov.br/sinj/Norma/49577/Lei_1619_1997.html. Acesso em: 21 set. 2022, 11:10.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 1.995, de 2 de julho de 1998. Cria Divisões Regionais de Ensino na estrutura administrativa da Fundação Educacional do Distrito Federal (Paranoá e Santa Maria). **Diário Oficial do Distrito Federal nº 124**, Brasília, DF, 3 jul. 1998. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/49954/Lei_1995_02_07_1998.html Acesso em: 1 jul. 2025, 13:00.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 2.906, de 5 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre a inclusão da Feira do Livro de Brasília, no calendário oficial de eventos do Poder Executivo. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 28**: seção 1, Brasília, DF, p. 3, col. 2, 8 fev. 2002. Disponível

em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/50862/Lei_2906_05_02_2002.html. Acesso em: 21 set. 2022, 13:40.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 5.105, de 3 de maio de 2013. Reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 91**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, col. 1, 6 maio 2013. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/74206/Lei_5105_2013.html. Acesso em: 21 set. 2022, 13:00.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 5.499, de 14 de julho de 2015. Aprova o Plano Distrital de Educação – PDE e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 246**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, col. 1, 24 dez. 2015. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/a67c782d75ed48168d81521d566eeac2/Lei_5499_14_07_2015.pdf. Acesso em: 18 fev. 2025, 13:00.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 6.327, de 10 de julho de 2019. Dá nova redação à Lei nº 5.105, de 3 de maio de 2013, que reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 129**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 2, col. 2, 11 jul. 2019. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/DetalhesDeNorma.aspx?id_norma=fb44f91c28ee4597a5c9b9c2c401976e. Acesso em: 18 fev. 2025, 16:00.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 6.502, de 7 de fevereiro de 2020. Institui e inclui, no calendário oficial de eventos do Distrito Federal, o Dia da Formação Continuada dos Profissionais da Educação. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 30**: seção 1, 2 e 3, Brasília, DF, p. 4, col. 1, 12 fev. 2020. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ccf769dac9444eb69ea987ca87ce7769/Lei_6502_07_02_2020.html. Acesso em: 2 jul. 2025, 13:10.

DISTRITO FEDERAL. Lei Complementar nº 987, de 26 de julho de 2021. Autoriza a criação e define as áreas de atuação da Universidade do Distrito Federal – UnDF e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal nº 140**: supl., seção 1 e 2, Brasília, DF, p. 1, col. 1, 27 jul. 2021. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/d63441567ac346e3bb12c2ac68f43b7b/Lei_Compleme ntar_987_26_07_2021.html Acesso em: 2 jul. 2025, 21:20.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 174**, de 8 de agosto de 2008. Vincula unidades administrativas à Secretaria Adjunta e à Subsecretaria de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/58303/Portaria_174_08_08_2008.pdf. Acesso em: 18 fev. 2025, 12:20.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 116/2012** de 31 de julho de 2012. Dispõe sobre a regulamentação das atividades desenvolvidas nas Oficinas Pedagógicas no âmbito da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e dá outras providências. **Revogada**. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/72529/Portaria_116_31_07_2012.html. Acesso em: 21 set. 2022, 11:00.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 259**, de 15 de outubro de 2013. Disciplina a aplicação da [Lei nº. 5.105, de 03 de maio de 2013](#), que dispõe sobre a Carreira Magistério Público do

Distrito Federal e dá outras providências. Disponível em:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/75249/Portaria_259_15_10_2013.html. Acesso em: 18 fev. 2025, 12:15.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 388**, de 29 de novembro de 2018. Dispõe sobre as atividades desenvolvidas pelas Oficinas Pedagógicas (Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas) da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Disponível em:

http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/f41c3564971a440e8ed9fb012132dbf5/Portaria_388_29_11_2018.html. Acesso em: 21 set. 2022, 11:00.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 180, de 30 de maio de 2019**. Altera a Portaria nº 15 / SEEDF, de 11 de fevereiro de 2015, publicada no DODF nº 41, de 27 de fevereiro de 2015, que aprova o Regimento da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. Disponível em:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/ee9b60ba60e74ea5b6b7094a9dce8c67/Portaria_180_30_05_2019.html. Acesso em: 18 fev. 2025, 12:10.

DISTRITO FEDERAL. **Portaria nº 281, de 10 de junho de 2021**. Institui a Política de Qualidade de Vida, Saúde e Bem-estar para Servidores Públicos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal no Ambiente de Trabalho e para Servidores Aposentados – PQVT/SEEDF. Disponível em:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/92392f20d46041d0ac6d7a69b7cdc24b/Portaria_281_10_06_2021.html Acesso em: 18 fev. 2025, 12:00.

DISTRITO FEDERAL. **Resolução nº 2.391, de 29 de junho de 1988**. Aprova Regimento das Diretorias Regionais de Ensino e dá outras providências (extingue complexos escolares e cria as Regionais de Ensino). Disponível em:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/16677/Resolu_o_2391_29_06_1988.html Acesso em: 3 jul. 2025, 01:00.

DISTRITO FEDERAL. **Resolução nº 2.416, de 10 de agosto de 1988**. Estabelece a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal (EAP).

DISTRITO FEDERAL. **Resolução nº 2, de 12 de dezembro de 2023**. Estabelece normas e diretrizes para a Educação Básica no sistema de ensino do Distrito Federal. Disponível em:

https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/230a46c26218466fad6d7d2de080213e/cedf_res_02_2023_rep.html Acesso em: 1 jul. 2025, 13:00.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso: Projeto Pré-Escolar**: pesquisa, confecção e aplicação de material pedagógico. Brasília: SEEDF, 1986.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso**: O contador de Histórias. Brasília: SEEDF, 1998.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso**: A arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 1999b.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2000.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2001.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2002.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2003.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2004.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2005.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2006.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2007.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2008.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2015.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2016.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2017.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Projeto do curso:** A Arte de Contar Histórias. Brasília: SEEDF, 2020.

DUARTE, Maria de Souza. **A educação pela arte:** o caso Brasília; o caso Garagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O dom da história:** uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FASANELLO, Marina T.; PORTO, Marcelo F. de S. A arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000300008>

FERREIRA, Luciana Haddad. **Educação estética e formação docente:** narrativas, inspirações e conversas. Curitiba: Appris, 2020.

FLACH, Alessandra B. **Vozes da Memória:** o contador de histórias em narrativas orais urbanas. 2013. 161 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africana) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88415> Acesso em: 19 jul. 2024, 13:20.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (org.). **História da alimentação.** São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREIRE, Madalena; CAMARGO, Fátima *et al. in:* FREIRE, Madalena (org.). **Grupo - indivíduo, saber e parceria:** malhas do conhecimento. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998. p. 23-24. (Série Seminários).

FREIRE, Madalena. **Ser Educador.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 65. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GERLIN, Meri N. M. **No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI**. 2015. 326 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/19224> Acesso em: 19 jul. 2024, 13:30.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir S. (org.). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas/SP: Papirus, 2007. p. 39-58.

GIRARDELLO, Gilka. Um roteiro teórico-literário para pensar o papel da narração oral hoje. **Revista Signo**, v. 39, n. 66, 2014.

GOMES, Ana L. de A; CARRIJO, Elizângela. **Inventário de cenas: mapeamento de fontes sobre o teatro – DF**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. v. 1.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTMANN, Luciana. **Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

HARTMANN, Luciana. Linguagem Audiovisual, Teatro e Educação: usos da imagem dentro e fora da sala de aula. In: **Teatro: criação e construção de conhecimento [online]**, Palmas/TO, v. 1, n. 1, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/660/37>. Acesso em: 25 fev. 2025, 07:00.

HARTMANN, Luciana. Crianças contadoras de histórias: narrativa e performance em aulas de teatro. **VIS - Revista do programa de pós-graduação em arte da UnB**, Brasília, v. 13, n. 2, 2014a.

HARTMANN, Luciana. “Arte” e a “Ciência” de contar histórias: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. **Revista Moringa – Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 5, n. 2, 2014b. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/22211>. Acesso em: 19 jul. 2024, 07:45.

HARTMANN, Luciana. Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622017168668>

HARTMANN, Luciana. Onça, veado, Maria: literatura infantil e performance em uma pesquisa... **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 71-86, jan./fev. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.56114>

HARTMANN, Luciana; CASTRO, Ana C. de S. A Etnografia performativa como metodologia de pesquisa em Artes Cênicas. **Revista Aspás**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.70-88, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/aspas/article/view/230979/209390> Acesso em: 17 fev. 2025, 23:40.

HARTMANN, Luciana; GABRIEL, Sonaly Torres S. Pequenas resistências: contação de histórias, performance e protagonismo infantil na escola. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 19-35, mar./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573101342019019>

HARTMANN, Luciana; SOUZA, Jonielson R; CASTRO, Ana C. de S. Luta pela Terra, Performance e Protagonismo Infantil no I Encontro Nacional das Crianças sem Terrinha (Brasília, 2018). **Revista TOMO**, Aracaju, n. 37, p. 253-286, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/13253/10729>. Acesso em: 17 fev. 2025, 15:00.

HASEMAN, B. Manifesto pela Pesquisa Performativa. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO PPGAC/USP, 5., 2015, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 2015. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002732339.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024, 15:00.

HERNÁNDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

HOCHADEL, Simone B; CONTE, Elaine. Docência Compartilhada: possibilidade de inovação e ressignificação da atuação profissional? *In*: CASAGRANDE, Cledes; JUNG, Hildegar Susana; FOSSATI, Paulo. **Desafios e práticas docentes na contemporaneidade: anos iniciais em foco**. Canoas, RS: Ed. Unilassale, 2019.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

JOSÉ, Elias. **Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo**. SP: Paulus, 2012.

KINCHELOE, Joe L. Introdução. O poder da bricolagem: ampliando os métodos de pesquisa. *In*: KINCHELOE, Joe L. **Pesquisa em Educação**. Conceituando a bricolagem, Porto Alegre: Artmed, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LEAL, Selma Soczecki; VAZ, Adriana; DALLA-BONA, Elisa Maria. Comunidade Narrativa e Performance: A Formação de Crianças Contadoras de História. **Rev. FAEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 68, p. 148-167, out./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2022.v31.n68.p148-167>

LEIRIA, Livia R. P. **Palavra, corpo e presença: A arte do professor contador de histórias**. 2011. 87 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade

Estadual de Campinas, São Paulo, 2011. Disponível em:
<https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/799231>. Acesso em: 19 jul. 2024, 12:10.

LEITE, Cristina A. **Rodas de Brincar**: uma experiência com atividades lúdico-corporais junto aos professores-formadores das Oficinas Pedagógicas do DF. 2017. 192 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017a. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/24665>. Acesso em: 29 abr. 2023, 17:24.

LEITE, Cristina A. As Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal e o fomento à criatividade na formação continuada de professores. **Pedagogia das Artes Cênicas**: criatividade e criação. Curitiba: CRV, 2017b. v. 2. Disponível em:
https://www.academia.edu/108728219/As_OP_do_DF_e_o_fomento_%C3%A0_criatividade_na_forma%C3%A7%C3%A3o_continuada_dos_professores. Acesso em: 19 jul. 2024, 09:10.

LEITE, Cristina A. **Rodas de Brincar**: uma experiência com atividades lúdico-corporais junto aos professores-formadores das Oficinas Pedagógicas do DF. Curitiba: CRV, 2019.

LEITE, Cristina A.; MOURA, Simone G. Trilhas Lúdicas para a formação continuada de professores: o sensível presente no trabalho dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 8, n. 4, p. 66-74, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LIMA, Jannaina C; ALMEIDA, Isabel C. D. L.; GOMES, Vitor. Práticas criativas no processo de alfabetização e encontros de formação de professores a partir da contação de histórias. **Revista Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 11. FIEP/ACIAP, 2020. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/19939>. Acesso em: 19 jul. 2024, 09:00.

LIMA, Maria Emília C de C; GERALDI, Corinta M. G; GERALDI, João W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>

LIMA, Valéria da S.; ANJOS, Maylta B.; RÔÇAS, Giselle. Formação docente e contação de histórias – comunicação e resistência em tempos de pandemia. **Revista da ANFOPE – Formação em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, 2021. Disponível em:
<https://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/760>. Acesso em: 19 jul. 2024, 07:50.

LUCKESI, Cipriano. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. **Interfaces da Educação, Cadernos de Pesquisa**. Núcleo de Filosofia e História da Educação, v. 2, n. 1, p. 9-25, 1998. Disponível em:
https://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas%281%29.pdf Acesso em: 19 jul. 2024, 07:58.

LUCKESI, Cipriano. Educação, Ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. *In*: LUCKESI, Cipriano (org.). **Ludopedagogia**. Salvador: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2000. v. 1, p. 37-49.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e atividades lúdicas**: uma abordagem a partir da experiência interna. Bahia: UFBA, 2005.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, p. 13-23, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168>. Acesso em: 29 abr. 2023, 17:30.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto S. **Pesquisar a experiência**: compreender/ mediar saberes experienciais. Curitiba/PR: CRV, 2015.

MACHADO, Antônio. **Campos de Castela**. Edição em espanhol. São Paulo: Editora Caminhos, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARTINS, Alice F. O ensino de artes nas Escolas Parque. *In*: PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 231-251.

MARTINS, Cátia R. B. **Análise das concepções de leitura no discurso de professores participantes de projeto de formação continuada**. 2003. 140 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2003. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/43545>. Acesso em: 19 jul. 2024, 12:00.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MCBRATNEY, Sam. **Adivinha quanto eu te amo**. São Paulo: Editora WMF Martins, 2011.

MENDONÇA, Ismael L. Experiência, Memória e Narração: o filme *Narradores de Javé* pela perspectiva benjaminiana. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/128792>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:10.

MEIRELES, Mariana Martins; SOUZA, Eliseu Clementino de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. *In*: MARTINS, Raimundo; SOUZA,

Eliseu Clemente de; TOURINHO, Irene. (org.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

MONTUANI, D. F. B. **Programa Nacional Biblioteca da Escola: análise descritiva de uma política de formação de leitores**, 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pnbe.pdf> Acesso em: 29 abr. 2023, 17:35.

MOREIRA, Baltazar de Godoy. **Curumim sem nome**. São Paulo, Editora do Brasil, 1975.

MOTA, Luciene F. **Mulheres que educam: experiências de contadoras de histórias**. 2017. 140 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23596> Acesso em: 19 jul. 2024, 13:10.

MUÑIZ, Elza L. M; SOUZA, Mônica M. de; FERREIRA, Cristina de F. F. Oficinas Pedagógicas da SEEDF: espaço lúdico de formação continuada de professores. *In*: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10., 2014, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2014. Tema: Percursos e desafios na história da educação luso-brasileira.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

NUNES, Aline. Sobre a pesquisa enquanto bricolagem, reflexões sobre o pesquisador como bricoleur. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 30-41, maio/ago. 2014. ISSN 1983-7348. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815112>

OLIVEIRA, Rosemary L; ARAPIRACA, Mary de A. Formação para a contação de histórias. **Educação, sociedade e práxis pedagógica: proposições científicas na área da educação**. Salvador, BA: UFBA, 2020.

OLIVEIRA, Rosemary, L.; SANTOS, Luciene S. A constituição do sujeito leitor pela via da contação de histórias. **Revista momento: Diálogos em Educação**, v. 29, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8927>. Acesso em: 19 jul. 2024, 07:40.

OSHO. **Coragem, o Prazer de Viver Perigosamente**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

OSTETTO, Luciana E.; SILVA, Greice D. de B. Arte na formação docente para a educação infantil – procura-se! **Revista Poiésis**, v. 12, n. 21, p. 185-203, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5902/3942>. Acesso em: 19 jul. 2024, 09:30.

PEDERIVA, Patrícia L. M.; MARTINEZ, Andréia P. de Araújo. **A Escola e a Educação estética**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. M. **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998.

PEREIRA, Eva W. As raízes pragmatistas da educação do Distrito Federal. *In*: PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 47-62.

PEREIRA, Eva W. Escola Normal de Brasília: a formação de professores na perspectiva da modernidade. *In*: PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 179-202.

PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

PEREIRA, Eva W.; CARVALHO, Pedro M. de. Fontes de pesquisa para a história da educação de Brasília. *In*: PEREIRA, Eva W.; COUTINHO, Laura M; RODRIGUES, Maria Alexandra M. (org.) **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal**: história e memória. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. p. 17-35.

PEREIRA, Eva W.; COUTINHO, Laura M; RODRIGUES, Maria Alexandra M. (org.) **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal**: história e memória. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

PEREIRA, Eva W; HENRIQUES, Cinira M. N. Escola Júlia Kubitschek – a primeira escola pública do Distrito Federal. *In*: PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 231-251.

PEREIRA, Eva W; ROCHA, Lúcia M. da F. Anísio Teixeira e o plano educacional de Brasília. *In*: PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília**: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 27-45.

PEREIRA, Maria Amélia. **Educação da Sensibilidade**: encontro com a professora Maria Amélia Pereira. Organizado por Laura Maria Coutinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. (Coleção textos universitários).

PORTFÓLIO do Curso. Brazlândia, 2003. Documento interno não publicado.

PRADO, Adélia. O que a memória ama, fica eterno. **Glorinha Cohen**, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://glorinhacohen.com.br/?p=56287>, 2020. Acesso em: 20 fev. 2025, 10:00.

PRIOTTO, Elis P. **Dinâmicas de grupo para adolescentes**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contaço de histórias**: um caminho para a formação de leitores? 2011. 133 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_4fece4f53ed35fe584f026d061b7daa4 Acesso em: 19 jul. 2024, 13:00.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, Jonas. **Avó maluca lelé da cuca e Avó pirada da pá virada**. Juiz de Fora, MG: Franco Editora, 2000.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos Dourados**. São Paulo: Mundo Mirim, 2008.

RICARDO, Luciana de M. Do ideário pedagógico de Anísio Teixeira para Brasília às escolas parque contemporâneas. *In*: PEREIRA, Eva W.; COUTINHO, Laura M.; RODRIGUES, Maria Alexandra M. (org.) **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. p. 215-238.

RICARDO, Luis. Sinpro disponibiliza histórico sobre a coordenação pedagógica. **Sinpro**, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/sinpro-disponibiliza-historico-sobre-a-coordenacao-pedagogica/>. Acesso em: 28 abr. 2023, 17:00.

ROCHA, Lúcia M da F; ANTONIAZZI, Maria Regina F. Anísio Teixeira: educação integral e formação para o trabalho. *In*: PEREIRA, Eva Wairos *et al.* (org.). **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 81-101.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias**. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial, 1976.

ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

RODRIGUES, Cícera S. D; THERRIEN, Jacques; FALCÃO, Giovana M. B; GRANJEIRO, Manuela F. Pesquisa em Educação e Bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 966-982, out./dez. 2016.

RODRIGUES, Edvania B. T. Incentivo à Leitura, contação de histórias e a formação de professores – um relato de experiência. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**. Inhumas – GO: Instituto Federal de Goiás, Campus Inhumas, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/90924752/Incentivo_%C3%80_Leitura_Conta%C3%A7%C3%A3o_De_Hist%C3%B3rias_e_a_Forma%C3%A7%C3%A3o_De_Professores_Um_Relato_De_Experi%C3%Aancia?uc-sb-sw=35073256. Acesso em: 19 jul. 2024, 07:55.

RODRIGUES, Isabel C. F. dos S. Formação leitora e escritora: sujeitos que leem, contam e encantam na formação inicial e continuada. **Revista Latino-Americana de estudos em cultura e sociedade**, v. 5, ed. especial. Paraná: CLAEC, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1529>. Acesso em: 19 jul. 2024, 07:35.

ROSSONI, Janaina Cé. **A contação de histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro**. 2013a. 161 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2013. Disponível em: <https://svr-net20.unilasalle.edu.br/xmlui/handle/11690/608> Acesso em: 19 jul. 2024, 12:50.

ROSSONI, Janaina Cé; SILVA, Denise R. Q. Caminhos para o bem-estar docente através da contação de histórias. **Cadernos do Aplicação-pesquisa e reflexão em Educação Básica**, v.

26, n. 1, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/43444>
Acesso em: 7 jun. 2025, 10:00.

SAHAGOFF, Ana P. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *In*: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 11., 2015. **Anais [...]**. Centro Universitário Ritter dos Reis, 2015.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: Processo de Criação Artística. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Luciene S. **A Emília que mora em cada um de nós**: a constituição do professor contador de histórias. 2013. 210 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17306>. Acesso em: 5 jun. 2025, 13:20.

SANTOS, Luciene S; ARAPIRACA, Mary de Andrade; CARVALHO, Luciana M. A. A preparação do conto e do contador de histórias. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 31, n. 68, p. 34-47, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/14835>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:35.

SANTOS, Patrícia V. (org.) **Metodologias ativas**: Modismo ou Inovação? Barueri, SP: Editora IGM, 2023. v. 2.

SANTOS, Santa Marli. P. **O lúdico na formação do educador**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do regime militar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 24 set. 2023, 09:10.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

SAVIANI, Demerval. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013.

SENNET, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. **“Prelúdio”**. *In*: *Álbum Gita*, 1974.

SILVA, Maria Beatriz; ALBANO, Ronaldo M.; GOMES, Aislla M de A.; LEMOS, Julie A de A. A contação de histórias e a formação do professor da Educação Infantil. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019. **Anais [...]**. Ceará: Editora Realize, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-vi-conedu>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08h30.

SILVA, Valquíria D. da. **Contar histórias com e no corpo: práticas em pedagogia performativa na formação continuada docente**. 2019. 100 p. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/89549121-f966-4ccd-96cc-f560fa49b27d> Acesso em: 19 jul. 2024, 12:30.

SILVEIRA, Maria Claurênica A. de A. contação de histórias: oralidade, gesto, voz, performance. *In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA*, 17., 2014. **Anais [...]**. João Pessoa: ALFAL, 2014.

SINPRO. CEDOC - **Centro de Documentação. Sindicato dos Professores no Distrito Federal**. Fôlderes e cartazes de cursos oferecidos pelo Sinpro, recebidos por *e-mail*, 19 jun. 2022.

SOARES, Magda. **Metamemória – memórias: travessia de uma educadora**. SP: Cortez, 2001.

SOUZA, Marinalva C.; CÔCO, Dilza. O trabalho com a literatura infantil na formação continuada de professores que ensinam matemática. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIAS E INVESTIGAÇÕES DE/EM AULAS DE MATEMÁTICA*, 6., 2017. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2017. Disponível em: <https://www.cempem.fe.unicamp.br/shiam/anais-vi-shiam>. Acesso em: 19 jul. 2024, 07:30.

SOUZA, Mônica M.; BATISTA, Carmira O.; CARVALHO, Rosália P. F. de; SANTOS, Edilene S. C. dos. Materiais para o ensino e a aprendizagem de matemática e os Centros de Vivências Lúdicas: Oficinas Pedagógicas da rede pública de ensino do Distrito Federal, Brasil (1986-2019). **RIDPHE_R: Revista Iberoamericana do Patrimônio. Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 5, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9856> Acesso em: 27 jul. 2024, 19:00.

SUAPESQUISA.COM. **Construtivismo na Educação**. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/construtivismo_educacao.htm. Acesso em: 20 jan. 2023, 08:30.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. RJ: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, Anísio. **Ciência e Humanismo**. Rio de Janeiro: p. 1-19, 1955. Disponível em: <http://arquivohistorico.inep.gov.br/index.php/educadores-m31p1-cienciaehumanismo-anisioteixeira1955> Acesso em: 30 jan. 2023, 15:30.

TEIXEIRA, Anísio. Um grande esforço de toda a vida. **Boletim Informativo CAPES**, Rio de Janeiro, n. 96, p. 1-3, nov. 1960. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/fran/artigos/esforco.html> Acesso em: 30 jan. 2023, 15:40.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html>. Acesso em: 30 jan. 2023, 14:00.

TEIXEIRA, Anísio. Estado atual da educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 89, p. 8-16, 1963. Disponível em:

<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/fran/artigos/estado.html> Acesso em: 30 jan. 2023, 14:30.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. p. 49-50, v. 5. (Coleção cultura, sociedade e educação).

TEIXEIRA, Anísio. O manifesto dos pioneiros da educação nova. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 65, n. 150, 1984 [1932]

TORREGROSA, Apolline. Da arte e da narração à sensível textura de nós. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

TORRES, Shirlei M; TETTAMANZI, Ana L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/5844>. Acesso em: 19 jul. 2024, 08:40.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **PROEPRE em ação**. Faculdade de Educação, 2023. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/agenda-de-eventos/proepre-em-acao-2>. Acesso em: 2 jul. 2025.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **Mundos de vida em performances narrativas de crianças pequenas de escolas da infância do Distrito Federal**. 2023. 235 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Artmed, 2001.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Imaginação e Criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VILLAS BOAS, Benigna M. de F. Contribuições do porta-fólio para organização do trabalho pedagógico. **Estudos em Avaliação Educacional**, n. 23, 2001, p. 137-152.

VITAL, Antônio. **É possível**: as realizações do engenheiro Cristovam Buarque na direção de uma nova esquerda. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

WESTBROOK, Robert B (org.). **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

FONTES COMPLEMENTARES DE PESQUISA (SITES, BLOGS, MATÉRIAS JORNALÍSTICAS, CONTEÚDOS DE APOIO)

A CASA REDONDA. **A Casa Redonda – uma experiência em Educação**, [s.d.]. Disponível em: <http://acasaredonda.com.br/>.

A COR DA CULTURA. Canal Futura. **Fundação Roberto Marinho**. [s.d.]. Disponível em: <https://futura.frm.org.br/projeto/cor-da-cultura>

ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS. **Secretaria de Estado de Governo do Distrito Federal**, [s.d.]. Disponível em: <https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais/>.

ARAÚJO, Luciana K. Prefixos latinos. **InfoEscola – navegando e aprendendo**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/prefixos-latinos/>.

BERNARDO, André. Série Vaga-Lume: os 50 anos da coleção que estimulou prazer da leitura em milhões de jovens. **BBC News Brasil**, 25 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clj7wykjkdo>.

BOCA DO CÉU. **Encontro Internacional Boca do Céu de Contadores de Histórias**. [s.d.]. Disponível em: <https://bocadoceu.com.br/o-boca-do-ceu/>

BOECHAT, Juliana. 2010 é um ano para ficar na memória. **Correio Braziliense**, 31 dez. 2010, 07:52. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/12/31/interna_cidadesdf,230176/2010-e-um-ano-para-ficar-na-memoria.shtml

BRAINCONNECTION. Histórico de Atuação dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da SEEDF na Formação Continuada de Docentes da Educação Especial. **Anais, Brain Connection**, 2023. Disponível em: https://brainconnection.com.br/wp-content/uploads/2024/05/2023_Anais_Brain-Connection.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Roedores de livros**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/roedores-de-livros>. Acesso em: 28 jul. 2025

BRITO, Daniela. No mundo encantado da contação. **Agência Brasília**, 16 abr. 2019. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/04/16/no-mundo-encantado-da-contacao/>

CÂMARA Legislativa vai premiar projetos da área de educação no DF. **Agência CLDF**, 8 ago. 2023, 11:23. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/-/camara-legislativa-vai-premiar-projetos-da-area-de-educacao-no-df>.

CENTROS DE VIVÊNCIAS LÚDICAS – OFICINAS PEDAGÓGICAS. Ludicidade e criatividade na educação. **Padlet**, [s.d.]. Disponível em: <https://padlet.com/copeape/centros-de-viv-ncias-l-dicas-oficinas-pedag-gicas-keo48zvzw7idvhnbm>.

CLDF. Edital do 1º Prêmio Paulo Freire de Educação. **Gabriel Magno**, 2023. Disponível em: https://www.gabrielmagno.com.br/_files/ugd/f29619_fa3623e8edcc447bbd3a4cbaf67f4a2f.pdf

CLDF. Resolução n.º 333/2023. Institui o Prêmio Paulo Freire de Educação. **Câmara Legislativa do Distrito Federal**, 2023. Disponível em: <https://www.cl.df.gov.br/documents/10162/26683874/Resolu%C3%A7%C3%A3o+333-2023.pdf>.

CRIAR NUVEM DE PALAVRAS. **WordArt**, [s.d.]. Disponível em: <https://wordart.com/>.

CRIAR NUVEM DE PALAVRAS. **WordArt**, [s.d.]. Disponível em: <https://wordart.com/nwl5dq0aletg/nuvem-de-palavras>

DINAMIZAÇÃO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. [s.d.]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dinamiza%C3%A7%C3%A3o>

EDITAL DE SELEÇÃO DE PREMIAÇÃO PARA AGENTES CULTURAIS COM RECURSOS DO FUNDO DE APOIO À CULTURA. Prêmio Mestre Zezito. **DODF**, 2024. Disponível em: https://dodf.df.gov.br/dodf/materia/visualizar?co_data=425923&p=edital-n-312024-fac-ii-premiacoes&busca=exata#termo=pr%C3%AAmio%20mestre%20zezito

ESPERANÇA. Origem da palavra esperança. **Origem da Palavra**, [s.d.]. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/esperanca/>.

EVA. Acetato de Vinila (EVA): o que é e os principais usos deste material. **Blog Mais Polímeros**, 2019. Disponível em: <https://maispolimeros.com.br/2019/03/06/acetato-de-vinila/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20Etileno,componentes%20%C3%A0%20prova%20d%C3%A1gua>.

EVENTOS. Faça seu evento com a gente- **Sítio Geranium**. s/d. Disponível em: <https://sitiogeranium.com.br/faca-seu-evento-com-a-gente/>

FUNDAÇÃO ganha pela 1ª vez o Troféu Baobá. **Fundação ABRINQ**, 2019. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/taxonomy/term/trofeu-baoba>

GALASSI, Vanessa. Sessão solene celebra 38 anos dos Centros de Vivências Lúdicas. **Sinpro-DF**, 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/sessao-solene-celebra-38-anos-dos-centros-de-vivencias-ludicas/>.

GOLDSCHMIDT, Andrea. A lenda do boi. **Festas Brasileiras**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.festasbrasileiras.com.br/post/a-lenda-do-boi>

GOMES, Henrique. Brasília celebra 60 anos da sua primeira escola parque, conceito pedagógico embasado na integração. **UnB Notícias**, 2020. Disponível em: <https://noticias.unb.br/67-ensino/4656-brasilia-celebra-60-anos-da-sua-primeira-escola-parque-proposta-embasada-na-integracao-como-conceito-pedagogico>

GRAFIA. Etimologia da palavra. In: **Dicio – Dicionário Online de Português**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/grafia/>.

HISTÓRICO DO CEN. UnB – Artes Cênicas. **Universidade de Brasília**. [s.d.]. Disponível em: <https://cen.unb.br/departamento/historico-do-cen/>

INFORMAÇÕES DA RA DE CEILÂNDIA. Codeplan. **Diário de Ceilândia** [s.d.]. Disponível em: <https://ceilandia.df.gov.br/category/informacoes-da-ra>.

LEITE, Cristina. **Rodas de Brincar**: uma experiência com atividades lúdico-corporais junto aos professores formadores das Oficinas Pedagógicas do DF. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24665>.

LEITE, Cristina. Trilhas Lúdicas para a formação continuada de professores: o especial presente no trabalho dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal. **Academia**, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/68453912/Trilhas_L%C3%BAdicas_para_a_forma%C3%A7%C3%A3o_continuada_de_professores_o_sens%C3%ADvel_presente_no_trabalho_dos_Centros_de_Viv%C3%A4ncias_L%C3%BAdicas_Oficinas_Pedag%C3%B3gicas_do_Distrito_Federal

LETÍCIA. Oficinas Pedagógicas realizam 1º Bienal de Ludicidade. **Sinpro-DF**, 2018. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/seedf-realiza-1-bienal-de-ludicidade/>

MARIA CARLA. “Memória Viva do curso A Arte de Contar Histórias”: professora lança documentário na CRE do Núcleo Bandeirante. **Sinpro-DF**, 2023. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/memoria-viva-do-curso-a-arte-de-contar-historias-professora-lanca-documentario-na-cre-do-nucleo-bandeirante/>

MEMÓRIA VIVA: professora lança documentário na CRE do Núcleo Bandeirante. Sinpro-DF. **Facebook**, 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0B6rXhcPatjVKMPdaTntBTWVbTeH2Vqoz6quPsyH3A2ZiXXtouLT3Zpm6a7XyLQkPl&id=100064623972496&mibextid=Nif5oz&_rdr

MEMÓRIA. Etimologia da palavra. **Etymonline**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=MEM%C3%93RIA&lc=pt>

MENDES, Elaine. Mosaico. **Educa Mais Brasil**, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/mosaico>.

NORMÓGRAFO. Significado da palavra. *In*: **Dicio – Dicionário Online de Português**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/normografo/>

OFICINAS PEDAGÓGICAS SEDF. **Facebook**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/oficinaspedagogicassedf>.

OFICINASPEDAG. **Instagram**, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/oficinaspedagog/>.

PERCÍLIA, Eliene. Yin e Yang. **Brasil Escola. UOL**. [s.d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/yin-yang.htm>

PERFORMANCE. In: **MICHAELIS – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, [s.d.]. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/performance/>

PONTEVEDRA, Jacqueline. Programação especial marca aniversário da EAPE. **Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação**. (EAPE), 11 ago. 2023. Disponível em: <https://eape.se.df.gov.br/programacao-especial-marca-aniversario-da-eape/>.

PROEPRE. **Instagram**, 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/proepre/>

RAMOS, Jefferson. Construtivismo na educação. **Sua Pesquisa.com**, [s.d.]. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/construtivismo_educacao.htm.

REDAÇÃO. Professores têm formação continuada em educação antirracista. **DM Anápolis – O diário do município**, 2022. Disponível em: <https://www.dmanapolis.com.br/noticia/44964/professores-tem-formacao-continuada-em-educacao-antirracista>

RESULTADO do prêmio Paulo Freire. **Gabriel Magno**, 2023. Disponível em: <https://www.gabrielmagno.com.br/resultadopremiopaulofreire>.

RICARDO, Luís. Sinpro cobra do GDF mais respeito com as Oficinas Pedagógicas. **Sinpro-DF**, 9 maio 2018. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/sinpro-cobra-do-gdf-mais-respeito-com-as-oficinas-pedagogicas/>

RICARDO, Luís. Sinpro disponibiliza histórico sobre a coordenação pedagógica. **Sinpro-DF**, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/sinpro-disponibiliza-historico-sobre-a-coordenacao-pedagogica/>

SALLORENZO, Letícia. Professoras da SEE-DF premiadas em congresso internacional de neurociências. **Sinpro-DF**, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/professoras-da-see-df-premiadas-em-congresso-internacional-de-neurociencias/>

SANT'ANNA, Cristina Nunes de. O que *Menemosine*, a Deusa da Memória, pode fazer por nós?. **Cultura em Movimento**, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://culturaemmovimento.com.br/o-que-menemosine-a-deusa-da-memoria-pode-fazer-por-nos/>

SÉRIE VAGA-LUME. Série Vaga-Lume está de volta! Confira os livros que fizeram a infância de muita gente – foto de divulgação. Série Vaga Lume – Livros. **São Paulo para Crianças**, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://saopauloparacrianças.com.br/compras/serie-vaga-lume-livros/>.

SINDICATO. Oficina pedagógica: um espaço de formação lúdica do professor. **Sinpro-DF**, 21 out. 2009. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/oficina-pedagogica-um-espaco-de-formacao-ludica-do-professor/>

SINPRO DF. Professora lança documentário na CRE do Núcleo Bandeirante. **Instagram**, 1 jun. 2023 Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/Cs9Mn1PLJ3p/?igshid=NzJjY2FjNWJiZg==>

SONHO. Significado da Palavra. *In: MICHAELIS – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sonho/>

SUZUKI, Érika. Pesquisa investiga curso de formação continuada de professores da rede pública do DF. **UnB Ciência**, 2023. Disponível em: <https://unbciencia.unb.br/artes-e-letras/100-artes-cenicas/720-pesquisa-investiga-curso-de-formacao-continuada-de-professores-da-rede-publica-do-df>.

TALARICO, Bruna. A nobre arte do palhaço - Espetáculo da Cia. Carroça de Mamulengos homenageia Mestre Zezito, um bamba do riso. **Veja Rio**, 2016. Disponível em:

<https://vejario.abril.com.br/programe-se/pano-de-roda/>

VIVA E DEIXE VIVER. Associação Viva. **Instituto da Criança e do Adolescente**, [s.d.]. Disponível em: <https://icr.usp.br/associacao-viva-e-deixe-viver/>

REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS:

FUTURO da "Escola de Criatividade" preocupa professores e pais de alunos. 1 vídeo. (6 min). Bom Dia DF. Publicado no Canal do Globo Play. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/7320748/>

HISTÓRIA com Kamishibai: História das formas geométricas, 30 ago. 2022. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Oficinas Pedagógicas do DF. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=PfkLbQE91gc>

INÍCIO das Oficinas Pedagógicas - vídeo histórico, 2 out. 2020. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Oficinas Pedagógicas do DF. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=u7QsqNlrPZg&t=315s>.

LIVRO de uma folha só, 28 out. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado no Canal Amoras DF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n2jIsnFdE58>

MEMÓRIA Viva: Professora lança documentário na CRE do Núcleo Bandeirante, 5 jun. 2023. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal do Sinpro-DF. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=oyLyrBv1UGs>

MEMÓRIA VIVA do curso A Arte de Contar Histórias, ministrado pelas Oficinas Pedagógicas da SEEDF. 2025. 1 vídeo (38 minutos). Publicado pelo canal das Oficinas Pedagógicas do DF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SGY3IPnO2Dg>. Acesso em: 15 ago.2025.

OFICINAS Pedagógicas – 30 anos, 31 out. 2016. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal do Canal E. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=4dnq3gMW3lk&list=PLY1P4gtYD4HTvfhqzN6tF8TVGIrhGQwhi>.

OFICINAS PEDAGÓGICAS DO DF. Canal do Youtube. 2015. Disponível em:
<https://www.youtube.com/@oficinaspedagogicasdodf3161>.

SESSÃO Solene - 1º Prêmio Paulo Freire de Educação, 28 set. 2023. 1 vídeo (140 min).
Publicado pelo Canal TV Câmara Distrital. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=j9iaWPXEW&t=7606s>.

SESSÃO Solene - 38 anos dos Centros de Vivências Lúdicas, 7 jun. 2024. 1 vídeo (116 min).
Publicado pelo Canal TV Câmara Distrital. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=aps-GWrczOY&t=1s>.

SESSÃO Solene em homenagem ao aniversário das Oficinas Pedagógicas do DF, 17 nov. 2024. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Cristina Leite. Disponível em:
<https://youtu.be/djvYWiuCx-w?si=c3n2ajj0Y4dvr6f>.

TODA COMIDA boa: Mais uma sugestão para uso do Kamishibai, 30 ago. 2022. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Oficinas Pedagógicas do DF. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=gmbmC2lwL28>

TUTORIAL Kamishibai: Proposta contação de histórias – Educação Infantil, 30 ago. 2022. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Oficinas Pedagógicas do DF. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V5GVj8LgRXU>

TV Sinpro: Memória viva do curso A Arte de Contar Histórias, 14 jun. 2023. 1 vídeo (63 min). Publicado pelo Canal Sinpro-DF. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=LoiDfSE1YqI>

UMA HISTÓRIA sobre o sagrado, 2024. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Abra Palavra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1tEmQKJKIE>

APÊNDICE A - DEPOIMENTOS, ENTREVISTAS, PARTICIPAÇÃO NAS RODAS MEMOGRÁFICAS E DEMAIS CONTRIBUIÇÕES

As pessoas listadas abaixo colaboraram com a construção desta pesquisa, por meio de entrevistas semiestruturadas, registros audiovisuais, envio de mensagens de texto e em áudio, além da participação nas Rodas Memográficas. Todas as contribuições foram utilizadas com autorização dos participantes, conforme previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As Rodas Memográficas *online* (2ª, 3ª e 4ª) aconteceram com a participação de professores cursistas e, por esta razão, a identidade foi preservada. Devido à grande diversidade de formas de colaboração, no corpo do texto, sistematizei da seguinte forma: participação em Rodas Memográficas, entrevista semiestruturada (presencial, *online* e com roteiro escrito), informação verbal (presencial – áudio, produzido em conversas informais com autorização das interlocutoras; e-mail; em vídeo – gravação do documentário; em texto e em áudio – pelo *WhatsApp*).

A. de O. M. **Participação na 4ª Roda Memográfica (*online*)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h22, transcrição com 12 páginas. *Google Meet*, 30/8/2022.

A. M. R. de V. (professora de Geografia) **Participação na 4ª Roda Memográfica (*online*)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h22, transcrição com 12 páginas. *Google Meet*, 30/8/2022.

A. M. S. de C. **Participação na 2ª Roda Memográfica (*online*)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

ABREU, Neide Maria de. **Contribuição por mensagens de texto via *WhatsApp***. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 7/2/2023.

ABREU, Neide Maria de. **Depoimento durante gravação do documentário**. Depoimento em vídeo. Presencial, 4/11/2022.

ALMEIDA, Maria Beatriz F. N. **Entrevista semiestruturada (*online*)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h27, transcrição com 10 páginas. *Google Meet*, 28/2/2023.

ANDRADE, Aldanei Menegaz de. **Cessão de cópia do Memorial de Brazlândia para a pesquisa**. Texto. Presencial, 9/8/2023.

ANDRADE, Aldanei Menegaz de. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

ANDRADE, Aldanei Menegaz de. **Relato escrito espontâneo**. Depoimento em texto. Presencial, 10/11/2024.

ANDRADE, Aldanei Menegaz de. **Relato oral espontâneo**. Depoimento em áudio. Presencial, 22/10/2022.

ANDRADE, Aldanei Menegaz de. **Relato oral espontâneo**. Depoimento em áudio. Presencial, 10/11/2024.

ANDRADE, Aldanei Menegaz de. **Relato oral espontâneo**. Depoimento em áudio. Presencial, 9/8/2023.

BERNARDES, Ana Paula. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

C. M. de S. **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

CALDEIRA, Regina Ferreira. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 27/7/2023.

CARNEIRO, Simone Alves. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

CARNEIRO, Simone Alves. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial – preenchimento da ficha-perfil)**. Depoimento em texto. Sítio Geranium, 6/5/2022.

CARREIRA, Sérgio Luiz A. N. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em áudio. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 54', transcrição com 16 páginas. *Google Meet*, 29/7/2022.

CARREIRA, Sérgio Luiz A. N. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

CARVALHO, Maria Ely Leal de. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 27/3/2023.

CASTRO, Tamar Rabelo de. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 2h, transcrição com 13 páginas. *Google Meet*, 29/7/2022.

CHAGAS, Ivanise dos Reis. **Participação na 5ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h03, transcrição com 21 páginas. CRE do Núcleo Bandeirante, 31/5/2023.

CORREA, Teresa Cristina M. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial – preenchimento da ficha-perfil)**. Depoimento em texto. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

D. C. S. C. V. **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

E. da S. C. **Participação na 3ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h09, transcrição com 10 páginas. *Google Meet*, 26/8/2022.

F. A. S. E. **Participação na 3ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h09, transcrição com 10 páginas. *Google Meet*, 26/8/2022.

F. B. S. **Participação na 4ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h22, transcrição com 12 páginas. *Google Meet*, 30/8/2022.

F. N. P. da. S. (professora de Matemática – Anos Finais e Ensino Médio). **Contribuição com respostas em áudio (entrevista semiestruturada)**. Depoimento em áudio. Transcrição em 1 página. *WhatsApp*, 13/4/2023.

FERNANDES, Maria Eunice Oliveira. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 48', transcrição com 8 páginas. *Google Meet*, 27/11/2024.

FERREIRA, Cristina de Fátima Franco. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp (espontâneo)**. *WhatsApp*. Depoimento em texto. 23/11/2022

FERREIRA, Cristina de Fátima Franco. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp (espontâneo)**. *WhatsApp*. Depoimento em texto. 24/1/2023

FERREIRA, Cristina de Fátima Franco. **Depoimento durante gravação do documentário**. Presencial. Depoimento em vídeo. 22/11/2022

FERREIRA, Cristina de Fátima Franco. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

G. A. B. (professor de Ed. Física – Anos Finais e Ensino Médio). **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

GOMES, Vilma S. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 16/2/2023.

I. V. L. S. (professora de Biologia – Ensino Médio e EJA). **Participação na 3ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h09, transcrição com 10 páginas. *Google Meet*, 26/8/2022.

LIMA, Márcia Ester de Souza Puglia. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h03, transcrição com 21 páginas. *Google Meet*, 27/7/2022.

LIMA, Ruitter J. de. **Mensagem via WhatsApp** enviada à Cristina Aparecida Leite em 7/1/2022.

M. dos. S. **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

MARQUES, Iara Teixeira. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 5/11/2024.

MOURA, Simone. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp (espontâneo)**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 27/3/2023.

MOURA, Simone. **Depoimento durante gravação do documentário**. Depoimento em vídeo. Presencial, 23/8/2022.

MOURA, Simone. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

MUÑIZ, Elza Lúcia Menezes. **Contribuição por mensagens de texto via e-mail**. Depoimento em texto. E-mail, 2/11/2024.

MUÑIZ, Elza Lúcia Menezes. **Contribuição por mensagens de texto via e-mail**. Depoimento em texto. E-mail, 14/10/2022.

MUÑIZ, Elza Lúcia Menezes. **Contribuição por mensagens de texto via e-mail**. Depoimento em texto. E-mail, 11/1/2023.

MUÑIZ, Elza Lúcia Menezes. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

NASCIMENTO, Cláudia Teixeira do. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial – preenchimento da ficha-perfil)**. Taguatinga, Sítio Geranium, Depoimento em texto. 6/5/2022

NASCIMENTO, Cláudia Teixeira do. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

NOGUEIRA, Vânia Amorim. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 15/2/2023.

OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. **Contribuição por mensagens de áudio via WhatsApp**. Depoimento em áudio. *WhatsApp*, 2/2/2023.

PANITZ, Marília. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em áudio. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 47', transcrição com 6 páginas. *Google Meet*, 11/7/2022.

PEREIRA, Marli Anísio. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 5/11/2024.

PEREIRA, Raquel Gonçalves. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h30, transcrição com 12 páginas. *Google Meet*, 25/7/2022.

PERES, Neuza Maria Machado. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

Q. B. C. D. **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

R. F. C. **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

R. M. C. S. **Participação na 4ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h22, transcrição com 12 páginas. *Google Meet*, 30/8/2022.

REIS, Sonia Soares dos. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h14, transcrição com 21 páginas. *Google Meet*, 9/8/2022.

RESENDE, Elisabete Batista. **Mensagem via WhatsApp** enviada à Cristina Aparecida Leite em 11/1/2022, às 18h15.

RESENDE, Thais Felizardo. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial – preenchimento da ficha-perfil)**. Depoimento em texto. Taguatinga, Sítio Geranium, presencial, 6/5/2022.

ROCHA, Míriam Ferreira. **Participação na 1ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h13, transcrição com 16 páginas. Taguatinga, Sítio Geranium, 6/5/2022.

SABINO, Chrístoper Leandro de Oliveira. **Contribuição por mensagens de áudio via WhatsApp**. *WhatsApp*. Depoimento em áudio. 18/2/2025.

SABINO, Priscila Egídio Vito de Jesus. **Participação na 5ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. CRE do Núcleo Bandeirante, 31/5/2023.

SANTOS, Cristiane de Salles Moreira dos. **Entrevista semiestruturada (online)**. Depoimento em áudio. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 47', transcrição com 10 páginas. *Google Meet*. 7/10/2022.

SANTOS, Neuza Lopes da Silva. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 5/11/2024.

SILVA, Conceição de Fátima Batista da. **Contribuição por mensagens de texto via WhatsApp**. *WhatsApp*. Depoimento em texto. 19/7/2022

SILVA, Ederson Luiz da. **Contribuição por mensagens de áudio via WhatsApp**. Depoimento em áudio. *WhatsApp*, 2/2/2023.

SILVA, Jeane Rodrigues da. **Contribuição por mensagens de áudio via WhatsApp**. Depoimento em áudio. *WhatsApp*, 2/2/2023.

SILVA, Jeane Rodrigues da. **Participação na 5ª Roda Memográfica (presencial)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h03, transcrição com 21 páginas. CRE do Núcleo Bandeirante, 31/5/2023.

SILVA, Maria José Guerra Aragão C. **Contribuição por mensagens de texto via *WhatsApp***. Depoimento em texto. *WhatsApp*, s/d.

SILVANO, Belchior. **Contribuição por mensagens de texto via e-mail**. E-mail. Depoimento em texto. 10/2/2023.

SILVANO, Belchior. **Entrevista semiestruturada (presencial)**. Depoimento em áudio. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 19', transcrição com 5 páginas. CRE do Paranoá. 12/4/2022.

SILVANO, Belchior. **Entrevista semiestruturada (presencial)**. Depoimento em áudio. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 8', transcrição com 2 páginas. CRE do Paranoá. 1/7/2022.

STRICKLAND, Patrícia Jean. **Contribuição por mensagens de áudio via *WhatsApp***. Depoimento em áudio. *WhatsApp*, 17/2/2023.

SOARES, Ivete Valente Lima. **Depoimento durante gravação do documentário**. Depoimento em vídeo. Presencial, 6/12/2022.

SOUZA, Estela Pinto de. **Contribuição por mensagens de texto via *WhatsApp* (espontâneo)**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 23/2/2023.

SOUZA, Estela Pinto de. **Contribuição por mensagens de texto via *WhatsApp* (espontâneo)**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 22/1/2023.

SOUZA, Estela Pinto de. **Depoimento durante gravação do documentário**. Depoimento em vídeo. Presencial, 22/11/2022.

SOUZA, Mônica Menezes de. **Contribuição por mensagens de áudio via *WhatsApp***. Depoimento em áudio. *WhatsApp*, s/d.

T. A. F. **Participação na 2ª Roda Memográfica (online)**. Depoimento em vídeo. Mediadora: Cristina Aparecida Leite. Duração: 1h18, transcrição com 15 páginas. *Google Meet*, 19/8/2022.

T. F. P. (professor de Matemática e programação computacional na Escola Técnica de Ceilândia). **Contribuição com respostas escritas (entrevista semiestruturada)**. Depoimento em texto. *WhatsApp*, 27/3/2023.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **Depoimento durante gravação do documentário**. Presencial. Depoimento em vídeo. 17/8/2022.

APÊNDICE B - INVENTÁRIO COM NOMES DE ALGUNS EVENTOS, CURSOS E OFICINAS TEMÁTICAS MINISTRADOS PELOS CVLOP

Quadro 32 - Cursos ministrados – 1986 – 2025

Nº	Ano	Nome do curso
01	1986	Projeto Pré-escolar: pesquisa, confecção e aplicação de material pedagógico - 1986
02	1987	Treinamento em produção e utilização de materiais de Ensino-aprendizagem - MEAs - 33h
03	1987	Confecção e utilização de material pedagógico 152h
Evento	1989	I Encontro de Oficinas Pedagógicas - 08h
04	1989	Formação de Formadores - Oficina Pedagógica - 40h
05	1989	Formação de Formadores - Oficina Pedagógica - 120h
06	1990	Material ensino-aprendizagem - MEA - 60h
07	1990	Oficina de Bonecos - 180h
08	1990	Formação de Formadores - Curso: Práticas Industriais/ - 40h
09	1990	Formação de Formadores - Artes Gráficas - 40h
10	1990	Formação de Formadores - Recursos audiovisuais - 40h
11	1991	Treinamento e confecção de material de ensino-aprendizagem para dinamizadores 80h
12	1991	Material alternativo (Oficina Pedagógica) - 60h
13	1991	Origami - 20h
14	1991	MEA - Recursos audiovisuais - 40h
Evento	1991	III Encontro das Oficinas Pedagógicas / IV Mostra de MEAs – 7h
15	1992	2ª etapa do curso: treinamento e confecção de material ensino-aprendizagem para dinamizadores - 60h
16	1992	V Mostra de MEA - 40h
17	1992	Aperfeiçoamento e confecção de material 60h
18	1992	Administração Educacional - 180h
Evento	1992	I Seminário das Oficinas Pedagógicas da FEDF -
19	1993	Aperfeiçoamento e confecção de material para dinamizadores - 60h
20	1993	Oficinas Pedagógicas Itinerantes - Zona Rural - 80h
21	1993	Papel, novamente papel (folder) - 40h - noturno
22	1993	Formação de Formadores - Tecnologias Educacionais - 180h
23	1993	Formação de Formadores - Criatividade e magia na dinamização - 50h
24	1993	Treinamento/ criatividade/ dinamização - 50h
25	1993	Treinamento para dinamizadores - 50h
Evento	1993	VI Mostra de Material de Ensino-Aprendizagem das Oficinas Pedagógicas
26	1994	Aperfeiçoamento e confecção de material alternativo para dinamizadores (A arte de dinamizar) - 80h
27	1994	Ações construtivistas no Ensino Supletivo - fase II - 60h - (vespertino e noturno)
28	1994	Alfabetização em jogo - 180h
29	1994	Alternativas na Arte-Educação - 50h
30	1994	Aperfeiçoamento e confecção de materiais alternativos para dinamização - 60h
31	1994	Aperfeiçoamento em dinamização - 180h (abril a novembro)
32	1994	Formação de Formadores - Aperfeiçoamento para professores das Oficinas Pedagógicas - 180h
33	1994	Brinquedos populares (Confecção e manipulação de brinquedos populares - 80h)
34	1994	Confecção e utilização de bonecos de fantoche - 60h
35	1994	Caixas artesanais - 60h
36	1994	Dinamizar - 80h - noturno
37	1994	Diverte e ensina (180h)
38	1994	Fantoches - 60h
39	1994	Marmorização, bloco e embalagem - 20h
40	1994	Materiais de ensino-aprendizagem para CBA - 80h
41	1994	O fazer e o aprender - 110h - noturno
42	1994	O papel e seus papéis - 180h
43	1994	O resgate da matemática - 180h
44	1994	Encadernação e restauração de livros 40h
45	1994	Origami - 50h

46	1994	Papel artesanal - 60h
47	1994	Papel artesanal II - 80h
48	1994	Papel artesanal, reciclagem e fibras vegetais, cartonagem e encadernação - 180h
49	1994	Produção do livro artesanal - 100h - noturno
50	1994	Teatro de fantoches - 80h
51	1994	Técnicas de utilização do MEAs - 80h
52	1995	Meu brinquedo, meu tesouro - 60h
53	1995	Teatro de fantoches - 80h
54	1995	Oficina de fantoche - 180h
55	1995	Aprender brincando - 90h - noturno
56	1995	Atividades alternativas para dinamizadores - 110h
57	1995	Brinquedos populares: um resgate na educação - 80h
58	1995	Capacitação em alfabetização de jovens e adultos - 80h - noturno
59	1995	Confecção de embalagens - 40h
60	1995	Confecção e manipulação de brinquedos populares tradicionais - 75h
61	1995	Oficina de fantoches - 180h
62	1995	Confecção e utilização de bonecos de fantoches - 75h
63	1995	Teatro de fantoches - 80h
64	1995	Dinamização - 60h
65	1995	Dinamização numa perspectiva de interdisciplinaridade - 80h - noturno
66	1995	Diverte e ensina - 180h
67	1995	Educação artística para jovens e adultos - 90h - noturno
68	1995	Educação de jovens e adultos 90h - noturno
69	1995	Educação de jovens e adultos 90h - noturno
70	1995	Educação de jovens e adultos - 90h - noturno
71	1995	Curso de encadernação - 40h
72	1995	Encadernação, conservação reparadora e preventiva de livros - 32h
73	1995	Humanística - Oficina de Arte-Educação - 120h
74	1995	Materiais de ensino-aprendizagem para classes hospitalares - 120h
75	1995	Utilização de MEAs em matemática - 80h
76	1995	Formação de Formadores - Fundamentação teórico-prática para utilização de MEAs - 180h
77	1995	Confecção e utilização de MEAs - 120h
78	1995	Metodologia do ensino religioso - 40h - Samambaia
79	1995	Metodologia do Ensino Religioso - 60h (2 turmas)
80	1995	Metodologia do ensino religioso - 40h
81	1995	Metodologia do ensino religioso - 80h
82	1995	Oficina Pedagógica - 40h
83	1995	Os papeis do papel artesanal - 105h
84	1995	Vire e revire com origami - 120h
Evento	1995	VII Mostra de Material de Ensino-Aprendizagem das Oficinas Pedagógicas
85	1996	Arte e liberdade - 180h
86	1996	Brincar é aprender - Educação Infantil - 80h (agosto a novembro)
87	1996	Confecção e utilização de bonecos de fantoches - 40h
88	1996	Confecção e utilização dos MEAs - 40h
89	1996	Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias, fazendo livros - 100h
90	1996	Criando e recriando - 80h (02 turmas)
91	1996	Educação Infantil e suas abordagens - 65h
92	1996	Lúdico no Supletivo - 120h - noturno
93	1996	Metodologia do ensino da matemática através de situações concretas - 120h
94	1996	Construindo com a música - 100h
95	1996	Oficina Pedagógica - Alfabetização em jogo - 80h
96	1996	Oficina Pedagógica - Brinquedos alternativos na educação - 80h
97	1996	Serigrafia - 60h - noturno
98	1996	Oficinas Especiais - 60h
Evento	1996	I Workshop das Oficinas Pedagógicas – 10 anos de conquistas – 24h
99	1997	Aperfeiçoando a dinamização na EJA - 100h (maio a setembro)
100	1997	Aprender com prazer - 80h

101	1997	Brincando e aprendendo - 80h (agosto a novembro)
102	1997	Brinquedos da minha infância - 60h
103	1997	Contadores de histórias - 100h (maio a outubro)
104	1997	Diverte e ensina - 90h (abril a novembro)
105	1997	Escola Candanga - primeira fase - 40h
106	1997	Jogue e aprenda - 50h (maio a julho)
107	1997	O lúdico para o deficiente auditivo - 80h (abril a julho)
108	1997	Oficina da Palavra - 50h (maio a julho)
109	1997	Oficinas Pedagógicas: Criando e recriando - uma proposta para Educação Infantil - 80h (setembro a dezembro)
110	1997	Criando e recriando II - 80h (abril a julho)
111	1997	Olhe e game: interdisciplinando com origami - 48h (agosto a dezembro)
112	1997	Os materiais de ensino-aprendizagem na Matemática - 180h (abril a novembro)
Evento	1997	II Workshop das Oficinas Pedagógicas – 16h
113	1998	Dinamizando a escola candanga -
114	1998	A teoria do saber e a prática do fazer - 80h
115	1998	Consolidar a proposta político-pedagógico da escola candanga - na prática a teoria é outra?
116	1998	Contador de histórias (agosto a novembro), 80h
117	1998	Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias fazendo livros - 60h (outubro a dezembro)
118	1998	Criando e recriando - uma proposta para educação infantil - 80h (setembro a dezembro). 15 turmas
119	1998	O lúdico na Educação de Jovens e Adultos - 36
120	1998	Olhe e Game 60h
121	1999	A arte de contar histórias - 100h
122	1999	Aprender brincando - 40h
123	1999	Ciência interativa: um resgate da experimentação - 30h
124	1999	Educação Infantil: uma abordagem lúdica e interdisciplinar - 42h
125	1999	Jogo - teoria e prática - 40h
126	1999	Língua Portuguesa e Ludicidade - 42h
127	1999	500 anos de descobrimento: embarque nessa viagem - 42h
128	1999	Teoria e prática - uma perspectiva lúdica e interdisciplinar - 42h
129	1999	Vivendo ludicamente a matemática - 40h
130	1999	A magia de aprender brincando - 40h
131	2000	Jogo, ideia, criação - 45h
132	2000	Matemática criativa - 60h
133	2000	O jogo na aprendizagem - 80h
134	2000	Origami em sala de aula - 120h
135	2000	Escola e ludicidade - 50h
136	2000	Brincando e aprendendo - o lúdico como fator de construção de conhecimento - 60h
137	2000	Formação de Formadores - A arte de contar histórias
138	2000	A arte de contar histórias - 180h
139	2001	Brincadeira é coisa séria - 80h
140	2001	O lúdico na educação de jovens e adultos - 60h - noturno
141	2001	O lúdico na Educação Especial - 80h
142	2001	Tangram e mosaicos geométricos
143	2001	A arte de contar histórias - 103h (maio a outubro/01)
144	2002	Aprendizagem e ludicidade - 60h (junho a setembro/2002) - 09 turmas
145	2002	Construindo o saber - uma proposta para Educação Infantil - 120h
146	2002	Formação de Formadores - Educação Ambiental - uma visão transdisciplinar - 180h
147	2002	O lúdico na Educação Especial - 80h (junho a outubro de 2002)
148	2002	O lúdico no atendimento psicopedagógico - 60h (setembro a novembro de 2002)
149	2002	Origami em sala de aula: interdisciplinar e dinâmico - 180h (maio a dezembro/02)
150	2002	A arte de contar histórias - 120h (6/2 a 12/2)
151	2003	A arte de contar histórias - 120h
152	2003	A magia do origami em sala de aula - 120h (14 turmas)
153	2003	Formação de Formadores - A organização do trabalho pedagógico por projetos - formação de formadores - 30h - 31/03 a 23/06

154	2003	Formação de Formadores - Construindo o saber - 120h - 25/3 a 23/7
155	2003	Construindo o saber - uma proposta para Educação Infantil - 120h (22/4 a 25/11) (17 turmas)
156	2003	Curso: desenho e pintura - 120h
157	2003	Educação ambiental - uma visão transdisciplinar - 120h (7 turmas)
158	2004	*****
159	2005	Alfabetizando no BIA (polo em Ceilândia, com colaboração de outras Oficinas) - 180h
160	2005	Formação de Formadores - Jogos e recursos pedagógicos na alfabetização e letramento 180h
161	2006	Alfabetizando no BIA - 180h
162	2006	A magia do origami na Educação - 80h
163	2006	Conhecendo e preservando o Distrito Federal - 60h
164	2006	Oficinas das Classes de Aceleração de Aprendizagem - 120h
165	2006	Xadrez - uma visão interdisciplinar - 104h
166	2006	A arte de contar histórias - 180h
167	2007	A alfabetização no Ensino Fundamental de 9 anos - Letramento e ludicidade no BIA - 120h
168	2007	A magia de aprender brincando - 40h
169	2007	A Magia do Origami na Educação 120h
170	2007	Conhecendo e preservando o Distrito Federal - 80h
171	2007	Fazer e brincar na Educação Infantil - 80h
172	2007	Oficinas de materiais pedagógicos adaptados para ANEEs
173	2007	A arte de contar histórias - 180h (maio a dezembro)
174	2008	A magia do Origami - 160h
175	2008	Conhecendo e preservando o Distrito Federal - 120h
176	2008	Xadrez e outros jogos de estratégia numa visão interdisciplinar - 120h
177	2008	A arte de contar histórias - 180h
178	2009	A magia do origami na educação - 90h
179	2009	Brincar é coisa séria - 90h
180	2009	Formação de formadores - A magia do Origami na Educação - 90h
181	2009	Formação de formadores - Brincar é coisa séria - 90h
182	2009	Formação de formadores - Matemática é brincadeira - 90h
183	2009	Formação de formadores - vê melhor quem lê primeiro - 60h
184	2009	Jogos de estratégia - 60h
185	2009	Matemática é brincadeira - 90h
186	2009	Vê melhor quem lê primeiro - 90h
187	2010	A magia do origami na Educação - 60h
188	2010	Brincar é coisa séria - 60h
189	2010	Formação de Formadores - Formação de professores atuantes nas Oficinas Pedagógicas - 50h
190	2010	Matemática é brincadeira - 60h
191	2010	O brincar no espaço infantil
192	2011	Aprendendo a ensinar Xadrez - Módulo I - 90h
193	2011	Conhecendo e valorizando o Distrito Federal - 90h
194	2011	Jogando e aprendendo no BIA - 20h
195	2011	Formação de Formadores - Baú de ideias - 90h
196	2011	Baú de ideias - correção da Distorção Idade-Série - 60h
197	2011	Formação de Formadores - Tecendo Histórias - 60h
198	2011	Tecendo histórias - 60h - 1º semestre
199	2011	Tecendo Histórias - 60h - 2º Semestre
200	2011	Educação Infantil: movimento, arte, linguagem na prática criativa dos eixos curriculares. Curso com pequena parceria da OP (apenas no quesito: arte) - 60h
201	2012	Brincando com o saber na Educação Infantil - 60h - noturno
202	2012	BIA - Joga e Aprende - linguagem - 30h
203	2012	BIA - Joga e aprende - matemática - 30h
204	2012	Formação de formadores da Correção da Distorção idade -180h
205	2012	Baú de ideias - correção da Distorção Idade-Série - 60h
206	2012	Formação de Formadores - Correção da distorção idade-série - CDIS - espaços de experiências na construção de saberes pedagógicos - 180h

207	2012	Vê melhor quem lê primeiro - 60h
208	2013	A linguagem musical na Educação Infantil - 60h. Parceria com CEINF - Maria Luíza Dia Ramalho
209	2013	Brincar e aprender na Educação infantil - 60h -
210	2013	A Magia do Origami na Educação - Arte e consciência - 60h
211	2013	Educação Ambiental Lúdica: uma abordagem interdisciplinar contemporânea.
212	2013	Ludicidade: desafios e aprendizagens para o 4º e 5º ano (Língua Portuguesa) - 30h
213	2013	Ludicidade: desafios e aprendizagens para o 4º e 5º ano (Matemática) - 30h
214	2013	Origami numa abordagem interdisciplinar - 60h
215	2013	Oficina de musicalização infantil - 60h (EAPE)
216	2013	Distorção Idade/série - DIS: Espaços de experiências na construção de saberes pedagógicos
217	2013	A importância do uso de materiais pedagógicos concretos para professores que atuam com alunos autistas e com deficiência intelectual (em fase de alfabetização)
218	2013	Formação de Formadores - Fundamentos da Linguagem Musical
219	2014	A linguagem musical na Educação Infantil e Anos Iniciais - 60h
220	2014	Correção da Distorção Idade/Série: Rediscutindo práticas pedagógicas - 180h
221	2014	Formação de formadores - CDIS - Rediscutindo Práticas Pedagógicas - 180h
222	2014	Origami Pedagógico - 30h
223	2014	Oficina de Ideias para 4º e 5º anos do Ensino Fundamental - 30h
224	2014	Oficina de letramentos matemáticos para o 4º e 5º anos - 30h
225	2014	Letramento: possibilidades do refletir e do fazer pedagógico para o 4º e 5º ano (Língua Portuguesa) - 30h
226	2015	Formação de Formadores - A arte de contar histórias - 240h
227	2015	A arte de contar histórias - 180h
228	2015	A magia do Origami na Educação - arte e consciência - 60h
229	2015	Brinquedos, Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil - 30h
230	2015	Oficina de Origami - dobra aqui, dobra acolá: brinquedos de papel - 20h
231	2015	Criatividade: palavra-sentido-imagem - 60h
232	2015	Curso de formação para o método TEACCH - (Tratamento e Educação para Autistas e crianças com déficit relacionado à comunicação - 60h
233	2015	Oficina: pesquisas e práticas pedagógicas na coordenação intermediária - 30h
234	2015	Minha história, minha arte: o scrapbooking na escola - 40h
235	2015	Oficina - Papel artesanal - 30h
236	2015	Oficina: Plantando ideias - 25h
237	2015	Rodas de Brincar: importância dos brinquedos cantados, cirandas e brincadeiras na escola - 60h (noturno)
238	2016	A arte de contar histórias - 180h
239	2016	A magia do origami na educação - arte e consciência
240	2016	Brincadeiras de ontem e hoje - 12h - noturno
241	2016	Formação de formadores - Rodas de Brincar - 60h
242	2016	Formação de formadores - A magia do origami na Educação - Arte e consciência - 60h
243	2016	Formação de Formadores - Grupo de pesquisa - Oficinas Pedagógicas: 30 anos de ludicidade na formação continuada dos profissionais da educação - 180h
244	2016	Jogos lúdicos na alfabetização - 16h
245	2016	Ludicidade: desafios e aprendizagens para o 4º e 5º anos - 60h
246	2016	Jogos corporais na perspectiva do currículo em movimento - 90h (parceria)
247	2016	Evento: Seminário: Oficinas Pedagógicas: 30 anos de ludicidade na educação
248	2016	O lúdico na educação integral - 30h
249	2016	Método TEACCH: Tratamento e educação para autistas e crianças com déficit relacionados à comunicação - 60h
250	2016	Oficina de jogos para Educação Infantil - 20h
251	2016	Oficina de Matemática nos Anos Iniciais - 20h
252	2016	Oficinas Pedagógicas: atuação pedagógica nas turmas do Programa para Avanço das Aprendizagens Escolares – PAAE (parceria)
253	2016	Papel artesanal - 60h
254	2016	Rodas de Brincar: a importância das brincadeiras, cirandas e brinquedos cantados na escola
Evento	2016	Oficinas Pedagógicas: 30 anos de ludicidade na Educação do Distrito Federal
255	2017	A Arte de contar histórias - 180h

256	2017	A magia do origami - Arte e consciência - 60h
257	2017	A magia do origami - Arte e consciência - 60h
258	2017	Formação de Formadores - Oficinas Pedagógicas: Avaliação formativa e ludicidade na formação continuada dos profissionais da educação - 60h
259	2017	Formação de Formadores - Jogos, brinquedos e brincadeiras na perspectiva do currículo em movimento - 90h
260	2017	Arte dos bonecos - recursos para muitas histórias - 80h (2º semestre)
261	2017	Arte dos Bonecos - recursos para muitas histórias - 60h (1º semestre)
262	2017	Educação Ambiental Lúdica - 60h
263	2017	Linguagem musical - 60h
264	2017	Mala de jogos matemáticos: ação e reflexão sobre a atividade lúdica na aula de matemática - 60h
265	2017	Noções da aplicação do método TEACCH em classes especiais (oficina temática) - 12h
266	2017	Método TEACCH - Tratamento e educação para autistas com déficits relacionados à comunicação - 60h (2º semestre)
267	2017	Método TEACCH - Tratamento e educação para autistas com déficits relacionados à comunicação - 60h (1º semestre)
268	2017	Noções da aplicação do método TEACCH em classes especiais (oficina temática) - 12h
269	2017	A importância do brincar na infância (oficina temática) - 30h
270	2017	V Plenarilha da educação Infantil - discutindo seus resultados - 30h
217	2017	Matemática nos Anos Iniciais (oficina temática) - 20h
272	2017	Origami numa perspectiva interdisciplinar - 100h
273	2017	Rodas de brincar I: importância dos brinquedos cantados e brincadeiras na escola - 60h (1º semestre)
274	2017	Rodas de brincar I: importância dos brinquedos cantados e brincadeiras na escola - 60h (2º semestre)
275	2017	Rodas de Brincar II - Músicas, danças e brincadeiras do Brasil e do mundo - 60h
276	2017	Scrapbooking pedagógico - 60h (1º semestre)
277	2017	Scrapbooking Pedagógico (2º semestre)
278	2017	Quem sabe faz a hora - Formação para os professores das turmas do PAAE - 120h
279	2018	A arte de contar histórias - 180h
280	2018	Arte dos bonecos - recursos para muitas histórias - 1º semestre - 80h
281	2018	Formação de Formadores - Arte dos bonecos - recursos para muitas histórias - 80h
282	2018	Formação de Formadores - Estratégias criativas: desafios e aprendizagens - 120h (1º semestre)
283	2018	Formação de Formadores - Mala de jogos matemáticos: ação e reflexão sobre a atividade lúdica na aula de matemática - 60h
284	2018	Desafios pedagógicos para educadores sociais voluntários (oficina) - 12h
285	2018	Desafios Pedagógicos na Educação Integral - 12h
286	2018	Estratégias criativas: desafios e aprendizagens - 120h (1º semestre)
287	2018	Estratégias criativas: desafios e aprendizagens - 120h (2º semestre)
288	2018	EVENTO: I Bienal de Ludicidade - Diversidade: Vivências no Brincar - 18h
289	2018	Mala de jogos matemáticos: ação e reflexão sobre a atividade lúdica na aula de matemática - 60h (1º semestre)
290	2018	Mala de jogos matemáticos: ação e reflexão sobre a atividade lúdica na aula de matemática - 60h (2º semestre)
291	2018	Método TEACCH (Tratamento e educação para autistas e crianças com déficit na comunicação) - 120h (1º semestre)
292	2018	Método TEACCH - 120h (2º semestre)
293	2018	Origami: arte e educação - 120h (1º semestre)
294	2018	Origami: arte e educação - 120h (2º semestre)
295	2018	Rodas de Brincar II: músicas, danças, folguedos e brincadeiras do Brasil e do mundo (1º semestre) - 120h
296	2018	Rodas de Brincar II: músicas, danças, folguedos e brincadeiras do Brasil e do mundo (2º semestre) - 120h
297	2018	Rodas de Brincar: importância dos brinquedos cantados e brincadeiras na escola - 60h (1º semestre)

298	2018	Rodas de Brincar: importância dos brinquedos cantados e brincadeiras na escola - 60h (2º semestre)
299	2018	Scrapbook pedagógico - 60h (1º semestre)
300	2018	Scrapbook pedagógico - 60h (2º semestre)
Evento	2018	I Bienal de Ludicidade
301	2019	Scrapbook Pedagógico 1 - 60h
302	2019	Scrapbook Pedagógico 2 - 60h (pré-requisito: scrapbook 1)
303	2019	Xadrez como recurso lúdico, pedagógico e artístico - 120h (1º semestre)
304	2019	Xadrez como recurso lúdico, pedagógico e artístico - 120h (2º semestre)
305	2019	A arte dos bonecos - recursos para muitas histórias - 80h - 2º semestre
306	2019	A arte dos bonecos - recursos para muitas histórias - 80h - 1º semestre
307	2019	Brinquedos, brincadeiras, desafios e descobertas - 60h
308	2019	Estratégias criativas: desafios e descobertas - 120h
309	2019	Mala de jogos matemáticos: ação e reflexão sobre a atividade lúdica na aula de matemática - 60h
310	2019	O brincar no Ensino Especial - 09h
311	2019	O brincar e o ensino estruturado no autismo - 120h
312	2019	Método TEACCH - 120h
313	2019	Musicalidade em ação: saberes e vivências - 20h
314	2019	Rodas de Brincar I: a importância do brincar na escola - 120h (1º semestre)
315	2019	Rodas de Brincar I: a importância do brincar na escola - 120h (2º semestre)
316	2019	Rodas de Brincar II: músicas, danças, folguedos e brincadeiras do Brasil e do mundo - 120h (1º semestre)
317	2019	Rodas de Brincar II: músicas, danças, folguedos e brincadeiras do Brasil e do mundo - 120h (2º semestre)
318	2019	?? (1º semestre), 60h
319	2019	Origami - Arte e Educação - 120h
320	2019	O brincar e o contar histórias na Educação integral - 09h
321	2019	A arte de contar histórias - 180h
322	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: A importância dos brincos e acalantos para os pequeninos
323	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Adaptação de materiais didáticos: a criatividade no Ensino Especial
324	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Atividades pedagógicas lúdicas para autistas na educação infantil em tempos de ensino remoto
325	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Construção da identidade: nome e suas memórias
326	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Experiências sonoro-musicais para a educação infantil
327	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Jogos, brincadeiras e materiais para a alfabetização
328	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Práticas pedagógicas antirracistas: jogos e brincadeiras
329	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Contos de sabedoria: uma proposta para os anos finais e EJA
330	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Leituras e tecnologias: caminhos criativos para a produção de vídeos.
331	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Vivências criativas para práticas iniciais de leitura
332	2020	Oficinas Pedagógicas nas escolas – trilhas lúdicas para aulas remotas: Festas do boi: cultura e identidade brasileiras
333	2020	Cirandeira das Artes (É um seminário, não é oficina, como as demais proposições do coletivo das OPs para o ano)
334	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: cantar, brincar e contar histórias na Educação Infantil: A importância do brincar
335	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: cantar, brincar e contar histórias na Educação Infantil: Musicalidade das Infâncias

336	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: cantar, brincar e contar histórias na Educação Infantil: Contação de histórias
337	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: BIA - 1º Semestre, 30h, 100% remoto - Ciências
338	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: BIA - 1º Semestre, 30h, 100% remoto - Alfabetização
339	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: BIA - 1º Semestre, 30h, 100% remoto - Matemática
340	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: BIA - Novas Possibilidades 2º Semestre, 30h, 100% remoto - Ciências
341	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: BIA - Novas Possibilidades 2º Semestre, 30h, 100% remoto - Alfabetização
342	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: BIA - Novas Possibilidades 2º Semestre, 30h, 100% remoto - Matemática
343	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: 4º e 5º ano (16 turmas 1º semestre) - 30h, 100% remoto: Tudo tem seu tempo
344	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: 4º e 5º ano (16 turmas 1º semestre) - 30h, 100% remoto: Desafios para uma educação transformadora
345	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: 4º e 5º ano (16 turmas 1º semestre) - 30h, 100% remoto: esperar no fazer pedagógico
346	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: cantar, brincar e contar histórias na Educação Infantil: A importância do brincar (2º semestre)
347	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: cantar, brincar e contar histórias na Educação Infantil: Musicalidade das Infâncias (2º semestre)
348	2021	Práticas Pedagógicas Lúdicas: cantar, brincar e contar histórias na Educação Infantil: Contação de histórias (2º semestre)
349	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Autocuidado - novos desafios na rotina escolar
350	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Quanto tempo o tempo tem? Tempo de brincar
351	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Alimentação Saudável – repensando a rotina
352	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Vivenciando o escrever – Produção textual
353	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Matematicando – Valores e Medidas
354	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Matematicando – Tangram
355	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: Africanidades pra você – Contos e Jogos
356	2021	UNI DUNI TÊ: Cardápio de oficinas pra você: O quadrilátero Distrital
357	2021	Cirandeira das Artes
358	2021	Formação de Formadores - Círculo Mágico da Ludicidade - 30h, 2º semestre, 100% <i>online</i>
359	2021	Formação de Formadores - Homo Ludens e o círculo mágico da ludicidade - 30h, 1º semestre, 100% <i>online</i>
360	2022	Formação de Formadores - Arte a Mil na Educação Infantil
361	2022	Arte a mil na Educação Infantil – 1º semestre
362	2022	Formação de Formadores - A arte de contar histórias – percurso 1
363	2022	Recorte aqui cole acolá scrapbook no ensinar – 1º semestre
364	2022	Formação de Formadores - Oficina de música e aprendizagem colaborativa
365	2022	Sacola lúdica: criando, jogando e aprendendo - 1º semestre
366	2022	Recorte aqui cole acolá scrapbook no ensinar – 2º semestre
367	2022	Sacola lúdica: criando, jogando e aprendendo - 2º semestre
368	2022	Rodas de Brincar – importância do brincar na escola
369	2022	Arte a mil na Educação Infantil – 2º semestre
Evento	2022	I Roda Memográfica: histórias inscritas nas memórias a partir do curso A Arte de Contar Histórias – encontro com professores formadores aposentados e da ativa.
370	2023	Formação de Formadores - Recorte aqui cole acolá Scrapbook no ensinar –
371	2023	Formação de formadores: A Arte de Contar Histórias
372	2023	A Arte de contar histórias: tecendo memórias
373	2023	Recorte aqui, cole acolá: Scrapbook no ensinar
374	2023	Rodas de Brincar 2
375	2023	LUPPI - Ludicidade e Práticas Pedagógicas na Inclusão
376	2023	Ludicidade no Currículo em movimento
Evento	2023	Mai: I pré-estreia do documentário: Memória Viva do curso A Arte de Contar Histórias,

		Regional do Núcleo Bandeirante.
377	2023	Oficina Jogos Interventivos – consolidando saberes do Ensino Fundamental
Evento	2023	Agosto: II pré-estreia do documentário: Memória Viva do curso A Arte de Contar Histórias, Auditório da EAPE, por comemoração do Dia da Formação Continuada no DF.
378	2023	A arte do origami II: desenvolvimento do ser humano integral
Evento	2024	Sessão Solene em homenagem aos 38 anos das Oficinas Pedagógicas do DF, na Câmara Legislativa do DF
379	2024	Ludicidade e Práticas Pedagógicas na Inclusão
380	2024	Recorte aqui, cole acolá: scrapbook no ensinar (2)
381	2024	Oficina de Escavação simulada - arqueolud
382	2024	Sacola Lúdica
383	2024	A arte do origami II: desenvolvimento do ser humano integral
384	2025	A arte dos bonecos – recursos para muitas histórias
385	2025	Musicalidade das Infâncias
386	2025	Formação de formadores: Mala de jogos matemáticos
387	2025	Origami 1: Arte-educação
388	2025	Cardápio literário: gêneros textuais e outros textos de dar água na boca
Evento	2025	Lançamento do livro – Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal: Memórias e Memoriais, Complexo Cultural Samambaia

Fonte: elaborado pela autora a partir de análise documental, em set. 2025.

APÊNDICE C - CURSOS DE FORMAÇÃO DE FORMADORES MINISTRADOS (FORFO)

Quadro 33 - Cursos de formação de formadores

Nº	ANO	NOME DO CURSO
01	1989	Oficina Pedagógica - 40h
02	1989	Oficina Pedagógica - 120h
03	1990	Curso: Práticas Industriais/ - 40h
04	1990	Artes Gráficas - 40h
05	1990	Recursos audiovisuais - 40h
06	1993	Tecnologias Educacionais - 180h
07	1994	Aperfeiçoamento para professores das Oficinas Pedagógicas - 180h
08	1995	Fundamentação teórico-prática para utilização de MEAs - 180h
09	2000	A arte de contar histórias - formação de formadores
10	2002	Educação Ambiental - uma visão transdisciplinar - 180h
11	2003	A organização do trabalho pedagógico por projetos - formação de formadores - 30h - 31/03 a 23/06
12	2003	Construindo o saber - formação de formadores - 120h - 25/03 a 23/07
13	2005	Jogos e recursos pedagógicos na alfabetização e letramento 180h - Formação de formadores
14	2009	Formação de formadores - A magia do Origami na Educação - 90h
15	2009	Formação de formadores - Brincar é coisa séria - 90h
16	2009	Formação de formadores - Matemática é brincadeira - 90h
17	2009	Formação de formadores - vê melhor quem lê primeiro - 60h
18	2010	Formação de professores atuantes nas Oficinas Pedagógicas - 50h
19	2011	Formação de formadores do Baú de ideias - 90h
20	2011	Tecendo Histórias - Formação de formadores das Oficinas Pedagógicas - 60h
21	2012	Formação de formadores da Correção da Distorção idade -180h
22	2014	Formação de formadores do curso: CDIS - Rediscutindo Práticas Pedagógicas - 180h
23	2015	A arte de contar histórias - formação de formadores - 240h
24	2016	Formação de formadores - Rodas de Brincar - 60h
25	2016	Formação de formadores - A magia do origami na Educação - Arte e consciência - 60h
26	2016	Grupo de pesquisa - Oficinas Pedagógicas: 30 anos de ludicidade na formação continuada dos profissionais da educação - 180h
27	2017	Oficinas Pedagógicas: Avaliação formativa e ludicidade na formação continuada dos profissionais da educação - 60h
28	2017	Jogos, brinquedos e brincadeiras na perspectiva do currículo em movimento - 90h
29	2018	Arte dos bonecos - recursos para muitas histórias - Formação de formadores - 80h
30	2018	Estratégias criativas: desafios e aprendizagens - formação de formadores - 120h (1º semestre)
31	2018	Mala de jogos matemáticos: ação e reflexão sobre a atividade lúdica na aula de matemática - formação de formadores - 60h
32	2021	Círculo Mágico da Ludicidade - formação de formadores, 30h, 2º semestre, 100% <i>online</i>
33	2021	Homo Ludens e o círculo mágico da ludicidade - formação de formadores, 30h, 1º semestre, 100% <i>online</i>
34	2022	Formação de formadores: Arte a Mil na Educação Infantil
35	2022	Formação de formadores: A Arte de Contar de Histórias – tecendo memórias
36	2022	Formação de Formadores - Oficina de música e aprendizagem colaborativa
37	2023	Formação de Formadores - Recorte aqui cole acolá Scrapbook no ensinar –
38	2023	Formação de formadores: A Arte de Contar Histórias
39	2024	Formação de formadores: Ludicidade e Práticas Pedagógicas na Inclusão
40	2025	Formação de formadores: Mala de jogos matemáticos

Fonte: elaborado pela autora a partir de análise documental, em jun. 2025.

**APÊNDICE D - CURSOS OFERECIDOS PARA A REDE COM TEMÁTICAS
COMUNS ÀS DESENVOLVIDAS PELOS CVLOP POSTERIORMENTE**

Quadro 34 - Relação de cursos¹¹⁸ realizados anterior e paralelamente à implementação dos CVLOP

Ano	Curso	Responsável	Público-alvo
1974	Curso de artes cênicas/ Treinamento de professores para teatro escolar ENB	Serviço nacional de teatro/ Departamento de ensino de 3º grau	Interessados
1974	1º encontro de especialistas em artes na educação	Departamento de ensino de 3º grau	Educadores na área do teatro
1974	Curso de aperfeiçoamento: recursos audiovisuais em educação	Centro de Ensino Técnico de Brasília - FUBRAEJ	Não especificado
1975	Curso de aperfeiçoamento em artes industriais – 200h	Departamento de ensino de 3º grau – Centro de ensino técnico de Brasília	Professores de artes industriais
1976	Origami 20 h	DGP – Centro de Aperfeiçoamento Tecnologia Educacional/ Embaixada do Japão 3 grau	Pré-escolar, alfabetização, professores de 1ª fase, agente pedagógico indicados pela escola
1977	Curso de professores em artes na educação 32h	DRH	Professores de 1º grau
1977	Curso de treinamento em artes cênicas – 30h	DSCRH / CE C Gama	Diretores das UE e elementos de apoio pedagógico CE C do Gama
1977	Curso de treinamento em utilização de recursos audiovisuais – 32h	DSCRH / CE C Gama	Diretores das UE e elementos de apoio pedagógico CE C do Gama
1977	Treinamento para multiplicadores e professores do pré-escolar	SESC/ FEDF	Atuantes no pré-escolar
1977	Curso de treinamento em dinâmica de grupo: teoria e vivência – 20h	DSCRH	Orientadores educacionais
1977	Curso de treinamento em psicomotricidade	DGA/ DSCRH	Prof. E técnicos em psicomotricidade, ensino especial
1977	Curso de especialização em oficinas pedagógicas	DRH – DSCRH/ Convênio com CEUB	Professores de Ensino Especial
1978	Curso de treinamento sobre brinquedos para o pré-escolar – 32h	DGP/Direção de apoio pedagógico Núcleo de Teleducação	Professores do pré-escolar e apoio pedagógico
1978	Curso de treinamento para professores de atividades e dinamização – 32h	EP 303/304 Norte	CE C de Brasília, de 1ª a 4ª série do 1º grau
1978	Curso de treinamento para professores de Oficinas Pedagógicas – couro – 48h	CEE 01 de Brasília	Professores atuantes em oficinas pedagógicas nos CEE
1978	Curso de treinamento para professores de Oficinas Pedagógicas – cerâmica – 48h	CEE 01 de Brasília	Professores atuantes em oficinas pedagógicas nos CEE
1978	Educação ambiental em Ceilândia	CEE 01 de Ceilândia FEDF/ convênio com INCRA	Ser professor da FEDF
1978	Curso de treinamento em recreação e expressão corporal – 40h	EP 313/314 Sul Direção de educação física e desporto estudantis	Professores de 1ª a 4ª série do 1º Grau

¹¹⁸ Temas voltados às Artes e artes industriais, confecção de material pedagógico, pré-escolar, criatividade, dinamização: a maioria dos assuntos passaram a ser desenvolvidos, posteriormente, pelos CVLOP.

1978	Curso de treinamento em material didático – confecção e utilização – 90h	CE B de Taguatinga	Professores de 1ª a 4ª série do 1º Grau e pré
1979	Curso de treinamento: programa piloto para o pré-escolar e 1ª a 4ª séries – 60h	Centro Olimpico da UnB	Professores de 1ª a 4ª série do 1º Grau e pré-escolar
1979	Curso de treinamento em educação física e recreação – 50h	Complexo de Educação Rural CED 01 sobradinho e CE 01 Planaltina	Professores da área rural
1979	Curso de Policriatividade – 64h (expressão plástica, sonora e cênica)	CRESCA/ FUNARTE	Professores dinamizadores, de Ceilândia, Brazlândia, Taguatinga, Sobradinho e Planaltina
1979	Curso de treinamento em material de ensino e aprendizagem – 32h Lygia Silveira Rocha	DGP/DAP/NUMAV Centro de Tecnologia Educacional	21 agentes de apoio pedagógico 09 técnicos de educação
1979	Curso de treinamento de pessoal envolvido no projeto PRODIARTE	EC 308 Sul	Diretores de CE, de UE, artesãos, professores, coordenadores, supervisor e técnico do projeto
1979	Curso de treinamento em material de ensino e aprendizagem – 40h (ilustração, cartaz, diagrama, mapas e globos)	CE C Brasília Lygia Silveira Rocha	Professores em função de apoio pedagógico
1979	Curso de verão de teatro de bonecos – 105h	Lota – produções artísticas/ FUNARTE/ FEDF/SESC BRASÍLIA	Artes, artes cênicas e Língua portuguesa
1980	Curso de atualização em oficinas pedagógicas – área de madeira	CEE 01 Brasília	Regente nas oficinas pedagógicas do ensino especial
1980	Curso de atualização em educação artística e projeto PRODIARTE (programa de Desenvolvimento Integrado de Arte-Educação)	Maria Ely Carvalho CIE 01	Ed. artística, artes plásticas, artes cênicas, ed. musical, e representantes da USE de Gama, planaltina e Brazlândia
1980	Curso de atualização - Policriatividade	EIT	Professores de Ed. artística do 1º grau de Taguatinga e Ceilândia
1981	Curso de treinamento na área de educação artística	DSCRH/ FCDF	Professores de Ed. artística indicados pela escola
1982	Curso de aperfeiçoamento institucionalizado – quadriênio 80/83. Incentivo funcional aos participantes	DSCRH	Pré, 1º e 2º graus
1982	Curso de treinamento na área de educação artística local - FEDF	DSCRH/FCDF EP 313/314 SUL	Professores indicados pelas escolas
1982	Curso Programa de Educação Pré-Escolar – PROEPRE – 240h	Local: CIE/CEM DGP Viagens/hospedagens	Professores do pré-escolar
1983	Curso de treinamento na área de educação artística local - FCDF	FCDF Renato Russo (Centro de Criatividade)	Professores de Ed. Artística
1983	Programa de Educação Pré-Escolar – PROEPRE – 240h	(Elisabete B. de Resende)	Professores do pré-escolar
1984	Programa de Educação Pré-Escolar – PROEPRE – 240h	DGA/DGP	Professores do pré-escolar
1984	Curso de treinamento para professores da Educação do Pré-Escolar – 216h	EC 111 SUL, CIE, CEM	Professores do pré-escolar

1985	Curso: Psicologia da Criatividade – 30h	CE A gama	Prof de 4ª série
1985	Introdução ao método Montessoriano – 30h	CEE 02 DE BSB	Prof e coord de Ensino Especial
1986	Praticando arte - 48H	Centro de criatividade CURSO PAGO (CZ\$ 17.000) Fundação Cultural do DF	Dinamizadores e professores de alunos superdotados
1987	Curso: oficina de Criações no Plano -32h	Convênio com: CRESÇA Centro De Realização Criadora	Professores de Educação Artística
1987	Policriatividade para professores e dinamizadores da FEDF - 128h	Convênio com: CRESÇA Centro De Realização Criadora	Professores dinamizadores
1987	Curso de cerâmica - 64h	Miguel Salheb (instrutor) Irani Alexandre Diener (coordenadora). Taguatinga	Há pagamento ao instrutor. Professores de práticas educativas
1987	Oficina de criações em volume - 32h	Convênio com: CRESÇA Centro De Realização Criadora	Professores de Educação Artística
1987	Oficina de teatro de bonecos - 32h	Convênio com: CRESÇA Centro De Realização Criadora	Professores de Educação Artística e artes cênicas
1987	Oficina de pesquisa de materiais - 30h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Educação Artística
1988	Curso de Reciclagem em Policriatividade - 32h	Paulo Roberto da Silva, Orlandina Alves Silva (coordenadora) CEE 02 de Brasília	Classes hospitalares. prof. De educação artística
1988	Oficina de Pesquisa em recorte e colagem - 32h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Ed. Artística
1988	Oficina de Pesquisa de materiais alternativos - 32h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Ed. Artística
1989	Oficina de Policriatividade pra professores dinamizadores da SEDF - 64h	Convênio com: CRESÇA	Professores Dinamizadores
1989	Oficina de xilogravura - 32h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Ed. Artística
1989	Desenho - 32h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Ed. Artística
1990	Oficina da forma e da cor - 64h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Ed. Artística da FEDF.
1990	Oficina de Policriatividade pra professores dinamizadores da SEDF - 64h	Convênio com: CRESÇA	Professores Dinamizadores
1990	Oficina de Pintura - 32h	Convênio com: CRESÇA	Professores de Ed. Artística da FEDF.

Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados documentais da EAPE, em ago. 2022.

APÊNDICE E - MEMORIAIS DOS ENCONTRÕES DO CURSO “A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS”

Quadro 35 - Inventário dos Encontros

Nº	Data	Tema	Convidados	Local
01	05/04/00 (aula inaugural)	Importância da literatura infantil + Projeto Pró-Leitura	Edilene Ribeiro, Aldanei Andrade, Miriam Rocha e Simone Carneiro	Auditório do DNER
02	10/05/00	Gêneros Literários	Lucília Garcez, Grupo de capoeira G'Balá, Maestro Carlos Pacheco, Professor Vall Berg Oliveira, Professora Ana Marise Solino de Carvalho, professora Sônia Soares, Shirley Bragança (Painel Folclórico)	Escola Parque da 307/308 Sul
03	14/06/00	O prazer da leitura/ escritores brasileiros/ Experiências significativas do curso	Íris Borges (oficineiras: Vânia – Taguatinga, Daydra – Samambaia, Maria Betânia – Planaltina, Sinthya - Plano Piloto)	Escola Parque da 307/308 Sul
04	09/08/00	Aprendizagem do olhar – uma abordagem intersemiótica Programa TV Escola	Rosinha, Cássia Nunes Veloso, Sônia Maria Soares dos Reis, Ionara Aparecida Rocha Souza e Francisco Pinto dos Santos. Projeto Pró-leitura. Livro Cenas de Rua	Auditório do DNER,
05	20/09/00	Teatro de Fantoques/ O rei e a bruxa que desembucha	Grupo Bagagem e Cia de Bonecos e Cia Zeflavio – Teatro de Animação	Escola Parque da 307/308 Sul
06	27/09/00	Contando histórias com o jornal/ Vivenciando o jornal em sala de aula	Professora Dinorá Couto Cançado e Patrícia de Souza	Escola Parque da 307/308 Sul
07	01/11/00	Literatura em sala de aula	Pedro Jorge Salvador e Carleuza Farias Vieira	Sem referência
08	06/12/00	Encontro Geral	Exposição e encerramento/ Apresentação das Oficinas Pedagógicas	Escola Parque da 307/308 Sul
01	08/05/01	Aula inaugural: Importância da Literatura Infantil	Acolhida: Betinha Edilene Ribeiro (palestrante) Contação de histórias com Miriam Rocha e Simone Carneiro.	Escola Parque da 307/308 Sul
02	05/06/01	Gêneros Literários	Hilda Hartmann Lontra	Escola Parque da 307/308 Sul
	28/08/01	20ª FELIB	A arte de contar histórias com Regina Machado	Pátio Brasil
03	23/10/01	Encerramento: Mostra de trabalhos	Entrega das horas indiretas, contação de histórias. Exposição, mostra de trabalhos, apresentações de cada Oficina	Escola Parque da 307/308 Sul
01	27/06/02	Gêneros Literários	Miriam Rocha, Simone Carneiro, Maria Zifrina Buzar Ferroni,	Escola Parque da 307/308 Sul
	29/08/02	21ª FELIB	O Fantástico mundo das letras no centenário de três grandes visionários. Homenagem a Carlos Drummond, Juscelino Kubitschek e Lúcio Costa. Presença de Leonardo Boff e Adélia Prado	Pátio Brasil Shopping

02	05/12/02	Encerramento	Exposição final, partilha e troca de experiências	Escola Parque da 210 Sul
01	24/04/03	Importância da literatura infantil (aula inaugural)	Cátia Martins, Miriam e Simone	Escola Parque da 307/308 Sul
02	03/07/03	Gêneros literários e painel folclórico: cordel, conto popular, poesia, fábulas. Painel folclórico	Shirley e Sônia (NBL), Madalena Rodrigues (UnB),	Escola Parque da 307/308 Sul
	28/08/03	22ª FELIB	A leitura da imagem	Auditório do San Marco Hotel
03	23/10/03	Escritores de Brasília	Stela Maris, Jô Oliveira, Vera Lúcia Dias, Daniele Lincoln, Tatiana Oliveira e Wilson Pereira	Escola Parque da 307/308 Sul
01	27/04/06	Contextualização histórica. Importância da literatura	Aldanei Cátia Martins, Miriam e Simone, Iva de Oliveira (coordenação dos CVLOP)	Escola Parque da 307/308 Sul
	31/08/06	26ª FELIB	Eva Furnari	Auditório do San Marco Hotel
02	21/09/06	Voz, meu instrumento de trabalho	Cátia Valéria	Escola Parque da 307/308 Sul
01	21/06/07	Importância da literatura	Cátia Martins, Miriam e Simone, Bel, Vera Lúcia e Clara Rosa	EP 308 Sul
	06/09/07	27ª FELIB	Ana Cláudia Ramos. Lúcia Fidalgo e Lenice Gomes – sobre contar histórias para educadores	Pátio Brasil Shopping
02	08/11/07	Encontro de encerramento	Íris Borges, André Neves, aniversário de 21 anos das OP, homenagem à Betinha	EAPE
01	29/05/08	Importância das Histórias	Jonas Ribeiro e André Neves, Simone e Miriam, Íris Borges, Thereza Maria	Escola Parque da 307/308 Sul
	04/09/08	28ª FELIB	Leitura, capital da esperança. Celebração aos 50 anos de Brasília. Presença: Zivaldo	Pátio Brasil Shopping
01	30/04/15	Contando e encantando: projetos de leitura	Simone Carneiro, Miriam Rocha, Íris Borges, Roedores de Livros, Grupo Paepalanthus	Escola Parque da 307/308 Sul
01	25 a 27/10/16	Encontro Geral: Semana da Diversidade	Oficinas Pedagógicas: 30 anos de ludicidade na formação continuada dos profissionais da SEEDF: Pitadinhas de cursos	EAPE
	16 a 24/07/16	32ª FELIB	Meu mestre, meu livro.	Centro de Convenções Ulysses Guimarães
01	20/06/17	Ludicidade e Educação – lançamento da Revista Com Censo e DVD Rodas de Brincar	Tamar Castro, Luís Fernando, Estela Souza, Cristina Leite	EAPE
	16 a 25/06	33ª FELIB	Data chocou com evento de lançamento da revista. Não houve parceira	Pátio Brasil
02	24/10/17	Encontro	Encontros & Reencontros: Prazer em conhecer	EAPE
01	23 a 25/10/18	Bienal de Ludicidade	I Bienal de Ludicidade – Diversidade: Vivências no Brincar	EAPE

	08 a 17/06/18	34ª FELIB	Literatura infantil: a invenção do sonho	Pátio Brasil
01	19/03/19	Ser contador de histórias: aula inaugural	Jonas Ribeiro, Christofer Sabino	EAPE
	06 a 16/06/19	35ª FELIB	Biblioteca: espaço do prazer e do aprender	Complexo Cultural da República
02	26/09/19	Vivências criativas: diversidade do aprender	Partilha de experiências das OP: Coral (língua do Nhém), Palhaços, André Bento, Paçoca, João, o menino que brincava diferente; Ciranda do Beija-Flor	EAPE

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados dos Portfólios e Diários de Bordo do curso, em ago. 2024

APÊNDICE F - HISTÓRICO DAS FEIRAS E DAS BIENAS DO LIVRO DE BRASÍLIA

Quadro 36 - Inventário das Feiras do Livro de Brasília

Ano	Seqüência	Temática/ Homenageados/ Convidados	Destaques	Local
1982	1ª FELIB	20 anos da ABDF (Presidente Emir José Suaden e diretora de divulgação: Iza Antunes)	Presidente de honra: Herberto Salles	Centro de Convenções
1983	2ª FELIB	Presença de Fernando Sabino	Patrono: Bernardo Élis	Centro de Convenções
1984	3ª FELIB	Homenageada: Cora Coralina	Patrono: Marcos Vinícius Vilaça	Centro de Convenções
1985	4ª FELIB	Homenageado: Cassiano Nunes	Patrono: Marco Maciel	Centro de Convenções
1986	5ª FELIB	Presença de Ziraldo e Marcelo Rubens Paiva	Sem referência	Centro de Convenções
1987	6ª FELIB	Homenageado: Instituto Nacional do Livro	Patrono: Fábio Bruno	Centro de Convenções
1988	7ª FELIB	Homenageada: Imprensa Nacional	Patronesse: Maria de Lourdes Abadia	Centro de Convenções
1989	Não aconteceu.			
1990	8ª FELIB	Homenageada: Revista Bric-a-Brac	Patrono: Tetê Catalão	Centro de Convenções
1991	9ª FELIB	Homenageado: Vitor Moreira	Patrono: Affonso Heliodoro	Centro de Convenções
1992	10ª FELIB	Homenageado: Assis Chateaubriand	Patrono: Edson Néri da Fonseca	Centro de Convenções
1993	12ª FELIB	Homenageado: Roberto Marinho Obs: "Houve um remanejamento na numeração da Feira, julgo eu, para acertar a ordem. Assim, saltamos da X Feira em 1992, para a XII, em 1993" (CAZARRÉ, 2006, p.09)	Patrono: Austregésilo de Athayde	Pavilhão de exposições do Parque da Cidade
1994	13ª FELIB	I Feira Internacional da Cultura. Participação de Celso Sisto. Muitos temas em debate.	Sem referência	Pavilhão de exposições do Parque da Cidade
1995	14ª FELIB	Homenageado: Darcy Ribeiro. País homenageado: Japão. I Feira de Ciência e Tecnologia e II Feira Internacional do Livro	Sem referência	Pavilhão de exposições do Parque da Cidade
1996	15ª FELIB	Lema: ler para educar, educar para ler. Homenageados: Clube da Esquina, Ziraldo e Betinho. Destaque para o Coral Excepcional. III Feira Internacional de Cultura, Comércio e Turismo Cultural.	Sem referência	Pavilhão de exposições do Parque da Cidade
1997	16ª FELIB	Homenageado: Jorge Amado. IV Feira Internacional de Cultura	Sem referência	Centro de Convenções
1998	17ª FELIB	IV Feira Educativa de Ciência, Tecnologia e Cultura (Fecitec)	Sem referência	Pavilhão de exposições do Parque da Cidade
1999	18ª FELIB	Tema: Ler para Redescobrir o Brasil. Homenageado: Oscar Niemeyer I Exposição de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal (Expocite) Cidade das Flores (exposição de flores)	Destaque para Lygia Bojunga	Pavilhão de exposições do Parque da Cidade
2000	19ª FELIB	Homenageada: Ana Maria Machado	Sem referência	Pátio Brasil Shopping

		Feira é atingida por temporal. Oficina de sucata e origami, pelas de teatro e contação de histórias para as crianças.		
2001	20ª FELIB	Lema: O milênio muda, o livro permanece. Homenageados: Jorge Amado e José Godoy Garcia. Palestra com professora Regina Machado (Yolanda Mattoso Werneck)	Patrono: Anderson Braga Horta. Destaque para Cecília Meireles e Monteiro Lobato	Pátio Brasil Shopping
2002	21ª FELIB	Tema: O Fantástico mundo das letras no centenário de três grandes visionários. Homenagem a Carlos Drummond, Juscelino Kubitschek e Lúcio Costa	Destaque para a participação de Ziraldo, Leonardo Boff e Adélia Prado e lançamento de Stela Maris	Pátio Brasil Shopping
2003	22ª FELIB	Lema: O Livro, mais que uma paixão. Homenageado: escritor José Mindlin. Escritores de Brasília (Stela Maris, Jô Oliveira, Vera Lúcia Dias, Daniele Lincoln, Tatiana Oliveira e Wilson Pereira). Chuva poética na abertura	Patrona: Stela Maris de Rezende	Pátio Brasil Shopping
2004	23ª FELIB	Tema: Cabeça também precisa de alimentos. Homenageada: Lygia Bojunga. Projeto Ler é legal (estudantes compram livros) Real vira legal.	Presença de Eva Furnari	Pátio Brasil Shopping
2005	24ª FELIB	Tema: Alimente sua imaginação. Homenageado: Érico Veríssimo. Presença do seu filho, Luís Fernando Veríssimo. V Jornada de Educação. Feira Itinerante. Continuidade do projeto: Ler é legal.	Patrono: Manoel Antônio Pereira da Silva	Pátio Brasil Shopping
2006	25ª FELIB	Homenageado: Mário Quintana. Ler é aprender, Ler é legal, Ler é conhecer, Ler é participar (OP). Roedores na Feira do livro. Presença de Daniel Azulay. Seminário de Educação e Feira Itinerante.	Maria da Conceição Moreira Salles. Presença de André Neves e Jonas Ribeiro	Shopping Pátio Brasil
2007	26ª FELIB	Diálogos Diversos. Homenagem a Ariano Suassuna. Festa dos Estados. Peças de teatro, contação de história e oficinas lúdico-pedagógicas, com brincadeiras relacionadas a atividades literárias	Oficinas de Braille e Libras	Pátio Brasil
2008	27ª FELIB	Palavras mudam o mundo. Homenageado: Thiago de Mello. Presença de Lúcia Fidalgo e Lenice Gomes – sobre contar histórias para educadores	Presença da CGU	Pátio Brasil
2009	28ª FELIB	Leitura, capital da esperança. Celebração aos 50 anos de Brasília. Homenageado: Ziraldo. Continuidade do projeto Ler é legal.	Reynaldo Jardim	Pátio Brasil
2010	29ª FELIB	O mundo da leitura e a leitura do mundo. Homenageado: Nicolas Behr	Autores brasilienses	ExpoBrasília
2011	30ª FELIB	Sustentabilidade: a leitura no desenvolvimento humano. Homenageado: Ronaldo Cagiano	Patrona: Dad Squarisi. Presença de Boniface Ofogo e Marina Colasanti	Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade
2012	I Bienal do Livro de Brasília			

2013	31ª FELIB	Leitura, um direito fundamental. Homenageada: Paula Pimenta	Dinorá Couto Cançado	Área externa da Biblioteca Nacional de Brasília
2014	II Bienal do Livro de Brasília			
2015	Não aconteceu.			
2016	32ª FELIB	Meu mestre, meu livro. Papel do professor na formação de leitores Homenageados: Esther Grossi, José Pacheco, Íris Borges, Vítor Alegria, Gina Vieira ponte e Rosilene de Oliveira. 1º Encontro Nacional de Blogueiros Literários do Brasil e I Encontro Nacional dos Jovens Escritores. Homenagem a William Shakespeare	Mural de Recordações	Centro de Convenções Ulysses Guimarães
2017	33ª FELIB	Para cada criança, um livro. Homenagem ao movimento Tropicália. II Encontro de Blogueiros Literários e II Encontro de Jovens Escritores. Homenageados: João Almino, Gustavo Dourado, Ivan Presença.	Curador: Luiz Turiba. Presença da EBC (Empresa Brasil de Comunicação)	Pátio Brasil
2018	34ª FELIB	Literatura infantil: a invenção do sonho. Vamos brincar de inventar? III Encontro Nacional de Escritores Jovens e o III Encontro Nacional de Blogueiros Literários. Homenageados: Ana Maria Machado, Luci Watanabe, Milton Hatoum	Presença de Lázaro Ramos e	Pátio Brasil
2019	35ª FELIB	Biblioteca: espaço do prazer e do aprender Homenageada: Maria da Conceição Moreira Salles (in memoriam).	Educação Patrimonial. Presença de Arnaldo Antunes, Fabrício Carpinejar e Lázaro Ramos	Complexo Cultural da República
2020	Não aconteceu. Pandemia do Covid-19			
2021	Não aconteceu. Pandemia do Covid-19			
2022	36ª FELIB	O quadradinho, o quadrinho e a leitura... Sempre em frente. Homenageado: Roger Mello. Celebração de 40 anos da Feira do Livro	Presença de Antônio Miranda, Kiusam de Oliveira, Hugo Canuto, Max Andrade e Ivan Costa	Complexo Cultural da República
2023	37ª FELIB	Mulheres a toda prosa.	Homenageada: Kiusam de Oliveira	Parque da Cidade
2024	38ª FELIB	O futuro da leitura e a leitura do futuro	Participação do MPDFT com o estande do Projeto Ler é Legal	Complexo Cultural da República
2025	39ª FELIB	Meio Ambiente e sustentabilidade	Tributo a Belchior	Complexo Cultural da República

Fonte: elaborado pela autora, em jun.2025, a partir dos dados encontrados nos Portfólios do curso e da concessão de arquivos da professora Sônia dos Reis e Íris Borges para composição das informações e, mais recentemente, pesquisas na internet.

Quadro 37 - Histórico das Bienais do Livro de Brasília

Ano	Sequência	Temática	Homenageados	Local
2012	1ª BBLL (inserida no PDLL)	Brasília, capital do livro e da leitura. 50 anos da UnB, centenário de Darcy Ribeiro, Jorge Amado e Nelson Rodrigues	Ziraldo (nacional) Wole Soyinka (internacional)	Esplanada dos Ministérios
2014	2ª BBLL	Eixos temáticos articulados com o currículo em movimento da Educação Básica do DF	Ariano Suassuna, Eduardo Galeano	Esplanada dos Ministérios
2016	3ª BBLL	Bienal do debate e da reflexão	Boaventura de Sousa Santos e Adélia Prado	Estádio Nacional Mané Garrincha
2018	4ª BBLL	Os outros somos nós	Gina Vieira Ponte	Centro de Convenções Ulysses Guimarães
2022	5ª BBLL	A transformação acontece aqui	Laura Esquivel e Miriam Alves	Pavilhão do Parque da Cidade
2024	*****	Não há registros de que tenha acontecido		

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados encontrados nos Portfólios do curso e em pesquisas na internet, em jun.2024.

APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**A Arte de Contar Histórias: percursos e percalços de um curso ministrado pelos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da Secretaria de Educação do DF,**”, de responsabilidade de Cristina Aparecida Leite, estudante de doutorado da Universidade de Brasília. O objetivo principal desta pesquisa é investigar em que medida o curso: “A arte de contar histórias” impacta (ou não) o desenvolvimento profissional das professoras e professores de diferentes disciplinas, etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e modalidades (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial). Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de análise documental sobre histórico desta ação de formação, entrevistas abertas e semiestruturadas, rodas de conversas (cuja participação é livre e voluntária); e elaboração de um documentário (cuja participação é livre e voluntária). É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa que se constitua a *memória viva* do referido curso, o qual é oferecido há 25 anos pelos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, além de buscar evidências dos efeitos da referida formação para a constituição docente.

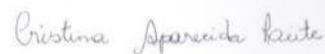
Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 985575058 ou pelo e-mail cristinaleite224@gmail.com

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de tese, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.



Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICE H - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa

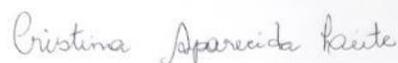
Eu, _____,
autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado: **A arte de contar histórias: percursos e percalços de um curso ministrado pelos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da Secretaria de Educação do DF**, sob responsabilidade de Cristina Aparecida Leite, vinculado/a ao/à Programa de pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas, atividades educacionais (a pesquisa prevê a produção de um documentário, para o qual será elaborada outra ficha de autorização específica).

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.



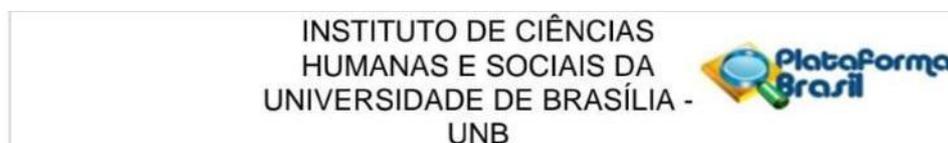
Assinatura do participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO 1 - PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA DA UNB

Figura 98 - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UnB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A arte de contar histórias: percursos e percalços de um curso de formação continuada para docentes da rede pública, oferecido há 25 anos pelos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas da SEEDF

Pesquisador: CRISTINA APARECIDA LEITE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57201422.7.0000.5540

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.493.432

Apresentação do Projeto:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 27 de abril de 2022 emitido pelo CEP/CHS.

Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 27 de abril de 2022 emitido pelo CEP/CHS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 27 de abril de 2022 emitido pelo CEP/CHS.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Inalterado em relação ao Parecer Consubstanciado do dia 27 de abril de 2022 emitido pelo CEP/CHS.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 5.493.432

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão de acordo com a normatização do CEP/CHS.

Recomendações:

Todas as recomendações encaminhadas no Parecer anterior foram atendidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências atendidas conforme solicitação deste parecerista.

Considerações Finais a critério do CEP:

As pendências foram atendidas conforme solicitação de parecerista.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1905026.pdf	25/05/2022 01:56:22		Aceito
Outros	ACEITEINSTITUCIONALCARTADEENCAMINHAMENTO.pdf	25/05/2022 01:55:52	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	ACEITEINSTITUCIONALAUTORIZAÇÃO.pdf	25/05/2022 01:55:03	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	Cartarevisaoetica3.doc	25/03/2022 09:18:31	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	AUTORIZACAODOCUMENTARIO.doc	07/03/2022 19:20:45	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	AUTORIZACAOSOMEIMAGEM.doc	07/03/2022 19:20:20	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	CURRICULOPEQUISADORA.pdf	07/03/2022 19:18:19	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	CURRICULOORIENTADORA.pdf	07/03/2022 19:15:13	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	INSTRUMENTODEcoleta.docx	07/03/2022 19:13:29	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	CARTAENCAMINHAMENTO.doc	07/03/2022 19:12:34	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoatualizado.docx	07/03/2022 19:10:56	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	07/03/2022 19:09:43	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	07/03/2022 19:08:07	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito
Outros	RESPONSABILIDADE.doc	25/02/2022	CRISTINA	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.493.432

Outros	RESPONSABILIDADE.doc	15:04:31	APARECIDA LEITE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO.doc	25/02/2022 15:00:52	CRISTINA APARECIDA LEITE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 27 de Junho de 2022

Assinado por:
MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

ANEXO 2 - PRÊMIO PROFESSORA DOUTORA MANUELA FARIA, NOVEMBRO DE 2023 - 8º BRAIN CONNECTION – CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEUROCIÊNCIAS E APRENDIZAGEM

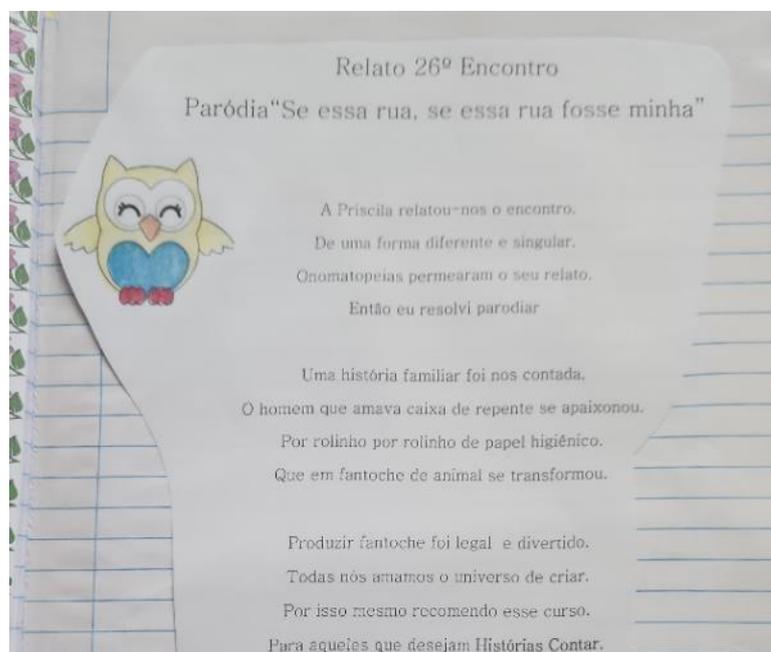
Figura 99 - Prêmio recebido no 8º Brain Connection-2023



Fonte: Acervo pessoal da autora

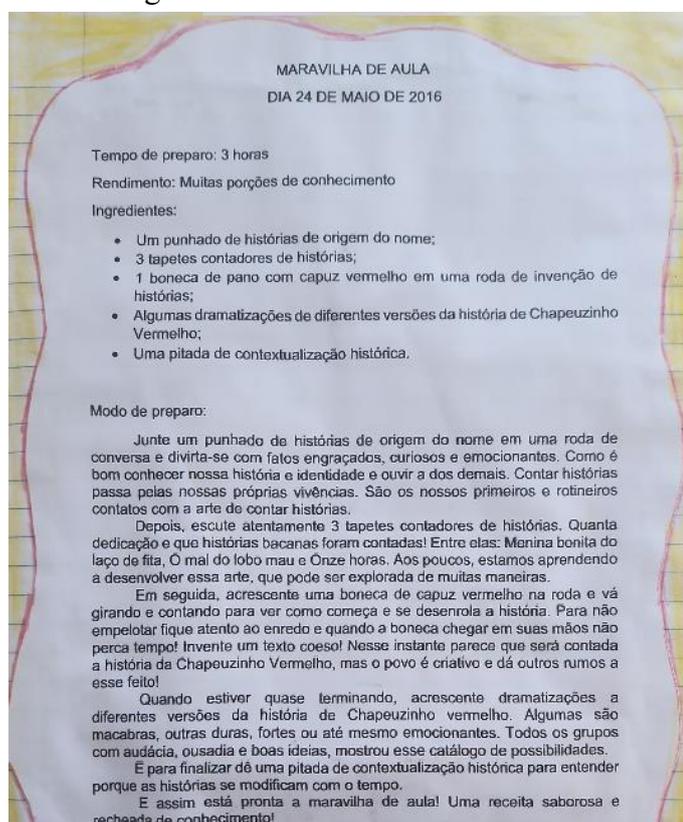
ANEXO 3 - REGISTROS DE ALGUNS ENCONTROS POR MEIO DE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS – DESPERTANDO A CRIATIVIDADE DOCENTE, COM O REGISTRO NO DIÁRIO DE BORDO DA FORMAÇÃO

Figura 100 - Gênero textual - Paródia da Música "Se essa rua fosse minha"



Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2017

Figura 101 - Gênero textual: Receita



Fonte: CVLOP de Santa Maria, 2016

Figura 102 - Gênero textual: Carta

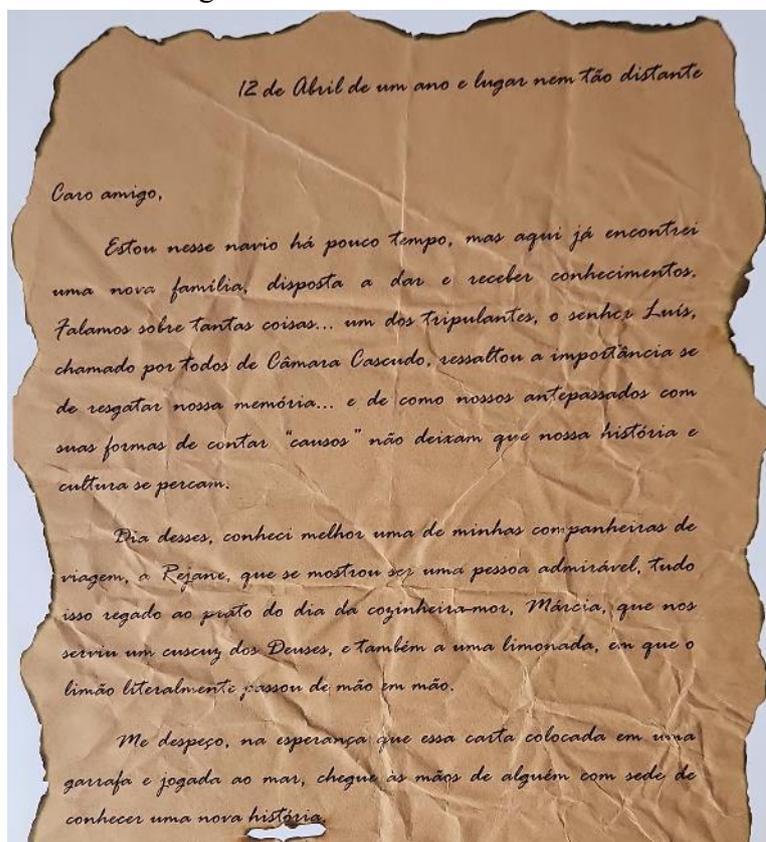


Um suspiro...e entra em ação a linda Telma com o Livro Mirabolante e O Cordel da Contação. Com sensibilidade e criatividade, tocou nosso coração com o relato das nossas memórias afetivas literárias. Emoção e risos invadiram nossa sala e alimentaram nossa alma.

Sem pausas, entrou em cena a alegria irradiante de Geane apresentando-nos seu filho, O projeto de Literatura do CEI 4 - Conto e Reconto. Um orgulho para Geane com direito a integrar o Guia da Plenarinha 2019. Lembrem-se, colegas, também faremos um projeto de literatura no curso.

Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2019

Figura 103 - Gênero textual: Carta



12 de Abril de um ano e lugar nem tão distante

Caro amigo,

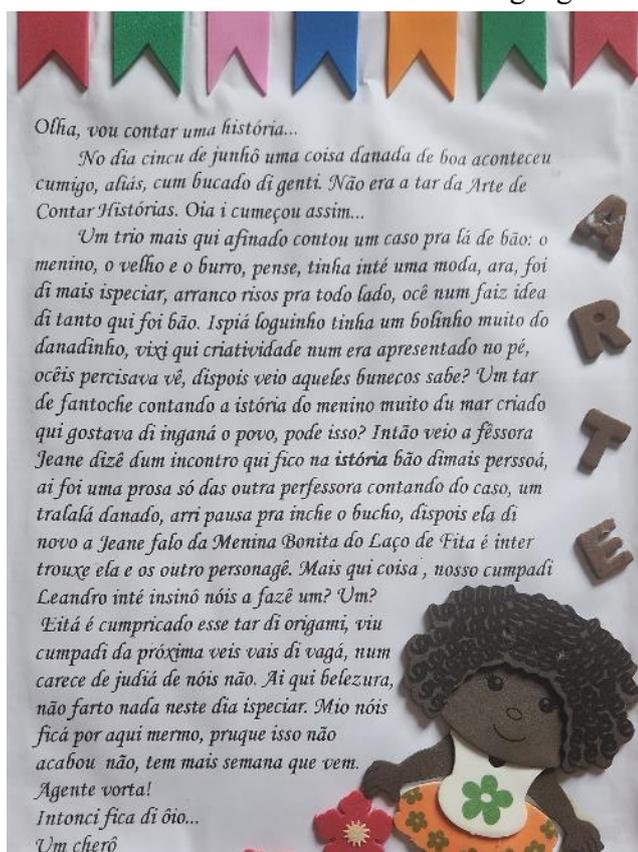
Estou nesse navio há pouco tempo, mas aqui já encontrei uma nova família, disposta a dar e receber conhecimentos. Falamos sobre tantas coisas... um dos tripulantes, o senhor Luís, chamado por todos de Câmara Cascudo, ressaltou a importância de resgatar nossa memória... e de como nossos antepassados com suas formas de contar "causos" não deixam que nossa história e cultura se percam.

Dia desses, conheci melhor uma de minhas companheiras de viagem, a Rejane, que se mostrou ser uma pessoa admirável. Tudo isso regado ao prato do dia da cozinheira-mor, Márcia, que nos serviu um cuscuzy dos Deuses, e também a uma limonada, em que o limão literalmente passou de mão em mão.

Me despeço, na esperança que essa carta colocada em uma garrafa e jogada ao mar, chegue às mãos de alguém com sede de conhecer uma nova história.

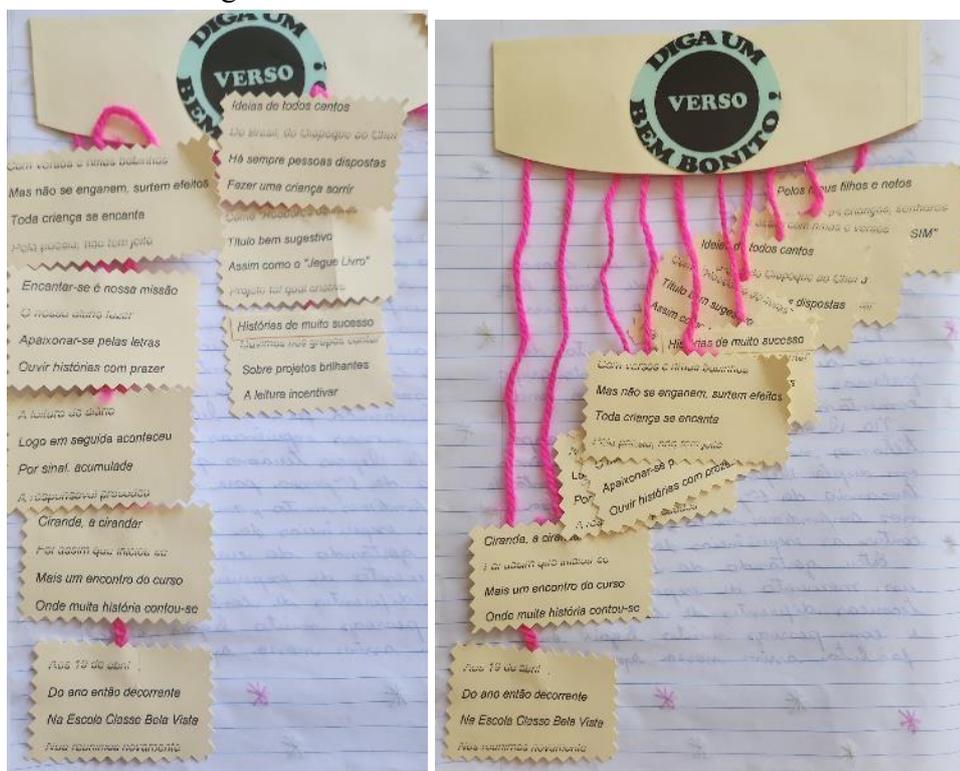
Fonte: CVLOP de Samambaia, 2016

Figura 104 - Gênero textual: Relato com linguagem caipira



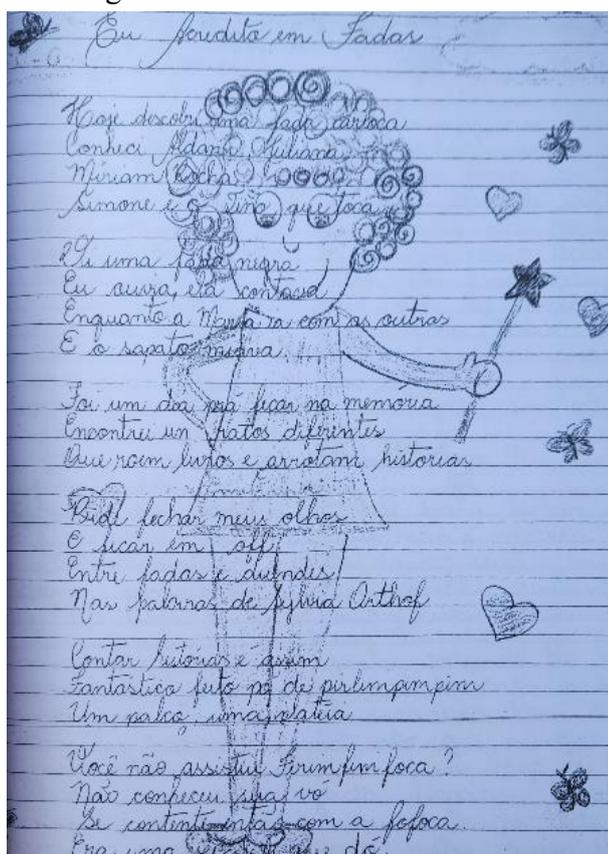
Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2008

Figura 105 - Gênero Textual: Poesia Enlatada



Fonte: CVLOP de São Sebastião, 2016

Figura 106 - Gênero Textual: Poesia



Fonte: CVLOP do Núcleo Bandeirante, 2007

Figura 107 - Gênero Textual: Ata Tradicional

PAUTA	
Curso: A Arte de Contar Histórias	
Data: 17.05.07	
<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento ao cursista / Assinatura de frequência • Din. Inicial – Síntese de expectativas • Exposição do resumo das expectativas • Din. de apresentação pessoal • Apresentação de Projeto do curso, informes gerais. • Lanche. • Confeção da pasta para Portfólio. 	
AGENDA: a pontualidade será indispensável!	

Diário do Contador de Histórias

Primeiro Encontro

17.05.2007

As 8:00 horas do dia 17 de maio de 2007 a sala de atendimentos e os professores que atualmente compõem a equipe da Oficina Pedagógica do PP/C. Elza, Mônica, Ely e Bia, encontravam-se preparados, de portas e braços abertos para a recepção dos 30 cursistas inscritos pelo NCP de nossa DRE, para o preenchimento das 25 vagas do curso A Arte de Contar Histórias.

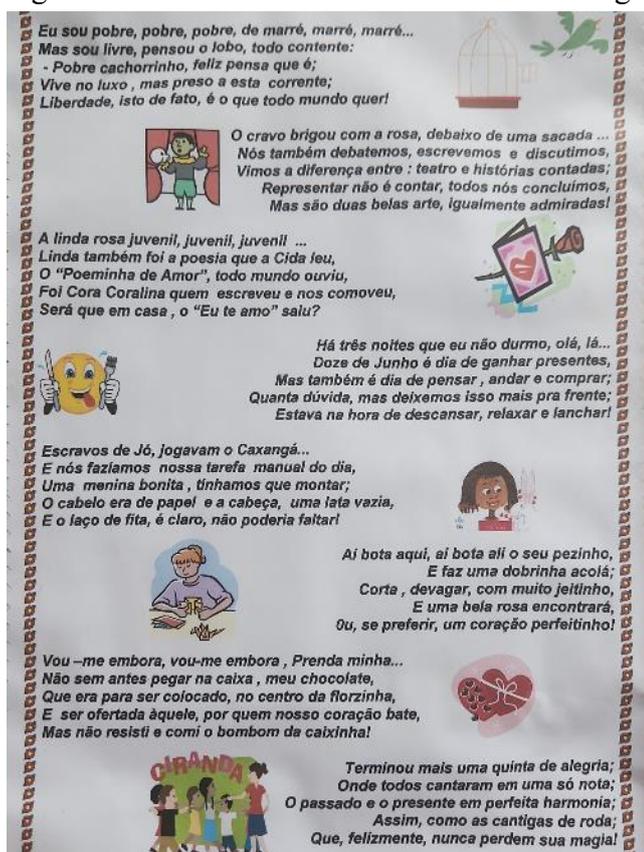
Na sala ambiente, os cursistas davam início à primeira atividade da pauta do dia, que se referia ao levantamento de expectativas dos cursistas. Estas foram escritas em uma faixa de cartolina e apresentadas ao grupão, posteriormente.

Enquanto isso, aqueles que haviam excedido o número de vagas esperavam, no corredor, com grande torcida pelo surgimento de alguma. Porém, foram convidados a participar das atividades do dia mesmo sem a garantia de vaga.

Em seguida nos envolvemos em nossa dinâmica de apresentação pessoal que consistiu na escolha de uma gravura que tivesse algum significado para nós. No momento de nossa apresentação, além do nome e dados objetivos que desejássemos falar, cada uma de nós explicou o motivo da gravura escolhida, a relação com nosso momento, etc. Foi interessante e possibilitou uma apresentação mais subjetiva e simpática. O número grande de participantes e a natureza subjetiva da apresentação justificaram o tempo gasto na atividade.

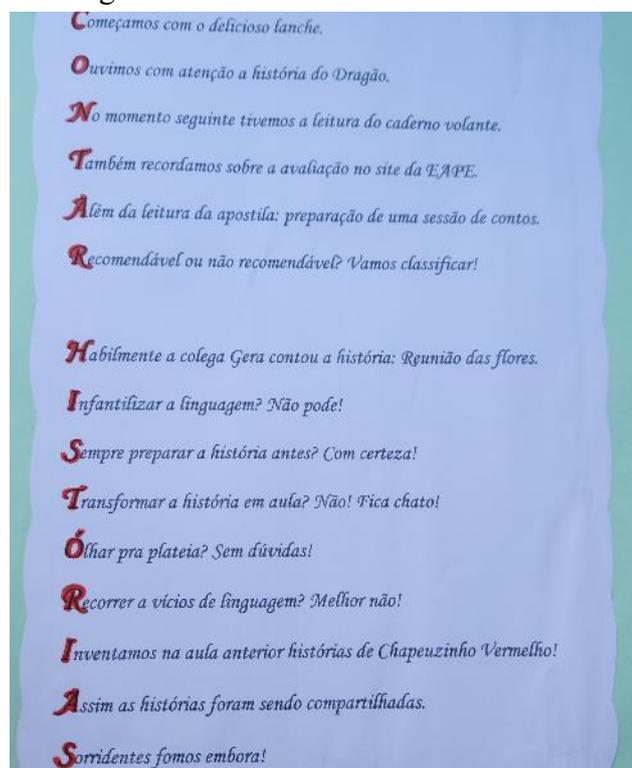
Fonte: CVLOP do Plano Piloto, 2007

Figura 108 - Gênero Textual: Poesia com Cantigas



Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2008

Figura 109 - Gênero Textual: Acróstico



Fonte: CVLOP de Samambaia, 2015

Figura 110 - Gênero Textual: Charada



Fonte: CVLOP de Brazlândia, 2015 – Formação de Formadores

Figura 111 - Gênero Textual: Conto



Fonte: CVLOP de Santa Maria, 2015

Figura 112 - Gênero Textual: Cordel

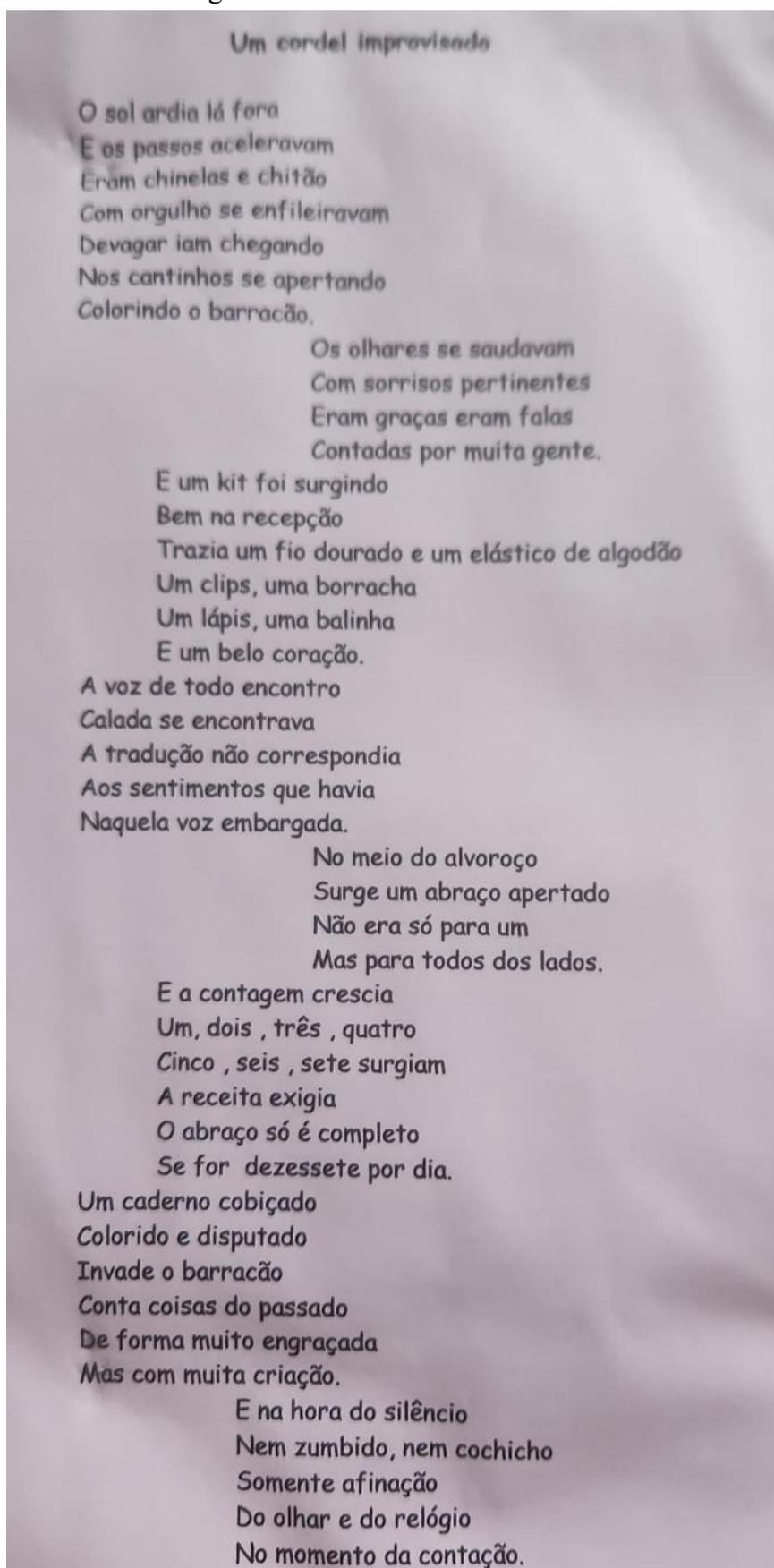


Figura 113 - Gênero Textual: Relato com diálogo hipotético

mas na verdade, ele era ela e queria ficar com o sapato que ela tinha perdido para cair na balada de noite !!!É...Porque naquela noite era noite de lua cheia e você sabe que em noite de lua cheia aparece o

_ O quê?

_Lobo!!... ? É lobos. Só que esse lobo era uma lobo sarado!!! Ele malhava e malhava os porquinhos que morriam de medo dele, porque achavam que ele queriam comê-los.

_Mas tem uma estória que fala disso mesmo...eu já escutei...!

_Ah... é ...!! Tem mas é que nesse lugar o lobo ele era vegetariano!!!!O barato do lobo era derrubar casas com sopro para exercitar os pulmões...Os porquinhos nunca foram perguntar porque o lobo fazia aquilo...perderam uma boa oportunidade de fazer um amigo, um cara bacana, cult, tudo de bom, que era super amigo da Gri, da Nana, que detestavam a Cíndi, que era uma garota que só quer ser a vítima, só ela que sofre, só ela que perde o pai, só ela que limpa a casa e só que ser a gata!!!! Igual a cisne que estava dando em cima do pato, quer dizer cisne!!!! Que só queria ser também...

Olha vou te dar a real, era um pessoal muito, muito engraçado!!!!

Mas... bem, foi uma tarde bem diferente, onde o cansaço de mais uma semana de trabalho deu lugar a risos e gargalhadas, oriundas de momentos ídiantes!

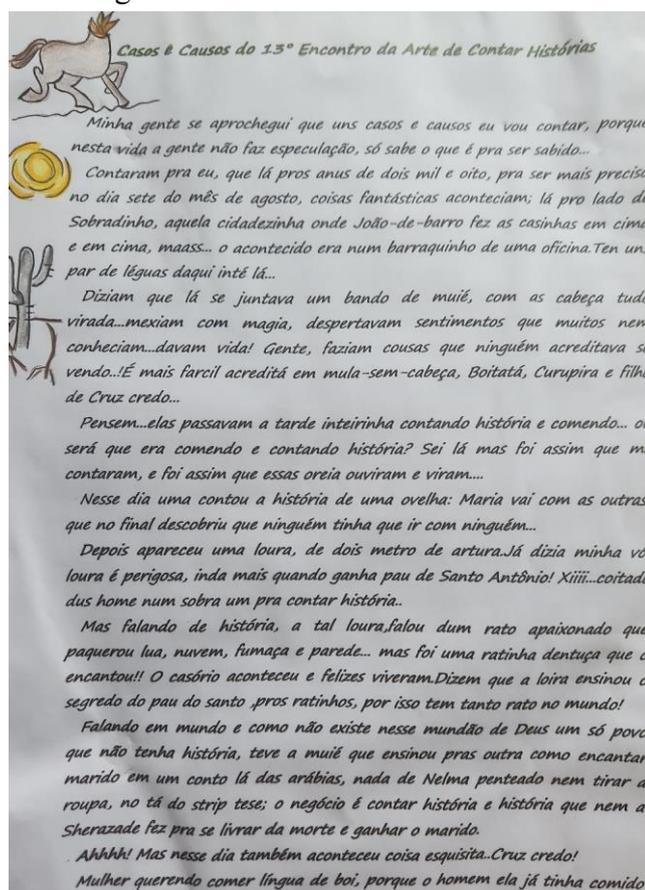
Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2008

Figura 114 - Gênero Textual: História em Quadrinhos



Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2017

Figura 115 - Gênero Textual "Causo"



Fonte: CVLOP de Sobradinho, 2008

Figura 116 - Gênero Textual: Charada

O QUE É, O QUE É..

ACONTECEU NA OFICINA PEDAGÓGICA LOCALIZADA NO CAIC HELENA REIS?

O QUE É, O QUE É..

TEVE LEITURA DO CADERNO VOLANTE E BRINCADEIRA DE RODA?

O QUE É, O QUE É..

CONFECIONAMOS PASTA DE PORTFÓLIO E TOMAMOS CAFÉ?

O QUE É, O QUE É..

DOBRA DE UM LADO, DOBRA DE OUTRO E FAZEMOS FUNDO E TAMPA?

O QUE É, O QUE É..

MUITAS ATIVIDADES E DESAFIOS?

O QUE É, O QUE É..

COMO CONSEGUIR TRANSPORTAR AS TRÊS MERCADORIAS E AINDA CONFECIONAR LINHA DE GATO?

É O NOSSO 3º ENCONTRO, QUE ACONTECEU DIA 19 DE ABRIL DE 2016...

UM ENCONTRO MUITO PRAZEROSO E DIVERTIDO, NO QUAL APROVEITAMOS CADA MINUTO... DESAFIANDO NOSSA MEMÓRIA E RACIOCÍNIO, APRENDENDO E BRINCANDO... VALENDO A PENA CADA MOMENTO!

Fonte: CVLOP de Samambaia, 2016

Figura 117 - Gênero Textual: Diário

18/03/2015 - vespertino

★ Querido Diário,

O negócio aqui não está fácil... Depois que iniciei este curso muitas coisas estranhas tem acontecido. ★

Imagine você que até uma barata veio fazer parte do encontro, só que não, era apenas uma performance da Cristina que brilhantemente nos agraciou com seu talento. Ah, antes disso veio um mágico disfarçado de Bel que fez brincar um livro só com umas folhas de papel.

E teve também uma serpente que apareceu de repente, procurando um pedaço do seu rabo, não é engraçado? Estou realmente preocupada pois desconfio que por aqui todos comeram de uma certa maçã encantada que foi lançada na estrada por alguma bruxa barbeira, que de lobeira, enfeitou ^{várias} todas as histórias do (meu) imaginário infantil. Que confusão! Era um tal de princesa virando dragão, caçador virando lobisomem e ~~ela~~ virando borboleta, ou será o contrário?

Com tudo isso, o final não poderia ser diferente, não menos surpreendente, as sombras tomaram a frente e também contaram suas histórias de lobos, porquinhos, fadas e patinhos. Penso que se não encontrarmos o antídoto urgente, todo este encanto será permanente e aí amigo, será tarde demais, até ^{eu} ^{será} (você) será capaz de mostrar ao mundo o que um contador de histórias faz

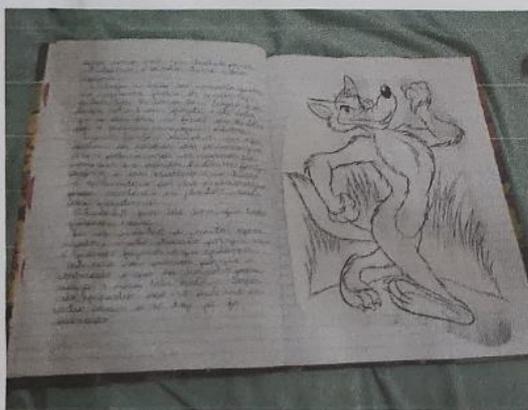
Figura 118 - Gênero Textual: Jornal

JORNAL DA CRE SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião, 7 de junho de 2016.

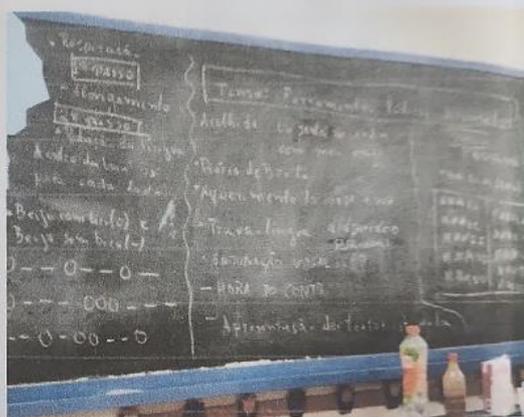
Hoje, foi realizada na Escola Classe Bela Vista, a 9ª aula da 2ª Oficina de Contação de Histórias do CRE São Sebastião. A aula começou com uma dinâmica chamada “Eu sentei no jardim com meu amigo...” onde as participantes deveriam dizer o nome de uma colega e alguma qualidade que começasse com a primeira letra do nome da colega. Assim, todos lembraram os nomes das alunas do curso. Alguns adjetivos utilizados foram inteligente, carismática, linda, maravilhosa. Além de lembrar os nomes das participantes da turma, foi possível perceber o carinho com o qual as colegas percebem umas às outras.

Em seguida foi feita a leitura do diário de bordo pela cursista Márcia Venâncio da Silva que relatou os acontecidos da aula passada. Uma curiosidade relatada foi o quanto a imagem do lobo foi utilizada nas histórias contadas ou criadas pelas cursistas.



A professora, escritora e contadora de histórias Clara Rosa seguiu a aula com a explicação da importância de, todos que

trabalham com a voz, aquecerem o corpo e a voz e desaquecerem após os trabalhos. Começaram essa parte, em roda, com o aquecimento do corpo, onde cada participante presente deveria propor um exercício de alongamento. Em seguida foram feitos exercícios de aquecimento vocal tais como rotação da língua, beijo com e sem bico e leitura de sílabas e palavras.



O momento seguinte foi conduzido pela professora Luana Pimenta que propôs ao grupo a leitura de trava-línguas. Foi um momento de muita risada e superação. Muitas participantes relataram que não conseguiam, mas, com esforço e concentração, aos poucos, todas fizeram a leitura do seu respectivo trava-língua.

Outro exercício proposto foi o de entonação vocal, onde a professora Indiara Santana explicou como seria realizado e começou o mesmo. As participantes deveriam realizar o seguinte diálogo “Receba esse lápis que de Roma ele vem!/Esse lápis tem ponta?/Ponta ele tem.” colocando alguma

Figura 119 - Gênero Textual: Relato com Ligação Telefônica

AVALIAÇÃO DO ENCONTRO DO DIA 15/05/2003

- O TELEFONE TOCA.

TRIIMM



Oi MÔNICA TUDO BOM? COMO VAI SUA OFICINA DE ORIGAMI? DOBRANDO A PROFESSORA? RE, RE, RE? COMO TE PROMETI, DEIXA EU TE CONTAR SOBRE A OFICINA DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS. COMEÇOU ASSIM: OLHOS FECHADOS, MÚSICA DE FUNDO, SILÊNCIO, EXPECTATIVA. O QUE ESSA TURMA DA OFICINA VAI APONTAR AGORA... E SE A BRUXA DO ENCONTRO PASSADO RESOLVE APARECER COM O SEU GRITO ESTRIDENTE A QUEBRAR ESSE SILÊNCIO? NÃO, A INSTRUÇÃO É CLARA: TOCAR O OBJETO À SUA FRENTE MANTENDO OS OLHOS FECHADOS E SENTIR A TEXTURA, ODORES; É QUENTE OU FRIO? (E ERA GELADO!). Lembro QUE LOGO PERCEBI QUE SE TRATAVA DE UMA MASSINHA DE MODELAR, MAS NOS PEDIRAM PARA ADIVINHAR A COR. PURO "CHUTE", EU MESMO NUNCA PENSEI NA COR DE ROSA. E NOVAMENTE A EXPECTATIVA... MASSA DE MODELAR COMO O NOME JÁ DIZ É PARA SER MODELADA E VEIO O MEDO DO DESAFIO... SERÁ QUE VÃO PEDIR PARA FAZER ALGUMA COISA E JÁ COMECEI A IMAGINAR O QUE FARIA. NÃO ERA NADA DISSO, A DINÂMICA CONSISTIA EM NARRAR ESSAS EXPECTATIVAS.

DEPOIS FOMOS CONVIDADOS A FAZER UM BOLINHO COM A MASSINHA E A JEANE CONTOU A HISTÓRIA DO BOLINHO, QUE POR SINAL É ÓTIMA, DEPOIS EU TE CONTO; POIS QUERO TREINAR BEM PARA NÃO ERRAR. NO FINAL NOS DERMAM UMA CAIXINHA PARA GUARDAR O MATERIAL E LOGO DEPOIS FOI PASSADA UMA LISTA COM AS DATAS QUE CADA DUPLA GOSTARIA DE APRESENTAR UMA HISTÓRIA E ADIVINHA

ANEXO 4 - IMPORTANTES DOCUMENTOS QUE ATESTAM A DATA DE INÍCIO DO FUNCIONAMENTO DE ALGUNS CVLOP

- Oficina Pedagógica do Núcleo Bandeirante/ Guará – presentes, unificadas, na Orientação Pedagógica nº 8 de 1989

11

sino-aprendizagem, através da análise de relatórios periódicos enviados pelas Diretorias Regionais de Ensino, garantindo, assim, a produção de materiais de ensino-aprendizagem de conformidade com as necessidades do Sistema e atendendo aos princípios pelos quais foram criadas as Oficinas Pedagógicas.

Localização

Cada Diretoria Regional de Ensino conta, atualmente, com uma Oficina Pedagógica, estando situadas nos seguintes endereços:

- Diretoria Regional de Ensino de Brasília:
 - . Centro Educacional 02 - Praça do Laço
- Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia:
 - . Centro de Ensino 10 - EQNN 23/25
- Diretoria Regional de Ensino do Gama:
 - . Centro Educacional 02 - Área Especial Lote 27/36 - Setor Oeste
- Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante/Guará:
 - . Centro Educacional 03 - EQE 28/30-Guará II.

12

- Diretoria Regional de Ensino de Planaltina:

- . Centro Interescolar 01 - Setor Educacional - lote C/D.

- Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro:

- . Centro Educacional CAN - Av. L2 Norte Quadra 610.

- Diretoria Regional de Ensino de Sobradinho:

- . Centro Educacional 01 - Quadra 04 - Área Especial.

- Diretoria Regional de Ensino de Taguatinga:

- . Centro de Ensino 11 - QND 05, Área Especial, Praça do Bicalho.

• Conselho das Oficinas Pedagógicas

• Caracterização

O Conselho das Oficinas Pedagógicas é o responsável maior pela orientação do trabalho desenvolvido pelas Oficinas Pedagógicas. Busca a interação das diversas atividades das Oficinas Pedagógicas, promovendo unidade de ação e respeitando as peculiaridades locais.

Fonte: Núcleo dos CVLOP

Guará/N. Bandeirante
Guará | 1989

HISTÓRICO

A Oficina Pedagógica da Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante e Guará faz parte do Projeto Oficina Pedagógica, integrante do Plano de Ação da FEDF.

Como as demais oficinas, tem como objetivo apoiar técnica e pedagogicamente o professor na pesquisa, seleção, confecção, produção, avaliação e utilização de material ensino-aprendizagem.

Foi implantada provisoriamente no início do ano letivo de 1989, no Centro Educacional 03 do Guará, localizado à EQ 17/19, Guará II, na sala de Práticas Industriais, no período em que a mesma não esteja sendo utilizada pelas turmas de 7ª e 8ª séries do 1º grau. A sala de PI está à disposição do Projeto de Oficina Pedagógica nos seguintes horários:

- 2ª a 6ª feira - de 8h às 12h
- 2ª feira - de 14h30 às 18h
- 5ª feira - de 14h às 18h

A direção colocou também à disposição, uma sala para coordenação.

A oficina vem desenvolvendo o trabalho com muitas dificuldades, resultado da falta de recursos materiais. Apesar de tais dificuldades, conseguiu-se, com o apoio do comércio local, algum material para a confecção de vários jogos pedagógicos que servirão de modelo para os professores.

A direção da Unidade de Ensino providenciou as ferramentas que estavam faltando.

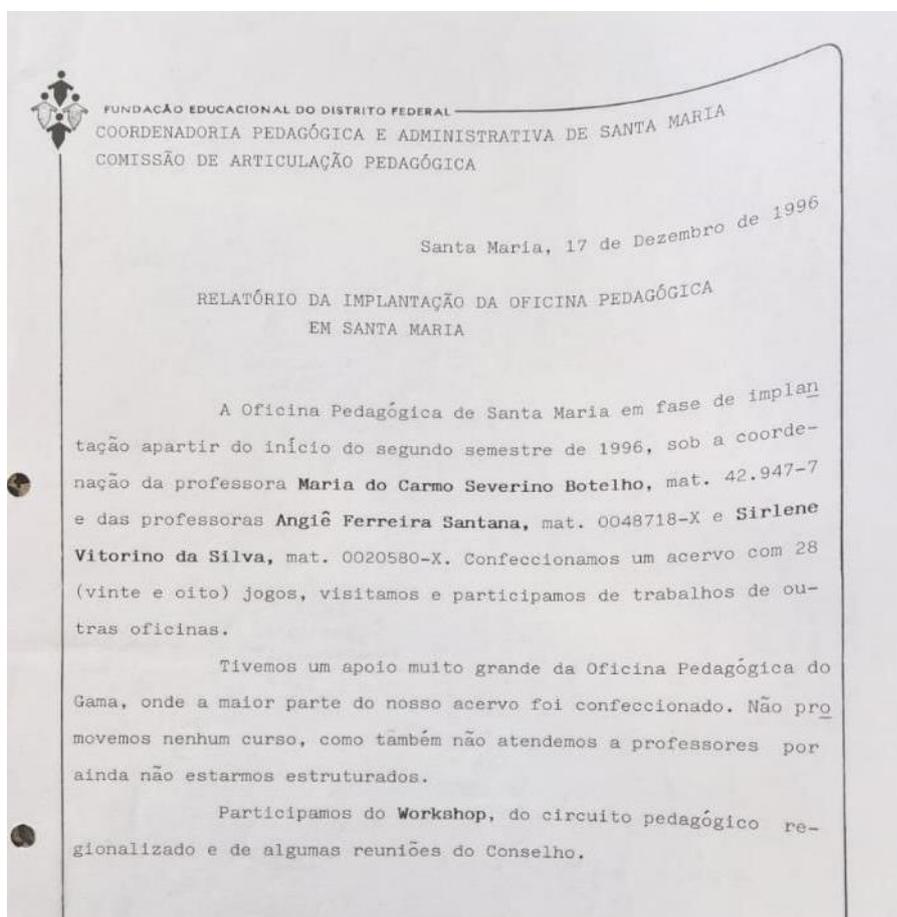
Foi feito o reparo de algumas peças estragadas e outras foram substituídas.

Quanto aos recursos humanos, a equipe está composta de 4 professores:

- Um orientador de MEA - 40 horas
- Um programador visual - 40 horas
- Um técnico de oficina - 40 horas
- Um serígrafo - 20 horas

A parte de serigrafia ainda não está funcionando por falta de recursos materiais, mas já encaminhou-se à FEDF uma relação para que a mesma tome providências no sentido de prover o material solicitado. A mesa de serigrafia está sendo restaurada com recursos financeiros da própria equipe e já tem um curso previsto para a semana de 6 a 10/11/89.

- Oficina Pedagógica de Santa Maria (1996)



Fonte: Núcleo dos CVLOP

- Oficina Pedagógica de Planaltina (1988)

RELATÓRIO HISTÓRICO DA
OFICINA PEDAGÓGICA PLANALTINA

A Oficina Pedagógica de Planaltina surgiu através do interesse de um pequeno grupo de professores que em 1987 frequentaram a Oficina Pedagógica de Taguatinga e viram a necessidade de implementar uma Oficina Pedagógica em Planaltina.

Tomando como iniciativa a organização de uma mini exposição dos materiais confeccionados na Oficina Pedagógica de Taguatinga pelos professores de Planaltina :

Eunice
Maria Mendes (Mia)
Sandra Salomão
Marise

A mesma foi feita com o intuito de sensibilizar a Direção do Complexo; tendo em vista que no Centro Interescolar de Planaltina (CIE) existia no momento uma Sala de PI desativada, servindo de depósito para o Estabelecimento de Ensino e comando de reparos, pois o professor da área ministrava suas aulas práticas na sala de aula comum.

O objetivo de sensibilizar foi atingido, porém sem um planejamento pré estabelecido para ativar a oficina Pedagógica surgindo assim a necessidade de fazer uma proposta organizacional através do mutirão de alternativas pedagógicas, sendo o mesmo coordenado pela professora Norma Lúcia de Promoções Culturais.

O mesmo ocorreu no final do ano letivo de 1987 acontecendo no espaço da sala citada de PI do CIE, confecção de material alternativo e exposição de material pedagógico.

Em fevereiro de 1988, o Diretor do Complexo profº Mário de Castro requisitou a professora Sandra Salomão (pré - escolar - Esc. CL.08) para assumir a Coordenação da oficina Pedagógica, com isto se fez necessário a ocupação da sala de PI a título de empréstimo junto ao Diretor Laurivilson.

Foi elaborado o projeto da oficina Pedagógica de Planaltina, baseado no projeto de Taquatinga, pelas professoras Eunice (coord. Pré - escolar) e Norma Lúcia (promoções- culturais) conforme cópia em anexo.

Durante o ano letivo de 1988 a oficina Pedagógica funcionou precariamente devido a falta de recursos humanos, pois o mesmo só era composto pela professora Sandra Salomão com o auxílio da professora Eunice, que faziam deste a limpeza do espaço à orientação e confecção do material didático. Recebendo apoio do professor Almon Botelho de Alvarenga da oficina de Sobradinho para a manutenção das máquinas.

A oficina atendia inicialmente à professores do CEA: devido aos professores do Pré que trabalhavam na Escola de demonstração.

Finalizamos o ano de 1988 com uma exposição dos materiais confeccionados na própria Oficina.

A oficina pedagógica através de sua coordenadora Sandra Salomão. Mantinha contatos com todos os trabalhos desenvolvidos pelos oficinairos, inclusive participando da exposição na Escola Normal.

Em 1989, com a mudança da Diretoria da Regional, o Diretor Afrânio e a coordenadora do MAP/DF, Rosenerly deram total apoio a professora Sandra Salomão para a escolha do pessoal da oficina, portanto já no final de março integraram a equipe da Oficina Pedagógica as professoras Norma Lúcia Ferreira e Marina de Siqueira Ferroira.

A equipe tem participação de cursos e reuniões destinados aos oficinairos.

Devido ao trabalho de divulgação junto aos coordenadores de área está crescendo a procura da Oficina Pedagógica que atende o professor do Pré - Escolar a 8ª série.

Até o momento estamos com carência do professor de PI, portanto fazemos as funções do mesmo.

Planaltina, 15 de setembro de 1989.

Atenciosamente,

- Oficina Pedagógica do Plano Piloto

Oficina Pedagógica
Plano Piloto - CAN

- 1 - Espaço físico - Oficina de PI do CAN - L2 Norte
- 2 - Modulação - completa (4 ^{coordenadores} elementos)
- 3 - Clientela - Atendimento a 142 U.E e coordenação pedagógica.
- 4 - Intercâmbio - NUTel - EAP - Oficinas Pedagógicas-MEC
- 5 - Recursos materiais - Das escolas e dos professores
Equipamento completo precisando de alguns reparos.
- 6 - Descaracterização das oficinas - Atendimento ~~total~~ voltado para a parte pedagógica. ~~fora da~~ atendimento fora da área pedagógica, somente quando há possibilidade).

Histórico:
A of. Ped. foi criada pelo SAP - Complexo B de BSB durante a chefia da profª Vitória - em maio de 88. Funcionou sempre no CAN e por ocasião da criação da DRE/PPC, passou a atender a Asa Sul e Cruzeiro.

Fonte: Núcleo dos CVLOP

ANEXO 5 - O PROJETO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS TINHA DATA DE INÍCIO E DE FIM (2/1/1990 A 31/12/1990)

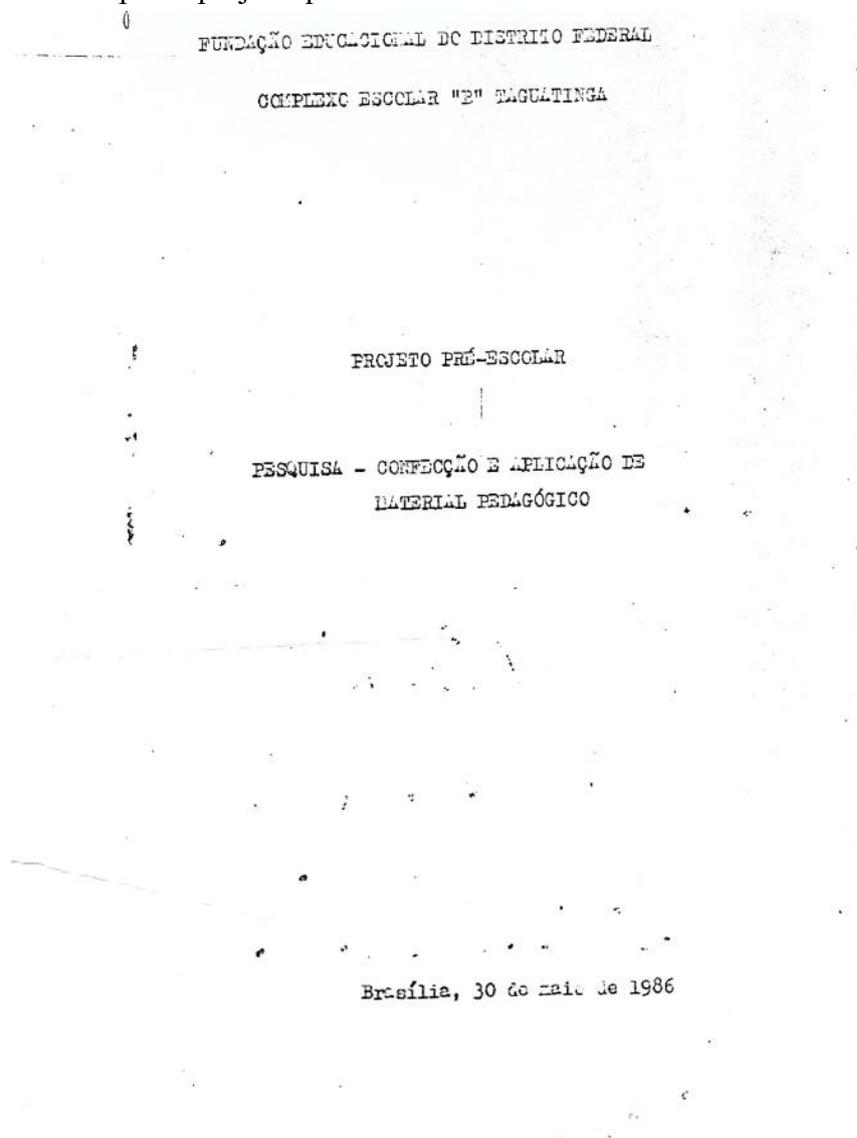
Figura 120 - Projeto da Oficina Pedagógica do CAN, com início em 2/1/1990 e término em 31/12/1990

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL		DIRETORIA EXECUTIVA - D. D. E.	CÓDIGO	FOLHA
D. D. E. - P. T. 392,1		CÓDIGO GERAIS	101	01/01
EXERCÍCIO 1990	PROGRAMA REVITALIZAÇÃO DO CONTEÚDO E DA FORMA DO ENSINO			
TÍTULO DO PROJETO/ATIVIDADE OFICINA PEDAGÓGICA - CAN			CÓDIGO	
			3.20	
PERÍODO PREVISTO		INÍCIO		FIM
02/01/90		31/12/90		NOVO
<input checked="" type="checkbox"/> EXISTENTE				
JUSTIFICATIVA				
<p>No procedimento do processo ensino-aprendizagem em qualquer grau ou modalidade é imprescindível, no mundo atual, o emprego de recursos tecnológicos que favoreçam a otimização dos resultados educacionais.</p> <p>Dentro desse pensamento a FEMF como um todo, tem provido as escolas de algum material tecnológico mais avançado tais como: retro-projetor, projetor de filmes e slides, vídeo-cassete etc., muito dos quais já se encontram encostados por falta de manutenção.</p> <p>Nesse contexto surgiu a realidade das Oficinas Pedagógicas, que buscam oferecer alternativas que conduzam o corpo docente a atingir objetivos maiores da educação. Com este projeto pretende-se apoiar o desenvolvimento das propostas curriculares nas 103 escolas pertencentes à DRE/PPC, propiciando efetiva condição à busca de melhoria na qualidade do ensino.</p>				
OBJETIVOS				
<p>GERAL - Contribuir para a revitalização do processo educativo com a adoção de recursos tecnológicos alternativos subsidiando o desenvolvimento das "propostas curriculares".</p> <p>ESPECÍFICO - Dinamizar a programação, pesquisa, produção, utilização e avaliação de NRAs no desenvolvimento da proposta curricular.</p>				

Fonte: Núcleo dos CVLOP

ANEXO 6 - CAPA DO PROJETO QUE DEU INÍCIO AO TRABALHO DOS CVLOP

Figura 121 - Capa do projeto que deu início ao trabalho das Oficinas Pedagógicas



Obs: O projeto está sendo desenvolvido na oficina de Práticas Industriais
do Centro de Ensino de 1º Grau 09-Tag.

Fonte: Núcleo dos CVLOP

ANEXO 7 – ALGUMAS IMPRESSÕES DAS COLABORADORAS E COLABORADORES SOBRE O DOCUMENTÁRIO E SOBRE O LIVRO

QUADRO 38 - Impressões das colaboradoras sobre o documentário projetado na 1ª pré-estreia, 31/5/2023, auditório da Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante

<p>Acabei de ver novamente, com calma e atenção necessárias para apreciar cada detalhe! As falas, os gestos, as emoções... tudo cheio de alma! Parabéns mais uma vez, e gratidão!!! 🙏 Que linda história, Cris! Como ficou clara, leve, agradável, verdadeira!!! Está emocionante!!</p>	<p>Cris...gratidão por essa dedicação, cuidado e profissionalismo para com as oficinas. Sem palavras para descrever este presente que foi hj. Rever e conhecer tantas preciosidades. Patrimoniar está História...só você mesmo com sua organização e amor ao trabalho das oficinas para fazer. Obrigada, amiga. ❤️</p>
<p>Acabei de assistir o vídeo, confesso que fiquei emocionada. Parabéns, seu trabalho é belíssimo! Deus te abençoe! Te desejo sucesso!</p>	<p>Cris!! Ficou lindo o vídeo!! Você é totalmente demais!!! Parabéns pela garra!! Eu te admiro muito!! ❤️🌹🙏😌</p>
<p>Boa noite com gratidão eterna! Agradeço a cada sorriso, cada palavra, cada olhar, cada abraço. Cheguei para integrar este espaço maravilhoso há duas semanas. Cheguei despedaçada, com a alma em dor. E, hoje, me emocionei várias vezes, na história contada de forma tão forte. Gratidão Cris. Gratidão Núcleo Bandeirante. Foi tudo lindo. Puxa amiga! Que trabalho lindo! Estou muito agradecida a você por não deixar está história se perder e registrar tudo com essa sensibilidade e leveza! Lindo, lindo! Parabéns! Estou muito agradecida! Beijos mil! E sucesso! Sempre! Um grande abraço! 💙💙💙</p>	<p>Como um bebezinho dentro das oficinas, me senti emocionada, honrada e grata por conhecer esse grupo de pessoas lindas, comprometidas, lutadoras, especiais e maravilhosas que construíram a história das oficinas. É uma responsabilidade e uma benção, levar adiante o legado de vocês! Me sinto feliz por fazer parte das OPs e estar entre os meus! O dia de hoje ficará para sempre em meu coração! 🙏❤️</p>
<p>Você só prova o quanto é equilibrada e superior. Com tanta rasteira, se manteve de pé e ainda alçando tantos voos, levando todos os oficinairos ao infinito e além! Você é gigante, Cristina! ❤️ Deus te abençoe sempre! 🙏</p>	<p>Oi gente!!! Boa noite!! Assim como tantos outros relatos não poderia deixar de registrar o qnt o encontro de hj foi lindo e emocionante. Vimos a emoção estampada em tantos rostos. E pude rever pessoas tão queridas e importantes nessa história. Muito orgulho tmb de fazer parte desse grupo!!! 🙏</p>
<p>Que momento gente! Tantas pessoas importantes (cada um tem) e tantas histórias, experiências, lutas! Um dia tocante e para ficar na memória por anos... 💙💛🙏 Muito obrigado Cristina, Karla e Simone por esse dia! Gratidão as nossas anfitriãs simone e karlinha.vcs são show na arte de receber. Cris vc brilha até em dias nublados e Amon é um presente de Deus. Que dia incrível...recarreguei as mhas baterias. Depois de muitos dias lutando por saúde tive um dia de muita alegria. Rever as nossas amigas com as quais aprendemos tanto só podia nos trazer felicidade. Voltei pra casa plena com o coração acelerado e um desejo enorme de Quero Bis. Momentos assim são pra serem repetidos. Amo fazer parte desse tão seletto grupo. Gratidão gratidão gratidão 🙏🙏🙏</p>	<p>A palavra do dia é gratidão! 🍀 À Simone e Karla pelo acolhimento impecável! 😊 À Cris por esse trabalho primoroso que transborda o amor pelas oficinas! 😊 À todas que iniciaram esse trabalho incrível e que hoje tive a honra de conhecer um pouquinho, que vieram antes e abriram o caminho para nós! 😊 À cada um e cada uma de vocês, colegas de CVLOP, passarinhos que continuam alçando esse vôo sonhador todos os dias! 🙏 Ao universo por me oportunizar fazer parte disso. ☐ Gratidão! Gratidão! Gratidão! Foi show!!!</p>

QUADRO 39 - Impressões das colaboradoras sobre o documentário projetado na 2ª pré-estreia, 10/8/2023, auditório da EAPE

Encantador. Real	Este registro é um serviço de utilidade pública
Arte. Patrimônio	Maravilhoso. História viva. Honra.
A arte de contar histórias é pé no chão. Barulho de rio. Resistência. Luta. Autoconhecimento. Amplitude. Criatividade. Voo. Imaginação. Cura. Fantasia. Alegria. Patrimônio	O vídeo relaciona dados com histórias. Mostra como tudo o que está sendo contado é real e de fato aconteceu, acontece e faz diferença na educação do DF
Adorei e fiquei orgulhosa de ver registrada a luta da Oficina Pedagógica com seus zilhões de legados deixados na Educação do DF	O vídeo foi inspirador para mim que acabei de chegar e já encontrei o “sagrado” na união de um grupo acolhedor
Envolvente. Tocante. O sagrado sempre dá um jeito de manifestar-se onde há histórias e amor.	História viva! Uma história cheia de vida. Empenho. Sonhos. Alegria. Alegria
Brilhante pesquisa. Embalado por amor, dedicação, profissionalismo	Magia. Memória. Alegria. Abraços. Histórias. Pessoas queridas que fazem parte do nosso livro da vida
A maior sensação vendo o vídeo foi a de honra a todos e todas que vieram antes. Estou chegando nesse mundo das Oficinas e é lindo conhecer essa história. Gratidão. Vida longa aos CVLOP	Achei muito rico e necessário para manter viva a história das Oficinas e divulgar esse belíssimo trabalho que faz tanta diferença para a educação.
Que alegria ter a nossa história registrada. Tomara alguém agora saber que existimos e assim o nosso trabalho seja valorizado. É minha grande esperança. Você tem meu total apoio.	Tão importante ter nossa história registrada de forma tão séria, respeitosa e transparente. Me sinto feliz e segura com tudo o que vi. Que bom que alguém está tendo o olhar sensível para registrar esta experiência tão importante no DF!
Registro de suma importância para a educação do DF e para A Arte de contar histórias. Que possamos ser reconhecidos no mundo e reconhecidos pela própria Secretaria de Educação. Só agradeço por alguém estar fazendo este trabalho.	O vídeo faz jus ao trabalho desenvolvido pelas Oficinas. Lindo. Sensível. Verdadeiro. Ressalta a importância da troca afetiva de conhecimento mediado pela ludicidade. A contação de histórias é o portal mágico que nos permite explorar a riqueza do que é humano em nós e a gente transborda. Gratidão.
Elogios à montagem e sonoplastia. O filme retrata bem a história do curso com os testemunhos. Emoção. Luta. Encantamento.	Encantamento. Respeito ao coletivo. Respeito à luta das Oficinas. Sentimento de pertença. Admiração pela trajetória da Cris. Feliz por ela.
Vídeo muito lindo. Uma história coletiva feita com muito amor, estudo, trabalho, mas acima de tudo com prazer.	Reviver momentos lindo e memoráveis. Ludicidade. Encontro consigo mesmo. É convivendo em meio às diversidades que nos encontramos e encontramos o outro sempre. Gratidão.
Ameia as falas mas acho que pode ter mais imagens mostrando as Oficinas, as aulas acontecendo.	Registro de importância da EAPE. Conhecimento. Transformação.
Valorização do nosso trabalho. base história. Feliz em fazer parte desta história	Resgate da história de vida na arte da contação de história
Comovente. Importante. Revivi memórias. Ouvir nossa história	Lembrou das nossas raízes. Transformar não é fácil.
Emoção e orgulho por fazer parte de algo tão grandioso e transformador de vidas.	Emocionante. Um registro de valor inestimável. Obrigada
Penso que pode ter a fala da importância na vida das pessoas como algo “terapêutico”. O quanto mudou vidas.	Gratidão pelo encantamento de sempre. Foi fantástico. Brilhante. Emocionante. Incrível. Transformação.

Fonte: elaborado pela autora, em set. 2023, a partir das respostas da avaliação física e, também, feita pelo *Google Forms*.

QUADRO 40 - Impressões das colaboradoras sobre o livro, cujo Sarau de Lançamento aconteceu em 13/8/2025, no Complexo Cultural Samambaia

<p>Cris, que dia bonito vc preparou! ❤️❤️❤️ Muito capricho, muito carinho, tanto amor por nós e pelo nosso trabalho. O livro é lindo demais. Meu filho ficou aqui emocionado porque faz parte dessa história! Ele se sente assim! 😊😊 Vc merece todo o reconhecimento e respeito pela sua rica produção acadêmica! Descanse um pouco...dia 12 tem mais! Beijo! 😊😊🍌🍌🍌🍌</p>	<p>Parabéns, Cristina Leite pela bela tarde de hoje, tudo bem organizado e, visto a olhos nus, quão grande carinho em cada detalhe. Felicidades, Sucesso e muitas belas histórias ainda a serem contadas pela vida afora. Muito Grato por tudo, querida! 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌</p>
<p>Parabéns, Cris! Foi tudo lindo e maravilhoso! É sempre bom e emocionante estar ao lado daqueles que vieram antes e deram início a esse lindo projeto das oficinas! Parabéns e gratidão por contar essa história de forma tão bonita!!! ❤️🍌❤️😊</p>	<p>Espero que hoje você de fato esteja saboreando minuciosamente todas as suas conquistas! Seus mimos 😊 Saiba que me senti muito homenageada por todo seu trabalho! Lindas memórias que se tornaram um memorial!</p>
<p>Que dia foi ontem! Mais um dia para ficar na história! Reafirmo que seria difícil encontrar alguém que escrevesse a nossa história com tanta maestria e seriedade. Sem contar que só você, Cris, que tem o poder de síntese, chegaria neste resultado tão afetivo e acadêmico. Para provar que somos de brincadeira, mas fazemos com intenção e muita seriedade. Gratidão pela inteireza e riqueza de detalhes. Pensou em tudo e todos. Você merece todo o reconhecimento. Me emociono em cada página do livro. Em cada detalhe nesta colcha tão surrada, mas quentinha no peito. Beijocas mil, amiga. Minha reverência a este trabalho! Te amo e admiro! ❤️❤️❤️</p>	<p>Cris querida, hoje tive uma surpresa linda, quando abri o portão da minha casa. Recebi um abraço em forma de livro. Que presente lindo! Muita gratidão por tudo que vc representa, estruturando e redigindo esse material, vc é uma pessoa especial e muito abençoada. Estou emocionada até agora, folheando as páginas coloridas e divertidas desse livro.</p>
<p>É preciso muita coragem, força, criatividade e arte para se debruçar sobre a história das Oficinas Pedagógicas e contá-la com tanto amor e respeito. Eu diria que, para enfrentar esse trabalho hercúleo, é necessário até uma dose de loucura — mas, para ser honesta, o correto é dizer: PAIXÃO!</p> <p>Não existe pessoa melhor neste mundo do que você para realizar essa pesquisa séria e escrever este livro. A imersão na arte constitui a identidade das Oficinas Pedagógicas. É dela que brota tudo o que torna nosso trabalho tão humanista, orgânico e lúdico, cheio de prazer e amor! Essa alegria, essa gostosura de fazer uma roda, de sujar as mãos de tinta, cola e barro, de catar folhas no jardim, de dobrar, cortar e colar papel, de cantar, dançar, falar, ouvir e contar histórias... A magia de “voltar a ser criança” e brincar! Rir, sorrir, gargalhar! E, depois, criar a intimidade para contar as tristezas e chorar também. Fazer caixas, bonecos, baús, lembrar das avós, dos mestres populares e, nos lanches, comer juntos. Criar vínculos!</p> <p>Repensar juntos todo o nosso trabalho pedagógico. Resgatar o orgulho, o valor e a alegria da profissão que escolhemos um dia.</p> <p>E, para todo esse trabalho tão permeado pela arte, você escolheu o artista mais sensível para nos presentear: Amon! Não haveria pessoa melhor para realizar esse trabalho. Você, que conheceu as Oficinas desde criança, que ia para acompanhar sua mãe e podia sentir o astral e a atmosfera transformadora e curativa que a arte promove na Oficina... Talvez isso até tenha influenciado sua escolha profissional (isso eu não sei!). Mas ter você como Diretor de Arte dessa obra foi um grande presente para todos nós.</p> <p>Seu trabalho foi fundamental: dialogando com o texto escrito, complementando-o, enriquecendo-o e dando-lhe ainda mais robustez, com um texto não verbal que trouxe consistência à obra e fez toda a diferença no resultado final.</p> <p>A vocês, toda a minha gratidão! Desejo que toda a luz que trouxeram às Oficinas Pedagógicas retorne, iluminando o caminho e o caminhar de vocês, sempre, por onde passarem.</p> <p>Amo vocês muito, muito, muuuuuuito!</p>	

Fonte: elaborado pela autora, em ago.2025, a partir de mensagens recebidas pelo *WhatsApp*.